



JOHN GRISHAM

O homem que fazia chover

Rocco

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



JOHN
GRISHAM

O homem que fazia chover

Rocco

JOHN
GRISHAM

O HOMEM QUE
FAZIA CHOVER

Tradução de
AULYDE SOARES RODRIGUES

Rocco

John Grisham
O homem que fazia chover
Tradução de Aulyde Soares Rodrigues

Titulo original The rainmaker

Copyright © 1995 by John Grisham

Direitos mundiais para a língua portuguesa reservados com exclusividade à

Editora Rocco Ltda. Avenida Presidente Wilson, 231, 8º andar

20030-021 — Rio de Janeiro, RJ

Tel.: (21) 3525-2000 — Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais Carlos Nougé

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

G888h Grisham, John

O homem que fazia chover / John Grisham; tradução de Aulyde Soares

Rodrigues. — Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

Tradução de: The rainmaker

ISBN 85-325-0633-X

I. Ficção norte-americana. I. Rodrigues, Aulyde Soares

II. Título.

96-0050

EDD-813

EDU-820(73)-3

Aos advogados da América

Agradecimentos

Para escrever este livro contei com a assistência constante de WILL DENTON, um advogado proeminente de Gulfport, Mississippi. Durante vinte e cinco anos Will lutou diligentemente pelos direitos dos consumidores e das pessoas mais humildes. Suas vitórias nos tribunais são lendárias, e, quando eu exercia a profissão de advogado nos tribunais, queria ser como Will Denton. Ele me cedeu seus antigos arquivos, respondeu às minhas numerosas perguntas, chegou até a revisar o manuscrito.

JIMMIE HARVEY é um amigo e um ótimo médico em Birmingham, Alabama. Ele me conduziu cuidadosamente pelo impenetrável labirinto dos procedimentos médicos. Devo a ele a precisão de certas partes deste livro e a facilidade de sua leitura.

Muito obrigado.

Minha decisão de ser advogado tornou-se irrevogável quando descobri que meu pai detestava essa profissão. Eu era adolescente desajeitado, embaraçado por minha falta de graça, frustrado com a vida, apavorado com a puberdade, prestes a ser despachado por meu pai para uma escola militar, por insubordinação. Ele era um ex-fuzileiro naval e acreditava que os meninos deviam viver sob o estalo do chicote. Eu aprendi a ser atrevido e a detestar a disciplina e ele adotou a solução mais simples. Mandou-me embora. Só depois de muitos anos eu o perdoei.

Meu pai era também engenheiro industrial e trabalhava .setenta horas por semana para uma companhia que fabricava, entre outras coisas, escadas para pedreiros. Uma vez que por sua própria natureza escadas são objetos perigosos, eram frequentes os processos contra a companhia. E, como encarregado da seção de desenho, meu pai era sempre o escolhido para defender a companhia nos depoimentos e julgamentos. Não posso dizer que o culpo por detestar advogados, mas passei a admirá-los só porque infernizavam a vida dele. Meu pai passava oito horas discutindo com eles e atacava os martínis assim que entrava em casa. Nada de oi. Nada de abraços. Nada de jantar. Apenas uma hora ou duas de contínuas imprecações, enquanto absorvia quatro martínis e “apagava” na sua antiga cadeira reclinável. Um julgamento durou três semanas, e, quando terminou com um enorme veredicto contra a companhia, minha mãe chamou o médico — meu pai passou um mês no hospital.

Mais tarde a companhia foi à falência, e é claro que toda a culpa foi atribuída aos advogados. Nem uma vez ouvi a sugestão de que talvez um erro na administração pudesse ter sido a causa da derrocada.

A bebida tornou-se sua vida, e ele entrou em depressão. Passou anos sem um emprego fixo, o que me incomodou bastante, porque tive de servir mesas e entregar pizzas para continuar meus estudos. Acho que nos quatro anos da faculdade falei com meu pai duas vezes. No dia em que fui aceito na faculdade de direito, voltei para casa orgulhoso com a grande novidade. Mais tarde minha mãe me disse que ele passou uma semana de cama.

Duas semanas depois da minha visita triunfante, ele estava trocando uma lâmpada no quarto de despejo (juro que isto é verdade), quando a escada desmontou e ele caiu de cabeça. Passou um ano em estado de coma numa clínica, e então alguém

miserericordiosamente desligou a tomada.

Alguns dias depois do enterro, sugeri a possibilidade de um processo contra a companhia, mas minha mãe não concordou. Além disso, suspeito que ele estava meio embriagado quando caiu e sem emprego remunerado, de modo que, de acordo com nosso sistema legal, sua vida tinha pouco valor econômico. Minha mãe recebeu o total de cinquenta mil dólares do seguro de vida e tornou a casar muito mal. Meu padrasto é do tipo simplório, um funcionário dos correios aposentado, de Toledo, e eles passavam a maior parte do tempo dançando quadrilha e viajando num Winnebago. Preferi manter distância. Minha mãe não me ofereceu um centavo do seguro, dizendo que era tudo que tinha para enfrentar o futuro, e, uma vez que eu havia provado que podia viver praticamente com coisa alguma, achei que realmente não precisava. Eu tinha um futuro brilhante pela frente, com muito dinheiro, ela não, foi seu raciocínio. Tenho certeza de que Hank, o novo marido, estava enchendo a cabeça dela com conselhos sobre finanças. Nossos caminhos vão se cruzar algum dia, o meu e o de Hank.

Dentro de um mês, em maio, termino a faculdade de direito, e depois, em julho, faço o exame da Ordem dos Advogados. Não vou me formar com honras, embora esteja classificado em algum lugar na primeira metade da lista. A única coisa inteligente que fiz durante o curso foi programar os cursos mais difíceis para o começo, o que me permite folgar um pouco neste último semestre. Minhas aulas nesta primavera são uma piada — direito esportivo, direito artístico, leituras selecionadas do Código Napoleônico, problemas legais dos idosos.

Por causa desse último tópico estou aqui sentado numa cadeira de equilíbrio precário, na frente de uma mesa de armar, num prédio quente e úmido de metal, repleto de uma grande variedade de seniores, como os alunos do último ano gostam de ser chamados. Uma tabuleta pintada a mão, acima da única porta visível, identifica o local com o título majestoso de Prédio dos Cidadãos Idosos Cypress Gardens. Mas, exceto no nome, não há nenhuma flor e nada verde por perto. As paredes são mal pintadas e vazias, a não ser pela fotografia de Ronald Reagan, num canto, entre duas pequenas bandeiras tristonhas — uma, a bandeira americana, a outra, do estado do Tennessee. O prédio é pequeno e sombrio, evidentemente construído às pressas com os poucos dólares que sobraram de alguma quantia inesperada recebida do governo federal. Rabisco um bloco de notas, com medo de olhar para a multidão sentada desconfortavelmente nas cadeiras dobráveis.

Deve haver uns cinquenta deles, uma mistura igual de brancos e negros, média de idade de setenta e cinco anos, alguns cegos, uns

doze mais ou menos em cadeiras de rodas, muitos com aparelhos auditivos. Sabemos que se reúnem aqui todos os dias, ao meio-dia, para uma refeição quente, algumas canções e a visita ocasional de um candidato político. Depois de umas duas horas de conversa, voltam para casa. Nosso professor disse que esse é o ponto alto do dia deles.

Cometemos o erro doloroso de chegar na hora do almoço. Eles nos fizeram sentar num canto, nós quatro ao lado do nosso líder, o professor Smoot, e nos examinaram atentamente enquanto fingíamos comer a galinha de isopor e as ervilhas geladas. Minha gelatina era amarela, o que foi notado por um linde velho de barba com o nome *Bosco* escrito no crachá sob as palavras “Oi, meu nome é”, no bolso da camisa suja. Bosco resmungou alguma coisa sobre a gelatina, e eu imediatamente a ofereci a ele, mais a minha galinha, mas Miss Birdie Birdsong imediatamente o obrigou a sentar de novo. Miss Birdsong tem mais ou menos oitenta anos, mas é muito ágil para a idade e desempenha o papel de mãe, ditadora e leão de chácara da organização. Ela trata aquela multidão como uma veterana chefe de enfermaria, abraçando e batendo nas costas, brincando com outras pequenas senhoras de cabelos azuis, rindo estridentemente, o tempo todo de olho em Bosco, que parece ser o menino levado do grupo. Ela passou um sermão em Bosco por cobiçar a minha gelatina, mas segundos depois pôs uma taça com aquela massa amarela na frente dos olhos ávidos dele. Bosco comeu a gelatina com os dedos grossos.

Passou-se uma hora. O almoço prosseguiu como se aquelas almas famintas estivessem num banquete de sete pratos, sem nenhuma esperança de outra refeição na vida. Os garfos e as colheres movimentavam-se para a frente e para trás, para cima e para baixo, para dentro e para fora, como se estivessem repletos de metais preciosos. O tempo não tinha a menor importância. Quando se lembravam de alguma coisa, gritavam uns para os outros.

Derrubavam comida no chão até eu não poder mais olhar. Cheguei até a comer minha gelatina. Bosco acompanhou com olhos gulosos cada movimento da minha mão. Miss Birdie flutuava na sala, comentando sobre isto ou aquilo.

O professor Smoot, um intelectual típico, com gravata borboleta torta, cabelo despenteado e suspensórios vermelhos, recostou-se na cadeira com a satisfação de quem terminou uma ótima refeição e observou a cena com ternura. Ele é uma boa alma, com cinquenta e poucos anos, mas com maneirismos muito parecidos com os de Bosco e seus amigos, e há vinte anos ensina matérias que ninguém mais quer ensinar e que poucos estudantes querem aprender. Direito da Criança, Leis dos Deficientes, Seminário sobre Violência

Doméstica, Problemas dos Doentes Mentais e, é claro, Direito dos “Caducos”, como a matéria é chamada longe da sua presença. Certa vez ele organizou um curso que seria chamado de *Direitos do Feto Não-nascido*, mas provocou tanta controvérsia que o professor Smoot tirou umas férias.

No primeiro dia de aula, ele explicou que o objetivo do curso era nos mostrar gente de verdade com problemas legais de verdade. Na sua opinião, todos os estudantes de direito entram na faculdade com certa dose de idealismo e o desejo de servir ao público, mas depois de três anos de competição brutal só se importam com um emprego numa boa firma, onde podem chegar a sócios depois de sete anos e ganhar muito dinheiro. Nesse ponto ele está certo.

Não é matéria obrigatória e começamos com onze alunos. No fim de um mês de aulas extremamente tediosas e exortações constantes para esquecer o dinheiro e trabalhar de graça, ficamos reduzidos a quatro. É um curso sem valor algum, a carga horária é só de duas horas, quase não exige trabalho, e foi isso que me atraiu. Neste momento, eu detesto a faculdade de direito. E tenho certas dúvidas sobre a prática da profissão.

Este é meu primeiro encontro com clientes reais e estou apavorado. Embora os possíveis clientes sejam velhos e doentes, olham para mim como se eu fosse dono de grande sabedoria. Afinal, sou quase um advogado, estou com um terno escuro e tenho este bloco na minha frente, onde desenho quadrados e círculos, e minha testa está inteligentemente franzida; portanto, devo ser capaz de ajudá-los. Ao meu lado, na frente da mesa dobrável, está Booker Kane, um negro que é meu melhor amigo na faculdade e está tão assustado quanto eu. Na nossa frente, em fichas dobradas, estão nossos nomes escritos com pilot negro — Booker Kane e Rudy Baylor. Rudy Baylor sou eu. Ao lado de Booker fica a plataforma onde Miss Birdie está gritando, e no outro lado outra mesa com fichas dobradas iguais às nossas, indicando a presença de F. Franklin Donaldson, IV, um cretino pomposo que há três anos usa iniciais na frente do nome e números atrás. Ao lado dele está um verdadeiro perigo, N. Elizabeth Erickson, uma garota e tanto, que usa ternos risca de giz, gravatas de seda e uma arrogância que não tem tamanho. Muitos de nós suspeitam que ela também use cuecas com reforço.

Smoot está em pé, encostado na parede, atrás de nós. Miss Birdie está dando os avisos, relatórios de hospital e obituários.

Está gritando num microfone com um sistema de som perfeito. Em cada canto da sala está dependurada uma caixa de som e sua voz aguda ricocheteia nas paredes e se espalha em todas as direções. Aparelhos auditivos são retirados ou desligados. Por

enquanto, ninguém está dormindo. Hoje há três obituários, e, quando Miss Birdie termina, vejo algumas lágrimas entre os ouvintes. Meu Deus, por favor, não permita que isso aconteça comigo. Por favor, dê-me cinquenta anos de trabalho e diversão, depois uma morte instantânea durante o sono.

À nossa esquerda, a pianista volta à vida e arruma as partituras na grade de madeira do piano encostado na parede. Miss Birdie considera-se uma espécie de analista política, e, assim que começa a criticar um aumento proposto de imposto sobre vendas, a pianista ataca o teclado. *America the Beautiful*, me parece. Ela martela com imenso prazer barulhento os compassos de abertura, e os velhos pegam seus hinários à espera da primeira estrofe. Miss Birdie não perde o ritmo. Agora ela é a diretora do coro. Levanta os braços, bate palmas para chamar a atenção e começa a agitar as mãos no ar com a primeira nota do primeiro verso. Os que podem levantam-se lentamente.

A gritaria diminui dramaticamente na segunda estrofe. A letra não é tão conhecida, e a maior parte daquelas pobres almas não enxerga nada adiante do nariz; portanto, não adianta olhar para os hinários. Bosco fecha a boca e começa a cantarolar surdamente para o teto.

O piano para de repente quando as folhas da partitura caem do suporte. Fim da cantoria. Todos olham para a pianista, que, bendita seja, está agitando as mãos em volta dos próprios pés, onde estão as partituras.

— Muito obrigada! — grita Miss Birdie ao microfone, quando todos despencam outra vez nos bancos. — Muito obrigada. A música é uma coisa maravilhosa. Vamos agradecer a Deus pela bela música.

— Amém! — ruge Bosco.

— Amém! — diz outra relíquia na última fila, balançando a cabeça afirmativamente.

— Muito obrigada — repete Miss Birdie. Volta-se e sorri para Booker e para mim. Inclinação para a frente, com os cotovelos nos joelhos, nós dois mais uma vez examinamos a multidão. — Agora — diz ela, teatralmente —, para o programa de hoje, temos novamente o prazer da presença do professor Smoot com alguns dos seus mais brilhantes e mais belos alunos. — Agita as mãos enrugadas na nossa direção e sorri, mostrando os dentes cinzentos e amarelos para Smoot, que se aproximou discretamente dela. — Não são bonitos? — pergunta, apontando para nós. — Como vocês sabem — continua ela, ao microfone —, o professor ensina direito na Universidade Estadual de Memphis, onde meu filho mais moço estudou, vocês sabem, mas não chegou a se formar, e todos os anos

o professor Smoot nos visita com alguns dos seus alunos, que ouvem nossos problemas legais e dão conselhos sempre bons e sempre de graça. Devo acrescentar — volta-se e brinda Smoot com outro sorriso vigoroso —, professor Smoot, que, em nome do nosso grupo, outra vez eu digo bem-vindo ao Cypress Gardens. Nós lhe agradecemos seu interesse pelos problemas dos cidadãos idosos. Muito obrigada. Nós o amamos. — Ela se afasta do microfone e começa a bater palmas furiosamente, balançando a cabeça para os seus companheiros, incitando-os a fazer o mesmo, mas ninguém, nem mesmo Bosco, a acompanha.

— Ele é um grande sucesso — murmura Booker.

— Pelo menos é amado — respondo, no mesmo tom. Estão sentados aqui há mais de dez minutos. Acabaram de almoçar e noto algumas pálpebras começando a se fechar. Quando Smoot terminar, estarão roncando.

Ele sobe na plataforma, ajusta o microfone, pigarreia e espera que Miss Birdie sente na primeira fila. Ela resmunga para um cavalheiro pálido ao seu lado: “Vocês deviam ter batido palmas!” Ele não ouve.

— Muito obrigado, Miss Birdie — grasna Smoot. — É sempre agradável visitar o Cypress Gardens. — Seu tom é sincero e não tenho dúvida de que o professor Howard L. Smoot considera realmente um privilégio estar aqui neste momento, no centro desde prédio deprimente, na frente deste pequeno e triste grupo de velhos, com apenas quatro alunos ainda na sua classe. Smoot vive para isso.

Ele nos apresenta. Levanto rapidamente com um sorriso breve, volto a sentar com minha testa inteligentemente franzida. Smoot fala sobre atendimento à saúde, cortes no orçamento, testamentos, isenção de impostos, velhos maltratados e pagamentos de seguros. A assistência está caindo como moscas. Meio de evasão no seguro social, legislação pendente, regulamentos das casas de repouso, planejamento do governo do estado, drogas maravilhosas, ele continua a cantilena exatamente como nas aulas. Eu bocejo, cheio de sono. Bosco olha para o relógio a cada dez segundos.

Finalmente, Smoot chega ao fim, agradece outra vez a Miss Birdie e ao seu grupo, promete voltar ano após ano e senta na ponta da mesa. Miss Birdie bate as mãos exatamente duas vezes; depois desiste. Ninguém mais se move. A metade dos ouvintes está roncando.

Miss Birdie balança os braços para nós e diz ao seu rebanho:

— Aqui estão eles. São bons e são de graça. Lenta e desajeitadamente eles avançam para nós. Bosco é o primeiro da fila, e evidentemente está ressentido com o caso da gelatina, porque olha carrancudo para mim, vai para a outra extremidade da mesa e

senta na frente da ilustre N. Elizabeth Erickson. Algo me diz que ele não é o último cliente em perspectiva a procurar aconselhamento longe de mim. Um negro muito velho escolhe Booker, e, um de frente para o outro, inclinam-se sobre a mesa. Tento não ouvir o que dizem. Alguma coisa sobre a ex-mulher e um divórcio um tanto antigo, que pode ter sido ou não homologado. Booker toma notas como um advogado de verdade e ouve com atenção, como se soubesse exatamente o que deve ser feito.

Pelo menos Booker tem um cliente. Durante cinco minutos, sinto-me como um idiota, ali sentado sozinho, enquanto meus três colegas murmuram, escrevem e ouvem compassivos, balançando a cabeça para os problemas dos homens na frente deles.

Minha solidão não passa despercebida. Finalmente, Miss Birdie Birdsong tira um envelope da bolsa e caminha com passos curtos para o meu lado da mesa.

— Você é exatamente o que eu queria — murmura ela, chegando a cadeira para um canto da mesa. Inclina-se para a frente, eu me inclino para a esquerda e, no momento exato em que nossas cabeças estão quase se tocando, começo minha primeira conferência como conselheiro legal. Booker olha para mim com um sorriso maroto.

Minha primeira conferência. No último verão trabalhei no escritório de uma firma no centro da cidade, com doze advogados que trabalhavam exclusivamente por hora. Nada de honorários extras. Aprendi a arte de faturar por hora, cuja primeira regra consiste em passar grande parte das horas de trabalho em conferência. Conferências com clientes, conferências ao telefone, conferências com advogados das partes contrárias, juízes e sócios, agentes de seguro, empregados de escritório e paralegais, conferências durante o almoço, conferências no tribunal, visita para conferências, conferências para acordos, conferências prejudgamentos, conferências pós-julgamentos. Escolha uma atividade, que os advogados criam uma conferência em torno dela.

Miss Birdie olha para os lados, um sinal para manter minha cabeça e minha voz baixas porque, seja qual for o assunto da conferência, é sério como o diabo. Isso me convém porque não quero que ninguém ouça o conselho insosso e ingênuo que vou dar em resposta ao seu problema.

— Leia isto — diz ela, abrindo o envelope. Aleluia! É um testamento! Última vontade e testamento de Colleen Janice Barrow Birdsong. Smoot nos disse que mais da metade daqueles clientes iam querer uma revisão e talvez atualização dos seus testamentos, e isso é ótimo para mim porque no ano passado tivemos um curso obrigatório chamado Testamentos e Bens de Propriedade e nos

sentimos de certo modo preparados para resolver todos os problemas nessa área. Testamentos são documentos bastante simples e podem ser preparados com perfeição por qualquer advogado inexperiente.

Este é datilografado e parece oficial, e, lendo os dois primeiros parágrafos, fico sabendo que Miss Birdie é viúva, tem dois filhos e uma porção de netos. Levo um susto no terceiro parágrafo e olho para ela enquanto leio. Então leio outra vez.

Ela sorri satisfeita. O documento orienta o inventariante a dar dois milhões de dólares a cada um dos seus filhos, com um milhão em custódia para cada neto. Conto bem devagar oito netos. Isso significa pelo menos doze milhões de dólares.

— Continue a ler — murmura ela, como se pudesse ouvir a calculadora na minha cabeça. O cliente de Booker, o velho negro, está chorando, e isso tem a ver com um romance terminado há muitos anos e filhos que o ignoram. Procuro não ouvir, mas é impossível. Booker escreve furiosamente, tentando ignorar as lágrimas. Na outra extremidade da mesa, Bosco ri alto.

O quinto parágrafo do testamento deixa três milhões de dólares para uma igreja e dois milhões para um colégio. Vem em seguida uma lista de instituições de caridade, começando com a Associação de Diabetes e terminando com o Zoológico de Memphis, e a menor quantia destinada é de cinquenta mil dólares. Continuo com a testa franzida, faço uma soma rápida e chego à conclusão de que Miss Birdie vale pelo menos vinte milhões de dólares.

De repente surgem vários problemas com o testamento. O primeiro e mais importante é o fato de não ser tão grosso quanto devia ser. Miss Birdie é rica, e as pessoas ricas não fazem testamentos finos, de poucas páginas. Fazem testamentos grossos e densos, com custódias e curadores e transferências que saltam gerações e todo o tipo de adendos e fórmulas inventados pelas firmas grandes e caras de advocacia, para valorizar seu trabalho.

— Quem preparou isto? — pergunto. Não tem nada escrito no envelope e não vejo nenhuma indicação de quem redigiu o testamento.

— Meu antigo advogado. Já morreu.

Ainda bem que está morto. Cometeu um erro legal quando redigiu este testamento.

Então, esta mulher pequena e bonitinha, com dentes cinzentos e amarelos e voz bastante melodiosa, vale vinte milhões de dólares. E evidentemente não tem advogado. Olho rapidamente para ela e volto ao testamento. Ela não usa roupas caras, brilhantes, nem ouro, e não gasta tempo nem dinheiro no cabeleireiro. O vestido é de algodão mercerizado e o blazer cor de vinho está muito usado e

pode ter sido comprado na Sears. Foram poucas as senhoras ricas que já vi até hoje, e geralmente são facilmente identificáveis como tais.

O testamento foi feito há quase dois anos.

— Quando seu advogado morreu? — pergunto, o mais docemente possível. Nossas cabeças estão ainda muito juntas e nossos narizes a poucos centímetros um do outro.

— No ano passado. Câncer.

— E não tem advogado agora?

— Acha que se eu tivesse estaria aqui falando com você, Rudy? Não há nada de complicado num testamento; por isso achei que você podia se encarregar dele.

A ganância é uma coisa engraçada. Em junho começo a trabalhar para Brodnax e Speer, uma pequena firma com quinze advogados que representam quase exclusivamente companhias de seguro que estão sendo processadas na justiça. Não é o emprego que eu queria, mas aconteceu que Brodnax e Speer foi a única firma que me ofereceu emprego. Pretendo trabalhar para ela por alguns anos, aprender as coisas básicas e passar para outra, melhor.

Imagine a cara dos advogados da Brodnax e Speer se eu entrar no primeiro dia com uma cliente que vale pelo menos vinte milhões de dólares? vou me transformar imediatamente no “homem que faz chover”, um astro jovem e brilhante com o toque de Midas. Talvez eu até peça um escritório maior.

— É claro que posso — digo sem muita convicção. — Acontece que, como sabe, há muito dinheiro aqui e eu...

— Shhhh — sibila ferozmente e chega mais perto de mim. — Não fale em dinheiro. — Olha para todos os lados como se a sala estivesse cheia de ladrões escondidos. — Eu me recuso a falar sobre isso — insiste.

— Tudo bem. Para mim está ótimo. Mas acho que talvez deva considerar a conveniência de consultar um advogado especialista em impostos.

— Foi o que meu velho advogado disse, mas não quero fazer isso. Para mim, um advogado é um advogado, e um testamento é um testamento.

— Certo, mas pode economizar uma tonelada de dinheiro em impostos se planejar devidamente a distribuição dos seus bens.

Ela balança a cabeça, como se eu fosse um perfeito idiota.

— Não pretendo economizar nem um centavo.

— Bem, desculpe-me, mas acho que talvez possa.

Ela põe a mão com manchas marrons no meu pulso e diz em voz baixa:

— Rudy, deixe-me explicar. Impostos não significam nada para

mim, porque, você compreende, eu estarei morta. Certo?

— Um, certo, eu acho. Mas e os seus herdeiros?

— Por isso estou aqui. Estou zangada com meus herdeiros e quero tirá-los do meu testamento. Meus dois filhos e alguns dos meus netos. Cortar, cortar, cortar. Eles não vão receber nada, compreende? Zero. Nem um centavo, nem a perna de uma cadeira. Nada.

Seus olhos estão frios, e as rugas se enfileiram em volta da boca franzida. Ela aperta meu pulso sem perceber. Por um segundo, Miss Birdie não está apenas zangada, mas também magoada.

Na outra ponta da mesa, Bosco e N. Elizabeth Erickson começam a discutir. Ele fala alto, queixando-se do Medicaid, do Medicare e dos republicanos em geral, e ela aponta para uma folha de papel e procura explicar por que as contas de certo médico não foram cobertas pelos serviços de saúde. Smoot levanta lentamente, vai até os dois e pergunta se pode ajudar.

O cliente de Booker tenta desesperadamente controlar a emoção, mas as lágrimas ainda descem pelo seu rosto, e Booker começa a ficar nervoso. Ele garante ao velho cavalheiro que, sim, ele, Booker Kane, vai verificar e consertar as coisas. O zumbido do ar-condicionado abafa uma parte da conversa. Os pratos e copos foram retirados das mesas e todos estão atentos aos jogos mais variados — damas chinesa, *rook*, bridge e o jogo de Milton Bradley com dados e um tabuleiro. Felizmente, a maior parte está ali para almoçar e socializar, e não para consultar advogados.

— Por que quer excluí-los do testamento? — pergunto.

Ela solta meu pulso e esfrega os olhos.

— Bem, é muito pessoal, e na verdade não quero falar no assunto.

— Muito bem. Quem fica com o dinheiro? — pergunto, e de repente sinto-me embriagado pelo poder a mim confiado para redigir as palavras mágicas que transformarão pessoas comuns em milionários. Meu sorriso é tão caloroso e tão falso, que espero que ela não se ofenda.

— Não tenho certeza — diz ela tristemente e olha em volta como se fosse um jogo. — Não sei ainda para quem vou deixar.

Muito bem, que tal um milhão para mim? Qualquer dia destes a Texaco vai me processar por uma dívida de cem dólares. Interrompemos as negociações, e já tive notícias do advogado deles. O meu senhorio está me ameaçando de despejo porque há dois meses não pago o aluguel. E estou aqui sentado conversando com a pessoa mais rica que já conheci, uma pessoa que provavelmente não vai viver muito tempo e está tentando resolver agradavelmente quem vai receber o dinheiro e quanto.

Ela me entrega um papel com quatro nomes numa coluna estreita e diz:

— Estes são os netos que quero proteger, os que ainda me amam. — com a mão em concha ao lado da boca, diz ao meu ouvido: — Dê um milhão de dólares a cada um.

Anoto no meu bloco com mão trêmula. Pronto! Simples . Acabo de criar quatro milionários.

— E o resto? — pergunto em voz muito baixa.

Ela recua com um gesto brusco, empertiga o corpo e diz:

— Nem um centavo. Eles não me telefonam, nunca me inundam um presente nem um cartão-postal. Corte todos.

Se minha avó valesse vinte milhões, eu mandaria flores todas as semanas, cartões-postais todos os dias, chocolates sempre que estivesse chovendo e champanhe quando fizesse sol. Telefonaria para ela uma vez na parte da manhã e duas vezes antes de ir para a cama. Eu a levaria à igreja todos os domingos sentaria ao seu lado, de mãos dadas; depois do almoço, a levaria em um leilão, teatro, galeria de arte, ou aonde fosse que a vovó quisesse ir. Eu tomaria conta da minha avó.

E estava pensando em fazer o mesmo com Miss Birdie.

— Muito bem — digo solenemente, como se fizesse aquilo todos os dias. — Nada para seus dois filhos?

— Foi o que eu disse. Absolutamente nada.

— Será que posso perguntar o que eles fizeram?

Ela solta vigorosamente o ar dos pulmões, parecendo frustrada, e olha para todos os lados, como se detestasse o que vai dizer, mas então apoia os dois cotovelos na mesa e começa a contar tudo.

— Bem — cochicha —, Randolph, o mais velho, está com quase sessenta anos, acaba de casar pela terceira vez, com uma vagabundinha que está sempre perguntando sobre o dinheiro. O que eu deixar para ele, ela vai gastar num instante, e eu preferia dar para você, Rudy, a dar para meu próprio filho. Ou para o professor Smoot, ou para qualquer outra pessoa, menos para Randolph. Entende o que quero dizer?

Meu coração para. A centímetros, apenas centímetros de encontrar o filão de ouro com minha primeira cliente. Para o inferno com Brodnax e Speer e todas aquelas conferências que me esperam.

— Não pode deixar para mim, Miss Birdie — digo, com meu sorriso mais doce. Meus olhos, provavelmente meus lábios, minha boca e meu nariz imploram a ela que diga: Sim! Que diabo! O dinheiro é meu, e eu deixo para quem quiser e, se eu quiser que você, Rudy, fique com ele, então, que diabo, é seu!

Mas ela diz outra coisa.

— Todo o resto vai para o reverendo Kenneth Chandler. Você o conhece? Ele está na televisão o tempo todo agora. É de Dallas e está fazendo uma porção de coisas maravilhosas no mundo todo com nossos donativos, construindo abrigos, alimentando crianças, ensinando a Bíblia. Quero que ele fique com tudo.

— Um evangelista de televisão?

— Ah, ele é muito mais do que um evangelista. É um professor e um estadista e conselheiro, janta com chefes de Estado, sabe? Além disso, é um gato. Tem a cabeça cheia de cabelo crespo, prematuramente grisalho, mas jamais pensaria em tingir, sabe?

— É claro que não. Mas...

— Ele me telefonou uma noite dessas. Dá para acreditar? A voz na televisão é macia como seda, mas ao telefone é simplesmente sedutora. Entende o que quero dizer?

— Sim, acho que entendo. Por que ele telefonou?

— Bom, no mês passado, quando mandei minha contribuição de março, escrevi um bilhete dizendo que estava pensando em modificar meu testamento, agora que meus filhos me abandonaram e tudo o mais e que estava pensando em deixar algum dinheiro para as suas obras. Menos de três dias depois, ele telefonou, tão seguro, tão engraçadinho e vibrante ao telefone, para saber quanto eu estava pensando em deixar para ele e suas obras. Citei uma quantia que podia ser o resultado de um estádio de futebol repleto, e desde então ele me telefona sempre. Disse que, se eu quiser, é até capaz de voar até aqui no seu Learjet, para me conhecer.

Eu não sei o que dizer. Smoot está tentando acalmar Bosco. Ele o segura pelo braço e o faz sentar outra vez na frente de N. Elizabeth Erickson, que neste momento perdeu toda a arrogância e está claramente embaraçada com seu primeiro cliente e pronta para se esconder debaixo da mesa. Ela olha em volta e eu faço questão de dar um grande sorriso, para que saiba que estou vendo tudo. Ao lado dela, F. Franklin Donaldson, IV, está absorto na consulta a um casal idoso. Falam sobre um documento que parece um testamento. Penso com superioridade que o testamento que tenho na mão vale muito mais do que o que ele está examinando com tanta atenção.

Resolvo mudar de assunto.

— Bem, Miss Birdie, a senhora disse que tem dois filhos. Randolph e...

— Sim, Delbert. Esqueça Delbert também. Há três anos não tenho notícias dele. Mora na Flórida. Corte, corte, corte.

Com um traço da minha caneta Delbert perde seus milhões.

— Tenho de ver o que está acontecendo com Bosco — diz ela, bruscamente levantando-se de um salto. — É um pobre coitado. Sem família, sem amigos, a não ser os que tem aqui.

— Ainda não terminamos — digo.

Ela se inclina e outra vez quase encosta o rosto no meu.

— Sim, terminamos, Rudy. Faça o que eu mandei. Um milhão para cada um desses quatro, e todo o resto para Kenneth Chandler. O resto fica como está, inventariante, apólice, curadores, tudo fica como está. É simples, Rudy. Faça isso sempre. O professor Smoot disse que vocês vão voltar dentro de duas semanas com tudo datilografado e tudo em ordem. É verdade?

— Acho que sim.

— Ótimo. Eu o vejo então, Rudy.

Ela desliza para a outra ponta da mesa e passa o braço pelos ombros de Bosco, que fica imediatamente calmo e inocente outra vez.

Eu estudo o testamento e tomo notas. É bom saber que Smoot e os outros professores vão me orientar e ajudar e que tenho duas semanas para pensar no assunto e resolver o que devo fazer. Não preciso fazer isto, digo para mim mesmo. Esta encantadora mulher com vinte milhões precisa de mais conselhos do que eu posso dar. Ela precisa de um testamento que talvez não entenda, mas que certamente vai chamar a atenção do Ministério da Fazenda. Não me sinto incapaz, só inadequado. Depois de três anos estudando Direito, reconheço perfeitamente o pouco que sei.

O cliente de Booker tenta galantemente controlar suas emoções, e seu advogado não sabe mais o que dizer. Booker continua a tomar notas e resmunga sim ou não a cada dois ou três segundos. Mal posso esperar para contar a ele tudo sobre a pequena Miss Birdie e sua fortuna.

Olho para o grupo, bastante diminuído, e vejo na segunda fila um casal olhando para mim. No momento, sou o único advogado disponível, e eles parecem hesitar em tentar a sorte comigo. A mulher tem nas mãos um maço de documentos preso com um elástico. Ela murmura alguma coisa, e o marido balança a cabeça como se preferisse esperar por uma das duas brilhantes águias do Direito.

Levantam-se devagar e caminham para minha extremidade da mesa, os dois olhando fixamente para mim. Sorrio. Sejam bem-vindos ao meu escritório.

Ela senta na cadeira de Miss Birdie. Ele senta no outro lado da mesa, mantendo distância.

— Olá — digo com um sorriso, estendendo a mão. Ele a segura molemente, depois a estendo para ela. — Sou Rudy Baylor.

— Eu sou Dot, e ele é Buddy — diz ela, indicando Buddy com um movimento da cabeça, ignorando minha mão.

— Dot e Buddy — eu digo e começo a tomar nota. — Qual é o

seu sobrenome? — pergunto, com todo o calor de um advogado experiente.

— Black. Dot e Buddy Black. Na realidade é Marvarine e Willis Black, mas todos nos chamam de Dot e Buddy.

O cabelo de Dot é eriçado, com permanente e prateado na parte de cima. Parece limpo. Ela usa um tênis branco barato, meias marrons e calça jeans grande demais. É uma mulher magra, vigorosa, sugere força.

— Endereço? — pergunto.

— Squire, oito sessenta e três, Granger.

— Estão empregados?

Buddy ainda não abriu a boca, e tenho a impressão de que há anos apenas Dot fala.

— Recebo o seguro social por invalidez — diz ela. — tenho só cinquenta e oito anos, mas tenho o coração fraco. Buddy tem uma pensão pequena.

Buddy apenas olha para mim. Usa óculos de lentes grossas com hastes de plástico que mal chegam às orelhas. Seu rosto é vermelho e gordo. O cabelo crespo e grisalho, pintado de marrom, parece não ser lavado há uma semana. A camisa é xadrez preto e vermelho, mais suja do que o cabelo.

— Que idade tem Mr. Black? — pergunto a ela, duvidando que Mr. Black responda se perguntar a ele.

— É Buddy, está bem? Dot e Buddy. Nada desse negócio de senhor, certo? Ele tem sessenta e dois anos. Posso dizer uma coisa?

Digo que sim com uma leve inclinação da cabeça. Buddy é ilha para Booker, no outro lado da mesa.

— Ele não está bem — murmura ela, olhando discretamente na direção geral de Buddy.

Eu olho para ele. Ele olha para nós.

— Ferimento de guerra — diz ela. — Coreia. Sabe aqueles detectores de metais nos aeroportos?

Mais uma vez inclino a cabeça afirmativamente.

— Bem, se ele passar despido por um deles, a coisa vai apitar.

A camisa de Buddy está esticada no peito, num esforço para cobrir a barriga, os botões parecem prestes a saltar. Ele tem pelo menos três queixos. Tento imaginar Buddy nu no Aeroporto Internacional de Memphis, o detector apitando e os guardas da segurança em pânico.

— Tem uma placa na cabeça — informa ela, resumindo.

— Isso é... isso é terrível — murmuro para ela, e escrevo no meu bloco que o senhor Buddy Black tem uma placa de metal na cabeça. O senhor Black vira para a esquerda e olha carrancudo para o cliente de Booker, a um metro dele.

De repente, Dot inclina-se para a frente.

— Tem mais uma coisa — diz ela.

Eu também me inclino para a frente, com ansiosa expectativa.

— Sim?

— Ele tem um problema com bebida.

— Não diga.

— Mas começou com o ferimento de guerra — explica.

E assim, simplesmente, esta mulher que conheci há três minutos acaba de reduzir o marido a um imbecil alcoólatra.

— Importa-se se eu fumar? — pergunta ela, procurando os cigarros na bolsa.

— É permitido aqui? — pergunto, procurando um aviso de É proibido fumar. Não vejo nenhum.

— Ah, claro. — Ela põe o cigarro entre os lábios secos e rachados, acende, tira da boca e solta uma nuvem de fumaça diretamente em cima de Buddy, que não faz o menor movimento.

— O que posso fazer por vocês? — pergunto, olhando para o maço de papéis envoltos no elástico. Escondo o testamento de Miss Birdie sob meu bloco. Minha primeira cliente é uma multimilionária, e os dois seguintes vivem de pensão do Estado. Minha carreira recém-nascida cai outra vez por terra.

— Nós temos muito dinheiro — diz ela, em voz baixa, como se fosse um segredo muito grande e embaraçoso.

Olho para ela com um sorriso compassivo. Seja o que for que possuam, estão muito melhor do que eu, e duvido que estejam para serem processados por dívida.

— E precisamos de um advogado — continua ela, tirando o elástico do maço de papéis.

— Qual é o problema?

— Bem, estamos sendo estupidamente lesados por uma companhia de seguros.

— Que tipo de apólice? — pergunto.

Ela empurra os papéis para mim, depois esfrega as mãos, como se estivesse se livrando de um peso, passando-o para um realizador de milagres. Vejo uma apólice manchada, amassada e muito antiga no topo da pilha. Dot solta outra baforada de fumaça, e por um momento Buddy quase desaparece atrás dela.

— É uma apólice de seguro-saúde — diz ela. — Compramos há cinco anos da companhia de seguros de vida Great Benefit, quando nossos filhos tinham dezessete anos. Agora Donny Ray está morrendo de leucemia, e os ladrões não querem pagar o tratamento.

— Great Benefit?

— Isso mesmo.

— Nunca ouvi falar — digo confiante, examinando a apólice

como se já tivesse tratado de muitos processos semelhantes e soubesse tudo sobre todas as companhias de seguro. Dois dependentes constam da apólice, Donny Ray e Ronny Ray Black, os dois com a mesma data de nascimento.

— Bem, perdoe minha linguagem, mas eles são um bando de filhos da mãe.

— Como a maioria das companhias de seguros — digo pensativamente, e Dot sorri. Tenho sua confiança. — Então compraram esta apólice há cinco anos?

— Mais ou menos. Nunca deixamos de pagar o prêmio e nunca usamos a maldita coisa até Donny ficar doente.

Sou um estudante, não tenho seguro. Nenhuma apólice cobre a minha vida, minha saúde ou meu carro. Não posso nem comprar um pneu novo para a roda traseira esquerda do meu pobre pequeno Toyota.

— E, bem, você diz que ele está morrendo?

Ela diz que sim balançando a cabeça com o cigarro entre os lábios.

— Leucemia aguda. Há oito meses. Os médicos dão a ele um ano de vida, mas ele não vai conseguir porque não pode fazer o transplante de *media*. Agora talvez seja tarde demais.

Ela não diz medula, mas *media*.

— Um transplante? — pergunto, confuso.

— Você não sabe nada sobre leucemia?

— Bem, francamente não.

Ela estala a língua nos dentes e gira os olhos, significando que eu sou um completo idiota, e leva o cigarro aos lábios para uma longa tragada. Depois de expelir toda a fumaça, ela diz:

— Meus filhos são gêmeos idênticos. Assim, Ron, nós o chamamos de Ron porque ele não gosta de Ronny Ray, é o doador para um transplante de medula para Donny Ray. É o que os médicos dizem. O problema é que o transplante custa mais ou menos cento e cinquenta mil dólares. Não temos esse dinheiro, compreende? A companhia de seguros devia pagar porque a apólice cobre esse tipo de operação. Os filhos da mãe dizem que não. Assim, Donny Ray está morrendo por causa deles.

Ela tem um modo espantoso de ir direto ao centro do assunto.

Estamos ignorando Buddy, mas ele está ouvindo. Tira os óculos de lentes grossas com um gesto e passa as costas da mão esquerda nos olhos. Grande! Buddy está chorando. Bosco choraminga na outra extremidade da mesa. E o cliente de Booker, outra vez dominado pela culpa, remorso ou outro tipo de sofrimento, soluça cobrindo o rosto com as mãos. Smoot nos observa, de pé ao lado de uma janela, sem dúvida imaginando que tipo de conselhos estamos

dando para provocar tanto choro.

— Onde ele mora? — pergunto, procurando uma pergunta cuja resposta me permita escrever no meu bloco e ignorar as lágrimas.

— Ele nunca saiu de casa. Mora conosco. Essa é outra das razões apresentadas pela companhia para recusar o pagamento, dizem que ele é adulto e não é mais coberto pelo seguro.

Examino os papéis e passo rapidamente pelas cartas deles para a Great Benefit, e da companhia para eles.

— A apólice diz que ele não tem mais direito ao seguro quando chegar à idade adulta?

Ela balança a cabeça e sorri amargamente.

— Nada disso. Não está na apólice, Rudy. Eu já li uma dezena de vezes, e não tem nada disso. Li até a letra miúda.

— Tem certeza? — pergunto, olhando outra vez para a apólice.

— Absoluta. Estou lendo essa maldita coisa há quase um ano.

— Quem a vendeu? Quem é o agente?

— Um homenzinho cretino e insignificante que bateu à nossa porta e nos convenceu a comprar. O nome dele é Ott, ou coisa parecida, um ladrãozinho esperto que falava muito depressa. Eu já tentei encontrá-lo, mas é claro que deve ter fugido da cidade.

Tiro uma carta da pilha de papéis e leio. É de um consultor de pedidos de pagamento, de Cleveland, escrita vários meses depois da primeira carta que vi, e com uma linguagem seca e fria nega a cobertura da apólice, alegando que a leucemia de Donny era uma condição preexistente e, portanto, não coberta pelo seguro. Se Donny realmente tinha leucemia há menos de um ano, então o diagnóstico foi feito quatro anos depois da emissão da apólice pela Great Benefit.

— Aqui diz que a cobertura foi negada por causa de uma condição preexistente.

— Eles usaram todas as desculpas do mundo, Rudy. Fique com esses papéis e leia com cuidado. Exclusões, isenções, condições preexistentes, letra miúda, tentaram de tudo.

— Há alguma exclusão para o caso de transplante de medula?

— Que diabo, é claro que não. O nosso médico leu a apólice e disse que a Great Benefit tem de pagar porque o transplante de medula óssea é um tratamento de rotina, agora.

O cliente de Booker enxuga o rosto com as duas mãos, fica em pé e pede licença. Agradece a Booker, e Booker agradece a ele. O velho homem senta ao lado da mesa onde estão disputando uma movimentada partida de damas chinesa. Miss Birdie finalmente livra N. Elizabeth Erickson de Bosco e dos seus problemas. Smoot anda de um lado para o outro atrás de nós.

A carta seguinte é também da Great Benefit, como parecem ser

todas as outras. É breve, brutal e direta. Diz: “*Cara senhora Black. Em sete ocasiões prévias, esta companhia negou sua reivindicação por escrito. Agora negamos pela oitava e última vez. A senhora deve ser burra, muito, muito burra!*” Assinada pelo supervisor chefe de reivindicações, e, incrédulo, passo o dedo sobre a logomarca gravada no topo da página. No outono passado fiz um curso de Direito de Seguros e lembro-me de ter ficado chocado com o comportamento flagrantemente de má-fé de algumas companhias de seguros. Nosso instrutor foi um comunista visitante que odiava seguradoras. Na verdade, ele odiava todas as grandes companhias e deliciava-se com o estudo dos casos de reivindicações legítimas negadas pelas companhias de seguro. Na sua opinião, existem neste país centenas de milhares de casos de má-fé que nunca foram levados à justiça. Escreveu um livro sobre litígios de má-fé e tinha até dados estatísticos provando que a maioria das pessoas simplesmente aceita a recusa das suas reivindicações sem estudar a fundo o assunto.

Releio a carta, tocando a grande logomarca da Great Benefit no topo da página.

— E vocês nunca deixaram de pagar o prêmio? — pergunto.

— Não, senhor. Nenhum.

— Quero ver os relatórios médicos de Donny.

— Tenho quase todos em casa. Ultimamente ele não tem ido muito ao médico. Não podemos pagar.

— Sabe a data exata em que foi diagnosticada a leucemia?

— Não, mas foi em agosto do ano passado. Ele ficou no hospital para a primeira série de quimioterapia. Então, aqueles ladrões informaram que não iam cobrir mais nenhum tratamento, e o hospital nos pôs para fora. Disseram que não podiam nos dar um transplante de presente. Que é um processo muito caro. Na verdade, não os culpo por isso.

Buddy está examinando o segundo cliente de Booker, uma mulher pequena e frágil, também com um maço de papéis na mão. Dot segura o maço de cigarros Salem e finalmente põe outro entre os lábios.

Se Donny realmente está com leucemia há apenas oito meses, de modo nenhum pode ser excluído do seguro como uma condição preexistente. Se não há isenção nem exclusão para leucemia, a Great Benefit tem de pagar. Certo? Para mim isso faz sentido, parece muito claro, e, uma vez que a lei raramente é clara e poucas vezes faz sentido, sei que deve haver alguma coisa fatal à minha espera nas profundezas da pilha de rejeições de Dot.

— Francamente não entendo isto — digo, pensando ainda na carta que a chama de burra.

Dot lança uma densa névoa azul na direção do marido, e a fumaça forma um halo em volta da cabeça dele. Acho que os olhos de Buddy estão secos, mas não tenho certeza. Ela estala os lábios finos e diz:

— É simples, Rudy. Eles são um bando de ladrões. Pensam que somos simplórios, lixo ignorante sem dinheiro para lutar contra eles. Trabalhei numa fábrica de jeans por trinta anos, entrei para o sindicato, você sabe, e lutávamos contra a companhia todos os dias. A mesma coisa aqui. Uma grande companhia pisoteando as pessoas humildes.

Além de odiar advogados, meu pai frequentemente atacava os sindicatos. Naturalmente, eu me tornei um defensor ardente da classe trabalhadora.

— Esta carta é incrível — digo. — A de Krokkit, onde ele diz você é burra, muito, muito burra.

— Aquele filho da mãe. Eu queria que ele trouxesse o traseiro até aqui para dizer isso na minha cara. Ianque filho da mãe.

Buddy abana a fumaça do rosto e resmunga. Olho para ele, esperando que diga alguma coisa, mas ele não se interessa. Pela (mineira vez noto que o lado esquerdo da sua cabeça é um pouco mais achatado do que o direito, e a imagem dele passando na ponta dos pés, nuzinho, pelo detector de metais do aeroporto, passa na frente dos meus olhos. Dobro a Carta Burra e a ponho em cima da pilha.

— Vou precisar de algumas horas para examinar tudo isto — digo.

— Bem, é bom se apressar. Donny Ray não tem muito tempo. Está pesando cinquenta e cinco quilos agora, e antes pesava oitenta. Tem dias que passa tão mal que nem pode andar. Eu gostaria que você o visse.

Não tenho nenhuma vontade de ver Donny Ray.

— Sim, talvez mais tarde.

Pretendo examinar outra vez a apólice, as cartas, os relatórios médicos de Donny, consultar o professor Smoot e escrever uma bela carta de duas páginas para os Black, explicando com grande sabedoria que eles devem procurar um grande advogado para rever o caso; não um advogado qualquer, mas um que se especialize em processos contra a má-fé das companhias. Vou acrescentar alguns nomes de advogados com seus telefones, terminando assim minha participação nessa causa sem valor e acabando com Smoot e sua paixão pelo Direito dos Idosos Caducos.

Faltam trinta e oito dias para a formatura.

— Preciso ficar com tudo isso — explico a Dot, organizando a desordem dos papéis e os prendendo com o elástico. — Devo voltar

aqui dentro de duas semanas com uma carta de aconselhamento.

— Por que precisa de duas semanas?

— Bem, eu, é que preciso fazer alguma pesquisa, você sabe, consultar meus professores, ler alguma coisa. Pode me mandar os relatórios médicos de Donny?

— Claro. Mas eu gostaria que você se apressasse.

— Vou fazer o melhor possível, Dot.

— Acha que temos um caso?

Embora seja um mero estudante de direito, já aprendi bastante da arte de despistar.

— Não posso dizer por enquanto. Parece promissor. Mas preciso examinar melhor e fazer uma pesquisa cuidadosa. É possível.

— Que diabo quer dizer com isso?

— Bem, ora, quero dizer que acho que você tem uma boa reivindicação, mas preciso ler tudo isto antes de ter certeza.

— Que espécie de advogado você é?

— Sou estudante de direito.

Isso aparentemente a deixa confusa. Aperta os lábios em volta do filtro branco do cigarro e olha zangada para mim. Buddy rosna pela segunda vez. Felizmente Smoot aparece atrás dela e pergunta:

— Como estão indo?

Dot olha, carrancuda, primeiro para a gravata-borboleta dele, depois para o cabelo despenteado.

— Muito bem — digo. — Estamos terminando.

— Ótimo — diz ele, como se a hora da consulta estivesse esgotada e outros clientes esperassem para ser atendidos. Ele se afasta.

— Eu vejo vocês daqui a duas semanas — digo cortesmente, com um sorriso falso.

Dot apaga o cigarro no cinzeiro e inclina-se outra vez para mim, com os lábios trêmulos e os olhos marejados de lágrimas. Toca meu pulso gentilmente e diz, desanimada:

— Por favor, ande depressa, Rudy. Precisamos de ajuda. Meu filho está morrendo.

Olhamos um para o outro por uma eternidade, e finalmente faço um gesto afirmativo e murmuro alguma coisa. Essa pobre gente acaba de confiar a mim a vida do filho, a mim, um estudante de direito do terceiro ano da Universidade Estadual de Memphis. Eles acreditam sinceramente que eu posso pegar aquela pilha de lixo que puseram na minha frente, dar alguns telefonemas, escrever algumas cartas, bufar e rosnar, ameaçar disto e daquilo e, *presto!*, a Great Benefit vai cair de joelhos e derramar dinheiro em cima de Donny Ray. E esperam que isso aconteça rapidamente.

Eles se levantam e se afastam desajeitadamente da minha mesa.

Tenho quase certeza de que em algum lugar da apólice existe uma cláusula de exclusão, escrita com letra quase ilegível, certamente indecifrável, mas mesmo assim inserida pelos artesãos legais com altos honorários, que há décadas se alimentam de letras miúdas.

Com Buddy atrás, Dot passa em ziguezague entre as cadeiras e as mesas onde estão jogando rook, para ao lado do bule de café, serve um copo de isopor com descafeinado e acende um cigarro. Ficam ali no fundo da sala, tomando café e olhando para mim de uma distância de quase vinte metros. Folheio a apólice, trinta páginas de letra miúda quase ilegível, e tomo notas. Tento ignorá-los.

Os poucos que ainda restam começam a sair. Estou cansado de ser advogado, para mim basta um dia, e espero não ter mais clientes. Minha ignorância do direito é chocante e estremeço só de pensar que dentro de poucos meses estarei nos tribunais desta cidade argumentando com outros advogados, perante juízes e jurados. Não estou pronto para ser solto na sociedade com o poder de levar adiante um processo.

A faculdade de direito não passa de três anos de tensão desperdiçada. Passamos horas incontáveis procurando informação de que jamais vamos precisar. Somos bombardeados com aulas que são imediatamente esquecidas. Memorizamos casos e estatutos que amanhã serão anulados e alterados. Se eu tivesse passado cinquenta horas por semana, nos últimos três anos, treinando com um bom advogado, então seria um bom advogado. Em vez disso, sou um aluno nervoso do terceiro ano com medo dos problemas legais mais simples e apavorado com o exame final próximo.

Percebo um movimento na minha frente e vejo um cara gorducho e velho com um enorme aparelho auditivo, arrastando os pés na minha direção.

2

Uma hora depois, terminam as lânguidas batalhas de damas chinesa e canastra e o último dos caducos sai do prédio. Um zelador espera ao lado da porta enquanto Smoot reúne nós quatro para uma súmula de fim de jogo. Um de cada vez, resumimos brevemente os vários problemas dos nossos clientes. Estamos cansados e ansiosos para sair deste lugar.

Smoot dá algumas sugestões, nada criativo ou original, e nos dispensa com a promessa de discutir os reais problemas legais dos idosos em classe, na próxima semana. Mal posso esperar.

Booker e eu saímos no carro dele, um velho Pontiac grande demais para ser elegante, mas em muito melhor estado do que o meu massacrado Toyota. Booker é casado com uma professora e tem dois filhos; portanto, ele paira em algum ponto logo acima da linha de pobreza. Estuda com afinco e lita boas notas e por isso chamou a atenção de uma firma muito rica no centro da cidade, um escritório de alta classe, conhecido por sua eficiência em direito civil. Vai começar com um salário de quarenta mil por ano, seis mil a mais do que a Brodnax e Speer me ofereceu.

— Eu odeio a faculdade de direito — digo, quando saímos do estacionamento do Prédio dos Cidadãos Idosos Cypress Gardens.

— Você é normal — diz Booker.

Booker não odeia nada nem ninguém e algumas vezes diz que o estudo de direito é um desafio para ele.

— Por que queremos ser advogados?

— Servir o público, lutar contra a injustiça, mudar a sociedade, você sabe, o de sempre. Não ouve o que o professor Smoot diz?

— Vamos tomar uma cerveja.

— Não são nem três horas, Rudy.

Booker bebe pouco, e eu menos ainda porque é um hábito dispendioso e no momento preciso economizar para comprar comida.

— Estava brincando — digo.

Seguimos na direção da faculdade. Hoje é quinta-feira, o que significa que amanhã terei de aguentar Direito Esportivo e Código Napoleônico, dois cursos tão inúteis quanto Direito dos Caducos e que exigem menos trabalho ainda. Mas o exame final está próximo, e, quando penso nele, minhas mãos tremem um pouco. Se eu for reprovado no exame da Ordem, aqueles caras amáveis, mas rígidos e carrancudos, da Brodnax e Speer certamente vão me mandar embora, o que significa que vou trabalhar um mês e ser posto na

rua. Não quero nem pensar em ser reprovado — isso me levaria à falência, ao desemprego, à desgraça, à fome. Então, por que penso nisso a cada hora de cada dia?

— Pode me deixar na biblioteca — digo. — Acho que vou trabalhar nestes casos e depois estudar para o exame.

— Boa ideia.

— Eu odeio biblioteca.

— Todo o mundo odeia biblioteca, Rudy. Foi feita para ser odiada. Seu objetivo primário é ser odiada pelos estudantes de direito. Você é normal.

— Obrigado.

— Aquela primeira velha senhora, Miss Birdie, ela tem dinheiro?

— Como você sabe?

— Tive a impressão de ouvir alguma coisa.

— Sim. É cheia da grana. Quer um novo testamento. É negligenciada pelos filhos e pelos netos; por isso quer cortar todos do testamento.

— Quanto?

— Uns vinte milhões.

Booker olha para mim incrédulo.

— É o que ela diz — explico.

— Então, quem fica com o dinheiro?

— Um pastor de televisão muito sexy com um Learjet particular.

— Não.

— Juro.

Booker ruma a ideia por dois quartos de tráfego intenso.

— Escute, Rudy, sem ofensa, você é um cara legal e tudo o mais, bom aluno, brilhante, mas sente-se bem redigindo o testamento de tanto dinheiro?

— Não. E você?

— É claro que não. Então, o que vai fazer?

— Talvez ela morra dormindo.

— Não acredito. Ela é muito decidida. Vai viver mais do que nós.

— Vou passar para Smoot. Talvez ele consiga um dos professores de impostos para me ajudar. Ou talvez seja melhor dizer para Miss Birdie que não posso ajudá-la, que ela tem de pagar um advogado especialista em impostos, muito poderoso, que vai cobrar cinco mil para redigir o testamento. Francamente, não me importo. Tenho os meus problemas.

— Texaco?

— É. Estão atrás de mim. Meu senhorio também.

— Eu gostaria de poder ajudar — diz Booker, e sei que está sendo sincero. Se pudesse, ele me emprestaria de boa vontade.

— Vou sobreviver até primeiro de julho. Depois serei porta-voz importante da Brodnax e Speer, e meus dias de pobreza estarão terminados. Meu caro Booker, como é que eu vou gastar trinta e quatro mil dólares por ano?

— Parece impossível. Vai ficar rico.

— Quero dizer, que diabo, há sete anos estou vivendo de gorjetas e centavos. O que vou fazer com tanto dinheiro?

— Comprar outro terno?

— Para quê? Já tenho dois.

— Talvez sapatos?

— É isso aí. É o que vou fazer. Vou comprar sapatos, Booker.

Sapatos e gravatas e talvez um pouco de comida que não seja enlatada e talvez algumas cuecas.

Nos últimos três anos, pelo menos duas vezes por mês, Booker e a mulher têm me convidado para jantar. O nome dela é Charlene, uma moça de Memphis que faz maravilhas na cozinha com um orçamento insignificante. São meus amigos, mas estou certo de que têm pena de mim. Booker dá um largo sorriso, depois olha para a frente outra vez. Está cansado dessa brincadeira com coisas desagradáveis.

Ele para no estacionamento na avenida Central, na frente da Faculdade Estadual de Direito de Memphis.

— Tenho de fazer algumas coisas — diz ele.

— Certo. Obrigado pela carona.

— Volto lá pelas seis. Vamos estudar para o exame.

— Certo. Espero no térreo.

Bato a porta do carro e atravesso correndo a Central.



Num canto escuro e privativo, no subsolo da biblioteca, atrás de pilhas de livros de direito antigos e escondidos da vista do público, encontro meu “reservado” sozinho, à minha espera, como venho fazendo há muitos meses. Oficialmente está reservado no meu nome. O canto não tem janelas e às vezes é úmido e frio, por isso poucas pessoas se aventuram até aqui. Tenho passado horas nesta minha “toca” privativa, redigindo casos e estudando para os exames. E nas últimas semanas sentei aqui por muitas horas dolorosas, imaginando o que aconteceu com ela e perguntando a mim mesmo em que momento eu a deixei ir embora. Aqui me

atortamento. A mesa é cercada por divisórias, e já memorizei o desenho da madeira de cada pequena parede. Posso chorar sem ser visto. Posso até praguejar em voz baixa, que ninguém vai ouvir.

Muitas vezes, durante meu glorioso caso de amor, Sara veio comigo até aqui e estudamos juntos com as cadeiras encostadas uma na outra. Ríamos e brincávamos, e ninguém ouvia. Nós nos beijávamos e nos tocávamos, e ninguém via. Neste momento, nas profundezas da depressão e do sofrimento, posso quase sentir seu perfume.

Na verdade, preciso procurar outro lugar para estudar neste enorme labirinto. Agora, quando olho para as divisórias de madeira, vejo o rosto dela e lembro a sensação de tocar suas pernas, e sinto imediatamente uma dor paralisante no coração. Ela estava aqui poucas semanas atrás! E agora outra pessoa está tocando aquelas pernas.

Apanho o maço de papéis dos Black e subo para a seção de seguros da biblioteca. Meus movimentos são lentos, mas meus olhos percorrem atentamente toda a sala. Sara quase não vem mais à biblioteca, mas eu a vi uma ou duas vezes.

Espalho os papéis de Dot numa mesa entre as estantes e leio outra vez a Carta Burra. É chocante e mesquinha e obviamente escrita por alguém que estava convencido de que Dot e Buddy jamais a mostrariam a um advogado. Leio outra vez e percebo que a dor de coração partido está passando — ela vem e vai, e estou aprendendo a viver com ela.

Sara Plankmore também está no terceiro ano, e é a única mulher que já amei. Ela me deixou há quatro meses por um universitário da Ivy League¹, um sangue azul local. Ela disse que eram velhos amigos do ginásio e que por acaso se reencontraram nos feriados de Natal. O romance renasceria, e ela detestava fazer isso comigo, mas a vida continua. Flutua pelos corredores o rumor de que está grávida. Para ser franco, vomitei quando ouvi pela primeira vez.

Examino a apólice dos Black com a Grand Benefit e encho páginas de notas. Parecem escritas em sânscrito. Organizo as cartas, os formulários de pedidos de pagamento e os relatórios médicos. Sara desaparece, e mergulho na reivindicação de pagamento do seguro que para mim cheira cada vez pior.

A apólice foi comprada por dezoito dólares por semana da Companhia de Seguros de Vida Great Benefit, de Cleveland, Ohio. Estudo o livro de débito, um pequeno diário usado para registrar os pagamentos semanais. Parece que o agente, um tal Bobby Ott, na verdade visitava os Black todas as semanas.

Minha pequena mesa está coberta de pilhas regulares de papéis, e leio tudo o que Dot me deu. Continuo a pensar em Max Leuberg, o

professor comunista visitante, e seu ódio apaixonado pelas companhias de seguros. Elas governam o país, repetia ele. Controlam a indústria bancária. São donas das terras e das construtoras. Apanham um vírus, e a Wall Street tem diarreia durante uma semana. E, quando as taxas de juros e seus investimentos soçobram, então correm para o Congresso e exigem reforma no conceito de delito. Os processos estão nos matando, bradam elas. Esses advogados sujos estão dando entrada em processos frívolos e convencendo os jurados ignorantes a nos obrigar a pagar indenizações enormes, e temos de parar com isso, do contrário iremos à falência. Leuberg ficava tão furioso, que jogava livros contra a parede. Nós o adorávamos.

E ele ainda está lecionando aqui. Acho que vai voltar para o Wisconsin no fim deste semestre, e, se eu tiver coragem suficiente, talvez peça a ele que dê uma olhada no caso dos Black contra a Great Benefit. Ele afirma que ajudou em vários casos de má-fé no Norte, onde os jurados condenaram as companhias a pagar enormes indenizações punitivas.

Começo a redigir um sumário do caso. Começo com a data da compra da apólice, depois faço a lista cronológica dos fatos importantes. A Great Benefit negou oito vezes, por escrito, a cobertura da apólice. A oitava foi, é claro, a Carta Burra. Posso ouvir Max Leuberg assobiando e rindo ao ler esta carta. Sinto cheiro de sangue.



Espero que o professor Leuberg também sinta. Encontro seu escritório espremido entre duas salas de depósito no terceiro andar da faculdade de direito. A porta está coberta de folhetos da marcha pelos direitos dos gays e boicotes e comícios a favor das espécies ameaçadas de extinção, os tipos de causas que não despertam grande interesse em Memphis. Está entreaberta, e ouço a voz dele, zangada, ao telefone. Prendo a respiração e bato de leve.

— Entre! — grita, e eu passo cautelosamente pela porta entreaberta. Ele sacode a mão indicando a única cadeira, cheia de livros, pastas e revistas. O escritório todo é um monte de lixo. Objetos inúteis, entulho, jornais, garrafas. As estantes vergam-se ao peso de tantos livros. Pôsteres grafitados cobrem as paredes. Velhos pedaços de papel amontoam-se como lagos no chão. Tempo e

organização nada significam para Max Leuberg.

O professor é um homem magro, pequeno, de sessenta anos, de cabelo farto e em desordem, cor de palha, e suas mãos jamais estão paradas. Usa calças jeans desbotadas, camisetas com mensagens ecológicas e tênis velhos. Quando faz frio, às vezes usa meias. É tão hiper que me deixa nervoso.

Ele desliga o telefone violentamente.

— Baker!

— Baylor. Rudy Baylor. Seguros, último semestre.

— Claro! Claro! Eu me lembro. Sente-se. — Sacode a mão outra vez na direção da cadeira.

— Não, obrigado.

Ele se remexe na cadeira e ajeita uma pilha de papéis sobre a mesa.

— Então, o que há, Baylor?

Max é adorado pelos estudantes porque sempre encontra tempo para ouvir.

— Bem, é que... será que tem um minuto? — Normalmente eu seria mais formal e diria “senhor” ou qualquer coisa assim, mas Max detesta formalidades. Insiste em ser chamado de Max.

— Certamente. Qual o seu problema?

— Bem, estou fazendo um curso com o professor Smoot — explico, depois faço um breve sumário da minha visita ao almoço dos “caducos” e falo de Dot e Buddy e sua luta contra a Great Benefit. Max parece absorver cada palavra.

— Já ouviu falar na Great Benefit? — pergunto.

— Já. É uma companhia grande que vende uma porção de seguros baratos para brancos e negros da zona rural. Baixa qualidade.

— Nunca ouvi falar nela.

— Não podia. Não se anuncia. Seus agentes batem às portas e recebem os prêmios cada semana. Estamos falando do “coca e cheira a axila” da indústria. Deixe-me ver a apólice.

Entrego a ele, e Max folheia rapidamente.

— Quais as razões que eles apresentam para negar o pagamento? — pergunta, sem olhar para mim.

— Todas. Primeiro negaram o principal. Depois disseram que a leucemia não é coberta pelo seguro. Depois, que a leucemia era uma condição preexistente. Então, que o garoto já é adulto e, portanto, não-coberto pela apólice dos pais. Na verdade, foram bastante criativos.

— Todos os prêmios foram pagos?

— Segundo a senhora Black, foram.

— Os filhos da mãe. — Ele folheia mais algumas páginas,

sorrindo malevolamente. Max adora isto. — E você estudou o dossiê completo?

— Isso mesmo. Tudo o que a cliente me deu. Joga a apólice na mesa.

— Definitivamente vale a pena dar uma olhada — diz. — Mas não esqueça que o cliente quase nunca nos conta tudo no começo. — Dou para ele a Carta Burra. Max lê com outro pequeno sorriso satânico. Lê outra vez e finalmente olha para mim. — Incrível.

— Também achei — digo, como um veterano cão de guarda que vigia a indústria de seguros.

— Onde está o resto do arquivo? — pergunta. Ponho todos os papéis na mesa.

— Isto é tudo o que a senhora Black me deu. Ela disse que o filho está morrendo porque não podem pagar o tratamento. Disse que ele está pesando cinquenta e cinco quilos e que não vai viver muito tempo.

As mãos de Max ficaram imóveis.

— Filhos da mãe — diz outra vez, quase para ele mesmo: — Filhos da mãe nojentos.

Concordo plenamente, mas não digo nada. Vejo outro par de tênis num canto: Nikes muito velhos. Ele nos explicou em classe que houve um tempo em que usava o Converse, mas que agora está boicotando a companhia por causa de um novo processo de reciclagem. Ele faz sua pequena guerra pessoal contra as corporações da América e não compra nenhum artigo se o fabricante o ofender ou irritar de um modo ou de outro. Não tem seguro de vida, de saúde, nem bens, mas dizem que sua família é rica e por isso ele pode se aventurar no mundo sem nenhum seguro. Eu, por outro lado, por razões óbvias, vivo no mundo dos não-segurados.

A maioria dos meus professores são acadêmicos pomposos que usam gravatas e dão aula de paletó abotoado. Há décadas Max não usa gravata. E não dá aulas. Ele representa. Detesto a ideia de que vai deixar a faculdade.

As mãos voltam à vida.

— Eu gostaria de estudar isto esta noite — diz ele, sem olhar para mim.

— Sem problema. Posso voltar amanhã de manhã?

— Claro. A qualquer hora.

O telefone toca, e ele atende. Recuo para a porta, sorrindo aliviado. Vou me encontrar com ele de manhã, ouvir seu conselho, depois datilografar o relatório de duas páginas para os Black repetindo tudo o que ele disser.

Agora, se ao menos eu encontrasse uma alma brilhante para

fazer a pesquisa do caso de Miss Birdie... As perspectivas são poucas, uns dois professores de impostos, e posso tentar amanhã. Desço a escada e entro na sala de estar dos alunos, perto da biblioteca. É o único lugar do prédio onde se pode fumar, e uma névoa azul paira permanentemente no ar dali, logo abaixo das lâmpadas. Há uma televisão e alguns sofás e cadeiras muito usados e abusados. Fotos de formatura enfeitam as paredes — coleções emolduradas de rostos sérios, há muito mandados para as trincheiras de guerra legal.



Quando a sala está vazia, muitas vezes examino essas fotos, meus predecessores, imaginando quantos deles foram expulsos da Ordem dos Advogados, quantos desejam nunca ter visto este lugar e quais os poucos que realmente gostam de acusar e defender. Uma parede é reservada aos avisos, boletins e anúncios de emprego de uma espantosa variedade, e atrás fica uma fileira de máquinas de refrigerantes, sanduíches e doces. Faço muitas refeições aqui. A comida de máquina é muito subestimada.

Num canto vejo o ilustre F. Franklin Donaldson, IV, fofocando com três amigos, todos empregados que escrevem para a Revista de Direito e desprezam os que não escrevem. Ele me vê e parece interessado em alguma coisa. Sorri quando passo por eles, o que é estranho, porque sua expressão fixa é sempre de testa franzida.

— Escute, Rudy, você vai trabalhar com a Brodnax e Speer, não vai? — diz ele, em voz alta. A televisão está desligada. Os três olham para mim. Duas alunas num sofá também olham.

— Vou. E daí? — pergunto.

F. Franklin IV vai trabalhar numa firma rica em linhagem, dinheiro e pretensão, uma firma extremamente superior à Brodnax e Speer. Seus companheiros neste momento são W. Harper Whittenson, um idiotinha arrogante que felizmente vai sair de Memphis para trabalhar numa megafirma de Dallas, J. Townsend Gross, que aceitou um lugar em outra firma grande, e James Straybeck, um tipo às vezes amável que sofreu três anos de faculdade de direito sem uma inicial para pôr na frente do nome nem números para pôr atrás. Com um nome tão curto, seu futuro como advogado de uma grande firma está perigando. Duvido que consiga.

F. Franklin IV dá um passo na minha direção e diz, todo sorrisos:

— Bem, conte para nós o que está havendo.

— O que está havendo? — Não tenho ideia do que ele está falando.

— É, você sabe, sobre a fusão.

Fico impassível.

— Que fusão?

— Não ouviu?

— Ouvi o quê?

F. Franklin IV olha para os três amigos, e todos parecem estar se divertindo. Alargando o sorriso, ele diz:

— Ora, sem essa, Rudy, a fusão da Brodnax com a Tinley Britt.

Fico imóvel, pensando em algo inteligente para dizer. Mas não encontro. Evidentemente, não sei coisa alguma sobre a fusão e evidentemente este cretino sabe alguma coisa. Brodnax e Speer é uma firma pequena, quinze advogados, e sou o único da minha classe que empregaram. Quando fizemos o acordo, dois meses atrás, não foi mencionada nenhuma fusão.

Tinley Britt, por outro lado, é a maior, mais sofisticada, mais prestigiosa e mais rica firma do estado. No último relatório, abrigava cento e vinte advogados. Muitos são da Ivy League. Vários contam com cargos federais entre seus antepassados. É uma firma poderosa que representa ricas companhias e entidades governamentais e tem um escritório em Washington onde faz seu lobby junto à elite. É um bastião da política conservadora. Um dos sócios é um ex-senador. Os advogados contratados trabalham oito horas por semana e todos usam ternos azul-marinho com camisas sociais brancas e gravatas listradas. Usam cabelo cortado curto, e barba e bigode não são permitidos. É fácil reconhecer um advogado da Tinley Britt pelo andar arrogante e pelo modo de vestir. A firma só aceita homens, wasps², todos das melhores escolas e fraternidades; por isso o resto da comunidade legal de Memphis a chama de Trent Brent.

J. Townsend Gross, com as mãos nos bolsos, sorri para mim com desprezo. Ele é o segundo aluno da nossa classe e usa a quantidade certa de goma nas suas camisas polo, dirige um BMW e foi imediatamente atraído para a Trent Brent.

Sinto as pernas bambas porque sei que jamais serei aceito pela Trent Brent. Se a Brodnax e Speer foi incorporada realmente a esse monstro da advocacia, certamente já fui descartado de suas fileiras.

— Não ouvi nada — digo, com voz fraca.

F. Franklin IV pergunta, incrédulo:

— Jack aqui ficou sabendo hoje, ao meio-dia — informa, com um movimento da cabeça para o amigo J. Townsend Gross.

— É verdade — diz J. Townsend. — Mas não vão mudar o nome da firma.

O outro nome da firma — não Trent Brent — é Tinley Britt, Crawford, Mize e St. John. Felizmente, há alguns anos, alguém resolveu abreviar. Ao dizer que o nome da firma continua o mesmo, J. Townsend informa a seus três ouvintes que a Brodnax' e Speer é tão pequena e tão insignificante que pode ser engolida inteiramente por Tinley Britt sem ao menos um pequeno arroto.

— Então ainda é Trent Brení? — pergunto a J. Townsend, que bufa com desprezo para o apelido ultrapassado.

— É incrível que não lhe tenham avisado — continua F. Franklin IV.

Dou de ombros, como se não tivesse importância, e caminho para a porta.

— Talvez você esteja se preocupando demais com isso, Frankie.

Eles trocam sorrisos confiantes como se tivessem realizado o que queriam, e eu saio da sala. Entro na biblioteca e o funcionário atrás do balcão me chama.

— Aqui está uma mensagem — diz, estendendo um papel. O recado é para telefonar para Loyd Beck, o diretor-gerente da Brodnax e Speer, o homem que me empregou.

Os telefones públicos ficam na sala de estar, mas não estou disposto a ver outra vez F. Franklin IV e seu bando de demolidores.

— Posso usar seu telefone? — pergunto para o funcionário, um aluno de segundo ano que age como se fosse dono da biblioteca.

— Os telefones públicos ficam na sala de estar — diz ele, apontando, como se eu, há três anos na faculdade, não soubesse ainda onde fica a sala de estar dos alunos.

— Acabo de vir de lá. Estão todos ocupados. Ele franze a testa e olha em volta.

— Tudo bem, mas não demore.

Digito os números da Brodnax e Speer. São quase cinco horas, e as secretárias saem às cinco. No nono toque, uma voz masculina atende dizendo simplesmente:

— Alô.

Fico de costas para a frente da biblioteca e tento me esconder atrás das estantes.

— Olá. Aqui é Rudy Baylor. Estou na faculdade e tenho um recado para Loyd Beck. Diga que é urgente. — A mensagem não diz que é urgente, mas neste momento estou bastante nervoso.

— Rudy Baylor? Qual é o assunto?

— Eu sou o estudante que vocês contrataram. Quem está falando?

— Ah, sim. Baylor. Sou Carson Bell. Loyd está em reunião e não

pode atender agora. Tente daqui a uma hora.

Conheci Carson Bell rapidamente, quando ele me mostrou as instalações da firma, e lembro-me dele como um típico advogado ocupado, amistososo num momento e no momento seguinte de volta ao trabalho.

— Bem, senhor Bell, acho que preciso muito falar com o senhor Beck.

— Sinto muito, mas neste momento não é possível. Está bem?

— Ouvi alguma coisa sobre a fusão com a Trent, ah... com a Tinley Britt. É verdade?

— Escute, Rudy, estou ocupado e não posso falar agora. Telefone daqui a uma hora, que Loyd resolve seu caso.

Resolver meu caso.

— Ainda estou empregado? — pergunto, cheio de medo e quase desesperado.

— Telefone daqui a uma hora — diz ele, irritado, e desliga o telefone.

Escrevo um recado e entrego ao rapaz atrás do balcão.

— Você conhece Booker Kane? — pergunto.

— Conheço.

— Ótimo. Ele vai chegar dentro de alguns minutos. Dê isto para ele. Diga que vou voltar dentro de uma hora mais ou menos.

Ele resmunga, mas apanha o papel. Saio da biblioteca, passo rapidamente pela porta da sala de estar, rezando para não ser visto, e corro para o estacionamento, para o meu Toyota. Espero que o carro pegue. Um dos meus mais negros segredos é que devo ainda à companhia financeira quase trezentos dólares por esta lamentável ruína. Não contei nem para Booker. Ele pensa que o carro está pago.

¹ Ivy League — Associação de oito universidades no nordeste do Estados Unidos: Brown, Columbia, Cornell, Dartmouth, Harvard, Princeton, Pennsylvania e Yale. (N. da T.)

² WASP: americano branco, descendente de ingleses ou europeus do Norte, geralmente protestante. De um modo geral, a elite da sociedade americana. (N. da T.)

3

Não é segredo que há advogados demais em Memphis. Isso nos foi dito quando entramos para a faculdade, mais a informação de que a profissão está terrivelmente superlotada não apenas aqui, mas em toda a parte. Que alguns de nós vamos nos matar de estudar durante três anos, lutar para passar no exame final e mesmo assim ficaremos desempregados. Assim, como um favor, nos disseram na orientação do primeiro ano que pelo menos um terço da classe seria reprovada. E foi o que fizeram.

Posso citar pelo menos dez pessoas que vão se formar comigo no próximo mês e que depois da formatura terão muito tempo para estudar para o exame final porque ainda não encontraram trabalho. Sete anos de estudo, e desempregados. Sei também de algumas dezenas de colegas de classe que vão trabalhar como assistentes de defensores públicos, de promotores públicos, e fazer serviço de escritório para juízes mal pagos, os empregos dos quais não nos falaram quando entramos para a faculdade.

Assim, de certo modo fiquei orgulhoso com o meu emprego na Brodnax e Speer, uma firma de verdade. Sim, muitas vezes me senti superior ao lado dos menos talentosos, alguns dos quais estão ainda implorando uma entrevista para emprego. Mas essa arrogância desapareceu de repente. Sinto um nó no estômago enquanto sigo para a cidade. Não há lugar para mim numa firma como a Trent Brent. O Toyota tosse e resmunga como sempre, mas pelo menos está andando.



Procuro analisar a fusão. Há uns dois anos, Trent Brent engoliu uma firma com trinta advogados, e isso foi uma grande notícia na cidade. Para que iam querer a Brodnax e Speer, com quinze homens? Compreendo então que sei muito pouco sobre meu futuro empregador. O velho Brodnax morreu há alguns anos, e seu rosto gorducho foi imortalizado num medonho busto de bronze ao lado da porta principal dos escritórios. Speer é seu genro, há muitos anos divorciado da filha dele. Conheci Speer brevemente, e ele me pareceu uma boa pessoa. Na segunda ou terceira entrevista me

disseram que seus maiores clientes eram duas companhias de seguros e que oitenta por cento da sua prática consistia em defender casos de acidentes de carro.

Talvez a Trent Brent esteja precisando reforçar sua divisão de defesa em casos de acidentes de carro. Quem sabe?

O trânsito está denso na Poplar, mas quase todo na direção contrária. Posso ver os prédios altos do centro. Certamente Loyd Beck, Carson Bell e o resto daqueles caras da Brodnax e Speer não vão concordar em me dar o emprego, vão fazer todo tipo de acordos e de planos, depois cortar minha garganta a favor do dinheiro. Não iriam ser incorporados pela Trent Brent sem proteger seu pessoal, certo?

Há um ano meus colegas de classe, que vão se formar comigo, vêm percorrendo a cidade à procura de trabalho. Não é possível que exista ainda alguma vaga disponível. Nem o menor fragmento de emprego podia ter escapado pelas frestas.

Embora os estacionamentos comecem a esvaziar, paro o carro ilegalmente no outro lado da rua, na frente do prédio de oito andares onde funciona a Brodnax e Speer. Duas quadras adiante fica o prédio do banco, o mais alto da cidade, e é claro que a Trent Brent ocupa a metade do último andar. Do seu alto poleiro, eles podem olhar para baixo com desdém para o resto da cidade. Eu os odeio.

Atravesso a rua correndo e entro do saguão sujo do edifício Powers. Há dois elevadores à esquerda, mas à direita vejo um rosto conhecido. É Richard Spain, um contratado da Brodnax e Speer, um homem realmente amável que me levou para almoçar na minha primeira visita à firma. Está sentado num estreito banco de mármore, olhando para o chão.

— Richard — digo, aproximando-me dele. — Sou eu, Rudy Baylor.

Ele não se move, continua olhando fixamente para o chão. Sento ao seu lado. Os elevadores estão a uns dez metros, bem na nossa frente.

— O que aconteceu, Richard? — pergunto. Ele parece hipnotizado. — Richard, você está bem?

O pequeno saguão está vazio e silencioso. Ele vira a cabeça devagar e olha para mim.

— Eles me despediram — diz, em voz baixa. Os olhos vermelhos indicam que esteve chorando ou bebendo.

Respiro fundo.

— Quem? — pergunto, também em voz baixa, certo da resposta.

— Eles me despediram — repete.

— Richard, por favor, fale comigo. O que está acontecendo

aqui? Quem foi despedido?

— Eles despediram todos os contratados — diz, devagar. — Beck nos chamou à sala de conferência, disse que os sócios concordaram em vender a firma para a Tinley Britt e que não havia mais lugar para os contratados. Assim, sem mais nem menos. Deram-nos uma hora para esvaziar nossas mesas e sair do prédio. — Balança a cabeça estranhamente, de um lado para o outro, enquanto fala, olhando para as portas dos elevadores.

— Assim, sem mais nem menos — digo.

— Você deve estar pensando no seu emprego — diz Richard, ainda olhando para o outro lado do saguão.

— A ideia me passou pela cabeça.

— Aqueles filhos da mãe não querem saber de você. É claro que eu já sabia disso.

— Por que despediram vocês? — pergunto em voz muito baixa. Francamente, pouco me importa terem despedido os contratados, mas tento parecer interessado.

— Trent Brent queria nossos clientes. Para chegar aos clientes, tiveram de comprar os sócios. Nós, os contratados, só estávamos atrapalhando.

— Sinto muito — digo.

— Eu também. Seu nome foi citado durante a reunião. Alguém perguntou, porque você é o único contratado que ia entrar para a firma agora. Beck disse que estava tentando telefonar para dar a má notícia. Você está na rua também, Rudy. Sinto muito.

Abaixo a cabeça e olho para o chão. Minhas mãos estão úmidas de suor.

— Sabe quanto ganhei no ano passado? — pergunta.

— Quanto?

— Oitenta mil. Trabalhei como um escravo durante seis anos, setenta horas por semana, ignorei minha família, derramei meu sangue pela velha Brodnax e Speer, você sabe, e então esses filhos da mãe me dizem que tenho uma hora para esvaziar minha mesa e deixar o escritório. Mandaram até um guarda da segurança me vigiar enquanto eu fazia isso. Eles me pagaram oitenta mil dólares, e faturei duas mil e quinhentas horas e cento e cinquenta; portanto, um total de trezentos e setenta e cinco mil, total bruto, no ano passado. Recompensam-me com oitenta e me dão um relógio de ouro, dizem o quanto sou formidável, que talvez chegue a sócio dentro de uns dois anos, você sabe, a grande família feliz. Então aparece a Trent Brent com seus milhões, e estou desempregado. E você também está, amigo. Sabia disso? Já pensou que perdeu seu primeiro emprego antes mesmo de começar?

Não tenho resposta para isso.

Richard encosta a cabeça no ombro esquerdo e me ignora.

— Oitenta mil. Um bom dinheiro, não acha, Rudy?

— É. — Para mim é uma pequena fortuna.

— De jeito nenhum vou encontrar outro emprego para ganhar tanto dinheiro, sabe? Impossível nesta cidade. Ninguém está empregando. Tem malditos advogados demais.

Não precisa dizer isso para mim.

Enxuga os olhos com os dedos; depois se levanta devagar.

— Tenho de contar para a minha mulher — murmura para si mesmo, atravessa o saguão com os ombros curvados para a frente, sai do prédio e desaparece na rua.

Tomo o elevador para o quarto andar e saio num pequeno hall. No outro lado das portas duplas de vidro, vejo um guarda de segurança enorme e uniformizado perto da mesa da recepcionista. Ele olha para mim com desprezo quando entro na suíte da Brodnax e Speer.

— Posso ajudá-lo? — resmunga o guarda.

— Estou procurando Loyd Beck. — Olho para o corredor atrás dele. O guarda se move para o lado, para bloquear minha visão.

— E quem é você?

— Rudy Baylor.

Apanha um envelope da mesa.

— Isto é para você.

Meu nome está escrito a mão no envelope. Desdobro a única folha de papel. Minhas mãos tremem enquanto leio.

Uma voz fanhosa soa no rádio do guarda, e ele se afasta lentamente.

— Leia a carta e vá embora — diz ele, desaparecendo no corredor.

A carta tem um só parágrafo, de Loyd Beck para mim, dando a notícia gentilmente e me desejando boa sorte. A fusão foi “rápida e inesperada”.

Jogo a carta no chão e procuro outra coisa para jogar também. Tudo está quieto lá dentro. Tenho certeza de que estão todos entocados atrás das portas fechadas esperando que eu e os outros indesejáveis saíamos do prédio. Ao lado da porta há um busto num pedestal, um péssimo trabalho de escultura em bronze do rosto gordo do velho Brodnax, e cuspo nele. O velho nem pisca. Então, enquanto abro a porta, dou um empurrão nele. O pedestal balança e derruba a cabeça.

— Ei! — ruge alguém atrás de mim, e, no momento em que o busto bate na parede de vidro, vejo o guarda correndo na minha direção.

Por uma fração de segundo penso em parar e pedir desculpas,

mas atravesso o hall correndo e abro a porta que dá para a escada. Ela grita outra vez. Desço correndo, meus pés batendo com força nos degraus. Ele é velho e gordo demais para me alcançar.

O saguão está vazio quando entro pela porta ao lado dos elevadores. Ando calmamente para a porta e saio para a rua.



São quase sete horas e começa a escurecer quando paro numa loja de conveniência, seis quadras adiante. Um cartaz pintado a mão anuncia seis latas de cerveja barata por três dólares. Preciso de seis latas de cerveja barata.

Loyd Beck me empregou dois meses atrás, disse que minhas notas eram muito boas, minha redação perfeita, minhas entrevistas tinham ido muito bem, que a opinião unânime no escritório era de que eu servia para eles. Tudo estava uma beleza. Futuro brilhante com a boa e velha Brodnax e Speer.

Então, a Trent Brent acena com alguns dólares, e os sócios saem pela porta dos fundos. Aqueles gananciosos filhos da mãe ganham trezentos mil por ano e querem mais.

Entro na loja e compro a cerveja. Depois dos impostos, tenho quatro dólares e algum trocado no bolso. Minha conta no banco não tem muito mais.

Sento no carro ao lado de uma cabine de telefone e esvazio a primeira lata. Não como nada desde o delicioso almoço com Dot, Buddy, Bosco e Miss Birdie. Acho que eu devia ter comido mais uma porção de gelatina, como Bosco. A cerveja gelada cai no estômago vazio com um zumbido.

Esvazio rapidamente as latas. As horas passam enquanto rodo de carro pelas ruas de Memphis.

Meu apartamento é um dois cômodos funcional e dilapidado no segundo andar de um prédio decadente de tijolos, o Hampton. O aluguel de duzentos e setenta e cinco raramente é pago em dia. Fica a uma quadra de uma rua muito movimentada, a um quilômetro e meio do campus. É o meu lar há quase três anos. Ultimamente tenho pensado muito em fugir durante a noite e depois tentar negociar o pagamento da dívida em parcelas mensais, durante um ano. Até agora esses planos sempre incluíam os elementos emprego e cheque mensal de Brodnax Speer. O Hampton é cheio de estudantes, “prontos” como eu, e o senhorio está acostumado a reclamar os aluguéis atrasados.

O estacionamento está escuro e quieto quando chego, um pouco antes das duas horas. Estaciono perto do depósito de lixo, e, quando desço do carro e fecho a porta, noto um movimento não muito distante. Um homem sai rapidamente do seu carro, bate a porta e caminha diretamente para mim. Fico parado na calçada. Tudo está escuro e silencioso.

— Você é Rudy Baylor? — pergunta ele, com o rosto muito perto do meu. É um caubói típico: botas de ponta fina, Lcvi's apertada, camisa jeans, cabelo muito cortado e barba. Masca chiclete e parece que não tem medo de empurrar e acotovelar.

— Quem é você? — pergunto.

— Você é Rudy Baylor? Sim ou não?

— Sou.

Ele tira uns papéis do bolso traseiro e quase os esfrega no meu rosto.

— Desculpe por isto — diz ele, com sinceridade.

— O que é isso? — pergunto.

— Intimação.

Apanho os papéis sem pressa. Está escuro demais para ler, mas recebo a mensagem.

— Você é um oficial de justiça — digo, arrasado.

— Isso mesmo.

— Texaco?

— Isso aí. E o Hampton. Está sendo despejado.

Se eu estivesse sóbrio, ficaria chocado com a ordem de despejo. Mas já levei choques demais para um dia. Olho para o prédio escuro e sombrio com lixo espalhado na grama e mato nas passagens e me pergunto como aquele lugar patético conseguiu me vencer.

Ele dá um passo atrás.

— Está tudo aí — explica. — Data do julgamento, nomes dos advogados etc. Talvez você possa resolver com alguns telefonemas. Mas não é da minha conta. Só estou fazendo meu trabalho.

Que trabalho! Escondendo-se nas sombras, saltando de surpresa sobre as pessoas, atirando papéis nos rostos delas, dizendo algumas palavras de conselho legal gratuito, e saindo para aterrorizar outras pessoas.

Ele dá alguns passos, para e diz:

— Ah, escute. Sou ex-policial e tenho um rádio no meu carro. Recebi um chamado estranho há algumas horas. Um cara chamado Rudy Baylor quebrou umas coisas num escritório no centro da cidade. A descrição combina com você. Mesma marca e modelo de carro. Não acredito que seja você.

— E se for?

— Não é da minha conta, sabe? Mas os caras estão atrás de você. Destruição de propriedade privada.

— Quer dizer que vão me prender?

— Isso aí. Eu procuraria outro lugar para dormir esta noite.

Ele entra no seu BMW. Fico parado vendo o carro se afastar.



Booker me encontra na portaria do seu bonito duplex. Está de pijama e com um robe estampado, sem chinelos, descalço. Booker pode ser o outro estudante de direito, além de mim, sem dinheiro, contando os dias até começar a trabalhar, mas leva a aparência muito a sério. Não tem muita roupa no *closet*, mas seu guarda-roupa é cuidadosamente selecionado.

— Que diabo está acontecendo? — pergunta ele, irritado, os olhos ainda inchados de sono.

Eu telefonei de uma cabine no Junior Food Mart, na esquina da casa dele.

— Sinto muito — digo, entrando na sala. Vejo Charlene na pequena cozinha, também de robe estampado, o cabelo preso na nuca, os olhos inchados de sono, fazendo café ou coisa parecida. Ouço uma criança gritando no fundo do apartamento. São quase três horas da manhã, e acordei a família toda.

— Sente-se — diz Booker, segurando meu braço e me levando gentilmente para o sofá. — Esteve bebendo.

— Estou bêbado, Booker.

— Algum motivo especial? — Ele está de pé na minha frente, como um pai zangado.

— É uma longa história.

— Você mencionou a polícia.

Charlene põe uma xícara de café quente na mesa ao meu lado.

— Você está bem, Rudy? — perguntou ela com a voz mais doce do mundo.

— Ótimo — respondo, como um verdadeiro idiota.

— Vá ver as crianças — diz Booker, e ela sai da sala.

— Sinto muito — digo outra vez.

Booker senta na ponta da mesa de centro, muito perto de mim, e espera.

Ignoro o café. Minha cabeça está latejando. Conto minha versão dos acontecimentos desde que nos separamos ontem à tarde. Minha língua está grossa e pesada, e por isso falo devagar, concentrando-me na narrativa. Charlene senta na cadeira mais próxima e escuta muito preocupada.

— Desculpe — digo para ela.

— Está tudo bem, Rudy. Tudo bem.

O pai de Charlene é um ministro religioso em algum lugar da área rural do Tennessee, e ela não aprova bebida nem má conduta. Os poucos drinques que tomei com Booker na faculdade foram às escondidas dela.

— Você tomou doze latas? — pergunta ele, incrédulo.

Charlene sai para atender a criança, que começou a chorar outra vez. Termino a história com o oficial de justiça, o processo, o despejo. Foi um dia maravilhoso.

— Preciso arranjar um emprego, Booker — tomo o café.

— No momento, você tem problemas maiores. Nosso exame é daqui a três meses, e depois enfrentaremos a Ordem. Uma prisão e uma condenação podem arruinar sua vida.

Eu não tinha pensado nisso. Minha cabeça está para estourar, martelando loucamente.

— Será que pode me arranjar um sanduíche?

Estou nauseado. Comi um saco de *pretzels* com a segunda bateria de seis latas, mas foi só isso desde o almoço com Bosco e Miss Birdie.

Charlene está na cozinha e ouve meu pedido.

— Que tal bacon com ovos?

— Ótimo, Charlene, obrigado.

Booker está pensando.

— Vou telefonar para Marvin Shankle em algumas horas. Ele pode falar com o irmão, talvez arranje alguma coisa com a polícia. Temos que evitar a prisão.

— Para mim está ótimo. — Marvin Shankle é o advogado negro mais proeminente de Memphis, o futuro patrão de Booker. — Aproveite a ocasião para perguntar se ele tem alguma vaga no escritório dele.

— Certo. Você quer trabalhar numa firma de direito civil só de negros?

— Neste momento, eu aceitaria um lugar numa firma coreana de divórcios. Sem ofensa, Booker. Preciso arranjar um emprego. Estou olhando a falência, homem. Deve haver outros credores por aí de tocaia, nos arbustos, esperando para pular em cima de mim com os papéis. Não posso aguentar. — Deito-me no sofá. O aroma do bacon com ovos que Charlene está fazendo enche o ar da pequena sala.

— Onde estão os papéis? — pergunta Booker.

— No carro.

Ele sai e volta num minuto. Senta numa cadeira e estuda o processo da Texaco e a ordem de despejo. Charlene está ocupada na cozinha e me traz mais café e uma aspirina. São três e meia da manhã. As crianças agora estão quietas. Sinto-me a salvo e aquecido, até mesmo amado.

Minha cabeça começa a rodar, fecho os olhos e adormeço.

Como uma cobra deslizando sorrateira por entre a relva, entrei na faculdade bem depois do meio-dia, horas depois do fim das minhas duas aulas da manhã, Direito Esportivo e Leituras Seleccionadas do Código Napoleônico, que piada!, e me escondi no cantinho remoto do subsolo da biblioteca.

Booker me acordou no sofá com a boa notícia de que havia falado com Marvin Shankle e de que as engrenagens estavam funcionando na cidade. Iam dar um telefonema para certo capitão, ou coisa parecida, e Mr. Shankle estava otimista quanto ao resultado. O irmão de Mr. Shankle é juiz numa das divisões criminais, e, se as acusações puderem ser retiradas, outras providências serão tomadas. Mas não se sabe ainda se a polícia está à minha procura. Booker vai dar alguns telefonemas para me manter informado.

Booker já tem um escritório na firma Shankle. Há dois anos trabalha meio expediente para a firma e aprendeu mais do que qualquer um de nós. Nos intervalos das aulas, ele telefona para uma secretária, trabalha diligentemente com seu caderno de notas e me fala sobre um ou outro cliente. Booker vai ser um grande advogado.

É impossível organizar os pensamentos com uma ressaca. Rabisco algumas notas para mim mesmo no bloco, coisas importantes, como por exemplo: Agora que consegui entrar aqui sem ser visto, o que faço? vou esperar umas duas horas até a faculdade ficar vazia. É tarde de sexta-feira, o período movimentado da semana. Depois saio de mansinho, vou até o escritório de colocações e conto toda a minha desgraça para a diretoria. Se tiver sorte, vai haver alguma agência do governo desprezada por todos os alunos do último ano e que continua a oferecer vinte mil por ano para um brilhante estudante de direito. Ou talvez uma pequena companhia tenha descoberto de repente que precisa de outro advogado permanente. A esta altura, não existem muitas outras possibilidades.

Em Memphis há uma lenda viva chamada Jonathan Lake, um ex-aluno desta faculdade que também não conseguiu emprego nas grandes firmas do centro da cidade. Aconteceu mais ou menos há vinte anos. Rejeitado pelas grandes firmas, Lake alugou uma sala, ergueu uma placa na porta, declarou-se pronto para processar. Passou fome durante alguns meses; então, certa noite, sofreu um acidente com sua moto e acordou com uma perna quebrada no St. Peter, o hospital de caridade. Pouco depois, o leito perto do seu foi

ocupado por um cara, também vítima de acidente de moto. O homem estava todo quebrado e com queimaduras graves. A namorada estava pior ainda e morreu alguns dias depois. Lake e o homem fizeram amizade. Lake se ofereceu para tratar do caso. Acontece que o dono do Jaguar que avançou o sinal e atropelou a moto dos clientes de Lake era um dos sócios mais importantes da terceira maior firma de advocacia da cidade. Era também o mesmo homem que havia entrevistado Lake seis meses atrás. E estava bêbado quando avançou o sinal.

Lake processou o homem com tudo o que tinha. O sócio bêbado da grande firma tinha toneladas de seguros, que a companhia começou imediatamente a jogar em cima de Lake. Todo o mundo queria um acordo discreto. Seis meses depois de passar no último exame, Jonathan Lake entrou com um processo de 2,6 milhões de dólares. Em dinheiro e à vista. Nada de prestações a longo prazo. Dinheiro vivo e na hora.

A lenda conta que, enquanto ainda estava no hospital, o cliente disse a Lake que, uma vez que ele era tão jovem e acabara de se formar, podia ficar com a metade do que conseguisse recuperar. Lake não esqueceu isso. O homem cumpriu a palavra. Lake saiu do caso com 1,3 milhão de dólares, segundo a lenda.

Com 1,3 milhão eu ia para o Caribe, no meu veleiro, tomando ponche de rum.

Mas não Lake. Ele instalou um escritório, cheio de secretárias, paralegais, atendentes e investigadores, e entrou com vontade no negócio de processo judicial. Trabalhava dezoito horas por dia e não tinha medo de processar pessoa alguma por qualquer ato ilegal. Entrou com afinco e logo se tornou o advogado mais quente do Tennessee.

Vinte anos depois, Jonathan Lake ainda trabalha dezoito horas por dia, tem uma firma com onze contratados, nenhum sócio, tem mais casos do que qualquer outro advogado e, segundo a lenda, ganha aproximadamente três milhões de dólares por ano.

E gosta de gastar. É difícil esconder três milhões de dólares em Memphis; portanto, Jonathan Lake é sempre notícia. E sua lenda cresce. A cada ano, um grande número de estudantes entra para a faculdade de direito por causa de Jonathan Lake. Todos com o mesmo sonho. E poucos deixam a faculdade sem um emprego porque não querem nada além de um pequeno cubículo no centro da cidade com seu nome na porta. Querem passar fome e economizar centavos, como Lake.

Desconfio que também andam de moto. Talvez esse seja o meu destino. Talvez ainda haja esperança. Eu e Lake.



Encontro Max Leuberg num péssimo momento. Está ao telefone, falando com as mãos e praguejando como um marinheiro bêbado. Alguma coisa sobre um processo em St. Paul no qual foi intimado a testemunhar. Finjo que estou tomando notas, olho para o chão, tento não ouvir enquanto ele anda de um lado para o outro, furioso, atrás da mesa, puxando o fio do telefone.

Ele desliga.

— Você os pegou pelo pescoço — diz Max rapidamente, apanhando alguma coisa na desordem da sua mesa.

— Quem?

— Great Benefit. Li o dossiê inteiro a noite passada. Um típico caso de fraude de seguro de débito. — Apanha uma pasta num canto e senta com ela na mão. — Sabe o que é seguro de débito?

Acho que sei, mas certamente ele vai querer detalhes.

— Na verdade, não.

— Os negros chamam de “seguro de rua”. Pequenas apólices baratas vendidas de porta em porta para pessoas de baixa renda. Os agentes que vendem as apólices aparecem toda a semana para receber os prêmios e marcam o débito nos talões de pagamento que ficam com os segurados. Procuram pessoas de pouca instrução, e, quando há alguma reivindicação sobre as apólices, as companhias sempre negam o pagamento. Desculpem, mas o seguro não cobre isto ou aquilo. São extremamente criativos quando procuram razões para negar o pagamento.

— Não são processadas?

— Raramente. Os estudos têm demonstrado que somente um caso de má-fé em trinta chega aos tribunais. E claro que as companhias sabem disso e contam com essa certeza. Lembre-se: procuram pessoas da baixa classe, que têm medo de advogados e do sistema legal.

— O que acontece quando são processados? — pergunto.

Ele espanta um inseto com a mão, e duas folhas de papel voam da mesa para o chão.

Leuberg estala violentamente as juntas dos dedos.

— Geralmente, não muita coisa. Tem havido alguns veredictos de indenizações punitivas por todo o país. Estive envolvido em dois ou três. Mas os júris relutam em transformar em milionários gente

simples que compra seguro barato. Pense um pouco. Aqui está o queixoso com, digamos, cinco mil dólares de legítimas contas de tratamento médico. E digamos que a companhia valha duzentos milhões. No julgamento, o advogado do queixoso pede os cinco mil ao júri, além de alguns milhões para punir a companhia faltosa. Raramente funciona. Dão os cinco, mais uns dez mil como punição, e a companhia vence outra vez.

— Mas Donny Ray Black está morrendo. E está morrendo porque não pode fazer o transplante de medula ao qual a apólice lhe dá direito. Estou certo?

Leuberg sorri maliciosamente.

— Sem dúvida está. Supondo que seus pais contaram tudo. Sempre uma suposição muito precária.

— Mas e se tudo estiver aí nesses papéis? — pergunto, apontando para a pasta.

Ele dá de ombros e sorri outra vez.

— Então, é um bom caso. Não grande, mas bom.

— Não compreendo.

— É simples, Rudy. Estamos no Tennessee. A terra dos veredictos de cinco dígitos. Ninguém é condenado a pagar indenizações punitivas. Os jurados são extremamente conservadores. A renda per capita é muito baixa; assim, os jurados têm grande dificuldade para conseguir fazer dos seus vizinhos pessoas ricas. Memphis, especialmente, é um lugar difícil para se conseguir um veredicto decente.

Aposto que Jonathan Lake conseguiria. E talvez me desse uma pequena parte se eu levasse o caso para ele. Apesar da ressaca, as engrenagens estão trabalhando na minha cabeça.

— Então, o que faço?

— Processe os filhos da mãe.

— Não tenho ainda licença para advogar.

— Não você. Mande essa gente para algum bom advogado da cidade. Dê alguns telefonemas recomendando-os, converse com o advogado. Escreva um relatório de duas páginas para Smoot, e para você acabou. — Ele se levanta de um salto quando o telefone toca e empurra a pasta na minha direção, sobre a mesa. — Aí tem uma lista de três dúzias de casos de má-fé que você deve ler, se estiver interessado.

— Obrigado.

Balança a mão, dispensando-me. Quando saio do escritório, Max Leuberg está berrando ao telefone.



A faculdade de direito me ensinou a detestar pesquisa. Há três anos vivo neste lugar, e pelo menos metade dessas horas dolorosas foram passadas consultando velhos livros muito usados, à procura de casos antigos apoiados em teorias legais primitivas que há décadas não são lembradas por nenhum advogado sensato. Adoram nos mandar sair à caça desses tesouros. Quase todos os professores, que estão lecionando porque não conseguem viver no mundo real, acham que é muito bom para nós descobrir casos obscuros, passá-los para relatórios sem sentido a fim de ganharmos as notas que nos darão entrada para a profissão de direito como jovens advogados eruditos.

Isso acontece especialmente nos dois primeiros anos. Agora, não tanto. E talvez essa forma de treinamento tenha um método na sua loucura. Já ouvi milhares de histórias sobre as grandes firmas e seu sistema de escravizar os recrutas inexperientes obrigando-os a trabalhar na biblioteca durante anos para redigir dossiês e memorandos sobre julgamentos.

Todos os relógios param quando se faz pesquisa legal com uma ressaca. A dor de cabeça aumenta. As mãos continuam a tremer. No fim da tarde, Booker me encontra no meu pequeno esconderijo com uma dúzia de livros abertos espalhados na mesa. Toda a lista dos casos que devem ser lidos, dada por Leuberg.

— Como vai você? — pergunta.

Booker está de paletó e gravata e sem dúvida está vindo do escritório, onde atendeu telefonemas e usou o ditafone como um advogado de verdade.

— Estou bem.

Ele ajoelha ao meu lado e olha para os livros.

— O que é isto? — pergunta.

— Não é para o exame. Só uma pesquisa para a aula de Smoot.

— Você nunca fez pesquisa para a aula de Smoot.

— Eu sei. Estou me sentindo culpado.

Booker se levanta e encosta num dos lados do meu cubículo.

— Duas coisas — diz, quase num sussurro. — Mr. Shankle acha que o pequeno incidente na Brodnax e Speer já está resolvido. Deu alguns telefonemas, e lhe garantiram que as supostas vítimas não querem registrar queixa.

— Ótimo — digo — Muito obrigado, Booker.

— Não tem de quê. Acho que agora você já pode se aventurar lá fora. Isto é, se puder deixar essa pesquisa.

— Vou tentar.

— Segunda. Tive uma longa conversa com Mr. Shankle. Acabo de sair do escritório dele. Bem, não tem nenhuma vaga no momento. Ele está com três novos contratados, eu e mais dois de Washington, e nem sabe ainda onde vão ficar. Está procurando um escritório maior.

— Você não precisava fazer isso, Booker.

— Não. Eu quis fazer. Não é nada. Mr. Shankle prometeu investigar, sacudir os arbustos, você sabe. Ele conhece muita gente. Estou tão comovido, que nem posso falar. Vinte e quatro horas atrás, eu tinha a promessa de um bom emprego com um belo cheque. Agora, pessoas que não conheço estão usando sua influência para encontrar um emprego qualquer para mim.

— Obrigado — digo, mordendo o lábio e olhando para meus dedos.

Booker consulta o relógio.

— Tenho que ir. Quer estudar de manhã para o exame?

— Claro.

— Eu telefono.

Bate de leve no meu ombro e vai embora.



Exatamente às dez para as cinco, subo para o andar térreo e saio da biblioteca. Não estou mais procurando policiais nem com medo de enfrentar Sara Plankmore, nem mesmo preocupado com outros oficiais de justiça. E praticamente não estou com medo de confrontos desagradáveis com vários dos meus colegas. Todos já se foram. E sexta-feira, e a faculdade de direito está deserta.

O escritório de colocações fica no térreo, perto da frente do prédio onde funciona a administração. Olho rapidamente, de passagem, para o quadro de avisos no corredor. Normalmente está cheio de ofertas de empregos em potencial — firmas grandes, firmas médias, advogados que trabalham por conta própria, companhias privadas, agências do governo. Um rápido olhar me diz o que eu já sei. Não há nenhuma nota no quadro. Nesta época do ano o mercado de trabalho não funciona.

Madeline Skinner dirige a divisão de colocações há algumas décadas. Uns dizem que está para se aposentar, mas outros dizem que ela ameaça todos os anos para conseguir alguma coisa do diretor da faculdade. Madeline tem sessenta anos e parece ter setenta. É uma mulher muito magra, cabelo curto grisalho, um labirinto de rugas em volta dos olhos e um cigarro sempre aceso no cinzeiro. Dizem que fuma quatro maços por dia, o que é estranho porque agora é proibido fumar na faculdade, mas ninguém tem coragem de dizer isso a Madeline. Tem muita força porque é quem traz as pessoas que oferecem empregos. Se não houvesse empregos, não haveria a faculdade.

E é muito boa no que faz. Conhece as pessoas certas nas firmas certas. Já encontrou muitos empregos para as mesmas pessoas que estão agora recrutando para suas firmas, e ela é brutal. Se um graduado da Universidade Estadual de Memphis está encarregado de recrutar para uma grande firma e a grande firma dá preferência aos que se formam na Ivy League, não aos da nossa faculdade, Madeline telefona para o presidente da universidade e registra oficialmente uma queixa. O presidente visita as grandes firmas do centro da cidade, almoça com os sócios e conserta o desequilíbrio na demanda. Madeline sabe de cada vaga que aparece em Memphis e sabe exatamente quem pode preencher cada uma.

Mas seu trabalho está ficando mais difícil. Muita gente com diploma de advogado. E isto não é a Ivy League.

Ela está em pé ao lado do bebedouro, vigiando a porta, como se estivesse à minha espera.

— Olá, Rudy — diz ela com sua voz grave. Está sozinha, todos já saíram. Tem um copo com água numa das mãos e um cigarro na outra.

— Oi — digo, com um sorriso, como se fosse o cara mais feliz do mundo.

Ela aponta com o copo para a porta do escritório.

— Vamos conversar lá dentro.

— Claro. — Entro com ela.

Madeline fecha a porta e indica a cadeira com uma inclinação de cabeça. Sento obedientemente, e ela senta na ponta da cadeira, no outro lado da mesa.

— Dia duro, não foi? — diz ela, como se soubesse de tudo o que me aconteceu nas últimas vinte e quatro horas.

— Já tive melhores.

— Falei com Loyd Beck esta manhã — diz ela, falando devagar. Eu esperava que ele estivesse morto.

— E o que ele disse? — pergunto, tentando ser arrogante.

— Bem, eu soube da fusão ontem à noite e fiquei preocupada

com você. É o único que ia ser contratado pela Brodnax e Speer, e por isso fiquei ansiosa para saber o que ia acontecer com você.

— E então?

— A fusão aconteceu muito depressa, oportunidade de ouro etc.

— A mesma conversa que jogaram para cima de mim.

— Então perguntei quando o tinham informado sobre a fusão, e ele desconversou, dizendo que um contratado tentou falar com você umas duas vezes, mas seu telefone estava desligado.

— Está desligado há quatro dias.

— Então, perguntei se ele podia me mandar um fax com toda a correspondência trocada entre a Brodnax e Speer e você, Rudy Baylor, a respeito da fusão e do seu papel quando fosse efetivada.

— Não existe nenhuma.

— Eu sei. Ele admitiu isso. Resumindo, não fizeram coisa alguma antes de a fusão ser efetivada.

— Exatamente. Nada. — É bastante confortável ter Madeline do meu lado.

— Então expliquei a ele, detalhadamente, como arruinaram a vida de um dos nossos alunos, e tivemos uma verdadeira briga de gatos pelo telefone.

Não posso conter um sorriso. Sei quem venceu a luta. Ela continua.

— Beck jura que queriam ficar com você. Não sei se acredito nisso, mas expliquei que deviam ter conversado a respeito com você muito antes. Você é um estudante agora, quase formado, quase um contratado, não um objeto. Eu disse que sei que a firma deles é uma casa de trabalho escravo, mas expliquei que a escravidão já acabou. Ele não podia simplesmente aceitar ou rejeitar você, transferir ou conservá-lo, proteger ou maltratar.

É assim que se fala. Exatamente o que eu acho.

— Quando acabou a briga, fui falar com o deão. Ele telefonou para Donald Hucek, o sócio-diretor da Tinley Britt. Eles trocaram alguns telefonemas, e Hucek ligou para mim com a mesma conversa: Beck queria ficar com você, mas você não está de acordo com os padrões para os novos contratados da Tinley Britt. O deão não ficou convencido, e Hucek prometeu ler novamente seu currículo e suas transcrições.

— Não há lugar para mim na Tinley Britt — digo, como um homem com várias opções.

— Hucek também pensa assim. Disse que Tinley Britt não vai aceitá-lo.

— Ótimo — digo, porque não consigo pensar em nada mais inteligente. Mas não preciso: ela sabe que estou aqui, sentado sofrendo.

— Temos pouca influência na Tinley Britt. Eles contrataram só cinco dos nossos alunos nos últimos três anos. Cresceram tanto, que não podemos forçá-los a nada. Francamente, eu não gostaria de trabalhar lá.

Está tentando me consolar, me fazer sentir como se fosse uma boa coisa não ser aceito. Quem precisa da Trent Brent e seus salários iniciais de cinquenta mil por ano?

— Então, o que sobrou para mim?

— Não muita coisa — diz rapidamente. — Na verdade, nada. — Consulta algumas notas. — Telefonei para todos os que conheço. Havia uma vaga de assistente de defensor público, meio expediente, doze mil por ano, mas foi preenchida há dois dias. Indiquei Hall Pasterini. Você chegou a conhecer o Hall? Que Deus o abençoe. Finalmente conseguiu um emprego.

Acho que muita gente está me abençoando neste momento.

— Tenho umas duas vagas para advogado residente de duas companhias, mas exigem que já tenha feito exame final.

O exame é em julho. Praticamente todas as firmas contratam os novos advogados logo depois da formatura, pagam a eles, preparam-nos para o exame da ordem, e eles já estão no meio da corrida quando passam na prova.

Ela põe o bloco de notas na mesa.

— Vou continuar procurando, está bem? Talvez apareça alguma coisa.

— O que devo fazer?

— Comece a bater às portas. Há três mil advogados nesta cidade, muitos têm escritório próprio ou trabalham em duas ou três firmas. Não procuram recrutas aqui; por isso não os conheço. Vá procurá-los. Eu começaria com os pequenos grupos, dois, três, talvez quatro advogados juntos. Ofereça-se para trabalhar nos arquivos de peixe, fazer as coleções...

— Arquivos de peixe?

— Sim. Todo advogado tem uma porção desses arquivos. Eles os guardam num canto, e, quanto mais velhos, mais fedem. São os casos que os advogados queriam nunca ter aceito.

Quanta coisa não nos ensinam na faculdade.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro. Qualquer coisa.

— Este conselho que você está me dando, sobre bater às portas, quantas vezes já repetiu nos últimos três meses?

Ela sorri, fica séria e consulta um impresso de computador.

— Temos cerca de quinze advogados formados ainda à procura de emprego.

— Então, estão lá fora, vasculhando as ruas, neste momento?

— Provavelmente. Na verdade, é difícil dizer. Alguns têm outros planos, que não cantam para mim.

Passa das cinco horas, e ela quer ir para casa.

— Obrigado, senhora Skinner. Por tudo. É bom saber que alguém se importa.

— Vou continuar procurando. Prometo. Volte na semana que vem.

— Vou voltar. Obrigado.

Volto sem ser notado para meu refúgio no subsolo.

A casa de Miss Birdsong fica em Midtown, na parte mais antiga e mais rica da cidade, a uns três quilômetros da faculdade de direito. A rua é ladeada por antigos carvalhos e parece isolada. Algumas casas são muito belas, com gramados bem tratados e carros de luxo cintilando na frente. Outras parecem quase abandonadas, e espiam sinistramente entre as árvores não-podadas e arbustos silvestres crescidos demais. Outras, ainda, estão entre as primeiras e as segundas. A de Miss Birdie é de pedra branca, vitoriana, fim de século, com uma varanda larga que desaparece num dos lados. Precisa de uma pintura, novo telhado e um jardineiro. As janelas são estreitas, e as calhas estão cheias de folhas secas, mas evidentemente alguém mora nela e tenta conservá-la da melhor forma possível. A entrada da rua até a casa é ladeada por arbustos não-aparados. Estaciono atrás de um Cadillac sujo, que deve ter uns dez anos.

O assoalho da varanda estala quando paro na porta, olhando para todos os lados, esperando ver um cachorro enorme de dentes grandes e afiados. É tarde, quase noite, e a varanda está escura. Pela pesada porta de madeira aberta vejo o pequeno hall de entrada. Não encontro a campainha, e por isso bato levemente na porta de tela, que balança, solta. Prendo a respiração: e não ouço nenhum latido de cachorro.

Nenhum ruído, nenhum movimento. Bato com mais força.

— Quem é? — pergunta uma voz familiar.

— Miss Birdie?

Vejo um vulto no hall, uma luz é acesa, e lá está ela, com o mesmo vestido de algodão que usava ontem no Prédio dos Cidadãos Idosos Cypress Gardens. Ela olha para a porta.

— Sou eu. Rudy Baylor. O estudante de direito com quem falou ontem.

— Rudy?

Está encantada com a minha visita. Meu embarço inicial dá lugar à tristeza. Ela mora sozinha nesta casa monstruosa e está convencida de que a família a abandonou. O ponto alto de seu dia é tomar conta daquelas pessoas abandonadas que se reúnem para almoçar e para uma ou duas canções. Miss Birdsong é uma pessoa muito solitária.

Ela se apressa em abrir a porta de tela.

— Entre, entre — diz, sem o menor sinal de curiosidade.

Com a mão no meu cotovelo, conduz-me por um corredor,

acendendo as luzes na passagem. As paredes são cobertas por dezenas de retratos de família. Os tapetes são empoeirados e puídos. O cheiro é de mofo e umidade, uma casa velha que precisa de uma boa faxina e de uma reforma.

— Quanta gentileza sua me visitar — diz ela docemente, ainda segurando meu braço. — Você se divertiu ontem?

— Sim, senhora.

— Vai nos visitar outra vez?

— Mal posso esperar.

Ela me estaciona na mesa da cozinha.

— Café ou chá? — pergunta, andando para os armários e acendendo as luzes.

— Café. — Olho em volta.

— Que tal instantâneo?

— Está ótimo.

Depois de três anos na faculdade, não noto mais diferença entre instantâneo e o verdadeiro.

— Creme ou açúcar? — Ela abre a geladeira.

— Puro.

Ela põe a água no fogo, apanha as xícaras e senta de frente para mim, com um sorriso de orelha a orelha. Iluminei o seu dia.

— Estou encantada por ver você — diz, pela terceira ou quarta vez.

— Tem uma bela casa, Miss Birdie. — Respiro o ar com cheiro de mofo.

— Ora, obrigada. Thomas e eu a compramos há cinquenta anos.

As panelas, a pia e as torneiras, o fogão e a torradeira têm no mínimo quarenta anos. A geladeira é provavelmente dos anos 60.

— Thomas morreu há onze anos. Criamos nossos dois filhos nesta casa, mas prefiro não falar neles. — A alegria desaparece do seu rosto por um instante, e logo ela volta a sorrir.

— Certo. Eu compreendo.

— Vamos falar de você.

Um assunto que prefiro evitar.

— Sim, por que não? — Preparo-me para as perguntas.

— De onde você é?

— Nasci aqui, mas cresci em Knoxville.

— Muito bom. E onde estudou?

— Austin Peay.

— Aunstinquê?

— Austin Peay. É uma pequena escola em Clarksville. Mantida pelo Estado.

— Muito bom. Por que escolheu a faculdade de direito da Memphis State?

— É uma boa faculdade; além disso, gosto de Memphis. — Na verdade, há duas outras razões. A Memphis State me aceitou, e eu podia pagar.

— Muito bom. Quando vai se formar?

— Dentro de poucas semanas.

— E então será um advogado de verdade. Muito bom. Onde vai trabalhar?

— Bem, não tenho certeza. Ultimamente tenho pensado muito em abrir meu escritório. Sou muito independente, e não sei se posso trabalhar para alguém. Eu gostaria de praticar a profissão ao meu modo.

Ela olha para mim. O sorriso desapareceu. Os olhos fixam os meus. Está intrigada.

— Isso é maravilhoso — diz, finalmente; depois levanta-se de um salto para preparar o café.

Se esta doce e pequena senhora vale milhões, ela está escondendo isso muito bem. A mesa tem pernas de alumínio e tampo de fórmica. Cada objeto dentro da cozinha foi comprado há décadas. Ela vive numa casa semiabandonada e tem um carro velho. Aparentemente não tem empregados. Nem um cãozinho de estimação.

— Muito bom — repete ela, pondo as duas xícaras na mesa.

Não vejo nenhuma fumaça saindo delas. A minha está levemente morna. O café é fraco e velho.

— Bom café — digo, estalando os lábios.

— Obrigada. Então, vai abrir seu próprio escritório de advocacia?

— Estou pensando nisso. Vai ser difícil, a senhora sabe, durante algum tempo. Mas, se eu trabalhar bastante, tratar bem as pessoas, não precisarei me preocupar em atrair clientes.

Com um sorriso sincero, ela balança a cabeça lentamente.

— Ora, isso é simplesmente maravilhoso, Rudy. Muito corajoso. Acho que a profissão precisa de mais alguns como você.

É a última coisa de que a profissão precisa — outro abutre faminto solto nas ruas, catando processos, tentando fazer com que as coisas aconteçam para poder extorquir alguns dólares de clientes sem dinheiro.

— Deve estar imaginando por que estou aqui — digo, tomando um gole de café.

— Estou tão feliz porque veio!

— Sim, bem, é ótimo vê-la outra vez. Mas eu queria falar sobre seu testamento. Quase não dormi a noite passada preocupado com seus bens.

Os olhos dela ficam cheios de lágrimas. Está comovida.

— Certos pontos me preocupam — explico, com minha expressão favorita, franzindo a testa. Tiro a caneta do bolso e a seguro como se estivesse pronto para entrar em ação. — Em primeiro lugar, e quero que me perdoe por dizer isso, na verdade me preocupa muito ver a senhora ou qualquer outro cliente tomar medidas tão drásticas contra a família. Acho que devemos conversar demoradamente sobre isso. — Ela aperta os lábios, mas não diz nada. — Segundo, e outra vez quero que me perdoe, eu não poderia viver comigo mesmo, como advogado, se não dissesse isso, para mim é um problema redigir um testamento ou qualquer outro instrumento que deixe a maior parte dos bens para uma personalidade da televisão.

— Ele é um homem de Deus — defende ela enfaticamente a honra do reverendo Kenneth Chandler.

— Eu sei. Ótimo. Mas por que dar tudo a ele, Miss Birdie? Por que não vinte e cinco por cento, a senhora sabe, uma quantia razoável?

— Ele tem uma grande despesa obrigatória. E seu jato está ficando velho. Ele me explicou tudo isso.

— Tudo bem, mas o Senhor não espera que a senhora financie a obra do reverendo, espera?

— O que o Senhor me diz é assunto privado, muito obrigada.

— É claro. O que quero dizer, e tenho certeza de que a senhora sabe, é que muitos desses homens já caíram dos seus pedestais, Miss Birdie. Foram apanhados com mulheres que não são as suas. Foram apanhados gastando milhões numa vida luxuosa: casas, carros, férias, roupas caras. Muitos deles são ladrões.

— Ele não é um ladrão.

— Eu não disse que era.

— O que está insinuando?

— Nada. — Tomo um longo gole de café. Ela não está zangada ainda, mas não vai demorar. — Estou aqui como seu advogado, Miss Birdie, isso é tudo. A senhora me pediu que preparasse seu testamento, e é meu dever me preocupar com tudo o que diz respeito a ele. Tomo muito a sério essa responsabilidade.

As rugas em volta da boca relaxam e os olhos ficam doces outra vez.

— Isso é ótimo — diz.

Suponho que a maior parte das pessoas ricas, como Miss Birdie, especialmente as que sofreram durante a depressão e ganharam o dinheiro com o próprio trabalho, guardam suas fortunas cuidadosamente com contadores, advogados e banqueiros pouco amistosos. Mas não Miss Birdie. Ela é ingênua e confiante como uma pobre viúva pensionista do Estado.

— Ele precisa do dinheiro — diz ela, tomando um pouco de café e olhando para mim com desconfiança.

— Podemos falar sobre o dinheiro?

— Por que vocês advogados sempre querem falar sobre dinheiro?

— Por uma boa razão, Miss Birdie: se não tiver cuidado, o governo toma uma boa parte dos seus bens. Certas coisas podem ser feitas com o dinheiro agora, um planejamento cuidadoso, e podemos evitar uma porção de impostos.

Isso a deixa frustrada.

— Toda essa lengalenga legal.

— Para isso estou aqui, Miss Birdie.

— Imagino que vai querer seu nome em algum lugar do testamento — diz ela, ainda zangada com a lei.

— É claro que não — tento parecer chocado, ao mesmo tempo disfarçando a surpresa por ter sido descoberto.

— Os advogados estão sempre tentando pôr seus nomes nos meus testamentos.

— Sinto muito, Miss Birdie. Existem muitos advogados desonestos.

— Foi isso que o reverendo Chandler disse.

— Tenho certeza de que ele disse. Escute: não quero saber de todos os detalhes, mas pode me dizer se o dinheiro está em bens imóveis, ações, em dinheiro ou em outros investimentos? É muito importante para fins de planejamento saber onde está o dinheiro.

— Está todo num lugar.

— Muito bem. Onde?

— Atlanta.

— Atlanta?

— Sim. É uma longa história, Rudy.

Ao contrário da nossa conferência de ontem, Miss Birdie não está pressionada pelo tempo. Ela não tem outras responsabilidades. Bosco não está por perto. Não precisa supervisionar a limpeza da cozinha e da sala, não tem de ser juiz em nenhum jogo de tabuleiro.

Assim, ela gira a xícara de café entre os dedos e medita sobre tudo isso, olhando para a mesa.

— Na verdade, ninguém sabe disso — diz, em voz muito baixa, as dentaduras estalando uma ou duas vezes. — Pelo menos, ninguém aqui em Memphis.

— Por que não? — pergunto, talvez um pouco ansioso demais.

— Meus filhos não sabem.

— Não sabem do dinheiro? — pergunto, incrédulo.

— Bem, sabem sobre uma parte. Thomas trabalhou duro, e economizamos bastante. Quando morreu, há onze anos, me deixou

cerca de cem mil dólares em economias. Meus filhos e especialmente as mulheres deles pensam que agora devem valer cinco vezes mais. Mas não sabem nada sobre Atlanta. Quer mais café? — Já está de pé.

— Claro.

Leva minha xícara, põe um pouco mais de meia colher de chá de pó, mais água morna e volta para a mesa. Mexo com a colher como na expectativa de um exótico cappuccino.

Nossos olhos se encontram, os meus cheios de simpatia.

— Escute, Miss Birdie: se isto é muito doloroso, podemos deixar os detalhes. A senhora sabe, tratar só dos pontos mais importantes.

— É uma fortuna. Por que seria doloroso? Bem, é exatamente o que eu estava pensando.

— Ótimo. Então me diga, em termos gerais, como o dinheiro está investido. Interessa-me especialmente toda a parte de imóveis. — Isso é verdade. Dinheiro e outros investimentos geralmente são liquidados em primeiro lugar para pagar os impostos. Os imóveis são usados como último recurso. Assim, minha pergunta é mais do que pura curiosidade.

— Eu nunca falei a ninguém sobre o dinheiro — diz, sempre em voz muito baixa.

— Mas ontem me disse que falou com Kenneth Chandler. Na longa pausa, ela gira a xícara sobre a mesa de fórmica.

— Sim, acho que falei. Mas acho que não contei tudo a ele. Posso ter mentido um pouco. Tenho certeza de que não disse de onde vem.

— Muito bem. De onde vem?

— Do meu segundo marido.

— Seu segundo marido?

— Isso mesmo, Tony.

— Thomas e Tony?

— É. Uns dois anos depois da morte de Thomas, casei com Tony. Ele era de Atlanta, estava de passagem por Memphis quando nos conhecemos. Vivemos juntos, com intervalos, durante cinco anos, brigando o tempo todo, e então voltou para a casa dele. Era um parasita atrás de dinheiro.

— Não estou entendendo. Pensei ter ouvido que o dinheiro veio de Tony.

— Veio, só que ele não sabe. É uma longa história. Havia algumas heranças e outras coisas que Tony não sabia e eu também não. Ele tinha um irmão rico que era louco; na verdade, a família inteira era louca, e um pouco antes de morrer Tony herdou uma fortuna do irmão maluco. Quero dizer, dois dias antes de Tony esticar as canelas, o irmão morreu na Flórida. Tony morreu sem

testamento, nada além de uma esposa. Eu. Então os advogados de Atlanta entraram em contato comigo e me disseram que, de acordo com a lei da Georgia, eu valia agora muito dinheiro.

— Quanto?

— Muito mais do que Thomas me deixou. Bem, eu nunca contei para ninguém. Até agora. Não vai contar, vai, Rudy?

— Miss Birdie, como seu advogado não posso contar. Fazemos juramento de silêncio. É chamado privilégio advogado-cliente.

— Isso é ótimo.

— Por que não contou ao seu último advogado?

— Ora, na verdade eu não confiava nele. Só dei as quantias das doações, mas não disse muita coisa mais. Assim que ficou sabendo que eu estava cheia do dinheiro, quis que seu nome figurasse em algum lugar do testamento.

— Mas nunca contou tudo a ele?

— Nunca.

— Não disse quanto dinheiro tem?

— Não.

Se meus cálculos estão certos, o antigo testamento continha um total de pelo menos vinte milhões. Então o advogado sabia pelo menos disso, uma vez que preparou o testamento. A pergunta óbvia neste caso é quanto exatamente esta preciosa mulher possui.

— Vai me dizer quanto tem?

— Talvez amanhã, Rudy. Talvez amanhã.

Saímos para o pátio nos fundos da casa. Ela quer me mostrar a nova fonte ao lado das roseiras. Admiro a fonte com embevecimento.

Agora compreendo. Miss Birdie é uma mulher idosa e rica, mas não quer que ninguém o saiba, especialmente a família. Sempre viveu confortavelmente e agora não provoca suspeitas como uma viúva de oitenta anos que vive das suas economias, mais do que adequadas.

Sentamos nos bancos ornamentais de ferro, tomando café frio, no escuro, até eu encontrar uma série de desculpas que justifiquem minha escapada.



Para manter este meu abastado estilo de vida, nos últimos três anos trabalhei como *bartender* e garçom no Yogi's, um lugar

frequentado por estudantes, perto do campus. É famoso por seus deliciosos hambúrgueres com cebola e pela cerveja verde no dia de São Patrício. É um lugar barulhento onde o intervalo entre o almoço e a hora de fechar é uma prolongada *happy hour*. Jarras de cerveja leve e aguada custam um dólar durante os jogos de “Futebol da Noite de Segunda-feira”, dois dólares durante qualquer outro evento.

O dono é Prince Thomas, um excêntrico com rabo de cavalo, um corpo enorme e um ego maior ainda. Prince é um dos melhores atores teatrais da cidade, um verdadeiro empresário que gosta de aparecer nas fotos dos jornais e nos noticiários da TV. Organiza competições de bebida e de camisetas molhadas. Pediu à prefeitura autorização para que lugares como o seu fiquem abertos a noite toda. A prefeitura, como resposta, o processou por vários pecados. Ele adora isso. Invente um vício qualquer, que ele organiza um grupo e tenta legalizá-lo.

O bar de Prince não tem muitas regras. Nós, os empregados, trabalhamos no horário que nos convém, ficamos com as gorjetas, e ele dirige o espetáculo sem muita supervisão. Não que seja complicado. Se tiver bastante cerveja nos barris e bastante carne moída na cozinha, o lugar funciona com precisão surpreendente. Prince prefere se encarregar da fachada. Gosta de receber estudantes bonitas e levá-las até a mesa. Paquera todas e em geral faz papel de bobo. Gosta de sentar a uma mesa ao lado da grande televisão e apostar nos jogos. É um homem grande, de braços grossos, e ocasionalmente acaba com as brigas de bar.

Prince tem um lado mais escuro. Dizem que está envolvido no negócio de prostituição. Os clubes de topless constituem uma indústria muito proveitosa na cidade, e seus supostos sócios têm fichas criminais. Os jornais já noticiaram. Prince já foi julgado duas vezes por jogo, por ser corretor de apostas, mas nas duas vezes os jurados terminaram empatados. Depois de trabalhar três anos para ele, estou convencido de duas coisas. Primeira, Prince trabalha com caixa dois para todos os recibos do Yogi's. Calculo que o bar deve render pelo menos dois mil por semana, cem mil por ano. Segundo, Prince está usando o Yogi's como fachada para seu pequeno império corrupto. Ele lava o dinheiro atrás do bar e declara cada ano uma quantia menor para o imposto de renda. Tem um escritório no subsolo, uma sala segura e sem janelas, onde se reúne com seus cúmplices.

Eu não ligo a mínima. Ele tem sido bom para mim. Ganho cinco dólares por hora e trabalho cerca de vinte horas por semana. Nossos fregueses são estudantes, as gorjetas são pequenas. Posso mudar meu horário durante as provas. Pelo menos cinco estudantes

aparecem diariamente no Yogi's à procura de emprego; portanto, sinto-me feliz por trabalhar aqui.

E, além de tudo, o Yogi's é um grande ponto de reunião dos estudantes. Há alguns anos Prince o decorou em tons de azul e cinza, as cores do estado de Memphis, e há flâmulas dos times e fotos emolduradas dos astros do esporte em todas as paredes. Os Tigres por toda a parte. Fica perto do campus, e os estudantes passam horas conversando, rindo, paquerando.

Esta noite ele está assistindo a um jogo. A temporada de beisebol mal começou, mas Prince já está convencido de que os Braves estão na Série. Ele aposta em qualquer coisa, mas seus favoritos são os Braves. Não importa quem esteja jogando, nem onde, quem esteja lançando, quem tenha se machucado, Prince sempre aposta nos Braves.

Esta noite estou encarregado do bar e minha tarefa principal nessa condição é providenciar para que o copo de Prince esteja sempre cheio de rum e tônica. Ele grita quando Dave Justice consegue um perfeito *home run*. Depois, recebe o dinheiro do estudante de uma fraternidade. A aposta foi em torno de quem ia conseguir o primeiro *home run*: Dave Justice ou Barry Bonds. Já vi Prince apostar se o primeiro lançamento no segundo jogo do terceiro *inning* ia ser uma bola ou um *strike*.

Ainda bem que não estou servindo as mesas esta noite. Minha cabeça dói ainda e preciso me mover o menos possível. Além disso, posso tirar uma ou outra cerveja da geladeira, da boa, em garrafa verde, Heineken e Moosehead. Prince espera que seus *bartenders* façam isso.

Vou sentir falta deste trabalho. Será que vou?

Uma das mesas na frente está cheia de estudantes de direito, rostos familiares que prefiro evitar. São meus pares, alunos do terceiro ano, provavelmente todos com empregos garantidos.

É bom ser *bartender* ou garçom quando se está nos primeiros anos da faculdade. Trabalhar no Yogi's nos dá até algum prestígio. Mas esse prestígio desaparece dentro de um mês depois que nos formamos. Então vou me tornar algo muito pior do que um estudante que luta para viver. Serei uma casualidade, uma estatística, outro estudante de direito que despencou pelas frestas da profissão.

Francamente, não me lembro dos critérios que formulei e depois usei para escolher o escritório de advocacia de Aubrey H. Long e Associados como minha provável primeira tentativa, mas acho que teve algo a ver com o anúncio bonito e discreto nas páginas amarelas. O anúncio tinha uma foto em preto e branco de Mr. Long. Os advogados estão ficando quase como os quiropráticos, que pregam suas fotos em toda a parte. Ele parecia um cara severo, mais ou menos quarenta anos, belo sorriso, contrastado com a maioria das fotos da seção de promotores. Sua firma tem quatro advogados, é especializada em acidentes de carro, procura a justiça em todas as ruas e estradas, e casos de seguro, luta por seus clientes e só aceita pagamento quando a vítima recebe a indenização.

Que diabo! Tenho de começar em algum lugar. Encontro o endereço do anúncio num prédio de tijolos, pequeno, quadrado, muito feio, com um estacionamento gratuito ao lado. O estacionamento gratuito é mencionado nas páginas amarelas. Uma campainha toca quando empurro a porta. Uma mulher pequenina e atarracada atrás de uma mesa atulhada de papéis me recebe com um misto de desdém e zanga. Eu a fiz parar de escrever a máquina.

— Posso ajudá-lo? — pergunta, os dedos grossos pairando a poucos milímetros do teclado.

Diabo, isto é difícil. Com esforço consigo sorrir.

— Sim, eu estava pensando se por acaso poderia falar com Mr. Long.

— Ele está no tribunal federal. — Dois dedos batem nas teclas. Uma pequena palavra aparece no papel.

Não apenas tribunal, mas o tribunal federal, que significa gente importante; quando um advogado comum como Aubrey Long tem um caso no tribunal federal, quer que todos fiquem sabendo. A secretária é orientada para espalhar a notícia.

— Posso ajudá-lo? — repete.

Resolvi ser brutalmente franco. A fraude e a desonestidade podem esperar, mas não por muito tempo.

— Sim. Meu nome é Rudy Baylor. Estou no terceiro ano da faculdade de direito da Memphis State, prestes a me formar, e queria, bem, estou procurando trabalho.

Agora é só desdém, completo e absoluto. Ela tira a mão do teclado, gira a cadeira para ficar de frente para mim e começa a balançar a cabeça devagar.

— Não estamos empregando ninguém — diz, com certa

satisfação, como um supervisor de uma refinaria.

— Compreendo. Posso deixar meu currículo e uma carta para Mr. Long?

Ela apanha os papéis com as pontas dos dedos, como se estivessem ensopados de urina e os deixa cair na mesa.

— Vou deixar com todos os outros.

Sou obrigado a uma risada abafada e forçada.

— Tem uma porção de nós por aí, certo?

— Mais ou menos um por dia.

— Ora, tudo bem. Desculpe o incômodo.

— Sem problema — rosna ela, voltando para a máquina.

Começa a escrever furiosamente quando me volto para sair.

Tenho uma porção de cartas e de currículos. Passei o fim de semana organizando meus papéis e planejando o meu ataque. Neste momento, estou com muita estratégia e pouco otimismo. Imagino que eu vá fazer isso durante um mês, atacando duas ou três firmas por dia, cinco dias por semana, até a formatura, e então... Quem sabe? Booker convenceu Marvin Shankle a procurar nos tribunais de justiça um emprego para mim, e Madeline Skinner provavelmente está ao telefone neste exato momento exigindo que alguém me dê um emprego.

Talvez alguma coisa funcione.

Minha segunda tentativa é uma firma de três homens, a duas quadras da primeira. Na verdade, planejei tudo de modo a poder passar rapidamente de uma rejeição para a seguinte. Nada de perder tempo.

Segundo o diretório legal, Nunley Ross Percy é uma firma de direito geral, três caras com quarenta e poucos anos sem contratados nem paralegais. Ao que parece, trabalham muito com casos de imóveis, uma coisa que não suporto, mas não é hora de ser exigente. A firma fica no terceiro andar de um moderno prédio de concreto. O elevador é quente e lento.

A sala de espera é surpreendentemente simpática, com um tapete oriental sobre o assoalho de falsa madeira de lei. A mesa de centro, de vidro, está cheia de números das revistas People e Us. A secretária desliga o telefone e sorri.

— Bom dia. Posso ajudá-lo?

— Eu gostaria de falar com Mr. Nunley.

Sempre sorrindo, ela consulta a agenda no meio da mesa, muito limpa.

— Tem hora marcada? — pergunta, sabendo muito bem que não tenho.

— Não.

— Compreendo. Mr. Nunley está ocupado no momento.

Como trabalhei num escritório de advocacia no último verão, já sabia perfeitamente que Mr. Nunley estaria muito ocupado. E o procedimento padrão. Nenhum advogado no mundo todo admite ou deixa sua secretária admitir que ele não esteja afogado em trabalho.

Podia ser pior. Ele podia estar no tribunal federal esta manhã.

Roderick Nunley é o sócio comanditário deste escritório, formado pela Memphis State, de acordo com o diretório legal. Tentei organizar meus planos de modo a procurar o maior número possível de ex-alunos da minha faculdade.

— Posso esperar — digo com um sorriso.

Ela sorri. Todos sorrimos. Uma porta se abre no pequeno corredor, e um homem sem paletó e mangas arregaçadas caminha para nós. Ergue os olhos, vê-me e de repente estamos um na frente do outro. Ele entrega uma pasta à secretária sorridente.

— Bom dia — diz ele. — O que posso fazer por você? — A voz é sonora. Um tipo simpático.

Ela começa a dizer alguma coisa, mas sou mais rápido.

— Preciso falar com Mr. Nunley.

— Sou eu — diz ele, estendendo a mão — Rod Nunley.

— Sou Rudy Baylor. — Aperto a mão dele com firmeza. — Estou no terceiro ano da Memphis State, prestes a me formar, e queria falar sobre um emprego.

Estamos ainda apertando as mãos, e não noto nenhuma flacidez nos dedos dele quando menciono o emprego.

— Sim — diz ele. — Um emprego, hein? — Olha rapidamente para a secretária, como que perguntando: “Como deixou acontecer uma coisa destas?”

— Sim, senhor. Se puder me conceder dez minutos. Sei que está muito ocupado.

— Sim, bem, você sabe, tenho um depoimento dentro de alguns minutos, depois vou para o tribunal.

Olha para mim, depois para ela, depois para o relógio. Mas no fundo é um cara bom, um coração mole. Talvez um dia, não muito distante, ele também tenha estado neste lado do precipício. Imploro com os olhos e estendo para ele a pasta com o currículo e a carta.

— Sim, claro, vamos entrar. Mas só por um minuto.

— Eu o chamo em dez minutos — diz ela rapidamente, tentando se penitenciar.

Como todos os advogados ocupados, ele olha para o relógio por alguns segundos, depois diz, com voz grave:

— Isso, dez minutos no máximo. E telefone para Blanche e diga que vou chegar alguns minutos atrasado.

Os dois estão muito bem ensaiados. Fizeram a minha vontade, mas orquestraram perfeitamente a minha partida.

— Venha comigo, Rudy — diz ele, com um sorriso. Quase piso nos seus calcanhares quando passamos pelo corredor.

O escritório é uma sala quadrada com uma estante de livros na parede atrás da mesa e uma Parede Ego bastante séria, de frente para a porta. Examino rapidamente os vários certificados: Frequência Assídua no Rotary Club, Escoteiro Voluntário, Advogado do Mês, pelo menos dois diplomas, uma foto de Rod com um político de rosto vermelho, Sócio da Câmara de Comércio. O cara emoldura qualquer coisa.

Ouçõ o tique-taque do relógio quando sentamos um de cada lado da mesa enorme, estilo americano de catálogo.

— Desculpe vir assim sem avisar — começo a dizer —, mas é que realmente preciso de um emprego.

— Quando vai se formar? — Ele se inclina para a frente, apoiando os cotovelos na mesa.

— No próximo mês. Sei que é tarde para procurar emprego, mas tenho um bom motivo.

Conto a história do meu emprego na Brodnax e Speer. Quando chego à parte sobre a Tinley Britt, carrego na injustiça, esperando que ele também não goste das grandes firmas. É uma rivalidade natural, os pequenos, como meu amigo Rod aqui, os advogados comuns das ruas, contra os meninos com meias de seda nos prédios altos do centro da cidade. Enfeito um pouco quando digo que a Tinley estava disposta a falar comigo sobre um emprego, mas de jeito nenhum quero trabalhar para uma grande firma. Não está em mim. Sou muito independente. Quero representar pessoas, não companhias.

Isso leva menos de dez minutos.

Ele é um bom ouvinte, um pouco nervoso com os telefones que tocam ao fundo. Sabe que não vai me dar o emprego, por isso está fazendo hora, esperando acabar meu tempo.

— Que golpe baixo — diz ele, com simpatia, quando termino a narrativa.

— Provavelmente para o bem — digo, como vítima de sacrifício. — Mas estou pronto para trabalhar. Estou no primeiro terço da lista de classificação da minha classe. Gosto muito de trabalhar com imóveis e fiz dois cursos a respeito. Com boas notas nos dois.

— Nós aceitamos muitos casos de imóveis — diz, com ar convencido, como se fosse o trabalho mais lucrativo do mundo. — E processos judiciais — acrescenta, mais orgulhoso ainda. Ele é pouco mais do que um amanuense, um empregado de escritório, provavelmente muito bom no que faz e capaz de viver disso. Mas quer que eu pense que é também um completo lutador nos tribunais, um tolo defensor de processos comuns. Diz isso

simplesmente porque é o que os advogados fazem, faz parte da rotina. Não conheço muitos, mas ainda não encontrei um que não procure me fazer pensar que ele vence todo o mundo nos tribunais. Meu tempo está se esgotando.

— Trabalhei para estudar. Durante sete anos. Nem um centavo da família.

— Que tipo de trabalho?

— Qualquer coisa. No momento estou trabalhando no Yogi's, servindo mesas e no bar.

— Você é *bartender*?

— Sim, senhor. Entre outras coisas.

Ele tem na mão meu currículo.

— Você é solteiro — diz, falando devagar. Está escrito no currículo, em preto e branco.

— Sim, senhor.

— Algum romance sério?

Na verdade, não é da conta dele, mas não estou em posição de reclamar.

— Não, senhor.

— Não é gay, é?

— Não, claro que não — trocamos um rápido momento de humor heterossexual. Apenas dois caras brancos muito normais.

Ele se recosta na cadeira, fica sério, como se fosse tratar de negócios muito importantes.

— Há muitos anos não empregamos ninguém. Só por curiosidade: quanto os grandes da cidade estão pagando aos novos recrutas?

Há um motivo para a pergunta. Seja qual for a minha resposta, ele vai demonstrar choque e incredulidade com salários tão altos nos grandes prédios da cidade. Isso, é claro, serve de base para qualquer conversa que possamos ter sobre dinheiro.

Não adianta mentir. Provavelmente ele sabe muito bem qual é a média dos salários. Os advogados adoram uma fofoca.

— Como deve saber, a Tinley Britt faz questão de pagar mais do que qualquer outra. Ouvi falar em cinquenta mil.

A cabeça dele balança antes de eu terminar a frase.

— Não brinque — diz, atônito. — Não brinque.

— Eu não sou tão caro — informo rapidamente. Resolvi me vender barato para qualquer um que faça uma oferta. Meu teto é baixo, e, se eu conseguir passar da porta, trabalhar duro por alguns anos, então talvez apareça alguma outra coisa.

— Em quanto está pensando? — pergunta, como se sua poderosa firma pudesse competir com os grandes e qualquer coisa abaixo disso fosse degradante.

— Estou disposto a trabalhar pela metade. Vinte e cinco mil. Oitenta horas por semana, e me encarrego de todos os arquivos, faço todo o trabalho pesado. O senhor, Mr. Ross e Mr. Perry podem me dar todos os dossiês dos casos que gostariam de nunca ter aceito, que os fecho em seis meses. Prometo. Vou merecer meu salário nos primeiros seis meses. Se não merecer, vou embora.

Rod entreabre os lábios, e vejo seus dentes. Os olhos dançam com a ideia de juntar todo o estêreo do seu escritório e jogar em cima de outra pessoa. O telefone toca estridentemente, e a voz dela diz: “Mr. Nunley, estão esperando para o depoimento.”

Olho para o meu relógio. Oito minutos.

Rod olha para o dele. Franze as sobancelhas e diz:

— Proposta interessante. Deixe-me pensar. Tenho que falar com meus sócios. Nós nos reunimos todas as quintas-feiras para uma revisão do trabalho. — Está em pé. — Vou falar com eles. Na verdade, não pensamos nessa possibilidade. — Está deste lado da mesa, pronto para me conduzir para fora.

— Vai dar certo, Mr. Nunley. Vinte e cinco mil é uma pechincha. — Estou recuando para a porta.

Ele parece espantado por um segundo.

— Oh, não é pelo dinheiro — como se ele e os sócios nunca pensassem em pagar menos do que a Tinley e Britt. — É só que estamos indo muito bem no momento. Ganhando montes de dinheiro, sabe? Todo mundo feliz. Não estamos pensando em expandir. — Abre a porta, espera que eu saia. — Entraremos em contato.

Ele me acompanha até a sala de espera e manda a secretária anotar meu telefone. Aperta minha mão com firmeza, me deseja sorte, promete telefonar logo, e um segundo depois estou na rua.

Preciso de um momento para ordenar meus pensamentos. Acabo de me oferecer para prostituir minha instrução e aprendizado por algo muito aquém do melhor, e ele me jogou na rua numa questão de minutos.

Do modo como aconteceram as coisas, minha entrevista com Roderick Nunley seria uma das mais produtivas.

São quase dez horas. Dentro de trinta minutos tenho Leituras Seleccionadas do Código Napoleônico, uma aula a que preciso assistir porque faltei durante toda a semana. Posso faltar mais três semanas, que ninguém vai se importar. Não tem prova final.

Ultimamente movimento-me bem na faculdade, sem medo de mostrar minha cara. Faltando tão poucos dias, a maior parte dos alunos do terceiro ano está indo embora. A faculdade de direito começa com uma barragem de trabalho intenso e exames sob grande pressão, mas termina com alguns testes dispersos e trabalhos

sem valor. Nós todos estamos passando mais tempo estudando para o licenciamento do que para as últimas aulas.

A maioria de nós está se preparando para começar a trabalhar.



Madeline Skinner abraçou a minha causa como se fosse sua. E está sofrendo quase tanto quanto eu porque também não tem tido sorte. Um senador de Memphis com escritório em Nashville talvez precise de um advogado na sua equipe para redigir assuntos legais — trinta mil com benefícios, mas ele exige registro na Ordem do Advogados e experiência de dois anos. Uma pequena companhia quer um advogado com certificado de contabilidade. Eu estudei história como matéria seletiva.

— Em agosto, o Departamento de Assistência Social de Shelby County talvez tenha uma vaga para advogado. — Ela procura desesperadamente alguma coisa entre os papéis na mesa.

— Advogado da assistência social? — pergunto.

— Parece sofisticado, não parece?

— Quanto pagam?

— Dezoito mil.

— Que tipo de trabalho?

— Procurar pais omissos para que paguem pensão. Casos de paternidade, o de sempre.

— Parece perigoso.

— É um emprego.

— E o que eu faço até agosto?

— Estuda para o exame.

— Certo, e, se eu estudar com afinco e passar no exame, então vou trabalhar no Departamento de Assistência Social com salário mínimo.

— Escute, Rudy...

— Desculpe. Não foi um bom dia.

Prometo voltar amanhã para o que será, sem dúvida, uma repetição dessa conversa.

Booker encontrou os formulários em algum lugar no fundo da firma Shankle. Disse que tinham um contratado escondido no porão que ocasionalmente se encarregava de falências e que tinha oportunidade de apanhar os papéis necessários.

São bastante diretos. Há uma lista dos bens numa página, uma tarefa rápida e fácil, no meu caso. Na outra página, uma lista das dívidas. Espaços para informação sobre empregos, processos pendentes etc. É o que chamam de Capítulo 7, falência completa, em que os bens são confiscados para cobrir as dívidas, que também são liquidadas.

Não sou mais empregado do Yogi's. Trabalho, mas agora sou pago em dinheiro, sem nenhum registro. Nada para enfeitar ou acrescentar. Nada com que possa partilhar o pouco que ganho com a Texaco. Discuti meu caso com Prince, descrevi o estado lamentável das coisas, atribuí a culpa ao pagamento da faculdade e aos cartões de crédito, e ele adorou a ideia de me pagar em dinheiro, passando a perna no governo. Prince é um discípulo aplicado da economia *dinheiro sem impostos*.

Prince me ofereceu um empréstimo para pagar minha fiança, mas não ia funcionar. Ele acha que logo estarei ganhando muito dinheiro como um rico e jovem advogado, e não tive coragem de dizer que talvez eu tenha de ficar com ele por mais algum tempo.

Também não disse quanto ele precisaria me emprestar. A Texaco me processou em 612,88 dólares, incluindo despesas legais e honorários dos advogados. Meu senhorio me processou em 809 dólares, também incluindo custos e honorários. Mas os verdadeiros lobos estão chegando mais perto. Estão escrevendo as cartas sujas, ameaçando mandar seus advogados.

Tenho um MasterCard e um Visa, cada um de um banco diferente daqui de Memphis. Entre o dia de Ação de Graças, em novembro no ano passado, e o Natal, naquele período abençoado em que eu tinha um emprego garantido para dentro de alguns meses, e enquanto eu estava apaixonado por Sara, resolvi comprar uma porção de presentes de festas para ela. Eu só queria coisas caras, duráveis e de boa qualidade. Com o MasterCard comprei uma pulseira de ouro e brilhantes por mil e setecentos dólares, e com o Visa comprei para minha amada um par de brincos de prata, antigo, que me custou mil e cem dólares. Um dia antes de ela dizer que nunca mais queria me ver, fui a uma loja exclusiva e comprei uma Dom Pérignon, duzentos gramas de patê de fígado, um pouco de

caviar, alguns queijos finos e mais algumas coisas para nossa ceia de Natal. Gastei trezentos dólares, mas que diabo!, a vida é curta.

Os bancos insidiosos que me deram os cartões inexplicavelmente aumentaram minhas linhas de crédito algumas semanas antes dos feriados de Natal e de fim de ano. De repente eu podia gastar à vontade e, a alguns meses das provas finais, tive certeza de que poderia fazer os pequenos pagamentos mensais até o verão. Assim, gastei e gastei, sonhando com uma boa vida com Sara.

Hoje me odeio por isso, mas naquela época calculei tudo na ponta do lápis e achei que era possível.

O patê apodreceu porque certa noite, depois de um excesso de cerveja barata, eu o deixei em cima da geladeira. No Natal, almocei queijo e champanhe, sozinho no meu apartamento escuro. Nem toquei no caviar. Sentei no meu sofá cheio de calombos, olhando para as joias no chão, à minha frente. Comendo fatias enormes de queijo Brie e tomando champanhe, olhei para os presentes de Natal para a minha adorada e chorei.

Em algum momento entre o Natal e o Ano Novo, eu me refiz do choque e comecei a providenciar a devolução das joias compradas. Pensei primeiro em jogá-las do alto de uma ponte, como Billy Joe, ou fazer qualquer outra coisa igualmente dramática. Dado meu estado emocional no momento, achei melhor ficar longe das pontes.

No primeiro dia do ano, quando voltei de uma caminhada e corrida, descobri que meu apartamento fora assaltado. A porta estava arrombada. Os ladrões levaram minha TV, meu aparelho de som, um vidro com moedas de vinte e cinco centavos e, é claro, as joias compradas para Sara.

Chamei a polícia e preenchi os formulários de queixa. Mostrei os recibos dos cartões de crédito. O sargento balançou a cabeça e me mandou entrar em contato com minha companhia de seguros.

Gastei mais de trezentos dólares em comida de plástico. Chegou a hora de arrumar a minha vida.



Meu despejo está marcado para amanhã. O Código de Falência tem uma cláusula maravilhosa que garante a suspensão automática de todos os processos legais contra o devedor. Por isso vemos companhias ricas, como a minha amiga Texaco, correr para o tribunal de falências quando precisam de proteção temporária. Meu

senhorio não pode me tocar amanhã, não pode nem mesmo telefonar para me ofender.

Saio do elevador e respiro fundo. O saguão está cheio de advogados. Há três juízes permanentes para falências, e seus tribunais funcionam no terceiro andar. Diversas audiências são marcadas todos os dias e cada uma envolve um grupo de advogados, um para o devedor e vários para os credores. É um zoológico. Passando entre eles, ouço dezenas de conferências importantes, advogados discutindo contas de médicos não-pagas e quanto vale uma picafe. Entro no escritório do secretário e espero dez minutos enquanto os advogados que chegaram antes de mim preenchem suas petições. Eles conhecem muito bem as assistentes do secretário e conversam e paqueram o tempo todo. Puxa, eu adoraria ser um importante advogado de falências para que todas estas moças me chamassem de Fred ou Sonny.

No ano passado, um professor nos disse que a falência será a área de maior crescimento no futuro. Considerando a instabilidade econômica dos nossos tempos e tudo o mais, desemprego, encolhimento das grandes companhias, ele já tinha tudo calculado. Isso foi dito por um homem que jamais cobrou por hora no seu escritório particular.

Mas, sem dúvida, hoje parece lucrativo. Os pedidos de falência aparecem de todos os lados. Todo o mundo está quebrando.

Entrego meus papéis para uma funcionária afobada, bonitinha, mascando chiclete. Ela olha para o pedido e depois me examina com atenção. Estou de camisa jeans e calça caqui.

— Você é advogado? — pergunta ela, em voz alta, e muitos olhos se voltam para mim.

— Não.

— É devedor? — pergunta, mais alto ainda, estalando o chiclete entre os dentes.

— Sou — respondo rapidamente.

O devedor que não é advogado pode preencher seu pedido, embora não se encontre essa informação em lugar nenhum.

Ela balança a cabeça afirmativamente e carimba a petição.

— O formulário custa oitenta dólares, por favor.

Dou a ela quatro notas de vinte. Ela olha desconfiada para o dinheiro. Minha petição não menciona uma conta de banco porque a fechei ontem, eliminando efetivamente um saldo no valor de 11,84 dólares. Na minha lista de bens constam meu Toyota muito usado — 500 dólares; móveis e outros objetos da casa — 150 dólares; uma coleção de EDs — 200 dólares; livros de direito — 125 dólares; roupas — 150 dólares. Todos esses bens são considerados de uso pessoal e, portanto, isentos dos procedimentos que estou

iniciando. Eu fico com todos, mas sou obrigado a continuar a pagar o Toyota.

— Dinheiro, bem? — diz ela, começando a fazer o recibo.

— Não tenho conta no banco — quase grito, em benefício dos que estão escutando e talvez queiram saber o resto da história.

Olha zangada para mim; olho zangado para ela. Ela volta para o trabalho e depois de um minuto me entrega uma cópia da petição com o recibo. Vejo a data, a hora e a sala da minha primeira audiência.

Estou quase na porta quando me fazem parar. Um jovem gorducho com o rosto suado e barba negra toca meu braço gentilmente.

— Com licença, senhor — diz o homem. Paro e olho para ele. Estende um cartão para mim. — Robbie Molk, advogado. Não pude evitar de ouvir. Achei que podia precisar de ajuda com sua FE.

FE é a sigla sofisticada para falência.

Olho para o cartão, depois para o rosto marcado de acne. Na verdade, já ouvi falar em Molk. Vi seus anúncios na seção de classificados dos jornais. Anuncia o Capítulo 7, por cento e cinquenta dólares adiantados e aqui está ele, adejando no escritório do secretário como um abutre, esperando para mergulhar sobre o primeiro idiota quebrado que possa pagar cento e cinquenta dólares.

Pego o cartão cortesmente.

— Não, obrigado — tento ser amável. — Eu posso tratar disso.

— Há muitos modos de dar um jeito — diz, rapidamente, e tenho certeza de que já usou essa frase mil vezes. — Um sete pode ser complicado. Faço milhares deles por ano. Duzentos adiantados, e eu pego a bola e corro. Tenho escritório e uma equipe completa.

Agora são duzentos dólares. Acho que se a gente chegar, a conhecê-lo pessoalmente, ele acrescenta outros cinquenta. A essa altura, seria muito fácil dizer que é absurdo, mas algo me diz que Molk é do tipo que não pode ser humilhado.

— Não, obrigado — digo, passando por ele.

A descida é lenta e dolorosa. O elevador está cheio de advogados, todos malvestidos, com pastas e sapatos muito usados. Estão ainda falando sobre isenções e o que está segurado e o que não está. A conversa impossível dos advogados. Discussões extremamente importantes. Ao que parece, não conseguem desligar a tomada.

Quando estamos quase chegando ao térreo, ocorre-me uma ideia. Não sei o que estaria fazendo daqui a um ano, e é provável, até mesmo muito possível, que esteja neste elevador, tomando parte nesses debates banais com essa mesma gente. Provavelmente,

estarei como eles, solto na rua, tentando extorquir honorários de pessoas que não podem pagar, procurando negócios nos tribunais.

Esse pensamento me deixa atordoado. O elevador está quente e sem ar. Acho que vou vomitar. Paramos, e eles saem para o saguão apressadamente, sempre falando e negociando.

O ar fresco me reanima e caminho pelo Mid-America Mall, uma rua de pedestre com um bondinho para carregar os bêbados de um lado para outro. Antigamente era a Main Street, e abriga ainda um enorme número de advogados. O tribunal fica a poucas quadras daqui. Passo pelos prédios altos do centro, imaginando o que está acontecendo lá em cima, nas várias firmas, contratados afobados trabalhando dezoito -horas por dia porque o outro cara está trabalhando vinte, os sócios mais novos nos seus luxuosos escritórios de canto, enquanto grupos de jovens advogados esperam suas ordens.

Era isso que eu esperava quando entrei para a faculdade de direito. Queria a pressão e o poder que emana das pessoas inteligentes e altamente motivadas, todas sob pressão, tensão e prazos inflexíveis. No último verão trabalhei numa firma pequena, com doze advogados, e às vezes eu achava aquilo um caos estimulante. Eu era uma parte muito pequena da equipe e sonhava com o dia em que seria o capitão.

Compro um sorvete de uma carrocinha e sento num banco na Court Square. Os pombos me observam. O First Federal Building paira altaneiro sobre a praça, o prédio mais alto de Memphis, onde funciona a Trent Brent. Eu mataria para trabalhar lá. É fácil para mim e meus amigos falar mal da Trent Brent. Falamos mal porque não somos bastante bons para eles. Nós os detestamos porque nem olham para nós, nem se dão ao trabalho de nos conceder uma entrevista.

Acho que há uma Trent Brent em cada cidade, em cada campo de atividade. Eu não consegui entrar para ela e não pertenço aos seus quadros; por isso vou passar a vida detestando-a.

Por falar em firmas, já que estou na cidade, vou passar algumas horas batendo às portas. Tenho uma lista de advogados que trabalham sozinhos ou com dois outros, em direito geral. A única vantagem de entrar nesse campo tão superlotado é que temos muitas portas a que bater. Procuro me convencer de que ainda há esperança, que no momento certo vou entrar num escritório que ninguém descobriu ainda e encontrar um advogado atarefado, precisando urgentemente de um auxiliar para o trabalho mais pesado. Ou uma advogada. Para mim tanto faz.

Caminho algumas quadras até o Sterick Building, o primeiro arranha-céu de Memphis, agora o lar de centenas de advogados

Converso com algumas secretárias e entrego meu currículo. É incrível o número de escritórios de advocacia que empregam recepcionistas mal humoradas, até mesmo indelicadas.

Muito antes de começar a falar sobre emprego, geralmente sou tratado como um mendigo. Uma ou duas agarraram meu currículo e o enfiaram numa gaveta. Fico tentado a me apresentar como um cliente em potencial, marido de uma jovem morta por um enorme caminhão, um caminhão coberto por vários seguros. E um motorista bêbado na direção. Um caminhão da Esso, talvez. Seria engraçado ver aquelas idiotinhas saltando da cadeira com um largo sorriso e me servindo café.

Vou de escritório em escritório, sorrindo quando tenho vontade de gemer, repetindo as mesmas frases para as mesmas mulheres.

— Sim, meu nome é Rudy Baylor, estou no terceiro ano da Memphis State. Gostaria de falar com Mr. Fulano de Tal sobre um emprego.

— Sobre o quê? — perguntam geralmente.

E eu continuo a sorrir, entrego meu currículo e peço outra vez para falar com Mr. Fulano. Mr. Fulano sempre está muito ocupado, e por isso elas me dispensam com a promessa de que alguém vai me telefonar.



A seção Granger de Memphis fica ao norte do centro da cidade. As fileiras de casas de tijolos, muito juntas, nas ruas arborizadas indicam um subúrbio surgido no fim da Segunda Guerra, quando os Boomers, os trabalhadores migrantes, começaram a construir. Eles conseguiram bons empregos nas fábricas próximas. Plantaram árvores nos jardins e construíram pátios nos quintais. Com o tempo, os Boomers foram para o Leste e construíram casas melhores, e o Granger aos poucos se transformou num misto de aposentados e brancos e negros da classe baixa.

A casa de Dot e Buddy Black é igual a centenas de outras. Fica num terreno plano de no máximo 25 por 30 metros. Alguma coisa aconteceu com a obrigatória árvore de sombra no jardim. Um Chevrolet velho está na garagem para um carro. A grama e os arbustos estão bem aparados.

O vizinho da esquerda está reformando um carro esporte, e pneus e peças enfileiram-se no chão, até a calçada. Ó da direita

cercou todo o jardim com uma grade e trinta centímetros de mato espesso. Os dobermans patrulham o jardim junto à cerca.

Estaciono na entrada dos Black, atrás do Chevrolet, e os dobermans, a menos de quatro metros, rosnam para mim.

É meio da tarde e a temperatura está a quase 32°. As janelas e portas estão abertas. Espio pela porta da frente e bato de leve na porta de tela.

Não me agrada estar aqui porque não quero ver Donny Ray Black. Suspeito que ele deve estar tão doente e emaciado quanto sua mãe descreveu, e tenho estômago fraco.

Ela chega à porta, com o cigarro mentolado na mão, e olha através da tela.

— Sou eu, Mrs. Black. Rudy Baylor. Nos conhecemos no Cypress Gardens.

Os vendedores ambulantes devem ser uma praga na Granger, porque ela olha para mim sem dizer nada. Dá um passo para frente e põe o cigarro entre os lábios.

— Está lembrada? Estou tratando do seu caso contra a Great Benefit.

— Pensei que fosse uma testemunha de Jeová.

— Não, não sou, Mrs. Black.

— Meu nome é Dot. Acho que já disse isso.

— Tudo bem, Dot.

— Essa maldita gente nos deixa loucos. Eles e os mórmons. Nas manhãs de sábado são os escoteiros, vendendo rosquinhas antes de o Sol nascer. O que você quer?

— Bem, se tiver um minuto, gostaria de falar sobre o caso.

— Falar o que sobre o caso?

— Gostaria de rever alguns pontos.

— Acho que já fizemos isso.

— Precisamos falar mais.

Ela solta uma baforada de fumaça através da tela e abre a porta devagar. Entro numa minúscula sala de estar e a acompanho até a cozinha. A casa é úmida e o ar pegajoso cheira a tabaco.

— Toma alguma coisa? — pergunta ela.

— Não, obrigado.

Sento à mesa. Dot apanha um copo com gelo e refrigerante diet e encosta no balcão da cozinha. Buddy não está à vista. Suponho que Donny Ray esteja no quarto.

— Onde está Buddy? — pergunto alegremente, como se cie fosse um velho amigo que faço questão de rever.

Com a cabeça, ela indica a janela que dá para o quintal.

— Está vendo aquele carro lá adiante?

Num canto, entre trepadeiras e mato alto, ao lado de um

barracão de depósito em ruínas e sob uma árvore de bordo, vejo um velho Ford Fairlane. É branco, com duas portas, que estão abertas. Um gato descansa no capô.

— Está sentado no carro dele — explica Dot.

O carro parece estar sem pneus. Nada em volta dele parece ter sido tocado há décadas.

— Onde ele vai? — pergunto, e ela sorri. Toma ruidosamente um pouco do refrigerante.

— Buddy não vai a parte alguma. Compramos o carro, novo, em 1964. Ele senta lá todos os dias, o dia todo, só

Buddy e o gato.

Há uma certa lógica nisso. Buddy lá fora, sozinho, livre da fumaça do cigano, que entope suas vias respiratórias, sem se preocupar com Donny Ray.

— Por quê? — pergunto. Evidentemente, ela não se importa em falar no assunto.

— Buddy não está bem. Eu disse na semana passada. Como fui esquecer?

— Como vai Donny Ray?

Ela dá de ombros e senta no outro lado da pequena mesa.

— Dias bons e dias maus. Quer conhecê-lo?

— Talvez mais tarde.

— Ele passa a maior parte do tempo na cama. Mas pode andar um pouco. Talvez eu o faça levantar antes de você ir embora.

— Sim. Talvez. Escute, estive trabalhando no seu caso. Quer dizer, passei horas e horas lendo todos os documentos. E passei dias na biblioteca pesquisando a lei e, bem, francamente, acho que vocês devem processar a Great Benefit.

— Pensei que já tínhamos resolvido isso. — Olha friamente para mim.

Dot tem um rosto duro, sem dúvida por causa da vida difícil com aquele doido lá fora no Fairlane.

— Talvez, mas tive de pesquisar. Meu conselho é que devem processar imediatamente.

— O que está esperando?

— Mas não esperem uma solução rápida. Vão enfrentar uma grande companhia. Eles têm muitos advogados que podem atrasar e adiar o processo. É assim que ganham a vida.

— Quanto tempo?

— Pode levar meses, talvez anos. Precisamos entrar com a acusação e obrigá-los a um acordo rápido. Ou eles podem nos forçar a ir a julgamento e depois apelar da sentença. Não se pode fazer uma previsão exata.

— Dentro de poucos meses ele estará morto.

— Posso perguntar uma coisa?

Ela solta a fumaça e balança afirmativamente a cabeça em perfeita sincronia.

— A Great Benefit negou o pagamento pela primeira vez em agosto, logo depois do diagnóstico de Donny Ray. Por que esperaram até agora para falar com um advogado? — Tenho usado a palavra advogado com muita facilidade.

— Não me orgulho disso, sabe? Pensei que a companhia de seguros ia acabar pagando, você sabe, se encarregar das contas e do tratamento. Eu fiquei escrevendo para eles, e eles escreviam para mim. Não sei. Bobagem minha, acho. Pagamos os prêmios regularmente durante anos, nunca nos atrasamos. Achei que eles iam honrar a apólice. Além disso, nunca usei os serviços de um advogado, sabia? Nenhum caso de divórcio, nada parecido. Deus sabe que devia ter usado. — Olha tristemente pela janela, para o Fairlane e para o sofrimento dentro dele. — Ele bebe um copo de gim de manhã e um copo de tarde. E eu, na verdade, não me importo. Isso o deixa feliz, faz com que fique fora de casa, e não é o caso de a bebida impedir que ele seja produtivo, entende o que quero dizer?

Nós dois olhamos o homem sentado no banco do carro. O mato e o bordo se encarregam de proteger o carro do sol.

— Você compra a bebida para ele? — pergunto, como se tivesse importância.

— Oh, não. Paga a um garoto da vizinhança para comprar e trazer para ele, escondido. Pensa que eu não sei.

Ouçó movimento nos fundos da casa. Não há ruído de ar-condicionado para abafar os demais. Alguém tosse. Começo a falar.

— Escute, Dot, eu gostaria de me encarregar do caso para você. Sei que sou um novato, um garoto quase terminando a faculdade, mas já passei horas estudando este caso e o conheço como ninguém.

A expressão dela é vaga, quase desesperançada. Um advogado é tão bom quanto outro. Ela confia em mim tanto quanto vai confiar em outro que aparecer, o que não quer dizer muito. É estranho. Com todo o dinheiro que ps advogados gastam anunciando seus serviços, os comerciais idiotas de baixo preço na TV e os anúncios malfeitos a preço de liquidação nos classificados dos jornais, ainda existem pessoas como Dot Black, que não distinguem um garanhão experiente dos tribunais de um estudante do terceiro ano.

Estou contando com sua ingenuidade.

— Provavelmente terei que contratar outro advogado, só para usar o nome dele até eu passar no exame final e ser admitido na Ordem dos Advogados, você sabe.

Ao que parece, ela não registra a ideia.

— Quanto vai custar? — pergunta, desconfiada. Respondo com um sorriso franco e caloroso.

— Nem um centavo. Aceito o caso com uma condição: recebo um terço do que conseguirmos. Se não pagarem, não recebo nada. Nada adiantado.

Sem dúvida, ela viu esse anúncio em algum lugar, mas parece não lembrar.

— Quanto?

— O processo será de milhões — digo, dramaticamente, e ela está presa no anzol.

Não acredito que exista um grama de ganância no corpo dessa mulher sofredora. Os sonhos de uma boa vida desapareceram dela há tanto tempo, que nem mais pode lembrar como eram. Mas gosta da ideia de atacar a Great Benefit e os fazer sofrer.

— E você recebe um terço?

— Não espero recuperar milhões, mas do que conseguirmos fico apenas com um terço. Um terço depois de pago todo o tratamento de Donny Ray. Você não tem nada a perder.

Ela bate na mesa com a mão esquerda aberta.

— Pois então faça. Não me importa como vai fazer, apenas faça. Faça agora, está bem? Amanhã.

Tenho no bolso, cuidadosamente dobrado, um contrato de serviços legais que copiei de um livro na biblioteca. Chegou a hora de tirar do bolso e fazer Dot assinar, mas não tenho coragem. De acordo com a ética, eu não posso assinar contratos para representar alguém antes de ser admitido na Ordem dos Advogados e receber a licença para praticar a profissão. Acho que Dot vai cumprir sua palavra.

Começo a olhar para meu relógio como um advogado de verdade.

— Bem, preciso trabalhar — digo.

— Não quer conhecer Donny Ray?

— Talvez na próxima vez.

— Eu não o culpo. Ele é só pele e ossos.

— Volto outro dia, quando puder demorar mais tempo. Temos muito que conversar e quero fazer algumas perguntas a ele.

— Veja se se apressa, está bem?

Por mais alguns minutos conversamos sobre as festividades no Cypress Gardens. Ela e Buddy comparecem uma vez por semana, quando ela consegue mantê-lo sóbrio até o meio-dia. É a única ocasião em que saem de casa juntos.

Ela quer conversar, e eu quero ir embora. Ela me acompanha até o portão, examina meu Toyota sujo e amassado, fala mal dos produtos importados, especialmente os do Japão, e late para os

dobermans.

Fica parada ao lado da caixa de correspondência, fumando, até meu carro desaparecer na primeira curva.



Acabo de me declarar falido, mas ainda sou capaz de gastar inutilmente. Pago oito dólares por um vaso de gerânios e o levo para Miss Birdie. Ela diz que adora flores e está tão sozinha, é claro, que acho que seja um belo gesto. Um pouco de sol na vida de uma velha mulher.

Chego na hora exata. Ela está de quatro ao lado de um canteiro perto da passagem que leva à garagem, separada da casa. O concreto é ladeado de flores, arbustos, trepadeiras e mudas novas. O gramado na parte de trás é sombreado por árvores tão velhas quanto ela. Há também um pátio com uma floreira cheia de flores de cores vivas.

Ela me abraça quando entrego o pequeno presente. Tira as luvas de jardinagem, joga em cima das flores e me leva para os fundos da casa. Tem o lugar exato para o gerânio. Vai plantá-lo amanhã. Aceita uma xícara de café?

— Só água — respondo.

O gosto do café instantâneo ainda está fresco na minha memória. Ela me faz sentar numa cadeira ornamental na varanda e tira lama e terra do avental.

— Água gelada? — pergunta, entusiasmada com a ideia de me servir alguma coisa para beber.

— Claro — respondo.

Ela vai para a cozinha. As plantas do quintal obedecem a uma simetria estranha. Percorrem uns cinquenta metros no mínimo antes de desaparecer no meio de uma cerca viva alta. Através das árvores vejo um telhado, além da cerca. Há pequenos conjuntos de plantas, pequenos canteiros de flores variadas aos quais ela certamente dedica boa parte do tempo. Há uma fonte numa plataforma de tijolos ao lado da cerca, mas está seca. Uma rede velha está dependurada entre duas árvores, a corda rasgada e a lona balançando com a brisa. O gramado não tem mato, mas precisa ser aparado.

A garagem chama minha atenção. Tem duas portas retrateis fechadas. Ao lado fica um quarto de depósito com as janelas

cobertas. Acima dela, vejo o que parece um pequeno apartamento, com uma escada circular de madeira que vai até os fundos. Duas grandes janelas abrem-se para a casa, uma delas com um vidro quebrado por onde a hera que cobre as paredes externas parece entrar.

Há certa elegância antiga no conjunto.

Miss Birdie aparece na porta dupla de vidro com dois copos grandes de água gelada.

— O que acha do meu jardim? — pergunta, sentando ao meu lado.

— É lindo, Miss Birdie. Tão repousante!

— Esta é a minha vida. — Abana as mãos num gesto largo, derramando água do seu copo no meu pé, sem perceber. — É o que faço com meu tempo. Adoro isto.

— É muito bonito. Faz toda a jardinagem sozinha?

— Bem, quase toda. Pago a um garoto para aparar a grama uma vez por semana, trinta dólares, dá para acreditar? Antigamente, pagava cinco. — Toma a água e estala os lábios.

— Aquilo lá em cima é um apartamento? — pergunto, apontando para a garagem.

— Era. Um dos meus netos morou lá por algum tempo. Arrumei para ele, mandei fazer um banheiro, uma pequena cozinha, era muito bom. Ele estava estudando na Memphis State.

— Quanto tempo ele morou aqui?

— Não muito. Na verdade, não quero falar nele.

Devia ser um dos que iam ser cortados do testamento.

Quando passamos muito tempo batendo à porta dos escritórios de advocacia, pedindo trabalho e sendo esnobados por secretárias idiotas, perdemos todas as inibições. Criamos uma terceira pele. Aceitamos facilmente a rejeição porque aprendemos que a pior coisa que pode acontecer é ouvir um “Não”.

— Suponho que não esteja interessada em alugar o apartamento agora — digo com pouca hesitação e nenhum medo de ser rejeitado.

O copo para no ar, e ela olha para o apartamento como se acabasse de o descobrir.

— Para quem? — pergunta.

— Eu adoraria morar ali. É um lugar encantador e deve ser quieto.

— Mortalmente.

— Mas só por pouco tempo, até eu começar a trabalhar e organizar minha vida.

— Você, Rudy? — pergunta ela, incrédula.

— Gostei mesmo — digo, com um sorriso não de todo falso. — É

perfeito para mim. Sou solteiro, sossegado, não posso pagar aluguel muito alto. É perfeito.

— Quanto pode pagar? — pergunta secamente, como um advogado falando com um cliente sem dinheiro.

A pergunta me apanha de surpresa.

— Bem, não sei. A senhora é a dona. Quanto é o aluguel?

Ela gira a cabeça de um lado para o outro, olhando para as árvores.

— Que tal quatro... não, trezentos dólares por mês.

Evidentemente Miss Birdie nunca alugou coisa alguma para ninguém. Está apanhando números no ar. Ainda bem que não começou com oitocentos por mês.

— Acho que devemos primeiro ver como está — sugiro, cautelosamente.

Ela já está em pé.

— Está um pouco sujo, você sabe. Há dez anos eu o uso como depósito. Mas podemos fazer uma limpeza. Os encanamentos funcionam, acho. — Segura a minha mão e me conduz pelo gramado. — Precisamos mandar ligar a água. Não sei como está o aquecimento. Tem alguns móveis, não muitos, coisas velhas que não uso mais.

Começa a subir a escada.

— Vai precisar de móveis?

— Não muito.

O corrimão está frouxo e toda a construção parece tremer.

Na faculdade de direito fazemos inimigos. A competição pode ser selvagem. As pessoas aprendem a enganar e apunhalar pelas costas, é o treino para o mundo real. No meu primeiro ano tivemos uma briga de socos quando dois alunos começaram a gritar um com o outro durante uma competição de julgamento simulado. Foram expulsos e depois readmitidos. Esta faculdade precisa do dinheiro.

Há muita gente aqui de quem não gosto, um ou dois que detesto. Tento não odiar nenhum deles.

Mas no momento odeio o cafajeste que me fez isto. Nesta cidade, costumam publicar um registro de todo tipo de transações legais e financeiras. Chama-se *The Daily Report* e inclui, entre os pedidos de divórcio e uma dúzia de outras categorias de ordem vital, a lista das falências da véspera. Meu amigo, ou grupo de amigos, achou que seria engraçado tirar cópias de um item da lista das Petições do Capítulo 7 e espalhar pela faculdade. O impresso diz: “Baylor, Rudy L., estudante; bens: 1.125 dólares (isento); dívidas cobertas: 286 para a Companhia Financeira Wheels e Deals; dívidas não cobertas: 5.136.88 dólares; ações pendentes: (1) série de pagamentos atrasados à Texaco, (2) despejo do Hampton; empregador: nenhum; advogado: *Per se*.”

Per se significa que não posso pagar um advogado e estou tratando de tudo. O aluno que trabalha na biblioteca me entregou uma cópia assim que cheguei esta manhã, disse que viu uma porção delas por toda a faculdade, até no quadro de avisos. Ele disse:

— Só queria saber quem pensa que isso é engraçado.

Agradei e corri para meu canto no subsolo, mais uma vez me escondendo entre as estantes, evitando os rostos familiares. As aulas logo vão terminar e estarei fora daqui, longe dessa gente que não suporto.



Tenho hora marcada com o professor Smoot esta manhã e chego com dez minutos de atraso. Ele não se importa. Seu escritório ostenta a bagunça obrigatória do estudioso brilhante demais para ser organizado. Sua gravata-borboleta está torta, seu sorriso é

genuíno.

Falamos primeiro sobre os Black e sua briga com a Great Benefit. Entrego um sumário do caso, de três páginas, com minhas conclusões engenhosas e sugestões sobre o curso de ação. Ele lê atentamente enquanto eu olho para as bolas de papéis amassados sob sua mesa. Ele diz uma porção de vezes que está muito impressionado com meu trabalho. Meu conselho para os Black é que devem procurar um advogado e entrar com uma ação de má-fé contra a Great Benefit. Smoot concorda plenamente. Mal sabe ele.

Tudo o que quero de Smoot é nota para passar, nada mais. Em seguida falamos sobre Miss Birdie. Digo que ela está muito bem de vida e quer modificar o testamento. Guardo os detalhes para mim. Apresento um documento de cinco páginas — o testamento e as últimas vontades de Miss Birdie —, revisado, e ele lê rapidamente. Diz que parece ótimo sem ler coisa alguma. Problemas Legais dos Idosos não têm exame final, nenhum trabalho para ser entregue. Você assiste às aulas, visita os “caducos”, faz os sumários dos casos e Smoot dá um A.

Smoot conhece Miss Birdie há vários anos. Evidentemente ela é a rainha do Cypress Gardens há algum tempo, e ele a vê duas vezes por ano, nas suas visitas com os alunos. Ela nunca recorreu antes aos serviços legais, diz ele, pensativo, ajeitando a gravata-borboleta. Diz que está surpreso por saber que é rica.

Ficaria realmente surpreso se soubesse que vai ser a minha senhoria.

O escritório de Max Leuberg fica perto do de Smoot. Ele deixou um recado para mim na biblioteca, dizendo que precisa me ver. Max vai deixar a faculdade no fim do semestre. Wisconsin o emprestou por dois anos e chegou a hora de voltar para casa. Provavelmente vou sentir um pouco sua falta quando nós dois deixarmos a faculdade, mas neste momento é difícil imaginar qualquer sentimento duradouro por qualquer coisa ou qualquer pessoa ligada à faculdade de direito.

O escritório de Max está cheio de caixas de papelão que antes continham garrafas de bebida. Ele está se preparando para a mudança, e nunca vi tamanha desordem. Trocamos reminiscências, um tanto constrangidos, por alguns momentos, tentando fazer com que a faculdade de direito pareça interessante. Eu nunca o vi tão quieto. É como se estivesse realmente triste com a partida. Aponta uma pilha de papéis numa caixa de Wild Turkey.

— Isso é para você. É um material recente que usei em casos de má-fé. Fique com ele. Pode ser útil.

Eu ainda nem terminei de ler o material de pesquisa que ele me deu.

— Obrigado, Max. — Olho para a figura do peru vermelho na caixa.

— Já deu entrada no processo? — pergunta.

— Bem, não. Ainda não.

— Pois faça isso. Encontre um advogado na cidade com um bom currículo de tribunal. Alguém com experiência em casos de má-fé. Pensei muito nesse caso e acho bastante interessante. Muitas possibilidades de convencer os jurados. Posso vê-los furiosos, prontos para punir a companhia de seguros. Alguém precisa se encarregar deste caso e correr com ele.

Estou correndo à beca.

Ele se levanta da cadeira e estende os braços.

— Em que tipo de firma você vai trabalhar? — pergunta, na ponta dos pés, num movimento de ioga para distender os tornozelos. — Porque este é um grande caso. Estive pensando. Talvez deva levá-lo para a firma, fazer com que o aceitem e tratar você mesmo do trabalho pesado. Deve haver alguém na sua firma com experiência de tribunal. Pode me telefonar se quiser. Estarei em Detroit durante todo o verão, trabalhando num grande caso contra Allstate, mas estou interessado, certo? Acho que vai ser um grande caso, um marco nessa área do direito. Eu gostaria muito de ver você estourar aqueles caras.

— O que a Allstate fez? — Quero desviar o assunto da minha firma.

Com um largo sorriso, ele cruza as mãos no alto da cabeça e diz, como se não pudesse acreditar:

— Incrível — e começa a descrever o caso maravilhoso. Eu preferia não ter perguntado.

Na minha limitada experiência com advogados, aprendi que todos sofrem das mesmas aflições. Um dos hábitos mais irritantes é o de contar histórias de guerra. Se já tiveram um grande julgamento, querem que todos saibam. Se têm um grande caso que os fará ricos, precisam partilhar com outras mentes iguais. Max está perdendo o sono com as visões de levar a Allstate à falência.

— De qualquer modo — diz ele, voltando à realidade —, talvez eu possa ajudar neste caso. Não vou voltar no próximo outono, mas meu telefone e meu endereço estão na secretaria. Telefone se precisar de mim.

Apanho a caixa de Wild Turkey. É pesada, e seu fundo está prestes a se abrir.

— Obrigado. — Olho para ele. — Agradeço muito.

— Quero ajudar, Rudy. Não há nada mais estimulante do que arrasar uma companhia de seguros. Acredite.

— Vou fazer o melhor possível. Obrigado.

O telefone toca, e ele o ataca imediatamente. Saio do escritório com a minha carga pesada.



Miss Birdie e eu fizemos um estranho acordo. Ela não é boa negociante e evidentemente não precisa do dinheiro. Consigo que ela concorde com cento e cinquenta dólares por mês, incluindo água, aquecimento e outras utilidades. Vai entrar também com alguns móveis para os quatro cômodos.

Além do dinheiro, eu me comprometo a ajudá-la em vários trabalhos na sua propriedade, especialmente cuidar do gramado e do jardim. Vou aparar a grama, juntar as folhas secas, o de sempre. Houve uma conversa vaga e não terminada sobre arrancar o mato, mas não a levei a sério.

Para mim é um bom negócio, e estou orgulhoso do meu tino comercial. O apartamento vale pelo menos trezentos e cinquenta por mês; portanto, economizei duzentos dólares. Calculo que posso viver trabalhando cinco horas por semana, vinte horas por mês. Dadas as circunstâncias, é um bom negócio. Depois de três anos de vida na biblioteca, preciso de ar fresco e exercício. Ninguém vai saber que sou um ajudante de jardineiro. Além disso, estarei perto de Miss Birdie, minha cliente.

É um acordo verbal, e mensal; portanto, se não funcionar, posso sair a qualquer momento.

Não faz muito tempo, vi alguns apartamentos bons, próprios para um advogado que está subindo na vida. Pediam setecentos dólares por mês por dois quartos com menos de 100 metros quadrados. E eu estava disposto a pagar. Muita coisa mudou desde então.

Agora estou mudando para uma alternativa bastante espartana, desenhada por Miss Birdie, e depois esquecida durante dez anos. Tem uma saleta modesta com tapete espesso, cor de laranja, e paredes verde pálido. Um quarto, uma pequena cozinha funcional e uma saleta de jantar separada. O teto é abobadado em todas as direções, criando um efeito bastante claustrofóbico no meu pequeno sótão.

É perfeito para mim. Desde que Miss Birdie mantenha distância, vai dar tudo certo. Ela me fez prometer que não haverá festas barulhentas, música em alto volume, mulheres de má fama, bebida,

drogas, cães ou gatos. Ela mesma fez a faxina no apartamento, lavou o assoalho e as paredes, tirou a maior parte do entulho. Praticamente ficou grudada em mim quando subi a escada com meu parcos pertences. Tenho certeza de que ficou com pena de mim.

Assim que levei para dentro o último volume, antes de ter tempo para começar a desencaixotar, ela insistiu em tomarmos uma xícara de café no pátio.

Sentamos no pátio durante uns dez minutos, o bastante para eu começar a transpirar, e ela disse que estava na hora de tratar dos canteiros de flores. Arranquei mato até não poder endireitar o corpo de tanta dor nas costas. Durante alguns minutos, ela foi uma companheira de trabalho muito ativa; depois limitou-se a ficar de pé, atrás de mim, apontando para o que devia ser feito.



Só consigo escapar do trabalho do jardim refugiando-me na segurança do Yogi's. Estou escalado para servir no bar até a hora de fechar, às vezes depois de uma hora da manhã.

Esta noite, o bar está cheio e infelizmente um grupo de colegas meus ocupa duas mesas num canto, na frente. É a última reunião de uma das várias fraternidades dos estudantes de direito, para a qual não fui convidado. Chama-se Os Barristers, um grupo de tipos de Revisores da Lei, alunos muito importantes que se levam muito a sério. Tentam ser misteriosos e exclusivos, com obscuros ritos de iniciação cantados em latim e outras bobagens do gênero. Quase todos vão trabalhar em grandes firmas ou em divisões legais federais. Dois foram aceitos pela Escola de Impostos da Universidade de Nova York. É um grupo arrogante e pomposo.

Sirvo jarras e jarras de cerveja, e logo ficam bêbados. O mais barulhento é um esquilincho chamado Jacob Staples, um jovem advogado promissor que, há três anos, quando entrou para a faculdade, já era um mestre em todos os truques sujos. Staples descobriu mais modalidades de fraudes do que qualquer outro na história desta faculdade. Roubou questões de exames, escondeu livros de pesquisa, copiou trabalhos de muitos de nós, mentiu para os professores para adiar a entrega de trabalhos. Vai ganhar um milhão rapidamente. Desconfio que tenha sido Staples quem copiou o anúncio da minha falência no Daily Repórter e o espalhou pela faculdade. Parece coisa dele.

Embora eu procure ignorá-los, percebo um ou dois olhares ocasionais na minha direção. Ouço a palavra “falência” várias vezes.

Mas procuro me manter ocupado, tomando ocasionalmente um gole de cerveja numa caneca de café. Prince está no canto oposto, vendo televisão e de olho nos Barristers. Esta noite ele assiste à corrida de galgos na Flórida e aposta em todos os páreos. Seu companheiro de bebida e de jogo hoje é seu advogado, Bruiser Stone, um homem extremamente gordo e grande de cabelo grisalho, longo e farto, e uma barbicha. Pesa no mínimo 175 quilos, e, juntos, parecem dois ursos sentados numa pedra, mastigando amendoins.

Bruiser Stone é um advogado com ética questionável. Ele e Prince são amigos há muito tempo, colegas de ginásio na South Memphis, e já fizeram muitos negócios escusos juntos. Contam o dinheiro quando não há ninguém por perto. Subornam políticos e policiais. Prince é o testa de ferro; Bruiser, o que pensa. E quando Prince é apanhado, Bruiser aparece na primeira página dos jornais bradando contra injustiças. Bruiser é muito eficiente no tribunal, especialmente porque costuma oferecer grandes quantias de dinheiro para os jurados. Prince não tem medo de um veredicto de culpado.

Bruiser tem quatro ou cinco advogados na sua firma. Não posso imaginar as profundezas do desespero que me obrigariam a pedir trabalho a ele. Não posso imaginar nada pior do que dizer que trabalho para Bruiser Stone.

Prince pode arranjar isso para mim. Ele gostaria de fazer esse favor para mostrar sua força.

Nem posso acreditar que eu esteja pensando nisso.

Pressionado por nós quatro, Smoot cede e diz que podemos voltar sozinhos ao Cypress Gardens sem formar um grupo e sem precisar nos submeter a outro almoço. Booker e eu entramos na sala quando estão tocando o “America Beautiful” e sentamos na última fila para ouvir a palestra de Miss Birdie sobre vitaminas e exercícios adequados. Finalmente ela nos vê e insiste em nos apresentar formalmente.

Logo que termina o programa, Booker vai para um canto afastado, onde encontra seus clientes, e dá conselhos que não quer que ninguém mais escute. Como já conheço Dot e passei horas com Miss Birdie conversando sobre o testamento, não tenho muito que fazer. O senhor DeWayne Dewesey, meu terceiro cliente da visita anterior, está no hospital, e enviei a ele, pelo correio, um sumário perfeitamente inútil das minhas sugestões para ajudar sua pequena guerra particular contra a Administração dos Veteranos.

O testamento de Miss Birdie está incompleto e não-assinado. Ultimamente ela parece muito sensível a respeito dele. Desconfio que não queira mais alterar. Ela diz que não tem notícias do reverendo Chandler e por isso talvez não deixe sua fortuna para ele. Tentei encorajar essa ideia.

Falamos uma ou duas vezes sobre o dinheiro. Ela sempre espera que eu esteja mergulhado até o traseiro em palha e terra para vasos, o suor pingando do meu nariz e sujo de turfa úmida, para me fazer alguma pergunta extravagante, como: “A mulher de Delbert pode processar meus bens se eu não deixar nada para ele?” Ou: “Por que não posso simplesmente distribuir o dinheiro agora?”

Eu paro, saio do meio das flores, enxugo meu rosto e procuro uma resposta inteligente. Em geral, a essa altura já mudou de assunto e quer saber por que as azaleias, adiante, não estão crescendo.

Tentei falar no assunto algumas vezes, enquanto tomávamos café no pátio, mas ela ficou nervosa e agitada. Miss Birdie desconfia saudavelmente de todos os advogados.

Consegui verificar alguns fatos. Ela realmente casou pela segunda vez com um senhor Anthony Murdine. O casamento durou quase cinco anos, até ele morrer em Atlanta há quatro anos. Aparentemente, o senhor Murdine deixou uma grande fortuna quando morreu, o que aparentemente provocou muita controvérsia porque o tribunal de De Kalb County, Georgia, determinou o arquivamento do processo. Só cheguei até aí. Pretendo conversar

com alguns dos advogados envolvidos no caso.

Miss Birdie quer falar, conferenciar comigo. Isso a faz se sentir importante aos olhos dos outros. Sentamos a uma mesa perto do piano, longe dos outros, com nossas cabeças quase tocando-se. Parece que não nos vemos há um mês.

— Preciso saber o que vou fazer com seu testamento, Miss Birdie — digo. — E antes de redigi-lo, preciso saber alguma coisa sobre o dinheiro.

Ela olha para os lados como se todos estivessem ouvindo. Na verdade, a maioria daquelas pobres almas não poderia ouvir nem que estivéssemos gritando. Ela afunda na cadeira, com a mão na frente da boca.

— Não tenho nada em imóveis, está bem? Mercado financeiro, fundos mútuos, obrigações municipais.

É uma surpresa para mim ouvir Miss Birdie falar nesses tipos de investimentos com tanta familiaridade. O dinheiro deve estar mesmo aí.

— Quem faz as aplicações? — pergunto. Uma pergunta desnecessária. Não faz diferença para o testamento ou para os bens quem administra o dinheiro. A curiosidade me devora.

— Uma firma de Atlanta.

— Uma firma de advocacia? — pergunto, temeroso.

— Oh, não. Eu não confiaria meu dinheiro a advogados. Uma companhia fiduciária. O dinheiro está todo sob custódia. Eu tenho a renda enquanto viver; depois deixarei para os outros. Foi o que o juiz determinou.

— Qual é a renda? — pergunto, completamente descontrolado.

— Ora, Rudy, isso não é da sua conta, é?

Não, não é. Acabo de levar uma palmada na mão, mas, seguindo a melhor tradição legal, tento me proteger.

— Bem, pode ser importante, sabia? Para efeito de impostos.

— Eu não pedi a você que tratasse dos meus impostos, pedi? Tenho um contador para isso. Simplesmente pedi para alterar meu testamento, e, minha nossa, parece que isso subiu à sua cabeça.

Bosco caminha para a outra extremidade da mesa e sorri para nós. Quase não tem dentes. Miss Birdie pede delicadamente a ele que vá jogar *parchesi* alguns minutos. Ela é extremamente bondosa e paciente com todos eles.

— Posso redigir seu testamento como a senhora quiser, Miss Birdie — digo, secamente. — Mas a senhora tem de se resolver.

Ela senta direito na cadeira, solta o ar dos pulmões teatralmente e fecha as dentaduras com força.

— Deixe-me pensar.

— Ótimo. Mas não esqueça que há muitas coisas no seu

testamento atual de que a senhora não gosta. Se Acontecer alguma coisa com a senhora, então...

— Eu sei, eu sei — interrompe, agitando as mãos. — Não me faça sermões. Nos últimos vinte anos devo ter feito uns vinte testamentos. Sei tudo a respeito.

Bosco está chorando na cozinha, e ela corre para consolá-lo. Felizmente Booker terminou suas consultas. Seu último cliente é o homem com quem ele passou a maior parte do tempo na nossa primeira visita. Evidentemente o homem não está feliz com o sumário que Booker fez da sua confusão, e ouço Booker dizer, já tentando se livrar:

— Escute, é de graça. O que você esperava?

Despedimonos de Miss Birdie e saímos rapidamente. Problemas Legais dos Idosos agora é história. As aulas vão terminar dentro de poucos dias.

Depois de três anos detestando a faculdade de direito, vamos finalmente ser libertados. Ouvi um advogado dizer certa vez que só depois de alguns anos nos livramos da dor e do sofrimento da faculdade de direito, e, como com relação à maior parte das coisas da vida, ficamos só com as boas lembranças. Ele parecia extremamente melancólico lembrando os dias gloriosos da sua educação legal.

Não consigo imaginar o momento em minha vida em que vou olhar para trás, para esses últimos três anos, e dizer que, afinal de contas, foram agradáveis. Talvez algum dia eu consiga juntar algumas boas lembranças de momentos passados na companhia de amigos, ou saindo com Booker, servindo no bar no Yogi's, outras coisas e eventos que me escapam agora. E tenho certeza de que Booker e eu vamos rir destes queridos velhos do Cypress Gardens e da confiança que depositaram em nós.

Talvez seja engraçado algum dia.

Sugiro uma cerveja no Yogi's. Eu pago. São duas horas e está chovendo, o momento perfeito para sentar a uma mesa e deixar passar o resto da tarde. Pode ser nossa última oportunidade.

Booker gostaria de aceitar, mas tem de estar no escritório dentro de uma hora. Marvin Shankle o mandou redigir um sumário de um caso que vai ao tribunal na segunda-feira. Ele vai passar todo o fim de semana enterrado na biblioteca.

Shankle trabalha sete dias por semana. Sua firma foi a pioneira de quase todos os processos judiciais cíveis em Memphis e agora está recolhendo as grandes recompensas. São vinte e dois advogados, todos negros, onze mulheres, todos tentando acompanhar o horário de trabalho brutal exigido por Marvin Shankle. As secretárias trabalham por turnos; assim, sempre, há

pelo menos três de serviço vinte e quatro horas por dia. Booker adora Shankle, e eu sei que numa questão de semanas os dois estarão trabalhando aos domingos.



Sinto-me como um assaltante de banco rodando de carro pelos subúrbios, resolvendo qual a agência mais fácil para atacar. Encontro a firma que estou procurando num prédio moderno de vidro e pedra, de quatro andares. Fica no Leste de Memphis, ao lado de um corredor movimentado que vai para oeste, na direção do centro e do rio. Foi aqui que o voo dos brancos aterrisou.

A firma tem quatro advogados, todos com trinta e poucos anos, todos formados pela Memphis State. Ouvi dizer que eram amigos na faculdade, trabalharam em grandes firmas na cidade, não gostaram da pressão e resolveram trabalhar juntos com mais tranquilidade. Vi o anúncio de página inteira nas páginas amarelas, que, segundo dizem, custa quatro mil por mês. Eles fazem de tudo, de divórcio a imóveis e zoneamento, mas é claro que as letras maiores anunciam sua experiência em LESÕES CORPORAIS.

Seja o que for que um advogado faça, na maior parte das vezes ele ou ela vai garantir seu grande *know how* no campo de lesões corporais. Uma vez que a grande maioria não tem clientes que paguem por hora, a única esperança de ganhar dinheiro está em representar pessoas que tenham sido feridas ou mortas. Em geral, é dinheiro fácil. Por exemplo, um cara é ferido num acidente de carro, por culpa do outro motorista, e tem seguro. Ele fica uma semana no hospital, uma perna quebrada, perda de salário. Se o advogado o alcançar antes do investigador de seguros, então sua reivindicação pode ser conseguida por cinquenta mil dólares. O advogado passa algum tempo mexendo nos papéis, mas provavelmente não é obrigado a entrar com um processo. Investe trinta horas no máximo e ganha cerca de quinze mil. O que significa quinhentos dólares por hora.

Um grande trabalho para quem consegue. Por isso quase todos os advogados de Memphis nas páginas amarelas anunciam em altos brados os casos de lesões corporais. Não precisam de nenhuma experiência de tribunal — noventa e cinco por cento dos casos são resolvidos por acordo. O truque é conseguir os casos.

Não me importa o que anunciam. Minha única preocupação é se

vou conseguir que me deem um emprego. Sento no meu carro por alguns momentos com a chuva batendo no para-brisa. Eu preferia ser chicoteado a entrar no escritório, sorrir para a recepcionista, conversar algum tempo como um vendedor ambulante e revelar meu último plano para passar por ela e falar com um de seus patrões.

Não posso acreditar que esteja fazendo isso.

Minha desculpa para não comparecer à cerimônia de formatura é que tenho algumas entrevistas com firmas de advocacia. Entrevistas promissoras, garanto a Booker, mas ele sabe a verdade. Booker sabe que a única coisa que estou fazendo é bater às portas e despejar meu currículo sobre a cidade.

Booker é a única pessoa que se importa com o fato de eu usar ou não o capelo e o manto e participar da cerimônia. Está desapontado porque não vou comparecer. Minha mãe e Hank estão acampando em algum lugar do Maine, vendo a folhagem tornar-se verde. Falei com ela há um mês, e não tem a menor ideia de quando vou me formar.

Ouvi dizer que a cerimônia é bastante tediosa, uma porção de discursos de velhos juízes prolixos que imploram aos graduados amar a lei, tratá-la como uma profissão honrada, respeitá-la como um amante ciumento, reconstruir a imagem tão maculada pelos que vieram antes de nós. *Ad nauseam*. Prefiro sentar no Yogi's e ver Prince apostar nas corridas de bode.

Booker vai estar lá com toda a família. Charlene e os filhos. Seus pais e os dela, alguns avós, tias, tios, primos. O clã dos Kane vai formar um grupo formidável. Vai haver muitas lágrimas e fotografias. Booker é o primeiro na família a se formar num curso superior, e o fato de estar se formando em direito é motivo para enorme orgulho. Tenho vontade de me esconder entre os assistentes só para ver os pais de Booker quando ele receber o diploma. Provavelmente vou chorar com eles.

Não sei se a família de Sara Plankmore vai participar das festividades, mas não vou me arriscar. Não suporto a ideia de ver Sara sorrindo para a câmera abraçada com o noivo, S. Todd Wilcox. Ela vai estar com uma capa muito larga, e não será possível saber se a gravidez já aparece. Mas mesmo assim não poderia tirar os olhos da sua cintura.

É melhor não ir à formatura. Dois dias atrás Madeline Skinner me disse que todos os graduados já conseguiram empregos. Muitos aceitaram menos do que desejavam. Pelo menos quinze deles estão percorrendo as ruas das suas cidades, abrindo pequenos escritórios, declarando-se prontos para aceitar casos. Pediram dinheiro emprestado aos pais e aos tios e alugaram salas com mobília barata. Ela tem as estatísticas. Sabe para onde cada um deles está indo. De jeito nenhum vou me sentar com o manto e o capelo, com cento e vinte colegas, todos sabendo que eu, Rudy Baylor, sou o único

idiota desempregado da classe. Seria melhor usar um manto cor-de-rosa com um chapéu luminoso. Esqueça.

Apanhei meu diploma ontem.



A formatura começa às duas da tarde, e exatamente nessa hora entro nos escritórios de Jonathan Lake. Esta será a primeira das minhas repetições. Estive aqui há um mês e timidamente entreguei meu currículo para a recepcionista. Agora vai ser diferente. Agora tenho um plano.

Fiz alguma pesquisa sobre a firma Lake, como é conhecida. Uma vez que Mr. Lake não quer compartilhar grande parte da sua riqueza, é o único sócio. Tem doze advogados trabalhando para ele, sete chamados contratados de tribunal e os outros cinco, mais jovens, contratados do tipo anãozinho de jardim. Os sete contratados de tribunal são advogados com experiência em julgamentos. Cada um tem uma secretária, um paralegal¹, e até o paralegal tem uma secretária. Isto é o que chamam de unidade de tribunal. Cada unidade funciona independentemente das outras, e Jonathan Lake ocasionalmente desce do seu pedestal para garantir a retaguarda. Ele aceita os casos que quer, geralmente os que têm maior potencial de grandes veredictos. Adora processar obstetras em casos de bebês prejudicados, e recentemente ganhou uma fortuna num processo sobre asbestos.

Cada contratado de tribunal se encarrega de sua equipe, pode despedir ou admitir e é também responsável pela geração de novos casos. Ouvi dizer que quase oitenta por cento dos negócios da firma têm origem em referências de outros advogados, os advogados de rua e os de imóveis que tropeçam por acaso num cliente com lesões corporais. A renda de um contratado é determinada por vários fatores, incluindo o número de casos que ele traz para a firma.

Barry X. Lancaster é um jovem astro em ascensão na firma, recentemente consagrado como contratado de tribunal: no último Natal conseguiu uma indenização de dois milhões de um médico de Arkansas. Tem trinta e dois anos, é divorciado, vive no escritório, formou-se na Memphis State. Fiz meu dever de casa. Ele também está anunciando que precisa de um paralegal. Li no *Daily Record*. Se eu não puder começar logo como advogado, o que há de errado em ser um paralegal? Algum dia vai ser uma grande história, depois do

meu sucesso e quando eu tiver a minha grande firma. O jovem Rudy não conseguiu um emprego e começou na sala de correspondência de Jonathan Lake. Olhem para ele agora.

Tenho uma entrevista marcada com Barry X. às duas horas. A recepcionista olha para mim duas vezes, mas não diz nada. Duvido que me reconheça da minha primeira visita. Mil pessoas devem ter entrado e saído desde então. Escondido atrás de uma revista, sentado no sofá de couro, na sala de espera, admiro os tapetes persas, o chão de tábua corrida de madeira e as vigas de 12 polegadas no teto. O escritório fica num antigo armazém perto do distrito médico de Memphis. Dizem que Lake gastou três milhões de dólares na reforma e na decoração desse monumento a ele mesmo. Já vi fotografias dos escritórios em duas revistas.

A secretária me conduz por um labirinto de vestíbulos e corredores até um escritório num plano mais alto. Embaixo há uma biblioteca aberta sem paredes nem fronteiras, apenas fileiras e fileiras de livros. Um estudioso solitário está sentado a uma mesa, cercado de livros, perdido num dilúvio de teorias conflitantes.

O escritório de Barry X. é comprido e estreito, com paredes de tijolos e assoalho que range sob os passos. É adornado por objetos antigos e acessórios. Trocamos um aperto de mãos e nos sentamos. Ele é magro e elegante, e me lembro de ter visto na revista a sala de ginástica que Mr. Lake instalou para os funcionários da firma. Com sauna e banho a vapor.

Barry está bem ocupado, sem dúvida precisa ir a uma sessão de estratégia com sua unidade de tribunal, em preparação para um caso importante. De onde estou posso ver as luzes piscando furiosamente no seu telefone. Suas mãos estão imóveis, mas ele não pode evitar uma olhada no relógio.

— Fale-me do seu caso — diz ele, depois das breves preliminares. — Alguma coisa sobre o não pagamento de um seguro. — Já está desconfiado porque estou de paletó e gravata, nada parecido com seus clientes mais comuns.

— Bem, na verdade, estou procurando trabalho — digo, corajosamente. Tudo o que ele pode fazer é me pedir que saia. O que tenho a perder?

Ele faz uma careta e apanha um papel da mesa. A maldita secretária se enganou outra vez.

— Eu vi no Daily Record que está procurando um estagiário.

— Então você é um paralegal — diz, bruscamente.

— Posso ser.

— Que diabo quer dizer com isso?

— Tenho três anos de faculdade de direito.

Ele me observa por uns cinco segundos, depois balança a cabeça

e olha para o relógio.

— Eu estou realmente muito ocupado. Minha secretária pode anotar seu pedido.

Levanto-me de repente e me inclino sobre a mesa.

— Escute, o negócio é o seguinte — digo, dramaticamente, e ele ergue os olhos, assustado. Então começo o discurso-padrão sobre ser brilhante e motivado e estar no primeiro terço da minha classe e falo do emprego que eu tinha na Brodnax e Speer. Estou a todo vapor. Atirando com dois canos. Tinley Britt, minha aversão pelas grandes firmas. Meu trabalho é barato. Qualquer coisa para começar. Na verdade, preciso muito de um emprego. Falo sem interrupção durante um minuto ou dois, depois sento outra vez.

Ele pensa por um momento, roendo uma unha. Não sei se está zangado ou impressionado.

— Quer saber o que me deixa danado? — diz, finalmente, sem dúvida muito menos do que impressionado.

— Sei, gente como eu, que mente para suas secretárias lá fora só para conseguir entrar aqui e pedir um emprego. É isso exatamente que o deixa danado, e não o culpo. Eu também ficaria, mas depois dava um desconto e diria para mim mesmo: Veja, este cara vai ser advogado, mas, em vez de pagar quarenta mil para ele, posso empregá-lo para o trabalho pesado por, digamos, vinte e quatro mil.

— Vinte e um.

— Aceito. Começo amanhã com vinte e um. E vou trabalhar o ano inteiro por vinte e um. Prometo que não vou sair antes de doze meses, independente de passar ou não no exame de licenciamento. Vou trabalhar sessenta, setenta horas por semana durante doze meses. Sem férias. Tem a minha palavra. Assino um contrato.

— Nós exigimos cinco anos de experiência para contratar um paralegal. É um trabalho complexo.

— Aprendo depressa. Trabalhei no verão passado para uma firma de defesa na cidade, só processos judiciais.

Há alguma coisa injusta nisso tudo, e ele acaba de descobrir. Eu entrei com minhas armas carregadas, e ele caiu numa cilada. É evidente que já fiz isso várias vezes porque tenho respostas rápidas para tudo o que ele diz.

Não sinto exatamente pena dele. Sempre pode me mandar embora.

— Vou falar com Mr. Lake — diz, cedendo um pouco. — Ele tem regras muito severas para a escolha do pessoal. Não tenho autoridade para contratar um paralegal que não corresponda às nossas especificações.

— Claro — digo, tristemente. Outro pontapé na cara. Na verdade, estou ficando muito bom nisso. Aprendi que advogados,

independente de quanto ocupados possam estar, têm uma simpatia inerente por recém-formados que não conseguem trabalho. Simpatia limitada.

— Talvez ele concorde, e, se concordar, o lugar é seu. — Oferece-o para me dispensar gentilmente.

— Tem mais uma coisa — digo, insistente. — Tenho um caso. Um caso muito bom.

Agora ele está desconfiado.

— Que tipo de caso?

— Má-fé no pagamento de seguro.

— Você é o cliente?

— Não. Sou o advogado. Tropecei nele por acaso, por assim dizer.

— Quanto vale?

Entrego a ele um sumário de duas páginas do caso Black, bastante modificado e com uma aura de sensacionalismo. Trabalhei durante algum tempo nesta sinopse, melhorando cada vez que um advogado a lia e me rejeitava. Barry X. lê atentamente, com maior concentração do que qualquer outro antes. Lê pela segunda vez enquanto admiro as paredes de tijolo antigo e sonho com um escritório igual a este.

— Nada mau — diz, terminando a segunda leitura. Vejo um brilho nos seus olhos e acho que está mais entusiasmado do que quer deixar transparecer. — Deixe-me adivinhar. Você quer um emprego e uma parte da ação.

— Não: Só o emprego. O caso é seu. Eu gostaria de trabalhar nele, e preciso tratar com o cliente. Mas os honorários são seus. “

— Uma parte. Mr. Lake fica com a parte maior — diz, com um largo sorriso.

Tanto faz. Francamente, não me importa como dividam o dinheiro. Só quero o emprego. A ideia de trabalhar para Jonathan Lake neste ambiente opulento me deixa zozzo.

Resolvi guardar Miss Birdie só para mim. Como cliente, ela não é tão promissora porque não gasta nada com advogados.

Provavelmente ela vai viver cento e vinte anos e não ganho nada usando-a como trunfo. Tenho certeza de que advogados muito mais capazes podem convencê-la a pagar, de mil modos, mas seu caso não vai interessar à firma de Lake. Esses caras gostam de litígio. Não se interessam por testamentos e inventários.

Levanto-me outra vez. Já tomei muito tempo de Barry X.

— Escute — digo, com a maior sinceridade possível. — Sei que está ocupado. Sou completamente legítimo. Pode verificar na faculdade de direito. Telefone para Madeline Skinner, se quiser.

— A louca Madeline? Ela ainda está lá?

— Está e neste momento é a minha melhor amiga. Ela vai se responsabilizar por mim.

— Claro. Falo com você o mais depressa possível. Claro que fala.

Eu me perco duas vezes procurando a saída. Ninguém está me vigiando, por isso não tenho pressa e admiro os grandes escritórios espalhados pelo prédio. Paro na entrada da biblioteca e olho para três planos de corredores de passagens estreitas. Não há dois escritórios iguais. As salas de conferência aparecem aqui e ali. Secretárias, funcionários do escritório e faxineiros passam de um lado para o outro, no assoalho de madeira de lei.

Eu trabalharia aqui por muito menos de vinte e um mil por ano.



Estaciono atrás do longo Cadillac e desço do carro silenciosamente. Não estou disposto a replantar flores. Vou para o lado da casa e vejo uma pilha de enormes sacos de plástico. Dezenas deles. Toneladas de composto orgânico para proteger as raízes das plantas. Cada saco pesa cinquenta quilos. Lembro-me de Miss Birdie ter dito alguma coisa sobre renovar o composto em todos os canteiros, mas nunca imaginei que fosse isso.

Subo a escada para meu apartamento e, quando chego à porta, ouço a voz dela.

— Rudy, querido, vamos tomar café. — Está de pé ao lado do monumento de composto orgânico, com um largo sorriso, mostrando os dentes cinzentos e amarelos, realmente feliz por ver que estou em casa. É fim do dia, e ela gosta de tomar café no pátio vendo o pôr-do-sol.

— É claro. — Deixo o paletó no corrimão e tiro a gravata.

— Como vai você, meu querido? — cantarola, olhando para cima. Começou esse negócio de “querido” há uma semana. É querido para cá, querido para lá o tempo todo.

— Muito bem. Cansado. Com dor nas costas — Há vários dias venho me queixando de dor nas costas, mas ela ainda não se deu por achada.

Sento na minha cadeira enquanto ela prepara aquela bebida horrível na cozinha. As sombras se alongam no gramado. Conto os sacos de plástico. Oito fileiras de 32 sacos cada uma, um total de 256 sacos. A cinquenta quilos cada um, são doze mil quilos e oitocentos gramas. De palha. Para ser espalhada. Por mim.

Tomamos café, eu com goles muito pequenos, e ela quer saber tudo o que eu fiz hoje. Digo que estive conversando com alguns advogados sobre certos processos, o que é mentira, claro, e depois estudei para o exame. Amanhã vai ser a mesma coisa. Ocupado, muito ocupado, sabe?, com assuntos legais. Certamente sem tempo para erguer e carregar uma tonelada de composto orgânico.

Nós dois estamos de frente para os sacos de plástico, mas não queremos olhar para eles. Evito também olhar diretamente para Miss Birdie.

— Quando você começa a trabalhar como advogado? — quer saber.

— Não sei ainda. — Explico pela décima vez que nas próximas semanas vou estudar muito, mergulhar nos livros da faculdade e espero passar nos exames. Não posso começar a trabalhar como advogado antes de passar nos exames.

— Que ótimo — diz ela. — Precisamos começar a trabalhar com esse composto — acrescenta, balançando a cabeça e olhando para a pilha de sacos.

Por um momento não sei o que dizer, depois comento:

— É um bocado de composto.

— Oh, não vai ser difícil. Eu ajudo.

Isso quer dizer que ela vai apontar com a pá enquanto fala sem parar.

— Sim, bem, talvez amanhã. É tarde, e tive um dia cansativo. Ela pensa no assunto por um segundo.

— Eu estava pensando em começar esta tarde. Eu ajudo.

— Bem, ainda não jantei.

— Faço um sanduíche para você — oferece rapidamente. Para Miss Birdie, um sanduíche significa uma fatia transparente de peru defumado entre duas finas fatias de pão branco tipo dieta. Nem uma gota de mostarda ou maionese. Queijo ou alface nem pensar. Só quatro podem aliviar um pouco a fome.

Ela se levanta, e está indo para a cozinha quando o telefone toca. Há duas semanas ela vem prometendo instalar um telefone independente no meu apartamento. Por enquanto, tenho uma extensão, o que significa que não tenho privacidade nas minhas conversas. Ela me pediu que limitasse os telefonemas porque está precisando do telefone, que raramente toca.

— É para você, Rudy — diz, da cozinha. — Um advogado.

É Barry X. Ele diz que falou com Jonathan Lake e que podemos ter outra entrevista. Quer que eu vá ao seu escritório imediatamente. Diz que trabalha a noite toda. E quer que eu leve o dossiê. Quer ver tudo o que tenho sobre o caso de má-fé.

Enquanto falamos, Miss Birdie prepara caprichosamente seu

sanduíche de peru. Desligo no momento exato em que ela o está cortando ao meio.

— Preciso sair, Miss Birdie — digo, apressado. — Apareceu um problema. Preciso falar com um advogado sobre um caso.

— Mas e...

— Sinto muito. Faço isso amanhã. Eu a deixo com uma metade do sanduíche em cada mão, sem poder acreditar que não vou jantar com ela.



Barry me espera na porta do prédio, que está trancada, embora ainda haja muita gente lá dentro. Vamos para seu escritório, meus passos bem mais rápidos do que nos últimos dias. Não posso deixar de admirar os tapetes, as estantes de livros e as obras de arte, pensando que vou fazer parte disto tudo. Eu, membro da firma Lake, onde estão os maiores advogados de processos da cidade.

Ele me oferece um *egg-roll* que sobrou do seu jantar. Barry X. faz três refeições por dia na sua mesa de trabalho. Lembro que ele é divorciado e agora compreendo por quê. Não estou com fome.

Ele liga o gravador e põe o microfone na mesa, virado para mim.

— Vamos gravar isso. Minha secretária vai datilografar amanhã. Está bem?

— Claro. — Qualquer coisa está bem para mim.

— Vou contratá-lo como paralegal por doze meses. Seu salário será de vinte e um mil por ano, pagos em doze prestações iguais no dia quinze de cada mês. Você não terá direito a seguro-saúde nem outros benefícios antes de um ano. No fim dos doze meses, avaliaremos nosso relacionamento e estudaremos a possibilidade de empregá-lo como advogado, não mais como paralegal.

— Claro. Está ótimo.

— Você terá um escritório, e vamos contratar uma secretária para ajudá-lo. O mínimo de sessenta horas por semana, das oito da manhã até quando for necessário. Nenhum advogado desta firma trabalha menos de sessenta horas por semana.

— Sem problema. — vou trabalhar noventa horas. Isso vai me manter longe de Miss Birdie e do seu composto orgânico.

Ele verifica suas notas atentamente.

— E nós nos encarregaremos oficialmente do... qual é mesmo o nome do seu caso?

— Black. Black versus Great Benefit.

— Tudo bem. Representaremos os Black contra a companhia de seguros de vida Great Benefit. Você vai trabalhar no dossiê, mas não terá direito a nenhuma parte dos honorários, se houver algum.

— Certo.

— Mais alguma coisa? — pergunta ele, falando na direção do microfone.

— Quando começo?

— Agora. Quero que comece a trabalhar no caso esta noite, se tiver tempo.

— Claro.

— Mais alguma coisa? Digo com a boca seca:

— Requeri falência no começo deste mês. É uma longa história.

— Não é o caso de nós todos? Sete ou treze?

— Sete completo.

— Então não vai afetar seu contracheque. Além disso, você vai estudar para o exame no seu tempo livre, está bem?

— Ótimo.

Ele desliga o gravador e me oferece outra vez o *egg-roll*. Recuso e descemos a escada em espiral para uma pequena biblioteca.

— É fácil se perder por aqui — diz.

— É incrível. — Olho encantado o labirinto de salas e corredores.

Sentamos a uma mesa e espalhamos os documentos do caso Black entre nós. Ele fica impressionado com a minha organização. Pede alguns documentos. Estão todos na ponta dos meus dedos. Ele quer datas e nomes. Tenho tudo de memória. Faço cópias de tudo — uma para o arquivo dele, uma para o meu.

Tenho tudo, menos o contrato assinado para representar os Black. Isso aparentemente o surpreende e explico como cheguei a representá-los.

Precisamos conseguir o contrato, diz ele mais de uma vez.



Saio do escritório depois das dez. No carro, de volta para casa, surpreendo-me sorrindo para mim no espelho retrovisor. Depois vou levar flores para Madeline Skinner e agradecer.

Pode ser um emprego de segunda categoria, mas o único caminho possível é para cima. Dentro de um ano estarei ganhando

mais do que Sara Plankmore, S. Todd, N. Elizabeth e F. Franklin e mais uma centena de cretinos dos quais estive me escondendo no último mês. Só preciso de tempo.

Paro no Yogi's e tomo um drinque com Prince. Conto a maravilhosa novidade, e ele me dá um forte abraço de bêbado. Diz que detesta me ver deixar o Yogi's. Digo que gostaria de continuar durante um mês mais ou menos, talvez trabalhar no bar nos fins de semana, até depois do exame. Qualquer coisa está bem para Prince.

Senta sozinho no fundo do bar, tomando uma cerveja e observando os poucos fregueses. Não estou mais envergonhado. Pela primeira vez em semanas não sinto o peso da humilhação. Estou pronto para agir agora, pronto para começar minha carreira. Sonho em enfrentar Loyd Beck no tribunal algum dia.

¹ Paralegal: secretário de advocacia especializado em terminologia e procedimentos legais. É cargo profissional típico dos EUA. (N. da T.)

Lendo os casos e o resto do material que recebi de Max Leuberg, muitas vezes fiquei surpreso com os recursos radicais usados pelas companhias de seguro para lesar as pessoas menos favorecidas. Cada dólar merece ser disputado desonestamente. Todos os planos corruptos merecem ser ativados para esse objetivo. Surpreendeu-me também o pequeno número de segurados que processam as companhias. A maior parte nem consulta um advogado. As companhias dão a eles frases e mais frases de linguagem obscura nos apêndices e adendos e os convencem de que só imaginaram que estivessem segurados. Um estudo calcula que menos de cinco por cento das recusas de pagamento de má-fé foram vistos por um advogado. As pessoas que comprem essas apólices não têm muita instrução. Geralmente, têm tanto medo de advogados quanto de companhias de seguros. A ideia de entrar num tribunal e testemunhar perante um juiz e um júri é suficiente para silenciá-las.

Barry Lancaster e eu levamos boa parte de dois dias estudando o caso Black. Ele já defendeu vários casos de má-fé com vários graus de sucesso. Diz repetidamente que os júris são tão estupidamente conservadores em Memphis que é difícil conseguir um veredicto. Ouvi isso durante três anos. Para uma cidade do Sul, Memphis é difícil nesse particular. As cidades da União geralmente dão bons veredictos para os queixosos. Mas por alguma razão desconhecida isso raramente acontece aqui. Jonathan Lake já conseguiu um punhado de veredictos de um milhão de dólares, mas agora prefere julgar os casos em outros estados.

Ainda não conheci Mr. Lake. Ele está em algum lugar, trabalhando num grande julgamento e sem nenhum interesse em conhecer seu novo empregado.

Meu pequeno escritório provisório fica numa pequena biblioteca num plano elevado que dá para o segundo andar. Tenho três mesas redondas, oito estantes de livros, todos sobre prática ilegal de medicina e erros médicos. No meu primeiro dia, Barry me mostrou uma bela sala, um pouco adiante do seu escritório, e explicou que será minha dentro de duas semanas. Precisa ser pintada e a fiação elétrica está com defeito. O que se pode esperar de um armazém?, pergunta ele repetidamente.

Ainda não conheci mais ninguém da firma, e tenho certeza de que isso se deve ao fato de eu ser um mero paralegal, não um advogado. Não sou nada de novo ou especial. Os paralegais vêm e vão.

São todos muito ocupados, e parece não haver muita camaradagem entre eles. Barry fala pouco sobre os outros advogados, e tenho a impressão de que cada pequena unidade de trabalho é muito independente. Sinto também que conduzir processos legais sob a supervisão de Jonathan Lake é uma tarefa de muita tensão.

Barry chega antes das oito da manhã, e estou resolvido a me encontrar com ele na entrada assim que tiver a chave do prédio. Há uma longa história de escutas nos telefones da firma, muitos anos atrás, por ocasião de um processo contra uma companhia de seguros. Barry me contou isso na primeira vez que falei em ter uma chave. Pode levar semanas, disse ele. E um teste de polígrafo.

Ele me deixou na pequena biblioteca, deu-me instruções e foi para seu escritório. Nos dois primeiros dias, ele verificava meu trabalho de duas em duas horas mais ou menos. Copiei tudo o que havia no dossiê Black. Sem que ele soubesse, tirei também uma cópia para os meus arquivos e a levei para casa no fim do segundo dia, dentro da minha nova pasta, presente de Prince.

Seguindo as diretrizes de Barry, escrevi uma carta muito severa para a Great Benefit, expondo todos os fatos relevantes e as ações criminais a que estava sujeita. Depois de datilografada pela secretária de Barry, deu um total de quatro páginas. Barry realizou uma cirurgia radical na carta e a mandou de volta para o meu canto. Ele é muito meticoloso e orgulha-se da sua capacidade de concentração.

Num dos intervalos do meu terceiro dia, tomei coragem e pedi à secretária dele os documentos referentes à minha admissão na firma. Ela estava ocupada, mas disse que ia providenciar.

No fim do terceiro dia, Barry e eu saímos do escritório dele um pouco depois das nove horas. A carta para a Great Benefit estava pronta, uma obra de arte de três páginas que enviaríamos registrada, contra recibo. Ele nunca fala sobre sua vida fora do escritório. Sugeri uma cerveja e um sanduíche, mas ele recusou friamente.

Fui até o Yogi's para comer alguma coisa. O bar estava cheio de estudantes das fraternidades, bêbados, e Prince estava servindo no bar, nem um pouco satisfeito. Tomei o lugar dele e o mandei bancar o leão de chácara. Prince ficou encantado.

Em vez de seguir minha sugestão, ele sentou à mesa onde seu advogado, Bruiser Stone, estava acendendo um cigarro Camel e apostando numa luta de boxe. Esta manhã Bruiser estava nos jornais outra vez, negando ter conhecimento sobre não me lembro o quê. Há dois anos a polícia encontrou um corpo numa lata de lixo, atrás de uma casa noturna de topless. O morto era um desordeiro

local, dono de um negócio pornô na cidade, e evidentemente queria investir no comércio dos seios de fora. Ele entrou em território proibido com um negócio errado e foi decapitado. Bruiser jamais faria uma coisa dessas, mas a polícia parece razoavelmente certa de que ele sabe quem fez.

Ultimamente tem vindo muito ao Yogi's, bebe demais e fica o tempo todo cochichando com Prince.

Graças a Deus tenho um emprego de verdade. Estava quase resignado a pedir um para Bruiser.



Hoje é sexta-feira, meu quarto dia na firma Lake. Eu disse a uma porção de gente que estou trabalhando na Lake, e é uma sensação agradável sentir essas palavras saindo da minha boca. Ninguém precisa fazer perguntas sobre a firma. Basta mencionar o nome, que todos sabem que se trata do armazém magnífico, o lar do grande Jonathan Lake e de seu grupo de advogados decididos.

Booker quase chorou. Comprou bifes e uma garrafa de vinho sem álcool. Charlene fez o jantar e comemoramos até a meia-noite.

Eu não pretendia acordar antes das sete esta manhã, mas ouço um barulho na minha porta. É Miss Birdie, que agora começa a girar a maçaneta, gritando:

— Rudy! Rudy!

Abro a porta, e ela investe para dentro.

— Rudy, você está acordado?

Olha para mim na pequena cozinha. Estou com short de ginástica e camiseta, nada indecente. Ainda não abri bem os olhos, e meu cabelo está despenteado. Estou acordado, mas muito pouco.

O sol acaba de aparecer, mas ela já está com terra no avental e lama nos sapatos.

— Bom dia — procuro não parecer irritado. Ela abre o sorriso cinza e amarelo.

— Eu o acordei? — pergunta, penitente.

— Não, eu estava me levantando.

— Ótimo. Temos muito trabalho.

— Trabalho? Mas...

— Sim, Rudy. Você já ignorou o composto por muito tempo, chegou a hora de trabalhar. Vai apodrecer se não nos apressarmos.

Pisco os olhos, tentando focalizá-los.

— Hoje é sexta-feira — murmuro, hesitante.

— Não, é sábado — diz, secamente. Entreolhamo-nos por alguns segundos, e então olho para meu relógio, um hábito que adquiri só com três dias na firma.

— E sexta-feira, Miss Birdie. Sexta-feira. Tenho de trabalhar hoje.

— E sábado — repete, teimosa.

Olhamos um para o outro outra vez. Ela olha para meu short. Eu examino seus sapatos sujos de lama.

— Escute, Miss Birdie — digo, suavemente. — Eu sei que hoje é sexta-feira e preciso estar no escritório daqui a uma hora e meia. Trataremos do composto neste fim de semana. — É claro que estou procurando acalmá-la. Pretendo trabalhar amanhã de manhã.

— Vai apodrecer.

— Não até amanhã. Será que o composto de fato apodrece nos sacos? Acho que não.

— Eu queria plantar as rosas amanhã.

— Bem, por que não trabalha com as rosas hoje, enquanto estou no escritório, e amanhã tratamos do composto?

Ela pensa por um momento, e de repente se transforma na própria imagem do sofrimento. Os ombros se curvam, e o rosto fica triste e sombrio. É difícil dizer se está embaraçada.

— Você promete? — pergunta, timidamente.

— Prometo.

— Você disse que trataria do jardim se eu diminuísse o aluguel.

— Sim, eu sei. — Como posso esquecer? Ela já me lembrou disso uma dúzia de vezes.

— Está bem — diz, como se tivesse conseguido exatamente o que queria. Sai do apartamento e desce a escada resmungando o tempo todo. Fecho a porta silenciosamente, imaginando a hora em que ela vai me acordar amanhã.

Visto-me e vou para o escritório, onde encontro uma meia dúzia de carros e o armazém parcialmente iluminado. Não são sete horas ainda. Espero no carro até chegar outro e calculo o tempo exato para chegar junto com um homem de meia-idade na porta da frente. Segurando uma pasta e um copo de plástico com café, ele começa a procurar as chaves.

Olha assustado para mim. Não estamos numa área de alto índice de criminalidade, mas é fora da cidade de Memphis e as pessoas ficam nervosas.

— Bom dia — digo cortesmente.

— Dia — resmunga. — Posso ajudá-lo?

— Sim, senhor. Sou o novo paralegal de Barry Lancaster, e estou chegando para trabalhar.

— Nome?

— Rudy Baylor.

Suas mãos ficam imóveis, e ele franze a testa. Estende o lábio inferior para a frente e balança a cabeça.

— Nunca ouvi. Eu sou o diretor comercial. Ninguém me disse nada.

— Ele me contratou há quatro dias, juro.

Enfia a chave na fechadura com um olhar medroso para trás. O cara pensa que sou um ladrão ou assassino. Estou de paletó e gravata, com ótima aparência.

— Desculpe, mas Mr. Lake tem regras severas quanto à segurança. Ninguém entra antes do horário de trabalho a não ser que esteja na folha de pagamento. — Ele quase salta para dentro do prédio. — Diga ao Barry que me telefone hoje. — Bate a porta na minha cara.

Não vou ficar parado nos degraus como um vendedor ambulante à espera do primeiro empregado da firma. Entro no carro e vou até uma delicatessen, onde compro jornal, café e uma rosquinha. Passo uma hora respirando fumaça de cigarro e ouvindo as fofocas; depois volto para o estacionamento, agora com mais carros parados. Belos carros. Elegantes carros alemães e outros, importados. Cuidadosamente escolho a vaga ao lado de um Chevrolet.

A recepcionista já me viu entrar e sair algumas vezes, mas finge que sou um completo estranho. Não estou disposto a informá-la que sou um novo empregado da firma, tal como ela. Ela telefona para Barry, que autoriza minha entrada no labirinto.

Ele deve estar no tribunal às nove para tratar de algumas moções sobre um caso de dívidas e por isso está apressado.

Estou decidido a falar sobre a inscrição do meu nome na folha de pagamento, mas o momento não é propício. Posso esperar um dia ou dois. Barry está apertando a papelada na pasta e por um momento me ocorre a ideia de ajudá-lo no tribunal esta manhã.

Ele tem outros planos.

— Quero que vá procurar os Black e que volte com o contrato assinado. Tem de ser feito agora. — Enfatiza a palavra “agora”, de modo que sei exatamente para onde estou indo.

Ele me entrega uma pasta fina.

— O contrato está aí. Eu o preparei a noite passada. Dê uma lida. Precisa ser assinado pelos três Black: Dot, Buddy e Donny Ray, uma vez que ele é adulto.

Faço um gesto afirmativo cheio de confiança, pensando que prefiro ser espancado a passar uma manhã com os Black. Vou finalmente conhecer Donny Ray, um encontro que eu adiaria para sempre.

— E depois disso? — pergunto.

— Vou estar no tribunal o dia todo. Encontre-se comigo na sala do juiz Anderson.

O telefone toca, e ele sacode a mão dispensando-me, como se meu tempo tivesse terminado.



A ideia de sentar com todos os Black em volta da mesa da cozinha para assinar um contrato não é nada atraente. Vou ter de ver Dot atravessar o quintal até o Fairlane, praguejando o tempo todo, depois procurar convencer Buddy a deixar seus gatos e seu gim. Provavelmente vai puxá-lo pela orelha para fora do carro. Pode ser uma cena chocante. E eu terei de ficar ali sentado, nervoso, enquanto ela desaparece nos fundos da casa para preparar Donny Ray e depois prender a respiração quando ele surgir para conhecer seu advogado.

Para evitar a maior parte possível disso tudo, paro num telefone num posto Gulf e ligo para Dot. É uma vergonha. A firma Lake possui os mais modernos aparelhos eletrônicos do mercado e sou obrigado a usar um telefone público. Ainda bem que é Dot quem atende. Não posso imaginar uma conversa por telefone com Buddy. Duvido que ele tenha um telefone no seu Fairlane.

Como sempre, ela está desconfiada, mas concorda em me ver por alguns momentos. Não lhe digo exatamente que reúna o clã, mas enfatizo a importância de conseguir a assinatura de todos da família. E tipicamente, digo que estou com muita pressa. Tenho de correr para o tribunal, compreende? Os juízes estão esperando.

O mesmo cachorro rosna para mim atrás da cerca do vizinho quando estaciono na frente da casa dos Black. Dot está na varanda com o cigarro de filtro a milímetros da boca e uma névoa azulada girando preguiçosamente do alto de sua cabeça para o gramado. Ela deve estar esperando e fumando há algum tempo.

Com um largo sorriso forçado a cumprimento expansivamente. As rugas em volta da sua boca mal se movem. Acompanho-a para dentro da sala embolorada, passo pelo sofá rasgado sob uma coleção de velhas fotos dos Black como uma família feliz, sobre os pequenos tapetes que escondem os furos no carpete, até a cozinha, onde não vejo ninguém.

— Café? — pergunta ela, apontando para o meu lugar ao lado

da mesa.

— Não, obrigado. Só água.

Ela enche um copo de plástico com água da torneira e o põe na mesa, na minha frente. Vagarosamente nós dois olhamos para a janela.

— Ele não quer entrar — diz, sem sinal de frustração. Imagino que em certos dias Buddy entre, e em outros não.

— Por que não? — pergunto, como se aquele comportamento tivesse uma explicação racional.

Ela dá de ombros.

— Você precisa de Donny Ray também, certo?

— Sim.

Ela se levanta da cadeira, deixando-me com meu copo de água morna e o espetáculo de Buddy lá fora. Na verdade não é fácil vê-lo porque o para-brisa há décadas não é lavado e uma horda de gatos magros passeia no capô. Buddy está com uma espécie de boné, provavelmente com protetores de lã para as orelhas, e vejo quando leva a garrafa aos lábios com um gesto lento. Parece que a garrafa está dentro de um saco de papel pardo. Ele toma um gole longo.

Ouçô Dot falando em voz baixa com o filho. Estão na sala, e depois entram na cozinha. Fico de pé para conhecer Donny Ray Black.

Definitivamente ele está morrendo, seja qual for a causa. O rosto é horivelmente magro e emaciado, faces encovadas, pele branca como giz. Donny não era muito alto antes da doença e agora, curvado, não é mais alto do que a mãe. O cabelo e as sobrancelhas são negros, contrastando com a pele branca e opaca. Mas ele sorri e estende a mão ossuda, que aperto com a maior firmeza possível.

Dot está com o braço passado pela cintura dele e gentilmente o ajuda a sentar. Ele veste calça jeans muito larga e uma camiseta branca que pende sobre o corpo esquelético.

— É um prazer conhecê-lo — digo, tentando evitar os olhos fundos.

— Mamãe falou muito bem de você — responde, com voz áspera e fraca, mas clara.

Nunca pensei em Dot falando bem de mim. Ele apoia o queixo nas duas mãos, como se o pescoço não tivesse forças para sustentar a cabeça.

— Ela disse que você está processando aqueles filhos da mãe da Great Benefit, que vai fazer com que paguem — o tom é mais de desespero que de zanga.

— Isso mesmo. — Abro a pasta, tiro uma cópia da carta de Barry X. enviada para a Great Benefit, e a entrego para Dot, que está de pé atrás de Donny Ray. — Já demos entrada nisto — explico, o

próprio advogado experiente. Demos entrada, não mandamos pelo correio. Soa melhor, dando a impressão de que estamos realmente agindo. — Não esperamos uma resposta satisfatória; por isso daremos entrada no processo dentro de alguns dias. Provavelmente, pediremos no mínimo um milhão.

Dot olha para a carta e a põe na mesa. Eu esperava uma porção de perguntas para saberem por que ainda não dei entrada no processo. Temia uma discussão. Mas ela massageia gentilmente os ombros de Donny Ray e olha desanimada pela janela. Vai ter cuidado com o que diz para não perturbar Donny Ray.

Donny Ray está de frente para a janela.

— O papai vai entrar? — pergunta.

— Ele disse que não — a mãe responde. Tiro o contrato da pasta e o entrego a Dot.

— Isto precisa ser assinado para darmos entrada no processo. É um contrato entre vocês, os clientes, e minha firma. Um contrato de representação legal.

Ela segura as duas folhas com um gesto cansado.

— O que ele diz?

— Oh, o mesmo de sempre. É a fórmula-padrão. Vocês nos contratam como seus advogados, nós tratamos do caso, tratamos das despesas e ficamos com um terço do que conseguirmos fazer com que paguem.

— Então, por que precisa duas páginas de letras miúdas? — Ela tira cigarro do maço que está na mesa.

— Não acenda isso! — diz Donny bruscamente, virando a cabeça para trás. Olha para mim e diz: — Não admira que eu esteja morrendo.

Sem hesitar, ela põe o cigarro entre os lábios e continua a olhar para o documento. Não acende o cigarro.

— E nós três temos de assinar?

— Exatamente.

— Bem, ele disse que não vai entrar.

— Então leve para ele — diz Donny Ray, zangado. — Pegue uma caneta, vá até lá e faça com que assine essa maldita coisa.

— Eu não tinha pensado nisso — diz ela.

— Já fizemos antes. — Donny Ray coca a cabeça. As palavras iradas o deixaram sem fôlego.

— Acho que posso fazer isso — diz ela, hesitando ainda.

— Faça de uma vez, que diabo! — exclama ele, e Dot procura uma caneta na gaveta.

Donny Ray levanta a cabeça e a apoia nas mãos sustentadas por pulsos finos como cabos de vassoura.

— Volto num minuto — diz Dot, como se estivesse saindo para

as compras, preocupada em deixar o filho sozinho. Atravessa devagar o pátio de tijolos e entra no mato. Quando a vê, um gato salta do capô e se esconde debaixo do carro.

— Há alguns meses... — diz Donny Ray, e faz uma longa pausa. Sua respiração é laboriosa, e ele balança a cabeça levemente. — Há alguns meses precisamos reconhecer a assinatura dele, e ele não queria sair de casa. Ela descobriu uma escritã pública disposta a vir aqui em casa por vinte dólares, mas, quando chegou a hora, ele não quis entrar. Então, minha mãe e a escritã foram até o carro, passando no meio do mato. Está vendo aquela gata laranja em cima do carro?

— Hum-hum.

— Nós a chamamos de *Garras*. Ela é uma espécie de cão de guarda por aqui.

Quando a escritã estendeu a mão para pegar os documentos assinados por Buddy, Garras saltou do carro e a atacou. Isso nos custou sessenta dólares da visita do médico e uma nova meia-calça. Já tinha visto alguém com leucemia?

— Não. Não até agora.

— Estou pesando 55 quilos. Onze meses atrás, eu pesava 80. A leucemia foi diagnosticada com muito tempo para ser tratada. Tenho sorte de ter um irmão gêmeo idêntico com medula óssea igual. O transplante teria salvo minha vida, mas não pudemos pagar. Tínhamos seguro, mas você sabe o resto da história. Acho que sabe de tudo isso, certo?

— Sim, conheço bastante o seu caso, Donny Ray.

— Ótimo — diz ele, aliviado.

Vemos Dot espantar os gatos. Garras está na capota do carro, fingindo que dorme. Garras não quer nada com Dot Black. As portas estão abertas, e Dot estende o contrato para Buddy. Ouvimos a voz estridente dela.

— Sei que pensa que eles são loucos — diz Donny Ray, lendo minha mente. — Mas são boa gente e não tiveram sorte. Tenha paciência com eles.

— Eles são bons.

— Eu estou oitenta por cento morto, certo? Oitenta por cento. Se tivesse recebido o transplante, que diabo, há até mesmo seis meses, as probabilidades de cura seriam de noventa por cento. Noventa por cento. É engraçado como os médicos usam números para nos dizer se vamos viver ou morrer. Agora é tarde demais. — De repente ele luta para respirar, fecha os punhos, e o corpo estremece. O rosto fica levemente rosado, ele procura desesperadamente respirar, e por um segundo penso que preciso ajudá-lo. Bate no peito com as mãos fechadas, e tenho a impressão de que vai desmoronar.

Finalmente Donny Ray respira e solta o ar pelo nariz. Nesse exato momento, começa a odiar a companhia de seguros Great Benefit.

Não me sinto mais embaraçado de olhar para ele. Donny Ray é meu cliente e conta comigo. Vou lutar por ele, sejam quais forem as dificuldades.

Sua respiração é o mais anormal possível, e os olhos estão vermelhos e úmidos. Não sei se está chorando ou se refazendo da crise.

— Desculpe — murmura.

Garras sibila como uma cobra, estridentemente, e olhamos a tempo de ver a gata despencar do carro para o mato. Evidentemente, a gata de guarda interessou-se demais por meu contrato, e Dot deu um safanão nela. Dot está dizendo alguma coisa pouco amável para o marido, que está mais afundado ainda no banco, atrás da direção. Ela estende o braço, tira o documento das mãos dele e caminha furiosa para nós, com gatos mergulhando em todas as direções para se proteger.

— Oitenta por cento morto, certo? — diz Donny Ray, com voz rouca. — Assim, não vou ficar por aqui por muito tempo. Seja o que for que você consiga com este caso, por favor, tome conta deles com o dinheiro. Tiveram uma vida dura.

Fico tão comovido, que não consigo dizer nada.

Dot abre a porta e põe o contrato na mesa. A primeira página está um pouco rasgada na parte inferior, e a segunda está manchada. Espero que não sejam fezes de gato.

— Aí está — diz ela. Missão cumprida. Buddy assinou mesmo, com uma assinatura completamente ilegível.

Mostro as outras duas linhas. Donny Ray e a mãe assinaram, e o negócio está fechado. Conversamos por alguns minutos e começo a olhar para o relógio.

Quando os deixo, Dot está sentada ao lado de Donny Ray, acariciando o braço dele e dizendo que tudo vai melhorar.

Eu estava preparado para explicar a Barry X. que não ia poder trabalhar no sábado ou ter coisas importantes para fazer em casa e tudo o mais. E estava preparado para sugerir algumas horas de trabalho na tarde de sábado, se ele precisasse de mim. Mas me preocupei inutilmente. Barry vai sair da cidade no fim da semana, e, como não me atrevo a entrar no escritório sem sua ajuda, o problema desaparece.

Por algum motivo, Miss Birdie não ataca minha porta antes de o sol nascer, preferindo começar a se organizar na frente da garagem, debaixo da minha janela, preparando ruidosamente os instrumentos de trabalho. Deixa cair ancinhos e pás. Raspa a sujeira do fundo do carrinho de mão com uma pesada picareta. Afia duas enxadas, cantando o tempo todo como os tiroleses. Finalmente, desço um pouco depois das sete, e ela finge surpresa quando me vê.

— Ora, bom dia, Rudy. Como vai você?

— Muito bem, Miss Birdie. E a senhora?

— Maravilhosamente bem, maravilhosamente. Não está um belo dia?

O dia mal começou, e é muito cedo ainda para medir sua beleza. Se é que se pode dizer alguma coisa, está quente demais para essa hora. O calor insuportável do verão de Memphis não deve estar longe.

Ela me permite uma xícara de café instantâneo e um pedaço de pão torrado antes de começar a resmungar a respeito do composto. Sob sua orientação, ponho o primeiro saco de cinquenta quilos no carrinho e a acompanho até a entrada da casa, atravesso o gramado e paramos num mirrado canteiro de flores perto da rua. Ela segura a xícara de café com as mãos enluvadas e aponta para o local exato em que devo pôr o composto. A viagem me deixou ofegante, especialmente a última etapa, através do gramado úmido, mas abro o saco de plástico e começo a tirar o composto com uma picareta.

Minha camiseta está encharcada de suor quando esvazio o primeiro saco, quinze minutos depois. Ela me acompanha e ao carrinho de mão de volta ao pátio, onde recarregamos. Aponta para o saco que eu devo usar agora, e nós levamos para um lugar ao lado da caixa de correspondência.

Espalhamos quatro sacos de composto orgânico na primeira hora. Duzentos e cinquenta quilos de composto. E estou sofrendo. A temperatura atinge 26° às nove horas. Às nove e meia a convenço a fazer uma parada para beber água, e tenho dificuldade para

recomeçar depois de um descanso de quinze minutos. Daí em diante, uma vez ou outra sinto uma genuína pontada nas costas, mas mordo a língua e me permito apenas algumas caretas de dor. Ela não nota.

Não sou preguiçoso. Não faz muito tempo, quando estava no segundo grau, minhas condições físicas eram as melhores possíveis. Eu corria e praticava esportes internos, mas depois aconteceu a faculdade e nos últimos três anos tive pouco tempo para essas atividades. Sinto-me como um fracote depois de poucas horas de trabalho pesado.

De almoço ela me dá dois dos seus sanduíches de peru sem sabor nenhum e uma maçã. Como bem devagar, no pátio, sob o ventilador. Estou com dor nas costas, minhas pernas estão dormentes, minhas mãos tremem enquanto mordisco a comida como um coelho.

Enquanto espero que ela acabe de arrumar a cozinha, olho para além do pequeno gramado, além do monumento de composto orgânico, para o meu apartamento, pousado inocentemente sobre a garagem. Fiquei orgulhoso quando negocieie o aluguel irrisório de cento e cinquenta dólares por mês, mas será que fui esperto realmente? Quem ficou com a melhor parte do negócio? Lembro-me de me sentir um pouco envergonhado por tirar vantagem daquela mulher gentil e pequenina. Agora, tenho vontade de enfiá-la num dos sacos vazios de composto.

Segundo um termômetro muito antigo pregado na parede da garagem, à uma hora da tarde a temperatura é de 33,8°. Às duas horas, minhas costas finalmente empenam, e explico a Miss Birdie que preciso descansar. Ela olha tristemente para mim, depois vira e olha para a pilha, grande ainda, de sacos brancos. Nem dá para notar que alguns já saíram da pilha.

— Bem, acho que está bem. Se você precisa mesmo...

— Só uma hora — suplico.

Ela cede, mas às três e meia estou outra vez empurrando o carrinho com Miss Birdie atrás de mim.

Depois de oito horas de trabalho braçal, esvaziei exatamente setenta e nove sacos de composto, menos de um terço do comprado.

Logo depois do almoço, insinuei pela primeira vez que preciso estar no Yogi's às seis horas. Uma mentira, é claro. Meu horário no bar é das oito até a hora de fechar. Mas ela não vai notar a diferença, e estou resolvido a me livrar do composto antes da noite. Às cinco horas simplesmente desisto. Digo que para mim chega, que estou com dor nas costas. Preciso trabalhar e subo a escada sob seu olhar tristonho. Ela pode me despejar, que pouco me importo.



O som majestoso do trovão me acorda tarde na manhã de domingo, e fico deitado rígido na cama, ouvindo a chuva no teto. Minha cabeça está ótima — ontem à noite parei de beber quando comecei a trabalhar no bar. Mas o resto do meu corpo está preso num bloco de concreto, incapaz de se mover. O menor movimento provoca dores excruciantes. Até respirar é doloroso.

Num determinado momento, durante o árduo trabalho de ontem, Miss Birdie perguntou se eu queria ir à igreja com ela esta manhã. Ir à igreja não é uma das condições do meu contrato de aluguel, mas por que não?, pensei. Se esta velha senhora solitária quer que eu vá à igreja com ela, é o mínimo que posso fazer. Certamente não vai me fazer mal nenhum.

Então, perguntei qual a igreja que ela frequenta. Tabernáculo da Abundância, em Dallas, respondeu. Ao vivo, via satélite, ela acompanha o serviço religioso do reverendo Kenneth Chandler na privacidade da própria casa.

Pedi para ser dispensado. Aparentemente ela ficou magoada, mas se refez rapidamente.

Quando eu era pequeno, muito antes de meu pai sucumbir ao álcool e me mandar para a escola militar, eu ia um vez ou outra à igreja com minha mãe. Ele foi conosco uma ou duas vezes, mas ficava o tempo todo reclamando; por isso minha mãe preferia deixá-lo em casa lendo jornal. Era uma pequena igreja metodista com um pastor amigoso, o reverendo Howie, que contava histórias engraçadas e fazia com que todos se sentissem amados. Lembro como minha mãe ficava contente sempre que ouvia seus sermões. Havia muitas crianças na escola dominical, e eu não fazia objeção a ser esfregado e engomado nas manhãs de domingo e levado à igreja.

Certa vez minha mãe foi submetida a uma pequena cirurgia e passou três dias no hospital. É claro que as senhoras da igreja conheciam os detalhes mais íntimos da operação, e durante três dias nossa casa ficou cheia de cozidos, bolos, tortas, pães, panelas e travessas cheias, com mais comida do que meu pai e eu podíamos comer em um ano. As senhoras se organizaram para tomar conta de nós. Revezavam-se na supervisão da comida, na limpeza da cozinha, recebendo as visitas que levavam mais comida. Durante os três dias

em que minha mãe ficou no hospital, e três dias depois que ela voltou para casa, tivemos pelo menos uma das senhoras morando conosco, ao que me parecia, para tomar conta da comida.

Meu pai detestou o movimento. Para começar, ele não podia se esconder num canto para beber, não com a casa cheia de senhoras da igreja. Acho que elas sabiam que ele gostava de um trago e estavam resolvidas a pegá-lo em flagrante. Além disso, ele tinha de fazer o papel de anfitrião atencioso, algo que meu pai simplesmente não sabia ser. Nas primeiras vinte e quatro horas, ele passou a maior parte do tempo no hospital, mas não exatamente fazendo companhia à mulher doente. Ele ficava na sala de visitantes, vendo TV e tomando refrigerantes “batizados”.

Tenho boas lembranças daqueles dias. Nossa casa nunca teve tanto calor, nunca viu tanta comida deliciosa. As senhoras me mimavam como se minha mãe estivesse morta, e eu adorava a atenção. Eram as tias e avós que nunca conheci.

Logo depois que minha mãe se recuperou, o reverendo Howie foi expulso por uma indiscrição que eu nunca compreendi, e a igreja se dividiu. Alguém insultou minha mãe, e foi o fim da igreja para nós. Acho que ela e Hank, o novo marido, vão à igreja esporadicamente.

Senti falta da igreja durante algum tempo, mas depois me acostumei. Meus amigos ocasionalmente me convidavam a voltar, mas logo fiquei sofisticado demais para isso. Uma namorada, no primeiro grau, me levou à missa algumas vezes, nas tardes de sábado, ainda por cima, mas sou protestante demais para compreender os rituais.

Miss Birdie mencionou timidamente a possibilidade de trabalharmos no jardim esta tarde. Expliquei que estávamos no Sabá, o dia santo de Deus, e que eu não acredito em trabalhar no domingo.

Ela não encontrou nenhuma resposta para isso.

Há três dias chove intermitentemente, impedindo meu trabalho de ajudante de jardineiro. No começo da noite, na terça-feira, estou escondido no meu apartamento, estudando para o exame, quando o telefone toca. É Dot Black, e sinto que alguma coisa está errada. Do contrário ela não telefonaria.

— Acabo de receber um telefonema — diz ela — de um Barry Lancaster. Disse que é meu advogado.

— É verdade, Dot. Ele é um advogado importante da minha firma. Trabalha comigo. — Acredito que Barry só esteja verificando alguns detalhes.

— Bem, não foi o que ele disse. Disse que quer falar comigo e com Donny Ray, na cidade, amanhã, para assinarmos alguns papéis. Perguntei por você, e ele disse que você não está trabalhando na firma. Quero saber o que está acontecendo.

Eu também. Gaguejo algo sobre um mal entendido, sentindo um nó no estômago.

— É uma firma grande, Dot, e eu sou novo, você sabe. Provavelmente ele esqueceu.

— Não. Ele sabe quem você é. Disse que você trabalhou para eles, mas não trabalha mais. Se quer saber, acho isso tudo muito confuso.

Eu sei. Despenco na cadeira, tentando pensar. São quase nove horas.

— Escute, Dot, fique firme. Vou telefonar para Mr. Lancaster e descobrir o que ele está tramando. Ligo para você num minuto.

— Quero saber o que está acontecendo. Você já processou aqueles filhos da mãe?

— Telefone num minuto, certo? Até logo.

Desligo e disco o número da firma Lake. Tenho a terrível sensação de já ter visto esse filme.

A recepcionista passa a ligação para Barry. Resolvo ser cordial, fazer o jogo dele, ver o que tem a dizer.

— Barry, sou eu, Rudy. Viu a minha pesquisa?

— Sim. Parece ótima — a voz está cansada. — Escute, Rudy, acho que vamos ter um pequeno problema com seu emprego.

O nó sobe do estômago para a garganta. Meu coração fica gelado, meus pulmões quase param de funcionar.

— É mesmo? — é tudo o que consigo dizer.

— Sim. Não parece nada bom. Falei com Jonathan Lake esta tarde, e ele não vai aprovar sua posição na firma.

— Por quê?

— Não gosta da ideia de um advogado trabalhando como paralegal. E, pensando bem, não é mesmo uma boa ideia. Você compreende, Mr. Lake acha, e eu concordo, que a tendência natural de um advogado nessa posição será forçar sua promoção para a primeira vaga de contratado. E não trabalhamos desse modo. Não é bom para os negócios.

Fecho os meus olhos com vontade de chorar.

— Não compreendo.

— Sinto muito. Fiz o máximo que pude, mas ele simplesmente não quis ceder. Ele dirige a firma com mão de ferro e tem seu modo de fazer as coisas. Para ser franco, ele me passou um tremenda descompostura só por pensar em empregar você.

— Quero falar com Jonathan Lake — digo, com a maior firmeza possível.

— Impossível. Ele está muito ocupado; além disso, nunca concordaria em falar com você. E não vai mudar de ideia.

— Seu filho da mãe.

— Escute Rudy, nós...

— Seu filho da mãe! — Faz-me bem gritar ao telefone.

— Acalme-se, Rudy.

— Lake está no escritório agora? — pergunto.

— Provavelmente, mas ele não...

— Estou aí em três minutos — grito, e desligo o telefone. Dez minutos depois, paro o carro com uma freada brusca, cantando pneus na frente do armazém. Vejo três carros no estacionamento e luzes no prédio. Barry não está à minha espera.

Bato à porta, mas ninguém atende. Sei que estão ouvindo, mas são covardes demais para sair. Provavelmente vão chamar a polícia se eu não desistir.

Mas não posso desistir. Vou para o lado norte e bato à outra porta, depois à porta da saída de emergência, na parte dos fundos. Paro debaixo da janela de Barry e o chamo aos gritos. As luzes estão acesas, mas ele não aparece. Volto para a frente e bato mais um pouco.

Um segurança uniformizado sai da sombra e segura meu ombro. Meus joelhos se dobram de medo. Olho para ele. Deve ter no mínimo sessenta e seis anos, é negro e está com um boné preto.

— Precisa ir embora, filho — diz gentilmente, com voz grave. — Vá agora, antes que eu chame a polícia.

Tiro a mão dele do meu ombro e vou embora.



Fico sentado por um longo tempo no escuro no velho sofá que Miss Birdie me emprestou, tentando pôr as coisas em perspectiva, mas não consigo. Tomo duas cervejas quentes. Praguejo e choro. Penso em vingança. Penso até em matar Jonathan Lake e Barry X. Os malditos filhos da mãe conspiraram para roubar meu caso. O que vou dizer aos Black agora? Como lhes explicar isso?

Ando de um lado para outro, esperando o sol nascer. Ontem à noite tive um acesso de riso nervoso só de pensar em procurar minha lista de firmas e começar a bater às portas outra vez. Estremeço pensando em telefonar outra vez para Madeline Skinner: “Sou eu de novo, Madeline. Voltei.”

Finalmente, adormeço no sofá e alguém me acorda um pouco depois das nove. Não é Miss Birdie. São dois policiais à paisana. Mostram os distintivos na porta, e os convido para entrar. Estou de short e camiseta. Meus olhos ardem, e os esfrego, tentando imaginar por que estou sendo procurado pela polícia.

Eles poderiam ser gêmeos, ambos com uns trinta anos, não muito mais velhos do que eu. Vestem jeans e tênis, têm bigodes negros e agem como um par de atores de filmes de segunda categoria, da televisão.

— Podemos sentar? — pergunta um deles, puxando uma das cadeiras ao lado da mesa e sentando. O outro faz o mesmo, e tomam posição.

— Claro — digo, como um verdadeiro humorista. — Por favor, sentem.

— Sente você também — diz um deles.

— Por que não? — Sento entre os dois.

Eles se inclinam para a frente, ainda representando seus papéis.

— Muito bem, que diabo está acontecendo? — pergunto.

— Conhece Jonathan Lake?

— Sim.

— Sabe onde fica o escritório dele?

— Sei.

— Esteve lá a noite passada?

— Estive.

— A que horas?

— Entre nove e dez.

— Por que foi lá?
— É uma longa história.
— Temos muito tempo.
— Eu queria falar com Jonathan Lake.
— Falou?
— Não.
— Por quê?
— As portas estavam trancadas. Não consegui entrar no prédio.
— Tentou arrombar a porta?
— Não.
— Tem certeza?
— Tenho.
— Voltou ao prédio depois da meia-noite?
— Não.
— Tem certeza?
— Tenho. Pode perguntar ao guarda de segurança. Eles trocam um olhar. Alguma coisa acertou o alvo.
— Você viu o guarda de segurança?
— Vi. Ele me pediu que fosse embora, e fui.
— Pode descrevê-lo?
— Posso.
— Descreva.
— Um cara negro grande, provavelmente uns sessenta e seis anos. Uniforme, boné, arma, tudo. Pergunte a ele, que ele vai dizer a que horas me mandou embora.
— Não podemos perguntar a ele. — Outra troca de olhares.
— Por que não? — Alguma coisa terrível está para acontecer.
— Porque está morto.
Ambos me observam atentamente para ver minha reação. Estou realmente chocado, como qualquer pessoa estaria. Sinto os olhares pesados dos policiais.
— Como... como ele morreu?
— Queimado.
— Queimado?
Eles se calam em uníssono, balançando a cabeça e olhando para a mesa. Um deles tira um bloco de notas do bolso, como um repórter.
— Aquele carrinho lá fora, o Toyota, é seu?
— Sabe que é. Vocês têm computadores.
— Você o usou para ir ao escritório ontem à noite?
— Não, eu o empurrei até lá. Queimado?
— Não banque o esperto, está bem?
— Está bem. Está combinado. Eu não banco o esperto, você não banca o esperto.

O outro entra na conversa.

— Temos uma possível testemunha que viu seu carro perto do escritório às duas horas da manhã.

— Não, não têm. Não o meu carro. — Neste momento é impossível dizer se estão dizendo a verdade. — Queimado? — pergunto outra vez.

— A firma Lake foi incendiada ontem à noite. Completamente destruída.

— Não sobrou nada — reforça o outro.

— E vocês são da divisão de incêndio culposos — digo, atônito e ao mesmo tempo zangado porque pensam que provoqueei o incêndio. — E Barry Lancaster disse que eu seria um suspeito maravilhoso, certo?

— Nós investigamos incêndios culposos. Também homicídios.

— Quantos morreram?

— Só o guarda. O primeiro chamado chegou esta manhã, o prédio estava vazio. Evidentemente, o guarda ficou preso quando o teto caiu.

Por um momento quase desejo que Jonathan Lake estivesse com o guarda, mas depois penso naqueles belos escritórios com os quadros e tapetes.

— Estão perdendo seu tempo — digo, mais furioso agora com a ideia de ser suspeito.

— Mr. Lancaster disse que você estava furioso quando foi ao escritório ontem à noite.

— É verdade. Mas não o bastante para incendiar o prédio. Vocês estão perdendo seu tempo. Juro.

— Ele disse que você foi demitido ontem e queria falar com Mr. Lake.

— Verdade, verdade, verdade. Tudo isso. Mas não prova que eu tinha motivo para incendiar o escritório. Caia na real.

— Um assassinato cometido durante um incêndio culposos pode levar à pena de morte.

— Não diga! Estou com vocês. Encontrem o assassino e vamos fritar o traseiro dele. Mas me deixem fora disso.

Acho que minha zanga é bastante convincente, porque os dois recuam ao mesmo tempo. Um tira um papel do bolso da camisa.

— Tenho um relatório aqui, de alguns meses atrás, dizendo que você estava sendo procurado por destruição de propriedade privada. Alguma coisa sobre um vidro quebrado num escritório de advocacia na cidade.

— Estão vendo? Seus computadores fazem todo o trabalho.

— Comportamento bastante estranho para um advogado.

— Já vi piores. E não sou advogado. Sou um paralegal ou coisa

parecida. Acabo de me formar. E as acusações foram retiradas, o que, tenho certeza, está escrito bem visível nesse seu impresso de computador. E se vocês pensam que quebrar alguns vidros em abril tem alguma coisa a ver com o incêndio da noite passada, então o verdadeiro incendiário pode ficar descansado. Ele está seguro. Nunca vai ser apanhado.

Ouvindo isso, um deles se levanta de um salto, e o outro o imita.

— Acho melhor você procurar um advogado. — Um deles aponta para mim. — Neste momento, é o principal suspeito.

— Sim, sim. Como eu disse, se sou o principal suspeito, então o verdadeiro assassino é um cara de sorte. Vocês não estão nem chegando perto.

Eles saem, batendo a porta. Espero meia hora e entro no meu carro. Depois de rodar um pouco, aproximo-me cautelosamente do armazém. Estaciono, ando uma quadra e entro numa loja de conveniência. Posso ver a fumaça saindo dos escombros a duas quadras daqui. Só uma parede continua de pé. Dezenas de pessoas, advogados e secretárias, apontam para uma coisa ou outra, os bombeiros andam sobre as ruínas com suas botas protetoras. A polícia está isolando a área com a fita amarela. O cheiro pungente de madeira queimada enche o ar, e uma nuvem acinzentada paira, baixa, sobre toda a vizinhança.

O prédio tinha assoalho e teto de madeira, e, com poucas exceções, as paredes eram também de pinho. Acrescente-se o numero de livros no prédio todo e as toneladas de papel guardadas em vários lugares para compreender a completa incineração. O que me intriga é que existia um sistema de alarme e extinção de incêndio espalhado pelo prédio todo. Havia canos pintados por toda parte, muitas vezes com motivos decorativos.



Por motivos óbvios, Prince não é um madrugador. Geralmente fecha o Yogi's mais ou menos às duas da manhã, e senta no banco traseiro no seu Cadillac. Firestone, seu motorista há séculos e suposto guarda-costas, leva-o para casa. Uma ou duas vezes, Firestone estava bêbado demais para dirigir, e eu levei os dois para casa.

Prince costuma chegar ao escritório às onze horas porque o Yogi's tem muito movimento para almoço. Eu o encontro lá ao

meio-dia, sentado à mesa, examinando alguns papéis e lutando com uma ressaca. Engole analgésicos e toma água mineral até as cinco, a hora mágica, e desliza para o mundo macio do rum e tônica.

O escritório de Prince é uma sala sem janelas sob a cozinha, e a ele só se tem acesso através de três portas sem placa indicadora e uma escada secreta. É um quadrado perfeito com as paredes completamente cobertas por fotos de Prince apertando a mão de políticos locais e outros tipos fotogênicos. Há também uma porção de recortes de jornal, emoldurados e plastificados, mostrando Prince como suspeito, acusado, indiciado, preso, julgado e sempre declarado inocente. Ele adora se ver nos jornais.

Como sempre, está de péssimo humor. Durante todos esses anos, aprendi a evitá-lo antes do seu terceiro drinque, geralmente às 6 da tarde. Portanto, estou adiantando exatamente seis horas. Ele faz sinal para eu entrar; entro e fecho a porta.

— Qual é o problema? — rosna. Seus olhos estão vermelhos. Prince sempre me faz lembrar de Wolfman Jack pelo cabelo escuro comprido, a barba, a camisa aberta, o pescoço cabeludo.

— Estou numa encrenca — digo.

— Tem alguma novidade para contar?

Conto tudo sobre a noite passada: a demissão, o incêndio, os policiais. Tudo. Acentuo o fato de haver um homem morto e de a polícia estar muito preocupada com isso. Com toda razão. Nem posso me imaginar como principal suspeito, mas a polícia sem dúvida pensa assim.

— Então Lake pegou fogo — ele reflete em voz alta. Parece satisfeito. Um bom trabalho de incêndio culposos é o tipo de coisa capaz de divertir Prince e alegrar sua manhã. — Nunca gostei muito dele.

— Ele não está morto. Só fora de circulação por algum tempo. Vai voltar.

E esta é a maior causa da minha preocupação. Jonathan Lake gasta muito dinheiro com muitos políticos. Ele cultiva os relacionamentos para fazer troca de favores. Se estiver convencido de que estou envolvido no incêndio, ou se simplesmente quiser um bode expiatório temporário, então a polícia vai cair em cima de mim com tudo o que tem.

— Você jura que não é culpado?

— Ora, sem essa, Prince.

Ele pensa um pouco, passa a mão na barba, e percebo seu prazer por estar no meio de tudo isso. Crime, morte, intriga, política, uma perfeita fatia da vida da sarjeta. Se tivesse, além disso, algumas dançarinas de topless e alguns policiais subornados, Prince tiraria do armário sua melhor bebida para comemorar.

— Acho melhor você conversar com um advogado — diz, ainda acariciando a barba.

Infelizmente, é por isso que estou aqui. Pensei em telefonar para Booker, mas já o incomodei muito. E no momento Booker está com o mesmo problema que eu, ou seja, não passamos ainda no exame final e não somos advogados de verdade.

— Não posso pagar um advogado. — Espero a próxima fala do *script* dele. Se houvesse uma alternativa no momento, eu a tentaria alegremente.

— Deixe por minha conta — diz ele. — vou telefonar para Bruiser.

Concordo, balançando a cabeça.

— Obrigado. Acha que ele vai ajudar?

Com um amplo sorriso, Prince abre os braços num gesto largo.

— Bruiser faz qualquer coisa que eu peça, certo?

— Claro — digo, timidamente.

Ele pega o telefone e faz a ligação. Resmunga algumas coisas para várias pessoas até chegar a Bruiser. Fala rapidamente, com frases curtas, como quem sabe que tem uma escuta no seu telefone.

— Bruiser, Prince. Sim, sim. Preciso falar com você imediatamente... Uma pequena coisa sobre um dos meus empregados... Sim, sim. Não, no seu escritório. Trinta minutos. Claro. — Desliga.

Tenho pena do pobre técnico do FBI tentando extrair dados incriminadores dessa conversa.

Firestone leva o Cadillac para a porta dos fundos, e Prince e eu sentamos no banco traseiro. O carro é negro com vidros escuros. Prince vive nas trevas. Em três anos, eu nunca soube que ele tivesse praticado qualquer atividade ao ar livre. Passa as férias em Lãs Vegas, dentro dos cassinos.

Ouçõ a descrição tediosa dos maiores triunfes legais de Bruiser, quase todos envolvendo Prince. Por mais estranho que pareça, começo a relaxar. Estou em boas mãos.

Bruiser estudou em escola noturna e se formou com vinte e dois anos, o que para Prince ainda é um recorde. São amigos de infância e no ginásio jogavam um pouco, bebiam muito, namoravam as meninas, brigavam com os meninos. Tudo na área barra-pesada do sul de Memphis. Podiam escrever um livro. Bruiser entrou para o segundo grau, Prince comprou um caminhão de cerveja. Uma coisa levou à outra.

Os escritórios ficam num shopping baixo, de tijolos vermelhos entre um tintureiro e uma locadora de vídeo. Bruiser investe inteligentemente, explica Prince, e é dono de toda aquela unidade. No outro lado da rua fica uma casa de panquecas que permanece

aberta a noite toda, e ao lado dela há o Club Amber, uma casa de topless com luminosos como os de Las Vegas. É uma área industrial da cidade, perto do aeroporto.

A não ser pelas palavras ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA, impressas em letras negras numa porta de vidro, nada mais indica a profissão praticada ali. Uma secretária de jeans muito justa e lábios muito vermelhos nos recebe com um sorriso cheio de dentes, mas não paramos para falar com ela. Acompanho Prince pela área da frente.

— Ela trabalhava no outro lado da rua — resmunga, e eu espero que esteja falando da casa de panquecas, mas duvido.

O escritório de Bruiser é muito semelhante ao de Prince: sem janelas, nenhuma possibilidade de luz do sol, grande, quadrado e de mau gosto, fotos de pessoas importantes, mas desconhecidas, apertando a mão de Bruiser e rindo para nós. Uma parede é reservada para armas de fogo, todo tipo de rifles, mosquetes e prêmios de concursos de tiro. Atrás da cadeira maciça giratória, de couro, há um aquário grande, em plano elevado, com, assim me parecem, miniaturas de tubarões deslizando na água escura.

Ele está falando ao telefone e com a mão indica as cadeiras diante da sua larga mesa. Sentamos, e Prince apressa-se a me informar.

— São tubarões de verdade — diz, apontando para a parede acima da cabeça de Bruiser.

Tubarões vivos num escritório de advocacia. Compreenda. É uma piada. Prince dá uma risada zombeteira.

Olho para Bruiser, evitando encontrar os olhos dele. O telefone parece pequeno na mão enorme. O cabelo comprido e grisalho cai em camadas sobre os ombros. A barbicha, completamente branca, é espessa e comprida e quase esconde o telefone. Os olhos são escuros e vivos, ressaltando na pele morena. Sempre achei que ele é de origem mediterrânea.

Embora tenha servido milhares de drinques para Bruiser, nunca conversei realmente com ele. Nunca tive vontade. E não tenho agora, mas, evidentemente, minhas opções são limitadas.

Depois de algumas observações breves, ele desliga o telefone. Prince faz as apresentações, e Bruiser garante que me conhece muito bem.

— Claro, conheço Rudy há muito tempo — diz. — Qual é o problema?

Prince olha para mim, e eu conto outra vez a história.

— Vi no noticiário esta manhã — diz Bruiser, quando chego à parte do incêndio. — Já recebi cinco telefonemas sobre o fogo. Não precisa muita coisa para que os advogados comecem a fofocar.

Sorrio e faço um gesto afirmativo, porque acho que é o que esperam que eu faça; depois entro na parte dos policiais. Termino sem mais interrupções e espero as palavras de orientação e conselho do meu advogado.

— Um paralegal? — pergunta, evidentemente perplexo.

— Eu estava desesperado.

— Então, onde está trabalhando agora?

— Eu não sei. No momento, estou muito preocupado com a possibilidade de ser preso.

Bruiser sorri.

— Eu tomo conta disso — diz, com ar matreiro. Prince me disse que Bruiser conhece mais policiais do que o prefeito. — Deixe-me dar alguns telefonemas.

— Ele precisa sair de circulação, não precisa? — pergunta Prince, como se eu fosse um criminoso fugitivo.

— É. Fique fora de circulação. — Por algum motivo, tenho a impressão de que esse conselho já foi dado várias vezes neste escritório. — O que você sabe sobre incêndio culposos? — quer saber.

— Nada. Não ensinam na faculdade.

— Bem, já trabalhei em alguns casos. Pode levar dias até terem certeza de que foi culposos. Um prédio velho como aquele. Podia ter sido qualquer coisa. Se for incêndio provocado, então só depois de alguns dias vão começar a prender os suspeitos.

— Na verdade, não quero ser preso, compreende? Especialmente porque sou inocente. Não preciso dessa publicidade. — Digo isso olhando rapidamente para a parede com os recortes de jornais.

— Não o culpo — diz ele muito sério. — Quando é o seu exame?

— Julho.

— E depois?

— Não sei. Vou procurar alguma coisa. Meu amigo Prince entra na conversa.

— Bruiser, não pode usá-lo por aqui? Que diabo, você tem uma porção de advogados. Mais um não faz diferença. Ele é um dos primeiros da classe, trabalhador, brilhante. Eu me responsabilizo por ele. O garoto precisa do emprego.

Volto-me lentamente e olho para Prince, que sorri para mim como se fosse Papai Noel.

— É um grande lugar para trabalhar — diz ele, alegremente. — Vai aprender o que fazem os advogados de verdade. — Ri e bate com a mão aberta no meu joelho.

Olhamos para Bruiser, cujos olhos se movem numa desesperada procura de desculpas.

— Ah, é claro. Estou sempre procurando talentos legais.

— Está vendo? — diz Prince.

— Na verdade, dois dos meus contratados saíram para abrir uma outra firma. Portanto, tenho dois escritórios vazios.

— Está vendo? — repete Prince. — Eu disse que as coisas iam se arranjar.

— Mas não é exatamente uma posição assalariada — diz Bruiser, entusiasmado com a própria ideia. — Não senhor. Não opero desse modo. Espero que meus advogados se paguem a si mesmos, com os próprios honorários.

Estou espantado demais para falar. Prince e eu não falamos de emprego. Eu não queria a ajuda dele. Na verdade, não quero Bruiser Stone como meu chefe. Mas também não posso insultar o homem, não com a polícia lá fora, fazendo referências ainda vagas à pena de morte. Não tenho coragem de dizer a Bruiser que ele é bastante desonesto para me representar, mas não o suficiente para me empregar.

— Como isso funciona? — pergunto.

— Muito simples, e funciona, pelo menos para mim. E não esqueça que nos últimos vinte anos já tentei de tudo. Já tive muitos sócios e muitos contratados. O único sistema que funciona é aquele em que o contratado tem de conseguir honorários suficientes para cobrir seu salário. Pode fazer isso?

— Posso tentar — digo, erguendo os ombros, cheio de incerteza.

— É claro que pode — diz Prince com fervor.

— Você consegue mil dólares por mês e fica com um terço dos honorários que tiver gerado. Seu terço é aplicado para saldar a retirada. Um terço vai para o escritório, despesas, secretárias, coisas assim. O outro terço é meu. Se não cobrir sua retirada cada mês, fica me devendo. Vou somando até você conseguir um bom mês. Compreendeu?

Medito por alguns segundos sobre esse esquema ridículo. A única coisa pior do que estar desempregado é ter um emprego onde perdemos dinheiro e acumulamos dívidas a cada mês. Posso pensar em várias perguntas sem resposta e abro a boca para fazer a primeira quando Prince diz:

— Para mim parece justo. Um negócio e tanto. — Outra palmada no meu joelho. — Você vai ganhar um bom dinheiro.

— Só opero assim — diz Bruiser, pela segunda ou terceira vez.

— Quando ganham os advogados que trabalham para você? — pergunto, não esperando a verdade.

As rugas horizontais se juntam na testa. Bruiser está pensando profundamente.

— Varia. Depende dos casos que conseguem. Um cara ganhou quase oitenta no ano passado, outro ganhou vinte.

— E você ganhou trezentos mil — diz Prince, com uma risada.

— Bem que eu gostaria.

Bruiser está me observando atentamente. Está me oferecendo o único emprego possível que me resta na cidade de Memphis e parece saber que não estou ansioso para aceitar.

— Quando posso começar? — pergunto, numa desajeitada tentativa de parecer ansioso.

— Agora mesmo.

— Mas o exame...

— Não se preocupe com isso. Pode começar a gerar honorários hoje mesmo. Vou mostrar como se faz.

— Vai aprender muito — diz Prince, extasiado.

— Eu lhe pago mil dólares hoje — diz Bruiser, como o último dos grandes gastadores. — Ajudo você a começar. Mostro seu escritório, ligo você na tomada, por assim dizer.

— Ótimo — digo, com um sorriso forçado.

Neste momento, não é possível nenhum outro curso de ação. Eu nem devia estar aqui, mas estou assustado e preciso de ajuda. O que não foi mencionado na conversa é quanto devo a Bruiser por seus serviços. Ele não é uma boa alma capaz de um ou outro favor para os pobres.

Estou um pouco nauseado. Talvez seja a falta de sono, o choque de ter sido acordado pela polícia. Talvez por estar sentado neste escritório, vendo tubarões vivos no fundo, sendo embromado pelos dois maiores embromadores da cidade.

Não faz muito tempo eu era um acadêmico de direito do terceiro ano, brilhante, rosto inocente, com um emprego promissor numa firma verdadeira, ansioso para entrar para a profissão, trabalhar duro, ser ativo na Ordem dos Advogados local, começar uma carreira, fazer todas as coisas que meus amigos iam fazer. E agora estou aqui sentado, tão fraco e vulnerável que concordo em me prostituir por uns miseráveis mil dólares por mês.

Bruiser atende um telefonema urgente, provavelmente uma dançarina topless que está na cadeia por prostituição, e nós nos levantamos. Com a mão no bocal do telefone, ele murmura que quer que eu volte à tarde.

Prince está para estourar de orgulho. De um momento para outro, ele me salvou da cadeira elétrica e me arranhou um emprego. Por mais que me esforce, não consigo me sentir satisfeito enquanto Firestone nos leva velozmente de volta ao Yogi's.

Resolvo esconder-me na faculdade. Durante duas horas caminho entre as camadas de livros no subsolo, pegando e lendo casos e mais casos de má-fé das companhias de seguro. Serve para passar o tempo.

Entro no carro e sigo na direção do aeroporto e chego ao escritório de Bruiser às três e meia. O bairro está pior do que me pareceu algumas horas antes. A rua tem três pistas de tráfego e é cheia de indústrias, terminais de carga, pequenos bares e clubes onde os operários se reúnem. Fica perto da entrada para o aeroporto, e os jatos passam a todo momento.

O shopping de Bruiser chama-se Greenway Plaza, e, sentado no meu carro, no estacionamento lotado, noto, além do tintureiro e da locadora de vídeo, uma loja de bebidas e uma pequena lanchonete. Embora seja difícil dizer com certeza, por causa das janelas pintadas de negro e das portas fechadas, parece que os escritórios de advocacia ocupam seis ou sete lojas contíguas no centro do shopping. Rilhando os dentes, abro a porta.

A secretária de jeans está no outro lado de uma divisória à altura do meu peito. Seu cabelo é oxigenado e o corpo notável, com todas as curvas e reentrâncias magnificamente delineadas.

Explico a minha presença. Espero ser esnobado e obrigado a sair, mas ela é delicada. Com voz rouca e inteligente, que nada tem de topless, pede-me que preencha o formulário de emprego. Perplexo, verifico que a firma, os Escritórios de Advocacia de J. Lyman Stone, oferece amplo seguro de saúde aos seus empregados. Leio a letra miúda cuidadosamente porque de certo modo espero que Bruiser tenha pequenas cláusulas para enfiar com mais força as garras na minha carne.

Mas não há surpresas. Pergunto se posso falar com Bruiser, e ela me pede que espere. Sento numa das cadeiras de plástico enfileiradas junto à parede. A sala de espera e recepção é desenhada como a de um escritório de assistência social — chão de azulejo muito usado, coberto por uma fina camada de terra, cadeiras baratas, paredes com finos painéis de madeira e uma enorme quantidade de revistas variadas e rasgadas. Ela, Dru, a secretária, está batendo à máquina e atendendo o telefone ao mesmo tempo. O telefone toca o tempo todo, e ela é eficiente, continuando a escrever com rapidez enquanto fala com os clientes.

Finalmente me manda entrar no escritório do meu novo chefe. Bruiser está sentado à sua mesa, examinando meus formulários

como um contador. Surpreende-me seu interesse pelos detalhes. Ele me recebe cordialmente, fala sobre os termos financeiros do contrato, depois o passa para mim. Uma cláusula determina aviso prévio de trinta dias se uma das partes quiser romper o acordo. Fico muito agradecido por isso, mas sinto que Bruiser tem uma boa razão para adicionar essa cláusula.

Explico minha falência recente. Amanhã devo comparecer ao tribunal para o meu primeiro encontro com meus credores. É o que chamamos de Exame do Devedor, e os advogados das pessoas a quem devo podem examinar minha roupa suja. Podem fazer praticamente qualquer pergunta sobre minhas finanças e sobre minha vida em geral. Vai ser uma reunião discreta. Na verdade, é provável que não apareça ninguém para me interrogar.

Por causa dessa audiência, é vantajoso para mim continuar desempregado por mais alguns dias. Peço a Bruiser que guarde os formulários e adie o primeiro pagamento mensal para depois da audiência. Bruiser gosta da sugestão de esquema fraudulento nesse pedido. Sem problema.

Fazemos uma rápida visita aos escritórios. E exatamente como imaginei — uma pequena oficina de trabalho escravo com salas acrescentadas aqui e ali à medida que os negócios expandem, paredes derrubadas para acomodar o progresso. Entramos no labirinto. Ele me apresenta a duas mulheres muito ocupadas numa pequena sala cheia de computadores e impressoras. Duvido que elas tenham alguma vez dançado em cima das mesas.

— Acho que agora temos seis moças — diz, continuando o passeio. Uma secretária é simplesmente uma moça.

Ele me apresenta a dois advogados, caras simpáticos, malvestidos e trabalhando em escritórios minúsculos e atulhados.

— Estamos agora só com cinco advogados — explica, quando entramos na biblioteca. — Tínhamos sete, mas é muita dor de cabeça. Prefiro quatro ou cinco. Quanto mais emprego, mais fico exigente. O mesmo com as moças.

A biblioteca é longa e estreita, com livros do chão até o teto, sem ordem aparente. Uma mesa longa no centro está cheia de volumes abertos e folhas de bloco amassadas.

— Alguns desses caras são uns porcos — resmunga Bruiser. — Então, o que acha do meu pequeno escritório?

— É ótimo! — Não estou mentindo. Fico aliviado vendo que, na verdade, eles praticam o direito ali. Bruiser pode ser um bandido com boas conexões, negócios escusos e investimentos fraudulentos, mas ainda é um advogado. O escritório vibra com o zumbido do comércio legítimo.

— Não tão luxuoso quanto os grandes da cidade — diz, não se

desculpando. — Mas está todo pago. Comprei quinze anos atrás. Seu escritório é por aqui. — Aponta e saímos da biblioteca. Duas portas adiante, ao lado da máquina de refrigerante, está a sala muito usada com mesa, algumas cadeiras, arquivos e quadros de cavalos nas paredes. Na mesa há um telefone, um gravador para ditado, uma pilha de blocos de notas. Tudo muito limpo. O cheiro de desinfetante paira no ar como se a sala tivesse sido limpa na última hora.

Bruiser me dá um chaveiro com duas chaves.

— Esta é da porta da frente, esta do seu escritório. Pode entrar e sair a qualquer hora. Mas tenha cuidado à noite. Esta não é a melhor parte da cidade.

— Precisamos conversar — digo, apanhando as chaves. Ele olha para o relógio.

— Por quanto tempo?

— Dê-me trinta minutos. É urgente.

Dá de ombros, e voltamos para seu escritório, onde ele acomoda o traseiro volumoso na cadeira de couro.

— O que há? — pergunta, em tom muito oficial, tirando uma caneta do bolso e apanhando o obrigatório bloco de notas. Começa a escrever antes de eu começar a falar.

Em dez minutos, faço um rápido sumário do caso Black, destacando os fatos principais. Durante a explicação, preencho as lacunas da minha despedida da firma Lake, explico como fui usado por Barry Lancaster para ele roubar o caso, e isso me leva à urgência da conversa.

— Precisamos entrar com o processo hoje — digo, gravemente —, porque tecnicamente o caso pertence a Lancaster. Acho que ele vai dar entrada muito em breve.

Os olhos negros de Bruiser estão fixos em mim. Acho que despertei sua atenção. A ideia de vencer a firma Lake no tribunal o atrai.

— E os clientes? — pergunta. — Eles assinaram o contrato com Lake.

— É. Mas estou indo agora falar com eles. Vão me ouvir. — Tiro da pasta uma cópia do processo judicial contra a Great Benefit, o que Barry levou horas para redigir. Bruiser lê atentamente.

Dou então a ele a carta de rescisão de contrato que escrevi para Barry X. Lancaster e que vou levar para que os três Black assinem. Ele lê devagar.

— Muito bom trabalho, Rudy — diz, e me sinto como um perfeito rábula chicaneiro. — Deixe-me adivinhar. Você dá entrada no processo esta tarde, depois leva a cópia do mesmo para os Black. Mostra a eles e os faz assinar a carta revogando o contrato.

— Certo. Só preciso do seu nome e assinatura no processo. Faço todo o trabalho e o mantenho informado.

— Isso vai mesmo esmagar a firma Lake, certo? — diz ele, pensativo e passando a mão na barba. — Eu gosto. Quanto vale esse processo?

— Provavelmente quanto o júri determinar. Duvido que seja resolvido fora do tribunal.

— E você vai defender os Black?

— Vou precisar de alguma ajuda. Calculo que seja daqui a um ano mais ou menos.

Eu o apresento a Deck Shifflet, um dos meus advogados. Ele trabalhou para uma grande companhia de seguros e faz a revisão de uma porção de apólices para mim.

— Ótimo.

— O escritório dele fica logo depois do seu. Redija outra vez isto aqui, ponha meu nome, e vamos dar entrada hoje. Mas trate de garantir que os clientes estejam conosco.

— Os clientes estão conosco — afirmo, vendo Buddy acariciando seus gatos e espantando as moscas no seu Fairlane, Dot sentada na varanda da frente, fumando, vigiando a caixa de correspondência à espera do cheque da Great Benefit, e Donny Ray segurando a cabeça com as mãos.

— Mudando um pouco de assunto — digo, pigarreando —, alguma notícia dos tiras?

— Não tem mais nada — diz ele, misterioso, como o mestre dos arranjos que acaba de fazer uma das suas mágicas. — Falei com alguns conhecidos, e eles nem têm certeza de que o incêndio tenha sido provocado. Pode levar dias.

— Então não vão me prender no meio da noite?

— Não. Prometeram me telefonar se estiverem à sua procura. Garanti que você se entrega, paga fiança etc. e tal. Mas não vai chegar a isso. Fique descansado.

E, na verdade, fico descansado. Confio em Bruiser Stone para extorquir promessas da polícia.

— Obrigado — digo.



Cinco minutos antes de fechar, entro no escritório do secretário da Circunscrição Judiciária e dou entrada no meu processo de

quatro páginas contra a companhia de seguros de vida Great Benefit e Bobby Ott, o agente desaparecido que vendeu a apólice. Meus clientes, os Black, querem indenização real de duzentos mil dólares e indenização punitiva de dez milhões. Não tenho ideia do valor líquido da Great Benefit, e só daqui a muito tempo vou descobrir. Incluí os dez milhões porque soam bem. Advogados desse tipo de processo estão sempre fazendo isso.

É claro que meu nome não aparece em lugar algum. O advogado constituído dos queixosos é J. Lyman Stone e sua assinatura rebuscada enfeitada a última página, dando a toda a reivindicação o peso da autoridade. Pago o preço da entrada do processo, e nós estamos em ação.

A Great Benefit foi oficialmente processada!

Atravesso rapidamente a cidade na direção norte e chego ao Granger, onde encontro meus clientes quase exatamente como os deixei alguns dias atrás. Buddy lá fora. Dot traz Donny Ray do quarto. Nós três sentamos em volta da mesa enquanto eles admiram a cópia do processo. Estão muito impressionados com os números. Dot não para de repetir “dez milhões”, como se tivesse ganhado na loteria.

Finalmente sou obrigado a explicar o que se passou com aquela gente horrível da firma Lake. Um conflito de estratégia. Eles não estavam se movendo com a rapidez que eu queria. Não gostaram da minha abordagem violenta do caso. E assim por diante.

Na verdade, eles não se importam. O processo está na justiça. Podem ler quanto quiserem. Querem saber o que vai acontecer em seguida, quando vão saber alguma coisa. Quais as chances de um acordo rápido. Essas perguntas me deixam sem ar. Sei que vai demorar demais e que é uma crueldade esconder isso deles.

Convenço-os a assinar a carta para Barry X. Lancaster, seu antigo advogado. A carta o despede secamente. Há também um novo contrato com a firma J. Lyman Stone. Falo depressa, explicando essa nova papelada. Dos mesmos lugares que ocupamos no outro dia, Donny Ray e eu vemos Dot atravessar o mato outra vez e gritar com o marido para conseguir as assinaturas.

Eu os deixo mais animados do que os encontrei. É uma satisfação estarem processando a companhia que odeiam há tanto tempo. Finalmente, estão revidando, foram maltratados e me convenceram de que foram enganados. Agora, estão entre os milhões de outros americanos que entram com processos judiciais todos os anos. Faz com que se sintam de certa forma mais patriotas.



Sento no meu quente carrinho na hora do rush e penso na insanidade das últimas vinte e quatro horas. Assinei um contrato de emprego na areia movediça. Mil dólares por mês é uma quantia irrisória, mas me assusta. Não é um salário, mas um empréstimo, e não tenho ideia do plano de Bruiser para fazer com que eu comece imediatamente a gerar honorários. Se eu receber alguma coisa no caso Black, vai ser daqui a muitos meses.

Vou continuar a trabalhar no Yogi's por mais algum tempo. Prince ainda me paga em dinheiro — cinco dólares por hora, mais jantar e algumas cervejas.

Certas firmas da cidade esperam que seus advogados usem bons ternos todos os dias, que dirijam carros apresentáveis, que morem numa casa respeitável, até mesmo que frequentem os melhores clubes. É claro que pagam muito mais do que Bruiser está me pagando, mas também os sobrecarregam com uma porção de atividades sociais desnecessárias.

Não eu. Não a minha firma. Posso usar qualquer roupa, dirigir qualquer carro, frequentar qualquer lugar, que ninguém vai dizer nada. Na verdade, fico imaginando o que vou dizer quando um cara do escritório me convidar para atravessar a rua para uma ou duas danças em cima da mesa.

De repente, sou dono de mim mesmo. Enquanto o tráfego se arrasta, tenho uma maravilhosa sensação de independência. Posso sobreviver! vou trabalhar duro com Bruiser por algum tempo e provavelmente aprender muito mais do que teria aprendido com os rapazes do prédio na cidade. Vou suportar o desprezo e as esnobadas dos outros por trabalhar num lugar tão pouco respeitável. Posso aguentar. Vai me deixar mais forte. Até há pouco tempo, quando eu estava seguro e a salvo com a Brodnax e Speer, fiquei um pouco arrogante, e depois com Lake; agora vou dobrar um pouco o orgulho.

Já está escuro quando estaciono na Greenway Plaza. Quase todos os carros já foram embora. No outro lado da rua, as luzes do Club Amber atraem como sempre as picapes e os carros alugados das companhias. O luminoso gira em volta do telhado, iluminando toda a área.

É difícil explicar essa explosão do comércio do corpo em

Memphis. É uma cidade muito conservadora, com uma porção de igrejas, o coração do Cinturão da Bíblia. Os políticos que se candidatam a cargos eletivos aqui logo abraçam os padrões de moralidade e geralmente são recompensados pelos eleitores. Não posso imaginar um candidato protegendo o comércio do corpo e sendo eleito.

Vejo um grupo de homens de negócios desembarcar de um carro e cambalear para dentro do Club Amber. Um americano com quatro amigos japoneses, sem dúvida para coroar um dia de negociações com alguns drinques e uma revisão agradável dos últimos aperfeiçoamentos do silicone americano.

A música já está bem alta. O estacionamento se enche depressa.

Caminho rapidamente até a porta e a abro com minha chave. Os escritórios estão vazios. Que diabo, provavelmente estão todos no outro lado da rua. Esta tarde tive a impressão de que a firma de J. Lyman Stone não é um lugar para gente viciada em trabalho.

Todas as portas estão fechadas e, suponho, trancadas. Aqui ninguém confia em ninguém. Também pretendo manter a minha trancada.

Ficarei aqui por algumas horas. Preciso telefonar para Booker e contar minhas últimas aventuras. Estamos negligenciando o estudo para o exame. Durante três anos conseguimos ir para a frente e motivar um ao outro. O exame paira ameaçador como um encontro com o pelotão de fuzilamento.

Consigo sobreviver à noite sem ser preso, mas com pouco tempo de sono também. Num determinado momento, entre cinco e seis horas da manhã, rendo-me aos pensamentos confusos que se agitam em minha mente e me levanto. Não cheguei a dormir quatro horas nas últimas quarenta e oito.

O telefone está no catálogo e faço a ligação às cinco para as seis. Estou na minha segunda xícara de café. Toca dez vezes, e então uma voz sonolenta atende.

— Alô.

— Barry Lancaster, por favor.

— Falando.

— Barry, aqui é Rudy.

Ele pigarreia e posso imaginá-lo sentando rapidamente na cama.

— O que aconteceu? — pergunta com a voz muito mais alerta.

— Desculpe por telefonar tão cedo. Eu só queria dizer duas coisas.

— O que, por exemplo?

— Por exemplo, que os Black ontem deram entrada no processo contra a Great Benefit. Mando uma cópia por mensageiro assim que vocês tiverem um escritório. Eles também assinaram uma rescisão do contrato; portanto, você não os representa mais. Não precisa mais se preocupar com eles.

— Como você deu entrada no processo?

— Na verdade, não é da sua conta.

— Uma ova que não é.

— Mando uma cópia do processo, e você tira suas conclusões. Já tem novo endereço, ou o antigo ainda funciona?

— Nossa caixa postal no correio não foi danificada.

— Certo. Seja como for, eu agradeceria se vocês me deixassem fora desse negócio de incêndio culposos. Não tive nada a ver com o fogo e, se insistir em me implicar, vou processar seu traseiro corrupto.

— Estou petrificado.

— Sim, estou vendo. Pare de ficar espalhando meu nome por aí.

— Desligo antes que ele possa responder. Espero cinco minutos. Ele não telefona. Um grande covarde.

Estou ansioso para ver o que os jornais da manhã dizem sobre o incêndio. Tomo banho, visto-me e saio rapidamente, protegido pela noite. É pequeno o movimento a caminho do aeroporto, na direção de Greenway Plaza, um lugar que começa a parecer meu lar.

Estaciono na mesma vaga que usei sete horas atrás. O Club Amber está escuro e quieto, o estacionamento cheio de lixo e latas de cerveja.

O pequeno café ao lado do conjunto do meu escritório é alugado por uma alemã atarracada chamada Trudy. Eu a conheci a noite passada, quando entrei para comer um sanduíche. Ela me disse que abre às seis horas para o café da manhã.

Ela está servindo café quando entro. Conversamos um pouco enquanto ela põe a rosquinha na torradeira para mim e me serve de café. Uns doze homens estão sentados em volta das pequenas mesas, e Trudy tem seus problemas. Para começar, o encarregado das rosquinhas está atrasado.

Compro um jornal e sento a uma mesa ao lado da janela. O sol está nascendo. A seção Metro traz na primeira página uma foto grande do armazém de Mr. Lake ainda em chamas. Um breve artigo conta a história do prédio, diz que foi completamente destruído e que o próprio Mr. Lake estima o prejuízo em três milhões de dólares. “A reforma foi um trabalho de amor e durou cinco anos”, diz ele. “Estou arrasado.”

Chore um pouco mais, meu velho. Leio toda a notícia e não vejo nem uma vez as palavras “incêndio culposo”. A polícia está de boca fechada — o caso está ainda sendo investigado, cedo demais para palpites, nenhum comentário. A fala habitual dos tiras.

Eu não esperava ver meu nome citado como possível suspeito, mas mesmo assim fico aliviado.



No meu escritório, estou tentando parecer ocupado e imaginando como posso gerar honorários de mil dólares nos próximos trinta dias, quando Bruiser entra. Põe um papel na minha mesa. Eu o apanho.

— Uma cópia do relatório da polícia — rosna ele, andando para a porta.

— A meu respeito? — pergunto, horrorizado.

— Não, que diabo! É um relatório de acidente. Batida de carro ontem à noite na esquina de Airways com Shelby, a poucas quadras daqui. Talvez um motorista bêbado. Parece que avançou o sinal. — para de falar e olha para mim.

— Nós representamos uma das...

— Ainda não! Para isso você está aqui. Vá apanhar o caso. Verifique. Faça assinar o contrato de representação. Investigue. Parece que há algumas lesões corporais muito boas.

Ele sai, batendo a porta e deixando-me completamente confuso. Posso ouvi-lo resmungando no corredor.

O relatório do acidente está repleto de informações, nomes dos motoristas e dos passageiros, endereços, telefones, tipos de lesões, avaria nos veículos, depoimento das testemunhas oculares. Traz um diagrama de como os policiais acham que deve ter acontecido e outro mostrando como encontraram os veículos. Os dois motoristas ficaram feridos e foram levados para o hospital, e, aparentemente, o que avançou o sinal tinha bebido.

Leitura interessante, mas o que faço agora? O acidente aconteceu às dez e dez da noite passada, e de algum modo Bruiser conseguiu pôr as mãos no relatório logo cedo, de manhã. Leio outra vez, depois fico olhando para o papel por um longo tempo.

Uma batida na porta me desperta do estado de confusão.

— Entre.

Um homem pequeno põe a cabeça na porta entreaberta.

— Rudy? — pergunta com voz aguda e nervosa.

— Sim, entre.

Ele desliza pela pequena abertura e senta na cadeira na frente da minha mesa.

— Sou Deck Shifflet — diz, sem estender a mão nem sorrir. — Bruiser disse que você queria falar comigo sobre um caso. — Olha para trás, como se alguém tivesse entrado e estivesse ouvindo a conversa.

— Prazer em conhecê-lo.

É difícil dizer se Deck tem quarenta ou cinquenta anos. É quase de todo careca, e os poucos fios que restam, cheios de óleo, estão penteados horizontalmente sobre a cabeça grande. Sobre as orelhas, o cabelo é quase todo branco. Ele usa óculos quadrados, aros de metal, lentes espessas e sujas. Também é difícil dizer se a cabeça é grande demais ou se o corpo é pequeno, mas não combinam. A testa é dividida em duas metades redondas que se encontram no centro, unidas por uma ruga profunda que desce até o nariz.

O pobre Deck é um dos homens mais feios que já vi. O rosto tem marcas de acne da adolescência. O queixo praticamente não existe. Quando fala, enrugando o nariz e o lábio superior se ergue revelando quatro largos dentes superiores, todos do mesmo tamanho.

O colarinho da camisa de dois bolsos e manchada está puído. O nó da gravata vermelha de malha tem o tamanho do meu punho fechado.

— Sim. — Procuro não olhar muito para os dois olhos enormes

que me observam de trás das lentes. — É um caso de seguro. Você é um dos contratados da firma?

O nariz e o lábio se encontram. Os dentes brilham.

— Mais ou menos. Não realmente. Não sou advogado ainda. Fiz a faculdade e tudo o mais, mas não passei no exame final.

Ah, alma gêmea.

— Oh, compreendo. Quando terminou a faculdade?

— Há cinco anos. Você compreende, estou tendo um pequeno problema com o exame final. Já fiz seis vezes.

Isso é uma coisa que quero ouvir.

— Nossa! — murmuro. Francamente eu não sabia que era possível prestar o exame tantas vezes. — Sinto muito.

— Quando você vai fazer o exame? — pergunta, com um olhar nervoso em volta. Está sentado na ponta da cadeira como se tivesse que saltar a qualquer momento. Com o polegar e o indicador da mão esquerda belisca as costas da mão direita.

— Em julho. É bem duro, certo?

— Sim, muito duro, eu diria. Há um ano não faço. Não sei se vou tentar outra vez.

— Em que faculdade estudou? — Pergunto isso porque ele está me deixando muito nervoso. Não tenho certeza de querer falar sobre o caso Black com ele. Como é que ele entra no caso? Quanto vai receber se ganharmos?

— Na Califórnia — diz, com o espasmo facial mais violento que já vi. Os olhos se abrem e fecham. As sobancelhas dançam. Os lábios tremem. — Escola noturna. Eu era casado na época e trabalhava cinquenta horas por semana. Não tinha muito tempo para estudar. Levei cinco anos para fazer a faculdade. Minha mulher me deixou. Vim para cá. — As palavras ficam cada vez mais baixas à medida que as frases ficam mais curtas, e por alguns segundos fico esperando que ele acabe de falar.

— Bem, entendo. Há quanto tempo está trabalhando para Bruiser?

— Quase três anos. Ele me trata como o resto dos contratados. Eu descubro os casos, trabalho neles, dou a ele sua parte. Todo o mundo fica feliz. Geralmente ele me pede que estude os casos de seguro que aparecem.

“Trabalhei dezoito anos na Pacific Mutual. Fiquei farto. Fui para a faculdade.” As palavras desaparecem aos poucos outra vez.

Observo e espero.

— O que acontece se você tiver de ir ao tribunal?

Ele ri timidamente, como se fosse a pessoa mais divertida do mundo.

— Bem, na verdade, já fui algumas vezes. Ainda não me

apanharam. Tantos advogados no tribunal, você sabe, é impossível controlar todos. Se vamos a julgamento, Bruiser vai no meu lugar. Ou talvez outro advogado da firma.

“Isso mesmo. Eu, Bruiser, Nicklass, Toxer e Ridge. Mas não chamaria isto de firma. É cada um por si. Vai aprender. Você descobre seus casos e seus clientes e fica com um terço do lucro bruto.”

Sua franqueza me impressiona, por isso insisto.

— É um bom negócio para os advogados contratados?

— Depende do que você queira. — Vira a cabeça para os lados, como se Bruiser estivesse ouvindo. — A competição é muito grande. Para mim está ótimo porque posso ganhar quarenta mil por ano praticando direito sem licença. Mas não conte para ninguém.

Eu nem pensaria nisso!

— Como é que você se encaixa no meu caso de seguro?

— Ah, isso. Bruiser me paga se chegarem a um acordo. Eu o ajudo com os arquivos, mas sou o único em quem ele confia. Ninguém aqui tem autorização para tocar nos arquivos dele. Despediu alguns advogados que tentaram. Mas sou inofensivo. Tenho de ficar aqui, pelo menos até passar no exame.

— Como são os outros advogados?

— OK. Eles vêm e vão. Bruiser não emprega os primeiros da classe, você sabe. Tira os jovens das ruas. Eles trabalham por um ou dois anos, fazem alguns contatos e abrem seus escritórios. Os advogados estão sempre mudando.

Vem dizer isso a mim!

— Posso fazer uma pergunta? — digo, com relutância.

— Claro.

Entrego o relatório do acidente, e ele lê rapidamente.

— Bruiser deu isso a você, certo?

— Certo. Há poucos minutos. O que ele espera que eu faça?

— Pegue o caso. Encontre o cara que foi atropelado, faça-o assinar um contrato com a firma de J. Lyman Stone, depois organize o caso.

— Como o encontro?

— Bem, parece que está no hospital. Geralmente é o melhor lugar para falar com eles.

— Você vai aos hospitais?

— Claro. Sempre. Bruiser tem alguns contatos na Central de Polícia. Alguns contatos muito bons, caras que cresceram com ele. Todas as manhãs ele consegue esses relatórios de acidentes, que distribui pelos advogados do escritório, e espera que fiquemos com os casos. Não precisa ser um cientista de foguetes espaciais.

— Que hospital?

Ele gira os olhos do tamanho de pires e balança a cabeça, aborrecido.

— O que ensinam na faculdade?

— Não muita coisa, mas certamente não ensinam a correr atrás de ambulâncias.

— Pois então tem de aprender depressa. Do contrário, vai morrer de fome. Escute, está vendo este telefone do motorista ferido? Simplesmente ligue para esse número, diga que é da divisão de salvamento do Corpo de Bombeiros de Memphis, ou coisa parecida, e que precisa falar com a vítima do acidente, Fulano de Tal. Ele não pode atender porque está no hospital, certo? Que hospital? Você precisa para seu computador. Eles vão dizer. Sempre funciona. Use sua imaginação. As pessoas são crédulas.

Fico nauseado.

— E depois?

— Depois você vai ao hospital e fala com o cara. Olhe, você é só um novato, certo? Desculpe. Vou fazer uma coisa. Vamos comprar um sanduíche, comer no carro; depois vamos ao hospital e fazemos o cara assinar.

Na verdade, não quero fazer isso. Minha vontade é sair daqui e nunca mais voltar. Mas não tenho nada mais para fazer no momento.

— Tudo bem — digo, com muita hesitação.

Ele levanta de um salto.

— Me encontre na frente. Vou telefonar e descobrir qual é o hospital.



O hospital é o St. Peter Charity, um verdadeiro zoológico para onde é levada a maior parte dos casos de acidentes. Pertence à prefeitura e, entre outras coisas, atende de graça um enorme número de pacientes.

Deck o conhece bem. Atravessamos a cidade no seu velho pequeno furgão, a única coisa com que ele ficou depois do divórcio, um divórcio causado por anos de abuso de bebida. Ele está limpo agora, um membro orgulhoso dos Alcoólicos Anônimos, e também deixou de fumar. Mas gosta de jogar, admite com seriedade, e os novos cassinos que estão brotando no Mississippi, logo depois da divisa, o preocupam.

A ex-esposa e os dois filhos continuam na Califórnia.

Obtenho toda essa informação em dez minutos, enquanto como um cachorro-quente. Deck dirige com uma das mãos e segura o sanduíche com a outra, e se contorce, salta, faz caretas e fala enquanto percorremos metade de Memphis, sempre com um pouco de salada de galinha grudada no canto da boca. Não posso nem olhar.

Paramos no estacionamento reservado aos médicos porque Deck tem um cartão que o identifica como médico. O guarda parece conhecê-lo e acena de longe.

Deck me conduz diretamente ao balcão de informações no saguão principal, cheio de gente. Em poucos segundos ele consegue o número do quarto de Dan Van Landel, nosso cliente em perspectiva. Deck anda com os pés virados para dentro e manca um pouco, mas tenho dificuldade de acompanhar seu passo até os elevadores.

— Não aja como advogado — murmura, enquanto esperamos no meio de uma porção de enfermeiras.

Como alguém ia suspeitar que Deck é advogado? Subimos em silêncio para o oitavo andar e saímos no meio de uma multidão. Deck, tristemente, já fez isso muitas vezes.

Apesar do estranho formato da cabeça grande, do modo de andar e de todas as outras coisas esquisitas, ninguém olha para nós. Seguimos por um corredor até chegar a outro, que atravessamos, onde fica o movimentado posto das enfermeiras. Deck sabe exatamente como encontrar o quarto 886. Viramos para a esquerda, passamos por um grupo de enfermeiras, técnicos e médicos que estudam uma papeleta. Maças sem lençol enfileiram-se junto à parede. O ladrilho do chão é gasto e precisa ser lavado. Chegamos à quarta porta à esquerda e entramos sem bater, num quarto semiparticular e semiescuro. No primeiro leito está um homem coberto até o queixo. Está assistindo a uma novela na pequena televisão suspensa na parede.

Ele olha para nós com horror, como se fôssemos extrair seu rim, e eu me detesto por estar aqui. Não temos o direito de violar a privacidade das pessoas desse modo.

Mas Deck não hesita nem por um segundo. É difícil acreditar que este ousado impostor seja o mesmo cara de fuinha que deslizou para dentro do meu escritório há menos de uma hora. Naquela ocasião, ele tinha medo da própria sombra. Agora, parece o mais destemido dos homens.

Damos alguns passos na direção de um biombo. Deck hesita brevemente, para ver se tem alguém com Dan Van Landel. O paciente está sozinho, e Deck avança.

— Boa tarde, senhor Van Landel — diz, com toda a sinceridade.

Van Landel deve ter quase trinta anos, embora seja difícil dizer por causa das ataduras no rosto. Um olho está inchado, quase fechado, e tem um corte debaixo do outro. Um braço está quebrado, uma perna está no aparelho de tração.

Felizmente está acordado, e assim não precisamos gritar nem tocar nele. Paro perto da cama, próximo à porta, esperando que não apareça nenhuma enfermeira, nenhum médico ou pessoa da família e nos pegue em flagrante.

Deck aproxima-se.

— Pode me ouvir, senhor Van Landel? — pergunta, com o tom compassivo de um padre.

Van Landel está praticamente preso à cama. Não pode fazer nenhum movimento. Tenho certeza de que ele gostaria de se sentar ou ajeitar alguma coisa, mas nós o temos nas nossas mãos. Nem quero imaginar o susto do pobre homem. Em um momento ele está deitado, olhando para o teto, provavelmente ainda meio anestesiado e sentindo dor, e uma fração de segundos depois está olhando para um dos rostos mais estranhos que já viu.

Ele tenta focalizar os olhos, piscando rapidamente.

— Quem é você? — resmunga, com os dentes cerrados. Cerrados porque presos por fios de arame.

Isto não é justo.

Deck sorri e mostra os quatro dentes brilhantes.

— Deck Shifflet, firma de advocacia de Lyman Stone — diz, com segurança notável, como se realmente devesse estar aqui. — Não falou com nenhuma companhia de seguros, falou?

Com essa frase Deck identifica os bandidos. Não somos nós. São os homens do seguro. É um passo enorme para ganhar a confiança. Nós contra eles.

— Não — rosna Van Landel.

— Ótimo. Não fale com elas. Só querem prejudicar você. — Deck se aproxima mais, já aconselhando o cliente. — Estudamos o relatório do acidente. Um caso claro de avanço de sinal. Vamos ao local dentro de uma hora -olha para o relógio com ar importante —, tirar algumas fotos, falar com as testemunhas, tudo o que precisa ser feito. Precisamos correr para chegar antes que os investigadores das companhias de seguro falem com as testemunhas. Eles costumam suborná-las para mentir, você sabe, coisas desse tipo. Precisamos agir depressa, mas precisamos de sua autorização. Tem advogado?

Prendo a respiração. Se Van Landel disser que seu irmão é advogado já estou no corredor.

— Não — responde.

Deck toma posição para o golpe de misericórdia.

— Muito bem, como eu disse, precisamos agir depressa.

Minha firma trata do maior número de acidentes de carro de Memphis e conseguimos indenizações enormes. As companhias de seguro têm medo de nós. E não cobramos nada. Ficamos com um terço do que conseguimos recuperar. — Enquanto fala, ele tira lentamente o contrato do meio de um bloco de notas. É um contrato pequeno: uma página, três parágrafos, o bastante para fisgar o cliente. Deck o sacode na frente do homem de tal modo, que Van Landel tem de pegar o papel. Ele o segura com a mão boa e tenta ler.

Bendito seja. Acaba de passar a pior noite de sua vida, tem sorte por estar vivo, e agora, semianestesiado e confuso, querem que leia um documento legal e tome uma decisão inteligente.

— Não pode esperar a minha mulher? — pergunta, quase implorando. Estamos prestes a ser apanhados? Seguro com força os pés da cama, sem querer empurro uma corda que passa pela roldana, e a perna dele vai dois centímetros para cima.

— Ahhhh — geme.

— Desculpe — tiro rapidamente as mãos dos pés da cama. Deck olha para mim como se fosse me esquartejar; depois, controlando-se, pergunta:

— Onde está sua mulher?

— Ahhh! — geme outra vez o pobre homem.

— Desculpe — repito, porque não posso evitar. Meus nervos chegaram ao limite máximo da resistência.

Van Landel olha para mim com medo. Fico com as duas mãos nos bolsos.

— Ela vai voltar logo — diz ele, a dor evidente em cada sílaba. Deck tem resposta para tudo.

— Telefone para ela mais tarde, do meu escritório. Preciso de algumas informações. — Põe o contrato sobre o bloco de notas, para facilitar a assinatura, e tira a tampa da caneta.

Van Landel resmunga alguma coisa; depois apanha a caneta e assina. Deck guarda o contrato no meio do bloco e entrega ao novo cliente seu cartão, que o identifica como paralegal da firma J. Lyman Stone.

— Agora, quero dizer uma coisa — fala com tom autoritário: — não fale com ninguém a não ser seu médico. O pessoal do seguro vai procurá-lo, talvez hoje mesmo, tentando fazer com que você assine uma porção de papéis. São capazes até de propor um acordo. Em nenhuma circunstância diga uma palavra para essa gente. Em nenhuma circunstância assine coisa alguma que eu não tenha lido. Você tem meu telefone. Pode telefonar a qualquer hora do dia. No

verso do cartão está o telefone de Rudy Baylor aqui, e pode telefonar para ele a qualquer hora. Vamos trabalhar juntos no caso. Alguma pergunta?

“Ótimo — diz Deck, antes que o homem tenha tempo de rosnar ou gemer. — Rudy vai voltar amanhã de manhã com alguns documentos. Diga a sua mulher que ligue para ele esta tarde. É muito importante para nós falar com ela. — Dá uma pancadinha na perna boa de Van Landel. — Vamos conseguir muito dinheiro — garante.”

Despedimo-nos e saímos rapidamente. No corredor, Deck diz, com orgulho:

— É assim que a coisa é feita, Rudy. Muito fácil. Desviamo-nos de uma mulher numa cadeira de rodas e paramos para dar passagem a uma maçã com paciente. O corredor está cheio.

— E se o cara tivesse advogado? — pergunto, começando a respirar normalmente outra vez.

— Não temos nada a perder, Rudy. É isso que deve lembrar. Viemos até aqui sem nada. Se ele nos expulsasse do quarto, por qualquer motivo, o que teríamos perdido?

Um pouco de dignidade, autorrespeito. Seu raciocínio é completamente lógico. Não digo nada. Continuo a andar a passos largos e rápidos, evitando olhar para os contorcionismos dele.

— Quer saber, Rudy? Na faculdade não ensinam o que precisamos saber. É só livros e teorias e aquelas ideias elevadas sobre a prática do direito como profissão, como entre cavalheiros, você sabe. É uma vocação honrosa, governada por páginas de ética escrita.

— O que há de errado com a ética?

— Oh, nada, acho. Quer dizer, acredito que o advogado deve lutar pelo cliente, não roubar dinheiro, procurar não mentir, você sabe, os conceitos básicos.

Deck discorrendo sobre ética. Nós passamos horas estudando problemas morais e de ética, e, *bam*, com uma única frase Deck reduz os cânones da ética aos três grandes: lute por seu cliente, não roube, procure não mentir.

Viramos bruscamente para a esquerda e entramos em outro corredor. O St. Peter é um labirinto de novas alas e anexos. Deck continua sua aula.

— Mas o que eles não ensinam na faculdade pode nos prejudicar. Veja aquele cara, Van Landel. Tenho a impressão de que você estava nervoso por estar no quarto dele.

— Sim, estava.

— Não devia.

— Mas é contra a ética angariar casos. É a típica caça de

ambulância.

— Certo. Mas quem se importa? Melhor nós do que outro qualquer. Eu aposto que dentro das próximas vinte e quatro horas outro advogado vai procurar Van Landel e tentar convencê-lo a assinar um contrato. Simplesmente é assim que a coisa funciona, Rudy. É a competição, o mercado. Tem uma porção de advogados soltos por aí.

Como se eu não soubesse.

— Será que o cara não vai desistir? — pergunto.

— Provavelmente não. Tivemos sorte até agora. Nós o pegamos na hora certa. Geralmente as possibilidades são de 50/50, até ele assinar na linha pontilhada, e então passa a ser de 80/20 a nosso favor. Daqui a algumas horas, você precisa telefonar, falar com a mulher dele, se oferecer para voltar ao hospital esta noite para discutir o caso com eles.

— Eu?

— Claro. É fácil. Tenho alguns arquivos que você pode consultar. Não precisa ser um cirurgião de cérebro.

— Mas não tenho certeza...

— Escute, Rudy, acalme-se. Não tenha medo deste lugar. Agora ele é nosso cliente, certo? Você tem o direito de visitá-lo e ninguém pode fazer nada. Não podem expulsar você. Relaxe.



Tomamos café em copos de plástico numa lanchonete do terceiro andar. Deck prefere esta pequena lanchonete porque fica perto da seção de ortopedia e porque é resultado de uma reforma recente e poucos advogados a conhecem. Os advogados, explica ele em voz baixa, examinando cada paciente, costumam ficar nas lanchonetes dos hospitais caçando vítimas. Diz isso com certo desprezo por esse tipo de comportamento. A ironia não existe para Deck.

Uma parte do meu trabalho como jovem contratado da firma de advocacia J. Lyman Stone vai ser ficar nesses lugares e pastar nessas pastagens. Há uma grande lanchonete no andar térreo do Cumberland Hospital, duas quadras adiante. E o VA Hospital tem três lanchonetes. Deck, é claro, sabe onde ficam todas e partilha comigo tal conhecimento.

Ele me aconselha a começar com o St. Peter porque tem a maior

unidade de atendimento de acidentados. Faz um mapa num guardanapo mostrando onde ficam outros pontos quentes — a lanchonete principal, outra perto da maternidade, no segundo andar, outra perto do hall de entrada. As horas noturnas são boas, diz ele, sempre observando a caça, porque os pacientes ficam chateados nos quartos e os que podem descem para comer alguma coisa. Alguns anos atrás, um dos advogados de Bruiser estava pescando na lanchonete principal à uma hora da manhã quando viu um garoto com queimaduras. O caso terminou com um acordo de dois milhões, um ano depois. O problema foi que o garoto tinha despedido Bruiser e contratado outro advogado.

— Fugiu das nossas mãos — diz Deck, como um pescador de cuja linha um peixe acabou de escapar.

Miss Birdie costuma ir para a cama quando termina a reprise de *MASH*, às onze horas. Ela me convidou várias vezes para ver televisão, mas até agora sempre inventei as desculpas certas.

Sento na escada, na frente do meu apartamento, e espero que as luzes se apaguem na casa. Vejo sua silhueta, indo de uma porta para outra, verificando as fechaduras, fechando as cortinas.

Suponho que os velhos se acostumem com a solidão, embora ninguém espere passar os últimos anos da vida sozinho, longe dos entes queridos. Tenho certeza de que, quando jovem, ela esperava ter a companhia dos netos nesses últimos anos. Os filhos estariam por perto, visitando-a diariamente, levando flores, doces e presentes. Miss Birdie não planejou ficar sozinha numa casa velha com lembranças esmaecidas.

Raramente fala nos filhos e nos netos. Eles são apenas fotografias espalhadas pela casa, mas, a julgar pelas roupas, são fotos bastante antigas. Estou aqui há algumas semanas e não a vi ter nenhum contato com a família.

Sinto-me culpado por não fazer companhia a ela todas as noites, mas tenho minhas razões. Assiste a um programa cretino atrás do outro, e não os suporto. Sei disso porque ela sempre fala deles. Além do mais, preciso estudar para o exame.

Há outro bom motivo para manter distância. Miss Birdie tem insinuado com muita ênfase que a casa precisa ser pintada, que se algum dia ela conseguir terminar de espalhar o composto orgânico, terá tempo para outros projetos.

Hoje escrevi e enviei uma carta para um advogado de Atlanta, assinei como paralegal de J. Lyman Stone e nela faço algumas perguntas sobre o testamento de Anthony Murdine, o último marido de Miss Birdie. Estou pesquisando aos poucos, sem muita sorte.

A luz do quarto dela se apaga, desço a escada na ponta dos pés, descalço, atravesso o gramado e chego à rede que balança precariamente entre duas árvores pequenas. Outra noite, balancei nela durante algum tempo, sem acidente. Deitado na rede, vejo a lua cheia entre as árvores. Balanço devagar. A noite está quente.

Estou deprimido desde o episódio Van Landel no hospital, esta manhã. Entrei na faculdade de direito há menos de três anos com as aspirações nobres típicas de algum dia usar a minha licença de advogado para melhorar pelo menos um pouco a sociedade, entrar para uma profissão honrada governada pelos cânones da ética, que pensei que todos os advogados esforçavam-se para manter. Eu

acreditava mesmo nisso. Sabia que não ia mudar o mundo, mas sonhava em trabalhar num ambiente de alta pressão, ao lado de pessoas inteligentes, que obedecem a um conjunto de altos padrões. Queria trabalhar arduamente e crescer na profissão e, fazendo isso, atrair clientes, não por anúncios tendenciosos, mas por minha reputação. E ao longo do caminho, à medida que minha habilidade e meus honorários fossem crescendo, eu poderia aceitar casos pouco populares e clientes que não pudessem pagar. Esses sonhos não são raros em quem entra na faculdade de direito.

Concedo à faculdade o crédito de nos fazer passar horas debatendo sobre problemas de ética. Era tamanha a ênfase aplicada a esse assunto, que acreditamos que a profissão tivesse o cuidado de determinar um conjunto de diretrizes. Agora, estou deprimido pela verdade. No último mês, um advogado depois do outro atirou dardos na minha bola de gás. Fui reduzindo a um caçador furtivo nas lanchonetes de hospitais por mil dólares por mês. Estou enojado e triste com o que me tornei e abalado com a rapidez com que caí.

Meu melhor amigo no segundo grau era Craig Balter. Ocupamos o mesmo quarto durante dois anos. No ano passado fui ao seu casamento. Craig tinha um objetivo quando entramos para o preparatório: queria ensinar história no ginásio. Era um aluno brilhante, e tudo foi fácil para ele. Conversávamos longamente sobre o que queríamos fazer de nossas vidas. Eu achava que ele estava se diminuindo pensando em lecionar, e ele ficava zangado quando eu comparava nossas duas futuras profissões. Eu estava caminhando para muito dinheiro e para o sucesso de alto nível. Ele, para a sala de aula, onde o salário seria sujeito a fatores fora do seu controle.

Craig se formou em história e casou com um professora de curso primário. Agora leciona história e estudos sociais na nona série. Ela está grávida e leciona no jardim de infância. Têm uma bela casa no campo, no meio de um grande terreno com jardim, e são as duas pessoas mais felizes que conheço. Os dois ganham cerca de cinquenta mil por ano.

Mas Craig não se importa com dinheiro. Está fazendo exatamente o que sempre quis fazer. Quanto a mim, não tenho ideia do que esteja fazendo. O trabalho de Craig é imensamente gratificante porque influencia mentes jovens. Pode prever o resultado dos seus esforços. Mas eu irei para o escritório amanhã esperando pegar, de um modo ou de outro, um cliente desprevenido, passando por uma fase difícil e dolorosa. Se os advogados ganhassem igual aos professores, imediatamente fechariam nove entre dez faculdades de direito.

As coisas precisam melhorar. Mas antes disso ainda há dois

desastres possíveis. Primeiro, posso ser preso ou prejudicado de algum modo pelo incêndio na firma Lake, segundo, posso não passar no exame.

Pensando nessas duas coisas, fico balançando na rede até as primeiras horas da manhã.



Bruiser chega cedo ao escritório, olhos vermelhos e de ressaca, mas vestido com seu melhor traje de advogado — terno de lã caro, camisa branca de algodão discretamente engomada, uma bela gravata de seda. A juba esvoaçante parece que recebeu um banho extra esta manhã. Tem um brilho limpo.

Ele está a caminho do tribunal para tratar das moções prejulgamento de um caso de tráfico de drogas, e é todo nervos e ação. Fui chamado para ficar na frente da sua mesa e receber minhas instruções.

— Bom trabalho com Van Landel — diz, rodeado de papéis e pastas. Dru movimenta-se atarefada em volta dele, a uma distância discreta. Os tubarões a observam famintos. — Falei com a companhia de seguros há pouco. Grande cobertura do seguro. As obrigações parecem bem claras. O garoto está muito ferido?

Ontem à noite passei uma hora exasperante no hospital com Van Landel e a mulher. Fizeram uma porção de perguntas, sendo a principal quanto podem receber. Eu tinha poucas respostas sólidas, mas representei admiravelmente com meu jargão legal. Até agora, estão conosco.

— Perna quebrada, costela, várias lacerações. O médico diz que vai passar dez dias no hospital.

Bruiser sorri.

— Fique com o caso. Faça as investigações. Ouça os conselhos de Deck. Este pode ser um belo acordo.

Ótimo para Bruiser, mas não terei nenhuma parte no que receberem. O caso não vai contar como honorários gerados por mim.

— Os tiras querem seu depoimento sobre o incêndio — atira de repente, estendendo a mão para uma pasta na mesa. — Falei com eles ontem à noite. Vão tomar o depoimento aqui, no escritório, e eu estarei presente.

Diz isso como se tudo estivesse planejado, e eu, nenhuma

chance.

— E se eu recusar? — pergunto.

— Então provavelmente o levarão à central para interrogatório.

Se não tem nada a esconder, sugiro que faça esse depoimento. Vou estar aqui. Pode me consultar. Fale com eles, e depois disso o deixam em paz.

— Então acham que foi incêndio culposos?

— Estão razoavelmente convencidos.

— O que querem de mim?

— Onde você estava, o que estava fazendo, horas, lugares, álibis, coisas assim.

— Não posso responder a tudo, mas posso dizer a verdade.

Bruiser sorri.

— Então a verdade o libertará.

— Deixe-me anotar isso.

— Vamos marcar para as duas da tarde.

Concordo inclinando a cabeça, mas não digo nada. É estranho que neste estado de vulnerabilidade eu tenha absoluta confiança em Bruiser Stone, em homem em quem jamais confiaria para nada mais.

— Preciso de alguns dias de folga, Bruiser.

Suas mãos param no ar, e ele olha para mim. Dru, num canto, apanhando alguma coisa no arquivo, para e olha. Um dos tubarões também parece ter ouvido.

— Mas você nem começou — diz Bruiser.

— Sim, eu sei. Mas o exame está aí. Estou muito atrasado nos estudos.

Ele inclina a cabeça para o lado e passa a mão na barba. Bruiser tem um olhar penetrante quando está bebendo e se divertindo. Agora, os olhos parecem dois raios laser.

— Quantos dias?

— Bem, eu gostaria de vir trabalhar na parte da manhã, até o meio-dia mais ou menos. Depois, você sabe, dependendo do meu calendário de julgamento e da minha agenda, quero ir estudar na biblioteca. — Minha tentativa de humor é um completo fracasso.

— Você pode estudar com Deck — diz, com um sorriso. É uma piada, e rio idiotamente. — Então, você vai fazer o seguinte — fica sério outra vez: — trabalha até o meio-dia, depois pega seus livros e vai estudar na lanchonete do St. Peter. Estude para valer, entendeu, mas fique também de olhos abertos. Quero que passe no exame, mas no momento estou mais preocupado com novos casos. Leve um telefone celular para que eu possa falar com você a qualquer hora. Não acha justo?

Por que fui fazer isso? Fui um cretino falando do exame.

— Claro — digo, franzindo a testa.

Ontem à noite, na rede, pensei que com um pouco de sorte eu podia evitar o St. Peter. Agora, estou instalado lá.



Os mesmos dois policiais que foram ao meu apartamento apresentam-se a Bruiser pedindo permissão para me interrogar. Nós quatro sentamos em volta de uma mesa pequena num canto do escritório dele. Dois gravadores estão ligados sobre a mesa.

O interrogatório é um tédio. Repito a mesma história que contei para esses dois palhaços na primeira vez em que nos encontramos, e eles gastam um tempo enorme repassando cada pequeno ponto. Tentam me forçar a discrepâncias nos detalhes mais insignificantes — “Pensei que tinha dito que estava com uma camisa azul-marinho, e agora diz que era azul” —, mas estou contando a verdade nua e crua. Não digo nenhuma mentira, e depois de uma hora parecem convencidos de que não sou o homem que procuram.

Bruiser fica irritado e mais de uma vez diz a eles para seguirem em frente. Eles obedecem durante um tempo. Francamente, acho que esses dois tiras têm medo de Bruiser.

Finalmente vão embora, e Bruiser diz que esse é o fim de tudo. Não sou mais suspeito, eles só estão protegendo os próprios traseiros. Diz que vai falar com o tenente pela manhã e mandar arquivar o meu caso.

Agradeço. Ele me dá o pequeno telefone, que cabe dobrado na palma da minha mão.

— Não largue isto — diz —, especialmente quando estiver estudando para o exame. Posso precisar de você com urgência. — O pequeno aparelho de repente fica muito mais pesado. Por meio dele estarei à disposição dos caprichos de Bruiser vinte e quatro horas por dia.

Ele me manda para o meu escritório.



Volto para a lanchonete perto da sala de ortopedia solenemente resolvido a me esconder num canto, estudar o que preciso, manter o maldito celular à mão, mas ignorar todos os que estão em volta.

A comida não é horrível. Depois de sete anos de cozinha da faculdade, qualquer coisa parece boa. Meu jantar é um sanduíche de queijo com pimentão e fritas. Espalho os papéis do meu curso de revisão para o exame sobre uma mesa de canto, de costas para a parede.

Como primeiro, devorando o sanduíche enquanto observo os outros fregueses. A maioria usa os mais variados tipos de roupas ligados à medicina — médicos com aventais de cirurgia, enfermeiras de branco, técnicos com jalecos de laboratório. Sentam em pequenos grupos falando sobre doenças e tratamentos que nunca ouvi na vida. Para pessoas que devem se preocupar com a saúde e a nutrição, eles comem a pior comida possível. Batatas fritas, hambúrgueres, *nachos*, pizzas. Observo um grupo de médicos jovens e imagino o que iam pensar se soubessem que há um advogado entre eles, estudando para o exame de admissão na Ordem dos Advogados para algum dia poder processá-los.

Duvido que se importem. Tenho tanto direito a estar aqui quanto eles.

Ninguém nota a minha presença. Ocasionalmente um paciente entra apoiado nas muletas ou empurrado numa cadeira de rodas por um atendente. Não vejo nenhum outro advogado pronto para dar o bote.

Pego minha primeira xícara de café às seis horas da tarde e logo me concentro nas matérias do primeiro ano da faculdade. Sigo com meu estudo. Tenho procrastinado até hoje, e não há amanhã. Só depois de uma hora vou pegar outra xícara de café. A lanchonete não está tão cheia, e vejo dois acidentados sentados juntos, no outro lado da sala. Os dois têm uma porção de gesso e de ataduras. Deck já estaria em cima deles. Mas não eu.

Depois de algum tempo e para minha surpresa, resolvo que gosto de estar aqui. É quieto e ninguém me conhece. O lugar ideal para estudar. O café não é ruim e a partir da segunda xícara custa a metade do preço. Estou longe de Miss Birdie; portanto, longe do trabalho manual. Meu chefe quer que eu esteja aqui e, embora eu devesse estar procurando a caça, ele nunca vai saber se procurei ou não. Afinal, não tenho uma cota de casos para cumprir. Não acredito que tenha de arranjar um número X de casos por semana.

O telefone emite um bipe estridente. É Bruiser, só verificando. Alguma coisa? Não, digo, olhando para os dois maravilhosos possíveis clientes que comparam seus ferimentos, cada um numa cadeira de rodas. Ele diz que falou com o tenente e que as coisas

parecem boas. Tem certeza de que vão seguir outras pistas, outros suspeitos. Boa pescaria, diz, com uma risada, e desliga. Sem dúvida está na hora de ele ir para o Yogi's para alguns drinques com Prince.

Estudo por mais uma hora e depois vou até o oitavo andar para ver Dan Van Landel. Ele está sentindo dor, mas disposto a falar. Dou a boa notícia de que entramos em contato com a companhia de seguros do outro motorista e que há uma apólice suculenta à nossa espera. O caso dele tem de tudo, explico, repetindo o que Deck me disse, obrigação de pagamento (nada menos do que um motorista bêbado!), uma boa cobertura do seguro e bons ferimentos. Bons nesse caso quer dizer ossos muito quebrados, que podem facilmente evoluir para a condição mágica de invalidez permanente.

Dan consegue dar um sorriso satisfeito. Já está contando o dinheiro. Ainda tem de se haver com Bruiser na hora de dividir o bolo.

Eu me despeço e prometo voltar amanhã. Uma vez que fui designado para o trabalho no hospital, posso visitar todos os meus clientes. Por falar em serviço...



A lanchonete está cheia outra vez quando volto e tomo meu lugar no canto. Deixei meus livros espalhados na mesa e um deles, o *Elton Bar Review*, chamou a atenção de alguns médicos jovens na mesa ao lado. Olham desconfiados para mim. Param de falar imediatamente, e por isso sei que estiveram discutindo meu material de estudo. Logo vão embora. Apanho mais café e mergulho nas maravilhas dos procedimentos do tribunal federal.

Agora a lanchonete está quase vazia. Estou tomando café sem cafeína e fico admirado com o que já estudei nas últimas quatro horas. Bruiser telefona outra vez às nove e quarenta e cinco. Parece que está num bar. Quer que eu esteja no escritório às nove da manhã para falar sobre um ponto da lei que ele precisa para o julgamento de tráfico de drogas deste mês. Digo que estarei lá.

Eu detestaria saber que meu advogado procura inspiração para teorias legais que vai usar na minha defesa enquanto toma drinques num clube de topless.

Mas Bruiser é meu advogado.

Às dez horas, estou sozinho na lanchonete. Fica aberta a noite toda; por isso o caixa me ignora. Estou absorto na revisão da

linguagem das conferências prejudgamento quando ouço um espirro delicado de mulher. Levanto a cabeça e vejo duas mesas além da minha a jovem paciente na cadeira de rodas, a única outra pessoa sentada na lanchonete. Sua perna direita está engessada do joelho ao pé. Parece gesso recente, pelo pouco que sei sobre gesso neste ponto da minha carreira.

Ela é muito jovem e muito bonita. Não posso deixar de olhar por alguns segundos, antes de voltar às minhas anotações. Depois olho um pouco mais. O cabelo escuro está penteado para trás e solto sobre a nuca. Os olhos castanhos parecem úmidos. Os traços do rosto são fortes e belos, apesar de uma equimose no lado esquerdo do queixo. Uma equimose feia, do tipo geralmente provocado por um soco. Ela está com a camisola-padrão do hospital, e o corpo sob ela parece frágil.

Um homem idoso com paletó cor-de-rosa, uma das inúmeras boas almas que fazem trabalho voluntário no St. Peter, põe delicadamente um copo de suco de laranja na mesa, ao lado dela.

— Aqui está, Kelly — diz ele, como um perfeito avô.

— Obrigada — diz ela, com um breve sorriso.

— Você disse trinta minutos? — pergunta ele.

Ela faz um gesto afirmativo a morde o lábio inferior.

— Trinta minutos — confirma.

— Posso fazer mais alguma coisa?

— Não, obrigada.

Ele bate amistosamente no ombro dela e sai da lanchonete.

Estamos sozinhos. Procuro não ser indiscreto e olho para meus livros e anotações o maior tempo que consigo aguentar; depois levanto a cabeça vagarosamente até poder vê-la. Ela não está de frente para mim, mas a um ângulo de quase noventa graus. Ela levanta o copo de suco de laranja, e vejo as ataduras nos dois pulsos. Ela ainda não me viu. Na verdade, compreendo que não veria ninguém mesmo que a sala estivesse lotada. Kelly está dentro do seu pequeno mundo.

Parece fratura de tornozelo. A equimose no rosto satisfaria a exigência de Deck de lesões múltiplas, embora não pareça haver lacerações. Os pulsos me intrigam. Bonita como é, não fico tentado a praticar minhas técnicas de caçada de casos. Ela parece muito triste, e não quero aumentar seu sofrimento. Vejo a aliança fina na mão esquerda. Não pode ter mais de dezoito anos.

Procuro me concentrar no estudo pelo menos durante cinco minutos seguidos, mas vejo quando ela enxuga os olhos com um guardanapo de papel. Inclina a cabeça para o lado direito, e as lágrimas descem pelo rosto. Ela abafa os soluços.

Compreendo que as lágrimas não têm nada a ver com a dor do

tornozelo quebrado. Não são causadas por lesões físicas.

Minha imaginação de advogado desonesto corre solta. Talvez um acidente de carro, talvez o marido tenha morrido e ela tenha ficado ferida. É muito jovem para ter filhos, a família mora longe, e ela está chorando a morte do marido. Pode ser um caso e tanto.

Afasto estes pensamentos terríveis e procuro me concentrar no livro. Ela continua fungando e chorando em silêncio.

Alguns fregueses chegam e se vão, mas ninguém senta ao meu lado ou ao lado de Kelly. Esvazio minha xícara de café, levanto da cadeira e passo na frente dela, a caminho do balcão. Olho para ela, ela olha para mim, nossos olhos se encontram por um longo segundo, e quase caio em cima de uma cadeira de metal. Minhas mãos tremem um pouco quando pago o café. Respiro fundo e paro perto da mesa dela.

Kelly ergue lentamente os belos olhos cheios de lágrimas. Engolindo em seco, digo:

— Escute, não quero ser importuno, mas posso fazer alguma coisa? Está sentindo dor? — pergunto, indicando o gesso.

— Não. — A voz é quase inaudível. Depois, com um maravilhoso sorriso discreto: — Mas obrigada.

— Certo — digo. Olho para a minha mesa a menos de seis metros da dela. — Eu estou ali, estudando para o exame de registro de advogado, se precisar alguma coisa. — Dou de ombros, como se não soubesse o que mais posso fazer, mas sou um cara maravilhoso e solidário, e, portanto, perdoe-me se passei dos limites. Mas me importo. E estou à sua disposição.

— Obrigada — repete.

Sento na minha cadeira, tendo estabelecido o fato de que sou uma pessoa autêntica, estudando em livros grossos com a esperança de logo exercer uma nobre profissão. Sem dúvida ela está vagamente impressionada. Mergulho no meu estudo, ignorando seu sofrimento.

Minutos se passam. Viro uma página e levanto os olhos ao mesmo tempo. Ela está olhando para mim, e meu coração esquece uma batida. Eu a ignoro totalmente o quanto posso suportar, e depois ergo os olhos. Está outra vez perdida, mergulhada no seu sofrimento. Aperta o guardanapo de papel. As lágrimas descem pelo rosto.

Sinto um aperto no coração vendo aquele sofrimento. Gostaria de sentar ao lado dela, talvez passar o braço em volta dos seus ombros e falar sobre coisas. Se é casada, onde está o marido? Ela olha rapidamente para o meu lado, mas parece que não me vê.

O homem idoso com paletó cor-de-rosa volta exatamente às dez e trinta, e ela procura rapidamente disfarçar as lágrimas. Ele bate

gentilmente na cabeça dela e, murmurando suaves palavras de consolo que não posso ouvir, começa a empurrar a cadeira com ternura. Quando está saindo, ela olha deliberadamente para mim. E me concede um sorriso longo e choroso.

Penso em segui-la a distância, descobrir qual o seu quarto, mas me controlo. Mais tarde, penso em procurar o homem do paletó cor-de-rosa para saber dos detalhes. Mas não faço. Tento esquecer. Ela não passa de uma menina.



Na noite seguinte chego à lanchonete e sento à mesma mesa. Ouço as mesmas conversas apressadas das mesmas pessoas. Visito os Van Landel e procuro driblar suas inúmeras perguntas. Procuro outros tubarões alimentando-se naquelas águas turvas e ignoro alguns clientes óbvios esperando para ser assaltados. Estudo durante horas. Minha concentração é firme, e minha motivação mais intensa do que nunca.

E observo o relógio. Perto das dez horas, perco o embalo e começo a olhar em volta. Procuro permanecer calmo e atento, mas instintivamente me sobressalto cada vez que alguém entra na sala. Numa das mesas estão duas enfermeiras, e um técnico, sozinho, lê um livro em outra.

Ela entra na cadeira de rodas cinco minutos depois das dez, empurrada pelo mesmo homem. Escolhe a mesa e sorri para mim enquanto ele manobra a cadeira. “Suco de laranja”, pede ela. O cabelo está ainda penteado para trás, mas se não me engano, há uma leve sugestão de rimei e lápis nos olhos. Está também de batom vermelho, claro, e o efeito é dramático. Ontem à noite não percebi se ela estava de rosto lavado. Hoje, com um pouco de maquiagem, está excepcionalmente bela. Os olhos estão claros, radiantes, livres de tristeza.

Ele põe o copo de suco de laranja na mesa e diz, como na noite passada:

- Aí está, Kelly. Você disse trinta minutos?
- Digamos quarenta e cinco — retruca ela.
- Como quiser. — E vai embora.

Ela toma o suco e olha para a mesa. Passei muito tempo hoje pensando em Kelly e já resolvi o que vou fazer. Espero alguns minutos, fingindo que não está ali, lendo e virando as páginas do

Elton Bar Review, e depois me levanto devagar para pegar o café.

Paro ao lado da mesa dela e digo:

— Você parece muito melhor esta noite.

Ela estava esperando que eu dissesse isso, ou coisa parecida.

— Sinto-me muito melhor — responde, sorrindo e mostrando os dentes perfeitos. Um rosto muito belo, mesmo com aquela equimose horrível no queixo.

— Posso lhe trazer alguma coisa?

— Uma Coca. Este suco está amargo.

— Claro. — Eu me afasto, andando nas nuvens. Apanho dois copos grandes de refrigerante da máquina, pago e os levo para a mesa dela. Olho para a cadeira vazia, como se estivesse completamente confuso.

— Por favor, sente-se — diz ela.

— Tem certeza?

— Por favor. Estou cansada de falar com as enfermeiras. Sento e ponho os cotovelos na mesa.

— Meu nome é Rudy Baylor. E você é Kelly.

— Kelly Riker. Muito prazer.

— Muito prazer.

Ela é bonita a cinco metros de distância, mas agora, que posso olhar a um metro, sem nenhum embaraço, fico completamente encantado. Os olhos são castanhos-claros com um brilho zombeteiro. Ela é uma obra de arte.

— Desculpe se a perturbei ontem à noite — digo, ansioso para não deixar morrer a conversa. Há tanta coisa que quero saber!

— Não me perturbou. Sinto muito por ter dado aquele espetáculo de mau gosto.

— Por que você vem aqui? — como se ela fosse uma estranha no lugar que me pertence.

— Para sair do quarto. E você?

— Estou estudando para o exame final de direito, e este lugar é sossegado.

— Então vai ser advogado?

— Claro. Terminei a faculdade há algumas semanas, trabalho numa firma. Assim que passar no exame, estarei pronto para exercer a profissão.

Ela toma o refrigerante com canudinho e faz uma careta quando muda de posição na cadeira.

— Uma fratura grande, certo? — pergunto, indicando a perna dela com uma inclinação de cabeça.

— É o meu tornozelo. Puseram um pino de metal.

— Como aconteceu? — É a pergunta óbvia, e suponho que a resposta deva ser fácil para ela.

Mas não é. Ela hesita, e os olhos ficam cheios de lágrimas.

— Um acidente doméstico — diz, como se tivesse ensaiado essa explicação vaga.

Que diabo quer dizer isso? Acidente doméstico? Caiu da escada?

— Oh! — digo, como se tudo estivesse perfeitamente claro. Os pulsos envoltos em ataduras, não em gesso, preocupam-me. Não parece caso de fratura ou distensão. Cortados, talvez.

— É uma longa história — murmura Kelly, toma o refrigerante e desvia os olhos.

— Há quanto tempo está aqui? — pergunto.

— Poucos dias. Estão esperando para ver se o pino está na posição certa. Se não estiver, terão de operar outra vez. — para de falar e gira o canudinho entre os dedos. — Não é um lugar estranho para estudar? — pergunto.

— Na verdade, não. É sossegado. Tem café. Fica aberto a noite toda. Você usa aliança. — Isso me preocupa mais do que qualquer outra coisa.

Ela olha para a aliança, como se não tivesse certeza de que a está usando ainda.

— É — diz, e olha para o canudinho. Não há nenhum anel de brilhante junto com a aliança.

— Então onde está seu marido?

— Você faz muitas perguntas.

— Sou advogado, ou quase. É isso que aprendemos.

— Por que quer saber?

— Porque acho estranho você estar aqui no hospital, obviamente ferida, e ele não estar presente.

— Ele esteve aqui mais cedo.

— Agora está em casa com as crianças?

— Não temos filhos. Você tem?

— Não. Nem mulher, nem filhos.

— Quantos anos tem?

— Você faz muitas perguntas. — Sorrio. Os olhos dela brilham.

— Vinte e cinco. E você?

Ela pensa por um segundo.

— Dezenove.

— Muito moça para estar casada.

— Não foi por escolha.

— Oh, desculpe.

— A culpa não é sua. Fiquei grávida com dezoito anos, casei logo depois, perdi a criança uma semana depois de casada, e desde então a vida desmoronou. Pronto, isto satisfaz sua curiosidade?

— Não. Sinto muito. Sobre o que quer falar?

— Estudo. Onde fez o segundo grau?

— Austin Peay. Faculdade de direito na Memphis State.

— Eu sempre quis continuar meus estudos, mas não consegui.

Você é de Memphis?

— Nasci aqui, mas cresci em Knoxville. E você?

— Uma cidadezinha a uma hora daqui. Saímos de lá quando fiquei grávida. Minha família sentiu-se humilhada. A família dele é lixo. Estava na hora de sair.

Há algum sério problema de família sob a superfície, penso, e prefiro ficar longe dele. Ela falou na gravidez duas vezes, e nas duas vezes por não poder evitar. Mas sente-se solitária e quer conversar.

— Então vieram para Memphis?

— Fugimos para Memphis, um juiz de paz nos casou, uma cerimônia muito elegante, e depois perdi o bebê.

— O que seu marido faz?

— Dirige um pequeno guindaste de carga. Bebe muito. Ele é um atleta estudantil fracassado que ainda sonha em jogar nos grandes times profissionais de beisebol.

Não perguntei tudo isso. Imagino que ele tenha sido um garanhão atleta no ginásio e ela, a chefe da torcida. O perfeito casal americano puro, Mr. e Mrs. Podunk High, o mais belo, o mais atlético, mais apto para alcançar o sucesso, até serem apanhados uma noite sem camisinha. Vem o desastre. Por algum motivo, resolvem não fazer aborto. Talvez tenham terminado o segundo grau, talvez não. Em desgraça, fogem de Podunk para o anonimato da cidade grande. Depois que ela perde o bebê, o romance esfria, e eles acordam para a realidade de que a vida chegou.

Ele sonha ainda com a fama e a fortuna nos grandes times. Ela sente saudades dos anos descuidados, tão recentes ainda, e sonha com a universidade que nunca verá.

— Desculpe. Eu não devia ter dito isso — penitencia-se ela.

— Você ainda pode ir para a universidade — digo.

Ela ri do meu otimismo, como se fosse um sonho enterrado há muito tempo.

— Eu não terminei o segundo grau.

Agora, o que devo dizer? Um pequeno discurso animador, faça um curso intensivo, entre para uma escola noturna, pode fazer, se quiser realmente.

— Você trabalha? — pergunto.

— Uma vez ou outra. Que tipo de advogado você quer ser?

— Gosto de direito criminal. Gostaria de fazer carreira nos tribunais.

— Representando criminosos?

— Talvez. Eles têm direito ao seu dia no tribunal, e têm direito a uma boa defesa.

— Assassinos?
— É, mas a maior parte não pode pagar um advogado particular.
— Estupradores e molestadores de crianças? Penso por um segundo.

— Não.
— Homens que batem nas mulheres?
— Não, nunca. — Falo sério e, além disso, suspeito dos ferimentos dela. Kelly aprova minha escolha de clientes.
— O direito criminal é uma especialidade rara — explico. — Provavelmente vou tratar de casos de direito civil.

— Processos e tudo o mais.
— Sim, isso mesmo. Litígios não-criminais.
— Divórcios?
— Prefiro evitar. Na verdade, é um trabalho desagradável. Ela se esforça para manter a conversa no meu lado da mesa, longe do seu passado e talvez do seu presente. Para mim, está ótimo. Aquelas lágrimas podem aparecer de repente, e não quero estragar a conversa. Quero que dure.

Ela pergunta sobre minhas experiências na universidade — o estudo, as festas, fraternidades, a vida nos dormitórios, exames, professores, viagens. Tem visto muitos filmes e tem uma imagem romântica de quatro anos perfeitos num campus bonito com as folhas das árvores tornando-se amarelas e vermelhas no outono, os estudantes com suéteres torcendo pelo time de futebol, as novas amizades que duram a vida toda. Esta pobre menina mal saiu de Podunk, mas tem sonhos maravilhosos. Sua gramática é perfeita, seu vocabulário, mais extenso do que o meu. Confessa com relutância que teria se formado em primeiro ou segundo lugar não fosse o romance adolescente com Cliff, o senhor Riker.

Sem muito esforço, enfeito os meus dias na faculdade, omitindo certos fatos essenciais, como as quarenta horas por semana que trabalhei entregando pizza para continuar a estudar.

Ela quer saber sobre minha firma, e estou no meio de uma incrível remodelação de J. Lyman e seus escritórios quando o telefone toca na minha mesa. Peço licença, dizendo que estão ligando do escritório.

É Bruiser, no Yogi's, bêbado, com Prince. Acham divertido eu estar sentado aqui enquanto eles estão bebendo e apostando em todos os esportes que aparecem na televisão. O ruído de fundo é incrível.

— Como vai a pescaria? — grita Bruiser ao telefone. Sorrio para Kelly, evidentemente impressionada com o telefonema, e explico em voz muito baixa que neste exato momento estou falando com um possível cliente. Bruiser dá uma gargalhada e passa o telefone para

Prince, que está ainda mais bêbado. Ele conta uma piada de advogado, sem pé nem cabeça, alguma coisa sobre correr atrás de ambulância. Depois começa um discurso do tipo *bem-que-eu-disse* sobre me arranjar um lugar no escritório de Bruiser, que vai me ensinar mais sobre direito do que cinquenta professores. A conversa demora um pouco, e logo chega o voluntário de Kelly, pronto para levá-la embora.

Dou alguns passos para a mesa dela, cubro o telefone com a mão e digo:

— Gostei muito de conhecê-la.

Ela sorri.

— Obrigada pelo drinque e pela conversa.

— Amanhã à noite? — pergunto, com Prince gritando ao meu ouvido.

— Talvez. — Pisca um olho para mim, e minhas pernas tremem.

Evidentemente o homem de paletó cor-de-rosa já está aqui há tempo suficiente para reconhecer um caçador de clientes. Olha para mim com a testa franzida e a leva embora. Kelly vai voltar.

Aperto um botão no telefone e acabo com a conversa de Prince no meio de uma frase. Se ligarem outra vez, não vou atender. Se algum deles lembrar mais tarde, o que é improvável, ponho a culpa no telefone.

Deck adora um desafio, especialmente quando é resultado de um monte de lixo conseguido por meio de conversas em voz baixa ao telefone com espões anônimos. Dou a ele os detalhes que sei sobre Kelly e Cliff Riker, e em menos de uma hora ele desliza para dentro do meu escritório sorrindo orgulhoso.

Deck lê suas anotações.

— Kelly Riker foi admitida no St. Peter há três dias, à meia-noite, devo acrescentar, com várias lesões. A polícia foi chamada ao seu apartamento por vizinhos não-identificados que relataram uma feroz briga doméstica. Os policiais a encontraram tremendamente espancada, deitada num sofá na sala de estar. Cliff Riker estava evidentemente embriagado, muito agitado e no princípio disposto a dar aos tiras um pouco do que acabava de dar à mulher. Brandia um taco de softball de alumínio, evidentemente sua arma preferida. Foi subjugado imediatamente, detido, acusado de agressão, levado para a cadeia. Ela foi transportada para o hospital numa ambulância. Fez um breve depoimento para a polícia, dizendo que ele voltou de um jogo de softball completamente bêbado, começaram uma discussão tola, lutaram, ele venceu. Disse que atingiu duas vezes no tornozelo com o taco e duas vezes no rosto com o punho.

Quase não dormi a noite passada, pensando em Kelly Riker, seus olhos castanhos e suas pernas bronzeadas de sol, e na ideia de ela ter sido espancada de tal modo me dá náuseas.

Deck olha atentamente para mim, esperando minha reação; por isso procuro não demonstrar coisa alguma.

— Ela tem ataduras nos pulsos — digo, e Deck, orgulhoso, vira a página do bloco. Tem outro relatório, de outra fonte, enterrado nos arquivos de salvamento do Corpo de Bombeiros de Memphis.

— A informação é um tanto vaga sobre os pulsos. Durante o espancamento ele prendeu os pulsos dela no chão e tentou ter relações com ela. Evidentemente ele não estava com a disposição que pensou estar, muita cerveja, talvez. Ela estava nua quando os tiras a encontraram, coberta com uma colcha. Não conseguiu fugir por causa do tornozelo quebrado.

— O que aconteceu com ele?

— Passou a noite na cadeia. A família pagou a fiança. Deve comparecer ao tribunal dentro de uma semana, mas não vai acontecer nada.

— Por quê?

— As probabilidades são de que ela retire a queixa, que eles se beijem e façam as pazes, e ela vai prender a respiração até acontecer outra vez.

— Como você sabe?...

— Por que que já aconteceu antes. Oito meses atrás, a polícia recebeu o mesmo chamado, tudo a mesma coisa, só que ela teve mais sorte. Só algumas equimoses. Evidentemente o taco não estava disponível. Os tiras os separaram, fizeram algumas recomendações, são duas crianças recém-casadas, e se beijaram e fizeram as pazes. Então, há três meses o taco é introduzido na luta e ela passa uma semana no St. Peter com costelas quebradas. O caso vai para a seção de abuso doméstico da polícia de Memphis, e insistem numa punição severa. Mas ela ama o marido e se recusa a testemunhar contra ele. Todas as acusações são retiradas. Isso acontece sempre.

É difícil para mim aceitar a situação. Suspeitei de problemas em casa, mas nada tão terrível. Como um homem pode bater na mulher com um taco de alumínio? Como Cliff Riker teve coragem de esmurrar um rosto tão bonito?

— Acontece sempre — repete Deck, lendo perfeitamente meus pensamentos.

— Mais alguma coisa? — pergunto.

— Não. Apenas não chegue muito perto.

— Obrigado. — Sinto-me atordoado e fraco. — Obrigado.

Ele se levanta.

— Não tem de quê.



Não me surpreende saber que Booker esteja estudando muito mais do que eu para o exame. E que, como sempre, esteja preocupado comigo. Marcou uma maratona para rever a matéria, para esta tarde, numa sala de conferência da firma Shankle.

Chego, segundo as instruções de Booker, ao meio-dia em ponto. Os escritórios são modernos e movimentados, e o mais estranho é que são todos negros. No último mês vi diversos escritórios de advocacia e não lembro de ter visto uma secretária negra ou um advogado negro. Aqui, não se vê um rosto branco.

Booker me leva para conhecer o escritório rapidamente. É hora de almoço, mas estão todos trabalhando. Computadores, copiadoras, faxes, telefones, vozes — um barulho constante nos

corredores. As secretárias comem apressadamente, sentadas às suas mesas, repletas de pilhas de trabalho. Os advogados e paralegais são amáveis, mas todos estão com pressa. E todos se vestem de acordo com um código severo — ternos escuros, camisas brancas para os homens, vestidos simples para as mulheres —, nada de cores vivas, nada de calças compridas para elas.

Comparações com a firma J. Lyman passam por minha mente, e eu me apresso a apagá-las.

Booker explica que Marvin Shankle é um chefe severo. Ele se veste discretamente, é extremamente profissional sob todos os aspectos e mantém um esquema puxado de trabalho. Não espera menos do que isso dos sócios e do resto do pessoal.

A sala de conferências fica num canto tranquilo. Fui encarregado do almoço e tiro da sacola dois sanduíches que apanhei no Yogi's. De graça. Conversamos por cinco minutos sobre família e amigos da faculdade. Ele faz algumas perguntas sobre meu trabalho, mas sabe que não deve insistir nos detalhes. Já contei tudo para Booker. Quase tudo. Prefiro que ele não saiba do meu novo posto no St. Peter nem das minhas atividades no hospital.

Booker já parece um perfeito advogado! Consulta o relógio quando termina o tempo reservado para conversa, e dá início à tarde esplêndida que planejou para nós. Trabalhamos durante horas seguidas, parando só para tomar café e ir ao banheiro, e às seis horas em ponto temos de sair porque alguém reservou a sala.

De meio-dia e quinze até uma e meia, fazemos a revisão do imposto federal de renda. Booker é quem mais fala porque sempre foi melhor do que eu em impostos. Estamos trabalhando com o material de revisão para o exame, e o imposto me parece tão obscuro quanto no outono do ano passado.

À uma e meia ele me deixa usar o banheiro e pegar café, e até as duas e meia eu pego a bola e corro com as regras federais de evidência. Matéria estimulante. O vigor de alta octana de Booker é contagioso, e passamos rapidamente por algum material tedioso.

Ser reprovado no exame final é um pesadelo para qualquer jovem contratado, mas sei que seria especialmente desastroso para Booker. Francamente, para mim não seria o fim do mundo. Ia arrasar meu ego, mas eu me recobriria. Estudaria com mais afinco e seis meses depois faria o exame novamente. Bruiser não vai se importar, desde que eu consiga pescar alguns clientes por mês. Um bom caso “quente”, e Bruiser nem vai esperar que eu tente o exame outra vez.

Mas para Booker pode ser um problema sério. Tenho a impressão de que Mr. Shankle tornará miserável a vida dele se for reprovado na primeira vez. Se falhar na segunda, provavelmente

Booker passará a ser história.

Exatamente às duas e meia, Marvin Shankle entra na sala de conferências e Booker nos apresenta. Deve ter uns cinquenta e poucos anos, é magro e parece em perfeita forma. A voz é suave, mas os olhos intensos. Acho que Marvin Shankle enxerga através das paredes. Ele é uma lenda nos círculos de direito do Sul, e é uma honra conhecê-lo.

Booker conseguiu uma aula. Durante quase uma hora ouvimos atentamente a palestra de Shankle sobre processos de direito civil e discriminação no emprego. Tomamos notas, fazemos algumas perguntas, mas a maior parte do tempo apenas ouvimos.

Então ele sai para uma reunião, e passamos a meia hora seguinte revendo a lei antitruste e antimonopólios. Às quatro horas, outra aula.

Nosso segundo professor é Tyrone Kipler, um sócio que estudou em Harvard e se especializou na Constituição. Ele começa lentamente e só se anima um pouco quando Booker começa a fazer perguntas. Eu devaneio e me surpreendo escondido entre os arbustos, à noite, saltando como um louco com um taco de beisebol tamanho grande e dando uma sova em regra em Cliff Riker. Para me manter acordado, ando em volta da mesa, tomo café, tento me concentrar.

Ao fim de uma hora, Kipler está animado, irritado e impaciente, e nós o assaltamos com as mais variadas perguntas. Ele para no meio de uma frase, olha para o relógio e diz que precisa ir. Um juiz o espera em algum lugar. Agradecemos, e ele sai apressadamente.

— Temos uma hora — diz Booker. São cinco e cinco. — O que vamos fazer?

— Tomar uma cerveja.

— Sinto muito, mas vamos estudar imóveis ou ética.

Eu preciso de ética, mas estou cansado e não quero lembrar dos meus pecados graves.

— Vamos ver imóveis.

Booker atravessa a sala e apanha os livros.



São quase oito horas quando me embrenho no labirinto de corredores no coração do St. Peter e encontro minha mesa favorita ocupada por um médico e uma enfermeira. Pego meu café e sento

na mesa próxima. A enfermeira é muito atraente e muito preocupada, e pela conversa em voz baixa eu diria que o caso deles está escoando pelo ralo. Ele tem uns sessenta anos, cabelo implantado e um queixo novo. Ela tem uns trinta e evidentemente não foi elevada à posição de esposa. Por enquanto, só amante. Murmúrios sérios.

Não estou com vontade de estudar. Estudei o suficiente para um dia, mas sinto-me motivado pelo fato de saber que Booker ainda está no escritório, trabalhando e se preparando para o exame.

Depois de alguns minutos, os namorados se levantam bruscamente. Ela está chorando. Ele é frio e sem coração. Sento na minha cadeira, na frente da minha mesa, e arrumo minhas anotações para estudar.

E espero.

Kelly chega alguns minutos depois das dez, mas com outro homem empurrando a cadeira. Olha friamente para mim e aponta para uma mesa no centro da sala. Ele leva a cadeira para lá. Olho para ele. Ele olha para mim.

Suponho que seja Cliff. Mais ou menos da minha altura, não mais que um metro e oitenta e seis, forte e com uma incipiente barriga de bebedor de cerveja. Os ombros são largos, e os bíceps desenham-se sob a camiseta muito justa, usada especialmente para destacar os braços. Calça jeans justa. Cabelo castanho e crespo, comprido demais para ter estilo. Pelos abundantes nos braços e no rosto. Cliff foi o tipo de garoto que começa a fazer a barba na oitava série.

Os olhos são esverdeados, e o rosto bonito parece ter mais de dezenove anos. Cliff dá uma volta para evitar tropeçar no tornozelo que ele quebrou com um taco de softball e vai até o balcão pegar os refrigerantes. Kelly sabe que estou olhando para ela e olha em volta deliberadamente, e no último momento pisca o olho para mim. Quase derrubo o café.

Não é preciso muita imaginação para adivinhar as palavras que trocaram ultimamente. Ameaças, pedidos de desculpas, súplicas, mais ameaças. Esta noite parece que estão num momento difícil. Os dois zangados. Tomam os refrigerantes em silêncio. Ocasionalmente há uma ou duas palavras, mas são como dois namorados adolescentes no meio da sessão semanal de queixas e desagaves. Uma frase curta aqui, uma resposta mais curta ali. Só olham um para o outro quando é necessário, com muitos olhares para o chão e para as paredes. Escondendo-me atrás de um livro.

Ela sentou de modo que possa olhar para mim sem dar na vista. Ele está quase completamente de costas para mim. Olha em volta de vez em quando, mas seus movimentos são telegrafados. Dá tempo

para cocar a cabeça e me concentrar no livro muito antes de ele olhar para mim.

Depois de dez minutos de quase total silêncio, ela diz alguma coisa que provoca uma resposta irritada. Eu gostaria de poder ouvir. De repente ele está tremendo e despejando palavras ofensivas. Ela retribui na mesma moeda. O volume aumenta, e fico sabendo que estão discutindo sobre a conveniência de ela testemunhar ou não no tribunal. Ao que parece, Kelly ainda não resolveu, e isso aparentemente perturba Cliff. Ele tem pavio curto, o que não é surpresa num operário machão, e ela está dizendo a ele que não grite. Cliff olha em volta e procura abaixar a voz. Não ouço o que diz.

Depois de provocá-lo, ela se acalma, mas ele continua descontente. Está fervendo, e eles se ignoram mutuamente por mais algum tempo.

Então, ela volta à carga. Murmura alguma coisa, e as costas dele se enrijecem. Suas mãos tremem, diz uma porção de palavrões. Discutem por um minuto, e depois ela para de falar e o ignora. Cliff não gosta de ser ignorado e começa a falar mais alto. Ela diz que ele abaixe a voz, tem gente ouvindo. Ele fala mais alto ainda, descrevendo o que vai fazer se ela não retirar a queixa, que ele pode ir para a prisão e assim por diante.

Ela diz alguma coisa que não posso ouvir, e de repente ele bate com o copo de plástico na mesa e se levanta de um salto. O refrigerante voa e atravessa metade da sala, espalhando-se pelas outras mesas e pelo chão. Grande parte cai em cima dela. Com uma exclamação abafada, Kelly fecha os olhos e começa a chorar. Ele sai para o corredor, pisando forte e praguejando.

Instintivamente me levanto, mas ela balança a cabeça. Sento. A caixa viu tudo, leva uma toalha de mão para ela, e Kelly enxuga a Coca do rosto e dos braços.

— Sinto muito — diz para a caixa.

A camisola do hospital está toda molhada. Esforçando-se para não chorar, enxuga o gesso e as pernas. Estou perto, mas não posso ajudar. Suponho que ela tenha medo de que ele volte e nos veja conversando.

Há vários lugares neste hospital onde se pode sentar e tomar um refrigerante, mas ela o trouxe para cá porque queria que eu o visse. Tenho quase certeza de que o provocou para que eu testemunhasse seu gênio explosivo.

Olhamos um para o outro por um longo tempo enquanto ela enxuga metodicamente o rosto e os braços. As lágrimas descem-lhe pelo rosto, e ela as enxuga também. Kelly possui aquela inexplicável habilidade feminina de produzir lágrimas sem parecer que está

chorando. Não está soluçando nem gemendo. Os lábios não tremem. As mãos estão firmes. Está ali sentada, em outro mundo, olhando para mim com olhos parados, tocando a pele com a toalha branca.

O tempo passa, mas não percebo. Um zelador aleijado aparece e enxuga o chão em volta dela. Três enfermeiras entram falando alto e rindo, mas, quando veem Kelly, se calam. Olham para ela, murmuram e ocasionalmente olham para mim.

Ele já se foi há muito tempo, e é lógico supor que não vá voltar. Além disso, a ideia de agir como um cavalheiro é tentadora. As enfermeiras saem, e Kelly, com um gesto lento dobra o indicador na minha direção. Agora posso me aproximar.

— Desculpe — diz ela, quando me abaixo ao seu lado.

— Tudo bem.

E então diz palavras que jamais vou esquecer.

— Quer me levar para o quarto?

Em outro cenário, essas palavras poderiam ter profundas consequências, e por um momento minha mente voa para uma praia exótica onde os dois jovens amantes resolvem finalmente ir até o fim.

Por certo, o quarto dela é um cubículo semiparticular com uma porta que pode ser aberta por uma porção de gente. Até advogados podem invadir aquele espaço.

Manobro cuidadosamente a cadeira de Kelly entre as mesas, e saímos para o corredor.

— Quinto andar — diz ela, virando a cabeça para trás. Não tenho pressa. Estou muito orgulhoso do meu ato de cavalheirismo. Gosto de ver os homens olhando duas vezes para ela quando passamos pelo corredor.

Ficamos sozinhos por alguns segundos no elevador. Ajoelho-me ao lado dela.

— Você está bem?

Não está mais chorando. Os olhos ainda estão úmidos e um pouco vermelhos, mas já se controlou. Inclina a cabeça afirmativamente e diz:

— Obrigada. — Segura minha mão e a aperta com firmeza. — Muito obrigada.

O elevador para com um tranco. Um médico entra, e ela larga a minha mão rapidamente. Fico de pé atrás da cadeira, como um marido devotado. Quero que ela segure a minha mão outra vez.

O relógio no corredor do quinto andar diz que são quase onze horas. A não ser por algumas enfermeiras e atendentes, o corredor está silencioso e deserto. Uma enfermeira no balcão de atendimento olha duas vezes para mim quando passamos. A senhora Riker saiu com ura homem e está voltando com outro.

Viramos para a esquerda, e ela aponta para uma porta. Para minha surpresa e satisfação, Kelly está num quarto particular com janela e banheiro próprios. A luz está acesa.

Não sei o quanto ela pode se mover, mas neste momento está completamente incapaz.

— Tem que me ajudar — diz.

E não precisa dizer outra vez. Inclino-me cuidadosamente, ela passa os braços em volta do meu pescoço, aperta mais do que o necessário, sem nenhuma queixa. A camisola está manchada de refrigerante, mas isso não me preocupa. Ela se encaixa perfeitamente, muito junto a mim, e percebo que está sem sutiã. Aperto mais o corpo dela contra o meu.

Eu a levanto gentilmente da cadeira, o que é fácil por ela não pesar mais de 55 quilos, com gesso e tudo. Começamos a manobra de aproximação à cama, demorando o maior tempo possível, exagerando o cuidado com a perna frágil, ajeitando-a com perfeição nos travesseiros. Com relutância nos separamos. Nossos rostos estão quase se tocando quando a mesma enfermeira entra no quarto, as solas de borracha deslizando no ladrilho.

— O que aconteceu? — pergunta ela, apontando para a camisola manchada.

Estamos ainda nos soltando, tentando nos separar de todo.

— Oh, isso foi um acidente — explica Kelly.

A enfermeira não para nem por um segundo. Abre uma gaveta debaixo da televisão e tira outra camisola dobrada.

— Muito bem, precisa trocar — diz, jogando o camisola na cama, ao lado de Kelly. — E precisa de um banho de esponja. — para por um segundo, vira a cabeça para mim e diz: — Peça a ele que ajude.

Respiro fundo e tenho a impressão de que vou desmaiar.

— Posso fazer sozinha — diz Kelly, pondo a camisola na mesa ao lado da cama.

— Já terminou o horário de visita, meu querido — avisa-me a enfermeira. — Vocês, acho melhor vocês se despedirem, meninos.

Fecho a porta e volto para perto da cama. Olhamos um para o outro por algum tempo.

— Onde está a esponja? — pergunto, e rimos. Duas covinhas emolduram os cantos do sorriso dela.

— Sente aqui — diz ela, batendo na cama.

Sento, com os pés para fora. Não nos tocamos. Ela puxa o lençol branco até os ombros, como para esconder as manchas na camisola.

Estou perfeitamente consciente da situação. Uma mulher espancada é uma mulher casada até conseguir o divórcio. Ou até ela matar o filho da mãe.

— Então, o que achou de Cliff? — pergunta ela.
— Você queria que eu o visse, não é?
— Acho que sim.
— Ele devia ser fuzilado.
— Um castigo muito severo para uma pequena crise de raiva, não acha?

Desvio os olhos. Resolvi não fazer qualquer jogo. Já que estamos falando, vamos ser francos. O que estou fazendo aqui?

— Não, Kelly, não é muito severo. Qualquer homem que bate na mulher com um taco de alumínio merece ser morto. — Eu a observo atentamente. Ela nem pisca.

— Como você sabe? — pergunta ela.

— As pistas dos documentos. Relatórios da polícia, da ambulância, registros do hospital. Quanto tempo você espera que ele demore para bater na sua cabeça com o taco? Isso pode matar, você sabe. Um ou dois golpes na cabeça...

— Pare com isso. Não me diga como é. — Olha para a parede, e, quando volta o rosto para mim, as lágrimas estão lá de novo. — Você não sabe do que está falando.

— Então me diga.

— Se eu quisesse falar nisso, teria falado. Não tem o direito de investigar a minha vida.

— Peça divórcio. Trago os papéis amanhã. Faça agora, enquanto está no hospital sendo tratada das consequências do último espancamento. Não pode ter uma prova melhor. Vai ser rápido. Em três meses será uma mulher livre.

Ela balança a cabeça como se eu fosse um perfeito idiota. Provavelmente está certa.

— Você não compreende.

— Pode estar certa de que não. Mas posso ver o quadro. Se não se livrar desse cretino, poderá estar morta daqui a um mês. Tenho os nomes e os telefones de três grupos de apoio a mulheres maltratadas.

— Maltratadas?

— Isso mesmo. Maltratada. Você está sendo maltratada, Kelly. Não sabia? Aquele pino no seu tornozelo significa que está sendo maltratada. Essa equimose roxa no seu queixo é prova clara de que seu marido bate em você. Pode procurar ajuda. Peça divórcio e procure ajuda.

Ela pensa por um segundo. O quarto está silencioso.

— O divórcio não vai funcionar. Já tentei.

— Quando?

— Alguns meses atrás. Não sabia? Tenho certeza de que há um registro nos arquivos do tribunal. O que acontece com sua pista de

documentos?

— O que aconteceu com o divórcio?

— Eu retirei o pedido.

— Por quê?

— Porque me cansei de apanhar. Ele ia me matar se eu não desistisse. Diz que me ama.

— É evidente. Posso fazer uma pergunta? Você tem pai ou irmão?

— Por quê?

— Porque se minha filha fosse espancada pelo marido, eu quebraria o pescoço dele.

— Meu pai não sabe. Meus pais estão ainda furiosos com a minha gravidez. Nunca vão se refazer do choque. Desprezaram Cliff desde o momento em que ele pôs os pés na nossa casa e, quando houve o escândalo, eles se afastaram de nós. Não falo com eles desde que saí de casa.

— E irmão?

— Não. Ninguém para tomar conta de mim. Até agora. As palavras me atingem violentamente, e levo algum tempo para absorver o choque.

— Eu faço o que você quiser. Mas tem de pedir divórcio.

Kelly enxuga as lágrimas com os dedos, e dou a ela um lenço de papel da caixa que está na mesa de cabeceira.

— Não posso pedir divórcio.

— Por quê?

— Ele me mata. Está sempre dizendo isso. Quando fiz o pedido, foi por intermédio de um advogado horrível que encontrei nas páginas amarelas ou coisa assim. Achei que todos deviam ser iguais. E ele quis bancar o engraçadinho e mandou o oficial de justiça entregar os papéis quando Cliff estava trabalhando, na frente do pequeno grupo que trabalha com ele, companheiros de bar e do time de softball. É claro que Cliff se sentiu humilhado. Foi a minha primeira visita ao hospital. Retirei o pedido de divórcio uma semana depois, e ele até hoje me ameaça. Ele me mata.

Vejo o medo e o terror nos olhos dela. Ela faz um movimento com uma careta de dor e um gemido.

— Quer pôr uma almofada debaixo da minha perna? Salto da beirada da cama.

— Claro.

Ela aponta para duas almofadas grandes que estão numa cadeira.

— Uma daquelas — diz.

Significa que tem de tirar o lençol. Eu a ajudo. Kelly olha em volta e diz:

— Me dá também a camisola limpa.

Dou um passo nervoso até a mesa e entrego a camisola.

— Precisa de ajuda? — pergunto.

— Não, vire-se de costas.

Enquanto fala, ela já está tirando pela cabeça a camisola manchada. Viro bem devagar.

Ela não tem pressa. Não sei por quê, joga a camisola manchada no chão, perto dos meus pés. Ela está atrás de mim, a menos de dois metros de distância, completamente nua a não ser pela calcinha e pelo gesso. Tenho certeza de que posso me virar agora, que ela não vai se importar. A ideia me deixa atordoado.

Fecho os olhos e pergunto outra vez: *o que estou fazendo aqui?*

— Rudy, quer apanhar a esponja para mim? — arruína. — Está no banheiro. Molhe com água morna. E uma toalha, por favor.

Volto-me para ela. Kelly está sentada na cama segurando o lençol junto ao peito. Não tocou na camisola limpa. Não posso evitar e olho demoradamente.

— Lá — diz ela, indicando com a cabeça.

Entro no pequeno banheiro e encontro a esponja. Enquanto a seguro sob a torneira aberta, observo Kelly pelo espelho. Através da porta entreaberta vejo suas costas, de cima a baixo. A pele é lisa e bronzeada de sol, mas há uma equimose escura entre os ombros.

Resolvo me encarregar desse banho. É o que ela quer, tenho certeza. Está magoadada e vulnerável. Ela gosta de uma paquera e quer que eu veja seu corpo. Estou trêmulo de excitação.

Então, vozes. A enfermeira voltou. Quando volto para o quarto, ela está muito ocupada, arrumando isto e aquilo. para e sorri para mim, como se quase nos tivesse apanhado em flagrante.

— Acabou o tempo — diz. — São quase onze e meia. Isto não é um hotel. — Tira a esponja da minha mão. — Eu faço isso. Agora saia daqui.

Fico parado, sorrindo para Kelly e sonhando em tocar aquelas pernas. A enfermeira segura meu braço com mão firme e me leva até a porta.

— Agora, vá — diz, franzindo a testa, fingindo que não quer fazer isso.



Às três da manhã desço silenciosamente para a rede e fico

balançando na noite quieta, vendo as estrelas através dos galhos e das folhas, revendo cada movimento que ela fez, ouvindo a voz preocupada, sonhando com aquelas pernas.

É minha obrigação protegê-la. Ela não tem mais ninguém. Espera que eu a salve e a ajude a se refazer. Nós dois sabemos o que vai acontecer então.

Posso sentir seus braços no meu pescoço, o corpo contra o meu, durante aqueles segundos preciosos. Sinto o peso suave de todo o seu corpo descansando naturalmente nos meus braços.

Ela quer que eu a veja, que passe uma esponja morna na sua pele. Sei que ela quer. E esta noite é o que pretendo fazer.

Vejo o sol nascer entre as árvores, e adormeço contando as horas até voltar a vê-la.

Estou sentado no meu escritório estudando para o exame porque não tenho nada mais para fazer. Compreendo que não posso estar fazendo qualquer outra coisa porque não sou ainda advogado e não serei enquanto não passar no exame.

Não consigo me concentrar. Por que estou me apaixonando alguns dias antes do exame por uma mulher casada? Minha mente devia estar o mais alerta possível, livre de inutilidades e distrações, perfeitamente afinada e focalizada num único objetivo.

Estou convencido de que ela é uma perdedora. Uma garota arrasada com cicatrizes, muitas das quais talvez permanentes. E ele é perigoso. A ideia de outro homem tocando sua bela chefe de torcida sem dúvida o deixa louco.

Penso nessas coisas com os pés na mesa, as mãos cruzadas na nuca, sonhando dentro de uma névoa, quando a porta se abre bruscamente e Bruiser entra como um touro bravo.

— O que está fazendo? — ruge.

— Estudando — respondo, sentando direito na cadeira.

— Pensei que ia estudar na parte da tarde.

São dez e meia. Ele começa a andar na frente da minha mesa.

— Escute, Bruiser, hoje é sexta-feira. O exame começa na próxima quarta-feira. Estou com medo.

— Então estude no hospital. E arranje um caso. Há três dias que não vejo nenhum caso novo.

— É difícil estudar e caçar ao mesmo tempo.

— Deck faz isso.

— Eu sei. Deck, o estudante eterno.

— Acabo de receber um telefonema de F. Drummond. O nome diz alguma coisa para você?

— Não. Devia dizer?

— É um dos sócios da Tinley Britt. Um maravilhoso advogado de tribunal, trata de todo tipo de litígio comercial. Raramente perde. Realmente um ótimo advogado, firma grande.

— Eu sei tudo sobre a Trent Brent.

— Muito bem, pois vai saber mais ainda. Ela representa a Great Benefit. Drummond é o chefe da equipe encarregada do caso.

Deve haver centenas de firmas nesta cidade que representam companhias de seguro. E certamente há centenas de companhias de seguro. Quis a sorte que a companhia que eu mais detesto, a Great Benefit, seja representada pela firma que maldigo todos os dias da minha vida, a Trent Brent.

Por mais incrível que possa parecer, aceito bem a notícia. Na verdade, não me surpreende.

Então compreendo porque Bruiser está andando de um lado para o outro e falando tão depressa. Está preocupado. Por minha causa, ele entrou com um processo judicial de dez milhões de dólares contra uma grande companhia representada por um advogado que o intimida. Não deixa de ser engraçado. Nunca pensei que Bruiser Stone tivesse medo de alguma coisa.

— O que ele disse?

— Alô. Só queria confirmar. Diz que o caso foi designado para o tribunal de Harvey Hale, que o filho da mãe foi companheiro de quarto dele em Yale, trinta anos atrás, quando estudavam direito, e que, a propósito, se você não sabe, foi um soberbo advogado de defesa antes do seu infarto e do conselho do médico para mudar de profissão. Foi eleito para a magistratura com a ideia inabalável de que um veredicto justo só pode ser abaixo de dez mil dólares.

— Desculpe por ter perguntado.

— Assim, temos Leo F. Drummond e sua equipe considerável, eles têm seu juiz favorito. Está tudo arrumado à sua espera.

— À minha espera? E você?

— Ah, eu vou estar por perto. Mas o filho é seu. Vão afogá-lo com a papelada — caminha para a porta. — Lembre-se, eles são pagos por hora. Quanto mais papéis produzem, mais horas faturam. — Ri para mim, sai e bate a porta, aparentemente feliz com a perspectiva de me ver desafiado pelos grandes.

Fui abandonado. A Trent Brent tem mais de cem advogados, e de repente sinto-me muito só.



Deck e eu tomamos uma sopa no Trudy's. A pequena freguesia é toda de operários. O restaurante cheira a gordura, suor e carne frita. É o lugar favorito de Deck porque ele já conseguiu alguns casos aqui, a maioria de acidentes de trabalho. Num deles conseguiu trinta mil dólares. Ele recebeu um terço de vinte e cinco por cento, ou seja, dois mil e quinhentos dólares.

Com a cabeça quase dentro da sopa, ele confessa que frequenta também alguns bares. Tira a gravata, procura parecer um dos rapazes e toma uma soda. Ouve os operários enquanto eles lubrificam as juntas depois do trabalho. Talvez me diga onde ficam

os bons bares, as boas pastagens, como ele chama. Deck tem sempre uma grande coleção de conselhos para a caça de casos e de clientes.

Sim, ele vai também aos clubes de topless uma vez ou outra, mas só para estar com sua clientela. Você precisa circular, repete ele. Gosta dos cassinos no Mississippi e é de opinião que são lugares indesejáveis porque as pessoas vão jogar com o dinheiro com que deviam comprar comida. Mas pode haver oportunidades nesses lugares. Promovem a alta do índice de crimes. Divórcios e falências aumentam à medida que mais pessoas vão aos cassinos. E vão precisar de advogados. É grande o potencial de sofrimento, e Deck está atento. Tem seus planos.

Vai me manter informado.



Faço outra refeição no St. Peter, no Gaze Grill, como ouvi um grupo de internos chamar a lanchonete. Salada de macarrão servida numa travessa de plástico. Estudo esporadicamente e controlo o relógio.

Às dez horas, o cavalheiro idoso de paletó cor-de-rosa aparece, mas está sozinho. para, olha em volta, encontra-me e caminha para mim, muito sério e evidentemente nada satisfeito com o que está fazendo.

— É o senhor Baylor? — pergunta cortesmente. Faço um gesto afirmativo, e ele põe um envelope sobre a mesa. — É da senhora Riker. — Diz, faz uma leve inclinação e vai embora.

É um envelope comum de carta, branco e simples. Abro e tiro um cartão de “fique-bom-logo”. Leio.

Querido Rudy

Meu médico me deu alta esta manhã, e já estou em casa.

Obrigada por tudo. Reze por nós. Você é maravilhoso.

Ela assinou e acrescentou um P.S.: “Por favor não telefone, não escreva nem tente me ver. Só vai causar problemas. Mais uma vez, obrigada.”

Ela sabia que eu ia estar aqui esperando fielmente. Com todos os pensamentos sensuais que há vinte e quatro horas se agitam em minha cabeça. Nunca me ocorreu que ela pudesse ir embora. Estava certo de que nos veríamos esta noite.

Caminho sem rumo pelos corredores infindáveis, tentando me acalmar. Estou resolvido a vê-la outra vez. Ela precisa de mim, porque não existe mais ninguém para ajudá-la.

Num telefone público, encontro o número de Cliff Riker e faço a ligação. Uma mensagem gravada me informa que o telefone foi desligado.

Chegamos ao mezanino do hotel bem cedo na quarta-feira e somos conduzidos a um salão de festas maior do que um campo de futebol. Somos registrados e catalogados. As inscrições foram pagas há muito tempo. Há conversas nervosas, mas pouca aproximação social. Estamos todos morrendo de medo.

Pelo menos a metade de cerca de cem pessoas que vão fazer o exame formou-se na Memphis State no mês passado. Aqui estão meus amigos e meus inimigos. Booker senta a uma mesa bem longe de mim. Resolvemos não sentar juntos. Sara Plankmore e S. Todd estão num canto, na outra extremidade da sala. Casaram no último sábado. Bela lua de mel. Ele é um homem bonito com um corte de cabelo universitário e um ar arrogante de sangue azul. Espero que seja reprovado. Sara também.

Sinto a competição no ar, como nas primeiras semanas na faculdade, quando estávamos terrivelmente preocupados com o progresso dos nossos colegas. Cumprimento de longe alguns conhecidos, desejando em silêncio que todos sejam reprovados porque estão silenciosamente desejando que eu seja. Essa é a natureza da nossa profissão.

Quando todos estão sentados às mesas de armar, bem separadas umas das outras, dão-nos dez minutos de instruções. Exatamente às oito horas são entregues as questões do exame.

Começam com uma seção chamada Multi-State, uma série interminável de perguntas capciosas de múltipla escolha.

Cobrando as leis de todos os estados. É absolutamente impossível saber o quanto estou preparado. A manhã se arrasta. Almoço com Booker no quieto bufê do hotel. Não dizemos uma palavra sobre o exame.

O jantar é um sanduíche de peru com paio, com Miss Birdie. As nove horas estou na cama.



As provas terminam às 5 da tarde de sexta-feira, com um gemido. Estamos cansados demais para comemorar. Eles recolhem nossas provas pela última vez e dizem que podemos ir. Alguém

propõe tomar um drinque em algum lugar, e seis de nós vamos ao Yogi's. Prince saiu e não vejo nem sinal de Bruiser, o que é um alívio, porque não quero que meus amigos me vejam na companhia do meu chefe. Provocaria uma porção de perguntas sobre nossos métodos. Deem-me um ano que terei um emprego melhor.

Depois do primeiro semestre na faculdade, aprendemos que o melhor é nunca comentar os exames. Quando comparamos nossas notas depois da prova, ficamos dolorosamente conscientes dos nossos erros.

Comemos pizza, tomamos algumas cervejas, mas estamos cansados demais para fazer mais do que isso. A caminho de casa, Booker me diz que o exame o deixou fisicamente doente. Está certo de que não vai passar.



Durmo doze horas seguidas. Prometi a Miss Birdie que hoje vou tratar das minhas tarefas, desde que não chova, e, quando acordo, meu apartamento está inundado de sol. É um dia quente, úmido, o ar pesado, típico de julho em Memphis. Depois de três dias forçando a vista, a imaginação e a memória numa sala sem janelas, estou pronto para um pouco de suor e terra. Saio sem ser visto e vinte minutos depois estaciono o carro na frente da casa dos Black.

Donny Ray está esperando na varanda, de calça jeans, tênis, meias escuras, camiseta branca e um boné de beisebol que parece grande demais sobre o rosto encovado. Ele usa uma bengala, mas precisa da mão firme sob o braço frágil para manter o equilíbrio. Dot e eu o levamos até meu carro e o fazemos sentar no banco da frente. Ela está satisfeita por tirá-lo de casa por algumas horas, a primeira vez em meses, ela me diz. Agora ela ficou só com Buddy e os gatos.

Atravessamos o centro da cidade, Donny Ray com o queixo apoiado no cabo da bengala. Depois de me agradecer, quase não fala.

Ele terminou o segundo grau há três anos, com dezenove anos. Seu gêmeo, Ron, terminou um ano antes. Ele nunca tentou a universidade. Trabalhou dois anos como balconista de uma loja de conveniência, mas saiu depois de um assalto. Seu currículo de trabalho é pequeno, e ele nunca saiu de casa. Pelos registros que estudei até agora, Donny Ray nunca recebeu mais que salário

mínimo.

Quanto a Ron, ele conseguiu fazer o curso na UTEP e está agora na escola de graduação em Houston. Também é solteiro, nunca casou e raramente vem a Memphis. Os irmãos nunca foram muito chegados, disse Dot. Donny Ray ficava dentro de casa lendo e armando modelos de aviões. Ron andava de bicicleta e, quando tinha doze anos, entrou por algum tempo para uma gangue de rua. Eram bons meninos, garantiu Dot. O dossiê está documentado com provas claras e suficientes de que a medula de Ron seria ideal para o transplante para Donny Ray.

Seguimos aos solavancos no meu pequeno carro. Ele olha fixo para a frente, a aba do boné abaixada sobre os olhos, só falando quando falo com ele. Estacionamos ao lado do Cadillac de Miss Birdie, e eu explico que é nessa bela casa que moro. Não sei se ficou impressionado, mas duvido. Eu o ajudo a dar a volta pelas sacas de composto até um lugar sombreado do pátio.

Informei Miss Birdie da visita dele, e ela nos espera ansiosa com limonada fresca. Faço as apresentações, e ela passa a controlar a função. Biscoitos? Alguma coisa para ler? Põe travesseiros em volta dele no banco, arrulhando feliz o tempo todo. Miss Birdie tem um coração de ouro. Expliquei que conheci os pais de Donny Ray no Cypress Gardens, e por isso ela se considera especialmente responsável por ele. Uma ovelha do seu rebanho.

Depois de instalar Donny Ray num lugar fresco, a uma distância segura do sol, que pode queimar a pele branca e opaca, Miss Birdie declara que está na hora de começar a trabalhar. Ela examina teatralmente o gramado dos fundos da casa, passa a mão no queixo, imersa em pensamentos; depois permite que o olhar pouse lentamente nas sacas de composto. Dá algumas ordens, para benefício de Donny Ray, e eu começo a trabalhar.

Logo fico molhado de suor, mas desta vez cada minuto é um prazer para mim. Miss Birdie agita-se na umidade do ar durante uma hora, depois resolve tratar das flores no lado mais fresco do pátio. Ela fala sem parar com Donny Ray, que quase não diz nada, mas está aproveitando bem o ar fresco. Numa das viagens com o carrinho, vejo que estão jogando damas. Na seguinte, ela está sentada muito perto dele, mostrando as ilustrações de um livro.

Muitas vezes pensei em perguntar para Miss Birdie se ela estaria interessada em ajudar Donny Ray. Acredito que essa mulher bondosa daria um cheque para o transplante, se na verdade tivesse dinheiro. Mas nunca perguntei, por duas razões. A primeira é que é tarde demais para o transplante. A segunda, Miss Birdie ficaria humilhada se não tivesse o dinheiro. Não posso pedir seu dinheiro para coisa alguma.

Logo depois que foi diagnosticada a leucemia, houve um vago esforço no sentido de levantar fundos para o tratamento. Dot reuniu alguns amigos, e puseram o rosto de Donny em caixas de papelão de leite nos cafés e nas lojas de conveniência em todo o norte de Memphis. Dot disse que não conseguiram muita coisa. Alugaram um salão de um clube local e deram uma festa com música e dança, com um DJ local contratado para cuidar dos discos. Perderam vinte e oito dólares.

Sua primeira série de quimioterapia custou quatro mil dólares, dois terços dessa quantia pagos pelo St. Peter. O resto conseguiram aqui e ali. Cinco meses mais tarde, a leucemia voltou com toda a força.

Enquanto trabalho com a pá, carrego terra e composto e transpiro, reúno minhas energias mentais para odiar a Great Benefit. Não vou ter muito trabalho, mas vou precisar de uma convicção muito forte de que estou certo para suportar a guerra com Tinley Britt.

O almoço é uma agradável surpresa. Miss Birdie fez canja de galinha, não exatamente o que eu queria num dia como o de hoje, mas uma bem-vinda variação dos sanduíches de peru. Donny Ray toma meio prato, depois diz que precisa dormir um pouco. Gostaria de tentar a rede. Nós o levamos até ela. Embora a temperatura esteja acima de 32°, ele pede um cobertor.



Sentamos na sombra, tomamos mais limonada e falamos sobre a imensa tristeza de Donny Ray. Falo um pouco sobre a Great Benefit, enfatizando o fato de que eu a estou processando por dez milhões de dólares. Ela faz algumas perguntas de ordem geral sobre o exame e depois desaparece no interior da casa.

Quando volta, entrega-me um envelope de um advogado de Atlanta. Reconheço o nome da firma.

— Pode explicar isto? — pergunta ela, de pé na minha frente, com as mãos na cintura.

O advogado escreveu uma carta para Miss Birdie e anexou a ela uma cópia da carta que escrevi para ele. Na minha carta, digo que agora represento Miss Birdie Birdsong, que ela me pediu que redigisse um novo testamento e que preciso de informações sobre os bens deixados por seu segundo marido. Na carta para ela, ele

simplesmente pergunta se pode me dar alguma informação. Ele parece indiferente, como se estivesse apenas obedecendo ordens.

— Está tudo preto no branco — digo. — Sou seu advogado. Estou tentando obter informação.

— Você não me disse que ia cavar informações em Atlanta.

— O que há de errado com isso? O que está escondido em Atlanta, Miss Birdie? Por que tanto segredo?

— O juiz selou o dossiê do caso — diz ela, dando de ombros, pondo fim ao assunto.

— O que há no dossiê do caso?

— Um monte de lixo.

— A seu respeito?

— Santo Deus, não!

— Muito bem. A respeito de quem?

— Da família de Tony. O irmão era podre de rico lá na Flórida, tinha uma porção de mulheres e uma porção de filhos de mães diferentes. A família inteira era biruta. Brigaram com unhas e dentes por causa dos testamentos dele, que eram quatro. Não sei muita coisa, mas ouvi dizer que, quando tudo acabou, os advogados receberam seis milhões de dólares. Uma parte desse dinheiro foi filtrado para Tony, que viveu só o tempo suficiente para herdá-lo, de acordo com as leis da Flórida. Tony nem chegou a saber, porque morreu depressa demais. Deixando apenas uma viúva. Eu. É tudo o que eu sei.

Não é importante como ela obteve o dinheiro. Mas seria bom saber quanto ela herdou.

— Quer falar sobre seu testamento? — pergunto.

— Não. Mais tarde. — Ela apanha as luvas de jardinagem. — Vamos trabalhar.



Horas depois, estou com Dot e Donny Ray no pátio cheio de mato ao lado da cozinha. Graças a Deus, Buddy já está na cama. Donny Ray está exausto depois do seu dia na casa de Miss Birdie.

É sábado e o ar pesado da noite no subúrbio está saturado do cheiro de carvão e churrasco. As vozes dos cozinheiros improvisados, nos quintais vizinhos, chegam até nós através das cercas de madeira e das cercas vivas bem aparadas.

É mais fácil ouvir do que falar. Dot prefere fumar e tomar café

instantâneo, ocasionalmente fazendo um comentário sobre um dos vizinhos. Ou sobre um dos cães dos vizinhos. O aposentado na casa ao lado perdeu um dedo na semana passada quando trabalhava com uma serra elétrica, e Dot menciona o fato não menos de três vezes.

Eu não me importo. Posso ficar sentado, ouvindo, durante horas. Minha mente está ainda quase insensível por causa do exame. Não é preciso muita coisa para me distrair. E, quando consigo esquecer o exame, tenho Kelly para ocupar meus pensamentos. Preciso ainda descobrir um meio inofensivo de falar com ela e vou encontrar. É só uma questão de tempo.

O centro de justiça de Shelby County é um prédio moderno de doze andares no centro da cidade. O conceito é o de justiça integral num único lugar. Tem várias salas de tribunal, escritórios para funcionários e para a administração. É onde funciona a procuradoria municipal e a chefatura de polícia. Tem até uma cadeia.

A corte criminal tem dez divisões, dez juízes com agendas diferentes em tribunais diferentes. Os níveis intermediários estão sempre cheios de advogados, policiais, queixosos e suas famílias. É uma selva assustadora para um advogado novato, mas Deck conhece bem o caminho. Ele já esteve algumas vezes no prédio.

Ele aponta para a porta da Divisão Quatro e diz que me encontra lá dentro de uma hora. O chão é atapetado, os móveis deprimentemente modernos. Os advogados parecem formigas na frente da sala. À direita fica a área de detenção, onde uma dúzia de prisioneiros com uniformes cor de laranja esperam para comparecer pela primeira vez perante o juiz. Uma promotora encarregada dos dossiês escolhe as pastas referentes a cada caso apresentado.

Vejo Cliff Riker na segunda fila. Ele confabula com o advogado, examinando alguns papéis. Sua mulher não está presente.

O juiz entra, e todos ficam de pé. Alguns casos são resolvidos, muitas reduzidas ou esquecidas, datas são marcadas. Os advogados se encontram rapidamente, balançam as cabeças e falam em voz baixa com o meritíssimo.

Cliff é chamado e caminha com seu passo de atleta até o pequeno estrado na frente da mesa do juiz. O advogado está ao lado dele com os papéis. A promotora anuncia para a corte que as acusações contra Cliff Riker foram retiradas por falta de provas.

— Onde está a vítima? — interrompe o juiz.

— Preferiu não comparecer — responde o promotor.

— Por quê? — quer saber o juiz.

Tenho vontade de gritar: *Porque está numa cadeira de rodas.*

A promotora dá de ombros, indicando que não sabe e além disso não se importa. O advogado de Cliff dá de ombros, como se estivesse surpreso com o fato de a mocinha não comparecer para mostrar seus ferimentos.

A promotora é uma pessoa muito ocupada, com dezenas de casos para resolver antes do meio-dia. Recita rapidamente um breve sumário dos fatos, a prisão, a falta de provas porque a vítima não quer testemunhar.

— Esta é a segunda vez — diz o juiz, olhando severamente para Cliff. — Por que não se divorciam antes que você a mate?

— Estamos tentando conseguir alguma ajuda, meritíssimo — diz Cliff, com voz penitente muito bem ensaiada.

— Pois trate de arranjar isso logo. Se eu vir essas acusações outra vez, não vou permitir que sejam retiradas. Compreendeu?

— Sim, senhor — responde Cliff, como se sentisse muito estar dando tanto trabalho. A papelada é entregue ao juiz, que assina, balançando a cabeça. As acusações são retiradas.

Mais uma vez não foi ouvida a voz da vítima. Ela está em casa com o tornozelo quebrado, mas não foi isso que a impediu de comparecer. Está se escondendo porque prefere não apanhar outra vez. Imagino qual o preço que ela pagou para retirar as queixas.

Cliff aperta a mão do advogado e caminha pela passagem central, passa por mim, sai da sala, livre para fazer o que bem entender, imune ao castigo porque não há ninguém para ajudar Kelly.

Há uma lógica frustrante nessa linha de montagem da justiça. Não muito longe, com uniformes laranja e algemados, estão estupradores, assassinos, traficantes de drogas. O sistema mal tem tempo para julgar esses casos e aplicar certas medidas de justiça. Como esperar que o sistema se interesse pelos direitos de uma mulher espancada pelo marido?

Enquanto eu fazia o exame, na semana passada, Deck deu alguns telefonemas. Encontrou o novo endereço e telefone dos Riker. Mudaram para um grande conjunto de apartamentos no sudeste de Memphis. Um quarto, quatrocentos dólares por mês. Cliff trabalha para uma companhia transportadora, não muito distante dos nossos escritórios, um terminal não-sindicalizado. Deck acha que ele deve ganhar cerca de sete dólares por hora. Seu advogado é um dos milhares de nulidades que andam pela cidade.

Contei para Deck a verdade sobre Kelly. Ele disse que precisava saber porque, quando Cliff estourasse meus miolos com uma espingarda, ele, Deck, poderia contar o acontecido.

Ele me aconselhou também a esquecer dela. Só pode dar encrenca.



imediatamente. Ele está sozinho, atrás da mesa enorme, falando ao telefone da direita. Há outro à esquerda e mais três espalhados pelo escritório. Um no carro. Um na pasta. E o que ele me deu para poder entrar em contato comigo vinte e quatro horas por dia.

Faz sinal para me sentar, gira os olhos para dizer que está falando com um doido e rosna uma afirmação. Os tubarões estão dormindo ou escondidos atrás das pedras do aquário. O filtro gorgoleja e murmura.

Deck me disse com um murmúrio que Bruiser ganha de trezentos a quinhentos mil dólares por ano com o escritório. É difícil acreditar vendo a sala atulhada. Ele tem quatro contratados na rua, armando suas ciladas, caçando casos de lesões corporais. (E agora tem a mim.) No ano passado, Deck conseguiu cinco casos que renderam cento e cinquenta mil dólares para Bruiser. Ele cuida de uma coleção de casos de drogas e é conhecido na indústria dos narcóticos como advogado digno de confiança. Porém, de acordo com Deck, a renda verdadeira de Bruiser Stone vem dos seus investimentos. Ele está envolvido, até que ponto ninguém sabe, e o governo federal evidentemente tenta desesperadamente saber, no negócio de topless em Memphis e Nashville. É a indústria do dinheiro vivo e por isso é difícil dizer quanto ganha com a caixa 2.

“Bruiser é três vezes divorciado”, informou Deck, comendo um enorme sanduíche gorduroso no Trudy's, “tem três filhos adolescentes que obviamente moram com as respectivas mães, gosta da companhia das jovens que dançam sobre as mesas e bebe demais e, por mais dinheiro que tenha nas mãos gorduchas, nunca está satisfeito.”

Há sete anos ele foi preso acusado de extorsão e formação de quadrilha, mas o governo não teve a menor chance. As acusações foram retiradas depois de um ano. Deck me confiou que está preocupado com a recente investigação do FBI no baixo mundo de Memphis, uma investigação na qual tem aparecido com frequência o nome de Bruiser Stone e o de seu melhor amigo, Prince Thomas. Deck disse que Bruiser está agindo um pouco estranhamente — bebendo demais, irritando-se com facilidade, batendo os pés e resmungando no escritório mais que o costureiro.

Por falar em telefones, Deck tem certeza de que o FBI grampeou todos os telefones do nosso escritório, incluindo o meu. E ele acha que as paredes também têm escutas. Já fizeram isso antes, disse ele com grande conhecimento de causa. E também tenha cuidado no Yogi's.

Ontem à tarde, ele me deixou com um pensamento muito reconfortante. Se eu passar no exame e tiver algum dinheiro no bolso, dou o fora daqui.

Finalmente Bruiser desliga e passa a mão nos olhos cansados.

— Dê uma olhada nisso. — Estende um grosso maço de papéis para mim.

— O que é?

— A resposta da Great Benefit. Você vai aprender por que é doloroso processar uma grande companhia. Eles têm muito dinheiro para contratar uma porção de advogados que produzem uma montanha de papéis. Leo F. Drummond provavelmente está cobrando da Great Benefit duzentos e cinquenta por hora.

É a moção para retirar o processo movido pelos Black, com um documento explanatório de sessenta e três páginas. Há uma nota para a audiência de julgamento da moção pelo excelentíssimo Harvey Hale.

Bruiser me observa calmamente.

— Bem-vindo ao campo de batalha.

Tenho um nó de bom tamanho na garganta. Vou precisar de dias para responder adequadamente.

— É impressionante — digo, com a garganta seca. Não sei por onde começar.

— Leia as regras com atenção. Responda à moção. Escreva seu resumo. Faça isso depressa. Não é tão ruim quanto parece.

— Não é?

— Não, Rudy. É papelada. Você vai aprender. Esses filhos da mãe dão entrada em todas as moções conhecidas e mais as que eles inventam, tudo com grossos resumos de apoio. E vão querer correr para o tribunal a todo momento para as audiências das suas adoradas moções. Na verdade, pouco se importam se vão ganhar ou perder; de qualquer forma estão ganhando dinheiro. Além disso, atrasam o julgamento. Fazem disso uma obra de arte, e os clientes pagam a conta. O problema é que fazem você em pedaços durante o processo.

— Já estou cansado.

— É uma droga.

Drummond estala os dedos e diz:

“Quero uma moção para retirar as acusações”, e três contratados se enterram na biblioteca e dois paralegais procuram antigos resumos de casos nos seus computadores. Presto! Num instante têm um documento grosso perfeitamente pesquisado. Então, Drummond tem de ler o documento várias vezes, trabalha nele por duzentos e cinquenta a hora, talvez dê a um sócio amigo seu para ler também. Depois tem de fazer a revisão, cortar e modificar, e os contratados voltam para a biblioteca e os paralegais para seus computadores. É um assalto, mas a Great Benefit tem muito dinheiro e não se importa com quanto paga a uma equipe como a da Tinley Britt.

Sinto-me como se tivesse desafiado um exército. Dois telefones tocam ao mesmo tempo, e Bruiser apanha o que está mais próximo.

— Vá trabalhar. — Depois, ao telefone: — Sim?

Carrego a papelada com as duas mãos, entro no meu escritório e fecho a porta. Leio a moção para anulação do processo elegantemente apresentada e datilografada com perfeição, e logo descubro que está repleta de argumentos persuasivos contra quase tudo o que incluí no processo. A linguagem é rica e clara, tão isenta da terminologia densa do direito quanto é possível numa moção, notavelmente bem escrita. As posições declaradas são reforçadas com uma enorme lista de opiniões de autoridades que parecem ir direto ao ponto tratado. Há até um sumário, um índice e uma bibliografia.

A única coisa que falta é uma ordem preparada para o juiz assinar, concedendo tudo o que a Great Benefit quer.

Depois de ler três vezes, começo a tomar notas. Pode haver um ou dois pontos fracos que eu possa atacar. O choque e o medo desaparecem. Recorro à toda minha revolta contra a Great Benefit e contra o que fez ao meu cliente, e arregaço as mangas.

Mr. Leo F. Drummond pode ser um gênio do litígio judicial e pode ter inúmeros servos à sua disposição, mas eu, Rudy Baylor, não tenho nada melhor para fazer. Sou brilhante e posso trabalhar. Ele quer começar uma guerra de papéis comigo. Ótimo. Vou sufocá-lo.



Deck já fez o exame da Ordem seis vezes. Na terceira tentativa, na Califórnia, quase passou, mas perdeu porque sua média geral ficou dois pontos abaixo da exigida. Fez a prova três vezes no Tennessee, sem jamais chegar perto, contou-me com sinceridade notável. Acho que na verdade Deck não quer passar no exame. Ele ganha quatro mil dólares por ano caçando casos para Bruiser e não está preso aos ditames da ética. (Não que isso preocupe Bruiser.) Deck não paga as mensalidades da Ordem dos Advogados, não se preocupa em continuar os estudos de direito, assistir a seminários, aparecer perante juízes, sentir-se culpado sobre o trabalho *pro bono*, para não mencionar as despesas de escritório.

Deck é um sanguessuga. Desde que tenha um advogado cujo nome possa usar e um escritório para trabalhar, Deck está no

negócio.

Ele sabe que não estou muito ocupado e adotou o hábito de passar pelo meu escritório mais ou menos às onze horas. Conversamos por meia hora e depois vamos a pé até Trudy's para um almoço barato. Estou acostumado com ele agora. Ele é apenas Deck, um homenzinho sem pretensões que quer ser meu amigo.

Estamos num canto do Trudy's, entre operários, e Deck fala tão baixo que mal posso ouvir. Às vezes, especialmente nas salas de espera dos hospitais, ele é tão ousado que chega a ser embaraçoso, e outras vezes é tímido como um camundongo. Está murmurando alguma coisa que quer desesperadamente que eu ouça, olhando para trás a todo momento como se estivesse prestes a ser atacado.

— Um cara que trabalhava aqui na firma, chamado David Roy, ficou muito amigo de Bruiser. Eles contavam o dinheiro juntos, unidos como cúmplices, você sabe. Roy teve sua licença cassada por malversação de fundos e não pode advogar. — Deck limpa com os dedos a salada de atum dos lábios. — Não faz diferença. Roy sai daqui, atravessa a rua e abre uma boate de topless. A boate pega fogo. Abre outra, pega fogo também. Depois outra. Então estoura a guerra do negócio de topless. Bruiser é esperto demais para se envolver, mas está sempre próximo. Assim é o seu amigo, Prince Thomas. A guerra continua por alguns anos. Uma vez ou outra alguém aparece morto. Mais incêndios. Roy e Bruiser separam-se depois de uma briga violenta. No ano passado, os federais pegaram Roy e estão dizendo que ele vai “cantar.” Sabe o que quero dizer.

Balanço a cabeça então afirmativamente, com o rosto quase dentro do prato, como Deck. Ninguém pode nos ouvir, mas atraímos alguns olhares por causa do modo como mergulhamos na comida.

— Muito bem, ontem David Roy testemunhou perante o grande júri. Ao que parece, conseguiu um acordo.

E então, lançada a bomba, Deck endireita o corpo e olha para baixo como se agora eu pudesse imaginar todo o resto.

— E então? — pergunto, sempre em voz baixa.

Ele franze a testa, olha em volta desconfiado, e mergulha.

— Há uma boa probabilidade de ele estar delatando Bruiser. Talvez Prince Thomas. Ouvi até dizer que sua cabeça está a prêmio.

— Um contrato para matá-lo!

— Sim. — Silêncio.

— Feito por quem? — Certamente não por meu patrão.

— Adivinhe.

— Não Bruiser.

Com um sorriso de lábios fechados, sem mostrar os dentes, tímido e breve, ele diz:

— Não seria a primeira vez. — E, dizendo isso, dá uma mordida

no sanduíche, mastiga devagar, balançando a cabeça afirmativamente. Espero até ele engolir.

— Então, o que está tentando me dizer? — pergunto.

— Mantenha em aberto suas opções.

— Não tenho opções.

— Pode ter de se mudar.

— Acabo de chegar.

— As coisas podem ficar quentes.

— E você? — quero saber.

— Talvez tenha de me mudar também.

— E os outros caras?

— Não se preocupe com eles, porque não estão se preocupando com você. Sou seu único amigo.

Essas palavras ficam comigo durante horas. Deck sabe mais do que contou, mas com mais alguns almoços vou saber de tudo. Desconfio que ele esteja procurando um lugar para aterrissar se houver o desastre. Conheci os outros advogados da firma — Nicklass, Toxer e Ridge —, mas eles não se misturam e falam muito pouco. Suas portas estão sempre trancadas. Deck não gosta deles, e só posso imaginar o que sentem por Deck. Segundo Deck, Toxer e Ridge são amigos e podem estar planejando abrir uma firma. Nicklass é alcoólatra e está falido.

O pior roteiro seria Bruiser ser indiciado, preso e julgado. O processo levaria pelo menos um ano. Ele podia continuar a trabalhar e dirigir o escritório. Penso no assunto. Podem cassar a licença dele até ser condenado.

Relaxe, repito para mim mesmo.

E se eu for jogado na rua? Isso já aconteceu antes. Consegui cair de pé.



A caminho da casa de Miss Birdie, passo por um parque da cidade. Pelo menos três jogos de futebol americano estão sendo disputados sob as luzes fortes.

Paro num telefone público, perto da lavadora de carros, e disco um número. Depois do terceiro toque, ela atende.

— Alô. — A voz ecoa por meu corpo.

— Cliff está? — pergunto, baixando minha voz uma oitava. Se ela disser que sim, simplesmente desligo.

— Não. Quem está falando?

— Rudy — digo, com minha voz normal. Prendo a respiração, esperando ouvir o clique no outro lado e esperando também ouvir suaves palavras de saudade. Que diabo, não sei o que espero.

Faz-se um pequeno silêncio, mas ela não desliga.

— Pedi que você não telefonasse — diz ela, sem o menor sinal de zanga ou frustração.

— Desculpe. Não posso evitar. Estou preocupado com você.

— Não podemos fazer isso.

— Fazer o quê?

— Até logo.

Agora ouço o clique e o zumbido da linha livre.

Precisei de muita coragem para telefonar e agora só queria não ter telefonado. Algumas pessoas têm mais coragem do que cérebro. Sei que o marido é um demente esquentado, mas não sei até onde ele é capaz de ir. Se for ciumento, e tenho certeza de que é, porque é um idiota de dezenove anos, sem educação e sem modos, casado com uma linda mulher, então provavelmente desconfia de cada movimento dela. Mas iria ao extremo de grampear o telefone da própria casa?

É uma possibilidade muito remota, mas que me faz ficar acordado por muito tempo.



Não dormi nem uma hora, e o telefone toca. São quase quatro da manhã, segundo meu relógio digital. Pego o telefone no escuro.

É Deck, muito excitado e falando rapidamente do telefone do carro. Está correndo para mim, a menos de quatro quadras da minha casa. Alguma coisa muito grande, muito urgente, um maravilhoso desastre. Ande depressa! Vista-se! Combinamos que vou encontrá-lo na esquina em menos de um minuto.

Ele está à minha espera no seu velho minivan. Salto para dentro do carro, e ele sai velozmente, cantando pneus. Não tive tempo de escovar os dentes.

— Para onde estamos indo? — pergunto.

— Um grande acidente no rio — anuncia ele solenemente, como se estivesse muito triste: Apenas outro dia no escritório. — Um pouco depois das onze, a noite passada, uma barça de petróleo se soltou do rebocador e flutuou rio abaixo até atingir um barco com

pá de roda, alugado para uma festa de formatura de ginásio. Uns trezentos estudantes a bordo. O barco afundou perto de Mud Island, muito próximo à margem.

— Isso é terrível, Deck. Que diabos vamos fazer?

— Verificar. Bruiser recebe um telefonema. Bruiser liga para mim. Aqui estamos. É um desastre, possivelmente o maior desastre de Memphis.

— E devemos nos orgulhar disso?

— Você não compreende. Bruiser não vai perder esse.

— Ótimo. Pois ele que enfie o traseiro gordo numa roupa de mergulho e vá procurar crianças no fundo do rio.

— Pode ser uma mina de ouro. — Deck dirige rapidamente atravessando a cidade. Ignoramos-nos mutuamente quando estamos perto do centro. Uma ambulância passa por nós, e meu pulso se acelera. Outra ambulância atravessa na nossa frente.

A Riverside Drive está bloqueada por uma dezena de carros de polícia, todos com as luzes cortando a noite. Carros de bombeiro e ambulâncias estão parados, para-choque contra para-choque. Um helicóptero paira sobre o rio. Há grupos de pessoas completamente imóveis; outras correm, gritam e apontam. Um guindaste é visível perto da margem.

Andamos rapidamente em volta da fita amarela da polícia e nos aproximamos da multidão perto da água. A cena já dura algumas horas, e a urgência já não é tão imediata. Agora esperam. Muitas pessoas formam pequenos grupos, horrorizadas, sentadas nas pedras, olhando e chorando, enquanto os mergulhadores e paramédicos procuram os corpos. Religiosos se ajoelham e oram com as famílias. Dezenas de crianças atordoadas, com *smokings* e vestidos longos rasgados, estão sentadas juntas, de mãos dadas, olhando para a água. Um lado do barco está para fora da água, e a equipe de salvamento, muitos com roupas de mergulho negras e azuis e tanques de oxigênio, trabalha nele. Outros procuram no rio, com três barcos amarrados uns aos outros.

Está se realizando um ritual aqui, mas é preciso tempo para compreender. Um tenente da polícia anda lentamente numa prancha que sai de um píer flutuante e chega às pedras da margem. A multidão, já silenciosa, está completamente imóvel. O tenente chega à frente de um carro da polícia e vários repórteres o cercam. A maioria das pessoas permanece sentada, enrolada nos seus cobertores, as cabeças baixas, numa prece fervorosa. São os pais, os parentes, os amigos. O tenente diz:

— Sinto muito, mas identificamos o corpo de Melanie Dobbins.

As palavras percorrem o silêncio, quebrado quase instantaneamente pelos soluços e gemidos da família da menina.

Abraçam-se e choram. Os amigos procuram consolar, e uma mulher começa a chorar alto.

Os adultos olham e esperam, mas deixam também escapar um coletivo suspiro de alívio. As más notícias são inevitáveis, eles sabem, mas pelo menos foram adiadas. Ainda há esperança. Mais tarde fiquei sabendo que vinte e um sobreviveram porque ficaram presos nas bolsas de ar.

O tenente da polícia volta para o píer, onde outro corpo está sendo retirado da água.

Então, começa um segundo ritual, não tão trágico, mas muito mais terrível. Homens com rostos sombrios tentam chegar perto das famílias. Têm nas mãos pequenos cartões que tentam entregar para os parentes ou amigos dos mortos. No escuro, as pessoas se aproximam mais, olhando-os desconfiadas. Eles matariam para ter um caso. Tudo o que querem é uma terça parte.

Deck vê tudo isso antes que eu perceba o que está acontecendo. Ele indica com a cabeça um lugar mais perto das famílias, mas fico onde estou. Ele se insinua entre a multidão, desaparecendo rapidamente no escuro, para minerar seu ouro.

Fico de costas para o rio e logo estou correndo pela rua, para o centro de Memphis.

A banca examinadora envia o resultado dos exames pelo correio, por carta registrada. Na faculdade ouvimos histórias de recém-formados que desmaiam ao lado da caixa de correspondência. Ou correm pelas ruas, sacudindo a carta no ar como idiotas. São muitas as histórias que pareciam engraçadas, mas que agora não têm graça nenhuma.

Trinta dias se passaram, e nenhuma carta. Dei meu endereço residencial porque não queria arriscar que a carta fosse aberta por alguém no escritório de Bruiser.

O trigésimo primeiro dia cai num sábado, o dia em que posso dormir até as nove, antes que meu capataz bata na porta com pincel em punho. Ela resolveu de repente que a garagem, debaixo do meu apartamento, precisa ser pintada, embora para mim pareça muito bem como está. Ela me atrai para fora da cama com a notícia de que os ovos com bacon estão esfriando, e por isso é melhor eu me apressar.

O trabalho vai bem. A pintura apresenta resultados imediatos, o que é gratificante. Posso ver o progresso. Nuvens escuras cobrem o sol, e trabalho sem pressa.

Às seis da tarde, ela resolve que é hora de parar. Trabalhei muito, e Miss Birdie tem uma notícia maravilhosa para o jantar — vai fazer uma pizza de legumes!

Trabalhei no Yogi's até uma hora da manhã e não quero voltar tão cedo. Assim, como sempre, não tenho nada para fazer nesta noite de sábado. O pior é que não pensei em fazer nada. Pateticamente, agrada-me a ideia de comer uma pizza de legumes com uma mulher de oitenta anos.

Saio do chuveiro e visto calça e camisa jeans e tênis. Entro na casa e sinto um cheiro vindo da cozinha, onde Miss Birdie está trabalhando. Ela diz que nunca fez pizza, certa de que eu devo ficar contente com a notícia.

Não está tão má. As abobrinhas e o pimentão amarelo estão um pouco duros, mas ela reforçou tudo com queijo de leite de cabra e cogumelos. E estou faminto. Comemos na pequena sala de jantar, assistindo a um filme com Cary Grant e Audrey Hepburn. Ela chora durante quase todo o filme.

O segundo filme é com Bogart e Bacall, e começo a sentir dores musculares. O sono está chegando. Mas Miss Birdie, sentada na beira do sofá, absorve cada palavra de um filme a que ela assiste há cinquenta anos.

De repente, ela se levanta de um salto.

— Esqueci uma coisa — exclama, corre para a cozinha, procura e volta com um papel na mão, para dramaticamente e diz: — Rudy! Você passou no exame!

Tiro o papel da mão dela. É do Tennessee Board of Law Examiners, endereçado a mim, claro, e em letras grandes, no centro da página, as palavras majestosas: “Parabéns. Você passou no exame da Ordem.”

Por um momento tenho vontade de esbofetear Miss Birdie por essa invasão grosseira da minha privacidade. Ela devia ter dito antes e certamente não tinha direito de abrir a minha carta. Mas todos os seus dentes cinza-amarelados estão à mostra, os olhos cheios de lágrimas, as mãos no rosto. Miss Birdie está quase tão feliz quanto eu. Minha zanga cede lugar à alegria.

— Quando chegou? — pergunto.

— Hoje, quando você estava pintando. O carteiro bateu à porta, perguntou por você, eu disse que você estava ocupado e assinei o recibo.

Assinar o recibo é uma coisa. Abrir a carta é outra.

— Não devia ter aberto — digo, mas não estou zangado. É impossível ficar furioso num momento como este.

— Desculpe. Pensei que você gostaria que eu abrisse. Mas não é formidável?

Sim, é. Flutuo para a cozinha, rindo como um idiota, respirando fundo o ar leve. Tudo é maravilhoso. O mundo é belo!

— Vamos comemorar — diz ela, com um sorriso malicioso.

— Qualquer coisa — respondo. Tenho vontade de sair correndo pelo quintal, gritando para as estrelas.

Ela abre um armário, procura alguma coisa no fundo e volta-se sorrindo com uma garrafa de formato estranho.

— Guardo este para ocasiões especiais.

— O que é? — apanho a garrafa. Nunca vi nenhuma igual no Yogi's.

— Conhaque de melão. Muito forte — diz ela, com uma risadinha nervosa.

Neste momento, tomo qualquer coisa. Ela apanha duas xícaras de café iguais — nunca se serve bebida nesta casa — e enche cada uma até a metade. O líquido é grosso e pegajoso. O cheiro me faz lembrar o consultório do dentista.

Bebemos à minha boa sorte, batemos as xícaras do Banco do Tennessee, e tomo o primeiro gole. Tem gosto de xarope infantil e queima como vodca pura. Ela estala os lábios.

— Acho melhor sentarmos — aconselha Miss Birdie. Depois de alguns goles, Miss Birdie está roncando no sofá. Tiro o som do filme

e me sirvo de outra xícara. É uma bebida forte e depois do primeiro gole não agride tanto as papilas gustativas. Vou beber no pátio, ao luar, sorrindo para o alto, num glorioso agradecimento pela notícia divina.



O efeito do licor de melão dura até o sol nascer. Tomo banho, desço a escada sorrateiramente, entro no carro e saio de marcha à ré até a rua.

Tomo um café yuppie com rosquinhas e as misturas do dia. Compro um jornal grosso e o abro sobre a mesa nos fundos do café. São várias as notícias de acontecimentos muito próximos. O acidente com o barco no rio, há quatro dias, aparece nas primeiras páginas dos jornais. Quarenta e uma crianças mortas. Os advogados já começaram a dar entrada nos processos.

A segunda notícia, esta na seção de ocorrências policiais, descreve a investigação sobre corrupção na polícia e especificamente sobre o relacionamento entre o negócio de topless e os policiais. O nome de Bruiser é mencionado como advogado de Willie McSwane, um mandachuva local. E o nome de Bruiser é mencionado como advogado de Bennie Thomas, conhecido também como Prince, dono de um bar local e indiciado uma vez por ofensa federal. E o nome de Bruiser é mencionado também como possível alvo dos federais.

Sinto que a hora está chegando. O grande júri federal está em sessão permanente há um mês. Os jornais publicam reportagens a respeito quase diariamente. Deck está cada vez mais nervoso.

A terceira notícia é uma surpresa completa para mim. Na última página da seção de negócios, há uma breve nota intitulada 161 PASSAM NO EXAME DE DIREITO. São três frases citando a banca examinadora, depois a lista em ordem alfabética, em letra muito pequena, dos que passaram.

Quase encosto o jornal nos olhos e leio furiosamente. Lá estou eu! É verdade. Não houve nenhum erro. Passei no exame que me dá direito a exercer minha profissão. Leio rapidamente os outros nomes, muitos deles de pessoas que conheci durante três anos.

Procuro Booker Kane e não encontro. Verifico uma, duas vezes, desanimado. Ponho o jornal na mesa e leio cada nome em voz alta. Nada de Booker Kane.

Ontem à noite, quase telefonei para ele, depois que Miss Birdie lembrou de me dar a maravilhosa notícia, mas não consegui. Uma vez que eu tinha passado, ia esperar o telefonema dele. Se não ligasse ao fim de alguns dias, então eu ficaria sabendo que ele não tinha passado.

Agora, não sei o que fazer. Posso vê-lo, neste momento, ajudando Charlene a vestir as crianças para a igreja, tentando sorrir, tentando convencer a ambos que é apenas um atraso temporário, que na próxima vez ele vai passar.

Mas sei que Booker está arrasado. Magoado e furioso com ele mesmo. Preocupado com a reação de Marvin Shankle e temendo o dia de amanhã no escritório.

Booker é um homem extremamente orgulhoso. Sempre se acreditou capaz de conseguir qualquer coisa. Eu gostaria de entrar no meu carro e ir lamentar com ele, mas não daria certo.

Amanhã ele vai telefonar para me dar os parabéns. Superficialmente vai bancar o bom perdedor que promete fazer melhor da próxima vez.

Leio os nomes novamente e vejo que Sara Plankmore Wilcox não consta da lista. O senhor S. Todd Wilcox passou, mas sua mulher não.

Começo a rir alto. Estou sendo mesquinho, cruel, despeitado e infantil, odioso mesmo. Mas não posso evitar. Ela ficou grávida para se casar e aposto que a pressão foi demais. Nos últimos meses, ela desviou a atenção dos estudos, planejando o casamento e escolhendo as cores para o quarto do bebê.

Ha-ha-ha. Afinal, estou rindo por último.



O bêbado que bateu no carro de Dan van Landel tinha seguro com limite de cem mil dólares. Deck convenceu o intermediário do bêbado de que a ação movida por Van Landel está acima desse limite, e está certo. O intermediário concordou em pagar apenas o limite. Bruiser só foi usado no último instante para ameaçar com um processo judicial e tudo o mais. Deck fez oitenta por cento do trabalho. Eu fiz quinze por cento, no máximo. Tranquilamente damos a Bruiser todo o crédito. Mas, de acordo com o esquema severo de compensação, nem Deck nem eu temos direito a uma parte do que foi apurado. Isso porque Bruiser tem uma definição

muito clara da origem dos honorários. Van Landel é seu caso porque foi ele quem soube primeiro. Deck e eu fomos ao hospital para fazê-lo assinar o contrato, mas isso é o que devemos fazer como empregados de Bruiser. Se tivéssemos sido os descobridores do caso e conseguíssemos o contrato, então teríamos direito a uma parte do dinheiro.

Bruiser nos chama ao seu escritório e fecha a porta. Ele me dá os parabéns por ter passado no exame. Ele também passou na primeira tentativa, e tenho certeza de que essa informação faz com que Deck se sinta mais burro do que nunca. Mas Deck não demonstra, só fica sentado, passando a língua nos dentes, com a cabeça permanentemente inclinada para um lado. Bruiser fala por um momento sobre o caso Van Landel. Ele recebeu um cheque de cem mil dólares nessa manhã, e os Van Landel vêm ao escritório esta tarde para a divisão. Bruiser acha que talvez tenhamos direito a alguma coisa.

Deck e eu trocamos um olhar nervoso.

Bruiser diz que teve um ano muito bom, ganhou mais do que no ano anterior e quer ver seus assistentes felizes. Além disso, foi um acordo muito tranquilo. Ele, pessoalmente, trabalhou menos de seis horas no caso.

Assim, atendendo ao seu bom coração, ele quer nos compensar. Sua parte é um terço, ou trinta e três mil dólares, mas não vai ficar com tudo. Vai dividir conosco.

— Vou dar a vocês, rapazes, um terço da minha parte, para fazer uma divisão igual.

Deck e eu calculamos mentalmente. Um terço de trinta e três mil, onze mil; a metade disso, cinco mil e quinhentos dólares.

Consigo manter o rosto inexpressivo e digo:

— Obrigado, Bruiser. É muita generosidade sua.

— De nada — diz, como se esses favores fizessem parte do seu modo de vida. — Considere isso um presente por ter passado no exame.

— Obrigado.

— É, obrigado — diz Deck.

Estamos atônitos, mas também pensando que Bruiser vai ficar com vinte e dois mil dólares por seis horas de trabalho. Mais ou menos três mil e quinhentos por hora.

Mas eu não esperava nem um centavo e de repente sinto-me rico.

— Bom trabalho, rapazes. Agora, vamos conseguir mais contratos.

Concordamos, balançando a cabeça em uníssono. Estou contando e gastando minha fortuna. Deck, sem dúvida, está fazendo

o mesmo.

— Estamos prontos para amanhã? — pergunta-me Bruiser.

Vamos contestar a moção para retirada da queixa amanhã de manhã, perante o excelentíssimo Harvey Hale. Bruiser teve uma conversa desagradável com o juiz sobre a moção, e não esperamos muito da audiência.

— Acho que sim — respondo, com um gesto nervoso. Preparei e apresentei uma contestação de trinta páginas; depois Drummond e companhia devolveram o fogo com uma contracontestação. Bruiser telefonou para Hale para reclamar, e a conversa ficou feia.

— Talvez eu o deixe se encarregar de parte do argumento; portanto, esteja preparado — diz Bruiser.

Sinto um nó na garganta. O nervosismo se transforma em pânico.

— Vá trabalhar — acrescenta ele. — Vai ser embaraçoso perder o caso para uma moção de anulação.

— Também estou trabalhando no caso — diz Deck, prestimosamente.

— Ótimo. Nós três vamos ao tribunal. Deus sabe que eles terão umas vinte pessoas lá.



A riqueza inesperada gera desejo por coisas melhores na vida. Deck e eu resolvemos trocar nosso almoço habitual de sopa e sanduíche no Trudy's por uma refeição num restaurante especializado em carnes. Pedimos carne de primeira.

— Ele nunca dividiu o dinheiro desse modo — diz Deck, com seus tiques nervosos. Estamos no fundo da escura sala do restaurante. Ninguém pode nos ouvir, na mesa protegida por duas divisórias baixas, mas mesmo assim ele está preocupado. — Alguma coisa está para acontecer, Rudy, tenho certeza. Toxer e Ridge estão para sair. Os federais estão cercando Bruiser. Ele está distribuindo dinheiro. Estou nervoso, nervoso de verdade.

— Certo, mas por quê? Não podem nos prender.

— Não é isso o que me preocupa. Estou preocupado com o meu emprego.

— Não compreendo. Se Bruiser for indiciado e preso, ele sai sob fiança antes que tenham tempo de se virar. O escritório continua a funcionar.

Isso o irrita.

— Escute: e se vierem com intimações e interdições? Podem fazer isso, você sabe. Já aconteceu antes em casos de fraude e extorsão. Os federais adoram atacar escritórios de advocacia, confiscando arquivos e levando computadores. Não se importam comigo ou com você.

Francamente, nunca pensei nisso. Acho que ele notou minha surpresa.

— É claro que podem acabar com o negócio dele — continua, enfático. — E adorariam fazer isso. Você e eu somos apanhados entre dois fogos e ninguém, absolutamente ninguém, vai se importar.

— Então, o que você está dizendo?

— Vamos dar o fora!

Abro a boca para perguntar o que quer dizer, mas é óbvio demais. Deck agora é meu amigo, mas quer muito mais. Eu passei no exame; portanto, posso servir de guarda-chuva para ele. Deck quer um sócio! Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele ataca:

— Quanto dinheiro você tem?

— Bem, cinco mil e quinhentos dólares.

— Eu também. Isso faz um total de onze mil. Se cada um entrar com dois mil, serão quatro. Podemos alugar um escritório pequeno por quinhentos por mês, telefone etc., mais quinhentos. Podemos comprar alguns móveis, nada especial. Operamos durante cinco meses, com muita economia, para ver o que acontece. Eu arranjo os casos, você se encarrega do tribunal, e dividimos os lucros igualmente. Tudo meio a meio — despesas, honorários, lucros, trabalho, horas.

Estou de mãos atadas, mas pensando depressa.

— E o que me diz de uma secretária?

— Não precisamos — diz ele, rapidamente. Deck passou algum tempo pensando nisso. — Pelo menos, não no começo. Podemos atender o telefone e usar uma secretária eletrônica. Sei datilografar. Você também. Depois de ganharmos algum dinheiro, procuramos uma secretária.

— Em quanto você calcula as despesas gerais para manter o escritório?

— Menos de dois mil. Aluguel, telefone, utilidades, suprimentos, cópias, centenas de outras pequenas coisas. Mas, economizando, podemos operar sem gastar muito. Se reduzirmos as despesas, levaremos mais dinheiro para casa. É muito simples. — Ele me observa enquanto toma chá e depois se inclina para a frente outra vez. — Escute, Rudy: na minha opinião, acabamos de deixar vinte e dois mil dólares na mesa. Devíamos sair com todo o dinheiro, que

cobriria nossas despesas por um ano. Vamos montar o nosso espetáculo e ficar com todo o dinheiro.

É contra a ética um advogado fazer sociedade com um leigo. Estou quase dizendo isso, mas compreendo que é inútil. Deck pode pensar em uma dúzia de modos de resolver o caso.

— O aluguel me parece baixo — digo, só para dizer alguma coisa e também para ver o quanto ele já pesquisou.

Deck sorri, entrecerrando os olhos, os dentes de castor brilhando.

— Já descobri um lugar. Num prédio velho na Madison, em cima de uma loja de antiguidades. Quatro salas, banheiro, exatamente entre a cidade e o St. Peter.

A localização perfeita! O sonho de todos os advogados.

— É a pior parte da cidade — observo.

— Por que acha que o aluguel é tão barato?

— Está em bom estado?

— Serve. Temos que pintar.

— Eu sou um grande pintor.

Nossa salada chega, e levo à boca uma folha de alface inteira. Deck empurra a comida com o garfo, mas come pouco. Sua mente está a toda, agitada demais para se concentrar na comida.

— Eu tenho que me mudar, Rudy. Sei de coisas que não posso dizer, certo? Portanto, acredite em mim quando digo que Bruiser está prestes a levar um tombo. A sorte dele acabou. — Faz uma pausa e apanha uma noz com o garfo. — Se você não quiser ir comigo, vou falar com Nicklass esta tarde.

Nicklass é o único que resta depois da saída de Toxer e Ridge, e sei que Deck não gosta dele. Desconfio também que Deck está dizendo a verdade sobre Bruiser. Basta uma lida rápida nos jornais duas vezes por semana para saber que ele está com problemas sérios. Deck foi seu empregado mais fiel nos últimos anos, e o fato de estar pronto para sair me assusta.

Comemos devagar e em silêncio, ambos contemplando nossos próximos lances. Há quatro meses, a ideia de ser sócio de alguém como Deck seria absurda, até irrisória, mas aqui estou eu incapaz de inventar desculpas suficientes para evitar a sociedade.

— Você não quer ser meu sócio? — pergunta ele pateticamente.

— Só estou pensando, Deck. Dê-me um minuto. Você me pegou de surpresa.

— Desculpe. Mas precisamos resolver depressa.

— Quanto você sabe?

— O bastante para me condenar. Não pergunte mais nada.

— Dê-me algumas horas. Quero pensar no assunto.

— É justo. Amanhã vamos ao tribunal e podemos nos encontrar

mais cedo. No Trudy's. Podemos conversar no seu escritório. Você pensa e amanhã me diz o que resolveu.

— Combinado.

— Quantos casos você tem?

Penso por um segundo. Tenho uma alentada pasta do caso Black, outra, muito mais fina, de Miss Birdie, e um caso sem valor de indenização por acidente de trabalho que Bruiser deixou na minha mesa na semana passada.

— Três.

— Tire do seu escritório. Leve para casa.

— Agora?

— Agora. Esta tarde. E qualquer outra coisa que queira do escritório, é melhor tirar logo. Mas não deixe que ninguém veja, certo?

— Estão nos vigiando?

Ele olha nervoso para os lados e depois diz que sim com um leve movimento da cabeça, girando os olhos atrás das lentes grossas.

— Quem?

— Os federais, eu acho. O escritório está sob vigilância.

A observação casual de Bruiser de que talvez me deixe fazer parte da defesa da nossa causa na audiência do caso Black me impede de dormir grande parte da noite. Não sei se foi o blefe habitual do mentor inteligente, mas isso me preocupa mais do que a ideia de ser sócio de Deck.

Ainda está escuro quando chego ao Trudy's. Sou o primeiro freguês. O café está sendo feito, e as rosquinhas estão quentes. Converso com Trudy por um momento, mas ela tem muito que fazer.

Eu também. Ignoro os jornais e começo a ler minhas anotações. De vez em quando olho pela janela para o estacionamento vazio, tentando enxergar agentes federais em automóveis comuns, fumando cigarros sem filtro, tomando café amanhecido, como nos filmes. Às vezes Deck é perfeitamente digno de crédito, mas outras vezes é tão louco quanto parece.

Ele também chega cedo. Apanha o café alguns minutos antes das sete e senta na cadeira de frente para mim. Trudy's está agora com a metade das mesas ocupadas.

— Então? — São suas primeiras palavras.

— Vamos tentar por um ano — digo.

Resolvi que faremos um contrato por apenas um ano, incluindo um aviso prévio de trinta dias no caso de um dos dois não estar satisfeito.

Os dentes brilhantes aparecem imediatamente, e Deck não pode disfarçar o entusiasmo. Estende a mão sobre a mesa. E um grande momento para Deck. Eu gostaria de sentir o mesmo.

Resolvi também que vou tentar contê-lo, fazer com que se envergonhe de correr para todos os desastres. Trabalhando duro e servindo a nossos clientes, podemos viver bem e crescer. Vou encorajar Deck a estudar para o exame final, tirar a licença a abordar a profissão com mais respeito. É claro que isso deve ser feito gradualmente.

Não sou ingênuo. Esperar que Deck fique longe dos hospitais é tão absurdo quanto querer que um viciado em bebida fique longe dos bares. Mas pelo menos vou tentar.

— Tirou seus arquivos do escritório? — murmura ele, olhando para os dois caminhoneiros que acabam de entrar.

— Tirei. E você?

— Há uma semana estou tirando tudo às escondidas. Prefiro não ouvir nada mais sobre o assunto. Tento fala sobre a audiência do

caso Black, mas Deck insiste em voltar para a nossa aventura. Às oito horas vamos para nossos escritórios, Deck observando cada carro no estacionamento como se estivessem cheios de homens do governo.

Às oito e quinze Bruiser ainda não chegou. Deck e eu estamos estudando os pontos dos documentos de Drummond. Aqui, com as paredes e os telefones grampeados, só falamos sobre direito.

Oito e meia, e nem sinal de Bruiser. Ele fez questão de dizer que estaria aqui às oito para uma revisão do caso. O tribunal do juiz Hale fica no tribunal de Shelby County, centro da cidade, a vinte minutos do escritório no tráfego sempre imprevisível. Deck, relutante, telefona para o condomínio de Bruiser. Ninguém atende. Dru disse que o esperava às oito. Ela tenta o telefone do carro, ninguém atende. Talvez ele vá nos encontrar no tribunal, diz ela.

Com os papéis na minha pasta, saímos do escritório às quinze para as nove. Deck diz que conhece o caminho mais curto, e por isso ele dirige, enquanto transpiro. Minhas mãos estão úmidas, minha garganta, seca. Se Bruiser me der o bolo nesta audiência, nunca o perdoarei. Na verdade, vou odiá-lo para sempre.

— Relaxe — diz Deck, curvado sobre a direção, costurando entre os carros e avançando sinais. Até Deck pode olhar para mim e ver os sinais do medo. — Tenho certeza de que Bruiser vai estar lá — diz, sem a menor convicção. — E se não estiver, você vai se sair muito bem. É só uma moção. Quer dizer, sem júri, você sabe.

— Cale a boca e dirija, Deck, está bem? E trate de não nos matar.

— Tão sensível, tão sensível.

Estamos no centro da cidade, no meio do tráfego, e olho com horror para meu relógio. São nove horas em ponto. Deck obriga dois pedestres a sair da calçada e entra num estacionamento minúsculo.

— Está vendo aquela porta? — Ele aponta para o canto do prédio do tribunal de Shelby County, uma estrutura maciça que ocupa uma quadra inteira.

— Estou.

— Entre por ela, suba um lance de escada, o tribunal fica na terceira porta à direita.

— Acha que Bruiser está lá? — pergunto com voz sumida.

— Claro — mente. Pisa no freio, encosta no meio-fio e eu salto, quase caindo. — vou estacionar e subo já — grita.

Subo os degraus de concreto, passo pela porta indicada, um lance de escada, e então, de repente, estou no corredor do tribunal de justiça.

O tribunal de Shelby County é antigo, majestoso e

maravilhosamente conservado. O chão e as paredes são de mármore, as portas duplas são de mogno polido. O corredor é largo, escuro, quieto e com bancos de madeira encimados por retratos de juristas famosos.

Diminuo o passo, e paro na sala do tribunal do excelentíssimo Harvey Hale, Circunscrição Judiciária, Divisão Oito, de acordo com uma placa de bronze ao lado das portas.

Não há sinal de Bruiser no lado de fora, e, ao abrir a porta devagar e olhar para dentro, a primeira coisa que não vejo é a figura avantajada que espero ver. Bruiser não está lá.

Mas a sala não está vazia. Olho para a passagem central com carpete vermelho, as filas de bancos polidos e almofadados, o portão baixo de vaivém, e vejo as pessoas à minha espera. Lá em cima, com o manto negro, na enorme cadeira de couro vinho, olhando carrancudo para mim, está um homem de aparência desagradável que suponho ser o juiz Harvey Hale. O relógio na parede, atrás dele, marca nove horas e vinte minutos. Uma das suas mãos está sob o queixo, a outra tamborila impaciente na mesa.

À minha esquerda, além da grade baixa que separa os assistentes da seção do tribunal, do banco dos jurados e das mesas dos advogados, vejo um grupo de homens, todos esticando o pescoço para me ver. São espantosamente iguais — cabelo curto, temos escuros, camisas brancas, gravatas listradas, rostos severos, sorrisos desdenhosos.

A sala está em silêncio. Sinto-me como um intruso. Até a estenógrafa do tribunal e o meirinho parecem ter a mesma atitude.

Com pés pesados e joelhos fracos, caminho sem nenhuma segurança para o portão de vaivém. Minha garganta está ressequida. As palavras, secas e fracas.

— Com licença, senhor, estou aqui para a audiência do caso Black.

A expressão do juiz não muda. Os dedos continuam batendo na mesa.

— E quem é o senhor?

— Bem, meu nome é Rudy Baylor. Trabalho para Bruiser Stone.

— Onde está Mr. Stone? — pergunta ele.

— Não tenho certeza. Ele devia me encontrar aqui.

Noto uma agitação discreta à minha esquerda, no grupo de advogados, mas não olho para eles. O juiz Hale para de bater com os dedos na mesa, tira o queixo da mão e balança a cabeça, aborrecido.

— Por que será que isso não me surpreende? — pergunta ao microfone.

Uma vez que Deck e eu estamos para cair fora, estou resolvido a

levar comigo o caso Black. É meu! Ninguém mais pode ficar com ele. Neste momento, o juiz Hale não pode saber que sou eu o advogado encarregado do caso, e não Bruiser. Assustado como estou, decido que este é o momento para me estabelecer no caso.

— Suponho que querem um adiamento — diz ele.

— Não, senhor, estou preparado para refutar a moção — digo com a maior firmeza possível. Passo pelo portão e ponho a pasta na mesa à minha direita.

— É advogado? — quer saber ele.

— Bem, acabo de passar no exame final da Ordem.

— Mas ainda não recebeu a licença?

Não sei por que isso não me ocorreu antes. Acho que meu orgulho foi tanto, que a ideia me escapou. Além disso, era Bruiser quem deveria falar hoje, e eu, talvez ocasionalmente, iria dar um aparte, para praticar.

— Não, senhor. Faremos o juramento na próxima semana.

Um dos meus inimigos pigarreia ruidosamente para chamar a atenção do juiz. Volto-me e vejo um cavalheiro distinto de terno azul-marinho levantando-se teatralmente da cadeira.

— Com a permissão da corte — diz ele, como já disse um milhão de vezes. — Para os autos, meu nome é Leo F. Drummond, de Tinley Britt, advogado da Great Benefit Seguros de Vida — diz isso sobriamente, na direção do seu velho amigo e colega de Yale. A estenógrafa, encarregada das anotações nos autos, voltou a lizar as unhas. — E nós fazemos objeção a esse jovem tratar deste caso. — Estende o braço dramaticamente na minha direção. Suas palavras são lentas e pesadas. Sinto que já o odeio. — Ora, ele nem tem a licença.

Eu o odeio por seu tom condescendente, por essa tola discriminação. Isto é só uma moção, não um julgamento.

— Meritíssimo, terei minha licença na próxima semana. — Minha fúria ajuda positivamente minha voz.

— Isso não é suficiente, meritíssimo — afirma Drummond, os braços abertos, como se estivesse falando de uma ideia ridícula. Quanto atrevimento!

— Eu passei no exame, meritíssimo.

— Grande coisa — diz Drummond, agressivamente. Olho para ele. Ele está de pé entre quatro pessoas, três das quais sentadas à mesa com blocos de notas na frente. A quarta está atrás deles. Estou recebendo um olhar de fúria coletivo.

— É uma grande coisa, Mr. Drummond. Pergunte a Shell Boykin — digo.

O rosto de Drummond enrijece e é como se ele recuasse um passo. Na verdade, o recuo é geral na mesa da defesa.

É um golpe baixo, mas por algum motivo não posso evitar. Shell Boykin é um dos dois estudantes da nossa classe privilegiados o bastante para serem contratados por Trent Brent. Nós nos desprezamos mutuamente durante três anos e fizemos o exame juntos no mês passado. Seu nome não estava na lista do jornal no último domingo. Tenho certeza de que é um tanto embaraçoso para a grande firma o fato de um dos seus brilhantes e jovens recrutas ter sido reprovado.

Drummond fecha a carranca, e eu respondo com um sorriso. Nos poucos segundos em que nos entreolhamos, aprendo uma lição extremamente valiosa. Ele é apenas um homem. Pode ser um advogado lendário com uma porção de vitórias, mas não passa de um homem a mais. Não vai avançar para mim e me esbofetear, e nenhum dos seus asseclas pode fazer isso.

Os tribunais são planos de um lado ao outro. Minha mesa é tão grande quanto a dele.

— Sentem-se! — ruge o juiz ao microfone. — Os dois. — Puxo a cadeira e sento. — Uma pergunta, Mr. Baylor. Quem vai defender este caso em nome da sua firma?

— Eu, meritíssimo.

— E Mr. Stone?

— Não sei dizer. Mas este caso é meu, e estes são clientes meus. Mr. Stone deu entrada nele para mim, até eu passar no exame.

— Muito bem. Vamos prosseguir. Para os autos — diz, olhando para a estenógrafa, que ia está trabalhando na sua máquina. — Esta é a moção do acusado para anulação do processo; portanto, Mr. Drummond fala em primeiro lugar. Concederei quinze minutos para cada lado expor sua argumentação; depois farei a deliberação. Não quero passar a manhã inteira aqui. Estão todos de acordo?

Todos fazem que sim com a cabeça. A mesa da defesa parece um bando de patos num estande de tiro ao alvo, na feira de diversões, todas as cabeças balançando juntas. Leo Drummond caminha lentamente para o estrado portátil no centro da sala e começa seu argumento. Ele é lento e meticoloso e, depois de alguns minutos, monótono. Está fazendo o sumário dos pontos principais, já expostos no seu extenso documento, sendo que o resumo consiste em afirmar que a Great Benefit está sendo processada injustamente porque a apólice não cobre transplantes de medula. Vem então a afirmação de que Donny Ray não tem direito ao seguro por ser maior e não mais um membro da família.

Francamente, eu esperava mais. Pensei que ia ver algo quase mágico do grande Leo Drummond. Dois dias atrás, eu me surpreendi esperando ansiosamente a primeira escaramuça. Queria ver a luta notável entre Drummond, o advogado circunspecto, e

Bruiser, o desordeiro do tribunal.

Mas, se eu não estivesse tão nervoso, já estaria dormindo. Ele ultrapassa os quinze minutos sem uma pausa. O juiz Hale está olhando para baixo, lendo alguma coisa, provavelmente uma revista. Vinte minutos. Deck me disse que Drummond cobra duzentos e cinquenta dólares por hora de trabalho no escritório, trezentos e cinquenta no tribunal. Está muito abaixo dos padrões de Nova York e Washington, mas é muito alto para Memphis. Ele tem uma boa razão para falar pausadamente e se repetir. Vale a pena ser minucioso, até tedioso, quando seu tempo significa tanto dinheiro.

Seus três assistentes escrevem furiosamente nos blocos de notas, evidentemente tentando gravar tudo o que o líder diz. É quase cômico, e em circunstâncias mais favoráveis eu estaria rindo. Primeiro, fizeram a pesquisa, depois redigiram o documento, em seguida reescreveram várias vezes, para então responderem à minha refutação. Agora, estão escrevendo os argumentos de Drummond, tirados diretamente dessas peças processuais. Mas estão sendo pagos para isso. Deck calcula que Tinley Britt paga aos seus contratados cerca de cento e cinquenta para o trabalho no escritório e provavelmente um pouco mais no tribunal. Se Deck estiver certo, aqueles três jovens clones estão escrevendo coisas desnecessárias a duzentos dólares por hora cada um. Seiscentos dólares. Mais trezentos e cinquenta para Drummond. Quase mil dólares por hora para isso que estou vendo.

O quarto homem, que está sentado atrás deles, é mais velho, mais ou menos da mesma idade de Drummond. Não está tomando notas; portanto, não deve ser advogado. Provavelmente representa a Great Benefit, talvez seja um dos advogados que trabalham na companhia.

Esqueço de Deck, até ele bater no meu ombro com um bloco de notas. Está atrás de mim, com o braço estendido sobre a cerca baixa. Ele quer se corresponder comigo. No bloco está escrito: “Este cara é chato à beca. Trate de seguir sua exposição escrita. Fale menos de dez minutos. Nenhum sinal de Bruiser?”

Balanço a cabeça sem me voltar. Como se Bruiser pudesse estar na sala sem ser visto.

Depois de trinta e um minutos, Drummond encerra seu monólogo, com os óculos de leitura na ponta do nariz. É o professor dando aula. Volta para a mesa com passo arrogante, imensamente satisfeito com sua lógica brilhante e seu espantoso poder de exposição sumária dos fatos. Seus clones balançam as cabeças em conjunto e murmuram rápidos tributos à sua brilhante exposição. Que bando de bajuladores! Não admira que seu ego esteja deformado.

Ponho meu bloco de notas no suporte do estrado móvel e olho para o juiz Hale, que neste momento parece muito interessado no que vou dizer. Estou morrendo de medo, mas tenho de ir em frente.

Este é um processo simples. A recusa da Great Benefit roubou do meu cliente o único tratamento que podia salvar sua vida. Esse ato da companhia vai matar Donny Black. Nós estamos certos, e a companhia está errada. A imagem do seu rosto encovado e de seu corpo murcho e fraco me dá forças e me deixa furioso.

Os advogados da Great Benefit vão receber toneladas de dinheiro para confundir e disfarçar os fatos, esperando enganar o juiz e mais tarde o júri com pistas falsas. É o seu trabalho. Por isso Drummond falou durante trinta e um minutos sem dizer nada.

Minha versão dos fatos e da lei será sempre mais breve. Meus documentos e argumentos serão claros e diretos. Sem dúvida alguém vai reconhecer isso.

Começo nervosamente com alguns pontos básicos sobre as moções para indeferimento de processos em geral, e o juiz Hale olha incrédulo para mim como se eu fosse o maior idiota que ele já ouviu. Sua expressão é de ceticismo, mas pelo menos fica calado. Tento evitar seus olhos.

As moções para anulação raramente são concedidas nos casos em que há disputa clara entre as partes. Eu posso ser nervoso e desajeitado, mas tenho certeza de que venceremos.

Falo seguindo minhas notas, sem dizer nada de novo, e logo o meritíssimo está tão entediado quanto estava com Drummond, e volta à sua leitura. Quando termino, Drummond pede cinco minutos para refutar minhas palavras, e seu amigo o convida com um gesto para subir no pequeno estrado.

Drummond divaga por mais onze minutos preciosos e muito valiosos, esclarece todas as próprias dúvidas, mas de modo a nos deixar a todos completamente no escuro, e depois volta a sentar.

— Eu gostaria de ver os advogados na minha sala — diz Hale, levantando-se rapidamente e desaparecendo pela porta atrás da sua cadeira. Como não sei onde fica a sala do juiz, levanto-me e espero que Mr. Drummond me indique o caminho. Ele é cortês quando nos encontramos no centro da sala, chega a passar o braço sobre meus ombros e diz que fiz um trabalho magnífico.

O juiz já estava sem o manto quando entramos no seu escritório. Está de pé, atrás da mesa, indicando duas cadeiras.

— Por favor, entrem. Sentem-se.

A sala é escura e discreta. Cortinas pesadas fechadas, carpete cor de vinho, fileiras de livros grossos nas estantes, do chão ao teto.

Sentamos. O juiz medita. Depois diz:

— Este processo me preocupa, Mr. Baylor. Eu não usaria a

palavra frívolo, mas, para ser franco, não vejo nenhum mérito no mesmo. Na verdade, estou farto desse tipo de processo.

Faz uma pausa, olha para mim como esperando uma resposta. Mas não sei o que dizer.

— Estou inclinado a deferir a moção para anulação — diz ele, abrindo uma gaveta, de onde tira vários vidros de comprimidos e os enfileira sobre a mesa. para por um momento e olha para mim. — Talvez você possa reapresentar o processo na corte federal, sabe disso. Leve para outro lugar, não o quero na minha agenda. — Conta os comprimidos, pelo menos doze, de quatro recipientes de plástico. — com licença, preciso ir ao banheiro — diz ele, e se dirige para uma pequena porta à direita. Entra e gira a chave.

Fico imóvel, atônito, olhando para os vidros de comprimidos, esperando que ele morra engasgado no banheiro. Drummond não disse uma palavra, mas, como que aproveitando a deixa, levanta-se e descansa o traseiro numa ponta da mesa do juiz, olha para baixo, para mim, todo sorrisos e boa vontade.

— Escute, Rudy. Sou um advogado muito caro, de uma firma muito cara — diz, em voz baixa e segura, como se estivesse divulgando uma informação secreta. — Quando aceitamos um caso como este, primeiro fazemos nossas contas e projetamos o custo da defesa. Apresentamos essa estimativa ao nosso cliente, isso antes de levantarmos um dedo. Já defendi uma porção de casos e posso acertar muito perto do centro do alvo. — Muda de posição na mesa, preparando-se para o golpe final. — Eu disse à Great Benefit que a defesa deste caso, com julgamento e tudo o mais, iria custar de cinquenta a setenta e cinco mil dólares.

Espera que eu demonstre espanto, mas apenas olho para sua gravata. Ouço a descarga da privada no outro lado da porta.

— Assim, a Great Benefit me autorizou a oferecer a você e a seus clientes setenta e cinco mil dólares para encerrar o caso.

Solto pesadamente o ar dos pulmões. Uma dezena de pensamentos loucos passam por minha mente, o maior deles a figura de setenta e cinco mil dólares. Meus honorários! Posso ver claramente.

Espera um pouco. Se seu amigo Harvey aqui está prestes a anular o caso, por que está me oferecendo esse dinheiro?

E então compreendo — a rotina do policial malvado/policial bonzinho. Harvey abaixa o machado e me deixa morto de medo, e depois Leo entra em cena com as luvas de pelica. Imagino quantas vezes eles já representaram essa cena nesse mesmo escritório.

— Sem admissão de obrigação, você compreende — diz ele. — É uma oferta única, que só vale para as próximas quarenta e oito horas. É aceitar ou largar agora, enquanto está na mesa. Se você

disser não, então teremos a Terceira Guerra Mundial.

— Mas por quê?

— Uma simples questão de economia. A Great Benefit economiza algum dinheiro, sem correr o risco de um veredicto maluco. Ela não gosta de ser processada, compreende? Seus executivos não gostam de perder tempo com depoimentos e comparecimento no tribunal. São um grupo muito discreto. Gostam de evitar esse tipo de publicidade. Seguro é um negócio de competição selvagem, e não querem que seus competidores saibam do processo. São muitas as razões para que prefiram resolver tudo com discrição. São muitas as razões para seu cliente aceitar o dinheiro e ir embora. A maior parte é isenta de imposto, você sabe.

Ele é persuasivo. Eu podia citar os méritos do caso e dizer o quanto seu cliente é podre, mas ele só ia sorrir e concordar comigo. Chover no molhado. Neste momento, Leo Drummond quer que eu aceite o dinheiro, e, se eu disser coisas desagradáveis contra sua mulher, ele vai continuar impassível.

A porta se abre, e o meritíssimo sai do seu pequeno banheiro particular. Agora é Leo quem precisa descarregar a bexiga e pede licença. O jogo está feito. O dueto fez sua parte.

— Pressão alta — diz Hale, como se falasse sozinho. Senta e recolhe os vidros.

Não o bastante, tenho vontade de dizer.

— Infelizmente esse processo não é grande coisa, menino. Talvez eu possa convencer Leo a fazer uma oferta para um acordo. É parte do meu trabalho, você sabe. Outros juízes agem de modo diferente, mas não eu. Gosto de me envolver num acordo desde o começo. Dar andamento às coisas. Esses rapazes talvez ofereçam algum dinheiro a você só para não pagar mil dólares por minuto ao Leo. — Ri como se fosse uma ótima piada. Fica muito vermelho e tosse.

Quase posso ver Leo no banheiro, com o ouvido grudado na porta. Não me surpreenderia se eles tivessem um microfone aqui.

Fico olhando enquanto ele tosse até ficar com os olhos cheios d'água. Quando passa o acesso, eu digo:

— Ele acaba de me oferecer o preço da defesa. Hale é um péssimo ator. Tenta parecer surpreso.

— Quanto?

— Setenta e cinco mil. O juiz abre a boca.

— Nossa! Escute, filho, você é louco se não aceitar.

— Acha mesmo? — pergunto, entrando no jogo.

— Setenta e cinco. Nossa, é um bocado de dinheiro. Nem parece coisa do Leo.

— Ele é um grande cara.

— Aceite o dinheiro, filho. Estou fazendo isto há muito tempo, e

deve ouvir o que eu digo.

A porta se abre, e Leo volta à nossa companhia. O meritíssimo olha fixamente para Leo e diz:

— Setenta e cinco mil! — como se o dinheiro fosse sair do orçamento do escritório de Hale.

— Foi o que meu cliente disse — explica Leo. Suas mãos estão atadas. Ele não pode fazer nada.

Eles dão o saque e devolvem a bola por mais alguns minutos. Não estou pensando racionalmente e por isso fico calado. Saio da sala com o braço de Leo nos meus ombros.

Deck está no corredor, falando ao telefone, e eu sento num banco e procuro me controlar. Eles estavam esperando Bruiser. Teriam representado a peça para ele também? Não, não acredito. Como planejaram a cilada para mim em tão pouco tempo? Provavelmente tinham outro esquema para ele.

De duas coisas estou convencido. Primeira: Hale fala sério a respeito de indeferir o processo. Ele é um homem velho e doente que está na magistratura há muito tempo e é imune à pressão. Pouco se importa se está certo ou errado. E deve ser muito difícil dar entrada no processo em outro tribunal. O processo está com um sério problema. Segunda: Drummond está muito ansioso para fazer um acordo. Está assustado porque seu cliente foi apanhado em flagrante praticando um ato extremamente reprovável.



Deck deu onze telefonemas nos últimos vinte minutos, e nem sinal de Bruiser. De volta ao escritório, conto a cena bizarra no escritório de Hale. Deck, o artista da rápida mudança de atitude, quer aceitar o dinheiro e sair correndo. Diz, com bastante lógica, que nenhum dinheiro pode salvar a vida de Donny Ray; portanto, devemos agarrar o que for possível e facilitar um pouco as coisas para Buddy e Dot.

Deck afirma que já ouviu muitas histórias sórdidas de processos julgados fraudulentamente no tribunal de Hale. Para um juiz em exercício, ele é muito franco no seu apoio à reforma da lei. Detesta queixosos. Deck repete várias vezes. Seria difícil um julgamento justo. Vamos pegar o dinheiro e dar no pé, diz Deck.



Dru está chorando no saguão. Está histérica porque todo o mundo está procurando Bruiser. O rimei derretido desce pelo seu rosto, e ela pragueja e chora. Bruiser não costuma fazer isso, repete ela sem cessar. Aconteceu alguma coisa muito séria.

Como fora da lei que é, Bruiser anda com gente perigosa e de atividades duvidosas. Não será surpresa para mim se encontrarem seu corpo gordo na mala de um carro no aeroporto, e Deck também pensa assim. Os bandidos estão atrás dele.

Também estou. Telefono para o Yogi's para falar com Prince. Ele tem de saber onde Bruiser está. Falo com Billy, o gerente, um cara que conheço bem, e depois de alguns minutos fico sabendo que Prince também está desaparecido. Já telefonaram para toda parte, inutilmente. Billy está preocupado e nervoso. Os federais acabam de sair do Yogi's. O que está acontecendo?

Deck vai de escritório em escritório reunindo a tropa. Vamos todos para a sala de conferências — eu, Deck, Toxer e Ridge, quatro secretárias e dois caras que nunca vi antes. Nicklass, o outro advogado, está fora da cidade. Todos comparam notas dos seus últimos encontros com Bruiser. Alguma coisa suspeita? O que ele tinha de fazer hoje? com quem ia se encontrar? Quem foi o último a falar com ele? O choro constante de Dru não contribui em nada para aliviar a atmosfera de pânico e confusão.

Saímos da sala, cada um vai para seu escritório e tranca a porta. Deck, é claro, vem comigo. Falamos por algum tempo, com cuidado para não dizer qualquer coisa que não queiramos ouvida, para o caso de o escritório estar realmente grampeado. Às onze e meia, saímos pela porta dos fundos e vamos almoçar.

Nunca mais entraremos naquele prédio.

Acho que jamais vou ter certeza se Deck sabia realmente o que estava para acontecer ou se ele foi apenas espantosamente profético. Deck é uma pessoa pouco complicada com várias camadas, e a maior parte dos seus pensamentos está muito perto da superfície. Mas há um grau definido de estranheza, independente da sua aparência, enovelado dentro dela e que tende para tudo o que é secreto. Desconfio que seu relacionamento com Bruiser fosse muito mais próximo do que todos pensávamos, que a divisão do dinheiro do caso Van Landel foi resultado da influência de Deck e que Bruiser estava nos dando um aviso discreto da sua queda.

Seja como for, meu telefone toca às 3:20 da madrugada. Não é grande surpresa para mim. É Deck com a notícia dupla de que os federais invadiram nossos escritórios logo depois da meia-noite e de que Bruiser tinha saído da cidade. Há mais. Nossos antigos escritórios estão agora fechados por ordem do juiz, e os federais provavelmente vão querer falar com todos que trabalhavam lá. E, o mais surpreendente, Prince Thomas parece ter desaparecido com seu advogado e amigo.

Imagine, Deck rindo nervosamente ao telefone, aqueles dois suínos de cabelos grisalhos compridos, de barba, tentando passar incógnitos pelos aeroportos.

Provavelmente serão entregues as ultimações depois de o sol nascer. Deck sugere um encontro no nosso novo escritório mais ou menos ao meio-dia, e, como não tenho nenhum outro lugar para ir, concordo.

Olho para o teto escuro durante meia hora; depois desisto. Descalço, atravesso a grama molhada e me deito na rede. Um tipo como Prince provoca toda espécie de comentários. Ele adorava pagamento em dinheiro, e no meu primeiro dia no Yogi's uma garçonete me disse que oitenta por cento desse dinheiro não eram declarados. Os empregados adoravam fofocar e calcular o dinheiro da caixa dois de Prince.

Prince tinha outros empreendimentos. Há dois anos, uma testemunha num julgamento de um caso de malversação de fundos declarou que noventa por cento da renda das casas particulares de topless eram em dinheiro vivo e que sessenta por cento desse dinheiro jamais foram declarados. Se Bruiser e Prince na realidade eram donos de um ou mais desses clubes, então tinham uma mina de ouro.

Diziam que Prince tinha uma casa no México, uma amante negra

na Jamaica, uma fazenda na Argentina, e outras histórias que nem lembro mais. No seu escritório havia uma porta misteriosa atrás da qual supostamente ficava uma sala repleta de caixas com notas de vinte e cem dólares.

Se ele está fugindo, espero que esteja a salvo. Espero que tenha escapado com grandes somas do seu precioso dinheiro, e que nunca seja apanhado. Não me importa o que dizem que ele fez de errado — Prince é meu amigo.



Dot me faz sentar à mesa da cozinha, na mesma cadeira, e serve café instantâneo na mesma xícara. É cedo, e o cheiro de gordura de bacon paira denso na cozinha. Buddy está lá fora, diz ela, apontando com os dois braços. Eu não olho.

Donny Ray está decaindo rapidamente, diz ela; há dois dias não sai da cama.

— Ontem fomos ao tribunal pela primeira vez — explico.

— Já?

— Não foi um julgamento ou coisa assim. Só uma moção preliminar. A companhia de seguros está tentando anular o caso, e vamos ter de brigar muito. — Procuro falar de modo simples, mas não sei se ela compreende. Olha pela janela suja para o quintal, mas certamente não para o Fairlane. Dot parece não se importar.

De certo modo, isso é tranquilizador. Se o juiz Hale fizer o que eu acho que vai fazer e se não conseguirmos apresentar o processo em outro tribunal, o caso estará encerrado. Talvez toda a família desista. Talvez não se zangue comigo quando o processo for anulado.

Quando estava indo para lá, resolvi não mencionar o juiz Hale e suas ameaças. Só podia complicar nossa conversa. Teremos muito tempo para tratar disso mais tarde, quando não tivermos nada mais para conversar.

— A companhia de seguros fez uma oferta para entrar em acordo.

— Que tipo de oferta?

— Dinheiro.

— Quanto?

— Setenta e cinco mil dólares. Ela calcula que é quanto vai ter de pagar aos advogados para defender o caso; por isso oferece essa

quantia para resolver tudo.

Dá para ver o fluxo de sangue no rosto dela, a tensão dos músculos da face.

— Os filhos da mãe pensam que podem nos comprar agora, certo?

— Sim, é o que eu acho.

— Donny Ray não precisa de dinheiro. Ele precisava de um transplante de medula no ano passado. Agora é tarde demais.

— Concordo.

Ela apanha na mesa o maço de cigarros e acende um. Seus olhos estão úmidos. Eu estava errado. Essa mãe não desiste. Ela quer sangue.

— Exatamente o que eles pensam que vamos fazer com setenta e cinco mil dólares? Donny Ray estará morto, e seremos só ele e eu.

— Aponta na direção do Fairlane com um movimento da cabeça. — Aqueles filhos da mãe — diz.

— Concordo.

— Aposto que você disse que vamos aceitar, não disse?

— É claro que não. Não posso aceitar qualquer acordo sem sua aprovação. Temos até amanhã de manhã para resolver.

Lembro-me outra vez da possibilidade de anulação do processo. Temos o direito de apelar contra qualquer decisão adversa do juiz Hale. Pode levar um ano mais ou menos, mas teremos uma chance de lutar. Também não quero falar nisso agora.

Ficamos em silêncio por um longo tempo, ambos contentes por poder pensar e esperar. Tento ordenar meus pensamentos. Só Deus sabe o que está girando na cabeça dela. Pobre mulher.

Ela apaga o cigarro no cinzeiro e diz:

— Acho melhor falarmos com Donny Ray. Passamos pela sala escura e entramos no corredor. A porta de Donny Ray está fechada com um aviso de NÃO FUMAR. Ela bate de leve e entra. O quarto está arrumado e limpo, com cheiro de desinfetante. Um ventilador gira a um canto. A janela com tela está aberta. Uma televisão está num plano elevado ao pé da cama, e ao lado, perto do travesseiro, há uma pequena mesa cheia de vidros de medicamentos líquidos e comprimidos.

Donny Ray está deitado, rígido como uma tábua, com um lençol dobrado debaixo do corpo frágil. Abre um largo sorriso quando me vê e bate na cama com a mão aberta. Sento no lugar indicado. Dot fica de pé ao lado.

Ele tenta continuar a sorrir, procurando me convencer de que está ótimo, de que tudo está melhor hoje. Só um pouco cansado, nada mais. A voz é baixa e tensa, as palavras às vezes quase inaudíveis. Ouve atentamente minha narração do que aconteceu no

tribunal ontem, e explico a oferta para um acordo. Dot segura a mão direita dele.

— Estarão dispostos a oferecer mais? — pergunta ele. Ontem, no almoço, Deck e eu debatemos por uma hora essa possibilidade. A Great Benefit deu um salto notável de zero para setenta e cinco mil. Achamos que pode ir até cem mil, mas não ousei ser tão otimista com meus clientes.

— Duvido — digo. — Mas podemos tentar. Tudo o que podem dizer é não.

— Quanto você vai receber? — pergunta ele.

Explico as condições do contrato, como o meu terço é calculado do total.

Ele olha para a mãe e diz:

— Isso significa cinquenta mil para você e papai.

— O que vamos fazer com cinquenta mil dólares?

— Pagar a casa. Comprar um carro novo. Investir um pouco para a velhice.

— Não quero o maldito dinheiro deles.

Donny Ray fecha os olhos e tira um cochilo. Olho para os medicamentos sobre a mesinha. Ele acorda, toca o meu braço, tenta apertar e diz:

— Você quer fazer o acordo, Rudy? Uma parte do dinheiro lhe pertence.

— Não. Eu não quero fazer o acordo — digo com convicção. Olho para ele, depois para ela. Ambos estão atentos. — Eles não ofereceriam esse dinheiro se não estivessem preocupados. Eu quero expor essa gente.

O dever do advogado é dar ao cliente o melhor conselho possível, independente da sua situação financeira. Não tenho dúvidas de que poderia convencer os Black a aceitar a proposta. Com pouco esforço, poderia dizer que o juiz Hale está para puxar o tapete sob nossos pés, que o dinheiro agora está na mesa, mas não vai ficar ali para sempre. Poderia descrever um caso tão sombrio, que essa gente que já sofreu tanto acreditaria facilmente.

Seria fácil. E eu ficaria com vinte e cinco mil dólares, honorários que neste momento nem posso compreender. Mas resisti à tentação. Lutei com ela esta manhã, na rede, e estou em paz comigo mesmo.

A esta altura não seria preciso muito para me afastar de vez da minha profissão. Meu próximo passo seria abandonar o direito antes de começar a vender meus clientes.

Deixo os dois no quarto de Donny Ray, esperando ardorosamente não ter de voltar amanhã com a notícia da anulação do caso.



Há pelo menos quatro hospitais à pouca distância do St. Peter. Há também uma faculdade de medicina, outra de odontologia e inúmeros consultórios médicos. A comunidade médica de Memphis sempre gravitou na área que compreende seis quadras entre a Union e a Madison. Na Madison há um prédio de oito andares, bem de frente para o St. Peter, conhecido como Edifício Peabody de Artes Médicas. Tem uma passagem que atravessa a Madison, um túnel elevado por onde os médicos vão dos consultórios ao hospital e vice-versa. O prédio só tem médicos, um dos quais é o Dr. Eric Craggdale, cirurgião ortopédico. Seu consultório fica no terceiro andar.

Ontem dei uma série de telefonemas anônimos para seu consultório e descobri o que precisava. Espero no saguão enorme do St. Peter, um nível acima da rua, vigiando o estacionamento do Edifício Peabody de Artes Médicas. Quando faltam vinte para as onze, vejo um Volkswagen Rabbit entrar da Madison e parar no estacionamento lotado. Kelly sai do carro.

Está sozinha, como eu esperava. Há uma hora telefonei para o lugar em que o marido trabalha, pedi para falar com Cliff e desliguei quando ele atendeu. Mal consigo ver a parte superior da cabeça de Kelly quando ela sai do carro com dificuldade. Com duas muletas, passa entre os carros estacionados, caminhando para o prédio.

Subo ao quarto andar pela escada rolante e atravesso por cima da Madison no tubo de vidro. Estou nervoso, mas sem pressa.

A sala de espera está cheia. Kelly está sentada com as costas para a parede, virando as páginas de uma revista, agora com um gesso próprio para andar. A cadeira à sua direita está vazia, e sento nela antes que Kelly perceba que sou eu.

Depois do choque inicial, ela me dá as boas-vindas com um sorriso e olha em volta nervosamente. Ninguém está olhando.

— Continue a ler a revista — murmuro, abrindo uma National Geographic. Ela levanta a Vogue quase à altura dos olhos e pergunta:

— O que está fazendo aqui?

— Estou com dor nas costas.

Ela balança a cabeça e olha em volta outra vez. A senhora ao

lado dela gostaria de olhar, mas está com um aparelho de gesso no pescoço. Não precisamos nos preocupar, não conhecemos uma alma nesta sala.

— Quem é seu médico? — pergunta ela.

— Craggdale.

— Muito engraçado.

Kelly Riker estava bonita no hospital, com a camisola simples, uma equimose no rosto e sem maquilagem. Agora, não posso tirar os olhos do seu rosto. Está com uma camisa social branca, de algodão, com uma sugestão de goma, do tipo que uma estudante pede emprestado ao namorado, e short caqui muito curto. O cabelo escuro, solto, chega aos ombros.

— Ele é bom? — pergunto.

— É só um médico.

— Você já se consultou com ele antes?

— Não comece, Rudy. Não vou falar sobre isso. Acho que você deve ir embora — diz com voz baixa, mas firme.

— Bem, se quer saber, tenho pensado nisso. Na verdade, passei muito tempo pensando em você e no que eu devia fazer. — Paro de falar quando um homem passa por nós numa cadeira de rodas.

— E então? — pergunta ela.

— Ainda não sei.

— Eu acho que deve ir embora.

— Não quer isso, realmente.

— Sim, quero.

— Não, não quer. Você quer que eu fique por perto, que mantenha contato, que telefone uma vez ou outra; assim, na próxima vez em que ele quebrar alguns de seus ossos, alguém vai se importar de verdade. É isso o que você quer.

— Não vai haver uma próxima vez.

— Por quê?

— Porque ele está diferente agora. Está tentando parar de beber. Prometeu nunca mais bater em mim.

— E você acredita?

— Acredito.

— Ele já prometeu antes.

— Por que você não vai embora? E não telefone, está bem? Só serve para piorar as coisas.

— Por quê? Por que piora as coisas?

Ela hesita por um segundo, abaixa a revista e olha para mim.

— Porque, à medida que o tempo passa, penso cada vez menos em você.

Certamente é bom saber que ela pensou em mim. Tiro do bolso o meu cartão com meu antigo endereço, agora confiscado por várias

agências do governo dos Estados Unidos. Escrevo meu telefone atrás e dou para ela.

— Combinado. Não vou telefonar mais. Se precisar de mim, esse é o telefone da minha casa. Se ele bater em você, eu quero saber.

Ela pega o cartão. Com um beijo rápido no rosto dela, levanto e saio da sala.



No sexto andar do mesmo prédio há uma grande clínica de oncologia. O Dr. Walter Kord é o médico clínico de Donny Ray, o que significa que a esta altura ele está fornecendo alguns comprimidos e outros medicamentos e esperando que morra. Kord recomendou o tratamento original de quimioterapia e fez os testes que determinaram a perfeita compatibilidade da medula de Ron Black para o transplante. Será uma testemunha de importância crucial no julgamento, se o caso chegar a isso.

Deixo uma carta de três páginas com a recepcionista. Eu gostaria de falar com ele quando fosse mais conveniente, de preferência sem pagar consulta. Via de regra, médicos detestam advogados e cobram muito caro qualquer tempo de conversa conosco. Mas Kord e eu estamos do mesmo lado e não tenho nada a perder tentando um diálogo aberto.



É com grande expectativa que caminho por esta rua nesta parte do bairro perigoso da cidade, sem dar atenção ao tráfego e tentando em vão enxergar os números desbotados pelo tempo acima das portas. Parece um lugar abandonado um dia, com razão, mas agora em processo de se refazer. Os prédios são todos de dois andares, com quase uma quadra de fundos, com paredes de tijolos e fachadas de vidro. A maior parte foi construída ao mesmo tempo, alguns têm passagens estreitas entre eles. Muitos estão ainda ocupados, um ou dois foram destruídos pelo fogo anos atrás. Passo por dois restaurantes, um com mesas na calçada sob um toldo, mas vazio,

um tintureiro, uma florista.

A loja de antiguidades Tesouros Enterrados fica na esquina, num prédio bastante limpo, com os tijolos pintados de cinza escuro e toldos vermelhos acima das janelas. Tem dois andares, e, quando olho para o segundo, penso ter encontrado meu novo lar.

Como não encontro outra porta, entro na loja de antiguidades. No pequeno hall de entrada, vejo uma escada com uma luz fraca no topo.

Deck me espera com um sorriso de orgulho. — O que você acha? — pergunta, feliz, antes que eu tenha tempo de ver alguma coisa. — Quatro salas, mais ou menos trezentos metros quadrados, mais banheiros. Nada mal. — Ele bate no meu ombro. Então salta para a frente, girando o corpo, de braços abertos. — Acho que aqui deve ficar a recepção, talvez com uma secretária, quando a contratarmos. Só precisa de uma demão de tinta. Todo o assoalho é de madeira de lei. — Bate com os pés, como se eu não pudesse ver o assoalho. — O pé direito é de três metros e meio. As paredes são de argamassa, fáceis de pintar. — com um aceno, convida-me a segui-lo. Passamos por uma porta para um pequeno corredor. — Uma sala de cada lado. Esta é a maior; portanto, acho que é a sua.

Entro no meu novo escritório e tenho uma agradável surpresa. Tenho mais ou menos 4,5 x 4,5, com uma janela que dá para a rua. Está vazio e limpo, com um belo assoalho.

— E aqui fica a terceira sala. Pensei que podíamos usar como sala de conferência. Vou trabalhar nela, mas não vou fazer bagunça. — Ele está se esforçando para me agradecer, e quase sinto pena. Relaxe, Deck, eu gosto do escritório. Bom trabalho.

— Ali fica o banheiro. Precisamos pintar e limpar, talvez chamar um encanador. — Volta para a sala da frente. — O que você acha?

— Vai servir, Deck. Quem é o dono?

— O vendedor de velharias aí embaixo. Um casal de velhos. A propósito, eles tem alguma coisa que pode nos servir, mesas, cadeiras, lâmpadas, até alguns arquivos velhos. É tudo barato, a aparência é boa, combina com nosso esquema de decoração. Além disso, podemos pagar aos poucos. Eles estão muito satisfeitos por ter alguém mais no prédio. Acho que já foram roubados algumas vezes.

— Isso é animador.

— É. Precisamos ter cuidado. — Entrega-me uma cartela de amostra de tintas da Sherwin-Williams. — Acho melhor ficarmos com algum tom de branco. Dá menos trabalho para aplicar e pesa menos no orçamento. A companhia telefônica vem amanhã. A eletricidade já está ligada. Veja isto. — Ao lado da janela, vejo uma mesa de jogo com alguns papéis e uma pequena TV em branco e

preto no centro.

Deck já esteve na tipografia e me entrega vários layouts do papel de carta da firma, com meu nome em letras grandes em cima e o nome dele num canto, como paralegal.

— Peguei isso na tipografia nesta mesma rua. Preço muito razoável. Levam dois dias para fazer. Eu diria quinhentas folhas e envelopes. Gosta de alguma?

— Vou examinar esta noite.

— Quando quer pintar?

— Bem, acho que nós...

— Acho que podemos fazer tudo trabalhando um dia inteiro, se for suficiente uma demão, você sabe. Compro as tintas e o resto do material esta tarde e posso começar. Amanhã você pode ajudar?

— Claro.

— Precisamos resolver algumas coisas. O que me diz de um fax? Compramos agora ou esperamos? O cara do telefone vem amanhã, está lembrado? E uma copiadora? Eu diria que não, não agora, podemos guardar nossos originais e uma vez por dia ir até a tipografia. Vamos precisar de uma secretária eletrônica. Uma de boa qualidade custa oitenta dólares. Eu me encarrego disso, se você quiser. E precisamos abrir uma conta no banco. Conheço o gerente de uma filial do First Trust. Ele disse que pode nos dar trinta cheques por mês, de graça, e dois por cento de juros sobre o dinheiro depositado. Acho que não vamos achar nada melhor. Precisamos encomendar os cheques porque vamos ter de pagar algumas contas, você sabe. — De repente ele consulta o relógio — Ei, quase esqueci.

Liga a televisão.

Há uma hora foram anunciados os pronunciamentos, uma centena, com diversas acusações contra Bruiser, Bennie “Prince” Thomas, Willis McSwane e outros.

O noticiário do meio-dia já começou, e a primeira coisa que vemos é uma transmissão ao vivo dos nossos escritórios. Agentes guardam a porta da frente, que no momento não está trancada. O repórter explica que os empregados da firma podem entrar e sair, mas não podem retirar nada. A imagem seguinte é da fachada do Vixens, um clube de topless também interditado pelos federais.

— O pronunciamento diz que Bruiser e Thomas estavam envolvidos em três clubes — diz Deck. O repórter confirma. Então, mostram algumas imagens do nosso antigo chefe, andando cabisbaixo no corredor do tribunal, quando de um julgamento antigo. Foram expedidas ordens de prisão, mas não há nem sinal do senhor Stone ou do senhor Thomas. O agente encarregado da investigação é entrevistado e é de opinião de que os dois

cavalheiros fugiram da cidade. Um vasto plano de busca está sendo executado.

— Foge, Bruiser, foge — diz Deck.

A história é bastante sensacional porque envolve loucos violadores da lei, um advogado bombástico, vários policiais de Memphis e o comércio do sexo. Mas tem um fator mais picante, devido à fuga dos indiciados. Prince e Bruiser obviamente puseram o pé na estrada, e isso é demais para os repórteres. Mostram imagens da prisão dos policiais envolvidos, de outro clube de topless, desta vez com dançarinas nuas mostradas da coxa para baixo, do procurador da república anunciando pronunciamentos para a mídia.

Então vem uma cena que parte meu coração. Fecharam o Yogi's, passaram correntes nas maçanetas das portas e puseram guardas na frente. Referem-se ao restaurante como o quartel-general de Prince Thomas, o pivô do caso, e os federais parecem surpresos por não terem encontrado dinheiro nenhum quando invadiram o restaurante ontem à noite. “Foge, Prince, foge”, digo para mim mesmo.

As histórias relacionadas ao caso tomam quase todo o tempo do noticiário do meio-dia.

— Onde será que estão? — diz Deck, desligando a TV.

Em silêncio, pensamos nisso por alguns segundos.

— O que tem ali? — pergunto, apontando para uma caixa ao lado da mesa da TV.

— Meus arquivos.

— Alguma coisa boa?

— O suficiente para pagar as contas por dois meses. Alguns pequenos acidentes de carro. Casos de indenização a operários. Tem também um caso de morte que tirei de Bruiser. Na verdade, não tirei. Ele me deu o dossiê na semana passada e me pediu que fizesse a revisão de algumas apólices de seguro. A pasta ficou no meu escritório e agora está aqui.

Desconfio que deva haver outras pastas que Deck tirou do escritório de Bruiser, mas não vou perguntar.

— Acha que os federais vão querer falar conosco? — pergunto.

— Estive pensando nisso. Não sabemos coisa alguma e não tiramos nada que pudesse interessá-los; logo, não precisamos nos preocupar.

— Eu estou preocupado.

— Eu também.

Sei que Deck está com dificuldades para controlar o entusiasmo nestes últimos dias. A ideia de ter um escritório e ficar com a metade dos honorários, sem o benefício da licença para advogar, é extremamente estimulante. Se eu o deixar trabalhar em paz, o escritório estará pronto dentro de uma semana. Nunca vi tanta energia. Talvez seu entusiasmo seja um pouco exagerado, mas vou dar uma oportunidade a ele.

Porém, quando o telefone toca pela segunda vez antes de o sol nascer e ouço a voz dele, é difícil ser educado.

— Você viu o jornal? — pergunta ele, animadíssimo.

— Eu estava dormindo.

— Desculpe. Não vai acreditar. Bruiser e Prince estão na primeira página.

— Isso não podia esperar mais uma hora, Deck? — pergunto. Estou resolvido a acabar agora mesmo com esse péssimo hábito dele. — Se você quer levantar às quatro horas, tudo bem. Mas não me telefone antes das sete, não, das oito.

— Desculpe. Mas tem mais.

— O quê?

— Adivinhe quem morreu na noite passada.

— Essa agora? Como diabos vou saber quem morreu na cidade de Memphis?

— Harvey Hale.

— Harvey Hale!

— Isso aí. Ataque cardíaco. Caiu morto na piscina de casa.

— O juiz Hale?

— Esse mesmo. Seu amigo.

Sento na beirada da cama, tentando afastar o sono.

— Não dá para acreditar.

— É, estou vendo que você está mesmo abalado. Tem uma bela história a respeito dele na primeira página da seção Metro, grande foto, com o manto negro, muito distinto. Que cretino.

— Que idade ele tinha? — pergunto, como se isso importasse.

— Sessenta e dois. Juiz há onze anos. Um senhor pedigree. Está tudo no jornal. Você precisa ver.

— É. Vou fazer isso. Vejo você depois.



O jornal parece um pouco mais pesado esta manhã, e tenho certeza de que isso se deve ao fato de que pelo menos a metade dele está dedicada a Bruiser Stone e Prince Thomas. Uma história atrás da outra. Ninguém os viu em parte alguma.

Passo rapidamente pela primeira parte e vou para o Metro, onde sou recebido por uma foto antiga do excelentíssimo Harvey Hale. Leio os tristonhos comentários dos colegas dele, incluindo os do amigo, e antigo companheiro de quarto, Leo F. Drummond.

São especialmente importantes as especulações a respeito de quem vai substituí-lo. O governador deve indicar o substituto provisório até as próximas eleições. O condado é metade branco, metade negro, mas só sete dos dezenove juízes da circunscrição são negros. Certas pessoas não estão satisfeitas com isso. No ano passado, quando um velho juiz branco se aposentou, foi feito um grande esforço para preencher a vaga com um juiz negro. Não aconteceu.

O candidato mais importante, no ano passado, foi meu novo amigo Tyrone Kipler, o sócio da firma de Booker formado em Harvard, que nos fez a palestra sobre direito constitucional quando estudávamos para o exame. Embora o juiz Hale esteja morto a menos de doze horas, o consenso tradicional, diz a reportagem, demonstra grande inclinação por Kipler para seu substituto. O prefeito de Memphis, que é negro e articulado, é citado dizendo que ele e outros líderes vão fazer o possível para que Kipler seja indicado.

O governador estava fora da cidade e não pôde ser entrevistado, mas é democrata e candidato à reeleição no próximo ano. Desta vez ele vai entrar na linha.



Às nove horas em ponto, estou no escritório do secretário da

circunscrição consultando o dossiê “Black versus Great Benefit”. Respiro aliviado. O meritíssimo Hale não assinou uma ordem anulando o processo. Ainda estamos no jogo.

Há uma coroa na porta do tribunal de Hale. Muito comovente.

Ligo para Tinley Britt de um telefone público, peço para falar com Leo F. Drummond, e para minha surpresa ele não me faz esperar. Dou os pêsames pela morte do seu amigo e digo que meus clientes não vão aceitar sua oferta para o acordo. Ele parece surpreso, mas não tem muito para dizer. O pobre homem tem muita coisa para pensar neste momento.

— Acho que estão cometendo um erro, Rudy — diz ele, pacientemente, como se estivesse mesmo do meu lado.

— Talvez, mas meus clientes resolveram assim, não eu.

— Ora, muito bem, então vai ser a guerra — diz, com voz triste e monótona. Não oferece mais dinheiro.



Booker e eu falamos duas vezes por telefone desde que recebi a notícia da minha aprovação. Como era de se esperar, ele está procurando demonstrar que encara isso como um pequeno contratempo sem importância e temporário. E, como eu esperava, está realmente feliz com o meu sucesso.

Está me esperando sentado a uma mesa no fundo da pequena lanchonete. Nós nos cumprimentamos como se fosse nosso primeiro encontro em meses. Pedimos chá e gumbo sem consultar o menu. As crianças estão ótimas. Charlene, maravilhosamente bem.

Está entusiasmado com a possibilidade de ser aprovado. Eu não sabia que sua média tinha sido apenas um ponto abaixo da mínima exigida para passar. Ele pediu revisão da prova, e a junta examinadora concordou.

Marvin Shankle ficou abalado com o fracasso de Booker. É melhor ele passar na próxima vez, do contrário a firma vai ter de substituí-lo. Booker não consegue disfarçar a tensão quando fala sobre Shankle.

— Como está Tyrone Kipler? — pergunto.

Booker acha que a nomeação está garantida. Kipler falou com o governador esta manhã, e tudo está se encaixando. O único obstáculo pode ser financeiro. Como sócio da firma Shankle, ele ganha entre cento e vinte e cinco e cento e cinquenta mil dólares

por ano. O salário de juiz é só de noventa mil. Kipler tem mulher e filhos, mas Marvin Shankle quer vê-lo como juiz.

Booker se lembra do caso Black. Na verdade, lembra-se de Dot e de Buddy no nosso primeiro encontro no Prédio dos Cidadãos Idosos Cypress Gardens. Eu o atualizo sobre o caso. Ele ri alto quando digo que o processo está agora na divisão oito da circunscrição judiciária, à espera de um juiz que se responsabilize por ele. Conto também a cena no escritório do falecido juiz Hale, três dias atrás, e como fui chutado de um lado para outro pelos antigos companheiros de quarto em Yale, Drummond e Hale. Booker ouve com atenção quando falo sobre Donny Ray e seu irmão gêmeo e o transplante que não aconteceu por causa da Great Benefit.

Ouve com um sorriso.

— Sem problemas — diz Booker mais de uma vez. — Se Tyrone for nomeado, vai saber tudo sobre o caso Black.

— Então você pode falar com ele?

— Falar com ele? vou fazer um sermão. Ele não suporta a Trent Brent e detesta companhias de seguros, está sempre processando uma ou outra. Quem você pensa que elas caçam? Brancos da classe média?

— Todo o mundo.

— Tem razão. Terei muito prazer em falar com Tyrone.

E ele vai me ouvir.

O gumbo chega, e acrescentamos tabasco. Booker mais do que eu. Falo sobre meu novo escritório, mas não sobre meu novo sócio. Ele faz uma porção de perguntas sobre minha antiga firma. A cidade inteira fala de Bruiser e Prince.

Conto a ele tudo o que sei, com alguns detalhes para dourar a pílula.

Nestes nossos tempos de tribunais congestionados e juízes sobrecarregados de trabalho, o falecido Harvey Hale deixou uma agenda notavelmente bem organizada, sem casos pendentes. Há algumas boas razões para isso. Primeira, ele era preguiçoso e preferia jogar golfe. Segunda, não perdia tempo em indeferir um processo quando ofendia suas ideias de dar proteção às companhias de seguros e às grandes empresas comerciais ou industriais. Por causa disso, muitos advogados de queixosos o evitavam.

Existem meios para evitar certos juízes, como pequenas manobras usadas por advogados experientes, amigos dos funcionários que cuidam da distribuição dos casos. Nunca vou compreender por que Bruiser, um advogado com vinte anos de prática que conhece tudo sobre tribunais, permitiu que eu desse entrada no caso Black sem tomar providências para evitar o juiz Harvey Hale. É um dos assuntos que quero tratar se algum dia ele voltar para casa.

Mas Hale se foi, e a vida é possível outra vez. Tyrone Kipler em breve herdará sua agenda, que não pode ficar parada.

Em resposta a anos de crítica de advogados e congêneres, as regras de procedimento foram mudadas há pouco tempo, num esforço para dinamizar a justiça. Aumentaram as possibilidades de sanções para processos frívolos. Foram impostas diretrizes mandatórias para manobras de prejulgamento. Foi dada maior autoridade aos juízes para apressar processos judiciais, e também foram incentivados a ser mais ativos nas negociações de acordos. Várias regras jurídicas foram complementadas, tudo isso com o objetivo de agilizar o sistema judiciário.

Entre esse conjunto de novas regras está o procedimento comumente chamado de “via expressa”, destinado a levar mais depressa a julgamento certos casos. A expressão “via expressa” foi imediatamente acrescentada à terminologia legal. As partes envolvidas podem pedir que seu caso passe para a via expressa, mas isso raramente acontece. É raro o acusado que concorde em apressar sua ida a julgamento. Portanto, o juiz tem autoridade para decidir que isso seja feito. Geralmente acontece quando os pontos principais são claros, os fatos bem definidos, mas em disputa acalorada, e só está faltando um veredicto do júri.

Uma vez que “Black versus Great Benefit” é meu único caso genuíno, quero que passe para a via expressa. Explico isso a Booker enquanto tomamos café certa manhã. Booker então explica a Kipler.



No dia seguinte à nomeação de Kipler pelo governador, ele me chama ao seu escritório, o mesmo que visitei há pouco tempo, quando Harvey Hale o ocupava. Está diferente agora. Os livros e lembranças de Hale estão sendo retirados e guardados em caixas. As estantes empoeiradas estão vazias. As cortinas, abertas. A mesa de Hale foi retirada, e conversamos sentados em cadeiras de armar.

Kipler tem menos de quarenta anos, tem voz macia e olhos que nunca piscam. E extremamente brilhante, e a opinião geral é que está a caminho do sucesso como juiz federal em algum lugar do país. Eu agradeço por ter-me ajudado a passar no exame.

Conversamos sobre várias coisas. Ele se refere bondosamente a Harvey Hale, mas está surpreso com o vazio da agenda. Já fez a revisão de todos os casos ativos e designou alguns outros para serem movimentados imediatamente. Está pronto para agir.

— Então você acha que o Black deve passar para a via expressa?
— pergunta ele, com seu modo de falar lento e cauteloso.

— Sim, senhor. O assunto é simples. Não teremos muitas testemunhas.

— Quantos depoimentos?

Ainda não comecei a tomar os depoimentos.

— Não tenho certeza. Menos de dez.

— Vai ter problemas com os documentos — diz ele. — Acontece sempre com as companhias de seguros. Já processei muitas, e elas nunca apresentam todos os documentos necessários. Vamos levar algum tempo até conseguir os documentos a que você tem direito.

Gosto do modo como ele diz “nós”. E não há nada de errado com isso. Entre outras atribuições, o juiz é um executor da lei. É seu dever assistir a todas as partes na coleta das evidências, anterior ao julgamento. Mas Kipler parece um pouco parcial a nosso favor. Acho, porém, que também não há nada de errado nisso — Drummond dominou Harvey Hale durante muitos anos.

— Apresente a moção para acelerar o caso — diz ele, anotando no seu bloco. — A defesa vai recusar. Teremos uma audiência. A não ser que eu ouça algo muito persuasivo do outro lado, vou conceder a moção. Darei quatro meses para a coleta de provas; deve ser suficiente para todos os depoimentos, troca de documentos,

interrogatórios escritos etc. Quando a coleta de provas estiver completa, determino a data do julgamento.

Respiro fundo, com a boca seca. Parece depressa demais para mim. A ideia de enfrentar tão cedo Leo F. Drummond e companhia num julgamento aberto, perante um júri, é assustadora.

— Estaremos prontos — digo, sem saber ainda qual a primeira coisa que devo fazer. Espero que eu pareça mais confiante do que realmente estou.

Conversamos mais um pouco. Ele me diz que telefone se tiver alguma dúvida.



Quase telefono uma hora depois. Quando chego ao escritório, encontro um envelope grosso de Tinley Britt. Leo F. Drummond, além de lamentar a morte do amigo, esteve muito ocupado. A máquina da moção está voando a jato.

Ele apresentou uma moção para a garantia dos custos, uma ofensa velada a mim e aos meus clientes. Uma vez que somos pobres, Drummond duvida da nossa capacidade para pagar os custos do processo. Isso pode acontecer algum dia, se perdermos o caso e o juiz decidir que devemos pagar as despesas das duas partes. Deu entrada também numa moção para sanções, pedindo ao tribunal a imposição de penalidades de ordem financeira contra mim e contra meus clientes por entrar com um processo tão frívolo.

A primeira moção não passa de uma atitude provocadora. A segunda é definitivamente maldosa. Ambas são acompanhadas de explanações elegantemente apresentadas, com notas de rodapé, índice, bibliografia.

Depois de ler atentamente pela segunda vez, chego à conclusão de que o objetivo de Drummond é provar uma única coisa. Raramente esse tipo de moção é garantida, e acho que ele só quer mostrar a quantidade de papel que o exército da Trent Brent pode produzir em pouco tempo, e tudo sobre assuntos sem importância. Uma vez que cada lado tem obrigação de responder às moções do adversário e uma vez que não vou aceitar um acordo, Drummond está me dizendo que estou prestes a ser sufocado por pilhas de documentos.

Os telefones ainda não começaram a tocar. Deck está na cidade. Infelizmente, tenho quase certeza de que está caçando. Tenho muito

tempo para começar o jogo das moções. Sou motivado pela lembrança do meu pobre cliente e do mal que fizeram a ele. Sou o único advogado que Donny Ray tem, e vai ser preciso muito mais que pilhas de papel para diminuir a força do meu ataque.



Adotei o hábito de telefonar para Donny Ray todas as tardes, geralmente por volta das cinco horas. Depois do primeiro telefonema, algumas semanas atrás, em que Dot disse o quanto isso representa para ele, tenho tentado não falhar nem um dia. Falamos sobre várias coisas, nunca sobre doença ou processos legais. Durante o dia, procuro lembrar coisas engraçadas para contar a ele. Sei que esses telefonemas se tornaram parte importante do seu fim de vida.

Esta tarde ele parece mais forte, diz que se levantou da cama e sentou na varanda, que gostaria de ir a algum lugar por algumas horas, afastar-se da casa e dos pais.

Eu o apanho às sete. Jantamos numa churrascaria próxima. Algumas pessoas olham para ele com espanto, mas Donny Ray as ignora. Falamos da sua infância, histórias divertidas dos seus dias em Granger, quando gangues de crianças percorriam as ruas. Rimos um pouco, provavelmente pela primeira vez em muitos meses para ele. Mas a conversa o cansa. Ele mal toca na comida.

Um pouco depois do anoitecer, chegamos a um parque com dois campos onde estão jogando softball. Passo de carro lentamente, procurando um time com camisas amarelas.

Estacionamos numa descida coberta de grama, debaixo de uma árvore, longe da linha do campo da direita. Estamos sozinhos. Tiro duas cadeiras de lona da mala do carro, que encontrei na garagem de Miss Birdie, e ajudo Donny Ray a sentar numa delas. Ele pode andar sozinho e sempre procura fazer isso com um mínimo de ajuda.

Estamos no fim do verão, a temperatura à noite continua perto dos 32? A umidade é quase visível. Minha camisa está grudada nas costas. A bandeira muito usada, no mastro, no centro do campo, está imóvel.

O campo é bom e plano, a grama em volta é macia e recentemente aparada. A parte interna do campo é de terra, sem grama. Há abrigos, arquibancadas, juízes de linha, um marcador

iluminado, uma barraca de refrescos entre os dois campos. Esta é a Liga A, um softball pouco comum, extremamente competitivo e com jogadores muito bons. Pelo menos eles pensam que são bons.

O jogo é entre PFX Freight, o time de camisa amarela, e Army Surplus, de verde, com o apelido Gunners escrito nas camisas. A disputa é séria. Eles falam, empurram como loucos, gritam encorajamentos, de vez em quando atropelam o adversário. Desviam-se, passam rapidamente, discutem com os juízes, jogam longe os tacos quando fazem um fora.

Joguei softball de lance lento no segundo grau, mas jamais gostei do esporte. Ao que parece, o objetivo aqui é jogar a bola por cima da cerca, nada mais importa. Isso acontece ocasionalmente, e as corridas para a base envergonhariam Babe Ruth. Quase todos os jogadores têm vinte e poucos anos, sua forma física é razoavelmente boa, são extremamente arrogantes e mais bem-vestidos do que os profissionais, luvas nas mãos, largos protetores de pulso, tinta negra espalhada pelo rosto, luvas diferentes para interceptar a bola.

A maioria desses homens ainda está esperando que alguém os descubra. Ainda têm o sonho.

Há alguns mais velhos, barrigudos e de pés mais lentos. Tentam ridiculamente correr entre as bases para apanhar a bola. Quase se podem ouvir seus músculos estalando. Mas são mais tensos do que os jovens. Precisam provar alguma coisa.

Donny Ray e eu falamos pouco. Compro pipoca e refrigerante para ele. Ele agradece e agradece outra vez por trazê-lo aqui.

Estou especialmente atento ao terceiro *baseman* do PFX, um jogador musculoso com mãos e pés rápidos. Seus movimentos são fluidos e intensos, e está sempre dirigindo palavras ofensivas aos adversários. O *inning* termina, e o vejo caminhar para a cerca, ao lado do seu banco, e dizer alguma coisa para a moça. Kelly sorri. De onde estou, posso ver as covinhas e os dentes dela. Cliff ri. Ele a beija rapidamente na boca e volta para o campo quando seu time se prepara para atacar.

Parecem um casal de pombinhos. Ele a ama loucamente e gosta que seus companheiros vejam os dois se beijando. Não se cansam nunca da companhia um do outro.

Ela se encosta na cerca, com as muletas ao lado, uma pequena bota de gesso no pé. Está sozinha, longe das arquibancadas e dos outros espectadores. Não pode me ver aqui em cima, no outro lado do campo, mas por via das dúvidas estou de boné.

Imagino o que ela faria se me visse. Provavelmente nada, a não ser me ignorar.

Eu devia estar satisfeito vendo-a feliz, com boa saúde e em harmonia com o marido. Aparentemente ele parou com os

espancamentos, e sou grato por isso. A ideia de Cliff agredindo-a com um taco de beisebol me deixa doente. Porém, ironicamente, só poderei talvez ter Kelly se ele continuar a espancá-la.

Desprezo-me por pensar nisso.

Cliff vai lançar. Capricha no terceiro lançamento, e a bola desaparece à esquerda, na direção das luzes. Ele grita alguma coisa para Kelly quando chega à terceira base. Cliff é um atleta talentoso, muito melhor do que qualquer outro no campo. Nem posso imaginar o horror de ser atacado por ele com um taco.

Talvez tenha deixado de beber e talvez, agora sóbrio, pare com o espancamento. Talvez esteja na hora da minha saída de cena.

Depois de uma hora, Donny Ray está pronto para dormir. No caminho falamos sobre seu depoimento. Hoje dei entrada numa moção pedindo permissão para tomar o mais depressa possível o depoimento de Donny Ray, para ser usado no julgamento. Meu cliente logo estará fraco demais para suportar duas horas de perguntas e respostas com uma porção de advogados; por isso precisamos andar depressa.

— É melhor fazermos isso logo — diz ele em voz baixa quando paro o carro na frente de sua casa.

A cena seria cômica se eu não estivesse tão nervoso. Um observador casual sem dúvida veria o humor, mas ninguém no tribunal está sorrindo. Muito menos eu.

Estou sozinho sentado à minha mesa com as pilhas de moções e outros documentos na minha frente. Minhas notas e breves referências estão em dois blocos, ao alcance da minha mão, estrategicamente dispostos. Deck está sentado atrás de mim, não à mesa, onde podia ser de alguma utilidade, mas numa cadeira no outro lado da grade baixa de madeira, a uns três metros, de modo que é como se eu estivesse sozinho.

Sinto-me muito isolado.

A mesa da defesa, no outro lado, está lotada, com Leo F. Drummond no centro, é claro, de frente para o juiz, ladeado por seus assistentes. Dois de cada lado. Drummond, sessenta anos, formou-se em Yale e tem trinta e seis anos de experiência de tribunal. T. Pierce Morehouse, trinta e nove anos, formou-se em direito em Yale, é sócio da Trent Brent e tem quatorze anos de experiência em todos os ramos da lei. B. Dewey Clay Hill III tem trinta e um anos, Columbia University, ainda não é sócio, seis anos de experiência de tribunal. M. Alec Plunk Junior, vinte e oito anos, dois de experiência, e tenho certeza de que está fazendo sua primeira incursão neste caso porque ele se formou em Harvard. O excelentíssimo Tyrone Kipler, que preside agora este tribunal, também estudou em Harvard. Kipler é negro. Plunk também. Advogados negros formados em Harvard não são comuns em Memphis. Por acaso a Trent Brent tem um deles, e aqui está ele, sem dúvida para tentar se fazer conhecer pelo meritíssimo. E, se as coisas correrem como se espera, algum dia também teremos um júri. Metade dos eleitores registrados neste condado são negros; portanto, é lícito concluir que o júri será meio a meio. Espera-se que M. Alec Plunk Junior seja usado para criar uma harmonia silenciosa e confiança em certos jurados.

Se houver no júri uma mulher do Camboja, sem dúvida a Trent Brent simplesmente vai encontrar no fundo da sua lista de contratados uma advogada cambojana.

O quinto membro do time legal da Great Benefit é Brandon Fuller Grone, dolorosamente não-numerado e inexplicavelmente sem uma inicial simples. Não compreendo por que não se proclama B. Fuller Grone, como um verdadeiro advogado de uma grande firma. Grone tem vinte e sete anos, formou-se há dois anos na

Memphis State como primeiro da classe e deixou um rastro muito longo. Era uma lenda quando entrei para a faculdade, e usei seus antigos resumos quando estudei para os exames do primeiro ano.

Sem contar os dois anos que M. Alec Plunk Junior trabalhou como auxiliar de um juiz federal, há cinquenta anos de experiência concentrados na mesa da defesa.

Recebi minha licença há menos de um mês. Meu assistente foi reprovado no exame final cinco vezes.

Fiz todos esses cálculos na noite passada, na biblioteca da Memphis State, um lugar do qual não consigo me afastar. A firma de advocacia de Rudy Baylor possui um total de dezessete livros, os que restaram dos meus estudos na faculdade e praticamente sem valor.

Atrás dos advogados estão dois homens com aparência de executivos. Acho que são da Great Benefit. Um me parece familiar. Acho que estava no tribunal na audiência da moção para anular o processo. Não prestei muita atenção naquele dia e também não estou muito preocupado com eles hoje. Tenho muito o que pensar.

Estou muito tenso, mas, se Harvey Hale estivesse sentado na mesa do juiz, eu estaria um lixo. Na verdade, provavelmente nem estaria aqui.

Mas quem está presidindo é o excelentíssimo Tyrone Kipler. Ontem ele me disse ao telefone, durante uma das nossas conversas mais recentes, que este é seu primeiro dia como juiz. Assinou algumas ordens, executou outros trabalhos de rotina, mas este é o seu primeiro julgamento.

No dia seguinte à posse de Kipler, Drummond deu entrada numa moção para transferir o caso para um tribunal federal. Ele alega que Boddy Ott, o agente que vendeu a apólice para os Black, foi erroneamente incluído como acusado no processo. Mas nós achamos que Ott reside ainda no Tennessee. Ele é um acusado. Os Black, residentes no Tennessee, são os queixosos. Para que se possa transferir um caso para a corte federal, é preciso que haja uma diversidade completa de cidadania entre as partes. Esse não é o caso de Ott, porque, como alegamos, ele mora aqui, e por esse único motivo o caso não pode ser federal. Drummond apresentou um documento maciço defendendo o argumento de que Ott não deve figurar como acusado.

Enquanto Harvey Hale estava presidindo, este tribunal era o lugar perfeito para procurar justiça. Mas, assim que Kipler assumiu o caso, a verdade e a imparcialidade só podem ser encontradas no tribunal federal. O que mais chama a atenção na moção de Drummond é a escolha do momento. Kipler a considerou uma afronta pessoal. Eu concordei com ele, pelo pouco que minha

opinião possa valer.

Estamos todos prontos para discutir as moções pendentes. Além do pedido de transferência do caso, Drummond apresentou outra moção para garantia dos custos e uma moção para as sanções. Esta última me irritava, por isso respondi com uma moção para sanções, argumentando que sua moção para sanções é frívola e mal intencionada. A batalha das sanções se transforma numa guerra à parte na maioria dos processos, segundo Deck, e o melhor é não permitir que ela comece. Desconfio um pouco dos conselhos de Deck sobre o assunto. Ele conhece suas próprias limitações. E gosta de dizer:

“Qualquer um pode cozinhar uma truta. A verdadeira arte consiste em pescar o maldito peixe.”

Drummond caminha com passo solene para o pequeno estrado móvel no centro da sala. Estamos seguindo a ordem cronológica; assim, ele está fazendo a apresentação da sua moção por custos, um assunto sem importância. Ele calcula em mil dólares o custo do processo se esta coisa for a julgamento, e, bem, que diabo, está preocupado, achando que meus clientes talvez não poderão pagar se perderem o caso.

— Deixe-me interrompê-lo por um minuto, Mr. Drummond — diz o juiz Kipler, pensativamente. Suas palavras são medidas, a voz sonora. — Estou com sua moção e com a exposição que a apoia. — Pega os papéis e os sacode no ar. — Muito bem, o senhor falou durante quatro minutos e disse exatamente o que está escrito aqui em preto sobre branco. O senhor tem alguma coisa nova para acrescentar?

— Bem, meritíssimo, eu tenho direito a...

— Sim ou não, Mr. Drummond? Sou perfeitamente capaz de ler e compreender, e devo acrescentar que o senhor escreve muito bem. Mas, se não tem nada de novo a acrescentar, então por que estamos aqui?

Tenho certeza de que isso nunca aconteceu antes ao grande Leo Drummond, mas ele age como se fosse uma ocorrência de todos os dias.

— Simplesmente tentando ajudar a corte, meritíssimo — diz ele, com um sorriso.

— Negado — diz Kipler, secamente. — Vamos adiante. Drummond segue adiante, sem perder o passo.

— Muito bem, a moção seguinte é para sanções. Nós sustentamos que...

— Negada — diz Kipler.

— Como disse?

— Negada.

Ouço o riso abafado de Deck atrás de mim. As quatro cabeças na mesa da defesa se abaixam ao mesmo tempo para registrar o evento. Acho que estão escrevendo com maiúsculas a palavra NEGADA.

— As duas partes pedem sanções e estou negando ambas as moções — diz Kipler, olhando diretamente para Drummond.

Não deixa de ser também um golpe para mim.

É uma coisa muito séria interromper o debate de um advogado que fala por trezentos e cinquenta dólares a hora. Drummond olha furioso para Kipler, que está se divertindo imensamente com tudo isso.

Mas Drummond é um profissional experiente e calejado. Jamais permitirá que aquele juiz medíocre, de uma circunscrição jurídica sem importância, o faça perder a calma.

— Muito bem, prosseguindo, eu gostaria de discutir o nosso pedido de transferência do caso para um tribunal federal.

— Pois vamos fazer isso — diz Kipler. — Para começar, por que não tentou transferir o caso quando estava nas mãos do juiz Harvey Hale?

Drummond está preparado para essa pergunta.

— Meritíssimo, era um caso novo, e ainda estávamos investigando o envolvimento do acusado Boddy Ott. Agora, que tivemos mais tempo, nossa opinião é que Ott foi incluído apenas para fugir à jurisdição federal.

— Então, desde o começo o senhor queria levar o caso para um tribunal federal?

— Sim, senhor.

— Mesmo quando estava com o juiz Harvey Hale?

— Exatamente, meritíssimo — diz Drummond, enfaticamente.

Kipler demonstra claramente que não pode acreditar nisso. Ninguém no tribunal acredita. Mas é um detalhe sem importância, e Kipler deixou clara sua intenção.

Drummond prossegue com seu argumento, inabalável. Ele já viu centenas de juízes entrando e saindo e não teme nenhum deles. Precisaréi de muitos anos e muitos julgamentos em muitos tribunais para não me sentir intimidado por esses homens, sentados lá em cima, com seus mantos negros.

Ele fala durante uns dez minutos e está no processo de cobrir os pontos já expostos na explicação da sua moção, quando Kipler o interrompe:

— Mr. Drummond, com licença, mas há poucos minutos perguntei se tinha algo novo para apresentar ao tribunal esta manhã.

As mãos de Drummond ficam imóveis, a boca aberta, e ele olha

furioso para o meritíssimo.

— Está lembrado disso? — pergunta Kipler. — Foi há menos de quinze minutos.

— Pensei que estávamos aqui para discutir essas moções — diz Drummond, agressivamente. Há uma pequena alteração na calma da sua voz.

— Ah, sem dúvida estamos. Se tivesse algo novo a acrescentar, ou talvez um item confuso por esclarecer, eu teria o maior prazer em ouvir. Mas o senhor está simplesmente relendo o que eu tenho aqui nas mãos.

Olho para a esquerda e vejo os mesmos rostos extremamente sombrios. Seu herói está sendo demolido. Não é um espetáculo agradável.

Para mim, aqueles caras na outra mesa estão exagerando a seriedade do caso. No último verão, quando trabalhei no escritório de uma firma de advocacia, conheci vários advogados de defesa, e cada caso era muito parecido com o seguinte. Todos trabalham arduamente, mas aceitam a derrota. Há sempre uma dezena de casos à espera deles.

Sinto o pânico na mesa da defesa e sei que minha presença não é responsável por ele. É um procedimento-padrão designar dois advogados para a defesa de uma companhia de seguros. Eles sempre vêm aos pares. Independente do caso, dos fatos, dos problemas, do trabalho a ser feito, sempre são dois advogados. Mas cinco? Para mim parece uma força exagerada. Alguma coisa está acontecendo. Aqueles caras estão assustados.

— Seu pedido de remoção do caso para um tribunal federal é negado, Mr. Drummond. O caso fica aqui — diz Kipler, com firmeza, já assinando a ordem.

Isso não é bem recebido pela defesa, embora ela procure não demonstrar.

— Mais alguma coisa? — pergunta Kipler.

— Não, meritíssimo.

Drummond recolhe seu papéis e desce do estrado. Olho de soslaio. Quando ele caminha para a mesa da defesa, olha rapidamente para os dois executivos, e vejo o medo nos rostos deles. Sinto um arrepio nos braços e nas pernas.

Kipler passa para outro assunto.

— Agora, o autor do processo tem duas moções restantes. A primeira é para apressar o julgamento do caso; a segunda, para apressar o depoimento de Donny Ray. As duas de certa forma se relacionam; assim, Mr. Baylor, por que não tratamos de ambas ao mesmo tempo?

Estou de pé.

— Certamente, meritíssimo — digo, como se estivesse pensando em sugerir coisa diferente.

— Pode fazer isso em dez minutos?

Em vista da carnificina a que acabo de assistir, ponho em prática imediatamente outra estratégia.

— Bem, meritíssimo, minhas moções dizem tudo. Na verdade, não tenho nada a acrescentar.

Kipler me presenteia com um sorriso caloroso, um jovem advogado tão brilhante, depois passa a atacar a defesa.

— Mr. Drummond, apresentou objeção quanto a apressar o andamento do caso. Qual é o problema?

Há uma grande atividade na mesa da defesa, e finalmente T. Pierce Morehouse se levanta devagar e ajeita a gravata.

— Meritíssimo, se me permite, achamos que a preparação deste caso para o julgamento vai levar algum tempo. Se for apressado, ambas as partes serão prejudicadas. — Morehouse fala devagar, escolhendo as palavras com cuidado.

— Bobagem — diz Kipler, carrancudo.

— Senhor?

— Eu disse bobagem. Deixe-me perguntar uma coisa, Mr. Morehouse. Como advogado de defesa, alguma vez concordou em acelerar a tramitação de algum processo?

Morehouse passa o peso do corpo de um pé para o outro e parece se encolher.

— Bem, ah, certamente, meritíssimo.

— Ótimo. Cite o nome do caso e do tribunal em que foi julgado.

T. Pierce olha desesperado para B. Dewey Clay Hill in, que por sua vez olha avidamente para M. Alec Plunk Junior. Mr. Drummond se recusa a levantar os olhos, preferindo continuar a ler uns papéis muito importantes.

— Bem, meritíssimo, terei de dar essa informação mais tarde.

— Telefone esta tarde, às três e, se não telefonar até essa hora, eu telefonarei para o senhor. Estou ansioso para saber tudo sobre esse caso que o senhor concordou em apressar.

T. Pierce inclina o corpo para a frente e solta o ar dos pulmões como se acabasse de levar um soco no estômago. Quase posso ouvir os computadores da Trent Brent rugindo à meia-noite, procurando em vão tal caso.

— Sim, meritíssimo — diz ele, com voz sumida.

— Como sabem, a decisão de apressar o julgamento depende unicamente de mim. Sendo assim, a moção do queixoso é concedida. O acusado deverá responder em seis dias. A coleta de provas começará então e terminará dentro de cento e vinte dias a contar de hoje.

A defesa está praticamente pisando em brasas. Papéis são passados e jogados de um para outro. Drummond e companhia murmuram e franzem as testas. Os rapazes da firma juntam as cabeças e confabulam. É quase cômico.

T. Pierce Morehouse, com o traseiro poucos centímetros acima do assento de couro da cadeira, apoia firmemente os braços preparando-se para a moção seguinte.

— A última moção é para apressar o depoimento de Donny Ray Black — diz o meritíssimo, olhando para a defesa. — Certamente não podem fazer objeção a isto — diz ele. — Qual dos cavalheiros quer responder?

Anexei à moção uma declaração assinada pelo Dr. Walter Kord, na qual ele afirma claramente que Donny Ray não vai viver muito tempo mais. A resposta de Drummond foi uma coleção de razões confusas, aparentemente a mais importante delas o fato de ele estar ocupado demais para se preocupar com isso.

T. Pierce endireita o corpo lentamente, abre as mãos, estende os braços, começa a dizer alguma coisa, mas Kipler é mais rápido.

— Não vai me dizer que está mais a par das condições de saúde de Donny Ray Black do que o médico que o assiste.

— Não, senhor — responde T. Pierce.

— E não me diga que se opõe seriamente a esta moção. Está mais do que claro qual vai ser a decisão do meritíssimo, e por isso T. Pierce astutamente resolve ficar no meio do caminho.

— Apenas uma questão de programa de trabalho, meritíssimo. Ainda nem demos entrada na nossa resposta.

— Eu sei exatamente qual vai ser sua resposta, certo? Nenhuma surpresa para mim. E tiveram tempo de dar entrada e tudo o mais. Agora, quero uma data — olha para mim, de repente. — Mr. Baylor?

— Qualquer dia, meritíssimo. Qualquer hora — digo, com um sorriso. Ah, as vantagens de não ter o que fazer.

Os cinco advogados de defesa estão consultando afobadamente seus caderninhos negros, para verificar se é possível encontrar uma data em que estejam livres.

— Meu calendário de julgamentos está lotado, meritíssimo — diz Drummond, sem se levantar.

A vida dos advogados muito importantes gira em volta de uma única coisa: O calendário de julgamentos. Drummond, com toda a sua arrogância, está informando ao juiz Kipler e a mim que simplesmente estará ocupado demais num futuro próximo para se preocupar com um depoimento.

Os quatro lacaios franzem as testas, balançam as cabeças afirmativamente ao mesmo tempo porque seus calendários de

juílgamentos, por coincidência, estão também inexoravelmente lotados.

— O senhor tem uma cópia da declaração do Dr. Kord? — pergunta Kipler.

— Tenho — diz Drummond.

— O senhor já a leu?

— Sim, li.

— O senhor questiona sua validade?

— Bem, eu, bem...

— Simplesmente sim ou não, Mr. Drummond. Questiona a validade da declaração?

— Não.

— Então este jovem está para morrer. Concorde que precisamos registrar seu depoimento para que o júri possa um dia ver e ouvir o que ele tem a dizer?

— É claro, meritíssimo. Acontece que, bem, no momento, meu calendário está....

— Que tal na próxima quinta-feira? — interrompe Kipler, e faz-se um silêncio de morte na mesa da defesa.

— Para mim está bem, meritíssimo — digo, em voz muito alta. Eles me ignoram.

— Daqui a uma semana — diz Kipler, olhando desconfiado para eles.

Drummond encontra o que estava procurando nos papéis do processo e estuda o documento com atenção.

— Tenho um juílgamento que começa na segunda-feira no tribunal federal, meritíssimo. É uma ordem de preílgamento, se o senhor quiser verificar. O tempo calculado é de duas semanas.

— Onde?

— Aqui em Memphis.

— Possibilidades de acordo?

— Poucas.

Kipler estuda sua agenda por um momento.

— Que tal no próximo sábado?

— Para mim está ótimo — digo outra vez. Todos me ignoram.

— Sábado?

— Sim, dia vinte e nove.

Drummond olha para T. Pierce, e fica claro que cabe a ele dar a próxima desculpa. Levanta-se devagar, segurando sua agenda negra como se fosse preciosa, e diz:

— Desculpe, meritíssimo, estarei fora da cidade no fim da semana.

— Fazendo o quê?

— Vou a um casamento.

— Seu casamento?

— Não. Da minha irmã.

Para eles, a melhor estratégia é adiar a data para depois da morte de Donny Ray, evitando assim que o júri veja seu rosto emaciado e ouça sua voz torturada. E não há dúvida de que, em conjunto, esses cinco homens podem orquestrar desculpas suficientes para adiar até que eu morra de velhice.

O juiz Kipler sabe disso.

— O depoimento está marcado para sábado, dia vinte e nove — diz. — Sinto muito se é inconveniente para a defesa, mas Deus sabe que vocês têm muita gente que pode fazer isso. Um ou dois não farão falta. — Fecha um livro, inclina-se para a frente, com os cotovelos na mesa, sorri para os advogados da Great Benefit e diz: — Agora, que mais?

A zombaria na voz dele chega a ser cruel, mas Kipler não é maldoso.

Ele acaba de negar cinco das seis moções apresentadas pela defesa, mas seus motivos são válidos. Para mim ele é perfeito. E sei que haverá outros dias, neste tribunal, outras moções prejulgamento e audiências, e sem dúvida terei minha parte de derrotas.

Drummond está de pé, dando de ombros e examinando os papéis espalhados na sua mesa. Tenho certeza de que gostaria de dizer algo como: “Obrigado por nada, juiz” ou: “Por que não vai em frente de uma vez e entrega um milhão de dólares aos queixosos?” Mas, como sempre, ele é o advogado consumado.

— Não, meritíssimo, é tudo por agora — diz, como se Kipler de fato tivesse ajudado imensamente a defesa.

— Mr. Baylor? — pergunta o juiz.

— Não, senhor — digo, com um sorriso.

Chega por hoje. Eu arrasei os grandes advogados na minha primeira escaramuça legal e não vou abusar da sorte. Eu e Tyrone, lá em cima, demos uma boa lição neles.

— Muito bem — diz ele, batendo discretamente o martelo. — A corte entra em recesso. E, Mr. Morehouse, não esqueça de me telefonar para dar o nome do caso do qual concordou em acelerar o julgamento.

T. Pierce rosna dolorosamente.

O meu primeiro mês de sociedade com Deck não foi animador. Recebemos mil e duzentos dólares de honorários — quatrocentos de Jimmy Monk, um ladrão de loja que Deck pegou na City Court, duzentos de um caso de dirigir embriagado, que Deck apanhou com métodos escusos e ainda não-explicados, e quinhentos de um caso de indenização a um operário que Deck roubou do escritório de Bruiser no dia em que demos o fora. Os outros cem dólares ganhamos quando redigi o testamento de um casal idoso que entrou por acaso no nosso escritório. Estavam comprando antiguidades, erraram o caminho quando desciam as escadas e me surpreenderam cochilando na minha cadeira. Foi uma visita agradável, uma coisa levou à outra, e eles esperaram enquanto eu datilografava seu testamento. Meus primeiro honorários foram ganhos eticamente.

Gastamos quinhentos dólares de aluguel, quatrocentos de material de escritório e cartões, mais ou menos cinquenta na religação de aparelhos e em depósitos, oitocentos pelo aluguel de um sistema telefônico e pela conta do primeiro mês, trezentos da primeira prestação das mesas e outras peças de mobiliário vendidas pelo senhorio do andar de baixo, duzentos em custo de processos, trezentos em vários itens, setenta e cinco por um fax, quatrocentos pela instalação e pelo primeiro mês de aluguel de um computador, e cinquenta dólares por um anúncio num guia de restaurantes.

Gastamos um total de quatro mil e duzentos dólares e cinquenta centavos, a maior parte, graças a Deus, despesas de instalação que não devem se repetir. Deck calculou tudo, até o último centavo. Ele calcula uma despesa mensal obrigatória, depois da instalação, de cerca de mil e novecentos dólares. Procura mostrar que está feliz com o modo como vão as coisas.

É difícil ignorar seu entusiasmo. Deck mora no escritório. Está solteiro, longe dos filhos, e mora numa cidade que não é a sua. Não acredito que gaste muito tempo em diversões. Só mencionou até hoje os cassinos do Mississippi.

Geralmente chega ao escritório mais ou menos uma hora depois de mim e passa a maior parte da manhã na sua sala, falando ao telefone, só Deus sabe com quem. Tenho certeza de que está tentando atrair alguém, ou verificando as notícias de acidentes, ou então simplesmente mantendo seus contatos. Todas as manhãs pergunta se eu tenho alguma coisa para datilografar. Logo no começo descobrimos que ele é melhor datilógrafo do que eu e está sempre ansioso para bater minhas cartas e documentos. Corre para

atender o telefone, vai comprar café, varre o escritório, toma conta da copiadora e da impressora. Deck não tem orgulho e quer me ver feliz.

Não estuda para o exame de licenciamento. Falamos a respeito só uma vez, e Deck logo mudou de assunto.

No fim da manhã, em geral ele está fazendo planos para ir a algum lugar e tratar de negócios misteriosos. Tenho certeza de que existe uma colmeia de atividade legal, talvez no tribunal de falências ou no municipal, onde ele encontra pessoas que precisam de advogado. Não comentamos a respeito. Faz a ronda dos hospitais à noite.

Logo nos primeiros dias, dividimos nosso conjunto de salas e estabelecemos nossos territórios. Deck acha que eu devia passar a maior parte do dia patrulhando os inumeráveis corredores dos tribunais à procura de clientes. Percebo sua frustração com minha falta de agressividade. Está farto de minhas perguntas sobre ética e táticas. O mundo lá fora é cruel e competitivo, cheio de advogados famintos, mestres na guerra sem quartel. Fique sentado no seu traseiro o dia todo e vai morrer de fome. Os bons casos de modo algum virão à sua procura.

Por outro lado, Deck precisa de mim. Tenho licença para exercer a profissão. Podemos dividir o dinheiro, mas não é uma sociedade igual. Ele se considera dispensável e por isso se oferece para fazer o trabalho duro. Deck está completamente disposto a correr atrás de ambulâncias, vagar pelas salas dos departamentos federais e se esconder nas salas de emergência dos hospitais porque está satisfeito com o acordo que lhe garante cinquenta por cento. Não vai encontrar melhor negócio em nenhum outro lugar.

Basta um, ele está sempre repetindo. É o que se houve constantemente na nossa profissão. Um caso grande, e você se aposenta. Há razão para os advogados fazerem certas coisas antiéticas, como anúncios coloridos nas páginas amarelas, em pôsteres e nos ônibus, além de oferecer serviços pelo telefone. Você tampa o nariz, ignora o fedor do que está fazendo, ignora o desprezo e as esnobadas dos advogados das grandes firmas, porque basta um caso.

Deck está resolvido a encontrar o grande caso para a nossa pequena firma.

Enquanto ele está lá fora, vasculhando a cidade de Memphis, procuro me manter ocupado. Existem cinco pequenos distritos dentro dos limites da cidade de Memphis. Cada um desses pequenos centros tem uma corte municipal e um sistema próprio de designar advogados jovens para representar indigentes criminosos e acusados de crimes menores. Os juízes e promotores são jovens e não

trabalham em tempo integral, a maioria deles formou-se na Memphis State, muitos trabalham por menos de quinhentos dólares por mês. Têm uma clientela crescente nos subúrbios e passam algumas horas por semana partilhando casos da nossa justiça criminal. Visitei essas pessoas, com um sorriso e a mão amistosamente estendida, defendi meu caso explicando que preciso de alguns casos das suas cortes criminais, e os resultados foram variados. Agora fui indicado para representar seis indigentes, acusados de crimes diversos, desde posse de drogas até pequenos furtos e conduta irreverente em público. Recebo o máximo de cem dólares por caso e todos devem ser resolvidos dentro de um mês. Contando com meu encontro com os clientes, o acordo sobre o que vão declarar, a negociação com os promotores e meu comparecimento nos tribunais dos subúrbios para o julgamento do caso, gasto pelo menos quatro horas com cada cliente. Isso significa vinte e cinco dólares por hora, sem contar as despesas e os impostos.

Mas pelo menos me mantenho ocupado e estou ganhando alguma coisa. Conheço pessoas distribuindo meus cartões, dizendo aos meus clientes que me recomendem aos amigos, explicando que eu, Rudy Baylor, posso resolver seus problemas legais. Estremeço só de pensar nos problemas dos amigos deles. Só pode ser mais uma porção de sofrimento. Divórcio, falência, mais acusações de crimes. A vida de um advogado.

Deck quer anunciar nosso escritório assim que pudermos pagar. Acha que devemos nos rotular campeões das lesões pessoais e anunciar na TV a cabo de manhã bem cedo para pegar os trabalhadores na hora do café, antes de saírem para o trabalho para sofrer seus acidentes. Também tem ouvido a estação especializada em rap negro, não por gostar de música, mas porque a estação tem muitos ouvintes e, para seu espanto, nenhum advogado anuncia nelas. Deck encontrou seu nicho. Os advogados do rap!

Que Deus nos ajude.



Gosto de passar algum tempo no escritório da circunscrição, paquerando as funcionárias, estudando o ambiente. Os arquivos do tribunal são abertos ao público, e seus índices, computadorizados. Logo que aprendi a manejar o computador, localizei vários casos de

Leo F. Drummond. O mais recente é de oito meses atrás, o mais antigo, de oito anos. Nenhum está ligado à Great Benefit, mas todos consistem na defesa de grandes companhias de seguros. Todos foram a julgamento, todos tiveram veredictos favoráveis aos clientes dele.

Nas últimas três semanas passei muitas horas estudando esses casos, enchendo páginas com anotações, fazendo centenas de cópias. Com esses dossiês, preparei um longa lista de interrogatórios, questões escritas que uma das partes envia à outra para serem respondidas por escrito e sob juramento. Há diversas terminologias de interrogatório, e acabei modelando a minha em grande parte na de Leo Drummond. Estudei atentamente os outros e fiz uma longa lista de documentos que vou pedir à Great Benefit. Em alguns casos, Drummond teve oponentes muito bons; em outros, dignos de pena. Mas Drummond sempre parece estar por cima.

Estudo as declarações, os resumos, as moções, a relação escrita da sua coleta de provas e suas respostas à coleta recebida dos queixosos. À noite, na cama, leio os depoimentos. Decoro suas ordens prejudgamento. Leio até as suas cartas para o tribunal.



Depois de um mês de insinuações sutis e discreta persuasão, convenci Deck a fazer uma rápida viagem a Atlanta. Ele passou dois dias na cidade, fazendo pesquisas. Passou duas noites em motéis muito baratos. A viagem foi só de negócios.

Deck voltou hoje com as informações que eu esperava. A fortuna de Miss Birdie é de pouco mais de quarenta e dois mil dólares. Seu segundo marido herdou realmente de um irmão há muito tempo afastado, na Flórida, mas a parte dele na herança foi de menos de um milhão de dólares. Antes de casar com Miss Birdie, Anthony Murdine teve duas outras esposas, e com elas um total de seis filhos. Os filhos, os advogados e o imposto de renda devoraram quase toda a herança. Miss Birdie recebeu quarenta mil e por algum motivo os deixou no departamento de custódia de um grande banco da Georgia. No fim de cinco anos de investimentos corajosos, o aumento do capital foi de dois mil dólares.

Só uma parte dos autos do tribunal foi selada, e Deck investigou e insistiu com várias pessoas para descobrir o que queríamos saber.

— Sinto muito — diz ele, depois de fazer um sumário das suas

descobertas e me entregar algumas ordens da corte.

Estou desapontado, mas não surpreso.



A decisão original determinava que o depoimento de Donny Ray fosse feito nos nossos escritórios, o que me deixou bem angustiado. Deck e eu não trabalhamos num ambiente esqualido, mas as salas são pequenas e estão praticamente vazias. Não temos cortinas nas janelas. A descarga no pequeno banheiro só funciona esporadicamente.

Não me envergonho do meu escritório; na verdade, é quase pitoresco. Um escritório modesto para um jovem advogado promissor, com a carreira em ascensão. Mas certamente vai ser olhado com desdém pelos rapazes da Trent Brent. Eles estão acostumados ao melhor, e detesto a ideia de aturar seu esnobismo quando tiverem de vir a esta parte da cidade. Não temos cadeiras suficientes para todos em volta da estreita mesa de conferências.

Na sexta-feira, véspera do depoimento, Dot me diz que Donny Ray está de cama e não pode sair de casa. Ele está preocupado com o depoimento, e isso esgotou suas poucas energias. Se Donny Ray não pode sair, então o depoimento só pode ser tomado na casa dele. Telefone para Drummond, e ele diz que não concorda com a mudança do meu escritório para a casa do cliente. Diz que regras são regras e que eu simplesmente tenho de adiar e avisar a todos os interessados. Ele sente muito. É claro que, pessoalmente, Drummond prefere adiar para depois do enterro. Desligo e telefono para o juiz Kipler. Alguns minutos depois, o juiz Kipler liga para Drummond e depois de uma rápida conversa o depoimento é passado para a casa de Dot e Buddy Black. Kipler pretende assistir ao depoimento, o que é extremamente incomum, mas ele tem suas razões. O estado de saúde de Donny Ray é grave, e esta pode ser nossa única chance de tomar seu depoimento. Sendo assim, o tempo é crucial. Não raro acontecem brigas tremendas entre a defesa e a acusação durante os depoimentos, e é preciso localizar o juiz do caso para resolver a pendência numa reunião especial. Se não é possível encontrar o juiz e se as partes não chegam a um acordo, o depoimento é cancelado e marcado para outra data. Kipler acha que Drummond *et al* vão perturbar o depoimento, provocando uma briga frívola e abandonando o local, ofendidos.

Mas, se Kipler estiver presente, o depoimento se processará sem nenhum problema. Ele aprova ou não as objeções e mantém Drummond na linha. Além disso, diz, é sábado e ele não tem nada mais para fazer.

E na minha opinião ele está preocupado com meu desempenho nesse meu primeiro depoimento. Tem razão para se preocupar.

Na noite de sexta-feira, não consigo dormir tentando imaginar exatamente como vamos tomar o depoimento na casa dos Black. A casa é escura, úmida, e a iluminação horrível, o que é importante, porque o testemunho de Donny Ray vai ser gravado em videoteipe. É preciso que o júri possa ver sua aparência trágica. A casa tem pouco ar condicionado e a temperatura fica acima de 33°. É difícil imaginar cinco ou seis advogados e um juiz, além da estenógrafa do tribunal, o operador de vídeo e Donny Ray sentados confortavelmente em qualquer lugar daquela casa.

Tive pesadelos em que Dot nos sufoca com imensas nuvens de fumaça e Buddy no quintal jogava garrafas vazias na janela. Dormi menos de três horas.

Chego à casa dos Black uma hora antes do combinado. Parece muito menor e mais quente. Donny Ray está sentado na cama, um pouco mais animado, e garante que está preparado para o desafio. Falamos a respeito disso durante horas, e na semana passada dei a ele uma lista detalhada das minhas perguntas e do que espero de Drummond. Ele diz que está pronto, e percebo um pouco de excitação nervosa. Dot está fazendo café e lavando as paredes. Um grupo de advogados e um juiz está para chegar, e Donny Ray diz que ela passou a noite toda limpando a casa. Buddy passa pela sala quando estou levando um sofá para outro lugar. Ele está limpo e penteado. A camisa é branca e está toda dentro da calça. Nem posso imaginar o quanto Dot teve de insistir para conseguir esse efeito.

Meus clientes estão tentando parecer apresentáveis. Estou orgulhoso deles.

Deck chegou carregado de equipamentos. Pediu emprestada a um amigo uma câmera de vídeo obsoleta. É pelo menos três vezes maior do que os modelos mais modernos. Deck garante que funciona bem. É a primeira vez que vê os Black. Eles o observam desconfiado, especialmente Buddy, que recebeu a tarefa de limpar uma mesinha de centro. Deck examina a sala íntima, a sala de estar e a cozinha, e me diz em voz baixa que simplesmente não há lugar para todos. Leva um tripé para a sala, empurra com o pé uma estante com revistas e recebe um olhar furioso de Buddy.

A casa é atulhada de mesinhas e banquetas e outros móveis dos anos 60, além de enfeites baratos e variados. A cada minuto fica mais quente.

O juiz Kipler chega, é apresentado a todos, começa a suar e depois de mais ou menos um minuto diz:

— Vamos dar uma olhada lá fora.

Saímos pela porta da cozinha para o pequeno pátio dos fundos. Ao lado da cerca, no canto oposto ao Fairlane de Buddy, há um carvalho provavelmente plantado quando a casa foi construída. A sombra é agradável. Deck e eu atravessamos atrás de Kipler a grama recentemente aparada, mas não livre da parte cortada. Ele olha para o Fairlane com os gatos quando passamos na frente do carro.

— Que tal isto aqui? — pergunta ele, quando chegamos à sombra da árvore.

No outro lado da cerca há uma cerca viva tão densa, que não se vê o terreno vizinho. No meio desse mato todo, há três pinheiros muito altos que bloqueiam a luz do sol a leste e fazem tolerável a sombra do carvalho, pelo menos neste momento. O dia está muito claro.

— Para mim parece ótimo — digo, embora com toda a minha experiência nunca tenha ouvido falar num depoimento ao ar livre. Faço uma breve prece de agradecimento pela presença de Tyrone Kipler.

— Temos uma extensão para o vídeo? — pergunta ele.

— Sim, tenho — diz Deck, já atravessando outra vez o gramado. — Tem trinta metros.

Todo o terreno tem menos de vinte e cinco metros de frente e uns trinta de fundo. O jardim da frente é maior do que o dos fundos, de modo que o pátio não fica longe. Nem o Fairlane. Na verdade, ele está bem aqui, muito perto de nós. Garras, a gata de guarda, majestosamente instalada na capota, observa-nos desconfiada.

— Vamos pegar algumas cadeiras — diz Kipler, controlando a situação. Ele arregaça as mangas. Dot, o juiz e eu carregamos quatro cadeiras da cozinha, enquanto Deck trabalha com a extensão e o equipamento. Buddy desapareceu. Dot permite que usemos os móveis no pátio e depois vai buscar no quarto de depósito três cadeiras de jardim manchadas e emboloradas.

Depois de um minuto carregando cadeiras e erguendo peso, Kipler e eu estamos molhados de suor. E despertamos a atenção de alguns vizinhos que saíram de baixo das suas pedras e nos observam com grande curiosidade. Um homem negro de calça jeans carregando cadeiras para a sombra do carvalho dos Black. Uma criatura estranha com a cabeça muito grande lutando com fios elétricos que insistem em se enrolar em suas pernas. O que está acontecendo aqui?

Às cinco para as nove chegam duas estenógrafas do tribunal, e

infelizmente é Buddy quem abre a porta. Elas quase vão embora antes de Dot salvar a situação levando-as para o pátio dos fundos. Felizmente, as duas estão de calça comprida, não de vestido. Elas conversam com Dot sobre o equipamento e as tomadas elétricas.

Drummond chega com sua equipe às nove horas, nem um minuto antes. Tem só dois advogados com ele, B. Dewey Clay Hill in e Brandon Fuller Grone, e estão vestidos como gêmeos, blazer azul-marinho, camisa branca de algodão, calça engomada de algodão e mocassim. Só as gravatas não combinam. Drummond está sem gravata.

Eles nos encontram no quintal e parecem espantados com a casa. A esta altura, Kipler, Deck e eu estamos cheios de calor e molhados de suor e pouco nos importamos com o que eles pensam.

— Só três? — pergunto, contando o time da defesa, mas eles não acham graça.

— Vocês sentem ali — diz o meritíssimo, apontando para as três cadeiras da cozinha — Cuidado com os fios.

Deck estendeu fios e cabos em volta da árvore, e Grone especialmente parece estar com medo de ser eletrocutado.

Dot e eu ajudamos Donny Ray a sair da cama, atravessar a casa e chegar ao pátio. Ele está muito fraco, mas tenta valentemente andar sozinho. Quando nos aproximamos do carvalho, observo atentamente a reação de Drummond ao ver Donny Ray pela primeira vez. Sua expressão é complacente e tenho vontade de dizer: “Olhe bem, Drummond. Veja o que seus clientes fizeram.” Mas não é culpa dele. A decisão de negar o pagamento foi feita por uma pessoa ainda indeterminada da Great Benefit, muito antes de Drummond tomar conhecimento do caso. Ele é apenas a pessoa mais próxima para o meu ódio.

Fazemos Donny Ray sentar num balanço com almofadas. Dot arruma as almofadas, garantindo o maior conforto possível para ele. Donny Ray parece pior do que nunca.

Eu o apresento a todos: o juiz Kipler, as duas estenógrafas, Deck, Drummond e os outros dois da Trent Brent. Ele está fraco demais para apertar as mãos deles; por isso apenas inclina a cabeça e tenta sorrir.

Assestamos a câmera diretamente para o rosto dele, com as lentes a mais ou menos um metro e vinte de distância. Deck tenta acertar o foco. Uma das estenógrafas estudou gravação em vídeo e está tentando tirar Deck do caminho. O vídeo só vai mostrar Donny Ray. Não vai haver nenhuma voz em *off*, e seu rosto é o único que o júri vai ver.

Kipler me faz sentar à direita de Donny Ray, Drummond à esquerda. O meritíssimo senta ao meu lado. Todos sentamos c

puxamos as cadeiras para perto da testemunha. Dot está de pé a alguns passos da câmera, vigiando todos os movimentos do filho.

Os vizinhos, mortos de curiosidade, debruçam-se na orca a menos de seis metros de nós. Conway Twitty berra num rádio a todo volume na mesma rua. Mas ainda não nos incomoda. É sábado pela manhã, e o zumbido distante de cortadores de grama e de tesouras de jardim ecoa por todo o bairro.

Donny Ray bebe um pouco de água e procura ignorar os quatro advogados e um juiz de olhos pregados nele. O objetivo desse depoimento é óbvio. O júri precisa ouvi-lo porque estará morto quando começar o julgamento. Certamente ele vai despertar a simpatia dos jurados. Poucos anos atrás, seu depoimento teria sido tomado do modo normal. Uma estenógrafa gravaria as perguntas e respostas, datilografaria um depoimento que seria lido por nós para o júri durante o julgamento. Mas depois disso chegou a tecnologia. Agora, muitos depoimentos, especialmente os de testemunhas que estão à morte, são gravados em vídeo e passados para o júri. Este também vai ser gravado pela estenógrafa na sua máquina, como antes, segundo a sugestão de Kipler. Isso permitirá a todas as partes interessadas e ao juiz uma referência rápida sem precisar assistir a todo o vídeo.

O preço deste depoimento varia, dependendo da sua extensão. Os estenógrafos do tribunal cobram por página; por isso Deck me aconselhou a ser eficiente com minhas perguntas. Esse depoimento é nosso, nós vamos pagar, e as estimativas estão perto de quatrocentos dólares. Processos jurídicos são caros.

Kipler pergunta a Donny Ray se ele está pronto e depois manda uma estenógrafa se encarregar do juramento. Ele promete dizer a verdade. Uma vez que é minha testemunha e isto tem como objetivo a coleta de provas, ao contrário do expediente normal e ilimitado de investigação, meu interrogatório direto deve estar de acordo com as regras da evidência. Estou nervoso, mas extremamente reconfortado pela presença de Kipler.

Pergunto a Donny Ray seu nome, endereço, data de nascimento, alguma coisa sobre os pais e a família. Matéria básica, fácil para ele e para mim. Ele responde lentamente, olhando para a câmera, como recomendei. Ele sabe de todas as minhas perguntas e algumas das que Drummond provavelmente irá fazer. Atrás dele aparece o tronco do carvalho, um belo cenário de fundo. Ocasionalmente ele enxuga a testa com um lenço, ignorando os olhares curiosos do nosso pequeno grupo.

Embora eu não tenha dito que tentasse parecer o mais doente possível, sem dúvida parece que é o que ele está fazendo. Ou talvez Donny Ray tenha só mais alguns dias de vida.

À pouca distância de mim, Drummond, Grone e Hill, com os blocos de notas sobre os joelhos, tentam escrever cada palavra que ele diz. Eu gostaria de saber quanto cobram por depoimentos ao sábado. Logo no começo, tiram o blazer e afrouxam a gravata.

Durante uma longa pausa, ouvimos bater a porta dos fundos e Buddy aparece. Mudou de camisa, está agora com o velho pulôver manchado e tem na mão um sinistro saco de papel. Tento me concentrar na testemunha, mas com o canto dos olhos vejo Buddy atravessar o gramado, olhando desconfiado para nós. Sei exatamente para onde ele está indo.

À porta do Fairlane é aberta, e ele senta à direção, com os gatos saltando por todas as janelas. Dot contrai o rosto com um olhar nervoso para mim. Balanço a cabeça, como para dizer: “Deixe-o em paz. É inofensivo.” Dot gostaria de matá-lo.

Donny Ray e eu falamos sobre seus estudos, experiência profissional, o fato de ele nunca ter saído de casa, nunca ter tirado carteira de eleitor, nunca ter tido problemas com a lei. Isto não é tão difícil quanto imaginei ontem à noite, balançando na rede. Estou falando como um verdadeiro advogado.

Faço uma série de perguntas bem ensaiadas sobre sua doença e sobre o tratamento que não recebeu. Vou com cuidado porque Donny Ray não pode repetir nada do que o médico disse a ele e não pode fazer suposições nem dar opiniões de ordem médica. Seria considerado testemunho indireto ou por ouvir dizer. Outras testemunhas se encarregarão dessa parte, no julgamento, espero. Os olhos de Drummond brilham alerta. Ele absorve cada resposta, analisa rapidamente, depois espera a próxima. Está perfeitamente calmo.

Há um limite para a resistência de Donny Ray, tanto mental quanto física, e há um limite para quanto o júri vai querer ver e ouvir. Termino em vinte minutos sem provocar nenhuma objeção da defesa. Deck pisca para mim, como se eu fosse o maior.

Leo Drummond se apresenta, para os autos, a Donny Ray, depois explica quem ele representa e o quanto sente estar aqui. Não está falando com Donny Ray, mas para o júri. Sua voz é doce e condescendente, um homem realmente compassivo.

Apenas umas poucas perguntas. Delicadamente ele esclarece a afirmação de Donny Ray de nunca ter realmente saído de casa, nem por uma semana ou um mês, para morar em outro lugar. Uma vez que ele tem mais de dezoito anos, eles gostariam de estabelecer o fato de que ele saiu de casa, perdendo assim o direito ao pagamento do seguro comprado pelos pais.

Donny Ray responde a todas as perguntas com um cortês e fraco “Não, senhor.”

Drummond interroga rapidamente sobre outros pontos cobertos pelo seguro. Alguma vez ele fez seguro individual? Já trabalhou para alguma companhia que desse seguro de vida para os empregados? Mais algumas perguntas nessa linha, todas recebendo a mesma resposta com voz fraca: “Não, senhor.”

Embora o cenário seja um tanto estranho, Drummond já esteve aqui muitas vezes antes. Provavelmente já tomou milhares de depoimentos e sabe ser cuidadoso. O júri não vai aceitar que esse jovem seja tratado agressivamente. Na verdade, é uma maravilhosa oportunidade para Drummond conseguir um pouco de boa vontade do júri, de mostrar compaixão verdadeira pelo pobre e pequeno Donny Ray. Além disso, ele sabe que Donny Ray não pode fornecer muita informação que sirva como prova material. Para que forçar o interrogatório?

Drummond termina em menos de dez minutos. Eu não tenho mais perguntas. Kipler diz que o depoimento terminou, e Dot apressa-se a passar um toalha molhada no rosto do filho. Donny Ray olha para mim, e eu levanto o polegar, aprovando. Os advogados de defesa pegam os paletós e as pastas e pedem licença. Estão ansiosos para sair. Eu também. O juiz Kipler começa a levar as cadeiras de volta para a casa, olhando para Buddy quando passa na frente do Fairlane. Garras está sentada no centro do capo, pronta para o ataque. Espero que não haja derramamento de sangue. Dot e eu ajudamos Donny Ray a voltar para dentro. Um pouco antes de passarmos pela porta, olho para a esquerda. Deck está conversando com os espectadores na cerca, passando meus cartões, como um bom menino.

A mulher está dentro do meu apartamento com uma das minhas revistas na mão quando eu abro a porta. Ela leva um susto tremendo quando me vê e olha para mim boquiaberta.

— Quem é você?

— Oh, minha nossa — diz ela, ofegante, levando a mão ao coração num gesto teatral.

— O que está fazendo aqui? — pergunto, furioso.

— Sou a mulher de Delbert.

— Quem diabo é Delbert? E como entrou aqui?

— Quem é você?

— Eu sou Rudy. Moro aqui. Esta é uma residência particular.

Ela gira os olhos, como quem diz: “Grande residência.”

— Birdie me deu a chave, disse que eu podia olhar.

— Não acredito!

— Deu sim! — Tira a chave do bolso do short muito justo e a balança diante do meu nariz. Fecho os olhos, pensando em estrangular Miss Birdie. — Meu nome é Vera, da Flórida. Vim passar alguns dias com Birdie.

Agora lembro. Delbert é o filho mais novo de Miss Birdie, o que ela não vê há três anos, nunca telefona, nunca escreve. Não lembro se esta Vera é a que Miss Birdie chama de vagabunda, mas certamente o adjetivo se encaixa bem. Ela tem uns cinquenta anos, a pele bronzeada e seca de uma verdadeira adoradora do sol da Flórida. Lábios cor de laranja que brilham no centro de um rosto cor de cobre. Braços murchos. Short justo nas pernas enrugadas, gloriosamente bronzeadas, muito finas. Medonhas sandálias amarelas.

— Você não tem o direito de estar aqui — digo, tentando me acalmar.

— Fica frio — ela passa por mim, e meu nariz se enche de perfume barato misturado com óleo de coco. — Birdie quer falar com você — diz, saindo do meu apartamento.

Fico ouvindo as sandálias na escada.

Miss Birdie está sentada no sofá, braços cruzados, assistindo a outro seriado idiota, ignorando o resto do mundo. Vera está procurando alguma coisa na geladeira. Sentada à mesa da cozinha, vejo outra criatura bronzeada, um homem grande com permanente no cabelo, metade mal tingido, metade grisalho, suíças à Elvis Presley, óculos com aros de ouro. Pulseiras de ouro nos dois pulsos. Um perfeito cafetão.

— Você deve ser o advogado — diz ele quando entro e fecho a porta. Sobre a mesa estão alguns papéis que ele estava lendo.

— Sou Rudy Baylor — digo, de pé, no outro lado da mesa.

— Sou Delbert Birdsong. O mais novo de Birdie. — Ele tem quase sessenta anos e tenta desesperadamente aparentar quarenta.

— É um prazer conhecê-lo.

— Sim, um verdadeiro prazer. — Ele aponta uma cadeira. — Sente-se.

— Por quê? — pergunto. Essa gente está aqui há horas. Um pesado ar de conflito paira sobre a cozinha. Vejo a parte de trás da cabeça de Miss Birdie. Não sei se ela está ouvindo nossa conversa ou a televisão. O volume está baixo.

— Só estou tentando ser delicado — diz Delbert, como NC fosse o dono da casa.

Vera não encontra nada na geladeira e resolve se juntar a nós.

— Ele gritou comigo — murmura ela para Delbert. — me mandou sair do seu apartamento. Com muita brutalidade.

Ele retesa os ombros para trás. Aqui está um homem que já participou de muitas brigas de bar.

— O apartamento pertence à minha mãe — diz ele.

— E acontece que ela é minha senhoria. Pago o aluguel todos os meses.

— Quanto?

— Isso não é da sua conta, senhor. Seu nome não consta da escritura desta casa.

— Eu diria que vale quatrocentos, talvez quinhentos dólares por mês.

— Ótimo. Mais alguma opinião?

— Sim, você é mesmo um espertalhão.

— Muito bem. Mais alguma coisa? Sua mulher disse que Miss Birdie queria falar comigo — digo, em voz alta para Miss Birdie ouvir, mas ela não se move.

Vera senta e puxa a cadeira para bem perto de Delbert. Trocam um olhar de quem sabe das coisas. Ele segura a ponta de uma folha de papel, ajeita os óculos, olha para mim e diz:

— Você esteve se metendo com o testamento da minha mãe?

— Isso é entre Miss Birdie e mim. — Olho para a mesa e vejo a parte de cima de um documento. É o mais recente, acho, o que foi feito por seu último advogado. Isso é extremamente desagradável, porque Miss Birdie nunca me disse que seus filhos — Delbert e Randolph — sabiam de seu dinheiro. Mas o testamento determina a disposição de cerca de vinte milhões de dólares. Agora Delbert sabe. Ele esteve lendo o testamento nessas últimas horas. O parágrafo número três, se bem me lembro, dá a ele dois milhões.

O que realmente me preocupa é saber como Delbert conseguiu pôr as mãos no testamento. Miss Birdie jamais teria dado a ele voluntariamente.

— Um verdadeiro espertalhão — diz ele. — Depois ainda perguntam por que todo o mundo detesta advogados. Venho visitar minha mãe e encontro um advogado fedorento morando com ela. Você não ficaria preocupado?

Provavelmente.

— Eu moro no apartamento. Uma residência particular com chave na porta. Se entrarem lá outra vez, chamo a polícia.

Lembro-me, então, que tenho uma cópia do testamento de Miss Birdie numa caixa debaixo da cama. Certamente foi lá que o encontraram. De repente, sinto náuseas só de pensar que fui eu, e não Miss Birdie, quem revelou esse assunto tão secreto.

Não admira que ela esteja me ignorando.

Não tenho ideia do que consta nos seus testamentos anteriores; portanto, não posso saber se Delbert e Vera estão felizes por saber que podem vir a ser milionários ou se estão zangados porque não vão receber mais. E de modo algum posso contar a verdade a eles. Francamente não quero.

Delbert funga com desdém para minha ameaça de chamar a polícia.

— Vou perguntar outra vez — diz ele, com uma péssima imitação de Marlon Brando em O poderoso chefão: — você fez um novo testamento para minha mãe?

— Ela é sua mãe. Por que não pergunta a ela?

— Ela não quer falar — diz Vera.

— Ótimo. Pois eu também não quero. É estritamente confidencial.

Delbert não compreende isso e não é bastante inteligente para procurar outro ângulo de ataque. Pelo que sabe, ele pode estar violando a lei.

— Espero que não esteja metendo o nariz onde não deve, menino — diz, com a maior ferocidade possível.

Estou pronto para sair.

— Miss Birdie! — chamo em voz alta.

Por um segundo ela não se move; depois lentamente ergue o controle remoto e aumenta o volume.

Para mim está ótimo. Aponto para Delbert e Vera.

— Se chegarem perto do meu apartamento outra vez, chamo a polícia, compreenderam?

Delbert dá uma risada forçada e logo depois Vera o acompanha com uma risada nervosa. Saio e bato a porta.

Não posso dizer se alguém tocou nos papéis debaixo da cama. O

testamento de Miss Birdie está aqui, tal como o deixei, espero. Há algumas semanas me esqueço de examiná-lo. Tudo parece em ordem.

Fecho a porta a chave e ponho uma cadeira debaixo da maçaneta.



Tenho o hábito de chegar cedo ao escritório, mais ou menos às sete e meia, não por estar sobrecarregado de trabalho e não porque meus dias estejam cheios de compromissos nos tribunais e horas marcadas no escritório, mas porque gosto de tomar tranquilamente uma xícara de café e gosto da solidão dessa hora. Passo mais ou menos uma hora organizando o caso Black. Deck e eu tentamos nos evitar mutuamente no escritório, mas às vezes isso é difícil. Aos poucos o telefone passa a tocar mais vezes.

Gosto da quietude deste lugar antes do começo do dia de trabalho.

Às segundas-feiras, Deck chega tarde, quase às dez. Conversamos por alguns minutos. Ele quer almoçar cedo, diz que é importante.

Sáímos às onze e caminhamos duas quadras até uma loja de alimentos vegetarianos com algumas mesas ao fundo. Pedimos pizza sem carne e chá de laranja. Deck está nervoso, seus tiques mais acentuados do que nunca, virando a cabeça ao menor som.

— Quero contar uma coisa — diz, num sussurro. Estamos numa mesa separada das outras por divisórias baixas. As outras seis mesas estão vazias.

— Estamos sozinhos Deck — procuro acalmá-lo. — Do que se trata?

— No sábado, logo depois do depoimento, saí da cidade, tomei um avião para Dallas, depois para Lãs Vegas, fui para o Pacific Hotel.

Ah, maravilhoso. Ele caiu na farra, jogando e bebendo outra vez. Está quebrado.

— Levantei ontem de manhã, falei com Bruiser pelo telefone, e ele me mandou voltar. Os federais tinham me seguido de Memphis, e eu devia vir. Disse que fui vigiado durante todo o dia e que era melhor voltar para Memphis.

Mandou dizer a você que os federais estão vigiando seus movimentos porque você é o único advogado que trabalhava para

ele e para Prince.

Tomo um pouco de chá para molhar a boca seca.

— Você sabe onde... Bruiser está? — digo com voz mais alta do que espero, mas ninguém está ouvindo.

— Não, não sei. — Os olhos dele percorreram a sala.

— Muito bem. Ele está em Lãs Vegas?

— Duvido. Acho que me mandou a Lãs Vegas para os federais pensarem que é lá que ele está. Parece o lugar próprio para Bruiser, e por isso acho que é onde ele não está.

Não consigo focalizar a vista, minha mente está a mil. Penso numa dezena de perguntas ao mesmo tempo, mas não posso fazer todas. Eu gostaria de saber de muitas coisas, mas muitas delas não devo saber. Entreolhamo-nos por um momento.

Francamente, eu pensei que Bruiser e Prince estivessem em Cingapura ou Austrália e que nunca fosse ter notícias deles.

— Por que entrou em contato com você? — pergunto, cautelosamente.

Deck morde os lábios e parece que vai chorar. As pontas dos quatro dentes de castor aparecem. Ele coca a cabeça, e os minutos passam. Mas o tempo parece congelado.

— Bem — diz, em voz mais baixa ainda —, parece que eles deixaram algum dinheiro por aqui. Agora querem todo.

— Eles?

— Parece que ainda estão juntos, não é?

— Sim, parece. E o que querem que você faça?

— Bem, não chegamos aos detalhes. Mas parece que querem nossa ajuda para mandar o dinheiro para eles.

— Nossa ajuda?

— Isso mesmo.

— Eu e você?

— Isso aí.

— Quanto dinheiro?

— Não chegamos a falar sobre isso, mas deve ser muito; do contrário não estariam preocupados.

— E onde está o dinheiro?

— Ele não especificou a quantia, só disse que era dinheiro vivo, guardado em algum lugar.

— E quer que nós tratemos disso?

— Certo. Acho o seguinte: o dinheiro está escondido em algum lugar na cidade, provavelmente perto de nós neste momento. Os federais ainda não o encontraram; portanto, provavelmente nunca o encontrarão. Bruiser e Prince confiam em nós dois; além disso, somos semilegítimos agora, você sabe, uma firma de verdade, não uma dupla de desordeiros de rua, capazes de roubar dinheiro assim

que o encontrarmos. Eles acham que nós dois podemos pôr o dinheiro num furgão, levar para eles, e todo o mundo fica feliz.

E impossível dizer quanto é especulação de Deck e quanto foi dito por Bruiser. Não quero saber. Mas estou curioso.

— O que ganhamos por todo esse risco?

— Não chegamos a falar nisso. Mas vai ser muito. Podemos ficar com nossa parte antes de mandar o dinheiro.

Deck já calculou tudo.

— Nada feito, Deck. Esqueça.

— É, eu sei — Entrega os pontos tristemente ao primeiro tiro.

— É arriscado demais.

— Eu sei.

— Agora parece ótimo, mas podemos passar algum tempo na cadeia.

— Certo, certo, mas eu tinha de contar, você sabe. — Sacode a mão no ar, tirando-me do negócio, como se nem pudesse considerar a possibilidade. Esperamos que o garçom se afaste.

Já pensei no fato de ser a única pessoa que trabalhou para os dois fugitivos, mas francamente nunca sonhei que os federais pudessem estar me vigiando. Meu apetite desapareceu. Minha boca continua seca. Estremeço a cada som.

Recolhidos com nossos pensamentos, olhamos para os objetos na mesa. Não falamos até a chegada da pizza e comemos em completo silêncio. Eu gostaria de saber dos detalhes. Como Bruiser entrou em contato com Deck? Quem pagou a viagem a Lãs Vegas? Esta é a primeira vez que eles se comunicam desde a fuga? Será a última? Por que Bruiser ainda se preocupa comigo?

Duas ideias surgem da névoa. Uma: se Bruiser teve meios para seguir os movimentos de Deck na viagem a Lãs Vegas para saber que ele foi seguido o tempo todo, então certamente pode contratar pessoas para apanhar o dinheiro em Memphis. Por que nós? Porque pouco se importa com a possibilidade de sermos pegos, é esse o caso. Segunda: os federais não se deram ao trabalho de me entrevistar porque não queriam me alertar. Tem sido muito mais fácil me vigiar porque eu nem estava pensando neles.

Outra ideia: sem dúvida meu pequeno amigo no outro lado da mesa queria abrir a porta para uma conversa séria sobre o dinheiro. Deck sabe mais do que me disse, e começou esta conversa com um plano formado.

Não sou tão tolo a ponto de pensar que ele tenha desistido.



Estou aprendendo a temer a correspondência diária. Deck a apanha depois do almoço, como sempre, e traz para o escritório. Hoje há um envelope volumoso daquela boa gente da Tinley Britt e prendo a respiração enquanto abro. É a relação escrita das provas coletadas por Drummond. Um conjunto de interrogatórios, uma série de pedidos de todos os documentos Conhecidos pelo queixoso e por seu advogado e uma série de pedidos de admissões. Este último é um novo procedimento que tem por objetivo obrigar a parte contrária a admitir ou negar certos fatos citados por escrito, dentro de trinta dias. Se os fatos não forem negados, serão definitivamente admitidos.) envelope contém um aviso de que os depoimentos de Dot e Buddy Black serão tomados dentro de duas semanas, no meu escritório. Pelo que sei, geralmente os advogados das partes conversam amigavelmente por telefone para marcar a data, a hora e o local do depoimento. Isso se chama cortesia profissional, leva cerca de dez minutos e faz com que as coisas corram de modo muito mais suave. Evidentemente Drummond esqueceu as boas maneiras ou preferiu adotar a estratégia mais agressiva. De qualquer modo, estou resolvido a alterar a data e o local. Não que haja algum conflito, apenas por amor à justiça.

Por incrível que pareça, o envelope não contém nenhuma moção! Certamente chegarão amanhã.

A lista escrita das provas coletadas deve ser respondida no prazo de trinta dias, e elas podem ter entrada ao mesmo tempo. A minha está quase completa, e a chegada da lista de Drummond me anima a agir. Decidi que vou mostrar a Mr. Importante que posso entrar na guerra do papel. Ele vai ficar impressionado ou mais uma vez vai compreender que está competindo com um advogado que não tem nada mais para fazer.



É quase noite quando paro o carro silenciosamente na frente da

casa. Há dois carros estranhos ao lado do Cadillac de Miss Birdie, dois Pontiacs reluzentes com adesivos da Avis nos para-choques. Ouço vozes e dou a volta na casa nas pontas dos pés, esperando chegar ao meu apartamento sem ser visto. Fiquei no escritório até tarde, especialmente para evitar Delbert e Vera. Mas a sorte não está comigo. Eles estão no pátio, tomando chá com Miss Birdie. E vejo outras pessoas.

— Lá está ele — diz Delbert em voz alta, assim que apareço. Paro de andar, olho para o pátio. — Venha até aqui, Rudy. — É mais uma ordem do que um convite.

Ele se levanta devagar, e outro homem faz o mesmo. Delbert aponta para ele.

— Rudy, este é meu irmão Randolph. Aperto a mão de Randolph.

— Minha mulher, June — diz ele, mostrando uma outra mulher de idade, do mesmo tipo de Vera, mas esta de cabelo tingido. Ela responde à minha inclinação da cabeça com um olhar capaz de derreter queijo.

— Miss Birdie — digo, cortesmente, inclinando a cabeça para a minha senhoria.

— Olá, Rudy — diz ela docemente, sentada no sofá de vime ao lado de Delbert.

— Junte-se a nós — diz Randolph, apontando para uma cadeira vazia.

— Não, obrigado. Preciso ir ao meu apartamento para ver se não roubaram nada. — Olho para Vera. Ela está sentada atrás do sofá, separada dos outros, provavelmente o mais longe possível de June.

June deve ter uns quarenta e cinco anos. Lembro que seu marido tem quase sessenta. Lembro também que é a ela que Miss Birdie chama de vagabunda. A terceira mulher de Randolph. Sempre perguntando sobre o dinheiro.

— Não estivemos no seu apartamento — diz Delbert, carrancudo.

Ao contrário do irmão metido a moço, Randolph está envelhecendo com dignidade. Não é gordo, não faz permanente, não tinge o cabelo, nem usa pulseira de ouro. Está com uma camisa de golfe, bermudas, meias brancas, tênis branco. Como todos os outros, é queimado de sol. Podia passar facilmente por um executivo, completo com o troféu da pequena mulher de plástico.

— Quanto tempo ainda vai ficar aqui, Rudy? — pergunta ele.

— Eu não sabia que ia embora.

— Eu não disse isso. Só curiosidade. Minha mãe diz que vocês não têm um contrato, e por isso estou perguntando.

— Por que pergunta? — As coisas estão mudando rapidamente.

Até ontem à noite, Miss Birdie não estava falando em contrato.

— Porque de agora em diante vou ajudar minha mãe a cuidar dos seus negócios. O aluguel está muito baixo.

— Isso é verdade — acrescenta June.

— A senhora até agora não se queixou, certo, Miss Birdie? — pergunto.

— Bem, não — diz ela, insinuando que talvez tenha pensado em se queixar, mas não teve tempo.

Eu podia falar em espalhar composto orgânico, plantar, tirar o mato, mas estou resolvido a não discutir com esses idiotas.

— Aí está — digo. — Se a dona da casa está satisfeita, por que estão se preocupando?

— Não queremos que ninguém tire vantagem da nossa mãe — diz Delbert.

— Ora, Delbert — diz Randolph.

— Quem está tirando vantagem dela? — quero saber.

— Bem, ninguém, mas...

— O que ele quer dizer — interrompe Randolph — é que as coisas vão ser diferentes agora. Estamos aqui para ajudar nossa mãe, e só nos preocupamos com seus negócios. Isso é tudo.

Observo Miss Birdie enquanto ele fala. Ela está no sétimo céu. Seus filhos estão aqui, preocupando-se com ela, fazendo perguntas, exigências, protegendo sua mãe. Embora eu saiba que ela despreza as duas noras, Miss Birdie está muito contente.

— Ótimo — digo. — Só quero que me deixem em paz. E fiquem longe do meu apartamento.

Saio apressadamente deixando para trás muitas palavras não-ditas, muitas perguntas não-feitas. Fecho minha porta a chave, como um sanduíche e no escuro ouço as vozes deles a distância.

Durante alguns minutos procuro imaginar o motivo dessa reunião. Ontem, em algum momento, Delbert e Vera chegaram da Flórida, para quê provavelmente nunca vou saber. De um modo ou de outro, encontraram o testamento de Miss Birdie, viram que a mãe tinha mais ou menos vinte milhões para deixar e ficaram profundamente interessados pelo seu bem-estar. Souberam que um advogado está morando aqui, e isso os deixou preocupados. Delbert telefonou para Randolph, que também mora na Flórida, e Randolph correu para cá, com a mulher-troféu a tiracolo. Passaram hoje o dia todo interrogando a mãe sobre tudo o que se possa imaginar e chegaram ao ponto de se declarar seus protetores.

Francamente, pouco me importa. Não posso deixar de achar graça nisso tudo. Imagino quanto tempo vai ser preciso para que eles saibam a verdade.

Por enquanto, Miss Birdie está feliz. E eu fico feliz por ela.

Chego cedo para a minha entrevista com o Dr. Walter Kord, mas pouco adianta. Espero uma hora, lendo a ficha médica de Donny Ray, que já sei de cor. A sala de espera se enche de pacientes cancerosos. Procuo não olhar para eles.

Uma enfermeira vem me chamar às dez. Eu a acompanho até uma sala de exames sem janelas, bem no centro do labirinto. Entre todas as especialidades médicas, por que alguém vai escolher oncologia? Bem, acho que alguém tem de fazer isso.

Por que alguém escolhe direito?

Sento na cadeira com minha pasta de papéis e espero mais quinze minutos. Vozes no corredor, e a porta se abre. Um homem de trinta e poucos anos entra na sala.

— Mr. Baylor — diz ele, estendendo a mão. Fico em pé.

— Sim.

— Walter Kord, Estou com muita pressa. Podemos fazer isso em cinco minutos?

— Acho que sim.

— Vamos correr, se pudermos. Tenho muitos pacientes — diz, com um sorriso. Penso que médicos detestam advogados. Não sei por que não os culpo por isso.

— Muito obrigado pela declaração escrita. Funcionou. Já tomamos o depoimento de Donny Ray.

— Ótimo. — Ele é uns oito centímetros mais alto do que eu e me olha lá de cima, como se eu fosse um idiota.

Com os dentes cerrados, digo:

— Precisamos de seu testemunho.

A reação é típica dos médicos. Eles detestam tribunais. Para evitá-los, às vezes concordam em fazer depoimentos para validar certas provas, que são usadas em lugar da sua presença no julgamento. Não são obrigados a isso. E, quando não concordam, de vez em quando os advogados precisam fazer uso de uma manobra mortal — a intimação. Os advogados têm poder para emitir intimações a qualquer pessoa, inclusive médicos. Desse modo, dentro dos limites dessa capacidade, os advogados têm poder sobre os médicos. O que contribui para que os médicos os desprezem ainda mais.

— Estou muito ocupado — diz.

— Eu sei. Não é para mim, é para Donny Ray.

Ele franze a testa e respira pesadamente, como se estivesse sofrendo de um desconforto físico.

— Cobro quinhentos dólares por hora para um depoimento.

Isso não me abala porque eu já esperava. Na faculdade de direito, ouvi histórias de médicos que cobravam até mais. Estou aqui para pedir.

— Não posso pagar isso, Dr. Kord. Abri meu escritório há seis semanas e estou quase morrendo de fome. Este é o único caso decente que tenho.

É espantoso o que a verdade pode fazer. Esse cara provavelmente ganha um milhão de dólares por ano e fica imediatamente desanimado com a minha franqueza. Vejo compaixão nos olhos dele. Ele hesita por um segundo, talvez pensando em Donny Ray e na frustração de não poder ajudá-lo, e sente pena de mim. Quem sabe?

— Eu mando a conta, está bem? Pague quando puder.

— Obrigado, doutor.

— Fale com minha secretária e escolha uma data. Podemos fazer aqui mesmo?

— Certamente.

— Muito bem. Preciso me apressar.



Quando volto, Deck está com uma cliente no escritório. É uma mulher de meia-idade, robusta, bem vestida. Ele me chama quando passo por sua porta. Apresenta a senhora Madge Dresser, que quer se divorciar. Ela esteve chorando, e, quando me inclino sobre a mesa, ao lado de Deck, ele me passa uma folha do seu bloco de notas. “Ela tem dinheiro”, está escrito.

Passamos uma hora com Madge, e trata-se de uma história sórdida. Bebida, espancamentos, outras mulheres, jogo, filhos malcomportados, e ela não fez nada de errado. Há dois anos pediu divórcio, e o marido deu um tiro na janela da frente do escritório do advogado dela. Ele brinca com armas de fogo e é perigoso. Olho para Deck, enquanto ela conta a história. Deck não olha para mim.

Ela paga seiscentos dólares em dinheiro e promete mais. Vamos dar entrada no pedido de divórcio amanhã. Ela está em boas mãos com a firma de Rudy Baylor, garante Deck.

Logo depois que ela sai, o telefone toca. Um homem diz que quer falar comigo. Eu me identifico.

— Sim, Rudy, aqui é Roger Rice, advogado. Acho que não nos

conhecemos.

Quando estava procurando emprego, conheci quase todos os advogados de Memphis, mas não me lembro de nenhum Roger Rice.

— Não, acho que não. Eu sou novo.

— Sim. Tive de pedir informações para conseguir seu telefone. Escute, estou no meio de uma reunião, Randolph e Delbert Birdsong, e a mãe deles, Birdie. Imagino que você os conheça.

Posso ver Miss Birdie sentada entre os filhos, sorrindo estupidamente e dizendo: “Isso é ótimo.”

— Claro, conheço Miss Birdie muito bem — digo, como se estivesse esperando esse telefonema desde cedo.

— Na verdade, eles estão na sala ao lado da minha. Vim para a sala de conferências para telefonar. Estou trabalhando no testamento dela, e, bem, parece que há um pote de dinheiro por aqui. Eles dizem que você tentou fazer o testamento dela.

— É verdade. Preparei um rascunho alguns meses atrás, mas, francamente, ela não quis assinar.

— Por que não? — Ele é amistoso, está apenas fazendo seu trabalho, e não tem culpa de os três estarem lá. Por isso faço um breve resumo do desejo de Miss Birdie de deixar todo o dinheiro para o reverendo Kenneth Chandler.

— Ela tem esse dinheiro? — pergunta.

Simplesmente não posso dizer a verdade. Seria extremamente contra a ética divulgar qualquer informação sobre Miss Birdie sem o consentimento dela. E a informação que Rice quer eu a consegui por meios duvidosos, embora não ilegais. Minhas mãos estão atadas.

— O que ela disse? — pergunto.

— Não muita coisa. Algo sobre uma fortuna em Atlanta, deixada pelo segundo marido, mas, cada vez que procuro saber detalhes, ela se fecha.

Isso me parece bastante familiar.

— Por que ela quer fazer um novo testamento? — pergunto.

— Ela quer deixar tudo para a família: filhos e netos. Eu só quero saber se ela tem o dinheiro.

— Não tenho certeza sobre o dinheiro. Em Atlanta há um dossiê no juizado de órfãos e sucessões que foi selado, e só cheguei até aí.

Ele não está satisfeito, e eu tenho menos ainda para dizer. Prometo passar um fax com o nome e o telefone do advogado em Atlanta.



Encontro mais carros alugados quando chego à casa, depois das nove. Sou obrigado a estacionar na rua, o que me deixa realmente irritado. Entro sorrateiramente no escuro e não sou visto pelo grupo no pátio.

Devem ser os netos. Da janela da minha pequena sala, sentado no escuro, ouço as vozes enquanto como minha torta de galinha. Posso distinguir as de Delbert e de Randolph e ocasionalmente a voz trêmula de Miss Birdie no ar úmido. As outras vozes são mais jovens.

Deve ter funcionado como um chamado frenético para o telefone de urgência da polícia. Venham depressa! Ela está cheia da grana! Pensamos que a velha franguinha tinha uns poucos dólares, mas não uma fortuna. Um telefonema levou a outro, alcançando toda a família. Venha depressa! Seu nome está no testamento, e tem um milhão de dólares na frente dele. E ela está pensando em mudar o testamento. Disponham as carroças em círculo. Está na hora de amar a vovó.

Atendendo a recomendação do juiz Kipler, e com sua bênção, nós nos reunimos no seu tribunal para o depoimento de Dot. Depois que Drummond o programou para o meu escritório sem me consultar, recusei-me a concordar com a data e o lugar. Kipler entrou no jogo, telefonou para Drummond, e o caso foi resolvido numa questão de segundos.

Quando tomamos o depoimento de Donny Ray, todos viram Buddy sentado no Fairlane. Expliquei para Kipler e também para Drummond que na minha opinião não devíamos tomar o depoimento de Buddy. Ele não está bem, como diz Dot. O pobre homem é inofensivo e não sabe coisa alguma dessa confusão de seguro. Não há em todo o dossiê nada que indique o envolvimento de Buddy, nem mesmo remoto. Nunca o ouvi dizer uma frase completa. Não imagino que possa sobreviver à tensão de um depoimento. Buddy pode explodir e atacar alguns advogados.

Dot o deixa em casa. Ontem passei duas horas preparando-a para as perguntas de Drummond. Ela vai testemunhar no julgamento; portanto, esse será um depoimento de coleta de provas, não de confirmação da evidência. Drummond vai primeiro, faz praticamente todas as perguntas e de um modo geral pode explorar à vontade. Vai levar horas.

Kipler quer assistir a este também. Sentamos em volta de uma das mesas dos advogados, no tribunal, na frente do estrado do juiz. Kipler dirige o trabalho do operador de vídeo e da estenógrafa. Esse é seu escritório, e ele quer que tudo seja feito de acordo com as suas regras.

Francamente, acho que teme que Drummond me atropеле se me deixar sozinho. O atrito entre os dois é tão grande que mal podem olhar um para o outro. Acho isso maravilhoso.

A pobre Dot, sentada sozinha na cabeceira da mesa, está com as mãos trêmulas. Estou perto, o que provavelmente a deixa mais nervosa. Ela está com sua melhor blusa de algodão e sua melhor calça jeans. Expliquei que não precisava se preocupar com a roupa porque não vai aparecer no vídeo. Mas para o julgamento é importante que use um vestido. Deus sabe o que vamos fazer com Buddy.

Kipler senta no meu lado da mesa, porém o mais distante possível, ao lado da câmera de vídeo. No outro lado estão Drummond e apenas três assistentes — B. Dewey Clay Hill in, M. Alec Plunk Junior e Brandon Fuller Grone.

Deck está no prédio, em algum lugar lá embaixo, tocando clientes desprevenidos. Disse que talvez apareça mais tarde.

Assim, há cinco advogados e um juiz olhando para Dot Black quando ela levanta a mão e jura dizer a verdade. Minhas mãos também estariam trêmulas. Com um largo sorriso cheio de dentes, Drummond se apresenta a Dot, para os autos, e passa os primeiros cinco minutos explicando suavemente o objetivo do depoimento. Estamos procurando a verdade. Ele não vai tentar confundir ou conduzir a testemunha. Ela pode consultar seu advogado e assim por diante, interminavelmente. Ele não tem pressa. O relógio não para.

A primeira hora é dedicada à história da família. Drummond, como sempre, está impecavelmente preparado. Passa com leveza de um assunto para outro — educação, empregos, residências, passatempos — e faz perguntas que eu jamais teria sonhado. A maior parte é conversa mole, mas é o que os bons advogados fazem nos depoimentos de coleta de provas. Pergunta, exploração do terreno, uma pergunta diferente, mais pesquisa, e só Deus sabe o que se pode descobrir. E, se descobrisse algo realmente importante, como, digamos, uma gravidez durante a adolescência, de nada adiantaria. Não poderia ser usada no julgamento. Completamente irrelevante. Mas as regras permitem essa bobagem, e seu cliente está pagando um caminhão de dinheiro para caçar no escuro.

Kipler anuncia um recesso, e Dot sai correndo para o corredor. O cigarro está entre seus lábios antes de ela chegar à porta. Encontro com ela ao lado do bebedouro.

— Você está indo muito bem — digo, porque é verdade.

— O filho da mãe vai perguntar sobre minha vida sexual? — rosna ela.

— Provavelmente. — A visão de Dot e do marido na cama, fazendo amor, passa por minha mente, e quase tenho de sair correndo.

Ela fuma rapidamente, como se fosse o último cigarro da sua vida.

— Você não pode evitar que ele faça isso?

— Se ele sair da linha, posso. Mas ele tem direito a perguntar quase qualquer coisa.

— Filho da mãe enxerido.

A segunda hora é tão lenta quanto a primeira. Drummond interroga sobre as finanças dos Black e ficamos sabendo da compra da casa e dos carros, incluindo o Fairlane, e a compra de objetos para a casa. A essa altura, Kipler está farto e manda Drummond ir em frente. Ficamos sabendo muita coisa sobre Buddy, seus ferimentos de guerra, seus empregos e sua pensão. E seus

passatempos e como ele passa os dias.

Kipler secamente manda Drummond procurar algo que seja relevante.

Dot nos informa que precisa ir ao banheiro. Eu disse a ela que fizesse isso sempre que se sentisse cansada. Ela fuma três cigarros, um atrás do outro, no corredor, enquanto conversamos, e eu procuro afastar a fumaça.

No meio da terceira hora, chegamos finalmente ao assunto da reivindicação. Preparei uma cópia completa de cada documento relacionado com o dossiê, incluindo os relatórios médicos de Donny Ray, e tudo isso está empilhado em ordem sobre a mesa. Kipler já leu todos. Estamos na posição rara e invejável de não ter documentos de má qualidade. Não temos nada para esconder. Drummond pode ver tudo.

Segundo Kipler e também Deck, não é raro, nesses casos, a companhia de seguros esconder certas coisas até mesmo dos seus advogados. Na verdade, é muito comum, especialmente quando a companhia tem muita roupa suja que prefere deixar enterrada.

No ano passado, numa aula de procedimento de julgamento, estudamos, incrédulos, casos e mais casos em que as companhias que tinham violado a lei haviam sido pegas por terem tentado esconder documentos dos seus advogados.

Quando passamos para os documentos, fico animado. Kipler também. Drummond já pediu esses documentos quando enviou a lista das suas descobertas de provas, mas tenho ainda uma semana para responder. Espero para ver a cara dele quando ler a Carta Burra. Kipler também o observa.

Estamos supondo que Drummond já tenha visto a maior parte, se não tudo, do que está empilhado na frente de Dot. Ele recebeu os documentos do seu cliente. Eu recebi os meus dos Black. Porém achamos que muitos são idênticos. Na verdade, dei entrada num pedido por escrito para a apresentação dos documentos iguais aos que ele pediu. Quando ele responder a meu pedido, vai me mandar as cópias dos documentos que eu já tenho há três meses. A trilha do papel.

Mais tarde, se as coisas correrem de acordo com os planos, vou receber uma nova coleção de documentos novos da matriz da firma, em Cleveland.

Começamos com o requerimento e a apólice. Dot os entrega a Drummond, que os examina rapidamente, depois os passa para Hill, que os passa para Plunk e finalmente para Grone. O tempo passa enquanto esses palhaços examinam cada página. Há meses têm o maldito requerimento e a apólice. Mas tempo é dinheiro. Então a estenógrafa os inclui nos autos como provas do depoimento de Dot.

O documento seguinte é a primeira carta em que a companhia nega o pagamento do seguro e também passa de mão em mão no outro lado da mesa. O mesmo acontece com as outras cartas de igual teor. Estou tentando desesperadamente ficar acordado.

A Carta Burra é a próxima. Aconselhei Dot a simplesmente entregar a carta a Drummond, sem nenhum comentário. Não quero preveni-lo, caso ele ainda não a tenha visto. É difícil para ela, porque é uma carta por demais provocadora. Drummond a pega e lê:

Cara Senhora Black.

Em sete ocasiões anteriores, esta companhia negou por escrito sua reivindicação. Estamos negando agora pela oitava vez. A senhora deve ser burra, muito, muito burra!

Com seus trinta anos de experiência de tribunal, Drummond é um ator consumado. Compreendo imediatamente que está vendo essa carta pela primeira vez. O cliente não incluiu nos documentos do caso. É um golpe e tanto. Ele abre levemente a boca. As rugas longas juntam-se na sua testa. Ele pisca os olhos. Lê a carta pela segunda vez.

Então faz uma coisa que mais tarde desejará ter evitado. Ergue os olhos por cima da carta e olha para mim. Eu, é claro, estou olhando fixamente para ele, com um olhar zombeteiro que diz: “Eu o peguei, grande homem.”

Então, ele agrava a própria agonia olhando para Kipler. O meritíssimo observa cada movimento do rosto dele, cada piscadela, cada contração, e percebe o óbvio. Drummond está atônito com o que tem na mão.

Ele se refaz rapidamente, mas o mal está feito. Drummond passa a carta a Hill, que está quase dormindo e nem desconfia que o chefe está pondo uma bomba em suas mãos. Observamos Hill por alguns segundos. Então, a coisa explode.

— Vamos falar não oficialmente, não para os autos — diz Kipler.

A estenógrafa para, e o operador de vídeo desliga sua máquina.

— Mr. Drummond, é evidente que nunca viu essa carta antes. E tenho a impressão de que não será o último documento que seu cliente vai tentar esconder. Já processei muitas companhias de seguros e sei que os documentos têm o péssimo hábito de desaparecer. — Kipler inclina-se para a frente e aponta para Drummond. — Se eu pegar você ou seu cliente escondendo documentos do queixoso, ambos sofrerão uma sanção. Vou impor

penalidades severas que incluem custos e honorários de advogados e valor por hora igual ao que está cobrando de seu cliente. Compreendeu?

O caminho da sanção é o único que pode me fazer ganhar duzentos e cinquenta dólares por hora.

Drummond e seus homens estão ainda atordoados. Posso imaginar como essa carta vai ser recebida pelo júri e sei que eles estão pensando a mesma coisa.

— Está me acusando de esconder documentos, meritíssimo?

— Ainda não. — Kipler continua apontando para ele. — Neste momento, estou apenas avisando.

— Eu acho que devia se retirar do caso, meritíssimo.

— Isso é uma moção?

— Sim, senhor.

— Negada. Mais alguma coisa?

Drummond mata alguns segundos remexendo papéis. A tensão diminui. A pobre Dot está petrificada, provavelmente pensando que fez alguma coisa para provocar todas essas centelhas. Eu mesmo estou um pouco espantado.

— De volta aos autos — diz Kipler, sem desviar os olhos de Drummond.

Algumas perguntas são feitas e respondidas. Mais alguns documentos são passados pela linha de montagem. Fazemos um intervalo para almoço ao meio-dia e meia, e uma hora depois estamos de volta para o trabalho da tarde. Dot está exausta.

Kipler dá a Drummond severas instruções para apressar o depoimento. Ele tenta, mas é difícil. Drummond faz isso há tanto tempo e já ganhou tanto dinheiro no processo, que praticamente pode ficar fazendo perguntas por toda a eternidade.

Minha cliente adota a estratégia que eu adoro. Ela explica ao grupo, fora dos autos, que tem um problema na bexiga, nada sério, sabem, mas, que diabo, está com quase sessenta anos. E assim, à medida que a tarde se adianta, aumenta a frequência das suas idas ao banheiro. Drummond, tipicamente, faz uma dúzia de perguntas sobre a bexiga de Dot, mas finalmente Kipler o faz mudar de assunto. Assim, de quinze em quinze minutos Dot pede licença, sai da sala e nunca tem pressa de voltar.

Tenho certeza de que não há nada de errado com sua bexiga, e tenho certeza também de que ela fica escondida no banheiro, fumando. A estratégia permite também que ela ande um pouco, e finalmente vence a resistência de Drummond.

Às três e meia, seis horas e meia depois que começamos, Kipler declara que o depoimento terminou.



Pela primeira vez em duas semanas, todos os carros alugados desapareceram. O Cadillac de Miss Birdie está sozinho. Estaciono atrás dele, na minha antiga vaga, e dou a volta na casa. Ninguém.

Finalmente se foram. Desde o dia da chegada de Delbert que não falo com Miss Birdie, e precisamos conversar. Não estou zangado, só quero conversar.

Chego aos degraus que levam ao meu apartamento quando ouço uma voz que não é de Miss Birdie.

— Rudy, tem um minuto? — Randolph se levanta do balanço do pátio.

Deixo a pasta e o paletó na escada e vou até ele.

— Sente-se — diz Randolph. — Precisamos conversar. — Parece de ótimo humor.

— Onde está Miss Birdie? — As luzes da casa estão apagadas.

— Ela, bem, ela vai se ausentar por um tempo. Quer passar alguns dias conosco na Flórida. Partiu de avião esta manhã.

— Quando vai voltar? — pergunto. Não é da minha conta, mas tenho de perguntar.

— Não sei. Talvez não volte. Escute, eu e Delbert vamos tratar dos negócios dela de agora em diante. Acho que ultimamente temos sido um pouco negligentes, mas ela quer que tomemos conta das coisas. E nós queremos que você fique.

Na verdade, temos uma proposta para você. Você fica aqui, toma conta da casa e de tudo o mais e não paga aluguel.

— O que quer dizer com toma conta da casa e tudo o mais?

— Manutenção geral. Nada pesado. Minha mãe disse que você trabalhou muito bem no jardim neste verão. É só continuar com o que estava fazendo. Se aparecer algum problema mais importante, telefone para mim. É uma boa oferta, Rudy.

Sem dúvida.

— Eu aceito.

— Ótimo. Minha mãe gosta de você, sabe disso, ela diz que você é uma ótima pessoa, na qual podemos confiar. Apesar de ser advogado. Ha-ha-ha.

— E o carro dela?

— Vou levá-lo para a Flórida amanhã. — Entrega-me um envelope grande. — Aqui estão as chaves da casa, telefones do

agente de seguros, da companhia do sistema de alarme, coisas assim. Além do meu endereço e telefone.

— Onde ela vai ficar?

— Conosco, perto de Tampa. Temos uma boa casa com quarto de hóspedes. Vamos tomar conta dela. Tenho dois filhos que moram perto, e assim ela terá muita companhia.

Eu posso ver todos caindo uns sobre os outros para servir a vovó. Vão gostar de sufocá-la de carinho por algum tempo, esperando que não viva muito. Mal podem esperar sua morte para todo o mundo ficar rico. Com muita dificuldade contenho um sorriso.

— Isso é bom — digo. — Ela tem estado muito sozinha.

— Ela gosta mesmo de você, Rudy. Você foi bom para ela. — A voz é suave e sincera, e sinto uma profunda tristeza.

Trocamos um aperto de mão e nos despedimos.



Balanço na rede, espanto os mosquitos, olho para a lua. Tenho quase certeza de que nunca mais verei Miss Birdie e sinto a estranha solidão de quem perdeu uma amiga. Aquela gente vai fazer questão de ficar com ela até sua morte, garantindo a chance de enriquecer com seu testamento. Sinto uma ponta de culpa por saber a verdade sobre sua fortuna, mas é um segredo que não posso contar a ninguém.

Ao mesmo tempo, não posso deixar de sorrir. Miss Birdie está fora desta velha casa e rodeada pela família. De repente, tornou-se o centro das atenções, uma coisa que ela sempre desejou. Penso nela no Prédio dos Cidadãos Idosos em Cypress Gardens, trabalhando com a multidão, dirigindo as canções, fazendo discursos, preocupando-se com Bosco e com os outros “caducos”. Ela tem um coração de ouro, mas também tem sede de atenção.

Espero que o sol da Flórida seja bom para ela. Rezo por sua felicidade. Quem vai tomar seu lugar no Cypress Gardens?

Acredito que Booker tenha escolhido este restaurante sofisticado porque tem boas notícias para me dar. Os talheres são de prata. Os guardanapos, de linho. Algum cliente deve estar pagando tudo isso.

Ele chega com cinco minutos de atraso, o que não é comum a ele, mas agora Booker é um homem ocupado e a primeira coisa que ele diz é:

— Eu passei.

Tomamos água enquanto ele conta a história movimentada do seu pedido de revisão à banca examinadora. Suas provas foram reavaliadas, a média subiu três pontos, e agora ele é um advogado licenciado. Nunca vi Booker sorrir tanto. Somente dois outros do nosso grupo tiveram sucesso com os pedidos de revisão. Sara Plankmore é um deles. Booker ouviu dizer que as notas dela foram péssimas e que seu emprego no escritório do procurador-geral está perigando.

Contra a vontade de Booker, peço uma garrafa de champanhe e digo ao garçom que me dê a conta. Não se pode esconder dinheiro.

O jantar é servido; vêm fatias incrivelmente finas de salmão, mas muito bem-apresentadas, que eu admiro antes de começar a comer. Shankle está fazendo Booker correr em várias direções, quinze horas por dia, mas Charlene é uma mulher de grande paciência. Ela compreende que o marido tem de fazer sacrifícios agora no começo, para receber a recompensa mais tarde. Por um momento, dou graças por não ter mulher e filhos.

Falamos sobre Kipler, que falou com Shankle, e a notícia se espalhou. Os advogados têm muita dificuldade para guardar segredos. Shankle mencionou a Booker que Kipler mencionou a ele que seu amigo, eu, tem um caso que pode valer milhões. Evidentemente Kipler está convencido de que eu tenho a Great Benefit contra a parede e que se trata apenas de uma questão de quanto o juiz vai nos conceder. Kipler está resolvido a me levar intacto até o júri.

Uma fofoca esplêndida.

Booker quer saber o que mais estou fazendo. Ao que parece, Kipler mencionou também o fato de que não tenho muito mais para fazer, ou alguma coisa parecida.

Comendo a torta de queijo, Booker diz que tem alguns dossiês que podem me interessar. Ele explica: a segunda maior loja de móveis de Memphis chama-se Ruffin's, pertence a um grupo de negros e tem lojas por toda a cidade. Todo o mundo conhece a

Ruffin's, especialmente porque seus comerciais invadem a TV tarde da noite, anunciando todo tipo de facilidade de pagamento, sem nenhuma entrada. A companhia fatura cerca de oito milhões por ano, diz Booker, e seu advogado é Marvin Shankle. Ela estende o próprio crédito e tem muitos devedores. É próprio do negócio. A firma Shankle está assoberbada com centenas de processos contra fregueses da Ruffin's.

Por acaso eu gostaria de ficar com alguns desses casos?

A cobrança por meios legais é uma das atrações da faculdade de direito. Os acusados são devedores muito atrasados que compraram móveis baratos. O cliente não quer os móveis de volta, apenas o dinheiro. Na maioria dos casos, não há nenhuma resposta nos autos, o acusado não precisa comparecer, de modo que o advogado tem de anexar bens pessoais ou ordenados. Isso pode ser perigoso. Três anos atrás, um advogado de Memphis levou um tiro, mas não morreu, de um jovem cujo contracheque acabava de ser penhorado.

Para que a cobrança funcione, o advogado precisa de várias pastas com casos porque os processos valem apenas algumas centenas de dólares. Honorários modestos, mas que em grande volume podem ser suficientes para pagar as despesas do escritório e o supermercado.

— Posso mandar mais de cinquenta para você — diz ele — com os formulários adequados. E o ajudo a dar entrada na primeira leva. Há um sistema especial para isso.

— Qual é a média de lucro?

— É difícil dizer, porque em alguns casos você não recebe nada. O acusado pode sair da cidade ou ir à falência. Mas, em média, eu diria cem dólares por cada caso.

Cem vezes cinquenta são cinco mil dólares.

— Os casos comuns levam mais ou menos quatro meses — explica —, e, se você quiser, posso mandar mais de vinte por mês. Dê entrada em todos no tempo certo, no mesmo tribunal, com o mesmo juiz, com retorno no mesmo dia no futuro, e você só tem de comparecer ao tribunal uma vez. Separe os que não pagaram e comece de novo. Noventa por cento consistem em organizar os papéis.

— Vou aceitar. Mais alguma coisa que vocês queiram jogar fora?

— Talvez. Estou sempre atento.

Chega o café, e passamos para aquilo que os advogados sabem fazer melhor — falar de outros advogados. No nosso caso falamos dos colegas da faculdade e de como estão se saindo no mundo real.

Booker adquiriu nova vida.



Deck é capaz de passar pela menor abertura possível de uma porta sem fazer o menor ruído. Faz isso o tempo todo. Estou sentado à minha mesa, pensando ou trabalhando num dos meus raros casos, e *Presto! Aqui está Deck!* Eu gostaria que ele batesse na porta, mas não quero criar caso.

E de repente aqui está ele, de pé, carregando uma pilha de correspondência. Ele nota as pastas novas no canto da mesa.

— O que é isso? -pergunta.

— Trabalho.

Deck apanha uma pasta.

— Ruffin's?

— Sim, senhor. Agora somos advogados da segunda maior loja de móveis de Memphis.

— É um processo de cobrança — diz ele com desdém, como se tivesse sujado as mãos. Isso é próprio de um homem que vive sonhando com mais desastres com a barca de turistas no rio.

— É trabalho honesto, Deck.

— É bater a cabeça contra a parede.

— Ora, vá correr atrás de ambulâncias.

Ele deixa minha correspondência na mesa e desaparece tão silenciosamente quanto entrou. Respiro fundo e abro um envelope pesado de Tinley Britt. É um maço de papéis com quase cinco centímetros de espessura.

Drummond respondeu a meus interrogatórios, negou meus pedidos para admissões e enviou alguns dos documentos requisitados. Vou levar horas examinando tudo isso e mais tempo para imaginar o que ele deixou de mandar.

Especialmente importantes são suas respostas ao meu interrogatório. Tenho de tomar o depoimento de um porta-voz da companhia, e ele indica um cavalheiro chamado Jack Underhall, da matriz, em Cleveland. Pedi também os títulos e cargos oficiais de vários funcionários da Great Benefit, nomes que encontrei nos papéis de Dot.

Usando uma fórmula dada pelo juiz Kipler, preparo seis avisos de depoimentos. Marco a data para daqui a uma semana, sabendo que vai haver conflito com a agenda de Drummond. Foi o que ele me fez com o depoimento de Dot, e é assim que esse jogo é jogado.

Ele vai correr para Kipler e não vai encontrar muita simpatia.

Estou me preparando para passar uns dois dias em Cleveland na matriz da Great Benefit. Não é minha vontade, mas não posso deixar de ir. Vai ser uma viagem dispendiosa — passagem, hotel, alimentação, relatórios do tribunal. Ainda não falei com Deck a respeito. Francamente, estou esperando que ele se ocupe com um pequeno acidente de carro.

O caso Black passou agora para o terceiro arquivo maior. Guardo todas as pastas numa caixa de papelão no chão, ao lado da minha mesa. Olho para a caixa várias vezes por dia, perguntando a mim mesmo o que estou fazendo. Quem sou eu para sonhar com uma grande vitória no tribunal? com uma espetacular derrota de Leo F. Drummond?

Nunca me dirigi a um júri.



Donny Ray estava fraco demais para falar ao telefone uma hora atrás, e por isso fui à sua casa, em Granger. É o fim do dia, em setembro, não lembro a data, mas a doença de Donny Ray foi diagnosticada há mais de um ano. Dot está com os olhos vermelhos.

— Acho que ele está no fim — diz ela, com voz trêmula. Nunca imaginei que a aparência de Donny Ray pudesse piorar, mas ele está mais pálido e mais frágil do que nunca. Está dormindo num quarto sem luz. O sol está baixo no oeste e as sombras desenhavam retângulos perfeitos sobre os lençóis brancos da cama estreita. A TV está desligada. O quarto está silencioso.

— Ele não comeu nada hoje — murmura ela.

— Muita dor?

— Não muita. Já apliquei duas injeções.

— Vou sentar um pouco aqui — murmuro, sentando na cadeira de armar.

Dot sai do quarto, e ouço seu choro no corredor.

Talvez ele já esteja morto. Presto atenção no seu peito, esperando ver algum movimento, mas não noto nada. O quarto fica mais escuro. Acendo uma pequena lâmpada na mesa perto da porta, e ele se move levemente. Abre os olhos, depois fecha outra vez.

Então é assim que morrem os que têm apólices de seguro. Numa sociedade repleta de médicos ricos e hospitais luxuosos, aparelhagem de última geração, e onde está a maior parte do

vencedores do prêmio Nobel, é um insulto absurdo permitir que Donny Ray defina e morra sem tratamento médico adequado.

Ele podia ser salvo. De acordo com a lei, estava solidamente protegido pelo guarda-chuva, por mais cheio de buracos que fosse, da Great Benefit quando seu corpo foi dominado por essa doença terrível. No momento em que foi diagnosticada, ele estava protegido por uma apólice paga por seus pais. Segundo a lei, a Great Benefit tinha a obrigação contratual de pagar o tratamento.

Num dia não muito distante, espero conhecer a pessoa responsável por essa morte. Ele ou ela talvez seja um insignificante encarregado de atender as reclamações e que simplesmente obedece ordens. Ele ou ela pode ser um vice-presidente que deu as ordens. Eu queria tirar uma foto de Donny Ray agora e entregá-la a essa pessoa patética quando finalmente nos encontrarmos.

Ele tosse, faz outro movimento, e acho que está querendo me dizer que ainda está vivo. Apago a luz e fico sentado no escuro.

Estou sozinho e em minoria, assustado e inexperiente, mas estou com a razão. Se os Black não ganharem este processo, é porque não existe nenhuma justiça no sistema.

Em algum lugar distante, acende-se uma luz na rua, e a claridade passando pela janela pousa no peito de Donny Ray. Vejo que agora está se movendo levemente para cima e para baixo. Acho que está tentando acordar.

Não haverá muitos outros momentos para me sentar neste quarto. Olho para o corpo magro, quase invisível, sob os lençóis, e juro vingança.

É um juiz zangado que senta na cadeira sobre o estrado com seu manto negro. É um Dia de Moção, dia de discutir breve e seguidamente as dezenas de moções de dezenas de casos. O tribunal está repleto de advogados.

Somos os primeiros porque o juiz Kipler está perturbado. Apresentei a moção para tomar os depoimentos de seis empregados da Great Benefit, a partir da próxima segunda-feira, em Cleveland. Drummond fez objeção, explicando que ele evidentemente não poderia comparecer por causa do seu calendário sagrado. Mas não apenas ele estará cheio de compromissos nesse dia; os seis futuros depoentes também estarão ocupados demais e não poderão ser incomodados. Os seis!

Kipler conferenciou com Drummond e comigo por telefone, e as coisas não foram muito bem, pelo menos para a defesa. Drummond tem compromissos legítimos no tribunal, e passou um fax com uma ordem prejudgamento do outro caso explicando sua negativa de comparecimento. O que irritou o juiz foi a afirmativa de Drummond de que só daqui a dois meses ele terá tempo de ir a Cleveland. Além disso, os seis empregados da companhia estão sempre muito ocupados, e é possível que só dentro de alguns meses seja possível reuni-los para depor.

Kipler ordenou esta audiência para desmontar oficialmente Drummond e fazer com que tudo conste dos autos. Uma vez que tenho falado com o meritíssimo diariamente nos últimos quatro dias, sei o que vai acontecer. Não vai ser bonito. Não vou precisar dizer muita coisa.

— Para os autos — diz Kipler secamente para a estenógrafa, e os clones na mesa da defesa inclinam-se para a frente sobre seu blocos de notas. Hoje são quatro. — No caso número 214668, “Black versus Great Benefit”, o autor do processo anotou os depoimentos do diretor da companhia e de mais seis funcionários da acusada, que serão tomados segunda-feira próxima, 5 de outubro, na sede da companhia, em Cleveland, Ohio. Não foi surpresa a objeção do advogado de defesa, alegando que há um conflito com sua agenda. Certo, Mr. Drummond?

Drummond levanta devagar.

— Sim, senhor, já submeti à corte uma cópia de uma ordem de prejudgamento para um caso no tribunal federal que começa na segunda-feira. Sou o primeiro advogado da defesa nesse caso.

Drummond e Kipler já tiveram pelo menos duas discussões

acaloradas sobre o assunto, mas é importante que esta conste dos autos.

— E quando vai poder encaixar isto na sua agenda? — pergunta Kipler com sarcasmo.

Estou sentado sozinho à minha mesa. Deck não está aqui. Há pelo menos quatro advogados sentados atrás de mim, todos observando o grande Leo F. Drummond no processo de levar uma reprimenda. Devem estar se perguntando quem sou eu, esse desconhecido, tão bom que o juiz luta ao lado dele.

Drummond muda o peso do corpo de um pé para o outro e diz:

— Bem, meritíssimo, estou realmente com a agenda lotada. Talvez daqui...

— O senhor disse dois meses. Será que ouvi bem? — Kipler parece chocado. Certamente nenhum advogado tem tanto trabalho assim.

— Sim, senhor. Dois meses.

— E todos os compromissos são julgamentos?

— Julgamentos, depoimentos, moções, argumentos de apelação. Terei prazer em mostrar meu calendário.

— No momento, não posso imaginar nada pior, Mr. Drummond — diz Kipler. — Vamos fazer o seguinte, Mr. Drummond, e por favor ouça com atenção, por que vou escrever isso em forma de ordem. Quero lembrar-lhe, senhor, que este caso está na via expressa e no meu tribunal isso significa nada de demora. Esses seis depoimentos vão começar logo cedo, na manhã de segunda-feira, em Cleveland. — Drummond afunda na cadeira e começa a escrever. — E se o senhor não puder comparecer, sinto muito. Mas, na última vez que contei, o senhor tinha mais quatro advogados trabalhando neste caso: Morehouse, Plunk, Hill e Grone, todos, devo acrescentar, muito mais experientes do que Mr. Baylor, que, se não me engano, recebeu a licença no último verão. Agora, sei que vocês não podem mandar só um advogado a Cleveland, compreendo que o depoimento deve ser feito com um mínimo de dois, mas tenho certeza de que podem arranjar um número suficiente de advogados capazes de representar devidamente seu cliente.

As palavras escaldam o ar. Os advogados atrás de mim estão extremamente imóveis e calados. Sinto que muitos deles há anos esperavam por isto.

— Além disso os seis empregados que constam na lista deverão estar presentes na segunda-feira de manhã, e devem ficar à disposição de Mr. Baylor pelo tempo que ele achar conveniente. Esta companhia tem licença para funcionar no Tennessee. Tenho jurisdição sobre ela neste assunto e estou ordenando a esses seis indivíduos o máximo de cooperação.

Drummond e companhia afundam mais nas cadeiras e escrevem mais rápido.

— Além disso, o queixoso fez um requerimento de arquivos e documentos. — Kipler para por um segundo e olha carrancudo para a mesa da defesa. — Ouça o que vou dizer, Mr. Drummond, nada de truques com os documentos. Insisto em revelação completa, em completa cooperação. Na segunda-feira e na terça estarei perto do meu telefone e, se Mr. Baylor telefonar e disser que não está recebendo os documentos aos quais tem direito, vou providenciar para que receba. O senhor compreendeu?

— Sim, senhor — diz Drummond.

— Pode fazer com que seu cliente compreenda isso?

— Acho que sim.

Kipler relaxa um pouco, respira fundo. A sala continua no mais completo silêncio.

— Pensando bem, Mr. Drummond, eu gostaria de ver seu calendário do tribunal. Isto é, se não se importa.

Drummond o ofereceu há poucos minutos; portanto, não pode negar agora. É um livro grosso, negro, com capa de couro, a crônica da vida de um homem muito ocupado. É também muito pessoal, e desconfio que Drummond realmente não tivesse intenção de oferecer ao juiz.

Ele o apresenta orgulhosamente ao juiz e espera. Kipler folheia rapidamente, verificando as datas, sem ler os detalhes. Está procurando dias vazios. Drummond está ao lado do estrado móvel no centro da sala.

— Vejo aqui que não tem nada marcado para a semana de 8 de fevereiro.

Drummond vai até o juiz e examina o livro, que este segura inclinado sobre a borda da mesa. Inclina a cabeça afirmativamente sem dizer nada. Kipler devolve o livro, e Drummond volta para sua cadeira.

— O julgamento deste caso fica marcado para segunda-feira, 8 de fevereiro — declara o meritíssimo.

Com a garganta seca, respiro fundo e procuro parecer confiante. Quatro meses parece um longo tempo, uma data confortavelmente distante, mas para quem sequer julgou uma leve batida de carros é extremamente assustador. Decorei o dossiê dezenas de vezes. Decorei as regras de procedimento e as regras das evidências. Li um número enorme de livros sobre como trabalhar com as descobertas de provas e como escolher jurados, como reinterrogar testemunhas e como vencer julgamentos, mas não tenho a mínima ideia de como as coisas vão acontecer neste tribunal no dia 8 de fevereiro.

Kipler nos dispensa, apanho rapidamente meus papéis e saio da

sala. Quando estou saindo, noto alguns olhares do grupo de advogados que esperam sua vez.

Quem é esse cara?



Embora ele nunca tenha confessado, sei que as duas pessoas com quem Deck se dá melhor são dois detetives particulares que ele conheceu quando trabalhava para Bruiser. Um deles, Butch, é um ex-policia! que partilha com Deck o gosto pelos cassinos. Eles viajam para Túnica uma ou duas vezes por semana para jogar pôquer e vinte e um.

Butch conseguiu localizar Bobby Ott, o agente que vendeu a apólice para os Black. Ele o encontrou na colônia penal de Shelby County cumprindo pena de dez meses por cheques sem fundo. Uma investigação mais detalhada revela que Ott se divorciou há pouco tempo e está falido.

Deck ficou desapontado por ter perdido esse peixe. Ott tem enormes problemas legais. Quantos honorários podiam ser ganhos!



Um administrador subalterno da colônia penal me deixa entrar depois que o guarda forte, de mãos enormes, revista meu corpo e minha pasta. Sou conduzido a uma sala perto da frente do prédio principal. É quadrada, com câmeras instaladas nos quatro cantos. Uma divisória no centro separa os prisioneiros dos visitantes. Falamos atrás de uma tela, o que me convém. Espero que esta visita seja extremamente curta. Depois de alguns minutos, Ott é trazido para o outro lado da tela. Tem uns quarenta anos, usa óculos de aros de metal, cabelo escovinha, magro e pequeno, e está com o macacão azul-marinho da prisão. Ele senta numa cadeira, enquanto me examina atentamente. O guarda sai e estamos sozinhos.

Passo meu cartão por uma abertura na parte inferior da tela.

— Meu nome é Rudy Baylor. Sou advogado.

Por que isso parece tão absurdo?

Ele recebe bem a informação e tenta sorrir. Houve um tempo em que este homem ganhava a vida de porta em porta para vender seguro barato para pessoas pobres; assim, a despeito da sua falta de sorte, é na verdade uma pessoa comunicativa, do tipo que as pessoas convidam para entrar.

— Muito prazer — diz ele, por força do hábito. — O que o traz aqui?

— Isto — digo, tirando da pasta uma cópia do processo e passando-a pela abertura. — É um processo judicial movido por alguns dos seus fregueses.

— Quais? — Ele apanha a pasta e olha para a primeira folha, que é uma intimação.

— Dot e Buddy Black e seu filho Donny Ray.

— Great Benefit, hem? — Deck me explicou que a maioria desses agentes representa mais de uma companhia.

— Importa-se se eu der uma lida?

— Pode ler. Você é um dos acusados. Vá em frente. Sua voz e seus movimentos são muito deliberados.

Nenhum desperdício de energia. Ele lê vagarosamente, virando as páginas com grande relutância. Pobre sujeito. Passou por um divórcio, perdeu tudo na falência, agora está preso, acusado de vários atos ilegais, e eu apareço todo satisfeito anunciando que é acusado num processo que vale dez milhões.

Mas ele não parece abalado. Termina a leitura e põe a pasta no balcão à sua frente.

— Sabe que estou protegido pelo tribunal de falências?

— pergunta.

— Sim, eu sei. — Na verdade, não está. Segundo nossos registros, ele pediu falência em março, dois meses depois de eu fazer o mesmo pedido, e agora já foi liberado. Um antigo pedido de falência nem sempre evita futuros processos legais, e é sem sentido neste caso. Esse cara está tão quebrado quanto um refugiado. Está isento de tudo. — Fomos obrigados a incluir seu nome como acusado porque você vendeu a apólice.

— Ah, eu sei. Só está fazendo seu trabalho.

— É isso aí. Quando você vai sair?

— Em dezoito dias. Por quê?

— Podemos querer seu depoimento.

— Aqui?

— Talvez.

— Por que a pressa? Deixe-me sair primeiro, que dou o depoimento.

— Vou pensar.

Esta rápida visita é como férias para ele, e Ott não tem pressa de

me ver sair. Conversamos por alguns minutos sobre a vida na prisão, e eu começo a procurar a porta.



Nunca estive no segundo andar da casa de Miss Birdie e agora o encontro tão empoeirado e embolorado quanto o térreo. Abro uma porta de cada vez, acendo a luz, olho em volta rapidamente, depois apago a luz e fecho a porta. O assoalho no corredor range sob meus passos. Há uma escada estreita para o terceiro piso, mas não tenho vontade de ir até lá.

A casa é muito maior do que pensei. E muito mais solitária. É difícil imaginar alguém morando aqui sozinho. Com um profundo sentimento de culpa, penso que eu devia ter feito mais companhia a ela, ter me sentado para assistir *sitcoms* e serviços religiosos na TV, ter comido mais vezes seus sanduíches de peru, tomado mais vezes seu café instantâneo.

O andar térreo, como o primeiro, parece completamente livre de ladrões, e saio e fecho a chave a porta do pátio. A casa parece estranha sem Miss Birdie. Não me lembro de me sentir reconfortado com a presença dela, mas era sempre agradável saber que ela estava aqui, para o caso de eu precisar de alguma coisa. Agora, sinto-me isolado.

Na cozinha, examino o telefone. É antigo, com disco, e quase ligo para Kelly. Se ela atender, penso em algo para dizer. Se ele atender, desligo. A ligação pode ser detectada como feita desta casa, mas eu não moro aqui.

Hoje pensei nela mais do que ontem. Mais nesta semana do que na semana passada.

Preciso vê-la.

Estou indo para a rodoviária com Deck no seu pequeno furgão. É muito cedo, manhã de domingo. O tempo está claro e bonito, a primeira sugestão de outono no ar. Felizmente, a umidade abafada vai nos deixar por alguns meses. Memphis é um belo lugar em outubro.

A passagem de ida e volta de avião para Cleveland custa pouco menos de setecentos dólares. Calculamos que um quarto num hotel barato, mas seguro, deva custar quarenta dólares por noite; a alimentação não vai pesar porque como muito pouco. Vamos tomar o depoimento; portanto, os custos ficam por nossa conta. A estenógrafa mais barata com quem falei em Cleveland cobra cem dólares por dia só para comparecer, dois dólares por página para taquigrafar e datilografar o depoimento. Não é raro um depoimento ter cem páginas ou mais. Gostaríamos de gravar em vídeo, mas está fora das nossas possibilidades.

Bem como a viagem de avião. A firma de advocacia de Rudy Baylor simplesmente não pode me pagar um voo até Cleveland. De modo algum vou arriscar o Toyota na estrada. Se enguiça, fico preso e os depoimentos terão de ser adiados. Deck ofereceu mais ou menos seu furgão, mas também não confio nele para uma viagem de mil e seiscentos quilômetros.

O Greyhound é de confiança, mas muito lento. Com o tempo, os ônibus acabam chegando ao seu destino. Não é a minha primeira escolha, mas, que diabo!, não estou com tanta pressa. Posso ver um pouco da paisagem. Estamos economizando um dinheiro precioso. Já pensei numa porção de razões.

Deck dirige e quase não fala. Acho que ele está um pouco embaraçado porque não podemos pagar uma viagem melhor. E sabe que devia ir também. Estou prestes a enfrentar testemunhas hostis e uma porção de documentos novos que vão precisar de revisão imediata. Seria bom ter outra cabeça por perto.

Nós nos despedimos no estacionamento ao lado da estação de ônibus. Ele promete tomar conta do escritório e conseguir alguns casos. Não tenho dúvida de que vai tentar. O carro de Deck se afasta, na direção do St. Peter.

Nunca viajei num Greyhound antes. O terminal é pequeno, mas limpo, com grande movimento de viajantes de domingo, a maior parte velhos e negros. Procuro o funcionário do guichê e recebo a passagem reservada. Custou à minha firma 139 dólares.

O ônibus sai na hora, oito horas em ponto, e se dirige para

Arkansas, depois para o norte de St. Louis. Consigo evitar que alguém sente ao meu lado.

O ônibus está quase lotado, só com quatro lugares vazios. Devemos chegar a St. Louis dentro de seis horas, Indianápolis às sete da noite e Cleveland às onze. Quinze horas de viagem. Os depoimentos começam às nove da manhã.

Tenho certeza de que os meus oponentes da Trent Brent ainda estão dormindo e vão levantar para um belo café da manhã, depois vão ler o jornal de domingo no pátio com suas mulheres, talvez alguns vão à igreja, depois um bom almoço e uma partida de golfe. Mais ou menos às cinco horas, as mulheres os levarão ao aeroporto, onde serão beijados adequadamente, para depois se instalarem juntos na primeira classe. Uma hora depois estarão em Cleveland, sem dúvida sendo esperados por um empregado da Great Benefit que os levará de carro ao melhor hotel da cidade. Depois de um jantar delicioso, com aperitivos e vinho, reunir-se-ão numa elegante sala para conferência de executivos e farão seus planos contra mim até tarde da noite. Mais ou menos na hora em que eu estiver chegando ao Motel 6, ou outro qualquer, eles estarão subindo para seus quartos, descansados, preparados, prontos para a guerra.



O grande edifício da Great Benefit fica num elegante subúrbio de Cleveland criado pela fuga dos brancos dos outros bairros. Digo ao motorista do táxi que quero um hotel não muito caro, e ele sabe exatamente para onde vai me levar. para na frente do Plaza Inn. Ao lado há um McDonald's; no outro lado da rua, um Bockbuster Video. Só tem *strip shops*, lanchonetes, anúncios luminosos, shoppings, hotéis baratos. Deve haver uma galeria comercial por perto. Parece um lugar seguro.

Há muitos quartos vazios, e pago trinta e dois dólares, em dinheiro, por uma noite. Peço recibo, como Deck me aconselhou.

À meia-noite e dois minutos, deitado na cama, olho para o teto e penso entre outras coisas que, a não ser pelo empregado do hotel, ninguém no mundo sabe onde estou. Não tenho ninguém para telefonar e dizer que cheguei.

É claro que não consigo dormir.



Desde que comecei a odiar a Great Benefit, formei uma imagem mental da sede da companhia. Vejo um prédio alto e moderno com muito vidro brilhante, uma fonte na entrada, bandeiras, e o nome e a logomarca da companhia gravados em bronze. Riqueza e prosperidade por toda parte.

Não exatamente. O prédio é fácil de achar porque o endereço está em letras enormes numa entrada de concreto. Baker Gap Road, 5550. Mas não vejo o nome Great Benefit em lugar algum. Na verdade, o prédio não tem nada que o identifique a quem está na rua. Nada de fontes nem bandeiras, apenas uma mistura de blocos de cinco andares muito juntos parecendo construídos uns dentro dos outros. Tudo é muito moderno e incrivelmente feio. A parte externa é de cimento branco com janelas pintadas de negro.

Felizmente a entrada está marcada, e entro num pequeno hall com algumas plantas de plástico ao longo de uma parede e uma recepcionista bonitinha na outra. Ela está com um elegante fone de ouvido, que passa por cima da cabeça, e um fino fio com ponta de feltro em volta no queixo, a poucos centímetros dos lábios. Na parede, atrás dela, estão os nomes de três companhias, PinnConn Group, Green Lakes Marine e Companhia de Seguros de Vida Great Benefit. Quem é dono de quem? Cada uma tem sua logomarca gravada em bronze.

— Meu nome é Rudy Baylor e preciso falar com o senhor Paul Moyer — digo, educadamente.

— Um momento, por favor. — Aperta um botão, espera e depois diz: — Senhor Moyer, o senhor Baylor está aqui para falar com o senhor. — Não para de sorrir nem por um segundo.

O escritório dele deve ficar perto, porque em menos de um minuto ele me ataca com apertos de mão e “como vai você”. Viramos uma esquina e entramos num corredor que nos leva ao elevador. Ele é quase tão jovem quanto eu e fala incessantemente sobre coisa nenhuma. Saímos no quarto andar, e já estou perdido neste horror arquitetônico. No quarto andar, os corredores são atapetados, as luzes são mais fracas, há quadros nas paredes. Moyer continua falando enquanto seguimos por outro corredor; depois abre uma porta pesada e me mostra; meu lugar.

Bem-vindo à Fortune 500. É uma comprida sala de reuniões com

uma mesa retangular no centro e pelo menos cinquenta cadeiras em volta. Cadeiras de couro. Um lustre cintilante pende do teto e chega a poucos centímetros do centro da mesa. No canto à esquerda está o bar. À minha direita está a bandeja de café com biscoitos e rosquinhas doces. Em volta da comida está um bando de conspiradores, pelo menos uns oito, todos de terno escuro, camisa branca, gravata listrada, sapatos pretos. Oito contra um. O tremor nervoso nos meu órgãos principais se transforma num terremoto. Onde está

Tyrone Kipler quando mais preciso dele? Neste momento, até a presença de Deck seria um consolo.

Quatro deles são os meus amigos da Trent Brent. ‘Um eu conheço das audiências em Memphis, os outros três são estranhos para mim, e todos se calam imediatamente quando se dão conta da minha chegada. Por um segundo param de tomar café, mastigar biscoitos e falar, e olham para mim. Interrompi uma conversa muito séria.

T. Pierce Morehouse é o primeiro a dar sinal de vida.

— Rudy, entre — diz ele, mas só porque tem de fazer isso. Cumprimento, com uma inclinação de cabeça, B. Dewey Clay Hill in, Alec Plunk Junior e Brandon Fuller Grone, depois troco apertos de mãos com os quatro desconhecidos, enquanto Morehouse murmura seus nomes, nomes que esqueço imediatamente. Jack Underhall é o rosto familiar das escaramuças no tribunal de Kipler. É um dos advogados residentes da Great Benefit e o porta-voz da companhia para este caso.

Meus oponentes parecem descansados e bem-dispostos, todos dormiram muito bem a noite passada depois de uma rápida volta pela cidade e um bom jantar. Estão todos bem “vincados e engomados”, como se a roupa tivesse saído do *closet* esta manhã, e não de uma mala. Meus olhos estão vermelhos e cansados, minha camisa, amarrotada. Mas tenho coisas mais importantes para pensar.

A estenógrafa chega, e T. Pierce nos leva para uma das cabeceiras da mesa. Ele aponta para um lugar e para outro, reservando a cabeceira para a testemunha. Pensa por um momento para resolver qual a melhor disposição de todos e finalmente descobre. Sento obedientemente na cadeira indicada e tento aproximá-la da mesa. É um esforço, porque a maldita coisa pesa uma tonelada. Na minha frente, no mínimo a três metros de distância, os quatro rapazes da Trent Brent abrem suas pastas com o maior barulho possível — os fechos estalando, os zíperes “zipando”, as pastas de papelão retiradas, os papéis farfalhando. Em poucos segundos, a mesa fica inundada de papéis.

Os quatro ternos da companhia estão atrás da estenógrafa, sem

saber o que fazer, esperando por T. Pierce. Finalmente, com os papéis e blocos em ordem, ele diz:

— Agora, Rudy, achamos que podemos começar com o depoimento da testemunha designada pela companhia, Jack Underhall.

Eu antecipei isso e estou preparado.

— Não, não acho — digo, um pouco nervoso. Tento desesperadamente agir com calma, apesar de estar em território desconhecido e cercado de inimigos. Tenho várias razões para não começar com a testemunha designada pela companhia, sendo não menos importante o fato de se tratar de escolha deles. Estes são meus depoimentos, fico repetindo para mim mesmo.

— Como disse? — pergunta T. Pierce.

— Você ouviu. Quero começar com Jackie Lemancyzk, a encarregada das reivindicações de pagamento. Mas antes disso quero o dossiê da reivindicação.

O âmagô de um caso de má-fé é o dossiê das reivindicações de pagamento de seguro, a coleção de cartas e documentos arquivados pelo encarregado do estudo dos pagamentos na sede da companhia. Num bom caso de má-fé, esse dossiê é um fantástico histórico de uma fraude atrás da outra. Tenho direito a ele e devia ter recebido há dez dias. Kipler deixou bem claro numa ordem do tribunal que esses documentos deviam estar à minha espera esta manhã.

— Achamos que seria melhor começar com Mr. Underhall — diz Pierce, sem muita autoridade.

— Pouco me importa o que vocês acham. — Meu tom é de grande indignação e impaciência. Posso fazer isso por que o juiz é meu amigão. — Vamos telefonar para o juiz? — pergunto, provocadoramente, como um verdadeiro valentão de rua.

Embora Kipler não esteja aqui, sua presença é dominante. Sua ordem determina, em termos muito claros, que as seis testemunhas que escolhi devam estar à minha disposição às nove horas da manhã e que eu tenho plena autoridade para escolher a ordem dos depoimentos. Eles devem ficar na sala até eu dispensá-los. A ordem também deixa a porta aberta para depoimentos adicionais à medida que eu for fazendo perguntas e me aprofundando no assunto. Eu mal podia esperar para fazer essa ameaça de telefonar para o juiz.

— Ah, bem, nós temos um problema com Jackie Lemancyzk — diz T. Pierce, olhando nervosamente para os quatro ternos escuros, que se afastaram para perto da porta. Todos estão examinando os próprios pés e balançando o corpo com gestos nervosos. T. Pierce está bem na minha frente e lutando para chegar aonde quer.

— Que tipo de problema? — pergunto.

— Ela não trabalha mais aqui.

Em tempo evito abrir a boca atônito. Estou realmente perplexo e por um segundo não consigo pensar em nada para dizer. Olho para ele e procuro ordenar meus pensamentos.

— Quando ela saiu? — pergunto.

— No fim da semana passada.

— Quando no fim? Estivemos no tribunal na quinta-feira. Vocês já sabiam então?

— Não. Ela saiu no sábado.

— Foi despedida?

— Pediu demissão.

— Onde está agora?

— Não trabalha mais aqui, está bem? Não podemos apresentá-la como testemunha.

Estudo minhas notas por um segundo, procurando outro nome.

— Muito bem, o que me diz do Tony Krick Junior, que examina as reivindicações de pagamento?

Mais movimentos nervosos, mais arrastar de pés.

— Ele também saiu da companhia — diz T. Pierce. — Foi incluído no plano de contenção de despesas.

O segundo murro no nariz. Estou atordoado, sem saber o que fazer agora.

A Great Benefit despediu funcionários para evitar que falassem comigo.

— Que coincidência — digo, derrotado.

Plunk, Hill e Grone recusam-se a erguer os olhos dos seus blocos de notas. Nem posso imaginar o que estão escrevendo.

— Nossos clientes estão na época do seu plano de contenção periódica de despesas — diz T. Pierce, esforçando-se para ficar sério.

— E Richard Peelrod, chefe da seção de estudo dos pagamentos de seguro? Deixe-me adivinhar. Foi também incluído no plano de contenção.

— Não. Ele está aqui.

— E Russell Krokkit?

— O senhor Krokkit nos deixou por outra companhia.

— Então não foi incluído no plano.

— Não.

— Pediu demissão, como Jackie Lemancyzk?

— Isso mesmo.

Russell Krokkit era o supervisor chefe do estudo dos pagamentos de seguro quando escreveu a Carta Burra. Com todo o meu nervoso e medo, eu mal podia esperar para tomar seu depoimento.

— E Everett Lufkin, vice-presidente dos pagamentos de seguro? No plano?

— Não. Ele está aqui.

Segue-se um silêncio incrivelmente longo no qual todos se ocupam de fazer nada, esperando a poeira assentar. Meu processo provocou uma sangria. Anoto cuidadosamente no meu bloco as coisas que devo fazer em seguida.

— Onde está o arquivo?

T. Pierce estende o braço para trás e apanha um maço de papéis, que faz deslizar pela mesa na minha direção. Todos os documentos estão impecavelmente copiados e atados com elásticos.

— Estão em ordem cronológica? — pergunto. A ordem de Kipler exige que estejam.

— Acho que sim — diz T. Pierce, olhando para os quatro ternos escuros da Great Benefit como se quisesse estrangulá-los.

O maço de documentos tem quase doze centímetros de espessura. Sem retirar os elásticos digo:

— Deem-me uma hora. Depois continuaremos.

— Claro — diz T. Pierce. — Há uma pequena sala de conferências bem ali. — Levanta-se e aponta para a parede atrás de mim.

Eu o acompanho e a Jack, o Terno, e os dois me deixam sozinho na sala. Sento à mesa e começo a examinar os documentos.



Uma hora depois, volto à sala de reuniões. Eles estão tomando café e enfrentando corajosamente a conversa vazia.

— Precisamos telefonar para o juiz — digo, e T. Pierce fica imediatamente alerta. — Dali — aponto para a pequena sala de conferência.

Com ele num telefone e eu no outro, ligo para o escritório de Kipler. Ele atende ao segundo toque. Nós nos identificamos e dizemos bom dia.

— Temos alguns problemas aqui, meritíssimo — digo, ansioso para começar a conversa com o tom certo.

— Que tipo de problemas? — pergunta ele. T. Pierce está ouvindo e olhando para o chão.

— Bem, das seis testemunhas especificadas na minha lista, e na sua ordem, três desapareceram de repente. Ou pediram demissão, foram incluídas no plano de contenção de despesas ou coisa parecida, mas não estão aqui. Aconteceu no fim de semana passado.

— Quem são?

Tenho certeza de que ele está consultando a lista de nomes.

— Jackie Lemanczyk, Tony Krick e Russell Krokitt não trabalham mais aqui. Pellrod, Lufkin e Underhall, o escolhido pela companhia, sobreviveram miraculosamente à carnificina.

— E os documentos?

— Estão comigo, e já dei uma lida.

— E então?

— Falta pelo menos um — digo, olhando atentamente para T. Pierce. Ele franze a testa para mim, como se não pudesse acreditar.

— Qual é?

— A Carta Burra. Não está entre os documentos. Não tive tempo para verificar todo o resto.

Os advogados da Great Benefit viram a Carta Burra pela primeira vez na semana passada. A cópia que Dot entregou durante seu depoimento tinha a palavra CÓPIA carimbada três vezes nas costas da folha. Fiz isso deliberadamente para sabermos de onde a carta tinha vindo se aparecesse outra vez. O original está guardado nos meus arquivos. Seria muito arriscado para Drummond *et al* enviarem a cópia marcada para a Great Benefit anexar tardiamente aos outros documentos.

— Isso é verdade, Pierce? — pergunta Kipler. Pierce está completamente perdido.

— Sinto muito, meritíssimo, não sei, li os documentos, mas, bem, sabe como é, não verifiquei tudo.

— Vocês dois estão na mesma sala? — quer saber Kipler.

— Sim, senhor — respondemos ao mesmo tempo.

— Ótimo. Pierce, saia da sala. Rudy, fique no telefone. T. Pierce começa a dizer alguma coisa, mas pensa melhor e não diz nada. Confuso, desliga seu telefone e sai da sala.

— Tudo bem, juiz. Agora estou só — digo.

— Qual o estado de espírito deles? — pergunta ele.

— Muito tenso.

— Isso não me surpreende. Vou fazer o seguinte: matando as testemunhas e escondendo documentos, eles me deram autoridade para ordenar que todos os depoimentos sejam feitos aqui. É discricionário, e eles merecem o castigo. Acho que você deve tomar o depoimento de Underhall e de ninguém mais. Pergunte a ele tudo e mais alguma coisa, mas procure ir a fundo no assunto da demissão das três testemunhas que faltam. Jogue tudo em cima dele. Quando terminar com Underhall, volte para casa. Vou marcar uma audiência para esta semana e ir a fundo nesse caso. Traga também os arquivos assinados.

Estou anotando o mais depressa possível.

— Agora, deixe-me falar com Pierce — diz Kipler — e explicar as coisas para ele.



Jack Underhall é um homenzinho compacto de bigode aparado e fala em stacato. Ele explica tudo sobre a companhia. A Great Benefit é de propriedade da PrinnConn, uma companhia privada cujos donos são difíceis de ser encontrados. Eu o interrogo exaustivamente sobre as filiais e as conexões entre as três companhias que têm sede aqui em Cleveland, e a coisa toda fica extremamente confusa. Falamos durante uma hora sobre a estrutura da companhia, do diretor executivo para baixo. Falamos sobre produtos, vendas, mercados, divisões, pessoal, tudo interessante até certo ponto, mas completamente inútil para nós. Ele mostra duas cartas de demissão das testemunhas que faltam e garante que sua demissão não tem absolutamente nada a ver com o caso.

Eu o interrogo durante três horas e então termino. Eu já estava resignado com a realidade de passar pelo menos três dias em Cleveland, fechado numa sala com os rapazes da Trent Brent, discutindo com uma testemunha hostil após outra e estudando pilhas de documentos à noite.

Mas saio de Cleveland um pouco antes das duas horas, para nunca mais voltar, com uma pasta cheia de documentos novos para Deck pesquisar, certo de que agora esses cretinos serão obrigados a vir para o meu território e fazer seus depoimentos no meu tribunal, com meu juiz por perto.

A viagem de volta para Memphis parece muito mais rápida.

Deck tem um cartão que o define como paradvogado, um animal novo para mim. Ele percorre os corredores do tribunal municipal à procura de acusados de pequenos crimes que aguardam suas primeiras audiências perante vários juízes.

Escolhe um cara que parece assustado e tem na mão um papel, e então dá o golpe. Deck chama isso de Dança do Abutre, um rápido oferecimento de serviço, aperfeiçoado pelos vários advogados de rua que vagueiam pela corte municipal. Certa vez Deck me convidou para ir com ele aprender o método. Declinei o convite.



Derrick Dogan foi originalmente marcado como alvo da Dança do Abutre, mas o plano foi por água abaixo quando ele perguntou a Deck: “Que diabo é um paradvogado?” Deck, sempre rápido nas respostas, dessa vez não soube o que dizer e afastou-se rapidamente. Mas Dogan guardou o cartão com o nome dele. Mais tarde, no mesmo dia, Dogan foi atropelado por um adolescente que estava acima do limite de velocidade. Mais ou menos vinte quatro horas depois de ter espantado Deck do tribunal municipal, ele ligou do seu quarto semiparticular, no St. Peter, para o número no cartão. Deck atendeu o telefone no escritório quando eu estudava o labirinto dos documentos de seguro. Minutos depois, estávamos a caminho do hospital. Dogan queria falar com um advogado de verdade, não um paradvogado.



Esta é uma visita semilegítima ao hospital, a minha primeira. Encontramos Dogan sozinho com uma perna, costelas e pulso quebrados e lacerações e equimoses no rosto. Ele é jovem, vinte e

poucos anos, não usa aliança. Eu me encarrego do caso como um verdadeiro advogado, dou o conselho habitual para evitar companhias de seguros e não falar com ninguém. Somos só nós contra eles, e minha firma trata de mais casos de acidente do que qualquer outra na cidade. Deck sorri. Foi um bom professor.

Dogan assina o contrato e uma permissão para que o hospital nos entregue sua ficha médica. Ele está com muita dor, e por isso não nos demoramos. O nome dele está no contrato. Saímos, prometendo vê-lo amanhã.

Ao meio-dia, Deck tem uma cópia do relatório do acidente e já falou com o pai do adolescente culpado. Eles têm seguro da State Farm. O pai, embora com relutância, diz a Deck que acha que o limite da apólice é de vinte e cinco mil dólares. Ele e o filho sentem muito o que aconteceu. Sem problemas, diz Deck, agradecendo aos céus o acidente.

Um terço de vinte e cinco mil são oito mil e alguns trocados. Almoçamos no Dux, um maravilhoso restaurante no Peabody. Peço vinho. Deck pede uma sobremesa. É o maior momento na história da nossa firma. Contamos e gastamos nosso dinheiro durante três horas.



Na quinta-feira seguinte à minha viagem a Cleveland, às cinco e meia da tarde, estamos no tribunal de Kipler. O meritíssimo escolheu essa hora para que o grande Leo F. Drummond pudesse comparecer, depois de um longo dia no tribunal, para ouvir outro severo sermão do juiz. Sua presença completa a equipe da defesa — os cinco parecem bastante confiantes, embora todos saibam que estão aqui para o pior. Jack Underhall, um dos advogados residentes da Great Benefit, também está presente, mas o resto dos ternos escuros da companhia preferiu ficar em Cleveland. Não os culpo.

— Mr. Drummond, eu o adverti sobre os documentos. — O juiz o olha carrancudo. Ele deu início à sessão há cinco minutos, e Drummond já está sangrando. — Pensei que tinha sido bem específico, expliquei tudo por escrito numa ordem, sabe disso. Então, o que aconteceu?

Provavelmente isso não foi culpa de Drummond. Seu cliente está tentando enganá-lo, e desconfio que ele já deva ter feito um sermão

em regra para o pessoal de Cleveland. Leo Drummond tem um ego enorme e não aceita muito bem a humilhação. Quase tenho pena dele. No momento está no meio de um processo de milhões de dólares no tribunal federal, provavelmente dormindo três horas por noite, uma centena de coisas na cabeça, e agora é arrastado pela rua para defender os atos suspeitos do seu cliente desonesto.

Quase sinto pena dele.

— Não há desculpa para isso, meritíssimo — diz ele, com sinceridade convincente.

— Quando foi informado de que as três testemunhas não trabalhavam mais para seu cliente?

— Sábado à tarde.

— Tentou informar ao advogado do queixoso?

— Tentei. Não conseguimos localizá-lo. Chegamos a chamá-lo pelo alto-falante do aeroporto, mas sem sucesso.

Deviam ter telefonado para a Greyhound.

Kipler balança a cabeça enfaticamente, muito aborrecido.

— Sente-se, Mr. Drummond — ordena ele.

Eu ainda não abri a boca.

— Senhores, o plano é o seguinte — diz o meritíssimo: — Uma semana após a próxima segunda-feira, vamos nos reunir aqui para os depoimentos. As seguintes pessoas vão depor a favor do acusado: Richard Pellrod, chefe da seção de estudos dos pagamentos do seguro; Everett Lufkin, vice-presidente da seção de pagamentos; Kermit Aldy, vice-presidente dos contratos de seguro; Bradford Barnes, vice-presidente da administração, e M. Wilfred, diretor executivo. — Kipler me pediu uma lista de todos aqueles cujos depoimentos eu queria ouvir.

Quase posso sentir o ar da sala sendo sugado pelos pulmões dos rapazes na outra mesa.

— Nada de desculpas, atrasos ou adiamentos. É claro que a viagem será por conta deles. Devem ficar à disposição do autor do processo e só serão dispensados a critério de Mr. Baylor. Todas as despesas dos depoimentos, incluindo estenógrafas, honorários e cópias, ficarão a cargo da Great Benefit. Vamos nos preparar para três dias de depoimentos.

“Além disso, cópias de todos os documentos devem ser enviadas ao advogado do queixoso no máximo até quarta-feira na próxima semana, cinco dias antes dos depoimentos. As cópias dos documentos devem ser perfeitas e postas em ordem cronológica. O não-cumprimento dessas ordens será punido com sanções severas.

“E por falar em sanções, ordeno à acusada, a Great Benefit, que pague a Mr. Baylor, como sanção, o custo da sua viagem inútil a Cleveland. Mr. Baylor, quanto custa a passagem aérea de ida e volta

a Cleveland?”

— Setecentos dólares — respondo, dizendo a verdade.

— Primeira classe ou turista?

— Turista.

— Mr. Drummond, vocês enviaram quatro advogados a Cleveland. Primeira classe ou turista?

Drummond olha para T. Pierce, que se encolhe como um garoto pego roubando, e depois diz:

— Primeira classe.

— Foi o que pensei. Quanto custa a passagem de primeira classe?

— Mil e trezentos.

— Quanto gastou com hotel e alimentação, Mr. Baylor?

Na verdade, menos de quarenta dólares. Mas seria extremamente embaraçoso admitir isso num tribunal aberto. Neste momento, eu gostaria de ter ficado numa suíte de cobertura.

— Mais ou menos sessenta dólares — respondo, aumentando um pouco, mas sem exagero. Tenho certeza de que eles pagaram cento e cinquenta dólares por noite.

Kipler está anotando tudo teatralmente, a calculadora estalando no seu cérebro.

— Quanto tempo passou viajando? Umas duas horas para ir e duas para voltar?

— Mais ou menos isso — respondo.

— A duzentos dólares por hora, são oitocentos dólares. Mais alguma despesa?

— Duzentos e cinquenta para a estenógrafa.

Ele anota, faz a conta, verifica os números e diz:

— Ordeno que o acusado pague a Mr. Baylor o total de dois mil, quatrocentos e dez dólares, como sanção. O pagamento deve ser feito em cinco dias. Se Mr. Baylor não receber em cinco dias, essa quantia será dobrada automaticamente, até ser paga. Compreendeu, Mr. Drummond?

Não posso conter o sorriso.

Drummond se levanta devagar, inclina o corpo com as mãos estendidas para a frente.

— Eu protesto — diz ele.

Está para explodir, mas perfeitamente controlado.

— Seu protesto foi anotado. Seu cliente tem cinco dias.

— Não temos prova de que Mr. Baylor tenha viajado na primeira classe.

Faz parte da natureza dos advogados protestar contra tudo. Esmiúçar detalhes é uma característica inata. E também lucrativa. Mas o dinheiro não é nada para seu cliente, e Drummond devia

saber que não vai conseguir nada com isso.

— Evidentemente a viagem de ida e volta vale trezentos dólares, Mr. Drummond. Por isso estou ordenando a seu cliente que pague.

— Mr. Baylor não é pago por hora — retruca ele.

— Está dizendo que o tempo dele não é valioso?

— Não.

O que ele quer dizer é que não passo de um advogado de rua novato e que meu tempo não vale nem a metade do dele ou dos seus companheiros.

— Pois então vão pagar a ele duzentos dólares por hora.

Considere-se um homem de sorte. Eu estava pensando em cobrar também cada hora que ele passou em Cleveland.

Cheguei tão perto!

Drummond sacode os braços, frustrado, e volta para sua cadeira. Kipler está olhando para eles, muito zangado. Depois de alguns meses no cargo de juiz, Kipler já é famoso por sua ojeriza a grandes firmas. Aplicou várias sanções em outros casos, e sua atuação está sendo muito comentada nos círculos legais. Não é necessário muito para ficar famoso.

— Mais alguma coisa? — rosna ele na direção deles.

— Não, senhor — respondo em voz alta, só para que todos saibam que estou aqui.

As cabeças dos conspiradores na outra mesa balançam em conjunto, e Kipler bate o martelo. Pego rapidamente meus papéis e saio da sala.



De jantar, como um sanduíche de bacon com Dot. O Sol desce lentamente atrás das árvores no quintal da casa, atrás do Fairlane, onde Buddy está sentado depois de se recusar a entrar em casa para comer. Dot diz que ele está passando mais tempo dentro do carro por causa de Donny Ray. A morte de Donny Ray é agora uma questão de dias, e Buddy a enfrenta escondendo-se no carro e bebendo. Ele senta ao lado do filho por alguns minutos todas as manhãs, geralmente sai do quarto chorando e depois tenta evitar todo o mundo pelo resto do dia.

Além disso, geralmente não entra quando há visitas. Para mim está ótimo. Para Dot também. Falamos sobre o processo, sobre as manobras da Great Benefit e sobre a incrível imparcialidade do juiz

Tyrone Kipler, mas ela não está interessada. A mulher decidida que conheci no Cypress Gardens parece ter abandonado a luta. Naquele tempo ela acreditava que um advogado, qualquer um, até mesmo eu, pudesse assustar a Great Benefit e fazê-la pagar. Havia ainda tempo para o milagre. Agora, toda a esperança se foi.

Dot sempre vai se culpar pela morte de Donny Ray. Ela me disse muitas vezes que devia ter procurado um advogado na primeira vez em que a Great Benefit negou o pagamento.

Mas preferiu escrever cartas. Hoje acredito que a Great Benefit teria cedido se fosse ameaçada de um processo legal e teria pago o tratamento. Penso assim por dois motivos. Primeiro, eles estão completamente errados e sabem disso e, segundo, ofereceram setenta e cinco mil dólares para fazer um acordo logo depois de terem sido processados por um advogado novato, inexperiente. Estão com medo. Seus advogados estão com medo. Os rapazes em Cleveland estão com medo.

Dot me serve uma xícara de café instantâneo e sai para ver como está o marido. Levo o café para os fundos da casa, para o quarto de Donny Ray, onde ele dorme sob os lençóis, virado para o lado direito. A única luz é a da pequena lâmpada num canto. Sento perto da luz, de costas para a janela aberta, aproveitando a brisa fria. Tudo está quieto lá fora e dentro do quarto.

O testamento de Donny Ray é um documento com um único parágrafo, deixando tudo para a mãe. Eu o redigi há uma semana. Ele não possui nada; portanto, o testamento é desnecessário. Mas fez questão dele. Donny Ray também planejou o funeral. Dot providenciou tudo. Ele quer que eu ajude a carregar seu caixão.

Apanho o livro que tenho lido intermitentemente há dois meses, um livro condensado, com quatro contos, trinta anos de existência, um dos poucos que há na casa. Leio algumas páginas em cada visita e o deixo sempre no mesmo lugar.

Ele resmunga e faz alguns movimentos. Imagino o que ela vai fazer quando entrar no quarto de manhã e ele não acordar.

Dot nos deixa a sós quando estou fazendo companhia a Donny Ray. Ela agora está lavando os pratos. Acho que Buddy entrou em casa finalmente. Leio durante uma hora, vez por outra olhando para Donny Ray. Se ele acorda, nós conversamos, ou eu ligo a TV. O que ele preferir no momento.

Ouçó uma voz estranha na sala, depois uma batida na porta do quarto. A porta se abre lentamente, e levo alguns segundos para reconhecer naquele jovem o Dr. Kord, fazendo uma visita a domicílio. Trocamos um aperto de mãos e falamos em voz baixa aos pés da cama. Depois damos três passos para a janela.

— Eu estava passando — diz ele, ainda em voz baixa, como se

passasse por aquele bairro todos os dias.

— Sente-se — convido, apontando para a outra única cadeira.

Sentamos de costas para a janela, joelhos tocando-se, os olhos no garoto agonizante a três metros de nós.

— Há quanto tempo você está aqui? — pergunta ele.

— Umas duas horas. Jantei com Dot.

— Ele já acordou?

— Não.

Sentamos na semipenumbra, com a brisa leve nas nossas nuças. Os relógios governam nossas vidas, mas neste momento o tempo não existe.

— Estive pensando — diz Kord, quase num sussurro — sobre esse julgamento. Alguma ideia de quando vai ser?

— 8 de fevereiro.

— É certo?

— Parece que sim.

— Não acha que seria mais eficaz se eu testemunhasse ao vivo, em vez de falar com o júri por um depoimento gravado em vídeo ou escrito?

— É claro que seria.

Kord pratica a medicina há alguns anos. Sabe tudo sobre julgamentos e depoimentos. Inclina-se para a frente, os cotovelos nos joelhos.

— Então, vamos esquecer o depoimento. Vou depor ao vivo e em cores, e não vou cobrar nada.

— É muita generosidade sua.

— Não, não é. É o mínimo que posso fazer. Pensamos no assunto por um longo tempo. A não ser por um ou outro ruído discreto na cozinha, a casa está silenciosa. Kord é do tipo que não se importa com longos intervalos na conversa.

— Você sabe o que eu faço? — pergunta ele, finalmente.

— O quê?

— Faço o diagnóstico das pessoas e depois as preparo para a morte.

— Por que escolheu oncologia?

— Quer a verdade?

— Claro. Por que não?

— Temos falta de oncologistas. O que é fácil de compreender, certo? É uma especialidade menos lotada de médicos do que as outras.

— Acho que alguém tem de fazer isso.

Na verdade, não é tão ruim. Eu amo o meu trabalho.

— Faz uma pausa e olha para seu paciente. — Mas este foi um caso muito difícil para mim. Ver um paciente sem tratamento. Se os

transplantes de medula não fossem tão caros, talvez pudéssemos ter feito alguma coisa. Eu estava disposto a doar meu tempo e meu trabalho, mas mesmo assim custaria duzentos mil dólares. Nenhum hospital ou clínica no país pode dispor de tanto dinheiro.

— Isso nos faz odiar as companhias de seguro, certo?

— Sim. É verdade. — Faz uma longa pausa e depois diz: — Vamos seguir com o processo.

— Estou tentando.

— Você é casado? — pergunta, endireitando o corpo na cadeira e consultando o relógio.

— Não. E você?

— Não. Divorciado. Vamos tomar uma cerveja.

— Certo. Onde?

— Conhece o Oyster Bar do Murphy?

— Claro.

— Vamos nos encontrar lá.

Passamos por Donny Ray nas pontas dos pés, despedimo-nos de Dot, que está no balanço da varanda, e saímos.



Estou dormindo quando o telefone toca às três e vinte da manhã. Ou Donny Ray morreu, ou um avião caiu e Deck está a caminho. Quem mais podia telefonar a essa hora?

— Rudy? — Ouço a voz muito familiar.

— Miss Birdie! — Sento na cama e acendo a luz.

— Desculpe telefonar a esta hora horrível.

— Tudo bem. Como a senhora está?

— Bom, eles estão sendo muito cruéis comigo.

Fecho os olhos, respiro fundo e me deito outra vez. Por que isso não me surpreende?

— Quem está sendo cruel? — pergunto, só porque é a pergunta esperada. A esta altura, é difícil dar importância a isso.

— June é a pior — diz, como se estivessem todos classificados em ordem. — Ela não me quer em sua casa.

— Está morando com Randolph e June?

— Estou, e é terrível. Simplesmente terrível. Tenho medo até de comer.

— Por quê?

— Porque a comida pode estar envenenada.

— Ora, o que é isso, Miss Birdie?

— Falo sério. Estão todos esperando que eu morra, é isso.

Assinei um novo testamento, que dá tudo o que eles querem, assinei em Memphis; então, assim que cheguei a Tampa, eles foram uns amores durante alguns dias. Os netos viviam me visitando. Traziam flores e chocolate. Então Delbert me levou ao médico para um exame geral. O médico examinou tudo e disse que minha saúde está perfeita. Acho que estavam esperando outra coisa. Ficaram desapontados com o que o médico disse e mudaram da noite para o dia. June voltou a ser a vagabundinha mesquinha que sempre foi. Randolph voltou a jogar golfe e nunca está em casa. Delbert fica nas corridas de cães. Vera odeia June, e June odeia Vera. A maioria dos netos não têm emprego, você sabe, simplesmente desapareceram.

— Por que está me telefonando a esta hora, Miss Birdie?

— Por que, bem, consegui pegar o telefone sem que ninguém visse. Ontem June me disse que eu não podia usar o telefone; fui falar com Randolph, e ele me disse que só duas vezes por dia. Sinto falta da minha casa, Rudy. Ela está em ordem?

— Está ótima, Miss Birdie.

— Não posso ficar aqui muito tempo mais. Eles me enfiaram num quartinho nos fundos com um banheiro muito pequeno. Estou acostumada a espaço, você sabe, Rudy.

— Sim, Miss Birdie. — Ela está esperando que eu me ofereça para ir buscá-la, mas não seria a coisa certa. Ela está em Tampa há menos de um mês. Isso é bom para ela.

— E Randolph está atrás de mim para eu assinar uma procuração para ele fazer tudo em meu nome. O que você acha?

— Nunca aconselho meus clientes a assinar essas coisas, Miss Birdie. Não é uma boa ideia. — Nunca tive um cliente com esse problema, mas no caso dela é péssimo negócio.

Pobre Randolph. Ele está quase estourando de vontade de pôr as mãos na fortuna de vinte milhões de dólares. O que ele vai fazer quando souber a verdade? Miss Birdie pensa que as coisas estão ruins agora. Espere para ver.

— Bem, eu não sei — a voz fica mais distante.

— Não assine, Miss Birdie.

— Tem outra coisa. Ontem, Delbert, epa!... alguém está vindo para cá. Tenho de desligar.

O telefone fica mudo. Posso ver June com um cinto de couro dando uma sova em Miss Birdie por usar o telefone sem permissão.

O telefonema não se registra em minha mente como uma coisa importante. É quase cômico. Se Miss Birdie quiser voltar para casa, então eu a faço voltar para casa.

Consigo voltar a dormir.

Ligo para a colônia penal e peço para falar com a mesma senhora que me atendeu na minha primeira visita a Ott. Os regulamentos exigem que todas as visitas sejam autorizadas por ela. Quero falar com ele outra vez, antes de tomarmos seu depoimento.

Ouçõ o ruído do teclado do computador.

— Boddy Ott não está mais aqui — diz ele.

— O quê?

— Foi libertado há três dias.

— Ele me disse que tinha ainda dezoito dias. E isso foi há uma semana.

— É uma pena. Ele se foi.

— Para onde? — pergunto, sem poder acreditar.

— Está brincando? — pergunta e desliga.

Ott está solto. Ele mentiu para mim. Tivemos sorte quando o encontramos, e agora ele está desaparecido outra vez.



O telefonema que eu temia chega afinal no domingo de manhã. Estou sentado no pátio de Miss Birdie, como se fosse o dono da casa, lendo o jornal de domingo, tomando café e aproveitando o belo dia. E Dot, e ela diz que o encontrou há mais ou menos uma hora. Ele adormeceu ontem à noite e não acordou mais.

A voz dela está um pouco trêmula, mas controlada.

Falamos por um momento, e sinto a garganta seca e os olhos úmidos. Há uma sugestão de alívio nas palavras dela.

— Ele está melhor agora — repete Dot.

Digo que sinto muito e prometo ir até lá esta tarde.

Atravesso o quintal até a rede, encosto-me numa árvore e enxugo as lágrimas. Sento na beirada da rede, com os pés no chão, a cabeça baixa, e faço a última das minhas muitas preces por Donny Ray.



Telefone para a casa do juiz Kipler e dou a notícia. O enterro vai ser amanhã à tarde, às duas horas, o que apresenta um problema. Os depoimentos dos funcionários da companhia estão marcados para começar às nove da manhã e devem se estender por quase toda a semana. Tenho certeza de que os ternos de Cleveland já estão na cidade, provavelmente no escritório de Drummond, neste momento ensaiando na frente das câmeras de vídeo. Drummond é perfeccionista.

Kipler me pede que esteja no tribunal às nove horas, que depois ele resolve. Digo que estou pronto. Como devia estar. Datilografei todas as perguntas possíveis para cada testemunha e o próprio meritíssimo me deu sugestões. Deck também fez uma revisão.

Kipler insinua que talvez resolva adiar os depoimentos porque tem duas audiências importantes amanhã.

Para mim está bem. Na verdade, neste momento, pouco me importa.



Quando chego à casa dos Black os vizinhos estão presentes. A rua e a entrada da casa estão cheias de automóveis. Homens idosos andam no jardim e sentam na varanda. Eu sorrio, cumprimento e abro caminho até a cozinha, onde encontro Dot de pé ao lado da geladeira. A casa está cheia de gente. A mesa da cozinha e os balcões estão cobertos de tortas, panelas e recipientes de plástico cheios de galinha frita. Dot e eu nos abraçamos rapidamente. Expresso meus pêsames simplesmente, dizendo que sinto muito, e ela me agradece por ter vindo. Seus olhos estão vermelhos, mas sinto que está cansada de chorar. Estende a mão, mostrando a comida, e diz que eu me sirva. Deixo Dot com um grupo de senhoras da vizinhança.

De repente estou faminto. Apanho um grande prato de papelão, e sirvo-me de galinha frita, feijão e salada de repolho e vou para o

pequeno pátio, onde posso comer sossegado. Buddy, abençoadamente, não está no carro. Provavelmente Dot o trancou num quarto, onde ele não pode criar embarço. Como devagar, ouvindo o zumbido de vozes que chega pelas janelas abertas da cozinha e da sala. Quando meu prato está vazio, repito a dose e me escondo outra vez no pátio.

Então aparece um jovem que me parece familiar.

— Sou Ron Black — diz ele, sentando na cadeira ao lado da minha. — O gêmeo.

Ele é magro e forte, não muito alto.

— Muito prazer — digo.

— Então você é o advogado. — Ele tem na mão uma lata de refrigerante.

— Isso mesmo. Rudy Baylor. Sinto muito a morte do seu irmão.

— Obrigado.

Lembro-me do pouco que a pequena Dot e Donny Ray falavam sobre Ron. Ele saiu de casa assim que terminou o segundo grau, foi para longe e manteve distância. Posso compreender isso até certo ponto.

Ron não está disposto a falar. Suas frases são curtas e forçadas, mas finalmente chega ao assunto do transplante de medula. Confirma o que eu já imaginava: que estava disposto a doar a medula para salvar o irmão, e que o Dr. Kord havia dito que a compatibilidade era perfeita. Digo que dentro de alguns meses ele terá de dizer isso ao júri, e Ron diz que fará isso com muito gosto. Faz algumas perguntas sobre o processo, mas em nenhuma das vezes demonstra curiosidade sobre a quantia que podem receber.

Tenho certeza de que está triste, mas sabe se controlar muito bem. Levo a conversa para a sua infância, esperando ouvir histórias das brincadeiras que todos os gêmeos costumam fazer com os outros. Nada. Ele cresceu aqui, nesta casa, neste bairro, e é evidente que se desligou completamente do passado.

O enterro é amanhã às duas horas, e aposto que às cinco horas Ron estará num avião a caminho de Houston.

Algumas visitas se retiram, outras chegam, mas a comida permanece. Como duas fatias de bolo de chocolate enquanto Ron toma o refrigerante quente. Depois de duas horas ali sentado, estou exausto. Peço licença e vou embora.



Na segunda-feira há um grupo de homens com expressão severa e ternos escuros em volta de Leo F. Drummond, na outra extremidade da sala do tribunal.

Estou pronto. Assustado, trêmulo e cansado, mas as perguntas estão escritas e esperando. Se eu engasgar de nervoso, ainda assim poderei ler as perguntas e fazer com que respondam.

É divertido ver todos aqueles grandes executivos confabulando, cheios de medo. Posso imaginar as coisas terríveis que devem ter dito sobre Kipler e os advogados em geral e os deste caso em particular, quando souberam que teriam de comparecer em massa aqui hoje, e não somente para testemunhar, mas também para sentar e esperar durante horas e dias até eu terminar com eles.

Kipler entra na sala e chama o nosso caso em primeiro lugar. Vamos tomar os depoimentos na sala ao lado, um tribunal que está vago esta semana, bem perto, para que o meritíssimo possa estender a mão e manter Drummond na linha. Ele nos chama porque tem algo a dizer.

Sento à mesa da direita. Quatro rapazes da Trent Brent tomam seus lugares à mesa da esquerda.

— Isto não precisa constar nos autos — diz Kipler para a estenógrafa. Não é uma audiência marcada na agenda. — Mr. Drummond, sabia que Donny Ray Black morreu ontem de manhã?

— Não, senhor — responde com voz grave. — Sinto muito.

— O enterro será esta tarde, e isso cria um problema. Mr. Baylor vai acompanhar o caixão. Na verdade, ele devia estar com a família neste momento.

Drummond está de pé. Olha para mim, depois para Kipler.

— Vamos adiar os depoimentos. Providencie para que sua gente esteja aqui na próxima segunda-feira, mesmo lugar — diz Kipler, olhando para Drummond, esperando a resposta errada.

Os cinco homens importantes da Great Benefit terão de modificar o esquema das suas vidas tão ocupadas e viajar para Memphis outra vez na próxima semana.

— Por que não começamos amanhã? — pergunta Drummond, atônito. Uma pergunta perfeitamente legítima.

— Eu presido este tribunal, Mr. Drummond. Controlo a coleta de provas e certamente pretendo controlar o julgamento.

— Mas, meritíssimo, com sua licença, sem nenhuma intenção de discutir, sua presença não é necessária para a tomada dos depoimentos. Esses cinco senhores tiveram um grande trabalho para estar aqui hoje. Na próxima semana isso talvez não seja possível.

Era isso exatamente o que Kipler queria ouvir.

— Oh, eles estarão aqui, Mr. Drummond. Estarão bem aqui às nove horas da manhã, na próxima segunda-feira.

— Com todo o respeito, não acho justo.

— Não é justo? Esses depoimentos poderiam ter sido feitos em Cleveland há duas semanas, Mr. Drummond. Mas sua cliente tentou trapacear.

O juiz tem autoridade irrestrita em assuntos desse tipo, e não há possibilidade de se apelar contra sua decisão. Kipler está punindo Drummond e a Great Benefit, e na minha humilde opinião acho que está forçando um pouco a barra. Dentro de poucos meses haverá um julgamento aqui, e o juiz está estabelecendo sua autoridade. Está dizendo ao famoso advogado que ele, o meritíssimo, vai dirigir o julgamento.

Para mim está ótimo.



Atrás de uma pequena igreja rural, alguns quilômetros ao norte de Memphis, Donny Ray é levado para o seu último repouso. Como sou um dos oito encarregados de carregar o caixão, fui instruído para ficar atrás das cadeiras onde está a família. O dia está muito frio, o céu escuro, um dia para um enterro.

O último enterro a que assisti foi o do meu pai e até hoje tento desesperadamente não pensar nele.

Os presentes se unem mais sob o toldo vinho enquanto o jovem ministro lê um trecho da Bíblia. Olhamos para o caixão cinzento e para as flores em volta dele. Ouço o choro brando de Dot. Vejo Buddy sentado ao lado de Ron. Olho para longe, tentando sair mentalmente deste lugar e sonhar com alguma coisa agradável.



Quando volto para o escritório, Deck está uma pilha de nervos. Seu amigo Butch, o detetive particular, está sentado a uma das mesas, os bíceps maciços esticando a camisa de gola alta muito justa. É um homem rude, de rosto vermelho, botas de pontas finas, o tipo que gosta de uma briga. Deck nos apresenta, referindo-se a Butch como um cliente, depois me entrega um bloco com a mensagem: “Continue falando sobre coisas sem importância, está bem?”, escrita a pilot na primeira página.

— Como foi o enterro? — pergunta Deck, segurando meu braço e me levando para a mesa onde Butch está esperando.

— Apenas um enterro. — Olho para os dois sem entender nada.

— Como está a família? — quer saber Deck.

— Está bem, eu acho.

Butch tira a tampa do fone que está sobre a mesa e aponta para dentro.

— Acho que o garoto está melhor agora, não acha? — diz Deck, quando eu olho para o interior do fone. Butch aponta para um aparelho pequeno, negro e redondo preso na tampa interna. Eu olho atônito.

— Não acha que o garoto está melhor agora? — repete Deck em voz mais alta, cutucando minhas costelas.

— Claro, isso mesmo, tem razão. Sem dúvida, está muito melhor. Mesmo assim, é muito triste.

Observamos Butch fechar outra vez, cuidadosamente, o bocal do telefone. Depois ergue o ombro para mim como se eu soubesse exatamente o que devo fazer.

— Vamos andar um pouco e tomar um café — sugere Deck.

— Boa ideia — digo, com um nó no estômago. Na calçada, paro e olho para eles.

— Que diabo é isso?

— Vamos andar para este lado — diz Deck, apontando para a rua.

A uma quadra e meia, há um café-bar do tipo boêmio e começamos a andar em silêncio. Entramos no café e nos escondemos num canto, como se estivéssemos sendo perseguidos por homens armados.

Vem então a história. Deck e eu estamos preocupados com os

federais desde o desaparecimento de Bruiser e Prince. Esperávamos que eles pelo menos aparecessem para fazer perguntas. Falamos sobre os federais muitas vezes, mas, sem meu conhecimento, Deck falou também com Butch. Eu não confiaria muito em Butch.

Há uma hora Butch passou pelo escritório, e Deck o convidou a entrar e dar uma espiada nos telefones. Butch confessa que não entende muito de “grampos”, mas já viu muitos. Não são difíceis de encontrar. Achou aparelhos idênticos nos três telefones. Iam procurar outros, mas resolveram esperar por mim.

— Mais “grampos”? — pergunto.

— É, coisas assim como pequenos microfones espalhados pelo escritório para pegar tudo o que os telefones não pegam — diz Butch. — É muito fácil. É só examinar cada centímetro com uma lente de aumento.

As mãos de Deck estão tremendo. Eu me pergunto se ele tem falado com Bruiser pelo telefone.

— E se encontrarmos outros? — pergunto. Nem começamos a tomar o café.

— Legalmente, vocês podem tirar todos. — Explica Butch. — Ou podem ter cuidado com o que falam. Falar longe deles.

— E se nós os retirarmos?

— Então os federais vão saber que encontraram os “grampos”. Vão ficar mais desconfiados, provavelmente reforçar outros tipos de vigilância. A melhor coisa, na minha opinião, é fazer de conta que não aconteceu nada.

— Para você é fácil dizer isso.

Deck enxuga o suor da testa e se recusa a olhar para mim. Estou muito nervoso pensando no que ele pode ter feito.

— Você conhece Bruiser Stone? — Pergunto a Butch.

— É claro. Fiz alguns trabalhos para ele. Isso não me surpreende.

— Ótimo. — Olho para Deck. — Você tem falado com Bruiser nos nossos telefones?

— Não. Não falo com Bruiser desde que ele desapareceu. Dizendo essa mentira, está me avisando para calar a boca na frente de Butch.

— Eu gostaria de saber se há outros “grampos” — digo a Butch.

— Seria bom saber quanto eles estão escutando no nosso escritório.

— Temos de revistar todas as salas.

— Pois então vamos.

— Tudo bem. Comecem com as mesas e as cadeiras. Procurem nas latas de lixo, livros, relógios, grameadores, tudo. Esses “grampos” podem ser menores do que uva passa.

— Eles podem saber que estamos procurando? — pergunta

Deck, morrendo de medo.

— Não. Vocês dois tratem de conversar como de hábito sobre seu trabalho. Eu não digo uma palavra, eles não vão saber que estou lá. Se encontrarem alguma coisa façam sinais.

Levamos o café para o escritório, um lugar que de repente ficou sinistro e amedrontador. Deck e eu começamos uma conversa banal sobre o caso de Derrick Dogan enquanto revistamos cuidadosamente mesas e cadeiras. Qualquer pessoa com um mínimo de inteligência que estivesse ouvindo perceberia que estamos fora de compasso e tentando esconder alguma coisa.

Andamos de quatro por todas as salas. Remexemos os cestos de papéis e revistamos os arquivos. Examinamos os tubos de aquecimento e inspecionamos os rodapés. Ainda bem que temos poucos móveis.

Procuramos durante horas e não encontramos nada. Só os nossos telefones foram profanados. Deck e eu pagamos um espaguete para Butch num bistrô da nossa rua.



À meia-noite estou na cama, a possibilidade de sono há muito esquecida. Estou lendo o jornal da manhã e ocasionalmente olhando para meu telefone. Certamente, penso, certamente não iam se dar ao trabalho de “grampear” meu telefone. Passei a tarde toda e o começo da noite vendo sombras e ouvindo ruídos estranhos. Saltei sobressaltado com sons inexistentes. Senti arrepios. Não posso comer. Estou sendo seguido. Sei que a questão é: até onde eles já chegaram?

E até onde pretendem chegar?

Com exceção dos classificados, leio cada palavra do jornal. Sara Plankmore Wilcox deu à luz, ontem, uma menina de três quilos e meio. Bom para ela. Não a odeio mais. Desde que Donny Ray morreu, descobri que estou mais tolerante com todo o mundo. Exceto, é claro, com Drummond e seu odioso cliente.

PFX Freight está invicto em Winter Ball.

Imagino se ele a obriga a assistir a todos os jogos.

Todos os dias eu verifico o registro de estatísticas vitais. Presto atenção especial aos pedidos de divórcio, embora sem muito otimismo. Verifico também as prisões para ver se Cliff Riker foi detido por espancar a mulher.

Os documentos cobrem quatro mesas de armar, alugadas, encostadas umas nas outras na sala da frente do nosso escritório. Estão separados em pilhas regulares, em ordem cronológica, todos marcados, numerados, indexados e até armazenados no computador.

E memorizados. Estudei tantas vezes esses papéis que agora sei de cor cada palavra. Os documentos que recebi de Dot somam 221 páginas. A apólice, por exemplo, vai ser considerada no julgamento documento único, mas tem 30 páginas. Os que foram entregues até agora pela Great Benefit somam 748 páginas, e alguns deles são duplicatas dos documentos dos Black.

Deck também passou inúmeras horas redigindo documentos para o caso. Fez uma análise detalhada do pedido de pagamento. Ficou encarregado da maior parte do trabalho de computador. Ele vai me assistir nos depoimentos. Seu trabalho consiste em manter os documentos em ordem e localizar rapidamente os que forem necessários.

Não se pode dizer que esteja entusiasmado com esse tipo de trabalho, mas esforça-se sempre para me ver satisfeito. Está convencido de que apanhamos a Great Benefit em flagrante, com a arma do crime ainda quente na mão, mas acha também que o caso não merece o esforço que estou fazendo. Infelizmente, acho que Deck não confia muito nas minhas habilidades num tribunal. Sabe que para cada um dos jurados que vamos escolher cinquenta mil dólares é uma fortuna.

Sábado à noite, já muito tarde, tomo uma cerveja no escritório e vou de mesa em mesa examinando vezes sem conta os documentos. Alguma coisa está faltando. Deck tem certeza de que Jackie Lemancyzk, a encarregada das requisições de pagamento, não tinha autoridade para negar qualquer pedido diretamente. Ela fazia seu trabalho e depois enviava os documentos para o departamento de contratos de seguro. Há um sistema de ação recíproca entre o departamento de estudo de pedidos e o de contratos de seguros, troca de memorandos, e é nesse ponto que a sequência dos documentos é quebrada.

Foi elaborado um plano para negar o pedido de Donny Ray e provavelmente milhares de outros iguais ao dele. Precisamos desenredar essa trama.



Depois de muita deliberação e troca de ideias com os membros da minha firma, resolvi começar com o depoimento de M. Wilfred Keeley, diretor executivo. Acho melhor ir do maior para o menor. Ele tem cinquenta e seis anos, é cheio de charme e simpatia, com um sorriso aberto até para mim. Chega a me agradecer por chamá-lo em primeiro lugar. Precisa desesperadamente voltar para seu escritório na sede.

Durante a primeira hora, contornei cuidadosamente o assunto principal. Estou no meu lado da mesa, de calça jeans, camisa de flanela e meias brancas. Achei que seria um contraste interessante com as cores escuras que predominam no outro lado. Drummond e três dos seus rapazes trocam algumas anotações, mas parecem completamente entediados. Kipler está na sala ao lado presidindo seu Dia de Moções.

Keeley está a par de vários outros processos contra a Great Benefit, pendentes na cidade de Memphis. Falamos sobre isso por algum tempo, nomes, tribunais, outros advogados, fatos semelhantes. Ele não foi obrigado a testemunhar em nenhum deles. Mal posso esperar para conversar com os outros advogados que processaram a Great Benefit. Podemos comparar documentos e estratégias de tribunal.

A parte mais sofisticada na direção de uma companhia de seguros certamente não é a tarefa de vender apólices e resolver os pedidos de pagamento. O mais interessante é receber os prêmios e fazer investimentos. Keeley está muito mais informado sobre a parte dos investimentos. Diz que começou nesse departamento e foi sendo promovido. Sabe muito pouco sobre requisições de pagamento.

Uma vez que eu não estou pagando as despesas desses depoimentos, não tenho pressa. Faço centenas de perguntas inúteis, apenas explorando o terreno, atirando no escuro. Drummond parece entediado e às vezes frustrado, mas foi ele quem escreveu o livro sobre como conduzir depoimentos que duram um dia inteiro, e seu medidor de tempo também está funcionando. Ele gostaria de protestar, vez por outra, mas sabe que eu simplesmente vou correr para a sala ao lado e contar tudo ao juiz Kipler, que vai decidir a meu favor e passar um pito nele.



A tarde traz outras mil questões, e, quando entramos em recesso, às cinco e meia, estou fisicamente exausto. O sorriso de Keeley desapareceu logo depois do almoço, mas ele estava resolvido a responder enquanto eu pudesse perguntar. Ele me agradece outra vez por chamá-lo em primeiro lugar e agradece por dispensá-lo de mais perguntas. Já está voltando a Cleveland.



Na terça-feira as coisas tomam novo impulso, em parte porque estou cansado de perder tempo e em parte porque as testemunhas sabem muito pouco ou não conseguem lembrar muita coisa. Começo com Everett Lufkin, vice-presidente do departamento de requisições de pagamento, um homem que não diz uma simples sílaba que não seja em resposta a uma pergunta direta. Eu o faço examinar alguns documentos, e finalmente, no meio da manhã, ele admite que é um procedimento comum o que eles chamam de “contrato pós-pedido de pagamento”, uma prática odiosa, mas não ilegal. Quando um segurado entra com um pedido de pagamento, o funcionário que o recebe exige todos os relatórios médicos referentes aos últimos cinco anos. No nosso caso, a Great Benefit obteve relatórios do médico da família Black que havia tratado Donny Ray de uma gripe muito forte, cinco anos antes. Dot não incluiu a gripe no formulário para a compra da apólice. A gripe não tinha nada a ver com a leucemia, mas uma das negativas da Great Benefit baseia-se no fato de que a gripe era uma condição preexistente.

Quando chegamos a esse item, tenho vontade de enfiar um prego no coração dele, o que seria fácil. Mas também pouco sensato. Lufkin vai testemunhar no julgamento, e é melhor reservar a reinquirição brutal para essa ocasião. Alguns advogados gostam de julgar seus casos por ocasião dos depoimentos, mas com a minha vasta experiência sei que devo guardar o melhor para o júri. Na

verdade, li isso num livro. E o mais importante: é a estratégia usada por Jonathan Lake.

Kermit Aldy, vice-presidente dos contratos de seguro, é tão fechado e cauteloso quanto Lufkin. O departamento de contratos encarrega-se de aceitar e estudar o requerimento enviado pelo agente de vendas e decidir se devem ou não emitir a apólice para o requerente. Inclui muita papelada e pouca recompensa, e Aldy parece a pessoa ideal para dirigir esse trabalho. Terminei com ele em menos de duas horas e sem infligir nenhum ferimento.

Bradford Barnes é vice-presidente administrativo, e levo quase uma hora para determinar exatamente o que ele faz. Estamos na manhã de quarta-feira. Estou farto dessa gente. Sinto náuseas só de olhar para as mesmas caras da Trent Brent no outro lado da mesa, a dois metros de distância, sempre com os mesmos malditos ternos escuros, com a mesma expressão de desdém que estou vendo há meses. Desprezo até a estenógrafa do tribunal. Barnes não sabe nada de nada. Eu mando um direto, ele desvia, nem encosto a luva nele. Ele não vai testemunhar no julgamento porque não tem nenhuma pista.

Na tarde de quarta-feira, chamo a última testemunha, Richard Pellrod, o chefe da seção de estudo das requisições de pagamento, que escreveu pelo menos duas cartas de negativa para os Black. Ele está sentado no corredor desde segunda-feira de manhã; portanto, odeia-me com todas as suas forças. Ele eleva a voz algumas vezes durante as primeiras perguntas, e isso me revigora. Mostro a ele as cartas negando o pagamento, e as coisas ficam tensas. A posição dele, a posição ainda mantida pela Great Benefit, é que o transplante de medula óssea é simplesmente um processo por demais experimental para ser levado a sério como método de tratamento. Mas numa das suas cartas ele alega que Donny Ray deixou de revelar uma condição preexistente. Atribui a culpa a outra pessoa qualquer, apenas um descuido. Pellrod é um filho da mãe mentiroso, e resolvo fazê-lo sofrer. Apanho uma pilha de documentos, e nós os examinamos um a um. Faço com que ele explique e se responsabilize por todos. Afinal, ele era supervisor de Jackie Lemanczyk, que, é claro, não está mais entre nós. Ele diz que acha que ela se mudou para sua cidade natal, em algum lugar no sul de Indiana. Periodicamente faço perguntas sobre a saída dela da companhia, e isso irrita Pellrod. Mais documentos. Mais culpa atribuída a outras pessoas. Sou implacável. Posso perguntar qualquer coisa quando bem entender, e ele nunca sabe o que esperar. Depois de horas de uma barragem contínua, ele pede um descanso.



Terminamos com Pellrod às sete e meia da noite de quarta-feira e terminamos também os depoimentos da companhia. Três dias, dezessete horas, provavelmente mil páginas de testemunho. Os depoimentos, como os documentos, terão de ser lidos dezenas de vezes.

Enquanto seus rapazes abarrotam de papéis suas pastas, Leo F. Drummond me leva para um canto.

— Belo trabalho, Rudy — diz, em voz baixa, como se estivesse realmente impressionado com meu desempenho, embora preferindo não divulgar o fato.

— Obrigado.

Ele respira fundo. Ambos estamos exaustos e cansados de olhar um para o outro.

— Então, o que temos ainda? — pergunta.

— Eu terminei. — Na verdade, não posso pensar em mais ninguém cujo depoimento eu queira ouvir.

— O que me diz do Dr. Kord?

— Ele vai testemunhar no julgamento.

É uma surpresa para ele. Drummond olha para mim atentamente, sem dúvida imaginando como eu posso pagar o depoimento ao vivo de um médico.

— O que ele vai dizer?

— Ron Black era o doador perfeito para seu gêmeo. O transplante de medula é um tratamento de rotina. O garoto podia ser salvo. Seus clientes o mataram.

Ele recebe isso muito bem. Sem dúvida, não é nenhuma surpresa.

— Provavelmente tomaremos o depoimento dele — diz Drummond.

— Quinhentos dólares por hora.

— É, eu sei. Escute, Rudy, será que podemos tomar um drinque? Há um assunto que quero discutir com você.

— O quê? — Neste momento não vejo nada pior do que tomar um drinque com Drummond.

— Negócios. Possibilidades de acordo. Pode passar no meu escritório, digamos, daqui a quinze minutos? Fica bem depois da esquina, você sabe.

A palavra “acordo” soa bem. Além disso, eu sempre quis conhecer o escritório deles.

— Terá de ser rápido — respondo, como se tivesse mulheres belas e importantes à minha espera.

— Certo. Vamos agora.

Peço a Deck que me espere na esquina, e Drummond e eu vamos a pé para o prédio mais alto de Memphis. Subindo para o quadragésimo andar, falamos sobre o tempo. A suíte é toda em bronze e mármore, cheia de gente, como se estivéssemos em pleno horário de trabalho. É uma fábrica instalada com muito gosto. Procuro meu velho amigo Lloyd Beck, o bandido da Broadnax e Speer, e espero não encontrá-lo.

O escritório de Drummond é muito bem decorado, mas não exageradamente grande. Este prédio tem o aluguel mais alto da cidade, e o espaço é usado eficientemente.

— O que quer beber? — pergunta, jogando a pasta e o paletó na mesa.

Eu não gosto de bebida forte, e estou tão cansado, que um drinque provavelmente vai me pôr a nocaute.

— Só uma Coca.

Ele parece desapontado por um momento. Depois prepara seu drinque no bar, que fica num canto, *scotch* e água.

Batem à porta, e para minha surpresa M. Keeley entra na sala. Não nos vemos desde o meu interrogatório na segunda-feira. Ele age como se estivesse feliz por me ver outra vez. Trocamos um aperto de mãos, como velhos amigos. Ele vai até o bar e prepara um drinque.

Sentamos em volta de uma mesinha redonda a um canto, e eles tomam seus uísques. O fato de Keeley ter voltado tão cedo pode significar uma coisa: querem fazer um acordo. Sou todo ouvidos.

No mês passado, minha pequena firma teve um lucro líquido de seiscentos dólares. Drummond ganha no mínimo um milhão por ano. Keeley dirige uma companhia que ganha bilhões em vendas e provavelmente ganha mais do que seus advogados. E eles querem tratar de negócios comigo.

— Estou muito preocupado com o juiz Kipler — diz Drummond bruscamente.

— Eu nunca vi nada igual — apressa-se a acrescentar Keeley.

Drummond é famoso por sua preparação impecável, e tenho certeza de que esse dueto foi bem ensaiado.

— Para ser franco, Rudy, estou com medo do que ele pode fazer no julgamento — diz Drummond.

— Estamos sendo empurrados para fora da estrada — diz Keeley, balançando a cabeça, incrédulo.

Eles têm razão de estar preocupados com Kipler, mas estão suando sangue porque foram apanhados em flagrante. Mataram um jovem, e seu crime está para ser revelado. Resolvo ser compreensivo, deixar que eles digam tudo o que têm para dizer.

Tomam suas bebidas em conjunto. Drummond diz:

— Gostaríamos de resolver este caso, Rudy. Estamos confiantes na nossa defesa, digo isso com sinceridade. Em igualdade de condições, estamos prontos para começar a partida amanhã. Há onze anos não perco um caso. Gosto de uma boa briga no tribunal. Mas a imparcialidade desse juiz me assusta.

— Quanto? — pergunto, cortando a conversa mole.

Eles ajustam os traseiros nas cadeiras numa perfeita harmonia hemorroidal. Um momento de dor, e então Drummond diz:

— Dobramos a oferta. Cento e cinquenta mil. Você fica com cinquenta mil, mais ou menos, e seu cliente recebe...

— Eu posso fazer a conta — digo. O valor dos meus honorários não é da conta deles. Drummond sabe que estou quebrado e que cinquenta mil dólares é uma fortuna para mim.

Cinquenta mil dólares!

— O que querem que eu faça com essa oferta? — pergunto.

Eles trocam olhares interrogativos.

— Meu cliente está morto. A mãe o enterrou na semana passada, e agora querem que eu diga a ela que há algum dinheiro na mesa?

— Segundo a ética, você é obrigado a dizer a ela...

— Não venha com aula de ética, Leo. Eu vou dizer a ela. Vou transmitir a oferta e aposto que vai recusar.

— Nós sentimos muito a morte do garoto — diz Keeley, muito triste.

— Dá para ver que está arrasado, senhor Keeley. Vou transmitir seus sentimentos à família.

— Escute, Rudy, estamos fazendo um esforço de boa-fé para chegar a um acordo — diz Drummond.

— Seu senso de oportunidade é terrível.

Durante uma pausa, todos tomamos nossos drinques. Drummond é o primeiro a sorrir.

— O que a senhora Black deseja? Conte para nós, Rudy, o que vai fazê-la feliz?

— Você não podem fazer nada. Ele está morto, e vocês não podem fazer nada a esse respeito.

— Então, por que vamos a julgamento?

— Para denunciar o que vocês fizeram.

Eles se ajustam outra vez nas cadeiras. Outra vez expressão de dor. Mais uísque desce pela garganta.

— Ela quer denunciar a companhia, depois quer levá-la à

falência — digo.

— Somos grandes demais — diz Keeley, condescendente.

— Veremos. — Levanto-me e apanho minha pasta. — Podem deixar, eu sei o caminho. — Saio e deixo os dois sentados.

Aos poucos nosso escritório acumula provas de atividade comercial, por mais humilde e menos lucrativo que seja. Pastas finas estão empilhadas aqui e ali, sempre à vista para que o cliente ocasional possa ver. Tenho quase uma dúzia de casos criminais com audiência marcada, todos de ofensas graves ou roubos leves. Deck afirma que tem trinta dossiês ativos, mas esse número me parece um pouco exagerado.

Agora o telefone toca mais vezes. Preciso me disciplinar para falar num telefone grampeado, e eis uma ideia que me persegue todos os dias. Para grampear os telefones, precisaram de uma ordem judicial para a invasão do escritório e da nossa privacidade. Um juiz teve de aprovar; portanto, deve haver um elemento legal em tudo isso.

Todo o espaço da sala da frente continua ocupado pelas quatro mesas alugadas, cobertas com documentos do caso Black, o que dá a aparência de um trabalho monumental em progresso.

Pelo menos o escritório parece mais movimentado. Depois de alguns meses, nossa despesa média é de três mil e duzentos dólares; assim, Deck e eu estamos dividindo, no papel, mil e quinhentos dólares, sem contar taxas e imposto de renda.

Estamos sobrevivendo. Nosso melhor cliente é Derrick Dogan, e, se chegarmos a um acordo de vinte e cinco mil dólares no seu caso, o limite da apólice, poderemos respirar melhor. Esperamos que isso aconteça antes do Natal, embora eu não saiba bem por quê. Nem Deck e nem eu temos alguém para presentear.

Vou passar os feriados de fim de ano trabalhando no caso Black. Fevereiro não está longe.



A correspondência de hoje é de rotina, com duas exceções. Não há nenhum envelope da Trent Brent. Isso é tão raro que chega a ser estimulante. A segunda surpresa me deixa tão chocado que tenho de andar um pouco pelo escritório para me acalmar.

O envelope é grande e quadrado, com meu nome e endereço escritos a mão. Dentro encontro um convite impresso para uma

estonteante liquidação de Natal de cordões, pulseiras e colares de ouro de uma joalheria no shopping local. É uma circular, do tipo que geralmente joga fora quando o endereço e o nome estão em etiquetas de computador.

Na parte inferior, abaixo do horário de funcionamento da loja, com uma letra muito bonita está o nome de Kelly Riker. Nenhuma mensagem. Nada. Só o nome.



Chego ao shopping e fico andando durante uma hora. Vejo as crianças patinando no gelo, num rinkue interno, grupos de adolescentes andando de um lado para o outro. Compro um prato de comida chinesa requentada e vou na galeria, acima do rinkue de patinação no gelo.

A joalheria é uma das centenas de lojas dessa ala. Na última vez em que passei por ela, vi Kelly operando a registradora.

Entro atrás de um casal e ando vagarosamente até o balcão-vitrine onde Kelly Riker está atendendo um freguês. Ela ergue os olhos, vê-me e sorri. Afasto-me alguns passos, apoio o cotovelo no vidro do balcão e examino a enorme coleção de cordões de ouro grossos como cordas de esqui. A loja está cheia. Uma meia dúzia de vendedores conversam com os fregueses e mostram joias.

— Posso ajudá-lo, senhor? — pergunta ela, no outro lado do balcão, a menos de um metro de mim.

Olho para ela e me derreto.

Nossa troca de sorrisos dura o máximo que podemos ousar.

— Só olhando — digo. Espero que não estejamos sendo observados. — Como vai você?

— Muito bem, e você?

— Ótimo.

— Posso lhe mostrar alguma coisa? Estes estão em liquidação.

Ela aponta, e de repente estamos olhando para um cordão enorme, próprio de um cafetão.

— Podemos conversar?

— Não aqui — responde, inclinando-se para mais perto de mim. Sinto seu perfume. Ela abre o vidro lateral da vitrine e retira um cordão de ouro de vinte centímetros. Ergue o cordão para que eu veja melhor e diz: — Há um cinema neste andar. Compre entrada para o filme de Eddie Murphy. Cadeira do meio, última fila. Estarei

lá em trinta minutos.

— Eddie Murphy? — pergunto, segurando e admirando o cordão.

— Bonito, não é?

— Meu favorito. Bonito de verdade. Mas vou olhar mais um pouco.

Ela apanha o cordão.

— Volte sempre — diz, como uma perfeita vendedora. Flutuo pelo shopping com os joelhos fracos. Ela sabia que eu viria e planejou tudo — o cinema, o filme, os lugares e a fila. Tomo café perto de um Papai Noel asoberbado de trabalho, tento imaginar o que ela vai dizer, espero até o último minuto para comprar as entradas.

Não há muita gente no cinema. Alguns garotos, jovens demais para um filme impróprio para menores de 16 anos estão na primeira fila, rindo alto a cada obscenidade. Outras tristes almas estão espalhadas pelo escuro. A última fila está vazia.

Ela chega com alguns minutos de atraso e senta ao meu lado. Cruza as pernas, com a saia alguns centímetros acima dos joelhos. Não posso deixar de notar.

— Você vem sempre aqui? — pergunta ela com uma risada. Não parece nervosa, mas eu estou.

— Estamos a salvo? — pergunto.

— A salvo do quê?

— Do seu marido.

— Sim, ele está com os rapazes esta noite.

— Bebendo outra vez?

— Sim.

As implicações dessa afirmação são enormes.

— Mas não muito — diz, como se tivesse pensado melhor no caso.

— Então ele não tem...

— Não. Vamos falar de outra coisa.

— Desculpe. É que me preocupo com você, só isso.

— Por que se preocupa comigo?

— Porque penso em você o tempo todo. Pensa às vezes em mim? Estamos olhando para a tela sem ver nada.

— O tempo todo — diz, e meu coração para.

Na tela, uma mulher e um homem começam de repente a rasgar a roupa um do outro. Estão caindo numa cama, travesseiros e roupas de baixo voando para todos os lados; depois se abraçam apaixonadamente, e a cama começa a tremer. Enquanto se amam, Kelly passa o braço sob o meu e chega mais perto. Não falamos até o fim da cena. Então, começo a respirar outra vez.

— Quando você começou a trabalhar? — pergunto.
— Há duas semanas. Precisamos de algum dinheiro para o Natal. Provavelmente ela vai ganhar mais do que eu até o Natal.
— Ele deixa você trabalhar?
— Prefiro não falar nele.
— Sobre o que você quer falar?
— Como vai a advocacia?
— Muito trabalho. Tenho um grande julgamento em fevereiro.
— Então vai indo bem?
— É uma luta, mas o negócio está crescendo. Os advogados passam fome e depois, se têm sorte, ganham muito dinheiro.
— E quando não têm sorte?
— Continuam passando fome. Prefiro não falar sobre advogados.
— Ótimo. Cliff quer um filho.
— O que isso vai resolver?
— Não sei.
— Não faça isso, Kelly — digo, com uma emoção que me surpreende.

Olhamo-nos um para o outro e apertamos nossas mãos.

Por que estou sentado num cinema escuro de mãos dadas com uma mulher casada? A pergunta do dia. E se Cliff aparecer de repente e me pegar aqui paquerando sua mulher? Quem ele mata primeiro?

— Ele me disse para parar de tomar a pílula.
— Você parou?
— Não. Mas tenho medo do que possa acontecer se eu não engravidar. Foi bastante fácil no passado, se está lembrado.
— O corpo é seu.
— É, e ele quer meu corpo o tempo todo. Está ficando obcecado por sexo.
— Escute: prefiro falar de outra coisa, está bem?
— Tudo bem. Estamos ficando sem assunto.
— Sim, estamos.

Soltamos nossas mãos e assistimos ao filme por alguns minutos. Kelly vira o corpo lentamente e apoia o cotovelo no braço da poltrona, com o rosto a poucos centímetros do meu.

— Eu só queria ver você, Rudy — diz, em voz muito baixa.
— Você está feliz? — pergunto, tocando o rosto dela com as costas da mão. Como ela pode estar feliz?

Kelly balança a cabeça.

— Não, na verdade não estou.
— O que eu posso fazer?
— Nada. — Ela morde o lábio e tenho a impressão de que há lágrimas nos seus olhos.

— Você tem de tomar uma decisão — digo.
— Tenho?
— Ou me esquece, ou pede o divórcio.
— Pensei que você fosse meu amigo.
— Também pensei. Mas não sou. É mais do que amizade, e nós dois sabemos disso.

Assistimos ao filme por mais algum tempo.

— Preciso ir — diz —, está quase acabando meu tempo de descanso. Desculpe se o incomodei.

— Você não me incomodou, Kelly. Estou feliz por ver você. Mas não vou ficar me escondendo deste jeito. Ou você pede o divórcio, ou me esquece.

— Não posso esquecer.

— Pois então vamos pedir o divórcio. Podemos dar entrada amanhã. Eu a ajudo a se livrar dele, e então poderemos nos divertir.

Ela se inclina para o lado, beija-me rapidamente no rosto e vai embora.



Sem me consultar, Deck tira seu telefone do escritório, leva para Butch, e os dois o levam para um conhecido que supostamente já trabalhou para um ramo das forças armadas. Segundo esse conhecido, o “grampo” ainda instalado nos nossos telefones é muito diferente dos que são usados pelo FBI e outros departamentos de manutenção da lei. É fabricado na Tchecoslováquia, de qualidade mediana e alimenta um transmissor localizado em algum local próximo. Ele tem quase certeza de que não foi instalado pelos tiras nem pelos federais.

Ouç o relatório quando tomamos café na semana anterior ao Dia de Ação de Graças.

— Alguém está escutando — diz Deck, nervoso.

Estou perplexo demais para reagir.

— Quem pode ser? — pergunta Butch.

— Como diabos vou saber? — digo, irritado.

Esse cara não tem o direito de ficar fazendo essas perguntas.

Assim que ele for embora, vou repreender Deck por permitir que ele se envolva tanto no caso. Olho furioso para meu sócio, que está olhando para o outro lado, com seus tiques nervosos, esperando o ataque de forças estranhas.

— Bom, não é dos federais — afirma Butch, com grande autoridade.

— Obrigado.

Pagamos o café e voltamos a pé para o escritório. Butch verifica os telefones outra vez, só por esporte. As mesmas coisinhas redondas continuam presas nas tampas internas dos fones.

A questão é: quem está escutando?

Vou para meu escritório, fecho a porta, faço hora esperando que Butch vá embora e durante esse tempo tenho uma ideia brilhante. Finalmente Deck bate à minha porta, com força apenas suficiente para meus ouvidos.

Falamos sobre meu pequeno plano. Deck sai, entra no seu carro e vai para o tribunal. Trinta minutos depois, ele me telefona com informações atualizadas sobre vários clientes fictícios. Estou só verificando, diz ele, quer alguma coisa da cidade?

Conversamos por alguns minutos, sobre uma coisa ou outra, e então eu digo:

— Adivinhe quem quer fazer um acordo agora?

— Quem?

— Dot Black.

— Dot Black? — pergunta Deck, teatralmente incrédulo. Deck tem alguns dons teatrais.

— É. Passei por lá esta manhã para saber dela e levar um bolo de frutas. Ela disse que não tem forças para suportar um julgamento e quer fazer um acordo imediatamente.

— Quanto?

— Ela disse que aceita cento e sessenta mil. Esteve pensando no assunto, e, uma vez que a maior oferta deles é de cento e cinquenta, será uma pequena vitória se pagarem mais um pouco. Ela pensa que é grande negociadora. Tentei explicar as coisas, mas você sabe como Dot é teimosa.

— Não faça isso, Rudy. Este caso vale uma fortuna.

— Eu sei. Kipler acha que vamos conseguir uma grande indenização punitiva, mas, você sabe, eticamente sou obrigado a tentar o acordo com Drummond. É o que a cliente quer.

— Não faça. Cento e sessenta é milho para galinha. — Deck é razoavelmente convincente nessa parte, embora eu esteja sorrindo. A calculadora está estalando no outro lado da linha, verificando a parte dele em cento e sessenta mil dólares. — Acha que eles vão pagar cento e sessenta?

— Eu não sei. Tenho a impressão de que cento e cinquenta é o máximo. Mas não cheguei a fazer uma contraoferta.

Se a Great Benefit está disposta a pagar cento e cinquenta mil para resolver este caso, sem dúvida vai concordar com cento e

sessenta.

— Vamos tratar disso quando eu voltar — diz Deck.

— Certo.



Desligamos, e trinta minutos depois Deck está sentado diante da minha mesa.

Na manhã seguinte, às cinco para as nove, o telefone toca. Deck o atende no seu escritório e depois corre para o meu.

— É Drummond — diz ele.

Nossa pequena firma, num acesso de extravagância, comprou um gravador de quarenta dólares numa loja de rádios. Está ligado ao meu telefone. Estamos torcendo para que não interfira com o “grampo”. Butch diz que acha que não tem problema.

— Alô — atendo, tentando controlar os nervos e a ansiedade.

— Rudy, Leo Drummond — diz ele, calorosamente. — Como vai?

Segundo a ética, neste momento eu devo avisá-lo de que o gravador está ligado e dar a ele a chance de se prevenir. Mas por razões óbvias Deck e eu resolvemos não dizer nada. Não ia funcionar. O que é a ética entre sócios?

— Muito bem, Mr. Drummond. E o senhor?

— Eu vou bem. Escute, precisamos combinar a data do depoimento do Dr. Kord. Eu falei com a secretária dele. O que você acha de 12 de dezembro? No consultório dele, é claro, 10 da manhã.

O depoimento de Kord será o último, eu creio, a não ser que Drummond descubra mais alguém remotamente interessado no caso. Mas é estranho ele ter o trabalho de me telefonar com antecedência para perguntar o que é mais conveniente.

— Para mim está ótimo — digo.

Deck adeja sobre minha mesa, um feixe de tensão nervosa.

— Muito bem. Não deve demorar muito. Pelo menos eu espero, a quinhentos dólares por hora. Obsceno, não acha?

Então agora somos companheiros? Só nós, os advogados, contra os médicos.

— Completamente obsceno.

— É, bem, de qualquer modo, escute, Rudy, sabe o que meus clientes querem mesmo?

— O quê?

— Bem, eles não querem passar uma semana em Memphis aturando um julgamento. Esses caras são executivos, você sabe, gente de dinheiro com egos enormes e carreiras para proteger. Eles querem um acordo, Rudy, e é isso que estou tentando transmitir a você. Isto é apenas uma conversa sobre acordo, nenhuma admissão de obrigação de pagar, você compreende?

— Compreendo. — Pisco um olho para Deck.

— Seu especialista diz que o custo do transplante de medula seria de cento e cinquenta mil e duzentos dólares, e não discutimos esses números. Vamos supor, e isto é só suposição, que meu cliente fosse de fato responsável pelo transplante. Digamos que o seguro cobrisse a operação, só uma suposição, está certo? Então os meus clientes deviam ter pago mais ou menos cento e setenta e cinco mil dólares.

— Se você diz...

— Pois então nós oferecemos essa quantia para resolver o caso agora mesmo. Cento e setenta e cinco mil dólares! Nada de depoimentos. Dentro de sete dias tenho um cheque para você.

— Acho que não.

— Escute, Rudy: nem um zilhão de dólares podem trazer aquele garoto de volta. Você precisa fazer sua cliente pensar com sensatez. Eu acho que ela quer o acordo. Chega um momento em que o advogado tem de agir como advogado e se encarregar das decisões. Essa pobre velha não tem ideia do que vai acontecer no julgamento.

— Vou falar com ela.

— Telefone agora mesmo. Espero aqui mais uma hora. Telefone para ela. — O filho da mãe cafajeste provavelmente mandou instalar este grampo no meu telefone. Vai adorar ouvir minha conversa com Dot.

— Ligo depois, Mr. Drummond. Tenha um bom dia.

Desligo o telefone, rebobino a fita e ouço a conversa a todo volume.

Deck recua até uma cadeira e cai sentado de boca aberta, os quatro dentes brilhando.

— Eles grampearam nossos telefones — diz, incrédulo, quando o tape termina.

Olhamos para o gravador, como se só ele pudesse explicar tudo isso. Fico literalmente paralisado por alguns minutos. Nada se move. Nada funciona. De repente o telefone toca, mas nenhum de nós estende a mão para atender. Neste momento estamos morrendo de medo dele.

— Acho que devemos contar a Kipler — digo, finalmente, as palavras pesadas e lentas.

— Acho que não. — Deck tira os óculos de lentes grossas e enxuga os olhos.

— Por que não?

— Vamos pensar um pouco. Nós sabemos ou pelo menos pensamos que Drummond e/ou seu cliente grampearam nossos telefones. Drummond certamente sabe dos grampos, porque acabamos de pegá-lo. Mas não podemos provar com certeza, não podemos pegá-lo em flagrante.

— Ele vai negar até morrer.

— Certo. Então, o que Kipler vai fazer? Acusar Drummond sem uma prova concreta? Dar outras chamadas nele?

— Drummond já se acostumou com elas.

— E não terá nenhum efeito sobre o julgamento. Não podemos dizer ao júri que Drummond e seu cliente fizeram jogo sujo na coleta de provas.

Olhamos para o gravador outra vez, digerindo o fato e tentando encontrar o caminho no meio da neblina. No ano passado, numa aula de ética, ouvimos a história de um advogado que foi duramente advertido porque gravou secretamente sua conversa ao telefone com outro advogado. Sou culpado, mas meu pequeno pecado desaparece em comparação com o ato desprezível de Drummond. O problema é que posso ser preso se apresentar esta gravação. Drummond jamais será punido porque nunca poderemos provar que foi ele. Até que ponto ele está envolvido? Teria sido ideia sua grampear nossos telefones? Ou ele está simplesmente usando informação roubada, passada por seu cliente?

Nunca saberemos. E de certo modo não faz diferença. Ele sabe.

— Podemos usar isso a nosso favor — sugiro.

— Exatamente o que eu estava pensando.

— Mas precisamos ter cuidado; do contrário, vão suspeitar.

— Isso mesmo, vamos deixar para o julgamento. Vamos esperar o momento perfeito, quando precisarmos mandar aqueles palhaços para uma viagem sem rumo.

Aos poucos, começamos a sorrir.



Espero dois dias e telefono para Drummond com a triste notícia de que minha cliente não quer seu dinheiro sujo. Ela está agindo de modo um pouco estranho, confidencia. Num dia, está com medo do

juízo; no outro, não vê a hora de ir ao tribunal. Neste momento, ela quer lutar.

Ele não desconfia de nada e volta ao seu comportamento de invencível, com a ameaça de que provavelmente o dinheiro vai ser retirado da mesa para sempre, de que vai ser um julgamento desagradável até o amargo fim. Tenho certeza de que isso soa bem aos ouvidos dos homens de Cleveland, responsáveis pelos grampos. Eu gostaria de saber dentro de quanto tempo eles estarão ouvindo esta conversa.

O dinheiro devia ser aceito. Dot e Buddy teriam líquidos mais de cem mil dólares, mais do que jamais poderão gastar. Seu advogado ficaria com quase sessenta mil, uma verdadeira fortuna. Mas o dinheiro não significa nada para os Black. Eles nunca tiveram dinheiro e não estão sonhando em ficar ricos agora. Dot simplesmente quer um registro oficial em algum lugar sobre o que a Great Benefit fez a seu filho. Ela quer um julgamento final declarando que estava certa, que Donny Ray morreu porque a Great Benefit o matou.

Quanto a mim, estou surpreso com minha capacidade de ignorar o dinheiro. Não há dúvida de que é uma tentação, mas não estou consumido pela ideia. Não estou passando fome. Sou jovem, e haverá outros casos.

Além disso, estou convencido de uma coisa: a Great Benefit está apavorada a ponto de grampear meus telefones; portanto, estão realmente escondendo segredos terríveis. Preocupado como estou, eu me surpreendo sonhando com o julgamento.



Booker e Charlene me convidam para o almoço do Dia de Ação de Graças com os Kane. Sua avó mora numa pequena casa em Memphis e evidentemente está cozinhando há uma semana. O tempo está frio e chuvoso, o que nos obriga a passar a tarde toda dentro de casa. São cinquenta pessoas no mínimo, as idades variando de seis meses a oitenta anos, e eu, o único branco. Passamos horas comendo, os homens na frente da televisão na saleta, assistindo a um jogo após outro. Booker e eu comemos nossa torta de nozes e tomamos café na garagem, com os pratos no capo do carro, tremendo de frio, enquanto atualizamos as novidades. Ele está curioso a respeito da minha vida amorosa, e eu garanto que

não existe no momento. Os negócios vão bem, digo. Booker está trabalhando vinte e quatro horas por dia. Charlene quer outro filho, mas engravidar pode ser problema. Ele nunca está em casa.

A vida de um advogado muito ocupado.

Sabíamos que estava no correio, mas o som dos passos de Deck me diz que chegou afinal. Ele entra correndo, sacudindo o envelope no ar.

— Chegou! Chegou! Estamos ricos!

Ele abre o envelope, retira delicadamente o cheque e o deposita gentilmente na minha mesa. Ficamos admirando o pedaço de papel. Vinte e cinco mil dólares da State Farm! É Natal.

Uma vez que Derrick Dogan está ainda de muletas, corremos à casa dele com os documentos. Ela assina onde o mandamos assinar. Então dividimos o dinheiro. Ele recebe exatamente 16.667 dólares, e nós, exatamente 8.333 dólares. Deck queria cobrar algumas pequenas despesas — cópias, selos, telefonemas, coisas que alguns advogados arrancam dos clientes por ocasião de um acordo, mas eu disse não.

Dizemos adeus a Dogan, desejamos tudo de bom, tentamos parecer muito aborrecidos com seu acidente. É difícil.

Resolvemos retirar três mil cada um e deixar o resto na firma, para os inevitáveis meses de vacas magras. A firma paga um bom almoço num restaurante da moda no leste de Memphis. A firma tem agora um Credicard ouro, dado por algum banco desesperado, evidentemente impressionado com minha posição de advogado. Dei voltas em torno das perguntas do requerimento do cartão a respeito de falências anteriores. Deck e eu trocamos um aperto de mãos para selar o acordo de só usar o cartão com o consentimento dos dois.

Apanho meus três mil e compro um carro. Não é novo, mas é o carro com que venho sonhando desde que tivemos certeza do acordo do caso Dogan. É um Volvo DL 1984, azul, quatro marchas e marcha econômica, em ótimo estado, com apenas 193 mil quilômetros rodados. Não é muito para um Volvo. O primeiro e único dono antes de mim foi um banqueiro que gostava de tratar pessoalmente do carro.

Pensei em comprar um carro novo, mas não suporto a ideia de ficar devendo.

É meu primeiro carro de advogado. Vendo o Toyota por trezentos dólares e com o dinheiro compro um telefone para o Volvo. Rudy Baylor está chegando devagar.



Semanas atrás tomei a decisão de não passar o Natal em Memphis. As lembranças do outro Natal são ainda muito dolorosas. Vou estar sozinho, e será mais fácil se não ficar aqui. Deck mencionou alguma coisa sobre passarmos juntos o Natal, mas foi uma sugestão vaga, sem detalhes. Eu disse que provavelmente ia visitar minha mãe.

Quando minha mãe e Hank não estão viajando no seu Winnebago, estacionam a maldita coisa atrás da pequena casa dele, em Toledo. Nunca estive na casa, nem no Winnebago, e não quero passar o Natal com Hank. Minha mãe telefonou depois do Dia de Ação de Graças com um convite sem nenhum entusiasmo para passar os feriados com eles. Eu declinei, disse que estava muito ocupado. Vou mandar um cartão.

Não é que não goste da minha mãe. Simplesmente nós paramos de falar um com o outro. O distanciamento foi gradual, não resultado de um incidente especial e desagradável, com palavras duras, dessas que levamos anos para esquecer.

Segundo Deck, o sistema legal entra em recesso de 15 de dezembro até depois do dia de Ano Novo. Os juízes não marcam julgamentos ou audiências. Os advogados e suas firmas ficam muito ocupados com festas no escritório e almoços com os empregados. É um tempo maravilhoso para sair da cidade.

Ponho o caso Black na mala do meu pequeno Volvo reluzente, com algumas roupas, e pé na estrada. Sigo sem pressa por estradas de tráfego lento e duas pistas, na direção geral do norte e do oeste, até encontrar neve em Kansas e Nebraska. Passo as noites em hotéis baratos, como em lanchonetes, vejo os pontos turísticos que encontro pelo caminho. Uma tempestade de inverno passou pelas planícies do Norte. A neve alta ladeia as estradas. As pradarias estão brancas como nuvens caídas.

Sinto-me revigorado pela solidão da estrada.



No dia 23 de dezembro, chego finalmente a Madison, Wisconsin. Procuro um pequeno hotel, um restaurante de estrada que sirva comida quente, e ando pelas ruas do centro como qualquer pessoa, entrando e saindo das lojas. Há certas coisas sobre um Natal normal que não me fazem falta.

Sento num banco gelado do parque, com a neve sob os pés, e ouço um coro de vozes saudáveis cantando canções de Natal. Ninguém no mundo sabe onde estou neste momento, em que cidade, em que estado. Adoro esta liberdade.

Depois do jantar e de alguns drinques no bar do hotel, telefono para Max Leuberg. Ele voltou ao seu cargo vitalício de professor da universidade daqui e tenho falado com ele por telefone mais ou menos uma vez por mês, pedindo conselhos. Ele me convida ao seu escritório na faculdade. Mandeí a ele cópias de quase todos os documentos relevantes, além de cópias das declarações dos acusados, as provas coletadas e declaradas por escrito e a maior parte dos depoimentos. A caixa da FedEx pesou sete quilos e me custou quase trinta dólares. Deck aprovou.

Max parece realmente feliz por me ver em Madison. Como é judeu, não tem muito a ver com o Natal, e numa das conversas por telefone me disse que é um tempo maravilhoso para trabalhar. Ele me diz como encontrar a universidade.

Às nove da manhã seguinte, a temperatura está abaixo de zero quando entro na faculdade de direito. A porta está aberta, mas o prédio, vazio. Leuberg me espera no seu escritório com café quente. Durante uma hora conversamos sobre as coisas de Memphis de que ele sente falta, sendo que a faculdade de direito não é uma delas. Seu escritório é muito parecido com o de Memphis — atulhado, em desordem, com pôsteres de provocação política e adesivos de choques pregados nas paredes. Ele também parece o mesmo — cabelo farto despenteado, jeans, tênis brancos. Está usando meias, mas apenas porque há uma camada de neve de trinta centímetros lá fora. Leuberg é animado e cheio de energia.

Eu o acompanho pelo corredor até uma pequena sala de seminário com uma longa mesa no centro. Ele tem a chave. O dossiê que mandei está arrumado sobre a mesa. Sentamos um de frente para o outro, e ele serve mais café da garrafa térmica.

Leuberg sabe que faltam seis semanas para o julgamento.

— Alguma oferta de acordo?

— Sim. Várias. Chegamos a cento e setenta e cinco mil, mas minha cliente recusa.

— Isso é raro, mas não me surpreende.

— Por quê?

— Porque você os pegou de verdade. Estão muito expostos, Rudy. É um dos piores casos de má-fé que já vi, e já vi milhares.

— Tem mais. — Eu falo dos grampos nos telefones e da prova quase certa de que Drummond está escutando nossas conversas.

— Na verdade, já ouvi falar nisso — diz Leuberg. — Um caso na Flórida, mas o advogado do autor do processo só ficou sabendo depois do julgamento. Desconfiou porque a defesa parecia saber o que ele pensava ou fazia. Mas isso é diferente.

— Eles devem estar assustados.

— Estão apavorados, mas não vamos ser muito otimistas. Estão em território amigo. Seu município não acredita em indenização punitiva.

— Então qual é sua opinião?

— Aceite o dinheiro e dê o fora.

— Não posso fazer isso. Não quero. Minha cliente não quer.

— Ótimo. Está na hora de trazer essa gente para o século XX. Onde está seu gravador? — Ele salta da cadeira. Há um quadro-negro na parede, e o professor vai começar sua aula. Tiro o gravador da pasta e o ponho na mesa. Minha caneta e meu bloco de notas estão prontos.

Max começa a falar, e durante uma hora escrevo furiosamente e faço perguntas. Ele fala sobre as minhas testemunhas, as deles, os documentos, as várias estratégias. Max estudou o material que eu mandei. Ele gosta da ideia de desmascarar aquela gente.

— Deixe o melhor para o fim — diz o professor. — Faça-os ouvir o tape daquele pobre garoto testemunhando antes de morrer. Suponho que deva ser comovente.

— Pior.

— Ótimo. É uma imagem maravilhosa para deixar com os jurados. Se tudo for bem, você pode terminar em três dias.

— E depois?

— Depois, fiquei sentado e deixe que eles tentem explicar as coisas. — Ele para de repente, apanha um documento na mesa e o passa para mim.

— O que é?

— A nova apólice da Great Benefit, emitida no mês passado para um dos meus alunos. Paguei por ela, e vamos cancelar no próximo mês. Eu só queria ver a linguagem usada. Adivinha o que eles

excluíram agora, em letras bem grandes.

— Transplantes de medula óssea.

— Todos os transplantes, inclusive o de medula. Fique com ela e use no julgamento. Acho que você deve perguntar ao diretor executivo por que mudaram os termos da apólice alguns meses depois que os Black deram entrada no processo. Por que agora eles excluem especificamente o transplante de medula? E, se não estava excluída na apólice dos Black, então por que não pagaram o seguro? Material muito bom, Rudy. Que diabo! Acho que tenho de assistir a esse julgamento.

— Por favor, faça isso. — Será reconfortante ter outro amigo para consultar, além de Deck.

Max tem alguns problemas com a nossa análise do pedido de pagamento e logo estamos mergulhados na papelada. Tiro as quatro caixas da mala do meu carro e levo para a sala de seminário, que ao meio-dia parece um depósito de papel velho.

A energia de Max é contagiosa. Durante o almoço, tenho a primeira de várias aulas sobre a contabilidade das companhias de seguros. Uma vez que a indústria é isenta da lei federal contra o monopólio, criaram um método próprio de contabilidade. Pode-se dizer que nenhum auditor competente entende os livros de uma companhia de seguros. Não são para ser compreendidos porque nenhuma dessas companhias quer que o mundo saiba o que ela está fazendo. Mas Max tem certas pistas.

A Great Benefit vale de quatrocentos a quinhentos milhões de dólares, a metade dessa quantia escondida em reservas e excedentes. É isso que deve ser explicado ao júri.

Não tenho coragem de sugerir o absurdo, a ideia de trabalhar no dia de Natal, mas Max é completamente a favor dela. Sua mulher está em Nova York visitando a família. Ele não tem nada mais para fazer e quer ir em frente e estudar as duas caixas de documentos que faltam.

Preencho três blocos com notas e meia dúzia de cassetes com suas ideias sobre tudo. Estou exausto quando ele finalmente diz que terminamos, no dia 25 de dezembro, pouco depois do anoitecer. Ele me ajuda a guardar o material nas caixas e a carregar tudo para meu carro. A neve cai outra vez pesadamente.

Max e eu nos despedimos na porta da frente da faculdade de direito. Nem sei como agradecer. Ele me deseja sorte e me faz prometer que vou telefonar pelo menos uma vez por semana, antes, e uma vez por dia, depois do julgamento. Repete que talvez apareça em Memphis para assistir.

Aceno meu adeus em meio à neve.



Levo três dias para chegar a Spartanburg, Carolina do Sul. O Volvo se comporta maravilhosamente bem na estrada, especialmente na neve e no gelo quando atravesso o Upper Midwest. Ligo para Deck uma vez, do telefone do carro. O escritório está calmo, diz ele. Ninguém está me procurando.

Passsei os últimos três anos e meio estudando durante longas horas para me formar na faculdade e trabalhando no Yogi's sempre que podia. Praticamente não tive férias. Esta viagem pouco dispendiosa pelo interior do país talvez pareça tediosa para muita gente, mas para mim são férias de luxo. É um repouso para minha mente e minha alma, permite que eu pense em outras coisas além de direito. Desfaço-me de alguma bobagem. Sara Plankmore, por exemplo. Antigos ressentimentos são apagados. A vida é curta demais para desprezar pessoas que simplesmente não puderam evitar o que fizeram. Os pecados graves de Loyd Beck e Barry X. Lancaster são esquecidos em algum lugar de West Virginia. Prometo a mim mesmo deixar de me preocupar com Miss Birdie e sua família miserável. Eles podem resolver seus problemas sem a minha ajuda.

Percorro quilômetros pensando em Kelly Riker e seus dentes perfeitos, suas pernas bronzeadas e sua voz doce.

Quando penso em assuntos legais, concentro-me no julgamento que se aproxima. No meu arquivo tenho só um caso que talvez consiga chegar perto do tribunal; portanto, só tenho de me preocupar com um julgamento. Ensaio meu argumento de abertura. Interrogo os ladrões da Great Benefit. Quase choro quando apresento meu resumo final.

Alguns motoristas olham para mim com estranheza, mas aqui ninguém me conhece.

Falei com quatro advogados que processaram ou estão processando a Great Benefit. Os três primeiros não ajudaram em nada. O quarto está em Spartanburg. Chama-se Cooper Jackson, e há algo estranho no seu caso. Ele não quis me dizer por telefone, quando liguei do meu apartamento. Mas disse que eu seria bem-vindo ao seu escritório para examinar seus arquivos.

Sua firma de seis advogados funciona no prédio de um banco, no centro da cidade, em escritórios modernos. Telefonei ontem, do meu carro, quando atravessava a Carolina do Norte, e ele vai me

receber hoje. Ele disse que tudo fica mais lento nos feriados de Natal.

Jackson é um homem forte, peito largo e membros musculosos, usa barba, e seus olhos muito escuros brilham e parecem dançar, animando o rosto. Tem quarenta e seis anos e me diz que ganhou dinheiro com a cobrança de dívidas comerciais. Fecha a porta antes de continuar a conversa.

Ele não devia contar o que vai me dizer agora. Fez um acordo com a Great Benefit, e ele e seus clientes assinaram um documento estritamente confidencial que determina sanções severas a quem revelar os termos do acordo. Não gosta desses acordos, mas não são raros. Entrou com o processo há um ano para uma senhora com um grave problema no seio e que precisou ser operada. A Great Benefit negou o pagamento, alegando que a senhora não havia mencionado no seu requerimento inicial o fato de ter removido um cisto ovariano cinco anos antes de comprar a apólice. O cisto era uma condição preexistente, diz a carta em que a companhia nega o pagamento. O processo exigia o pagamento de onze mil dólares. Outras cartas foram trocadas, mais negativas, e então ela contratou Cooper Jackson. Ele fez quatro viagens a Cleveland, no seu avião particular, e tomou oito depoimentos.

— O mais burro e desonesto bando de filhos da mãe que já conheci — diz sobre o pessoal de Cleveland. Jackson adora um julgamento agressivo e faz tudo sem restrições para aplicar os golpes. Ele fez o possível para levar o caso a julgamento, e de repente a Great Benefit propôs um acordo muito discreto.

— Esta é a parte confidencial — diz ele, saboreando a ideia de violar o acordo e contar para mim. Aposto que ele já contou para uma centena de pessoas. — Eles nos pagaram onze mil, e mais duzentos mil para nos fazer desistir. — Seus olhos cintilam à espera da minha reação. Na verdade é um acordo notável, porque a Great Benefit pagou uma indenização punitiva bastante alta. Não admira que tenham insistido no segredo do acordo.

— Espantoso — digo.

— Sim, é espantoso. Eu não queria o acordo, mas minha pobre cliente precisava do dinheiro. Tenho certeza de que eu conseguiria um veredicto mais satisfatório. — Ele conta algumas histórias de guerra para me convencer de que ganhou toneladas de dinheiro, depois vamos para uma pequena sala sem janelas, com prateleiras cheias de caixas iguais. Aponta para três delas e depois encosta o corpo forte numa das estantes.

— Aqui está o esquema deles — diz, tocando uma caixa como se ela contivesse grandes mistérios. — O pedido de pagamento chega à companhia e é entregue a um funcionário subalterno. As pessoas

que trabalham no estudo dos pedidos de pagamento são os menos qualificados da companhia e os que ganham menos. É assim em todas as companhias de seguros. O trabalho interessante é o de investimentos, não o de pedidos de pagamento ou contratos de seguros. O funcionário examina o pedido e imediatamente inicia o processo de reestudo do contrato pós-pedido de pagamento. Então, envia uma carta para o segurado negando o pedido. Tenho certeza de que você tem uma dessas cartas. O mesmo funcionário exige então os relatórios médicos dos últimos cinco anos, que são estudados. O segurado recebe outra carta da mesma seção dizendo: “Pedido negado, dependendo de nova revisão.” É aqui que começa a ficar engraçado. O encarregado dos pedidos envia o caso para a seção de contratos, e a seção de contratos envia um memorando para a seção de pedidos dizendo mais ou menos isto: “Não pague este seguro até novas ordens.” Há mais correspondência entre as duas seções, cartas e memorandos que vão e vêm, a papelada aumenta, surgem as divergências, cláusulas e subcláusulas da apólice são discutidas acaloradamente, e os dois departamentos entram em guerra. Não esqueça que essa gente trabalha para a mesma companhia, no mesmo prédio, mas na verdade não se conhecem. Um departamento não tem ideia do que o outro está fazendo. Isso tudo é intencional. Enquanto isso, seu cliente está sentado no seu trailer recebendo essas cartas, do departamento de pedidos de pagamento, outras do departamento de contratos de seguro. À maior parte das pessoas desiste, e é isso o que eles querem. Cerca de uma pessoa em vinte e cinco chega a consultar um advogado.

Estou me lembrando de fragmentos dos depoimentos enquanto Jackson me conta tudo isso, e de repente os pedaços começam a se encaixar.

— Como pode provar isso? — pergunto. Ele bate com a mão nas caixas.

— Está tudo aqui. Você não precisa da maior parte deste material, mas eu tenho os manuais.

— Também tenho.

— Pode examinar à vontade. Está tudo organizado. Tenho um grande paralegal; na verdade, tenho dois.

Sim, mas Baylor tem um paradvogado!

Ele me deixa com as caixas, e vou direto para os manuais verde-escuro. Um é para os pedidos de pagamento, o outro para os contratos. À primeira vista, parecem quase idênticas aos que obtive na coleta de provas. Os procedimentos estão arrumados por seções. Há um resumo no começo e um glossário no fim. Não passam de manuais para amanuenses.

Então, noto algo diferente. No fim do manual dos pedidos de pagamento, há uma seção U. Minha cópia não tem essa seção. Leio atentamente, e a conspiração é revelada. O manual para contrato tem também uma seção U. É a outra metade do esquema, exatamente como Cooper Jackson descreveu. Os manuais, quando lidos juntos, instruem os dois departamentos a negar o pedido, dependendo de estudo posterior; depois os papéis são enviados para outro departamento com instruções para não pagar até nova ordem.

A nova ordem nunca é dada. Nenhum departamento pode pagar enquanto o outro departamento não mandar.

As duas seções U contêm várias orientações para documentar cada passo, basicamente para criar uma trilha de documentos que mostrarão, se for necessário, o trabalho árduo realizado para avaliar adequadamente o pedido antes de negar o pagamento.

Nenhum dos meus manuais contém a seção U. Foram convenientemente removidas antes de me serem entregues. Eles — os ladrões de Cleveland e talvez seus advogados em Memphis — esconderam deliberadamente de mim as seções U. Para não dizer mais, é uma descoberta espantosa.

Logo me refaço do choque e me surpreendo rindo com a ideia de apresentar essas seções no julgamento e sacudi-las na frente do jurados.

Passo horas examinando o resto dos arquivos, mas não posso tirar os olhos dos manuais.



Cooper gosta de beber vodca no escritório, mas só depois das seis da tarde. Ele me convida a acompanhá-lo. A garrafa está num pequeno freezer no *closet* que serve de bar, e ele a toma pura, sem gelo. Tomo também. Mais ou menos duas gotas por drinque, e a vodca desce queimando como fogo. Depois de tomar seu primeiro drinque, ele diz:

— Estou certo de que você tem cópias das várias investigações do estado sobre a Great Benefit.

Ignoro completamente o assunto, e não me adianta nada mentir.

— Não, não tenho.

— Precisa verificar então. Denunciei a companhia ao procurador-geral da Carolina do Sul, meu colega de faculdade, e estão investigando. A mesma coisa na Georgia. A comissão de

seguros na Flórida iniciou um inquérito oficial. Parece que um número excessivo de pedidos de pagamento foi negado num curto período de tempo.

Meses atrás, quando eu era ainda estudante de direito, Max Leuberg mencionou ter dado entrada numa queixa junto ao departamento de seguros. Disse também que provavelmente não iria adiantar porque todos sabiam que a indústria de seguros está intimamente ligada àqueles designados para regulá-la.

Sinto como se tivesse perdido alguma coisa. Bem, afinal este é o meu primeiro caso de má-fé.

— Estão falando em ação de classe, você sabe — ele diz, com os olhos brilhando e piscando para mim, desconfiado. Jackson sabe que não sei coisa alguma sobre ação de classe.

— Onde?

— Alguns advogados em Raleigh. Têm uma porção de casos de acusação de má-fé contra a Great Benefit, mas estão esperando. A companhia ainda não foi atingida abertamente. Suspeito que estão fazendo acordos discretos nos casos mais inquietantes.

— Quantas apólices nesses casos? — Na verdade, fiz essa pergunta na coleta de provas, e estou ainda esperando uma resposta.

— Um pouco menos de cem mil. Se calcularmos o índice de dez por cento de pedidos de pagamento, isso significa dez mil apólices por ano, quase a média para a indústria. Digamos que eles neguem, só por negar, metade dos pedidos. Temos então cinco mil. A média dos pedidos é de dez mil dólares. Cinco mil vezes dez mil são cinquenta milhões de dólares. Digamos que gastem dez milhões, uma quantia hipotética, em acordos, nos poucos processos que vêm à tona. Ganham quarenta milhões com esse pequeno golpe, e então talvez no próximo ano comecem a pagar outra vez os pedidos legítimos. Mais um ano, e voltam à rotina da negativa. Inventam outro esquema. Ganham tanto dinheiro, que podem se dar ao luxo de assaltar qualquer um.

Olho para ele por um longo tempo e então pergunto:

— Pode provar isso?

— Não. É só um palpite. Provavelmente é impossível provar por ser tão incriminador. Os dessa companhia fizeram uma porção de coisas estúpidas, mas duvido que sejam suficientemente burros para declarar isso por escrito.

Penso em mencionar a Carta Burra, mas resolvo o contrário. Ele está num veio de sucesso. Provavelmente pode vencer todas as batalhas sozinho.

— Você é membro ativo de algum grupo de advogados criminais? — pergunta.

— Não. Comecei a advogar há poucos meses.

— Sou muito ativo. Existe uma rede um tanto vaga de advogados que gostam de processar companhias de seguros por má-fé. Mantemos contato, você sabe. Muita troca de fofocas. Ouço falar constantemente da Great Benefit. Acho que a companhia negou um número excessivo de pedidos de pagamento. Todo o mundo está como à espera de um grande julgamento para expor a Great Benefit. Um veredicto milionário vai começar o estouro.

— Não estou certo quanto ao veredicto, mas posso garantir que ela vai a julgamento.

Ele disse que podia telefonar para os amigos, entrar em contato com a rede, ouvir os rumores, ver o que está acontecendo no país. E talvez vá a Memphis em fevereiro para assistir ao julgamento. Um grande veredicto, repete, vai estourar a represa.



Passo a metade do dia seguinte estudando o arquivo de Jackson; depois agradeço e vou embora. Ele insiste em que eu mantenha contato. Seu palpite é que muitos advogados vão assistir ao nosso julgamento.

Por que isso me assusta?

Faço a viagem de volta para Memphis em doze horas. Quando estou descarregando o Volvo atrás da casa escura de Miss Birdie, a neve começa a cair levemente. Amanhã é o primeiro dia do ano.

A audiência para planejar o julgamento é realizada em meados de janeiro no tribunal do juiz Kipler. Ele nos faz sentar em volta da mesa da defesa e manda o meirinho ficar na porta para evitar a entrada de outros advogados. Ele senta na cabeceira sem seu manto de juiz, entre a secretária e a estenógrafa. Estou à sua direita, de costas para o tribunal, e no outro lado da mesa está a equipe da defesa. É a primeira vez que vejo Drummond, desde o depoimento de Kord, em 12 de dezembro, e só com grande esforço consigo tratá-lo com civilidade. Cada vez que pego o telefone do meu escritório vejo este malfeitor bem-vestido, muito bem penteado e altamente respeitado ouvindo a minha conversa.

As duas partes apresentaram ordens de prejulgamento, e hoje vamos resolver as nossas diferenças. A ordem final vai servir de plano de julgamento.

Kipler não ficou muito surpreso quando mostrei os manuais emprestados por Cooper Jackson. Ele os comparou cuidadosamente com os que recebi de Drummond. Segundo o meritíssimo, não sou obrigado a dizer a Drummond que descobri essa omissão de documentos. As normas legais permitem que eu espere até o julgamento para então dar o golpe na Great Benefit, mostrando os manuais ao júri.

Sem dúvida, vai ser devastador. Vou arriar as calças deles na frente dos jurados e obrigá-los a correr para se cobrir.

Chegamos às testemunhas. Fiz uma lista com quase todos os que estão relacionados ao caso.

— Jackie Lemancyzk não trabalha mais para os meus clientes — diz Drummond.

— Sabe onde está ela? — pergunta Kipler.

— Não.

Isso é verdade. Fiz uma centena de telefonemas para Cleveland, mas não encontrei nem sinal de Jackie Lemancyzk. Cheguei a convencer Butch a tentar encontrá-la por telefone, mas o resultado foi o mesmo.

— O senhor sabe? — pergunta ele a Drummond.

— Não.

— Então ela é apenas um talvez.

— Certo.

Drummond e T. Pierce Morehouse acham graça. Trocam largos sorrisos. Não achariam graça se nós a encontrássemos e a levássemos para testemunhar. Mas é uma possibilidade muito

remota.

— E Boddy Ott? — pergunta Kipler.

— Outro talvez — respondo.

Os dois lados podem incluir na lista pessoas com possibilidade razoável de testemunhar no julgamento. Ott parece duvidoso, mas, se ele aparecer, quero ter o direito de chamá-lo para depor. Butch também esteve procurando Bobby Ott.

Falamos sobre os especialistas. Eu tenho só o Dr. Walter Kord e Randall Gaskin, o administrador da clínica de câncer. Drummond incluiu só um, Dr. Milton Jiffy, de Syracuse. Resolvi não tomar o depoimento dele por duas razões. A primeira: seria muito dispendioso ir a Syracuse; e a mais importante: sei o que vai dizer. Vai afirmar que o transplante de medula é um método muito experimental para ser considerado tratamento médico adequado e razoável. Walter Kord ficou furioso quando soube disso e vai me ajudar a preparar a reinquirição.

Kipler duvida que Jiffy chegue a testemunhar. Discutimos detalhes dos documentos durante uma hora. Drummond garante ao juiz que eles nos entregaram tudo. Pareceria convincente a qualquer pessoa, mas acho que esta mentindo. Kipler também pensa assim.

— E quanto ao pedido de informação sobre o número total de apólices existentes durante os últimos dois anos, o total de pedidos feitos no mesmo período e o total dos casos negados?

Drummond respira fundo e parece perplexo.

— Estamos trabalhando nisso, meritíssimo, juro. A informação está espalhada por vários escritórios regionais em todo o país. Minha cliente tem trinta e um escritórios em diferentes estados, dezessete escritórios distritais, cinco regionais, é muito difícil...

— Sua cliente tem computadores? Frustração total.

— É claro. Mas não é apenas uma questão de apertar algumas teclas em algum lugar, e, Presto!, aqui está o impresso.

— O julgamento começa daqui a três semanas, Mr. Drummond. Quero essa informação.

— Estamos tentando, meritíssimo. Lembro a meus clientes isso todos os dias.

— Consiga a informação! — insiste Kipler, apontando o grande Leo F. Drummond. Morehouse, Hill, Plunk e Grone afundam alguns centímetros nas cadeiras, mas continuam a escrever.

Passamos para assuntos menos delicados. Concordamos em reservar duas semanas para o julgamento, embora Kipler me tenha dito confidencialmente que vai se esforçar para que “lure apenas cinco dias. A conferência dura duas horas.

— Agora, senhores, o que me dizem das negociações para acordo?

É claro que contei a ele que a última oferta foi de cento • setenta e cinco mil dólares. Ele sabe também que Dot Black nilo está interessada em nenhum acordo. Ela não quer um centavo. Quer sangue.

— Qual é a sua melhor oferta, Mr. Drummond?

Os cinco trocam olhares de satisfação, como se algo dramático estivesse para acontecer.

— Bem, meritíssimo, a partir desta manhã estou autorizado por meus clientes a oferecer duzentos mil dólares para um acordo — diz Drummond, num pálido esforço teatral.

— Mr. Baylor.

— Sinto muito. Minha cliente me deu instruções para não aceitar nenhum acordo.

— Por nenhuma quantia?

— Exatamente. Ela quer um júri e quer que o mundo saiba o que aconteceu com seu filho.

Choque e espanto no outro lado da mesa. Nunca vi tantas cabeças balançando juntas. O próprio juiz consegue parecer atônito.

Quase não falei com Dot depois do enterro. Nas poucas vezes em que tentei uma conversa breve, não tive êxito. Ela está sofrendo, está zangada, e isso é perfeitamente compreensível. Ela culpa a Great Benefit, o sistema, os médicos, os advogados, às vezes até a mim pela morte de Donny Ray. E eu compreendo isso também. Ela não quer o dinheiro e não precisa dele. Quer justiça. Como Dot disse na varanda na última vez em que passei por sua casa: “Quero aqueles filhos da mãe quebrados.”

— Isso é absurdo — exclama Drummond, dramático.

— Vai haver um julgamento, Leo — digo. — Prepare-se para ele.

A secretária passa a Kipler uma pasta, e ele estende a mim e a Drummond duas listas.

— Muito bem, esses são os nomes e os endereços dos jurados em potencial. Se não me engano, são noventa e dois, mas sei que alguns se mudaram ou coisa parecida.

Apanho a lista e começo a ler os nomes. Há um milhão de pessoas neste país. Será que penso mesmo que conheço alguns desses nomes? Nada além de estranhos.

— Vamos escolher o júri uma semana antes do julgamento; portanto, estejam preparados para começar em primeiro de fevereiro. Podem investigar o passado deles, mas é claro que qualquer contato direto é ofensa grave.

— Onde estão as fichas de questionário? — pergunta Drummond.

Cada jurado em perspectiva preenche um questionário com dados básicos, como idade, raça, sexo, local de trabalho, tipo de

trabalho e nível de instrução. Geralmente essa é toda a informação que um advogado tem sobre um jurado, no começo da seleção.

— Estamos trabalhando nelas. Serão enviadas pelo correio amanhã. Mais alguma coisa?

— Não, senhor — digo. Drummond balança a cabeça.

— Quero aquela informação sobre as apólices e os pedidos de pagamento, sem demora, Mr. Drummond.

— Estamos tentando, meritíssimo.



Almoço sozinho no restaurante da cooperativa, perto do nosso escritório. Feijão preto, risoto e chá de ervas. Sinto-me mais saudável cada vez que venho aqui. Como devagar, mexendo os feijões e olhando para os noventa e dois nomes da lista de jurados. Drummond, com seus recursos ilimitados, vai usar uma equipe de investigadores para localizar essas pessoas e saber tudo sobre suas vidas. Eles fazem coisas como fotografar secretamente suas casas e seus automóveis, descobrir se já estiveram envolvidos em algum processo judicial, conseguem os relatórios dos seus créditos e a história dos seus empregos, procuram sujeira em possíveis divórcios, falências, ou se foram acusados de algum crime. Investigam registros públicos e ficam sabendo quanto pagaram por suas casas. A única coisa proibida é contato pessoal, direto ou através de intermediários.

Quando nos reunirmos no tribunal para selecionar os doze escolhidos, Drummond *et al* terão um arquivo completo sobre cada uma dessas pessoas. As informações não serão apenas avaliadas por ele e por seus assistentes, mas também analisadas por uma equipe de consultores profissionais. Na história da jurisprudência americana, os consultores de júri são animais relativamente recentes. Geralmente são advogados com certo nível de conhecimento do estudo da natureza humana. Muitos são também psiquiatras ou psicólogos. Percorrem o país vendendo sua especialidade, extremamente dispendiosa, para os advogados que possam pagar.

Na faculdade de direito, ouvi uma história sobre um consultor de júri contratado por Jonathan Lake por oitenta mil dólares. O júri deu um veredicto de vários milhões; portanto, essa despesa nada significou.

Os consultores de júri de Drummond estarão no tribunal por ocasião da escolha dos jurados. Anônima e discretamente, estudarão essas pessoas sem que elas percebam. Estudam rostos e linguagem corporal, roupas, maneiras e Deus sabe que mais.

Quanto a mim, tenho Deck, que é, ele próprio, um estudo da natureza humana. Daremos uma cópia da lista para Butch, outra para Booker e para qualquer pessoa que possa reconhecer um ou dois nomes. Daremos alguns telefonemas, talvez verifiquemos alguns endereços, mas nosso trabalho é muito mais difícil. De um modo geral, temos de nos contentar com a tarefa de tentar selecionar pessoas com base na sua aparência no tribunal.

Agora vou ao shopping pelo menos três vezes por semana, geralmente na hora do jantar. Tenho até uma mesa perto da grade que dá para o rинque de patinação, onde como galinha *chow mein*, do Wong's, e vejo as crianças patinando lá embaixo. Da mesa posso também observar o trânsito de pedestres; assim não corro perigo de ser pego de surpresa. Eu a vi passar só uma vez, sozinha, e não parecia estar indo a nenhum lugar. Desejei desesperadamente caminhar ao lado dela, segurar sua mão e levá-la a uma boutique elegante onde pudéssemos nos esconder entre as prateleiras e falar sobre várias coisas.

Este é o maior shopping num raio de muitos quilômetros e geralmente está repleto. Vejo as pessoas que passam por mim e imagino que algumas delas estão na minha lista de jurados. Como encontrar noventa e duas pessoas em um milhão?

É impossível. Faço o melhor com o que tenho à mão. Deck e eu fizemos fichas baseadas nos questionários respondidos, e as trago comigo o tempo todo.

Estou aqui sentado esta noite, observando rapidamente as pessoas que passam e examinando as fichas da minha coleção. R. C. Bailey é o nome em maiúsculas. Quarenta e sete anos, branco, encanador, primeiro grau, mora num subúrbio no sudeste de Memphis. Viro a ficha para testar minha memória. Está ótima. Já fiz isso tantas vezes, que estou farto dessa gente. Seus nomes estão pregados numa parede do meu escritório e passo pelo menos um hora por dia estudando o que já memorizei. O seguinte. Lionel Barton, vinte e quatro anos, negro, estudante do segundo grau e vendedor de peças de automóveis, mora num apartamento no sul de Memphis.

Meu jurado ideal é jovem e negro, com instrução mínima de primeiro grau. Diz a tradição que os negros são melhores jurados para os queixosos. Eles sentem as dores dos oprimidos e não confiam nas grandes companhias da América. Quem sou eu para culpá-los?

Tenho opiniões conflitantes a respeito da maior conveniência de homens ou mulheres. Segundo o bom senso tradicional, as mulheres são mais comedidas com dinheiro porque sentem as dificuldades das finanças da família. Mais dificilmente dariam um veredicto milionário porque nenhuma parte desse dinheiro vai para as suas contas bancárias. Mas Max Leuberg é a favor das mulheres no júri neste caso porque são mães. Podem sentir a dor de perder um filho.

Elas se identificarão com Dot e, se eu fizer bem o meu trabalho e conseguir inflamar seus sentimentos, vão querer fechar as portas da Great Benefit. Acho que está certo.

Assim, se dependesse só de mim, o júri teria doze mulheres negras, de preferência com filhos.

Deck, é claro, tem outra teoria. Ele tem medo dos negros porque a questão racial em Memphis é muito polarizada. Queixosa branca, acusados brancos, todo o mundo branco, exceto o juiz. Por que os negros vão se importar?

Este é um exemplo perfeito da falácia de estereotipar os júris por raça, classe, idade, instrução. A verdade é que ninguém pode prever o que qualquer um vai fazer no júri. Li todos os livros da biblioteca de direito sobre seleção de júri, e minha incerteza é tão grande agora quanto antes.

Neste caso, somente um tipo de jurado deve ser evitado, o homem branco, executivo de uma grande companhia. Esses caras são letais em casos de veredictos punitivos. Tendem a liderar as deliberações dos jurados. São instruídos, enérgicos, organizados, e não gostam muito de advogados. Felizmente, estão também quase sempre ocupados demais para ser jurados. Isolei apenas seis na minha lista, e tenho certeza de que cada um deles terá uma dezena de motivos para ser dispensado. Kipler, em outras circunstâncias, talvez os fizesse passar maus momentos, mas desconfio que também ele não os quer no júri. Eu apostaria minha grande fortuna como o meritíssimo quer rostos negros no banco dos jurados.



Tenho certeza de que, se eu continuar nesta profissão, com o tempo vou descobrir um truque mais sujo, mas neste momento é difícil imaginar um pior. Venho pensando nisso há uma semana e finalmente alguns dias atrás o mencionei a Deck. Ele ficou louco.

Se Drummond e seus asseclas querem escutar as conversas no meu telefone, então daremos o que eles querem. Esperamos até o fim da tarde. Estou no escritório. Deck está na esquina num telefone público. Ele liga para mim. Ensaíamos várias vezes, cada um tem seu *script*.

— Rudy, Deck. Finalmente encontrei Dean Goodlow. Goodlow é branco, trinta e nove anos, segundo grau, tem a franquia de uma loja de limpeza de tapetes. Ele é um zero na nossa escala,

definitivamente um jurado que não queremos. Drummond adoraria vê-lo no júri.

— Onde? — pergunto.

— No escritório dele. Esteve uma semana fora da cidade. Um cara muito legal. Estávamos completamente enganados a respeito dele. Ele não gosta nem um pouco de companhias de seguros, diz que está sempre discutindo com a sua, acha que precisam ser severamente regulamentadas. Expliquei a ele os fatos do nosso caso, e o homem virou fera. Vai ser um grande jurado. — Deck não está falando com muita naturalidade, mas, para quem não sabe de nada, parece autêntico. Provavelmente está lendo.

— Que surpresa — digo, com voz firme e decidida. Quero que Drummond pegue cada sílaba.

A ideia de advogados falando com jurados em potencial antes da seleção é incrível, quase espantosa. Deck e eu pensamos na possibilidade de Drummond descobrir que é uma farsa por ser tão absurda. Mas quem ia pensar que um advogado está escutando as conversas do seu oponente por meio de um aparelho ilegal de escuta? Além disso, achamos que Drummond vai cair na rede, porque sou um novato ignorante e Deck é, bem, Deck não passa de um humilde paradvogado. Não sabemos das coisas.

— Alguma dificuldade para ele falar?

— Um pouco. Eu disse a ele o que disse aos outros. Sou apenas um investigador, não um advogado. E se eles não contarem a ninguém que conversamos, então ninguém ficará encrencado.

— Ótimo. E você acha que Goodlow está conosco?

— Sem dúvida. Nós o pegamos.

Mexo em alguns papéis perto do telefone.

— Quem ainda falta da sua lista? — pergunto, em voz muito alta.

— Deixe-me ver. — Ouço Deck folheando a lista. Somos uma bela equipe. — Falei com Dermont King, Jan DeCell, Lawrence Perotti, Hilda Hinds e RaTilda Browning.

Com exceção de RaTilda Browning, são todos brancos que não queremos no nosso júri. Se conseguirmos poluir seus nomes suficientemente, Drummond vai fazer o possível para excluí-los.

— O que me diz de Dermont King? — pergunto.

— Sólido. Uma vez teve de expulsar um investigador de seguros da sua casa. Dou a ele um nove.

— E Perotti?

— Grande cara. Nem pode acreditar que uma companhia de seguros fosse capaz de matar alguém. Está conosco.

— Jan DeCell?

Mais barulho de papel.

— Deixe-me ver. Uma senhora muito amável que não estava muito disposta a falar. Acho que temia que não fosse direito, ou coisa assim. Falamos sobre companhias de seguros em geral, e eu disse que a Great Benefit vale quatrocentos milhões. Acho que fica conosco. Dou a ela um cinco.

É difícil ficar sério. Aperto o fone com força.

— RaTilda Browning?

— Garota negra radical, não quer saber de brancos. Ela me mandou sair do seu escritório, trabalha num banco negro. Não nos daria um centavo.

Uma longa pausa. Deck agita os papéis.

— E você? — pergunta ele.

— Encontrei Esther Samuelson em casa mais ou menos há uma hora. Uma senhora muito agradável, de sessenta e poucos anos. Falamos bastante sobre Dot e de como deve ser horrível perder um filho. Está conosco.

O marido de Esther Samuelson, já falecido, trabalhou durante muitos anos na Câmara de Comércio. Foi Marvin Shankle quem me contou. Não posso imaginar que tipo de caso eu gostaria de defender tendo Esther no júri. Ela fará tudo o que Drummond quiser.

— Depois encontrei Nathan Butts no escritório. Ficou um pouco surpreso quando soube que eu era um dos advogados envolvidos no caso, mas depois conversou. Ele detesta companhias de seguro.

Se o coração de Drummond está ainda batendo, deve ser com uma batida muito fraca. A ideia de que eu, o advogado, e não meu investigador, esteja fazendo trabalho de rua e discutindo os fatos do caso com jurados em potencial dá para explodir uma artéria. Porém a esta altura ele já deve ter compreendido que não pode fazer nada. Qualquer reação da sua parte vai revelar o fato de que ele pode ouvir minhas conversas ao telefone. Drummond teria sua licença cassada imediatamente. Talvez também fosse indiciado.

Seu único recurso é ficar quieto e tentar evitar essas pessoas de que estamos falando.

— Tenho mais uns poucos — digo. — Vamos continuar até as dez mais ou menos, e depois nos encontramos aqui.

— Tudo bem — diz Deck, cansado, representando muito melhor agora.

Desligamos, e quinze minutos depois o telefone toca. Uma voz vagamente familiar diz:

— Rudy Baylor, por favor.

— Está falando.

— Aqui é Billy Porter. Você esteve na minha loja hoje. Billy Porter é branco, usa gravata e é gerente de um Western Auto. Tem

uma nota baixa na nossa escala de dez. Não o queremos.

— Sim, senhor Porter, obrigado por telefonar.

Na verdade, é Butch, que concordou em colaborar com uma cena rápida. Ele está com Deck, provavelmente apertados na cabine do telefone, para se livrar do frio. Butch, sempre o profissional perfeito, foi à Western Auto e falou com Porter sobre um conjunto de pneus. Está tentando imitar a voz dele do melhor modo possível. Os dois nunca mais vão se encontrar.

— O que o senhor quer? — pergunta Billy/Butch. Mandamos Butch parecer agressivo, mudando de atitude de repente.

— Sim, bem, é sobre o julgamento, o senhor sabe, aquele para o qual o senhor foi chamado para servir de jurado. Eu sou um dos advogados.

— Isso é legal?

— É claro que é legal, mas não conte a ninguém. Escute, eu represento a senhora cujo filho foi morto por uma companhia chamada Seguros de Vida Great Benefit.

— Foi morto?

— Isso mesmo. O garoto precisava de uma operação, mas a companhia desonestamente negou o tratamento. Morreu de leucemia há três meses. Por isso entramos com o processo. Precisamos muito da sua ajuda, senhor Porter.

— Isso é terrível.

— O pior caso que já vi, e olhe que já defendi muitos deles. E eles são culpados como o diabo, senhor Porter, desculpe minha linguagem. Já ofereceram duzentos mil dólares para fazer um acordo, mas estamos pedindo muito mais. Vamos pedir indenização punitiva e precisamos de sua ajuda.

— Eu vou ser escolhido? Na verdade, não posso faltar ao trabalho.

— Vamos escolher doze entre cerca de setenta, é só o que posso dizer. Por favor, tente nos ajudar.

— Tudo bem. Farei o que puder. Mas não quero ser jurado, compreende?

— Sim, senhor. Obrigado.



Deck volta para o escritório, e comemos um sanduíche. Ele sai mais duas vezes, no começo da noite, e telefona para mim. Citamos

mais nomes, pessoas com quem supostamente conversamos, todos agora ansiosos para punir a Great Benefit por seus atos criminosos. Damos a impressão de que estamos os dois na rua, batendo às portas, fazendo nossos apelos, violando um número de cânones de ética suficiente para me fazer perder a licença para sempre. E toda essa coisa horrível e desonesta está acontecendo na véspera de os jurados serem examinados!

Conseguimos lançar dúvidas graves sobre um terço das sessenta e poucas pessoas que vão formar o grupo seguinte de cortes e que estarão acessíveis ao interrogatório. E selecionamos cuidadosamente aquelas que mais tememos.

Aposto que Drummond não vai fechar os olhos esta noite.

A primeira impressão é sempre crucial. Os jurados chegam entre oito e meia e nove horas. Passam nervosos pelas grandes portas duplas, seguem pela passagem central, olhando quase boquiabertos para a sala. Para muitos deles, é a primeira vez que entram num tribunal. Dot e eu estamos sentados na ponta da minha mesa, de frente para as filas de bancos acolchoados onde os jurados vão aos poucos se instalando. A cadeira do juiz está atrás de nós. Sobre a nossa mesa, apenas um bloco de notas. Deck está numa cadeira ao lado do banco dos jurados, longe de nós. Dot e eu falamos em voz baixa, e eu tento sorrir. Meu estômago está cheio de borboletas frenéticas.

Contrastando acentuadamente com a minha, a outra mesa está cercada por cinco homens muito sérios, de ternos escuros, e coberta por pilhas de papéis que eles estudam atentamente.

Meu tema de Davi contra Golias é evidente e começa agora. A primeira coisa que os jurados notam é que estou em minoria de homens, de armas, e obviamente sem meios financeiros. Minha pobre cliente é pequena, frágil e fraca. Não somos páreo para aquela gente rica no outro lado da sala.

Agora que completamos a coleta de provas, compreendi que são completamente desnecessários cinco advogados para defender este caso. Cinco advogados muito bons. Não sei como Drummond não percebe o quanto parecem ameaçadores para os jurados. Seus clientes devem ter alguma culpa. Do contrário, para que iam usar cinco advogados contra um?

Esta manhã se recusaram a falar comigo. Mantivemos distância, mas os olhares de desdém e os rostos severos diziam que estão escandalizados por eu ter feito contato direto com os jurados. Estão chocados e ofendidos, e não sabem o que vão fazer a respeito. Com exceção de roubar o dinheiro do cliente, entrar em contato com os jurados em potencial é o pecado mais grave que um advogado pode cometer. Está no mesmo nível que aparelhos ilegais de escuta no telefone do oponente. Parecem uns idiotas tentando parecer indignados.

O meirinho reúne os jurados e os faz sentar sem nenhuma ordem determinada, na nossa frente. Da lista de noventa e dois, apenas sessenta e um compareceram. Alguns não foram encontrados. Dois estão mortos. Um bom número alegou doença. Três alegaram a idade como desculpa. Kipler dispensou mais alguns por várias razões de ordem pessoal. À medida que o meirinho vai chamando

os nomes, tomo notas. Tenho a impressão de conhecer aquelas pessoas há meses. O número seis é Billy Porter, o gerente da Western Auto que supostamente telefonou para mim ontem à noite. Será interessante assistir ao que Drummond vai fazer com ele.

Jack Underhall e Kermit Aldy representam a Great Benefit. Estão sentados atrás de Drummond e seu time. Isso perfaz um total de sete ternos, sete rostos sérios e ameaçadores olhando para o grupo de jurados. Animem-se, caras! Eu estou mantendo minha expressão agradável.

Kipler entra e todos se levantam. A sessão está aberta. Ele dá as boas-vindas ao grupo de jurados e faz um breve discurso sobre servir no júri e sobre cidadania responsável. Algumas mãos se levantam quando ele pergunta se alguém tem motivos válidos para dispensa. Ele manda que se aproximem da sua mesa, um de cada vez, e eles apresentam seus casos em voz baixa. Quatro dos cinco executivos que estão na lista negra murmuram para o juiz. Como era de se esperar, ele os dispensa.

Isso toma tempo, mas nos dá oportunidade para estudar os possíveis jurados. Tomando por base o modo como estão sentados, provavelmente hoje não passaremos da terceira fila.

Isso totalizaria trinta e seis. Só precisamos de doze, mais dois substitutos.

Nos bancos diretamente atrás da mesa da defesa noto dois estranhos bem-vestidos. Consultores de júri, suponho. Observam cada movimento de cada pessoa do grupo. Tento imaginar o efeito da nossa pequena farsa nos perfis psicológicos que eles desenharam. Ah, ah, ah. Aposto que nunca tiveram de contar com este fator: dois birutas falando com os jurados em potencial.

O meritíssimo dispensa mais sete, e agora temos cinquenta. Ele faz então um breve sumário do caso e apresenta as partes e seus advogados. Buddy não está presente. Buddy está no Fairlane. .

Kipler começa então o interrogatório. Diz aos jurados que levanten a mão quando tiverem de responder. Algum dos senhores conhece uma das partes, algum dos advogados, alguma das testemunhas? Algum dos senhores comprou apólices da Great Benefit? Algum dos senhores já esteve envolvido em processo judicial? Algum dos senhores já processou uma companhia de seguros?

As respostas são poucas. Levantam as mãos, depois ficam de pé e falam com o meritíssimo. Estão nervosos, mas depois das primeiras respostas o gelo é quebrado. Alguém faz um comentário bem-humorado, e todos relaxam um pouco. Em certos momentos e por breves intervalos, digo a mim mesmo que este é o meu lugar. Que posso fazer isso. Sou advogado. É claro que ainda não abri a boca.

Kipler me deu uma lista das suas perguntas, e ele vai perguntar tudo o que quero saber. Deu a mesma lista a Drummond. .

Tomo notas, observo as pessoas, ouço atentamente tudo o que é dito na sala. Deck faz o mesmo. Sei que é cruel, mas sinto quase satisfação por não saberem que ele está comigo.

O interrogatório se arrasta. Kipler é atento e minucioso. No fim de duas horas, termina. Sinto outra vez o nó no estômago. Chegou a hora de Rudy Baylor dizer suas primeiras palavras num julgamento. Vai ser uma aparição muito breve.

Fico em pé, caminho até a grade baixa e com um sorriso cheio de calor digo as palavras que ensaiei mais de mil vezes.

— Bom dia. Meu nome é Rudy Baylor e represento os Black. — Por enquanto tudo bem. Depois de martelados com as perguntas do juiz, ele querem algo diferente. Olho para eles com sincera simpatia. — Muito bem, o juiz Kipler fez uma porção de perguntas, todas muito importantes. Perguntou tudo o que eu queria perguntar; portanto, não vou perder tempo. Na verdade, tenho uma só pergunta. Algum dos senhores pode pensar em algum motivo que o impeça de servir como jurado neste caso?

Nenhuma resposta é esperada, nenhuma é dada. Estão olhando para mim há mais de duas horas, e só quero dizer olá, sorrir mais uma vez e ser muito breve. Poucas coisas na vida são piores do que um advogado tagarela. Além disso, tenho o palpite de que Drummond vai entrar de sola com eles.

— Muito obrigado — digo, com um sorriso, viro-me devagar para o juiz e termino. — Meritíssimo, os jurados parecem muito bons para mim. — Volto para minha cadeira e bato amistosamente no ombro de Dot antes de sentar.

Drummond já está em pé. Ele tenta parecer calmo e afável, mas está ardendo de fúria. Apresenta-se e começa falando sobre seus clientes e sobre o fato de Great Benefit ser uma companhia muito grande e muito rica. Não deve ser punida por isso, compreendem? Será que esses fatos podem influenciar algum dos senhores? Na verdade, ele está defendendo o caso, o que não é direito. Mas se mantém muito perto do limite, para não ser advertido. Não sei se devo protestar. Prometi a mim mesmo que só irei protestar quando tiver absoluta certeza. Esta linha de interrogatório é muito eficaz. Sua voz suave inspira confiança. O cabelo grisalho é um símbolo de sabedoria e experiência.

Ele cobre mais algumas áreas sem nenhuma resposta. Drummond está plantando as sementes. Então, liga o ventilador.

— Muito bem, o que vou perguntar agora é a pergunta mais importante do dia — diz, muito sério. — Por favor, ouçam com atenção. Isto é crucial. — Faz uma pausa longa e dramática. Respira

fundo. — Algum dos senhores foi procurado por alguém a respeito deste caso?

A sala está completamente silenciosa, e as palavras dele pairam no ar, depois descem e ficam imóveis. É mais uma acusação do que uma pergunta. Olho para a mesa deles. Hill e Plunk olham carrancudos para mim. Morehouse e Grone observam os jurados.

Drummond fica imóvel por alguns segundos, pronto para saltar sobre a primeira pessoa com coragem suficiente para levantar a mão e dizer: “Sim, o advogado da queixosa esteve na minha casa ontem à noite!” Drummond sabe que vai acontecer, ele simplesmente tem certeza. Vai revelar a verdade e denunciar a mim e ao meu sócio corrupto, entrar com uma moção para que eu seja advertido, punido e finalmente tenha minha licença cassada. O caso será adiado por anos. Está perto!

Mas seus ombros se curvam lentamente. Solta silenciosamente o ar dos pulmões. Bando de cretinos mentirosos!

— Isto é muito importante — diz ele. — Nós precisamos saber. — Seu tom é de desconfiança.

Nada. Nenhum movimento. Mas eles o observam intensamente, e ele os está deixando constrangidos. Continue, grande homem.

— Vou perguntar de outro modo — diz, friamente. — Algum dos senhores conversou ontem com Mr. Baylor aqui, ou com Mr. Deck Shifflet, que está naquela cadeira?

Eu me levanto furioso.

— Protesto, meritíssimo. Isto é absurdo!

Kipler está para saltar sobre a mesa.

— Concedido! Mr. Drummond, o que está fazendo? — grita Kipler diretamente no microfone, e as paredes tremem.

Drummond está de frente para o juiz.

— Meritíssimo, temos razões para acreditar que alguém teve contato direto com esse grupo de jurados.

— É, e ele está me acusando — digo, furioso.

— Eu não compreendo o que o senhor está fazendo, Mr. Drummond — diz Kipler.

— Talvez seja melhor discutirmos na sua sala — diz Drummond, olhando para mim como se fosse me matar.

— Um breve receso — diz Kipler para o meirinho.



Drummond e eu sentamos diante da mesa do meritíssimo. Os outros quatro da Trent Brent ficam de pé atrás de nós. Kipler está extremamente perturbado.

— Acho melhor que tenha boas razões — diz ele a Drummond.

— Este grupo de jurados foi subornado — diz Drummond.

— Como sabe disso?

— Não posso dizer. Mas sei com certeza.

— Não brinque comigo, Leo. Eu quero provas.

— Não posso dizer, meritíssimo, sem divulgar informação confidencial.

— Bobagem! Diga a mim.

— É verdade, meritíssimo.

— E você está me acusando? — pergunto.

— Estou.

— Você está louco.

— Você está agindo de modo muito estranho, Leo — diz o meritíssimo.

— Acho que posso provar — diz ele, com ar malicioso.

— Como?

— Deixe-me terminar o interrogatório dos jurados. A verdade vai aparecer.

— Eles nem se mexeram.

— Mas ainda não comecei.

Kipler pensa por um momento. Quando terminar o julgamento, vou contar a ele.

— Eu gostaria de falar com alguns jurados pessoalmente — diz Drummond.

Isso não é comum, mas depende da decisão do juiz.

— O que você acha, Rudy?

— Nenhuma objeção. — Pessoalmente, mal posso esperar para ver Drummond interrogar aqueles que nós supostamente subornamos. — Não tenho nada para esconder. — Um ou dois dos montes de fezes atrás de mim tosse secamente.

— Muito bem. É o seu túmulo que você está cavando, Leo. Trate de não sair da linha.



— O que vocês estavam fazendo lá dentro? — pergunta Dot, quando volto para a mesa.

— Coisas de advogados — respondo, em voz baixa. Drummond está perto da grade. Os jurados olham desconfiados para ele.

— Muito bem, como eu estava dizendo, é muito importante que nos digam se alguém os procurou para falar deste caso. Por favor, levantem a mão se isso aconteceu. — Ele fala como um professor de escola primária.

Ninguém levanta a mão.

— E um assunto muito sério um jurado ser abordado direta ou indiretamente por qualquer das partes envolvidas num julgamento. Na verdade, pode haver graves consequências tanto para a pessoa que procurou o contato como para a pessoa contatada se ela não informar o tribunal. — E uma ameaça mortal.

Nenhum braço se ergue. Ninguém se move. Nada, além de um grupo de pessoas que começam a ficar zangadas.

Drummond muda o peso do corpo de um pé para o outro, passa a mão no queixo e mergulha direto sobre Billy Porter.

— Mr. Porter — diz, com voz grave, e Billy, como que atingido por uma bala, levanta-se de um salto e balança a cabeça afirmativamente, com o rosto muito vermelho.

— Mr. Porter, vou fazer uma pergunta direta e gostaria de uma resposta honesta.

— O senhor faz uma pergunta honesta, eu dou uma resposta honesta — diz Porter, zangado. Aí está um cara de pavio curto. Francamente, eu não o provocaria.

Drummond para por um segundo e depois avança.

— Sim, muito bem, Mr. Porter, ontem à noite o senhor teve ou não teve uma conversa por telefone com Mr. Rudy Baylor?

Levanto, abro os braços, olho para Drummond com o ar mais inocente do mundo, como se ele tivesse ficado louco, mas não digo nada.

— Diabos! Não — diz Porter, cada vez mais vermelho. Drummond inclina-se para a frente, segurando com força a baixa grade de mogno. Olha ameaçadoramente para Billy Porter, que está na primeira fila, a menos de um metro e meio dele.

— Tem certeza, Mr. Porter? — pergunta Drummond.

— Que diabo! É claro que tenho!

— Acho que falou com ele — diz Drummond, completamente descontrolado, agora.

Antes que eu tenha tempo de protestar e antes de Kipler o chamar à ordem, Mr. Billy Porter salta para cima do grande Leo F. Drummond.

— Não me chame de mentiroso, seu filho da puta! — grita Porter, agarrando o pescoço de Drummond. Drummond cai sobre a grade, agitando no ar os mocassins de borlas. Mulheres gritam.

Jurados saltam dos bancos. Porter está em cima de Drummond, que gira os braços, luta e dá pontapés, tentando acertar um ou dois murros.

T. Pierce Morehouse e M. Alec Plunk Junior são os primeiros a chegar ao local da luta. Os outros vão atrás. O meirinho já está em cena. Dois jurados tentam apartar os lutadores.

Fico sentado, divertindo-me a valer. Kipler chega aos dois no momento em que Porter sai de cima de Drummond, levanta-se e os combatentes são separados.

Um mocassim com borlas é encontrado debaixo da segunda fila de bancos e devolvido a Leo, que está limpando a poeira da roupa e fuzilando Porter com o olhar. Seguro pelos apartadores, Porter logo se acalma.

Os consultores de júri estão chocados. Seus computadores perderam qualquer valor. Suas teorias sofisticadas não significam mais nada. A essa altura, eles não têm nenhuma utilidade.



Depois de um breve recesso, Drummond apresenta uma moção formal para que todos os jurados sejam dispensados.

Kipler nega.

Mr. Billy Porter é dispensado e sai furioso. Acho que ele queria bater mais em Drummond. Espero que fique lá fora de tocaia para acabar com ele.



Passamos toda a primeira metade da tarde no tribunal, no processo tedioso de seleção do júri. Drummond e seu bando evitam com firmeza que sejam escolhidos todos os que Deck e eu citamos ontem ao telefone. Estão convencidos de que de algum modo os convencemos a ficar calados. A defesa está tão revoltada, que nem olha para mim.

O resultado é o júri dos meus sonhos. Seis mulheres negras, todas mães. Dois homens negros, dois dos quais operários

sindicalizados. O outro mora a quatro quadras da casa dos Black. Uma mulher branca, mulher de um proeminente agente de imóveis. Não consegui evitar que ela fosse escolhida e não estou preocupado. Basta que nove jurados concordem para que o veredicto seja válido.

Às quatro, Kipler os faz sentar nos bancos dos jurados e fazer o juramento. Ele explica que o julgamento começará dentro de uma semana. Não devem comentar o caso com ninguém. Então, Kipler faz uma coisa que a princípio me deixa apavorado, mas que, pensando melhor, é uma ótima ideia. Ele pergunta aos dois advogados, Drummond e eu, se querem dirigir algumas palavras ao júri, fora dos autos e informalmente. Só dizer alguma coisa sobre o caso. Nada complicado.

É claro que eu não esperava isso, especialmente porque é um fato sem precedentes. Mas esqueço o medo e fico de pé na frente dos jurados. Falo um pouco sobre Donny Ray, sobre a apólice e por que eu acho que a Great Benefit agiu mal. Termina em cinco minutos.

Drummond caminha para o banco dos jurados, e até um cego poderia ver a desconfiança de todos. Pede desculpas pelo incidente, mas estupidamente atribui toda culpa a Porter.

Um ego e tanto! Ele dá sua versão dos fatos, diz que sente muito a morte de Donny Ray, mas que é absurdo sugerir que seus clientes sejam responsáveis por ela.

Observo sua equipe e os homens da Great Benefit. Estão apavorados. Têm nas mãos um pobre conjunto de fatos. Têm um júri decididamente a favor da queixosa. O juiz é seu inimigo. E sua estrela, além de ter perdido toda a credibilidade junto ao júri, também levou uma sova.

Kipler encerra a sessão, e o júri volta para casa.

Seis dias depois da seção do júri e quatro dias antes do julgamento, Deck atende um telefonema, rio escritório, de um advogado de Cleveland que quer falar comigo. Fico imediatamente de sobreaviso porque não conheço nenhum advogado de Cleveland e procuro conversar o tempo suficiente para saber seu nome. Isso leva cerca de dez segundos, e então eu o interrompo delicadamente no meio de uma frase e faço de conta que a ligação caiu. Ultimamente isso tem acontecido com frequência, digo para Deck, em voz bastante alta para ser gravada no receptor. Deixamos fora do gancho os três telefones, e corro para onde meu Volvo está estacionado. Butch verificou o telefone do meu carro e ao que parece não está grampeado. Peço informações e ligo para o advogado de Cleveland.

Descubro então que é um assunto muito importante.

O nome dele é Peter Corsa. Sua especialidade é direito trabalhista e todo tipo de casos de discriminação no trabalho, e ele representa uma jovem senhora chamada Jackie Lemancyzk. Ela o procurou quando foi despedida da Great Benefit sem nenhum motivo aparente, e, juntos, estão pleiteando indenização por um grande número de injustiças. Ao contrário do que me disseram, a senhora Lemancyzk não saiu de Cleveland. Está em outro apartamento, com um telefone que não consta da lista.

Explico a Corsa que demos uma dezena de telefonemas para a área de Cleveland, mas não encontramos nem sinal de Jackie Lemancyzk. Um dos homens da companhia, Richard Pellrod, disse-me que ela havia voltado para sua cidade, no sul de Indiana.

Não é verdade, diz Corsa. Ela não saiu de Cleveland, apenas se escondeu.

Ouçõ então uma história muito interessante, e Corsa não omite nenhum detalhe.

Sua cliente teve relações sexuais com vários dos seus chefes da Great Benefit. Corsa garante que ela é muito atraente. Suas promoções e aumentos de salário eram determinados por sua disposição de ir para a cama. Em dado momento, ela chegou a chefe da seção de estudo dos pedidos de pagamento, a única mulher a ocupar esse cargo, mas foi rebaixada quando terminou seu caso com o diretor de pedidos, Everett Lufkin, um fuinha com predileção por sexo anormal.

Concordo que ele não passa de um fuinha. Ouvi seu depoimento durante quatro horas e na próxima semana vou massacrá-lo no

banco das testemunhas.

Eles vão processar a companhia por assédio sexual e outras práticas ilegais, mas ela também sabe muita coisa sobre a roupa suja da Great Benefit no departamento de pedidos de pagamento. Estava dormindo com o diretor de pedidos! Ele tem certeza de que vão aparecer muitos processos.

Finalmente, faço a pergunta milionária:

— Ela está disposta a testemunhar?

Ele não sabe. Talvez. Mas está assustada. Aquela gente é perigosa e tem muito dinheiro. Ela está fazendo terapia agora, está muito fragilizada.

Corsa concorda em me deixar falar com ela ao telefone, e combinamos uma hora, tarde da noite, no telefone do meu apartamento. Explico que não é uma boa ideia ligar para o meu escritório.



Não consigo pensar em outra coisa que não seja o julgamento. Quando Deck não está no escritório, ando de um lado para o outro, falando sozinho, dizendo para o júri o quanto a Great Benefit é medonha, interrogando seus funcionários, interrogando delicadamente Dot, Ron e o Dr. Kord, apresentando e encerrando meu caso perante o júri com uma exposição magistral. Ainda acho difícil pedir aos jurados uma indenização punitiva de dez milhões com toda a naturalidade. Se eu tivesse cinquenta anos, fosse um veterano de centenas de casos e soubesse que diabos estou fazendo, talvez tivesse o direito de pedir a qualquer júri uma indenização de dez milhões. Mas para um novato formado há nove meses isso parece ridículo.

Mas assim mesmo peço. Peço no meu escritório, no meu carro e especialmente no meu apartamento, geralmente às duas da manhã quando não consigo dormir. Falei com aquelas pessoas, aqueles doze rostos aos quais posso juntar agora os nomes, aquela gente maravilhosamente justa que vai me ouvir, balançar a cabeça, concordando, e que mal pode esperar para se reunir e praticar a justiça devida.

Estou prestes a encontrar o filão de ouro, prestes a destruir a Great Benefit num tribunal aberto e luto a cada minuto para controlar esse pensamento. Que diabo! Não é fácil. Os fatos, o júri,

o juiz, os advogados apavorados na outra mesa. Tudo isso significa muito dinheiro. Alguma coisa tem de dar errado.



Falo com Jackie Lemancyzk durante uma hora. Às vezes, ela parece forte e decidida; outras, mal pode falar com coerência. Repete várias vezes que não queria dormir com aqueles homens, mas era o único modo de conseguir uma promoção. Jackie é divorciada e tem dois filhos.

Ela concorda em vir a Memphis. Eu me ofereço para pagar a passagem e as despesas e consigo dar a impressão de que minha firma tem muito dinheiro. Ela me faz prometer que seu testemunho tem de ser uma completa surpresa para a Great Benefit.

Jackie Lemancyzk morre de medo deles. Eu acho que surpresa será ótimo.



Passamos o fim de semana no escritório, indo aos nossos apartamentos para dormir poucas horas e voltando como ovelhas desgarradas para nos preparar para o julgamento.

Meu raros momentos de descanso podem ser atribuídos a Tyrone Kipler. Mentalmente lhe agradei cem vezes por ter escolhido o júri uma semana antes do julgamento e por ter permitido que eu dirigisse algumas palavras aos jurados com algumas observações de improviso. O júri era antes uma parte do desconhecido, um fator que me atemorizava. Agora sei seus nomes e conheço seus rostos e conversei com eles sem a ajuda de notas escritas. Gostaram de mim. E não gostaram do meu oponente.

Por maior que seja a minha inexperiência, acredito piamente que o juiz Kipler vai me salvar de mim mesmo.

Deck e eu nos despedimos no domingo à meia-noite. Quando saio do escritório, está nevando um pouco. Um pouco de neve em Memphis quase sempre significa que as escolas e os departamentos do governo vão ficar fechados durante uma semana. Esta cidade

jamais comprou um removedor de neve. Uma parte de mim quer uma tempestade de neve para que o julgamento seja adiado. Outra parte quer acabar logo com isso.

Quando chego ao meu apartamento, a neve para de cair. Tomo duas cervejas quentes e rezo para dormir bem essa noite.



— Algum assunto preliminar? — pergunta Kipler para o grupo tenso, no seu escritório. Estou sentado ao lado de Drummond, nós dois olhando para o juiz. Meus olhos estão vermelhos por causa de uma noite quase insone, estou com dor de cabeça, e meu cérebro pensa em vinte coisas ao mesmo tempo.

Surpreendo-me com a aparência de cansaço de Drummond. Para um homem que passa a vida em tribunais, ele está excepcionalmente abatido. Ótimo. Espero que também tenha trabalhado todo o fim de semana.

— Não me ocorre nenhum — digo. Não é surpresa para ninguém. Raramente acrescento alguma coisa a essas pequenas reuniões.

Drummond balança a cabeça.

— É possível estipular o preço de um transplante de medula? — pergunta Kipler. — Se for, podemos dispensar o testemunho de Gaskin. Parece que o preço é de cento e setenta e cinco mil dólares.

— Para mim está bem — digo.

Os advogados de defesa ganham mais se for estipulado um preço mais baixo, mas Drummond não tem nada a ganhar neste caso.

— Parece razoável — responde ele, com indiferença.

— Isso quer dizer sim? — pergunta Kipler secamente.

— Sim.

— Muito obrigado. E o que me dizem dos outros preços? Aparentemente estão numa média de vinte e cinco mil. Podemos concordar que a queixosa pretende uma indenização de duzentos mil? Podemos fazer isso? — Ele está olhando fixamente para Drummond.

— Para mim está bem — digo outra vez, e tenho certeza de que isso irrita Drummond.

— Sim — diz ele.

Kipler escreve no seu bloco de notas.

— Muito obrigado. Agora, mais alguma coisa antes de

começarmos? Que tal possibilidades de acordo?

— Meritíssimo — minha voz está firme. Isto foi muito bem-planejado —, em nome da minha cliente eu gostaria de oferecer um acordo por um milhão e duzentos.

Os advogados de defesa aprendem a demonstrar choque e descrença a qualquer proposta de acordo feita pelo advogado do queixoso, e minha proposta é recebida com o esperado balançar de cabeças e rosnados e até uma leve risada abafada atrás de mim, onde estão os asseclas.

— É o que você queria — diz Drummond, asperamente.

Acredito que Drummond esteja decaindo muito. Quando o caso começou, ele era um perfeito cavalheiro, um profissional educado, tanto no tribunal quanto fora dele. Agora está agindo como um estudante emburrado.

— Nenhuma contraproposta, Mr. Drummond? — pergunta Kipler.

— Nossa oferta permanece em duzentos mil.

— Muito bem. Vamos começar, então. Cada lado terá quinze minutos para sua exposição de abertura, mas é claro que não precisam usar esse tempo todo.

Minhas alegações iniciais foram cronometradas uma dezena de vezes em seis minutos e meio. O júri entra, o juiz dá boas-vindas a todos, algumas instruções, e volta-se para mim.

Se eu fizer isso com frequência, talvez algum dia desenvolva algum talento para o teatro. Isso vai ter de esperar. Neste momento, tudo o que quero é ir até o fim. Consulto uma ou duas vezes o bloco de notas que tenho na mão e exponho ao júri o meu caso. Estou de pé ao lado do estrado móvel no centro da sala, com a aparência do perfeito advogado no meu novo terno escuro. A atitude geral do júri é tão claramente a meu favor, que não quero tomar grande parte do seu tempo. Havia uma apólice, os prêmios foram pagos sem atraso, todas as semanas, o seguro cobria Donny Ray, ele ficou doente, e acabaram com ele. Donny Ray morreu por motivos óbvios. Os senhores, os jurados, vão conhecer Donny Ray, mas só através de um videotape. Ele está morto. O objetivo deste caso não é apenas receber da Great Benefit o que ela devia ter pago logo no começo, mas também puni-la pelo mal que causou. É uma companhia muito rica que ganha dinheiro recebendo prêmios de seguro e não pagando quando devia pagar. Após todas as testemunhas terem feito seus depoimentos, voltarei para pedir aos senhores, os jurados, que determinem o pagamento de uma grande soma em dinheiro, para punir a Great Benefit.

É muito importante plantar essa semente com antecedência. Quero que saibam que pretendemos receber muito dinheiro e que a

Great Benefit merece ser punida.

Meu argumento de abertura corre muito bem. Não gaguejo nem tremo, nem provooco protestos de Drummond. Minha previsão é que Leo Drummond irá manter o traseiro na cadeira durante grande parte do julgamento. Ele não quer ser embaraçado por Kipler, não na frente do júri.

Volto ao meu lugar, ao lado de Dot. Estamos só nós dois na longa mesa.

Drummond caminha com passos firmes e confiantes para o banco dos jurados com uma cópia da apólice na mão. Ele entra em cena de modo dramático.

— Esta é a apólice comprada por Mr. e Mrs. Black — diz, erguendo o papel para que todos possam ver. — E em nenhum lugar desta apólice está escrito que a Great Benefit tem de pagar por transplante. — Uma longa pausa, para maior efeito. Os jurados não gostam dele, mas isso chama sua atenção.

— Esta apólice custa dezoito dólares por semana, não cobre transplantes de medula óssea, mas os queixosos esperavam que meus clientes pagassem duzentos mil dólares por, sim, certamente já adivinharam, por um transplante de medula. Meus clientes recusaram, não por má vontade para com Donny Black. Não era uma questão de vida ou morte para meus clientes, era uma questão do que o seguro cobria, de acordo com a apólice. — Ele balança a apólice dramaticamente no ar. — Eles querem não só duzentos mil dólares, a que não têm direito, mas também processaram meus clientes por dez milhões de dólares como indenização de danos extras. Chamam a isso indenização punitiva. Eu chamo de ridículo. Chamo de cobiça.

As palavras estão impressionando, mas é um jogo arriscado. A apólice exclui especialmente transplantes de qualquer órgão que possa ser transplantado, mas não especifica medula óssea. As pessoas que a redigiram cometeram um erro e não se deram ao trabalho de corrigir. A nova apólice que Max Leuberg me deu inclui a exclusão de transplante de medula.

A estratégia da defesa começa a ficar clara. Em vez de entrar com cautela, admitindo o erro de alguns incompetentes no interior da companhia, Drummond não admite coisa alguma. Ele vai afirmar que os transplantes de medula não são dignos de confiança, constituem uma prática médica condenável, certamente não um método aceito e de rotina no tratamento da leucemia aguda.

Ele parece um médico falando sobre possibilidade de encontrar um doador compatível, o que acontece na proporção de um milhão para um, e fala sobre as possibilidades de um transplante malsucedido. Repete incessantemente a frase: “Simplesmente não

está na apólice.”

Então, Drummond resolve me provocar. Na segunda vez em que ele usa a palavra ganância, levanto-me rapidamente e protesto. A apresentação de abertura não é lugar para defesa do caso. Isso fica para o fim. Ele só tem permissão para dizer ao júri o que acha que as evidências irão provar.

Kipler, o bem-amado, diz rapidamente:

— Concedido.

O primeiro sangue é meu.

— Desculpe, meritíssimo — diz Drummond, com sinceridade. Ele fala sobre suas testemunhas, quem são e o que vão dizer. Está perdendo o fio e devia ter encerrado nos primeiros dez minutos. Kipler o avisa quando ele chega aos quinze minutos, e Drummond agradece ao júri.

— Mr. Baylor, chame sua primeira testemunha — ordena Kipler. Não tenho tempo para sentir medo.

Dot Black dirige-se com passos nervosos para o banco das testemunhas, faz o juramento, senta e olha para os jurados. Ela está com um vestido simples de algodão, muito velho, mas está bem-vestida.

Dot e eu temos um *script*, que dei a ela há uma semana e ensaiamos dez vezes. Faço as perguntas, ela responde. Dot está morrendo de medo, com razão, e suas respostas soam inexpressivas e parecem decoradas. Eu disse a ela que é natural ficar nervosa. Os jurados são apenas humanos. Nomes, marido, família, emprego, apólice, a vida com Donny Ray antes da doença, durante a doença, desde a sua morte. Ela enxuga os olhos várias vezes, mas se controla muito bem. Eu disse a Dot que devia evitar as lágrimas. Todos podem imaginar seu sofrimento.

Ela descreve a frustração de ser mãe e incapaz de tratar de um filho que está à morte. Ela escreveu e telefonou para a Great Benefit muitas vezes. Escreveu e telefonou para senadores, deputados e prefeitos, tudo no esforço vão de conseguir ajuda. Insistiu com os hospitais locais para que fizessem o transplante de graça. Organizou amigos e vizinhos para tentar levantar o dinheiro, mas foi um fracasso. Ela identifica a apólice e o requerimento. Responde a minhas perguntas sobre a compra do seguro, as visitas semanais de Boddy Ott para receber os pagamentos.

Então chegamos ao melhor. Entrego a ela as sete primeiras cartas de negação, e Dot as lê para o júri. O efeito é melhor do que eu esperava. Negativa absoluta, sem apresentar nenhuma razão. Negativa do departamento de pedidos de pagamento, sujeita a revisão do departamento de contrato de seguro. Negativa do departamento de contrato de seguro, sujeita à revisão do

departamento de pedidos de tratamento. Negativa do departamento de pedidos de pagamento, baseada em condições preexistentes. Negativa do departamento de contrato, baseada no fato de Donny Ray não fazer parte da família, uma vez que era maior de idade. Negativa do departamento de pedidos de pagamento, baseada na afirmação de que os transplantes de medula óssea não são cobertos pela apólice. Negativa do departamento de contratos, baseada na afirmação de que transplante de medula é um procedimento experimental e, portanto, não é um método aceitável de tratamento.

Os jurados prestam atenção a cada palavra. O mau cheiro está descendo.

Então a Carta Burra. Quando Dot a lê para o júri, observo atentamente cada rosto. Vários ficam visivelmente chocados. Outros piscam os olhos, incrédulos. Alguns olham zangados para a mesa da defesa, onde, por mais estranho que pareça, todos os membros da equipe estão olhando para baixo, em profunda meditação.

Quando ela termina, a sala está silenciosa.

— Por favor, leia outra vez — digo.

— Protesto — diz Drummond, levantando-se rapidamente.

— Negado — diz Kipler.

Dot lê outra vez, agora mais convictamente e com mais sentimento. É aqui exatamente que quero deixar Dot, e cedo a testemunha a meu oponente. Drummond sobe no estrado. Seria um grande erro da parte dele tratá-la com rudeza, e ficarei muito surpreso se fizer isso.

Ele começa com algumas perguntas vagas sobre outras apólices que ela já havia comprado e o porquê de ter resolvido comprar aquela. O que ela pretendia quando a comprou? Dot só queria proteção para sua família, nada mais. E foi o que o agente prometeu. O agente prometeu que a apólice cobriria transplantes?

— Eu não estava pensando em transplantes — responde Dot. — Eu nunca precisei. — Isso provoca alguns sorrisos entre os jurados, mas ninguém ri.

Drummond tenta pressioná-la, perguntando se tinha intenção de comprar um seguro que cobrisse transplantes. Dot repetiu que nunca tinha ouvido falar antes em transplantes.

— Então, a senhora não pediu especialmente uma apólice que cobrisse transplantes? — pergunta ele.

— Eu não estava pensando nessas coisas quando comprei a apólice. Só queria cobertura completa.

Drummond marca um pequeno ponto, mas acho e espero que seja logo esquecido pelo júri.

— Por isso a senhora processou a Great Benefit por dez milhões de dólares? — pergunta.

Essa pergunta pode ter resultados desastrosos no começo do julgamento, porque faz com que a queixosa pareça ávida por dinheiro. As indenizações pretendidas nos processos judiciais geralmente não passam de quantias tiradas do nada pelo advogado, sem nenhuma sugestão do cliente. Eu jamais perguntei a Dot por quanto ela queria processar a Great Benefit.

Mas eu esperava a pergunta porque estudei as transcrições de antigos julgamentos de Drummond. Dot está preparada.

— Dez milhões? — diz ela.

— Isso mesmo, senhora Black. A senhora processou meu cliente por dez milhões de dólares.

— Só isso? — pergunta Dot.

— Como disse?

— Pensei que fosse muito mais.

— Pensou mesmo?

— Pensei. Seus clientes têm um bilhão de dólares, e seus clientes mataram meu filho. Que diabo! Quero processá-los por muito mais.

Os joelhos de Drummond se dobram um pouco, e ele passa o peso do corpo de um pé para o outro. Mas continua sorrindo, provando seu talento notável. Em vez de recuar para a proteção de perguntas inofensivas, ou até mesmo voltar para sua cadeira, ele comete outro erro com Dot Black. É outra das perguntas do seu repertório.

— O que a senhora vai fazer com o dinheiro se o júri lhe conceder dez milhões de dólares?

Imagine tentar responder isso de improviso num tribunal aberto. Mas Dot está perfeitamente preparada.

— Dar para a Sociedade Americana de Leucemia. Cada centavo. Não quero nem um centavo do seu dinheiro sujo.

— Muito obrigado. — Drummond volta rapidamente para a sua mesa.

Dois jurados estão rindo à socapa quando Dot desce do banco das testemunhas e volta a sentar ao meu lado. Drummond está pálido.

— Como fui? — pergunta ela, em voz baixa.

— Você chutou todos eles, Dot — respondo no mesmo tom.

— Preciso de um cigarro.

— Teremos o recesso em um minuto.

Chamo Ron Black para testemunhar. Ele também tem um *script* e seu testemunho dura menos de trinta minutos. Tudo o que queremos de Ron é o fato de ter sido submetido a testes e de que era o doador perfeito para o irmão gêmeo, além de que estava de todo disposto a ser o doador. Drummond não tem perguntas. São quase onze horas, e Kipler determina um recesso de dez minutos.

Dot corre para o banheiro para fumar. Eu disse a ela que não fumasse na frente dos jurados. Deck e eu sentamos à nossa mesa, comparamos notas. Durante o julgamento ele fica sentado atrás de mim, observando os jurados. As cartas da Great Benefit despertaram a atenção de todos. A Carta Burra os enfureceu.

Mantenha-os assim, diz ele. Faça com que fiquem revoltados. Indenização punitiva só é concedida quando o júri está furioso.

O Dr. Walter Kord é uma figura impressionante no banco das testemunhas. Está de paletó esporte xadrez, calça preta, gravata vermelha, a imagem do jovem médico bem-sucedido. Ele é natural de Memphis, estudou na escola preparatória local, fez o segundo grau na Vanderbilt e o curso de medicina na Duke. Credenciais impecáveis. Examinei seu currículo e facilmente o qualifico como especialista em oncologia. Entrego a ele os relatórios médicos de Donny Ray, e ele faz para o júri um belo sumário do tratamento. Kord usa termos leigos sempre que possível e, quando não pode, explica em termos médicos. Kord é um médico que aprendeu a detestar tribunais, mas está muito à vontade com ele mesmo e com o júri.

— Dr. Kord, pode explicar ao júri a natureza da doença?

— É claro. A leucemia mielocítica aguda, ou IMÃ, é uma doença que ataca dois grupos etários. O primeiro é o de adultos jovens entre vinte e trinta anos e o segundo as pessoas idosas, geralmente com mais de setenta. É mais comum entre brancos do que entre não-brancos, e por algum motivo desconhecido são mais comuns os casos entre pessoas de ascendência judaica. De um modo geral, a causa da doença é desconhecida.

“O corpo fabrica seu sangue na medula óssea, e é aí que a IMÃ ataca. Todos os glóbulos brancos do sangue, encarregados de combater as infecções, tornam-se malignos na leucemia aguda, e a contagem de glóbulos brancos pode ser cem vezes maior que a normal. Quando isso acontece, os glóbulos vermelhos são suprimidos, deixando o paciente pálido, fraco e anêmico. À medida que os glóbulos brancos se multiplicam descontroladamente, impedem cada vez mais a produção normal das plaquetas, o terceiro tipo de células encontradas na medula óssea. Isso provoca a formação de equimoses, hemorragias e dores de cabeça. Quando Donny Ray me consultou pela primeira vez, queixava-se de tonturas, respiração curta, febre e sintomas parecidos com os da gripe.”

Na semana passada, quando Kord e eu ensaiávamos, pedi que ele usasse o nome de Donny Ray, não se referindo a ele como senhor Black ou o paciente.

— E o que fez? — Isso é fácil, digo para mim mesmo.

— Realizei um procedimento diagnóstico de rotina chamado aspiração da medula óssea.

— Pode explicar ao júri?

— Claro. Com Donny Ray, o teste foi feito no osso do quadril. Eu o fiz deitar de bruços, anestesiarei uma pequena área da pele, fiz uma pequena abertura e inseri uma agulha grande. A agulha tem duas partes, a parte externa é um tubo oco, e a interna, um tubo sólido. Depois que a agulha foi inserida na medula óssea, o tubo sólido foi removido, e um tubo de sucção, vazio, foi acoplado à abertura da agulha. Isso funciona mais ou menos como uma seringa, e retirei uma quantidade de medula líquida. Depois que a medula foi aspirada, ou removida, fizemos os testes que consistem em medir os glóbulos vermelhos e os brancos. Então não houve dúvida de que ele estava com leucemia.

— Quanto custa esse teste?

— Mais ou menos mil dólares.

— E como Donny Ray pagou?

— Na primeira vez em que ele foi ao meu consultório, Donny Ray preencheu os formulários de praxe e declarou que estava coberto pela apólice de seguro médico da Companhia de Seguros de Vida Great Benefit. Minha equipe entrou em contato com a Great Benefit e verificou que a apólice realmente existia. Então comecei o tratamento.

Dou a ele cópias dos documentos relevantes, e ele os identifica.

— Foi pago pela Great Benefit?

— Não. Fomos notificados pela companhia de que o pagamento estava sendo negado por diversas razões. Seis meses depois, a conta estava paga. A senhora Black pagou parceladamente, por mês.

— Como tratou de Donny Ray?

— Com o método chamado de terapia de indução. Ele deu entrada no hospital, e inseri um cateter numa veia sob a clavícula. A primeira indução com quimioterapia foi feita com um medicamento chamado ara-C, que penetra no corpo durante vinte e quatro horas por dia, por sete dias seguidos. Um segundo medicamento, a idarubicina, também foi aplicada durante os três primeiros dias. É chamado “morte vermelha”, porque tem a cor vermelha e é muito eficaz na destruição das células sanguíneas na medula óssea. Ele tomou Allopurinol, um agente antigota, porque a gota é comum quando um grande número de células do sangue são mortas. Recebeu um tratamento intensivo de fluidos por via endovenosa para expelir dos rins os subprodutos do tratamento. Foi submetido a tratamento com antibióticos e antifungos porque estava suscetível a infecções. Foi tratado com um medicamento chamado anfotericina B, contra fungos. É um medicamento muito

tóxico e provoca febre de 40°. Provoca também um tremor incontrolável, e por isso é chamado de “sacode cozinha”. Apesar de tudo isso, ele suportou muito bem, com uma atitude muito positiva para um rapaz tão jovem.

“A teoria que apoia a terapia de indução intensiva consiste em matar todas as células na medula óssea e criar um ambiente onde as células normais possam crescer de novo mais depressa do que as células leucêmicas.”

— Isso acontece?

— Por um curto período de tempo. Mas tratamos dos pacientes sabendo que a leucemia vai voltar, a não ser, é claro, que o paciente seja submetido a um transplante de medula óssea.

— Pode explicar ao júri, Dr. Kord, como o senhor faz transplante de medula?

— Certamente. Não é um procedimento muito complicado. Depois que o paciente é submetido à quimioterapia que acabo de descrever, e se tem sorte de encontrar um doador com uma compatibilidade genética bastante aproximada, extraímos a medula do doador e a passamos através de um tubo endovenoso para o receptor. A ideia é transferir de um paciente para o outro uma população inteira de células da medula óssea.

— Ron Black era um doador compatível com Donny Ray?

— Completamente. Ele é gêmeo idêntico, o mais fácil nesse caso. Fizemos testes nos dois homens, e o transplante teria sido fácil. Teria funcionado.

Drummond salta da cadeira.

— Protesto. Especulação. O médico não pode afirmar se o transplante teria funcionado ou não.

— Negado. Guarde isso para a reinquirição.

Faço mais algumas perguntas sobre o procedimento e, enquanto o Dr. Kord responde, observo os jurados. Estão ouvindo atentamente, mas está na hora de terminar.

— O senhor está lembrado, aproximadamente, de quando pretendia realizar o transplante?

Ele consultou suas notas. Mas já sabia a resposta.

— Agosto de 91. Há dezoito meses.

— Esse transplante aumenta a possibilidade de se sobreviver a uma leucemia aguda?

— Certamente.

— Em quanto?

— Oitenta por cento.

— E as chances de sobrevivência sem o transplante?

— Zero.

— A testemunha é sua.

Passa do meio-dia, hora do almoço. Kipler nos libera até uma e meia. Deck se oferece para buscar sanduíches, e Kord e eu nos preparamos para o próximo round. Ele está saboreando a ideia se bater com Drummond.



Nunca vou saber quantos consultores médicos Drummond contratou para se preparar. Ele não é obrigado a dar essa informação. Apenas um especialista consta da sua relação de testemunhas em potencial. O Dr. Kord me garantiu várias vezes que o transplante de medula é hoje um tratamento tão extensamente aceito que só um charlatão afirmaria o contrário. Ele me deu dezenas de artigos e estudos, até livros, para apoiar a nossa posição de que é o melhor meio para a cura da leucemia.

Evidentemente, Drummond descobriu a mesma coisa. Ele não é médico e está defendendo uma posição bastante fraca; assim, não discute muito com Kord. A escaramuça dura pouco. Seu principal argumento é que um número muito pequeno de pacientes com leucemia recebe transplantes de medula, comparado ao dos que não recebem. Menos de cinco por cento, diz Kord. Mas apenas porque é difícil encontrar um doador. Em todo o país o número desse tipo de transplante por ano é sete mil.

Os que têm a sorte de encontrar um doador têm uma chance maior de sobreviver. Donny Ray era um desses. Tinha um doador.

Kord parece quase desapontado quando Drummond desiste, depois de umas poucas perguntas. Eu não tenho mais nada para perguntar, e Kord é dispensado.

O momento seguinte é de grande tensão porque devo chamar o primeiro executivo da companhia ao banco das testemunhas. Esta manhã Drummond me perguntou quem ia ser o primeiro, e eu disse que não havia resolvido ainda. Ele reclamou junto a Kipler, e o juiz disse que não tenho obrigação de revelar enquanto não estiver pronto. Eles estão isolados numa sala ao lado, esperando e fervendo de raiva.

— Mr. Everett Lufkin — chamo.

Quando o meirinho sai para trazer a testemunha, a mesa de defesa agita-se numa atividade frenética, quase completamente inútil. Apenas um movimento de papéis e anotações passados de um para outro, pastas localizadas apressadamente.

Lufkin entra na sala, olha em volta atordado, como se estivesse saindo de uma hibernação, ajeita a gravata e acompanha o meirinho pela passagem central. Olha nervosamente para seu grupo de apoio, à esquerda, e dirige-se para o banco das testemunhas.

Drummond, como todos sabem, treina suas testemunhas sujeitando-as a interrogatórios brutais, tudo gravado em vídeo. Depois, passa horas com a testemunha assistindo à gravação e ensaiando técnicas, preparando-se para esse momento.

Sei que todos esses executivos estão perfeitamente preparados.

Lufkin olha para mim, olha para o júri e procura parecer calmo, mas sabe que não pode responder a todas as perguntas que o esperam. Ele tem uns cinquenta e cinco anos, cabelos grisalhos que começam pouco acima das sobrancelhas, traços discretos e voz baixa. Uma pessoa a quem se pode confiar um grupo de escoteiros. Jackie Lemanczyk me disse que ele queria amarrá-la na cama.

Eles nem desconfiam que ela vai testemunhar amanhã. Falamos sobre o departamento de pedidos de pagamento e do seu papel no esquema da Great Benefit. Ele trabalha para a companhia há oito anos e há seis anos é vice-presidente do departamento de pedidos de pagamento, que controla com mão firme, participando diretamente dos trabalhos. Ele quer parecer importante para o júri, e em poucos minutos fica estabelecido que seu trabalho consiste em supervisionar todos os aspectos das requisições. Ele não supervisiona todas as requisições mas é responsável pelo funcionamento da seção. Eu o levo a uma descrição extremamente tediosa do aspecto burocrático da companhia, e então, de repente, pergunto:

— Quem é Jackie Lemanczyk?

Os ombros dele estremeçam num sobressalto.

— Uma antiga funcionária encarregada de pedidos de pagamento.

— Ela trabalhou em seu departamento?

— Sim.

— Quando ela deixou de trabalhar para a Great Benefit?

Ele dá de ombros, não lembra a data.

— O que me diz de 3 de outubro do ano passado?

— Parece aproximada.

— E isso não foi dois dias antes de ela ser avisada de que devia dar um depoimento sobre este caso?

— Francamente, não me lembro.

Refresco sua memória mostrando dois documentos. O primeiro: o pedido de demissão, com data de 3 de outubro; o segundo: meu aviso de que ela devia depor no dia 5 do mesmo mês. Agora ele lembra e admite com relutância que ela deixou a Great Benefit dois

dias antes da data marcada para o depoimento.

— Ela era a pessoa responsável pelos pedidos de pagamento na sua companhia?

— Exatamente.

— E a despediu?

— É claro que não.

— Como se livrou dela?

— Ela pediu demissão. Está escrito aí nessa carta.

— Por que ela pediu demissão?

Ele aproxima a carta dos olhos, como um idiota, e lê para o júri: “Por meio desta peço demissão por motivos de ordem pessoal.”

— Então, a ideia de deixar o emprego partiu dela?

— É o que a carta diz.

— Quanto tempo ela trabalhou sob suas ordens?

— Tenho muita gente sob minhas ordens. Não posso lembrar esses detalhes.

— Então não sabe?

— Não tenho certeza. Alguns anos.

— Conhecia-a bem?

— Na verdade, não. Ela era apenas uma encarregada dos pedidos de pagamento, entre muitos outros.

Amanhã ela vai testemunhar que o caso sujo entre os dois durou três anos.

— É casado, Mr. Lufkin?

— Sim, e muito feliz.

— Tem filhos?

— Sim. Dois filhos adultos.

Vou até minha mesa e pego alguns documentos, que entrego a Lufkin. São os papéis da requisição de pagamento (cita pelos Black. Sem pressa, ele os examina, depois diz que parecem estar completos. Tenho o cuidado de fazer com que ele afirme que todos os documentos estão ali, que não falta nada.

Para benefício do júri, faço uma série de perguntas aparentemente sem importância, que recebem respostas sem importância; têm por objetivo estabelecer a explicação básica de como os pedidos de pagamento devem ser tratados. É claro que na nossa sequência hipotética a Great Benefit faz tudo como deve ser feito.

Então, chegamos à sujeira. Eu o faço ler ao microfone, para os autos, cada uma das sete primeiras cartas. Peço que explique cada uma. Quem escreveu? Por que foi escrita? Está de acordo com as diretrizes do manual dos pedidos de pagamento? Com qual seção do manual? Ele viu a carta pessoalmente?

Em seguida, faço-o ler todas as cartas de Dot. São brados de

socorro. Seu filho está morrendo. Alguém na companhia está ouvindo? E o interrogatório sobre cada uma. Quem recebeu esta? O que foi feito com ela? O que o manual determina? Ele a viu pessoalmente?

O júri parece ansioso para chegar à Carta Burra, mas é claro que Lufkin está preparado. Ele lê a carta para o júri, depois explica, com voz monótona e uma leve sugestão de compaixão, que a carta foi escrita por um homem que mais tarde deixou a companhia. O homem estava errado, a companhia estava errada, e agora, neste momento, no tribunal aberto, a companhia pede desculpas pela carta.

Deixo que ele fale à vontade. Dou a ele bastante corda para se enforçar.

— Não acha que é um pouco tarde para pedir desculpas? — pergunto finalmente, interrompendo a explicação.

— Talvez.

— O rapaz está morto, não está?

— Está.

— E para os autos, Mr. Lufkin, não há nenhum pedido de desculpas escrito, há?

— Não que eu saiba.

— Nenhuma forma de desculpa até agora, certo?

— Certo.

— Baseado no seu conhecimento limitado, pode dizer se a Great Benefit alguma vez pediu desculpas por alguma coisa?

— Protesto — diz Drummond.

— Concedido. Continue, Mr. Baylor.

Lufkin está testemunhando há quase duas horas. Talvez o júri esteja cansado dele. Eu estou. Chegou a hora de ser cruel.

Deliberadamente, chamei a atenção para o manual de pedidos de pagamento, referindo-me a ele como a descrição inviolável do procedimento da companhia. Entrego a Lufkin minha cópia do manual, que recebi por ocasião da coleta de provas. Faço uma série de perguntas, que ele responde com perfeição, estabelecendo definitivamente que ali estão todas as diretrizes para o manejo dos pedidos. O manual foi testado, experimentado e comprovado como eficiente. É periodicamente revisado, modificado, atualizado, com emendas de acordo com a época, tudo num esforço para fornecer o melhor serviço aos segurados.

Depois de chegar ao ponto de quase tédio sobre o maldito manual, pergunto:

— Agora, Sr. Lufkin, este é o manual completo sobre pedidos de pagamento?

Ele folheia o manual rapidamente, como se conhecesse cada

seção, cada palavra.

— Sim.

— Tem certeza?

— Sim.

— E foi pedido ao senhor que me desse esta cópia por ocasião da coleta de provas?

— Exatamente.

— Eu pedi uma cópia a seus advogados, e foi esta que me deram?

— Sim.

— Escolheu pessoalmente esta cópia do manual para me ser entregue?

— Escolhi.

Respiro fundo e dou alguns passos até minha mesa.

Debaixo dela está uma pequena caixa de papelão repleta de papéis e pastas. Procuo um segundo, levanto-me rapidamente, com as mãos vazias, e digo para a testemunha:

— Quer por favor abrir o manual na seção U?

Olho diretamente para Jack Underhall, o advogado do departamento jurídico da companhia, sentado atrás de Drummond. Ele fecha os olhos. Sua cabeça inclina-se para a frente; depois, com os cotovelos nos joelhos, olha para o chão. Ao lado dele, Kermit Aldy parece sufocado, Drummond não tem ideia do que se trata.

— Como disse? — pergunta Lufkin, sua voz uma oitava mais alta.

Sob os olhares de todos, pego a cópia do manual que recebi de Cooper Jackson e a ponho sobre a mesa. Todos olham para ela. Olho rapidamente para Kipler. Ele está se divertindo com a cena.

— Seção U, Mr. Lufkin. Procure no fim do manual. Eu gostaria de falar sobre essa seção.

Ele segura o manual e folheia outra vez. Neste momento crucial, tenho certeza de que ele venderia os filhos para que um milagre fizesse aparecer a seção U no fim do manual.

Não acontece.

— Não há nenhuma seção U — verifica, com voz tristonha, quase incoerente.

— Como disse? — pergunto em voz alta. — Não ouvi.

— Bem, este manual não tem a seção U.

Ele está completamente atônito. Não por não encontrar a seção U, mas por ter sido pego. Olha desesperado para Drummond e para Underhall, como se eles pudessem fazer alguma coisa, como por exemplo gritar: Acabou o jogo!

Leo F. Drummond não tem ideia do que seus clientes fizeram. Mudaram o manual e não contaram a seu advogado. Ele diz alguma

coisa a Morehouse, em voz baixa. Que diabo está acontecendo?

Teatralmente me aproximo da testemunha com o outro manual. Parece igual ao que tem na mão. A página de título tem a mesma data da edição revisada, 10 de janeiro de 1991.

São idênticos, exceto pelo fato de que um tem a seção U e o outro não.

— Mr. Lufkin, reconhece isso? — pergunto, entregando a ele a cópia de Jackson e apanhando a minha.

— Sim.

— Muito bem, o que é?

— Uma cópia do manual de pedidos de pagamento.

— E essa cópia contém a seção U?

Ele vira as páginas e balança a cabeça afirmativamente.

— O que foi isso, Mr. Lufkin? A estenógrafa não pode registrar os movimentos de sua cabeça.

— O manual tem a seção U.

— Muito obrigado. Agora, foi você pessoalmente quem retirou a seção U da minha cópia, ou mandou alguém retirar?

Ele põe cuidadosamente o manual sobre a grade que cerca o banco das testemunhas e cruza os braços num gesto deliberado. Olha para o chão e espera. Acho que ele está deslizando para muito longe. Passam-se alguns segundos, e todos esperam a resposta.

— Responda à pergunta — rosna Kipler, lá de cima.

— Não sei quem foi.

— Mas alguém fez, certo?

— Evidentemente.

— Então admite que a Great Benefit sonegou documentos.

— Eu não admito coisa alguma. Tenho certeza de que foi um descuido.

— Um descuido? Por favor, fale sério, Mr. Lufkin. Não é verdade que alguém na Great Benefit retirou intencionalmente a seção U da minha cópia do manual?

— Não sei. Eu, bem, apenas aconteceu, acho. Sabe como é.

Volto a minha mesa procurando nada em particular. Quero que ele fique ali mais alguns segundos para que o júri possa odiá-lo suficientemente. Ele olha para o chão, castigado, derrotado, desejando estar em outro lugar qualquer.

Caminho com passos seguros até a mesa da defesa e entrego a Drummond uma cópia da seção U, com um sorriso largo e maldoso para ele e outro para Morehouse. Depois entrego uma cópia a Kipler. Não me apresso, para que o júri possa observar com grande expectativa.

— Muito bem, Mr. Lufkin, vamos falar sobre a misteriosa seção U. Vamos explicar ao júri. Quer examinar a seção U, por favor?

Ele pega o manual, vira as páginas.

— Entrou em vigor em 1º de janeiro de 1991, certo?

— Sim.

— Foi você que redigiu?

— Não. É claro que não.

— Muito bem, quem foi?

Outra pausa suspeita, à procura de uma mentira adequada.

— Não tenho certeza.

— Não tem certeza? Mas, se não me engano, acabou de dizer que é diretamente responsável por este procedimento na Great Benefit.

Ele está olhando para o chão outra vez, desejando que eu desapareça.

— Muito bem — digo. — Vamos pular os parágrafos um e dois e ler o parágrafo três.

O parágrafo três orienta o funcionário responsável pelo pedido de pagamento para negar todos os pedidos dentro de três dias a partir de quando forem recebidos. Sem exceção. Todos os pedidos. O parágrafo quatro determina a revisão subsequente de alguns pedidos e descreve os documentos necessários para indicar que o pedido deve ser pouco dispendioso, muito válido e, portanto, ter condições de ser pago. O parágrafo cinco determina que todos os pedidos com valor potencial acima de cinco mil dólares sejam enviados para a seção de contratos, com uma carta de negação ao segurado, sujeita à revisão da seção de contratos, é claro.

E assim por diante. Faço Lufkin ler no seu manual, depois faço perguntas que ele não pode responder. Emprego repetidamente a palavra “esquema”, especialmente depois do protesto de Drummond, negado por Kipler. O parágrafo onze é um verdadeiro glossário de sinais secretos de código que os encarregados devem usar no documento para indicar uma forte reação do segurado. É evidente que o esquema tem por objetivo apostar nas probabilidades. Se um segurado ameaça a companhia com advogados e processo judicial, os documentos são imediatamente revisados por um supervisor. Se o segurado é uma pessoa fácil de convencer, a negativa permanece de pé.

O parágrafo dezoito determina que a seção de pedidos faça um cheque com a quantia requerida pelo segurado, que o envie, junto com os outros documentos, para a seção de contratos, com instruções para não ser pago antes que se recebam outras instruções da seção de pedidos. Essas instruções, é claro, nunca chegam.

— Então, o que acontece com o cheque? — pergunto a Lufkin. Ele não sabe.

A outra parte do esquema está na seção U do manual dos

contratos, e vou deixar para amanhã e repetir tudo isso com outro funcionário graduado da Great Benefit.

Na verdade não é necessário. Se pudéssemos parar agora, os jurados me concederiam qualquer coisa que eu pedisse, e eles ainda nem viram Donny Ray.

Às quatro e meia fazemos um breve recesso. Lufkin está no banco das testemunhas há duas horas e meia. Está na hora de terminar com ele. Quando saio para o corredor, a caminho do banheiro, vejo Drummond muito zangado, apontando para uma porta e mandando Lufkin e Morehouse entrar. Eu gostaria de ouvir essa descompostura.

Vinte minutos depois, Lufkin está outra vez no banco das testemunhas. Por enquanto, terminei com o manual. O júri pode ler as letras miúdas quando se reunir para deliberar.

— Apenas mais algumas perguntas rápidas — digo, sorridente e descansado. — Quantas apólices a Great Benefit emitiu em 1991 e quantas estão em vigor?

Mais uma vez o fuinha olha indefeso para seu advogado. Essa informação devia me ter sido entregue há semanas.

— Não sei ao certo.

— E quantos pedidos de pagamento receberam em 1991?

— Não sei ao certo.

— O senhor é vice-presidente da seção de pedidos de pagamento e não sabe?

— É uma grande companhia.

— Quantos pedidos foram negados em 1991?

— Não sei.

No momento exato Kipler entra em cena e diz:

— A testemunha está dispensada por hoje. Faremos um recesso de alguns minutos para que o júri possa ir para casa.

Ele se despede do júri, agradece outra vez e dá suas instruções. Ganho alguns sorrisos quando os jurados passam em fila pela minha mesa. Esperamos que saiam, e, quando o último passa pela porta, Kipler diz:

— De volta aos autos. Mr. Drummond, o senhor e seus clientes são acusados de desacato ao tribunal. Insisti em que essa informação fosse enviada ao advogado da queixosa várias semanas atrás. Não fizeram isso. É muito relevante e pertinente, e os senhores se recusaram a fornecer. O senhor e seu cliente estão preparados para ser encarcerados até que essa informação seja recebida?

Leo está de pé, muito cansado, envelhecendo a cada minuto.

— Meritíssimo, eu tentei obter essa informação. Francamente, fiz o melhor possível.

Pobre Leo. Ele ainda está tentando compreender a seção U e neste momento não há dúvida de que diz a verdade. Seus clientes acabam de provar ao mundo que estão escondendo documentos dele.

— Mr. Keeley está por perto? — pergunta o meritíssimo.

— Na sala das testemunhas — diz Drummond.

— Vá chamá-lo.

Em poucos segundos o meirinho entra com o diretor executivo.

Para Dot já chega. Ela precisa ir ao banheiro fumar um cigarro.

Kipler aponta para o banco das testemunhas. Ele mesmo se encarrega do juramento e depois pergunta a Keeley se a companhia tem alguma boa razão para recusar a informação que eu pedi.

Ele gagueja, tenta pôr a culpa nos escritórios regionais e distritais.

— O senhor conhece o conceito de desacato ao tribunal? — pergunta Kipler.

— Talvez, bem, não realmente.

— É muito simples. Sua companhia desacatou o tribunal, senhor Keeley. Posso multar sua companhia ou mandar o senhor, como diretor executivo, para a cadeia. O que vai ser?

Tenho certeza de que alguns amigos dele já cumpriram algum tempo nos clubes federais, mas Keeley sabe que aqui a cadeia significa uma cela no centro da cidade com uma porção de gente das ruas.

— Eu realmente não quero ir para a cadeia, meritíssimo.

— Foi o que pensei. Sendo assim, estou multando a Great Benefit em dez mil dólares, que devem ser pagos à queixosa até as cinco horas da tarde de amanhã. Telefone para sua sede e diga para mandarem o cheque pela FedEx, está bem?

Keeley não tem outro remédio senão concordar.

— Além disso, se esta informação não estiver aqui até as nove horas da manhã, o senhor será levado para a cadeia municipal de Memphis, onde permanecerá até que minha ordem seja cumprida. Enquanto o senhor estiver na cadeia, sua companhia pagará uma multa de cinco mil dólares por dia.

Kipler volta-se e aponta para Drummond.

— Eu o avisei mais de uma vez sobre esses documentos, Mr. Drummond. Esse procedimento é inteiramente inaceitável.

Ele bate o martelo, irritado, e sai da sala.

Em circunstâncias normais, eu me sentiria um tolo com um boné azul e cinzento com um tigre desenhado, vestindo um terno e encostado numa parede na Ala A do aeroporto de Memphis. Mas este dia não foi nada normal. É tarde, estou morto de cansaço, mas a adrenalina está a toda. Um primeiro dia de julgamento melhor do que este seria impossível.

O voo de Chicago chega no horário, e logo sou identificado por meu boné. Uma mulher com enormes óculos escuros aproxima-se, olha para mim e diz:

— Mr. Baylor?

— Isso mesmo. — Troco apertos de mãos com Jackie Lemanczyk e com seu companheiro, um homem que se apresenta apenas como Carl. Ele carrega uma sacola de viagem e os dois estão prontos para partir. Também estão muito nervosos.

A caminho do hotel, um Holiday Inn no centro da cidade, a seis quadras do tribunal, nós conversamos. Ela está sentada no banco da frente” ao meu lado. Carl, atrás, não diz palavra, mas toma conta dela como um cão de guarda. Eu conto grande parte do que aconteceu no julgamento hoje. Não, eles não sabem que ela vai testemunhar. Suas mãos tremem. Ela está nervosa e fragilizada, com medo da própria sombra. A não ser por vingança, não consigo compreender porque está aqui.

A pedido dela, a reserva no hotel foi feita em meu nome. Nós três sentamos em volta de uma mesa redonda no quarto do hotel, no décimo quinto andar, e eu começo meu interrogatório direto. As perguntas estão datilografadas e em ordem.

Se há alguma beleza nessa mulher, está muito bem escondida. O cabelo é mal cortado e tingido de um estranho tom de vermelho. Seu advogado disse que ela está fazendo terapia, e não pretendo fazer perguntas a esse respeito. Seus olhos são vermelhos e muito tristes, sem nenhuma maquiagem. Jackie Lemanczyk tem trinta e um anos, dois filhos pequenos, um divórcio, e, a julgar por sua aparência e suas maneiras, é difícil acreditar que tenha feito carreira na Great Benefit de uma cama para outra.

A atitude de Carl é muito protetora. Ele bate amistosamente no braço dela, uma vez ou outra dá opinião sobre alguma resposta. Ela quer testemunhar o mais depressa possível, na parte da manhã, voltar para o aeroporto e sair da cidade.

Eu os deixo à meia-noite.



Às nove da manhã de terça-feira, o juiz Kipler abre a sessão do tribunal, mas dá instruções ao meirinho para manter o júri na sua sala por mais alguns momentos. Pergunta a Drummond se a informação pedida já foi entregue. A cinco mil dólares por dia, eu quase desejo que ele diga não.

— Chegou mais ou menos há uma hora, meritíssimo — diz ele, com alívio evidente. Entrega-me um maço de documentos com dois centímetros de espessura e até sorri um pouco quando Kipler os segura.

— Mr. Baylor, vai precisar de algum tempo? — pergunta o juiz.

— Trinta minutos — respondo.

— Ótimo. Chamaremos o júri às nove e meia.

Deck e eu corremos para uma pequena sala de conferência para advogados, na outra extremidade do corredor, e mergulhamos nas novas informações. Como mais ou menos já esperávamos, estão em “grego” e é quase impossível decodificá-las. Eles vão se arrepender disso.

Às nove e meia, o júri é trazido para a sala do tribunal e recebido amavelmente pelo juiz Kipler. Eles declaram que estão todos bem, sem nenhum caso de doença, e que não foram contatados por pessoa alguma sobre o caso.

— Sua testemunha, Mr. Baylor — diz Kipler, e o segundo dia começa.

— Gostaríamos de continuar com Everett Lufkin — digo.

Lufkin é trazido da sala das testemunhas e toma seu lugar. Depois do fiasco da seção U, ontem, ninguém acredita numa única palavra dele. Tenho certeza de que Drummond o massacrou até a meia-noite. Lufkin parece muito abatido. Entrego a ele a cópia oficial da informação sobre os pedidos de pagamento e pergunto se pode identificá-la.

— É um impresso de computador, com um sumário de informações sobre vários pedidos.

— Preparado pelo computador da Great Benefit?

— Exatamente.

— Quando?

— Ontem, no fim da tarde e começo da noite.

— Sob sua supervisão, como vice-presidente do departamento de

pedidos?

— Pode-se dizer que sim.

— Ótimo. Agora, senhor Lufkin, por favor diga ao júri quantas apólices de seguro médico havia em 1991.

Ele hesita, depois começa a examinar o impresso. Esperamos, enquanto ele estuda várias páginas. O único som, no longo intervalo, é o ruído do papel no colo de Lufkin.

O *dumping* de documentos é uma tática favorita das companhias de seguros e dos seus advogados. Eles gostam de esperar até o último minuto, de preferência um dia antes do julgamento, para descarregar caixas de papéis na porta dos advogados dos queixosos. Evitei isso graças a Tyrone Kipler.

Isso é só uma amostra. Acho que pensaram que podiam entrar aqui esta manhã, entregar-me setenta páginas de impresso de computador, a maior parte delas aparentemente sem sentido, e estariam livres.

Na verdade, é difícil dizer — explica ele, em voz quase inaudível. — Se eu tivesse algum tempo...

— O senhor teve dois meses — diz Kipler, em voz alta ao microfone, que funciona maravilhosamente. O tom e o volume da sua voz são espantosos. — Agora, responda às perguntas.

Já começou a agonia na mesa da defesa.

— Mr. Lufkin, quero saber três coisas. O número de apólices existentes, o número de pedidos de pagamento dessas apólices e o número desses pedidos que foram negados. Tudo referente ao ano de 1991. Por favor.

Mais páginas são viradas.

— Se estou lembrado, tínhamos algo assim como noventa e sete mil apólices.

— Não pode consultar os impressos e nos dar um número exato?

Evidentemente não pode. Lufkin finge estar tão absorto nos dados que não pode responder à pergunta.

— E o senhor é o vice-presidente do departamento de pedidos de pagamento? — pergunto, pressionando.

— Exatamente! — responde.

— Vou perguntar uma coisa, Mr. Lufkin. Na sua opinião, a informação que eu quero está contida nesses impressos?

— Está.

— Então, é só uma questão de encontrar os números certos.

— Se calar a boca por um segundo, eu encontro — rosna ele para mim, como um animal ferido, e não contribui em nada para sua imagem.

— Mr. Lufkin, eu não preciso calar a boca. Drummond se levanta, com as mãos em súplica.

— Meritíssimo, a testemunha está tentando encontrar a informação.

— Mr. Drummond, a testemunha teve dois meses para compilar essa informação. Ele é o vice-presidente da seção de pedidos; sem dúvida é capaz de ler os números. Protesto negado.

— Esqueça o impresso por um segundo, senhor Lufkin — digo. — Num ano normal, qual seria a proporção de pedidos de pagamento por total de ações? Basta nos dar uma porcentagem.

— Em média, os pedidos correspondem a oito a dez por cento das nossas apólices.

— E qual a porcentagem dos pedidos negados?

— Cerca de dez por cento de todos os pedidos são negados — diz. Ele não parece nem um pouco satisfeito com o fato de ter finalmente encontrado algumas respostas.

— Qual é a média, em dólares, dos pedidos, sejam eles pagos ou não?

Ele pensa por um longo tempo. Eu acho que desistiu. Só quer acabar logo, sair do banco das testemunhas e sair de Memphis.

— Em média, cerca de cinco mil dólares cada um.

— Alguns valem apenas alguns poucos dólares, certo?

— Sim.

— E outros valem dezenas de milhares, certo?

— Sim.

— Então, é difícil calcular a média, certo?

— Sim.

— Muito bem, essas médias e porcentagens que o senhor acaba de me dar são relativamente típicas de toda a indústria de seguros ou exclusivas da Great Benefit?

— Não posso falar por toda a indústria.

— Então o senhor não sabe?

— Eu não disse isso.

— Então o senhor sabe? Apenas responda à pergunta. Os ombros dele se curvam um pouco. O homem só quer sair desta sala.

— Eu diria que são bastante comuns.

— Muito obrigado. — Neste ponto faço uma pausa para efeito, estudo as minhas notas por um momento, mudo a marcha, pisco um olho para Deck, e ele sai da sala. — Só mais duas, senhor Lufkin. O senhor sugeriu a Jackie Lemanczyk que ela devia pedir demissão?

— Não.

— Como o senhor avalia o desempenho dela?

— Médio.

— O senhor sabe por que ela foi rebaixada da posição de chefe do exame dos pedidos de pagamento?

— Se bem me lembro, teve algo a ver com o seu modo de tratar

as pessoas.

— Ela recebeu alguma indenização quando deixou a companhia?

— Não. Ela pediu demissão.

— Nenhuma compensação de qualquer tipo?

— Não.

— Muito obrigado. Meritíssimo, terminei com essa testemunha.

Drummond tem duas escolhas. Pode usar Lufkin agora, no interrogatório direto sem perguntas capciosas, ou pode deixar para mais tarde. Ninguém pode melhorar a imagem desse cara, e não tenho dúvida de que Drummond o quer fora daqui o mais depressa possível.

— Meritíssimo, vamos deixar o senhor Lufkin para mais tarde — diz Drummond. Não é surpresa para ninguém. O júri não tomará a ver o senhor Lufkin.

— Muito bem. Chame sua testemunha seguinte, Mr. Baylor.

Digo com voz alta e clara:

— A parte queixosa chama Jackie Lemancyzk. Viro-me rapidamente para ver a reação de Underhall e Aldy. Eles estão no meio de uma conversa em voz baixa e ficam imóveis quando ouvem o nome. Seus olhos parecem que vão saltar das órbitas, as bocas se abrem em surpresa total.

O pobre Lufkin está perto das portas duplas da sala quando ouve o meu chamado. para, petrificado, vira-se rapidamente, olha desesperado para a mesa da defesa, depois sai correndo da sala.

Com seu time todo afobado em volta dele, Drummond fica de pé.

— Meritíssimo, podemos nos aproximar?

Kipler nos indica um lugar longe do microfone. Meu oponente finge que está furioso. Tenho certeza de que está surpreso, mas não tem o direito de dizer que foi enganado. Drummond está representando.

— Meritíssimo, isto é uma completa surpresa — sibila. É importante que o júri não ouça suas palavras nem perceba seu choque.

— Por quê? — pergunto com ar superior. — Ela está na lista das testemunhas em potencial na ordem do prejulgamento.

— Temos o direito de sermos avisados com antecedência. Quando a encontrou?

— Eu não sabia que ela estava perdida.

— É uma pergunta válida, Mr. Baylor — diz o juiz, franzindo a testa para mim, pela primeira vez na história.

Olho para os dois com ar inocente, como quem diz: “Esperem um pouco, eu sou apenas um novato. Me deem uma chance.”

— Ela consta da ordem de prejudgamento — insisto, e francamente nós três sabemos que ela vai testemunhar. Talvez o certo fosse ter informado a corte ontem de que ela estava na cidade, mas, que diabo!, é o meu primeiro julgamento.

Ela entra acompanhada por Deck. Underhall e Aldy recusam-se a olhar para ela. Os cinco cretinos da Trent Brent observam cada passo da mulher. Ela está com boa aparência. Um vestido azul folgado cobre o corpo magro até acima dos joelhos. O rosto está muito diferente do que eu vi a noite passada, muito mais bonito. Ela faz o juramento, senta no banco das testemunhas, olha com ódio para os rapazes da Great Benefit e está pronta para testemunhar.

Eu imagino se ela dormiu com Underhall e Aldy. Ontem à noite ela mencionou Lufkin e um outro, mas sei que não me contou a história toda.

Passamos rapidamente pelas perguntas básicas, e depois nos preparamos para o golpe de misericórdia.

— Quanto tempo trabalhou na Great Benefit?

— Seis anos.

— E quando saiu da companhia?

— Em 3 de outubro.

— Como foi que saiu?

— Fui demitida.

— Não pedi demissão?

— Não. Fui demitida.

— Quem a demitiu?

— Foi uma conspiração. Everett Lufkin, Kermit Aldy, Jack Underhall e vários outros. — Ela inclina a cabeça afirmativamente para os culpados, e todos olham para os rapazes da Great Benefit.

Entrego à testemunha uma cópia de seu pedido de demissão.

— Reconhece isto?

— Isto é uma carta que eu datilografei e assinei — responde ela.

— A carta diz que está se demitindo por motivos pessoais.

— A carta é uma mentira. Fui demitida por causa do meu envolvimento no pedido de pagamento de Donny Ray Black e porque fui chamada para depor no dia 5 de outubro. Fui demitida para que a companhia pudesse dizer que eu não trabalhava mais lá.

— Quem a fez escrever esta carta?

— Os mesmos. Foi uma conspiração.

— Pode nos explicar?

Ela olha para o júri pela primeira vez, e estão todos olhando para ela. Jackie engole em seco e começa a falar:

— No sábado anterior à data em que eu devia depor, pediram-me que fosse ao escritório. Lá encontrei Jack Underhall, o homem que está sentado ali, de terno cinzento. Ele é um dos nossos

advogados. Ele me disse que eu ia sair imediatamente e que tinha duas escolhas. Eu podia dizer que estava sendo demitida e sair sem nada. Ou podia escrever uma carta, dizendo que pedia demissão, e a companhia me daria dez mil dólares em dinheiro para ficar de boca fechada. E tinha que decidir ali mesmo, na presença dele.

Ontem à noite ela conseguiu falar sobre isso sem emoção, mas as coisas são diferentes num tribunal aberto. Ela morde os lábios, luta para se controlar por um minuto e depois continua:

— Sou divorciada, tenho dois filhos pequenos, muitas contas para pagar. Não tive escolha. Estava sem emprego de uma hora para a outra. Escrevi a carta, aceitei o dinheiro e assinei o compromisso de jamais discutir nenhum dos pedidos de pagamento que eu havia estudado, com pessoa alguma.

— Incluindo o dos Black?

— Especificamente o dos Black.

— Então, se assinou a carta e aceitou o dinheiro, por que está aqui?

— Quando me refiz do choque, procurei um advogado. Um advogado muito bom. Ele me garantiu que o compromisso que assinei é ilegal.

— Tem uma cópia desse compromisso?

— Não. Mr. Underhall não quis me dar. Mas pode pedir a ele. Tenho certeza de que guardou o original.

Viro-me lentamente e olho para Jack Underhall, como todo mundo na sala. Os cordões dos sapatos tornaram-se, de repente, o centro de sua vida, e ele está ocupado com eles, sem prestar atenção no que ela diz.

Olho para Leo Drummond e pela primeira vez vejo a imagem da derrota completa. É claro que seus clientes não contaram nada sobre o suborno em dinheiro nem sobre o compromisso assinado sob coerção.

— Por que procurou um advogado?

— Porque precisava de conselho. Fui demitida injustamente. Mas antes disso sofri discriminação na companhia, por ser mulher, e fui vítima de assédio sexual de vários executivos da Great Benefit.

— Alguém que conhecemos?

— Protesto, meritíssimo — diz Drummond. — Isso pode ser um assunto divertido, mas não é relevante para nosso caso.

— Vamos ver para onde vai. Por enquanto, seu protesto é negado. Por favor, Mrs. Lemancyzk, responda à pergunta.

Ela respira fundo e diz:

— Fiz sexo com Everett Lufkin durante três anos. Enquanto estive disposta a fazer tudo o que ele queria, tinha aumento de salário e era promovida. Quando me cansei e resolvi parar, fui

rebaixada de avaliadora-chefe dos pedidos de pagamento para a seção de recepção e anotação de pedidos. Meu salário teve um corte de vinte por cento. Então, Russell Krokit, que era na época supervisor-chefe dos pedidos, e que foi demitido junto comigo, resolveu que queria ter um caso comigo. Ele me obrigou a ter relações com ele, dizendo que, se não concordasse, ficaria sem emprego. Mas, se concordasse em ser a garota dele por algum tempo, ele garantia outra promoção. Era dar ou ser demitida.

— Esses dois homens são casados?

— Sim, e têm filhos. Todos sabiam que eles andavam atrás das jovens que trabalhavam na seção de pedidos. Eu podia citar outros nomes. E não eram os únicos chefões que trocavam promoções por sexo.

Todos olham outra vez para Underhall e Aldy.

Faço uma pausa para verificar alguma coisa na minha mesa. É um pequeno truque de tribunal que aprendi: deixar uma declaração sensacional algum tempo no ar, antes de prosseguir com o exame da testemunha.

Olho para Jackie, e ela enxuga com um lenço de papel os olhos, que estão agora muito vermelhos. O júri está com ela, pronto a matar por ela.

— Vamos falar sobre o caso Black — digo. — Você foi encarregada desse pedido.

— Exatamente. O primeiro pedido de Mrs. Black ficou comigo. De acordo com as diretrizes da companhia, naquela época, enviei a ela uma carta negando o pedido.

— Por quê?

— Porque todos os pedidos de pagamento eram negados inicialmente, pelo menos em 1991.

— Todos?

— Sim. O procedimento era negar todos os que chegavam e depois rever os menores que parecessem legítimos. Finalmente, pagávamos alguns destes últimos, mas os grandes nunca eram pagos, a não ser que um advogado se envolvesse no caso.

— Quando isso começou a ser procedimento obrigatório?

— Em primeiro de janeiro de 1991. Era uma experiência, uma espécie de esquema. — Balanço a cabeça afirmativamente para ela. Vá em frente. — A companhia resolveu negar todos os pedidos de pagamento acima de mil dólares durante um período de doze meses. Não importava a legitimidade do pedido, simplesmente era negado. Vários dos pedidos menores também foram negados, ou seja, sempre que foi possível dar uma razão convincente. Poucos dos maiores foram pagos, e também só depois de o segurado contratar um advogado e ameaçar entrar com um processo.

— Por quanto tempo esse procedimento esteve em vigor?

— Doze meses. Era uma experiência de um ano. Já fora feita antes no setor e era vista pelos executivos, de um modo geral, como uma ideia maravilhosa. Negar por um ano, acrescentar o dinheiro economizado, deduzir o total gasto em rápidos acordos nos tribunais, e sobrava o pote de ouro.

— Quanto ouro?

— O esquema rendeu, extras, cinco milhões líquidos, mais ou menos.

— Como você sabe disso?

— Se a gente fica na cama com esses miseráveis o tempo suficiente, ouve todo tipo de sujeira. Eles contam tudo. Falam da esposa, do trabalho. Eu não me orgulho disso, certo? — Seus olhos estão vermelhos outra vez, e sua voz, um pouco trêmula.

Outra longa pausa, enquanto consulto minhas notas.

— Como foi tratado o pedido dos Black?

— Inicialmente foi negado como todos os outros. Mas era um pedido grande e com um código diferente. Quando foram notadas as palavras “leucemia aguda”, passei a ser monitorada por Russell Krokit em tudo o que fazia em relação ao plano. Logo no começo, a companhia compreendeu que a apólice não excluía transplante de medula. O caso tornou-se bastante sério por dois motivos. O primeiro era que a apólice passava a valer uma grande quantia, quantia que a Great Benefit não queria pagar. E segundo, o segurado estava na fase terminal da doença.

— Então o departamento de pedidos de pagamento sabia que Donny Ray ia morrer?

— É claro. Seus relatórios médicos eram muito claros. Lembrome de um de seu médico dizendo que a quimioterapia teve bom efeito, mas a leucemia ia voltar, provavelmente dentro de um ano, e que seria fatal, a não ser que o paciente recebesse transplante de medula.

— Mostrou isso a alguém?

— Mostrei a Russell Krokit. Ele mostrou a seu chefe, Everett Lufkin. E eles lá em cima resolveram continuar negando.

— Mas você sabia que o seguro devia ser pago?

— Todo mundo sabia, mas a companhia estava jogando com a lei das probabilidades.

— Pode explicar isso?

— A probabilidade de que o segurado não consultasse um advogado.

— Na época, você sabia quais eram as probabilidades?

— Era consenso geral que não mais de um em vinte procurava um advogado. Essa foi a única razão pela qual começaram essa

experiência. Sabiam que podiam fazer isso. Vendem-se essas apólices para pessoas sem muita instrução e contam com a ignorância delas para aceitar as negativas de pagamento.

— O que acontecia quando recebiam a carta de um advogado?

— A situação mudava por completo. Se o pedido era de menos de cinco mil dólares e legítimo, pagávamos imediatamente, com uma carta pedindo desculpas. Apenas um engano da companhia, o senhor sabe, esse tipo de carta. Ou talvez a culpa fosse dos nossos computadores. Enviei centenas dessas cartas. Se o pedido fosse acima de cinco mil dólares, saía das minhas mãos para as de um supervisor. Acho que quase sempre eram pagos. Se o advogado já tivesse dado entrada no processo, ou estivesse prestes a fazer isso, a companhia negociava um acordo confidencial.

— Com que frequência isso acontecia?

— Francamente, não sei.

Eu me afasto do estrado móvel e digo:

— Muito obrigado. — Viro-me para Drummond, com um sorriso amável: — A testemunha é sua.

Sento ao lado de Dot, que está chorando, soluçando baixinho. Ela sempre se culpa por não ter procurado antes um advogado, e é extremamente doloroso para ela ouvir essas palavras da testemunha. Independente do resultado, ela jamais se perdoará.

Felizmente vários jurados veem que ela está chorando. O pobre Leo, com passos lentos, dirige-se para um ponto mais distante possível dos jurados, do onde possa ainda fazer suas perguntas. Não tenho ideia do que ele possa perguntar, mas estou certo de que já foi vítima de outras ciladas, antes.

Ele se apresenta, muito cordial, diz a Jackie que é claro que não se conhecem, num esforço de informar ao júri que ele não teve o privilégio de saber com antecedência do que ela ia dizer. Jackie olha para ele furiosa. Ela não só odeia a Great Benefit, como também qualquer advogado suficientemente miserável para representar a companhia.

— Mrs. Lemancyzk, não é verdade que recentemente foi obrigada a se internar numa instituição devido a vários problemas?

— Ele faz a pergunta delicadamente. Num julgamento não se espera que o advogado faça uma pergunta cuja resposta desconheça, mas meu palpite é que Leo não tem ideia do que vai ouvir. Sua fonte foram alguns murmúrios desesperados durante os últimos dez minutos.

— Não! Isso não é verdade. — Ela está em pé de guerra.

— Desculpe, mas a senhora tem estado em tratamento?

— Eu não fui internada. Passei duas semanas numa clínica por minha própria vontade. Eu podia sair quando quisesse. O

tratamento era supostamente coberto por meu seguro de grupo da Great Benefit. A apólice devia ser válida até doze meses depois da minha demissão. É claro que a companhia está negando o pagamento.

Drummond, roendo uma unha, olha para seu bloco de notas como se não tivesse ouvido a resposta. A pergunta seguinte, Leo.

— Por isso está aqui? Porque está zangada com a Great Benefit?

— Eu odeio a Great Benefit e a maioria dos vermes que trabalham na companhia. Isso responde à sua pergunta?

— Seu testemunho aqui, hoje, é motivado por esse ódio?

— Não. Estou aqui porque posso dizer como lesaram milhares de pessoas. Essa história precisa ser contada.

É melhor desistir, Leo.

— Por que estive na clínica?

— Estou lutando contra o alcoolismo e a depressão. Neste momento, estou bem. Na próxima semana, quem sabe? Durante seis anos fui tratada por seus clientes como um pedaço de carne. Fui passada de mão em mão como uma caixa de bombons, cada um tirando o que quisesse. Eles me escolheram para vítima porque eu estava sem dinheiro, era divorciada, tinha dois filhos e era boa de cama. Roubaram minha autoestima. Estou lutando, Mr. Drummond. Estou tentando me salvar e não vou hesitar em fazer o tratamento que for necessário para isso. Tudo o que quero é que seu cliente pague as malditas contas.

— Não tenho mais perguntas, meritíssimo.

Drummond volta rapidamente para sua mesa. Acompanho Jackie pela passagem central, quase até a porta. Agradeço mais de uma vez e prometo telefonar para o seu advogado. Deck sai com ela para levá-la ao aeroporto.

São quase onze e meia. Quero que o júri pense no testemunho dela durante o almoço; por isso peço ao juiz Kipler um recesso mais cedo. Para os autos, o motivo desse pedido é o fato de precisar de algum tempo para o exame dos impressos de computador antes de chamar outra testemunha.

Os dez mil dólares das sanções chegaram quando estávamos no tribunal. Drummond apresenta o cheque como pagamento condicionado ao cumprimento das condições previstas na ordem do juiz e acompanhado de uma moção de vinte páginas e um resumo da questão. Ele pretende apelar das sanções; desse modo, o dinheiro ficará intocável, sob a guarda de um tribunal, dependendo do resultado. Tenho coisas mais importantes com que me preocupar.

Recebo alguns sorrisos dos jurados quando entram em fila depois do almoço. Eles não devem discutir o caso antes de o receberem oficialmente do juiz, mas todos sabem que comentam em voz baixa sempre que saem do tribunal. Alguns anos atrás, dois jurados se agrediram fisicamente quando discutiam a veracidade de uma testemunha. O problema foi que ainda se estava na segunda testemunha de um julgamento que devia durar duas semanas. O juiz anulou o julgamento e tiveram de começar tudo de novo.

Os jurados tiveram duas horas para alimentar sua indignação, depois do testemunho de Jackie. É minha tarefa agora dizer a eles como podemos retificar alguns dos erros cometidos pela Great Benefit. Está na hora de falar sobre dinheiro.

— Meritíssimo, chamo agora o senhor Wilfred Keeley para testemunhar.

Keeley não está muito longe e entra na sala com passo decidido, louco para dar seu depoimento. Parece vigoroso e amável, contrastando acentuadamente com Lufkin e apesar das provas inegáveis das mentiras da sua companhia. Evidentemente ele quer convencer o júri de que é o encarregado de tudo e que merece a confiança de todos.

Faço algumas perguntas de ordem geral, estabelecendo o fato de que ele é diretor executivo, o chefe número um da Great Benefit. Ele confessa isso alegremente. Então entrego a ele uma cópia do último relatório financeiro da companhia. Ele age como se estivesse acostumado a ler esse relatório todas as manhãs.

— Muito bem, senhor Keeley, pode dizer ao júri quanto vale a sua companhia?

— O que quer dizer com vale? — contra-ataca.

— Quero dizer valor líquido.

— Não é um conceito claro.

— Sim, é. Veja seus relatórios financeiros, segure o ativo numa das mãos, o passivo na outra, diminua o segundo do primeiro e diga ao júri o que sobrou. Isso é o valor da companhia.

— Não é tão simples. Balanço a cabeça, incrédulo.

— O senhor concordaria em dizer que sua companhia vale aproximadamente quatrocentos e cinquenta milhões de dólares?

Além das vantagens óbvias, um dos benefícios adicionais de pegar o chefe desonesto de uma grande companhia numa mentira é que a testemunha seguinte terá de dizer a verdade. Keeley precisa aparentar honestidade a toda prova e tenho certeza de que

Drummond martelou isso na cabeça dele. Estou certo também de que deve ter sido difícil.

— É uma avaliação aceitável. Eu concordo.

— Muito obrigado. Agora, quanto sua companhia tem em dinheiro?

Eles não esperavam essa pergunta. Drummond levanta-se e protesta. Kipler nega.

— Bem, é difícil dizer. — Ele mergulha na *angst* da Great Benefit, que já me acostumei a esperar.

— Ora, vamos, senhor Keeley, o senhor é diretor-executivo. Está há oito anos na companhia. Começou no departamento de finanças. Quanto dinheiro a companhia tem à disposição?

Ele está virando as páginas freneticamente, e eu espero com paciência. Finalmente Keeley me dá um número, e é aqui que eu agradeço a Max Leuberg. Apanho a minha cópia e peço a ele que explique determinada Conta de Reserva. Quando os processei por dez milhões de dólares, eles reservaram essa quantia numa conta especial. Faziam o mesmo com todos os processos contra a companhia. O dinheiro ainda é deles, continua investido e rendendo bem, mas agora está classificado como obrigação de pagamento. As companhias de seguro adoram quando são processadas por bilhões de dólares porque podem reservar o dinheiro e afirmar que estão praticamente quebradas.

Isso é perfeitamente legal. É uma indústria não regulamentada, cada companhia com seus métodos escusos próprios.

Keeley começa com uma palavra comprida da terminologia financeira que ninguém entende. Ele prefere confundir o júri a admitir a verdade.

Pergunto sobre outra reserva, e então passamos para as contas de excedentes. Excedentes restritos. Excedentes irrestritos. Faço um interrogatório minucioso que me faz parecer muito inteligente. Usando as anotações de Leuberg, faço a soma dos números e pergunto a Keeley se a companhia tem cerca de quatrocentos e oitenta e cinco milhões em caixa.

— Eu bem que gostaria — diz ele, com uma risada. Não vejo um sorriso em nenhum rosto.

— Então, quanto dinheiro o senhor tem em caixa, senhor Keeley?

— Oh, não sei. Eu diria que provavelmente cerca de um milhão.

Por agora é tudo sobre o assunto. Na minha exposição final posso escrever os números num quadro negro e explicar onde está o dinheiro.

Entrego a ele uma cópia do impresso com os dados sobre os pedidos de pagamento, e ele parece surpreso. Durante o almoço

resolvi armar a cilada durante o testemunho dele, evitando uma repetição do que fiz com Lufkin. Ele olha para Drummond, pedindo ajuda, mas o grande Leo não pode fazer nada. O senhor Keeley é o diretor executivo e certamente capaz de nos ajudar na procura da verdade. Suponho que pensam que vou chamar Lufkin outra vez para explicar esses dados. Por mais que eu ame Lufkin, já acabei com ele. Não vou dar a ele a chance de refutar as declarações de Jackie Lemanczyk.

— Reconhece esse impresso, Mr. Keeley? Foi entregue por sua companhia esta manhã.

— Certamente.

— Ótimo. Pode dizer ao júri quantas apólices de seguro-saúde sua companhia tinha em vigor em 1991?

— Bem, não sei. Deixe-me ver. — Ele apanha uma folha, levanta, abaixa, apanha outra e depois outra.

— O número noventa e oito mil, aproximadamente, parece correto para o senhor?

— Talvez. Claro, sim, acho que está certo.

— E desse total quantos pedidos de pagamento foram feitos em 1991?

O mesmo ato. Keeley examina os impressos, murmurando números. É quase embaraçoso. Passam-se os minutos, e finalmente pergunto:

— O número aproximado de 11.400 parece certo para o senhor?

— Parece aproximado, acho, mas eu teria de verificar, o senhor sabe.

— Como faz essa verificação?

— Bem, preciso estudar um pouco mais estes impressos.

— Então a informação está aí?

— Acho que sim.

— Pode dizer ao júri quantos desse pedidos de pagamento foram negados por sua companhia?

— Bem, para isso também preciso estudar melhor isto — diz ele levantando os impressos com as duas mãos.

— Então, essa informação também está contida nisso que o senhor tem nas mãos?

— Talvez. Sim, acho que sim.

— Muito bem. Veja as páginas onze, dezoito, trinta e três e quarenta e um.

Ele obedece prontamente. Qualquer coisa para não ter de testemunhar. Farfalha os papéis procurando as páginas.

— O número 9.100, aproximadamente, parece certo para o senhor?

Essa sugestão absurda o deixa chocado.

— É claro que não. É absurdo.

— Mas não sabe?

— Eu sei que não é tanto.

— Muito obrigado. — Chego mais perto dele, apanho os impressos e entrego a apólice da Great Benefit que recebi de Max Leuberg. — Reconhece isto?

— Claro — diz, alegremente, feliz por se livrar dos malditos impressos.

— O que é?

— Uma apólice de seguro-saúde emitida por minha companhia.

— Emitida quando?

Ele examina a apólice por um segundo.

— Setembro de 1992. Há cinco meses.

— Por favor, veja a página onze, seção F, parágrafo quatro, subparágrafo C, cláusula número 13. Encontrou?

A letra é tão pequena, que ele quase encosta a apólice no nariz. Dou uma risada e olho para o jurados. O humor da cena é muito apreciado.

— Achei — diz ele, finalmente.

— Ótimo. Agora leia, por favor.

Ele lê, entrecerrando os olhos e franzindo a testa, como se fosse um assunto realmente tedioso. Quando termina, diz, com um sorriso forçado:

— Pronto.

— Qual é o objetivo dessa cláusula?

— Ela exclui certos procedimentos cirúrgicos.

— Especificamente?

— Especificamente todos os transplantes.

— O transplante de medula está na lista das exclusões?

— Sim. O transplante de medula está na lista.

Dou a ele uma cópia da apólice dos Black. Peço que leia determinada seção. Outra vez ele força a vista para ler a letra miúda, mas vai valentemente até o fim.

— Quais os transplantes excluídos por essa apólice?

— De todos os órgãos principais, rins, fígado, coração, pulmões, olhos, estão todos aqui.

— E o transplante de medula?

— Não consta da lista.

— Então não é excluído especificamente?

— Não, não é.

— Quando foi que este processo entrou na justiça, Mr. Keeley?

Lembra?

Ele olha para Drummond, que, claro, não pode ajudá-lo no momento.

— Em meados do verão passado, se estou lembrado. Junho, talvez?

— Sim — digo. — Foi em junho. Sabe quando foi mudado o texto das apólices para incluir a exclusão dos transplantes de medula?

— Não, não sei. Não sou encarregado da redação das apólices.

— Quem escreve suas apólices? Quem é o criador de toda essa letra miúda?

— É redigida pelo departamento jurídico.

— Compreendo. Podemos dizer que a apólice foi mudada depois da entrada do processo na justiça?

Ele me analisa por um momento e depois diz:

— Não. Pode ter sido feita antes do processo.

— Foi alterada depois da entrada do processo, em agosto de 1991?

— Não sei.

A resposta parece suspeita. Ou ele não está dando a atenção devida à sua companhia, ou está mentindo. Para mim não faz diferença. Já tenho o que queria. Posso argumentar perante o júri provando que essa nova linguagem é evidência clara de que não houve nenhuma intenção de excluir o transplante de medula da apólice dos Black. Excluiu-se tudo o mais, e exclui-se tudo agora; portanto, são acusados por sua própria redação da apólice.

Falta apenas uma pequena coisa.

— Tem uma cópia do compromisso assinado por Jackie Lemanczyk no dia em que foi demitida?

— Não.

— O senhor viu esse compromisso?

— Não.

— Autorizou o pagamento de dez mil dólares em dinheiro para Jackie Lemanczyk?

— Não. Ela está mentindo.

— Mentindo?

— Foi o que eu disse.

— E o que me diz de Everett Lufkin? Ele mentiu para o júri sobre o manual de pedidos de pagamento?

Keeley parece que vai dizer alguma coisa, mas desiste. Nenhuma resposta pode beneficiá-lo neste ponto. Os jurados sabem muito bem que Lufkin mentiu para eles; portanto, não pode dizer ao júri que eles não ouviram o que ouviram. E certamente não pode admitir que um dos seus vice-presidentes mentiu para o júri.

Não planejei esta pergunta. Apenas aconteceu.

— Fiz uma pergunta, Mr. Keeley. Everett Lufkin mentiu sobre o manual de pedidos de pagamento?

— Acho que não tenho que responder a essa pergunta.

— Responda à pergunta — diz Kipler, severamente. Durante uma pausa dolorosa, Keeley olha para mim. A sala está em silêncio. Todos os jurados esperam, olhando para ele. A verdade é óbvia, e resolvo ser generoso.

— Não pode responder, não é mesmo?, porque não pode admitir que um vice-presidente de sua companhia mentiu para esse júri.

— Protesto.

— Concedido.

— Sem mais perguntas.

— No momento não tenho perguntas para a testemunha, meritíssimo — diz Drummond. Evidentemente ele quer esperar que a poeira assente antes de chamar esse cara outra vez, quando fizer a defesa. Neste momento, Drummond quer tempo e distância entre Jackie Lemanczyk e nosso júri.



Kermit Aldy, vice-presidente do departamento de contratos, é a minha penúltima testemunha. Na verdade, não preciso de mais nenhuma testemunha, mas tenho que preencher o tempo que falta. São duas e meia do segundo dia de julgamento, e posso terminar facilmente nesta tarde. Quero que o júri vá para casa pensando em duas pessoas, Jackie Lemanczyk e Donny Ray Black.

Aldy está assustado e com poucas palavras, com medo de dizer mais do que o necessário. Não sei se ele foi para a cama com Jackie, mas neste momento todos os da Great Benefit são suspeitos. Sinto que o júri também pensa assim.

Passamos rapidamente pelos pontos básicos. O trabalho dos contratos é tão chato, que estou resolvido a fornecer ao júri um mínimo de detalhes. Aldy também é chato; portanto, combina com essa tarefa. Não quero perder o júri e por isso me apresso.

Então chega a hora de ligar o ventilador. Entrego a ele o manual que recebi durante a coleta de provas. É uma pasta verde e muito parecida com o manual de pedidos de pagamento. Nem Aldy nem Drummond nem ninguém sabe se eu tenho ou não uma cópia desse manual com a seção U.

Aldy olha para o manual como se nunca o tivesse visto antes, mas o identifica quando peço. Todos sabem qual vai ser a próxima pergunta.

— Este é o manual completo?

Ele folheia o manual lentamente, sem pressa. Evidentemente tem o benefício da experiência de Lufkin. Se disser que está completo e se eu apresentar a cópia emprestada por Cooper Jackson, ele estará morto. Se admitir que falta alguma coisa, terá que pagar o preço. Aposto que Drummond escolheu a segunda.

— Bem, vejamos. Parece completo, mas, não, espere um pouco. Falta uma seção no fim.

— Seria a seção U? — pergunto, incrédulo.

— Acho que sim. Sim.

Finjo surpresa.

— Por que cargas d'água alguém retiraria a seção U deste manual?

— Não sei.

— Sabe quem tirou?

— Não.

— Claro que não. Quem escolheu esta cópia para me ser entregue?

— Francamente, não lembro.

— Mas é evidente que a seção U foi retirada antes de me entregarem o manual?

— Não está aqui, se é isso que está querendo.

— O que estou querendo é a verdade, Mr. Aldy. Por favor, ajude-me. A seção U foi retirada antes de me entregarem este manual?

— Aparentemente foi.

— Isso quer dizer sim?

— Sim. A seção foi retirada.

— Concorde que o manual dos contratos é muito importante para as operações de seu departamento?

— É claro.

— Então, deve conhecê-lo muito bem.

— Sim.

— Nesse caso, seria fácil fazer um sumário para o júri dos pontos básicos da seção U, certo?

— Bem, não sei. Não consulto o manual há muito tempo.

Ele ainda não sabe se eu tenho uma cópia da seção U do manual dos contratos.

— Por que não tenta? Apenas um breve resumo da seção U para o júri.

Ele pensa um momento e depois explica que a seção é sobre um sistema de troca e comparação de dados entre a seção de pedidos e a de contratos. Os dois departamentos devem monitorar certos pedidos de pagamento. Para garantir a eficácia desse trabalho, é

necessária uma grande quantidade de documentos. Ele fala monotonamente, recupera um pouco de confiança, e, uma vez que eu ainda não mostrei uma cópia da seção U, acho que começa a acreditar que não a possuo.

— Então, o objetivo da seção U é garantir que cada pedido receba a atenção adequada.

— Sim.

Vou até minha mesa, tiro da caixa de papelão o manual e volto para ele.

— Então, vamos explicar isso ao júri — digo, dando a ele o manual completo.

Aldy afunda um pouco na cadeira. Drummond tenta manter um ar confiante mas não consegue.

A seção U do manual dos contratos é tão árida quanto a do manual de pedidos de pagamento, e, depois de embaraçar Aldy durante uma hora, chegou o momento de parar. O esquema foi delineado suficientemente para enfurecer o júri.

Drummond não tem perguntas. Kipler nos concede um recesso de quinze minutos, e Deck e eu aproveitamos para instalar os monitores.

Nossa última testemunha é Donny Ray Black. O meirinho diminui as luzes da sala e os jurados se inclinam para a frente, ansiosos para ver o rosto dele na tela de vinte polegadas. Nós abreviamos o tempo do depoimento para trinta e um minutos, e cada palavra dita com a voz fraca e rouca de Donny Ray é absorvida pelo júri.

Em vez de assistir ao tape pela centésima vez, sento ao lado de Dot e observo os jurados. Vejo muita simpatia. Dot enxuga o rosto com as costas das mãos. Quase no fim, tenho um nó na garganta.

A sala fica em completo silêncio por um minuto depois que a imagem desaparece da tela, e, antes do meirinho aumentar a luz, na penumbra quieta da sala ouve-se o choro doloroso de Dot.

Nós fizemos o maior estrago possível. Para mim o caso está ganho. O desafio agora consiste em não perdê-lo. As luzes se acendem, e eu anuncio solenemente: — Meritíssimo, a parte queixosa encerra a apresentação das provas.



Muito depois de o júri se retirar, Dot e eu ficamos sentados na

sala vazia e falamos sobre os testemunhos que ouvimos nesses dois dias. Ficou claramente provado que ela está certa, que eles estão errados, mas não há grande satisfação nesse fato. Ela será atormentada até o fim da vida porque não lutou com mais força quando ainda era tempo.

Ela me diz que não se importa com o que possa acontecer agora. Dot teve seu dia no tribunal. Gostaria de ir para casa e nunca mais voltar. Explico que não é possível. Estamos só na metade. Só mais alguns dias.

Estou curioso para saber o que Drummond vai tentar com sua defesa. Se ele trazer outros funcionários de Cleveland para explicar o critério usado para negar os pedidos de pagamento, vai enfrentar um desastre bem maior. Eu simplesmente vou mostrar a eles a seção U e fazer uma série de perguntas desagradáveis. Ao que sei, deve haver mais mentiras e mais tramas escondidas em algum lugar. O único meio de expor a companhia será um interrogatório completo e aberto.

Drummond tem dezoito possíveis testemunhas na sua lista. Não tenho ideia de quem ele vai chamar primeiro. Quando apresentei o caso, tive a vantagem de saber o que ia acontecer em seguida, qual seria a próxima testemunha, o próximo documento. Agora é diferente. Tenho de reagir na hora e muito depressa.

Telefonei tarde da noite para Max Leuberg, no Wisconsin, e conto com grande prazer os eventos dos dois dias. Ele me dá alguns conselhos e algumas opiniões sobre o que vai acontecer agora. Max fica extremamente entusiasmado e diz que talvez apanhe um avião para Memphis.

Ando de um lado para o outro até as três da manhã, falando sozinho e tentando imaginar o que Drummond vai fazer.



Tenho uma surpresa agradável. Cooper Jackson está sentado na sala do tribunal quando chego às oito e meia. Ele me apresenta a dois outros advogados, ambos de Raleigh, da Carolina do Norte. Voaram para Memphis só para assistir ao meu julgamento. Como vai indo, querem saber. Faço um resumo cauteloso do que já aconteceu. Um dos advogados esteve no tribunal na segunda-feira e assistiu à cena da seção U. Os três têm cerca de vinte casos até agora, anunciaram nos jornais e revistas, e os casos estão aparecendo de todos os lados. Eles pretendem dar entrada nos processos muito em breve.

Cooper me dá um jornal e pergunta se já o li. É o *Wall Street Journal*, com data de ontem, e traz na primeira página uma história sobre a Great Benefit. Digo a eles que há uma semana não leio

jornais, nem sei em que dia estamos. Eles conhecem essa sensação.

Leio rapidamente a reportagem. O assunto principal é o grande número de queixas contra a Great Benefit e a tendência da companhia a se negar a pagar os seguros. Vários estados estão investigando. Uma boa quantidade de processos está dando entrada nos tribunais. O último parágrafo diz que certo pequeno julgamento em Memphis está sendo observado porque pode produzir o primeiro veredicto substancial contra a companhia.

Mostro o jornal a Kipler no seu escritório, e ele não fica preocupado. Apenas vai perguntar aos jurados se leram a reportagem. Foram avisados de que não lessem jornais. Nós dois duvidamos que o Journal seja lido por um grande número dos nossos jurados.



A defesa chama em primeiro lugar André Weeks, um comissário assistente de seguros para o estado do Tennessee. Ele é um burocrata de alto nível no departamento de seguros, uma testemunha usada por Drummond. Seu papel consiste em posicionar o governo definitivamente do lado da defesa.

É um homem muito atraente, quarenta anos mais ou menos, terno branco, sorriso fácil, rosto honesto. Além disso, neste momento ele tem a grande vantagem de não trabalhar para a Great Benefit. Drummond faz uma porção de perguntas de ordem geral sobre os deveres de regulamentação do seu escritório, tenta dar a impressão de que esses rapazes estão vigiando com mão forte e muita severidade as indústrias de seguros, aplicando realmente o chicote. Uma vez que a Great Benefit é ainda uma grande companhia e bem-conceituada neste estado, é evidente que está mesmo se comportando muito bem. Do contrário, André e seus cães de guarda estariam atrás dela.

Drummond precisa de tempo. Precisa descarregar uma pequena montanha de testemunhos sobre os jurados para fazê-los talvez esquecer as coisas horríveis que ouviram. Ele não se apressa. Seus movimentos são lentos, ele fala devagar, como um professor idoso. E é muito bom. Dado outro conjunto de fatos, ele seria mortal.

Drummond entrega a Weeks a apólice dos Black, e passam meia hora explicando ao júri como cada apólice, sem exceção, precisa ser aprovada pelo departamento de seguros. Henry acentua a palavra

“aprovada”.

Como eu não estou de pé, posso passar mais tempo olhando à minha volta. Estudo os jurados, alguns dos quais olham para mim. Eles estão comigo. Vejo estranhos na sala, jovens que eu nunca vi antes, todos de terno. Cooper Jackson e seus amigos estão juntos na última fila, perto da porta. Temos menos de quinze espectadores. Por que alguém ia se interessar por um julgamento de direito civil?

Depois de uma hora e meia de um depoimento penosamente tedioso sobre as complexidades da regulamentação estadual do seguro, os jurados começam a “viajar”. Drummond não se importa. Quer desesperadamente estender este julgamento até a próxima semana. Um pouco antes das onze ele finalmente me entrega a testemunha, tendo matado eficazmente toda a parte da manhã. Fazemos um recesso de quinze minutos, e chega a minha vez de dar alguns tiros no escuro.

Weeks diz que no momento há mais de seiscentas companhias de seguro funcionando no estado, que seu escritório tem uma equipe de quarenta e uma pessoas, e dessas quarenta e uma apenas dezoito fazem a revisão das apólices de seguro. Com relutância, dá uma estimativa de pelo menos dez tipos diferentes de apólices em vigor, para cada companhia, de modo que há um mínimo de seis mil apólices registradas no departamento. E admite que as apólices são modificadas e têm cláusulas adicionadas com frequência.

Fazemos mais algumas contas e consigo enviar minha mensagem de que é impossível a qualquer unidade burocrática monitorar o oceano de letras miúdas criado pela indústria de seguros. Entrego a ele a apólice dos Black. Ele afirma que já leu, mas admite que só o fez em preparação para o julgamento. Faço uma pergunta sobre a *Weekly Accident Benefit* — Sem internação hospitalar. De repente a apólice parece mais pesada, e ele vira as páginas rapidamente, esperando encontrar a seção e disparar a resposta. Mas isso não acontece. Ele folheia para trás e para a frente, aperta os olhos e franze a testa, e finalmente diz que encontrou. A resposta é mais ou menos correta, e deixo passar. Então pergunto sobre o método apropriado para mudar os nomes dos beneficiados pela apólice e quase tenho pena dele. Ele estuda a apólice por um longo tempo, enquanto todos esperamos. Os jurados acham graça. Kipler dá um sorriso forçado. Drummond está fervendo, mas não pode fazer nada.

Ele nos dá uma resposta cuja correção não é importante. Meu ponto está marcado. Deixo os dois manuais verdes sobre minha mesa, como se Weeks e eu fôssemos trabalhar com eles outra vez. Todos estão atentos. Segurando o manual de pedidos de pagamento, pergunto se ele faz uma revisão periódica das demandas internas que estejam processando qualquer uma das companhias que ele

com tanto zelo regulamentar. Ele quer dizer que sim, mas evidentemente ouviu falar sobre a seção U e prefere dizer não, e eu, claro, fico extremamente chocada. Faço mais algumas perguntas sarcásticas e o deixo escapar do anzol. O prejuízo está feito e devidamente registrado.

Pergunto se ele sabe que o Comissariado de Seguros da Flórida está investigando a Great Benefit. Ele não sabe. E o da Carolina do Sul? Não, isso também é novidade para ele. E o da Carolina do Norte? Parece que ouviu falar alguma coisa, mas não viu nada. Kentucky? Georgia? Não, e para os autos ele na verdade não se preocupa com o que os outros estados estão fazendo. Agradeço a ele por isso.



A testemunha seguinte de Drummond é outro indivíduo que por muito pouco não trabalha para a Great Benefit. Seu nome é Payton Reisky, e seu título impressionante é diretor executivo e presidente da Aliança Nacional de Seguros. Tem a aparência e os modos de uma pessoa muito importante. Logo ficamos sabendo que sua unidade é uma organização política com sede em Washington, fundada por companhias de seguros para ser sua porta-voz junto ao Congresso. Não passa de um bando de lobistas, sem dúvida com um orçamento folheado a ouro. Eles fazem uma porção de coisas maravilhosas, ficamos sabendo, tudo para promover as práticas justas do seguro.

Essa pequena introdução continua por longo tempo. Começa à uma e meia da tarde, e às duas horas estamos convencidos de que a ANS está prestes a salvar a humanidade. Que gente fabulosa!

Reisky está há trinta anos no negócio, e logo compartilhamos seu currículo e seu pedigree. Drummond quer que ele seja qualificado como especialista no campo da prática e procedimentos referentes aos pedidos de pagamento de seguro. Não faço nenhuma objeção. Estudei seu testemunho em outro julgamento e acho que posso com ele. Seria necessário um especialista excepcionalmente bem-dotado para fazer com que a seção U parecesse uma coisa boa.

Praticamente sem precisar de nenhum estímulo, ele nos conduz através de uma completa lista de procedimentos para tratar dos pedidos de pagamento de seguro. Drummond balança a cabeça gravemente, concordando, como se os dois estivessem realmente

dando um banho na oposição. Adivinhem! A Great Benefit agiu exatamente como manda o regulamento neste caso. Um ou dois pequenos enganos, talvez, mas, que diabo!, é uma companhia grande, com muitos pedidos de pagamento. Não houve nenhum desvio importante do que é considerado razoável.

O ponto principal das opiniões de Reisky é que a Great Benefit tinha todo o direito de negar esse pedido por causa da sua magnitude. Ele explica ao júri, com toda a seriedade, como uma apólice que custa dezoito dólares por semana não pode razoavelmente cobrir o transplante que custa duzentos mil dólares. O objetivo de uma apólice paga em prestações é fornecer as necessidades básicas, nada mais.

Drummond aborda o assunto dos manuais e das seções removidas. Um fato infeliz, acha Reisky, mas não importante. Os manuais vêm e vão, em estado de perpétua modificação, geralmente ignorados pelos experientes funcionários encarregados dos pedidos de pagamento porque eles sabem o que estão fazendo. Mas, uma vez que se tornou um assunto importante, vamos falar a respeito. Ele pega avidamente o manual dos pedidos de pagamento e explica ao júri várias seções. Está tudo aqui, preto no branco. Tudo funciona maravilhosamente!

Passam dos manuais para os números. Drummond pergunta se ele teve oportunidade de estudar as informações a respeito das apólices, pedidos de pagamento e negativas. Reisky balança a cabeça afirmativamente, muito sério, e depois recebe os impressos das mãos de Drummond.

Great Benefit sem dúvida teve um grande índice de negativas em 1991, mas há razões para isso. Não é um fato raro no setor. E podemos sempre confiar nos números. Na verdade, se examinarmos os últimos dez anos, a média de negativas da Great Benefit está um pouco abaixo de doze por cento, certamente dentro da média do ramo de seguros. Números seguem-se a números, e logo estamos confusos, exatamente o que Drummond pretende.

Reisky desce da cadeira das testemunhas e começa a apontar aqui e ali num gráfico colorido. Ele fala para o júri como um orador hábil, e fico imaginando com que frequência faz isso. Os números estão perfeitamente abaixo da média.

Kipler misericordiosamente nos concede um descanso às três e meia. Aproveito para conversar no corredor com Cooper Jackson e seus amigos. São todos advogados veteranos de julgamentos e muito dispostos a dar conselhos. Concordamos que Drummond está fazendo hora, esperando o fim de semana.

Durante a sessão da tarde, não digo uma única palavra. Reisky fala até tarde e termina com uma variedade de opiniões sobre como

tudo deve ser feito. A julgar pelas caras dos jurados, estão felizes porque o homem acabou. Eu agradeço o pouco tempo extra para me preparar para a reinquirição.



Deck e eu jantamos agradável e demoradamente com Cooper Jackson e mais três advogados num antigo restaurante italiano chamado Grisanti's. Big John Grisanti, o pitoresco proprietário, nos cede uma sala particular chamada Camarote da Imprensa. Ele nos serve um vinho maravilhoso que não pedimos e nos diz exatamente o que devemos comer.

O vinho é repousante, e pela primeira vez em muitos dias me sinto quase completamente livre da tensão. Talvez eu consiga dormir bem esta noite.

A conta é de quatrocentos dólares, e é imediatamente confiscada por Cooper Jackson. Ainda bem. A firma de advocacia Rudy Baylor pode estar prestes a ganhar muito dinheiro, mas no momento continua quebrada.

Segundos depois de Payton Reisky sentar no banco das testemunhas, segunda-feira de manhã, bem cedo, peço a ele que leia a minha cópia da Carta Burra. Depois pergunto:

— Muito bem, senhor Reisky, na sua opinião de entendido, esta é uma resposta justa e razoável da Great Benefit?

Ele foi avisado com antecedência.

— É claro que não. Isso é terrível.

— Chocante, não acha?

— Sim. E, ao que sei, o autor dessa carta não trabalha mais para a companhia.

— Quem lhe disse isso? — pergunto muito desconfiado.

— Bem, não tenho certeza. Alguém na companhia.

— Essa pessoa desconhecida disse também por que o senhor Krokit não trabalha mais para a companhia?

— Não tenho certeza. Talvez algo a ver com a carta.

— Talvez? O senhor tem certeza ou é apenas uma suposição?

— Na verdade, não tenho certeza.

— Muito obrigado. Essa pessoa desconhecida disse ao senhor que o senhor Krokit deixou a companhia dois dias antes da data marcada para seu depoimento sobre este caso?

— Acho que não.

— O senhor não sabe por que ele saiu, não é isso?

— Não, eu não sei.

— Ótimo. Pensei que estivesse tentando insinuar para o júri que ele saiu da companhia por ter escrito esta carta. Não estava tentando fazer isso, estava?

— Não.

— Obrigado.

Ontem à noite, tomando vinho, resolvemos que seria um erro atacar Reisky com os manuais. Várias são as razões para esse raciocínio. A primeira é que a evidência já foi apresentada ao júri. A segunda é que os manuais foram apresentados de modo dramático e eficaz, isto é, apanhamos Lufkin mentindo como um desesperado. A terceira, Reisky é muito articulado e mais difícil de ser apanhado. Quarta, ele teve tempo de se preparar para este assalto e vai fazer um trabalho muito melhor com suas respostas. A quinta razão é que ele vai aproveitar a oportunidade para confundir o júri. E a mais importante: vai levar tempo. Seria fácil passar o dia discutindo com Reisky sobre os manuais e sobre os dados estatísticos. Eu mataria um dia, e isso não adiantaria nada no processo.

- Quem paga seu salário, Mr. Reisky?
- Minha empregadora, a Aliança Nacional de Seguros.
- Quem subvenciona a ANS?
- O setor de seguros.
- A Great Benefit contribui para a ANS?
- Sim.
- Com quanto?

Ele olha para Drummond, que já está de pé.

- Protesto, meritíssimo, isso é irrelevante.
- Negado. Acho relevante.
- Com quanto, Mr. Reisky? — repito, delicadamente. É evidente que ele não quer dizer, e diz aborrecido:
- Dez mil dólares por ano.
- Então pagam mais do que pagaram a Donny Ray Black.
- Protesto!
- Concedido.
- Desculpe, meritíssimo. Retiro o comentário.
- Peço que seja excluído dos autos, meritíssimo — diz Drummond, furioso.

- A corte assim ordena.

Fazemos uma pausa para acalmar os ânimos.

— Desculpe, Mr. Reisky — digo, humildemente, com um ar de genuíno arrependimento. — Todo o seu dinheiro vem das companhias de seguro?

- Não temos outra fonte de renda.
- Quantas companhias de seguro contribuem para a ANS?
- Duzentas e vinte.
- E qual foi o total das contribuições no ano passado?
- Seis milhões de dólares.
- E usam esse dinheiro para fazer lobby?
- Fazemos um pouco de lobby, sim.
- Está sendo pago para testemunhar neste julgamento?
- Não.
- Por que está aqui?

— Porque fui procurado pela Great Benefit. Pediram-me que testemunhasse. — Viro-me lentamente e aponto Dot Black.

— E Mr. Reisky, pode olhar para Mrs. Black, olhar diretamente nos olhos dela e dizer a ela que o pedido de pagamento do seu filho foi tratado com justiça e adequadamente pela Great Benefit?

Ele leva um ou dois segundos para olhar diretamente para Dot, mas não tem escolha. Faz que sim com a cabeça e diz, secamente:

- Sim, claro que foi.

É claro que planejei isso. Queria que fosse um fim teatral para o testemunho de Reisky, mas não esperava que fosse tão engraçado.

Mrs. Beverdee Hardaway, uma mulher negra, forte, de cinquenta e um anos, a jurada número três, sentada no meio da primeira fila, ri alto da resposta de Reisky. É uma explosão brusca de riso, espontânea, que ela abafa o mais depressa possível. Ela cobre a boca com as duas mãos. Cerra os dentes e olha em volta assustada para ver o estrago que provocou. Mas seu corpo continua estremeando levemente.

Infelizmente para Mrs. Hardaway, e abençoadamente para nós, seu riso é contagioso. Mr. Ramon Pelk, sentado diretamente atrás dela, começa a rir por alguma coisa. O mesmo acontece com Mrs. Ella Faye Salter, que está ao lado de Mrs. Hardaway, como se ela fosse ainda a fonte desse comportamento reprovável. Outros olham diretamente para Reisky e balançam a cabeça com humor incrédulo.

Reisky supõe o pior, como se ele fosse o motivo de tanto riso. Abaixa a cabeça e olha para o chão. Drummond simplesmente ignora o que está acontecendo, mas tenho certeza de que deve ser doloroso para ele. Nenhum rosto é visível no seu grupo de jovens águias. Todos os narizes estão enfiados em pastas e livros. Aldy e Underhall examinam as próprias meias.

Kipler mal pode conter o riso. Concede um pequeno momento de comédia e, quando o riso começa a diminuir, bate o martelo, como para registrar oficialmente o fato de que o júri achou graça do testemunho de Payton Reisky.

Tudo acontece rapidamente. A resposta ridícula, a explosão de riso, a tentativa de o conter, as risadas abafadas, as cabeças balançando céticas, tudo isso não dura mais que alguns segundos. Percebo certo alívio da parte de alguns jurados. Eles querem rir, expressar sua incredulidade e, fazendo isso, por um segundo, podem dizer a Reisky e à Great Benetit exatamente o que pensam sobre o que estão ouvindo.

Embora muito breve, o momento vale ouro. Sorrio para os jurados. Eles sorriem para mim. Acreditam em tudo que minhas testemunhas disseram, em nada do que disseram as testemunhas de Drummond.

— Nada mais, meritíssimo. — O tom da minha voz diz que estou farto desse miserável mentiroso.

É uma surpresa para Drummond. Ele estava certo de que eu ia passar o resto do dia torturando Reisky com os manuais e as estatísticas. O grande Leo mexe nos papéis sobre a mesa, troca algumas palavras em voz baixa com T. Pierce, levanta-se e diz:

— Nossa próxima testemunha é Richard Pellrod.

Pellrod era o chefe de Jackie Lemancyzk no departamento de estudo dos pedidos de pagamento. Foi uma testemunha terrível durante seu depoimento, a própria imagem da arrogância, mas não

me surpreende o fato de ser chamado para depor. Eles precisam jogar um pouco de lama em Jackie. Pellrod era seu chefe imediato.

Ele tem quarenta e seis anos, altura média, uma pequena barriga de bebedor de cerveja, traços irregulares, a pele manchada pela idade, e usa óculos de idiota. O pobre homem não é nada atraente, mas, ao que parece, isso não o incomoda. Se ele disser que Jackie Lemancyzk não passava de uma prostituta que tentou seduzi-lo, aposto que o júri vai rir de novo.

Pellrod tem o gênio irascível que se pode esperar de alguém que trabalha há vinte anos no departamento de pedidos de pagamento. Apenas um pouco mais amistoso do que um cobrador, ele simplesmente não consegue transmitir ao júri nenhum sentimento de calor humano ou confiança. É um rato do mais baixo nível, que provavelmente trabalha no mesmo cubículo desde que tem lembrança.

E é o melhor que eles têm! Não podem trazer de volta Lufkin, Aldy ou Keeley porque já perderam toda a credibilidade junto ao júri. Drummond tem meia dúzia de nomes de altos funcionários da sede em Cleveland, mas duvido que chame alguns deles para testemunhar. O que podem dizer? Os manuais não existem? A companhia não mente nem esconde documentos?

Drummond e Pellrod trocam perguntas e respostas durante meia hora seguindo um *script* bem ensaiado, mais descrições monótonas de como funciona o departamento de pedidos de pagamento, mais esforços heroicos da Great Benefit para tratar com justiça seus segurados, mais bocejos do júri.

O juiz Kipler resolve intervir na chateação. Ele interrompe o diálogo monótono dizendo:

— Mr. Drummond, podemos seguir adiante? Drummond parece chocado e ofendido.

— Mas, meritíssimo, tenho o direito de fazer um exame completo da testemunha.

— Certamente. Porém a maior parte do que ele disse até agora já foi dita para o júri. É repetitivo.

Drummond simplesmente não pode acreditar. Com ar incrédulo, tenta em vão sugerir que o juiz está contra ele.

— Não me lembro de ouvi-lo dizer ao advogado da queixosa que se apressasse.

Drummond não devia ter dito isso. Ele está tentando prolongar o incidente e comprando briga com o juiz errado.

— Isso foi porque Mr. Baylor manteve o júri acordado, Mr. Drummond. Agora, procure se apressar.

A explosão de riso de Mrs. Hardaway e os acessos de riso que ela provocou serviram para diminuir a tensão dos jurados. Estão mais

animados agora, prontos para rir à custa da defesa.

Drummond olha furioso para Kipler, como quem promete resolver o assunto mais tarde, lá fora. Depois volta para Pellrod, que está sentado como um sapo, olhos semicerrados, a cabeça inclinada para o lado. Foram cometidos erros, admite Pellrod, numa fraca tentativa de demonstrar remorso, mas nada de importante. E, acreditem ou não, a maior parte dos erros pode ser atribuída a Jackie Lemancyzk, uma jovem muito perturbada.

De volta ao caso Black por alguns momentos, e Pellrod fala sobre alguns documentos menos condenatórios. Em momento algum chega a falar das cartas de negação, mas passa um tempo enorme descrevendo procedimentos irrelevantes e sem importância.

— Mr. Drummond — interrompe-o Kipler, com severidade. — Pedi ao senhor que apressasse o interrogatório. Esses documentos já foram apresentados como evidência para serem examinados pelo júri. Esse assunto já foi esclarecido por outras testemunhas. Agora, siga em frente.

Isso magoa os sentimentos de Drummond. Ele está sendo censurado e provocado por um juiz injusto. Leva algum tempo para se controlar. O nível do seu desempenho teatral está muito baixo.

Ele resolve lançar mão de uma nova estratégia com relação ao manual dos pedidos de pagamento. Pellrod diz que não passa de um livro, nem mais nem menos. Ele, pessoalmente, há anos nem olha para ele. O livro é mudado com tanta frequência, que os funcionários mais experientes o ignoram. Não significa coisa alguma para ele. Não significa coisa alguma para muitos dos funcionários que trabalham sob sua supervisão. Ele, pessoalmente, não conhece nenhum funcionário do seu departamento que dê importância ao manual.

Então como são tratados os pedidos de pagamento? Pellrod, conduzido por Drummond, parte de um pedido hipotético e caminha com ele pelos canais normais. Passo a passo, de formulário a formulário, de memorando a memorando, ele abusa do direito de ser chato. Lester Days, jurado número oito, na última fila, está cochilando. Todos bocejam, controlam as pálpebras pesadas, tentam em vão ficar acordados.

Isso não passa despercebido.

Se Pellrod está desapontado por não conseguir a atenção do júri, não o demonstra. Sua voz não muda, sua pose continua a mesma. Ele termina com algumas revelações alarmantes sobre Jackie Lemancyzk. Todos sabiam que Jackie tinha problemas de bebida e que muitas vezes chegava ao trabalho cheirando a álcool. Ela faltava mais ao trabalho do que os outros funcionários do departamento. Foi ficando cada vez mais irresponsável, e sua

demissão era inevitável. E as suas aventuras sexuais?

Pellrod e a Great Benefit precisam tomar cuidado nesse ponto porque o assunto será discutido novamente em outro tribunal. Tudo o que for dito a respeito constará dos autos e será guardado para uso futuro. Assim, em vez de fazer dela uma prostituta que dormia com todo o mundo, Drummond sensatamente prefere um nível mais alto.

— Na verdade, não sei coisa alguma sobre isso — diz Pellrod, marcando um pequeno ponto a seu favor com o júri.

Eles matam mais algum tempo, e é quase meio-dia quando Pellrod me é entregue. Kipler quer fazer um recesso para almoço, mas eu garanto que não vou demorar. Ele concorda, com relutância.

Começo entregando a Pellrod uma cópia de uma carta de negação assinada por ele e enviada a Dot Black. Era a quarta negação, baseada no fato de a leucemia de Donny Ray ser uma condição preexistente. Eu o fiz ler a carta para o júri e admitir que foi escrita por ele. Permito que tente explicar por que mandou a carta, mas, é claro, não há explicação possível. A carta era um assunto particular entre Pellrod e Dot Black, não destinada a ser vista por qualquer outra pessoa, certamente não para ser lida neste tribunal.

Ele fala sobre um formulário preenchido por engano por Jackie e sobre um mal entendido com o senhor Krokit, e, bem, que diabo!, a coisa toda não passou de um engano. E ele sente muito.

— É um pouco tarde para se preocupar, não acha?

— Suponho que sim.

— Quando o senhor mandou essa carta, não sabia que iam ser enviadas mais quatro cartas negando o pedido, sabia?

— Não.

— Portanto, esta carta devia ser a carta final de negação de pagamento para a senhora Black, certo?

A carta contém a expressão “negativa final”.

— Suponho que sim.

— O que provocou a morte de Donny Ray Black?

Ele dá de ombros.

— Leucemia.

— E que condição médica foi citada no pedido de pagamento?

— Leucemia.

— Nesta carta, qual a condição preexistente citada pelo senhor?

— Gripe.

— E quando ele teve gripe?

— Não tenho certeza.

— Posso pegar a requisição se quiser examiná-la comigo.

— Não, tudo bem. — Qualquer coisa para não estudar o dossiê.

— Acho que quando ele tinha quinze ou dezesseis anos.

— Então, ele teve uma gripe aos quinze ou dezesseis anos, antes da emissão da apólice, e a gripe não foi mencionada no requerimento inicial.

— Exatamente.

— Muito bem, senhor Pellrod, com sua vasta experiência no departamento de pedidos de pagamento, soube de algum caso em que uma gripe tenha sido relacionada de algum modo com o aparecimento da leucemia cinco anos mais tarde?

Só há uma resposta, mas ele não pode dar.

— Acho que não.

— Isso quer dizer não?

— Sim, quer dizer não.

— Então a gripe não tinha nada a ver com a leucemia, tinha?

— Não.

— Então, mentiu na sua carta, não mentiu?

É claro que ele mentiu na carta e vai mentir agora se disser que não mentiu. O júri vai saber. Ele está encurralado, mas Drummond teve bastante tempo para trabalhar com ele.

— A carta foi um engano — diz Pellrod.

— Uma mentira ou um engano?

— Um engano.

— Um engano que ajudou a matar Donny Ray Black?

— Protesto! — ruge Drummond da sua cadeira.

Kipler pensa por um segundo. Eu esperava o protesto e espero que seja concedido. Mas o juiz não pensa assim.

— Negado. Responda à pergunta.

— Eu gostaria que constasse dos autos que protesto contra toda essa linha de interrogatório — diz Drummond, muito zangado.

— Seu pedido está anotado. Por favor, responda à pergunta, Mr. Pellrod.

— Foi um engano, é tudo o que posso dizer.

— Não uma mentira?

— Não.

— E o que me diz de seu testemunho perante este júri? Está cheio de mentiras ou de enganos?

— Nenhum dos dois.

Viro-me, aponto Dot Black, depois olho para a testemunha.

— Mr. Pellrod, como chefe do departamento de estudo dos pedidos de pagamento, pode olhar nos olhos de Mrs. Black e dizer a ela que o pedido de seu filho foi tratado com justiça por seu escritório? Pode fazer isso?

Ele desvia os olhos, muda de posição na cadeira, franze a testa e olha para Drummond para instruções. Pigarreia, tenta parecer

ofendido e diz:

— Acho que não podem me obrigar a fazer isso.

— Muito obrigado. Sem mais perguntas.

Termino em menos de quinze minutos, e a defesa se afoba. Eles pensaram que eu ia passar o dia todo com Reisky, depois dedicar o dia de amanhã a Pellrod. Mas não quero perder tempo com esses palhaços. Quero ficar com o júri.



Kipler determina um receso de duas horas para almoço. Chamo Leo a um lado e entrego a ele uma lista de seis testemunhas adicionais.

— Que diabo é isso? — pergunta.

— Seis médicos, todos de Memphis, todos oncologistas, todos dispostos a testemunhar se você chamar seu charlatão para depor.

Walter Kord está furioso com a estratégia de Drummond de descrever o transplante de medula como experimental. Usou todo o seu poder de persuasão para convencer seus sócios e amigos a testemunhar.

— Ele não é um charlatão.

— Você sabe que é. Ele é um doido de Nova York ou outro lugar qualquer. Eu tenho seis médicos locais na minha lista. Chame seu curandeiro. Vai ser divertido.

— Essas testemunhas não constam da ordem de prejulgamento. É uma surpresa injusta.

— São testemunhas de refutação. Vá choramingar para o juiz, está bem?

Eu o deixo sentado no banco, olhando para a minha lista.



Depois do almoço, antes de Kipler reabrir a sessão, converso ao lado da minha mesa com o Dr. Kord e dois dos seus colegas. O Dr. Milton Jiffy, o charlatão de Drummond, está sentado sozinho no

centro da primeira fila. Enquanto os advogados se preparam para a sessão da tarde, chamo Drummond e o apresento aos colegas do Dr. Kord. É um momento embaraçoso. Drummond está visivelmente nervoso com a presença deles. Os três sentam na primeira fila, atrás de mim. Os cinco rapazes da Trent Brent não podem fazer mais do que assistir.

O júri entra na sala, e Drummond chama Jack Underhall para testemunhar. Ele faz o juramento, senta e sorri idiotamente para o júri. Os jurados estão olhando para ele há três dias, e não compreendo como Drummond pode pensar que vão acreditar nesse cara.

Seus objetivos logo ficam claros. É tudo sobre Jackie Lemanczyk. Ela mentiu sobre os dez mil dólares em dinheiro. Mentiu quando disse que assinou o compromisso, porque não há nenhum compromisso. Mentiu sobre o esquema de negação dos pedidos de pagamento. Mentiu quando disse que fez sexo com os chefes da companhia. Mentiu até mesmo quando disse que a companhia se negou a pagar seu seguro-saúde. Underhall começa com um tom de voz levemente simpático, que logo se torna áspero e vindicativo. É impossível dizer essas coisas horríveis com um sorriso, mas ele parece especialmente ansioso para atacá-la duramente.

É uma manobra ousada e arriscada. O fato desse bandido acusar alguém de estar mentindo é evidentemente irônico. Eles resolveram que esse julgamento é muito mais importante do que qualquer coisa que Jackie possa fazer depois. Aparentemente Drummond está disposto a arriscar a alienação total do júri, na esperança de criar confusão suficiente para turvar as águas. Talvez acredite que tenha pouco a perder com esse ataque nojento a uma jovem que não está presente e não pode se defender.

O desempenho de Jackie no trabalho era péssimo, diz-nos Underhall. Estava bebendo e tinha problemas de relacionamento com os companheiros de escritório. Alguma coisa tinha de ser feita. Eles ofereceram a oportunidade de se demitir para não prejudicar seu currículo profissional. Não teve nada a ver com o fato de ser chamada para prestar depoimento, nada a ver com o caso Black.

Seu testemunho é notavelmente breve. Eles esperam tirá-lo do banco das testemunhas sem grandes danos para a defesa. Não posso fazer muita coisa a não ser esperar que o júri o despreze tanto quanto o desprezo. Ele é um advogado, não uma pessoa com quem quero medir forças.

— Mr. Underhall, a sua companhia tem fichas individuais de todos os empregados? — pergunto, com a maior cortesia.

— Sim, temos.

— Tinham a ficha de Jack Lemanczyk?

- Tínhamos.
- Está com o senhor?
- Não, senhor.
- Onde está?
- No escritório, suponho.
- Em Cleveland?
- Sim. No escritório.
- Então não podemos examiná-la?
- Não está comigo, certo? E não me disseram que a trouxesse.
- A ficha inclui avaliação do desempenho e coisas assim?
- Inclui.
- Se um empregado for repreendido ou rebaixado, ou

transferido, isso vai constar da sua ficha?

- Sim.
- A ficha de Jackie tem alguma anotação desse tipo?
- Suponho que sim.
- Sua ficha contém sua carta de demissão?
- Sim.

— Mas temos de acreditar na sua palavra sobre o que está na ficha, certo?

- Não me disseram que trouxesse a ficha, Mr. Baylor.
- Verifico minhas notas.

— Mr. Underhall, tem uma cópia do compromisso que Jackie assinou quando entregou a ela o dinheiro e ela prometeu nunca falar a respeito?

- Acho que não ouve muito bem.
 - Como disse?
 - Acabei de dizer que não existiu nenhum compromisso.
 - Está dizendo que não existe?
- Ele balança a cabeça enfaticamente.
- Nunca existiu. Ela está mentindo.

Fingindo surpresa, vou até minha mesa, que está coberta de papéis. Encontro o que quero, leio rapidamente sob os olhares atentos de todos, e volto para a testemunha com ele na mão. Underhall empertiga o corpo e olha desesperado para Drummond, que está com os olhos pregados no papel que tenho na mão. Estão pensando na seção U! Baylor fez outra vez! Ele encontrou os documentos escondidos e nos pegou mentindo.

— Mas Jackie Lemancyzk foi bem específica quando disse ao júri o que foi obrigada a assinar. Está lembrado das declarações dela? — Balanço o papel no ar.

— Sim, ouvi o testemunho dela — diz, em tom um pouco mais alto e tenso.

- Jackie Lemancyzk disse que você entregou a ela dez mil

dólares em dinheiro e a obrigou a assinar o documento. Lembra-se disso? — Olho para o papel, como se estivesse lendo. Jackie me disse que a quantia total em dólares estava no primeiro parágrafo do documento.

— Sim, eu ouvi. — Ele olha para Drummond.

Underhall sabe que eu não tenho uma cópia do documento porque ele escondeu muito bem o original. Mas não tem certeza. Coisas estranhas acontecem. Como diabo eu consegui cópias das seções U?

Ele não pode admitir que existe o compromisso. E também não pode dizer que não existe. Se negar, eu apresento uma cópia, e o prejuízo só poderá ser estimado quando o júri der o veredicto. Ele se remexe inquieto na cadeira, enxuga o suor da testa.

— E não tem uma cópia do processo para mostrar ao júri? — pergunto, balançando o papel.

— Não, não tenho. Não existe esse documento.

— Tem certeza? — pergunto, passando o dedo na borda do papel, e dobrando-o.

— Tenho certeza.

Olho para ele por alguns segundos, saboreando seu sofrimento. Os jurados nem pensam em dormir. Esperam a descida do machado, esperam que eu mostre o documento para vê-lo desmoronar.

Mas eu não posso. Balanço mais uma vez o papel e o jogo teatralmente na minha mesa.

— Sem mais perguntas.

Underhall recomeça a respirar, aliviado. Evitei um ataque cardíaco. Ele salta da cadeira das testemunhas e sai da sala.

Drummond pede cinco minutos de recesso. Kipler resolve que o júri precisa de mais e nos dá quinze.



A estratégia da defesa de alongar o exame das testemunhas e confundir o júri não está funcionando. Os jurados riram de Reisky e dormiram durante o testemunho de Pellrod. Underhall quase foi um desastre fatal porque Drummond estava apavorado com a ideia de que eu pudesse apresentar o documento que seu cliente afirmava não existir.

Para Drummond, chega. Ele vai confiar agora num forte argumento final, algo que ele possa controlar. Depois do recesso, ele

anuncia que a defesa encerrou a apresentação das testemunhas.

O julgamento está quase no fim. Kipler marca as argumentações finais para sexta-feira, às nove horas da manhã. Promete aos jurados que às onze horas entregará o caso a eles.

Muito depois da saída do júri, e muito depois de Drummond e sua equipe saírem apressadamente para seus escritórios e para uma outra sessão embaraçosa de “o que saiu errado”, sentamos em volta da minha mesa, na sala do tribunal, e falamos sobre o que vai acontecer amanhã. Cooper Jackson e os dois advogados de Raleigh, Hurley e Grunfeld, têm o cuidado de não dar muitos conselhos não-pedidos, mas gosto de ouvir suas opiniões. Todos sabem que é o meu primeiro julgamento. Parecem surpresos com o trabalho que realizei. Estou cansado, ainda bastante nervoso e encarando com muito realismo o que aconteceu até agora. Recebi um maravilhoso conjunto de fatos, um acusado podre, mas muito rico, um juiz incrivelmente simpático à minha causa e um golpe de sorte após outro durante o julgamento. Tenho também um júri maravilhoso, mas que ainda tem de provar seu desempenho.

Eles acham que daqui para a frente meus casos só podem ser piores do que este. Estão convencidos de que o veredicto será de sete dígitos. Jackson julgou esse tipo de caso durante onze anos antes de conseguir seu primeiro veredicto de um milhão de dólares.

Contam várias histórias para estimular minha confiança. É uma tarde agradável para mim. Deck e eu vamos trabalhar a noite toda, mas neste momento saboreio o conforto de mentes irmãs que desejam sinceramente que eu acabe com a Great Benefit.

Jack está um pouco desapontado com as notícias da Flórida. Um advogado precipitou-se e entrou com quatro processos contra a Great Benefit esta manhã. Eles acham que ele ia entrar para seu grupo de ação de classe, mas evidentemente a cobiça foi mais forte. A partir de hoje, esses três advogados têm dezenove queixas contra a Great Benefit e pretendem dar entrada nos processos na próxima semana.

Estão torcendo por mim. Querem nos oferecer um jantar, mas temos muito trabalho para fazer. A última coisa que preciso esta noite é de um lauto jantar com vinho e aperitivos.



refrigerante. Faço Deck sentar numa cadeira no meu escritório, e ensaiamos minha argumentação final para o júri. Memorizei tantas versões, que estou misturando todas. Escrevo num pequeno quadro-negro os números importantes. Peço espírito de justiça, mas ao mesmo tempo peço uma quantia absurda. Deck interrompe várias vezes, e discutimos como crianças.

Nenhum de nós jamais apresentou uma argumentação para o júri, mas ele já viu mais do que eu e é claro que é o entendido. Em certos momentos, sinto-me invencível, completamente arrogante, porque consegui chegar até aqui em perfeita forma. Deck percebe essa minha disposição e trata de cortá-la pela raiz. Não cansa de me lembrar que o caso ainda está para ser ganho ou perdido amanhã de manhã.

Porém, na maior parte do tempo, estou simplesmente apavorado. Posso controlar o medo, mas ele nunca me deixa. E o que me motiva e me inspira a continuar, mas vou ficar feliz quando não o sentir mais.

Apagamos as luzes do escritório e vamos para casa. Tomo uma cerveja para me ajudar a dormir, e funciona. Um pouco depois das onze, adormeço com visões de sucesso dançando na minha cabeça.



Menos de uma hora depois, o telefone toca. É uma voz desconhecida de mulher, jovem e ansiosa.

— Você não me conhece, mas sou amiga de Kelly — diz ela, quase num murmúrio.

— O que aconteceu? — pergunto, acordando imediata mente.

— Kelly está com problemas. Precisa da sua ajuda.

— O que aconteceu?

— Ele a espancou outra vez. Chegou em casa bêbado, como das outras vezes.

— Quando? — Estou em pé, no escuro, ao lado da cama, tentando encontrar o interruptor.

— Ontem à noite. Ela precisa da sua ajuda, Mr. Baylor.

— Onde ela está?

— Aqui comigo. Depois que a polícia levou Cliff, ela foi a uma clínica de emergência. Felizmente não tem nada quebrado. Eu a apanhei na clínica, e ela está escondida na minha casa.

— Qual a gravidade dos ferimentos?

— Bastante graves, mas nada quebrado. Cortes e equimoses.

Anoto o nome e o endereço dela, desligo e me visto apressadamente. É um grande conjunto de blocos de apartamentos no subúrbio, não muito longe da casa de Kelly, e passo por várias entradas de mão única até encontrar o prédio.

Robin, a amiga, abre a porta sem tirar a corrente de segurança, e tenho de me identificar antes de ser admitido. Ela me agradece por ter vindo. Robin também não passa de uma menina, provavelmente divorciada e trabalhando por pouco mais que o salário mínimo. Entro na pequena sala de móveis alugados. Kelly está sentada no sofá com uma bolsa de gelo na cabeça.

Não parece a mulher que eu conheço. O olho esquerdo está completamente fechado, a pele começando a ficar azul. Acima do olho há um curativo manchado de sangue. O rosto está inchado. O lábio inferior está cortado e grotescamente inchado. Ela está com uma camiseta comprida, nada mais, e há grandes equimoses nas duas coxas e acima dos joelhos.

Eu me inclino e a beijo na testa; depois sento numa banqueta de frente para ela. Uma lágrima aparece no olho direito.

— Obrigada por vir — murmura ela, a dicção prejudicada pelo rosto inchado e os lábios machucados. Bato de leve com a mão no joelho dela. Ela acaricia as costas da minha mão.

Eu poderia matá-lo.

Robin senta ao lado dela e diz:

— Ela não precisa falar, certo? O médico recomendou o mínimo de movimento. Desta vez ele usou os punhos, não encontrou o taco de beisebol.

— O que aconteceu? — pergunto para Robin, mas olhando para Kelly.

— Foi uma briga por causa do cartão de crédito. Precisavam pagar as contas do Natal. Ele tinha bebido muito. O resto você sabe.

— A narrativa é rápida e desconfio que Robin tenha alguma experiência no assunto. Ela não usa aliança. — Eles brigam. Como sempre, ele ganha, os vizinhos chamam os tiras. Ele vai para a cadeia, ela vai para o médico. Quer uma Coca ou algo assim?

— Não, obrigado.

— Eu a trouxe para cá ontem à noite, e esta manhã a levei a um centro para vítimas de violência, no centro da cidade. Ela falou com uma conselheira, que deu uma porção de folhetos e disse o que devia fazer. Estão ali, se quiser ler. Em resumo, mandam pedir divórcio e fugir o mais depressa possível.

— Eles a fotografaram? — pergunto, acariciando o joelho dela.

Kelly faz que sim com a cabeça. As lágrimas descem do olho inchado.

— É, tiraram uma porção de fotos. Mas tem muita coisa que você pode ver. Mostre para ele, Kelly. É o seu advogado. Ele precisa ver.

Ela se levanta cautelosamente, com a ajuda de Robin, dá as costas para mim e levanta a camiseta acima da cintura. Não tem nada por baixo e não ser equimoses nas nádegas e nas costas. A camiseta desce, e ela senta cuidadosamente no sofá.

— Ele usou um cinto — explica Robin. — Segurou Kelly sobre os joelhos e bateu até não poder mais.

— Você tem um lenço de papel? — pergunto a Robin, enxugando carinhosamente as lágrimas de Kelly com a mão.

— Claro. — Ela me estende uma caixa grande, e enxugo o rosto de Kelly com muito cuidado.

— O que você vai fazer, Kelly? — pergunto.

— Está brincando? — diz Robin. — Ela tem de pedir divórcio. Se não pedir, ele a mata.

— É verdade? Vamos pedir divórcio? Kelly faz um gesto afirmativo e diz:

— Sim. O mais depressa possível.

— Vou fazer isso amanhã.

Ela aperta minha mão e fecha o olho direito.

— O que nos leva ao segundo problema — diz Robin. — Ela não pode ficar aqui. Cliff saiu da cadeia esta manhã e começou a telefonar para as amigas dela. Faltei ao trabalho hoje, mas não posso faltar outra vez, e ele me telefonou mais ou menos ao meio-dia. Eu disse que não sabia de nada. Ele ligou outra vez uma hora depois e me ameaçou. Kelly, a pobrezinha, não tem muitas amigas, e ele não vai demorar para encontrá-la. Além disso, tenho uma companheira de quarto, e não vai funcionar.

— Não posso ficar aqui — diz Kelly, em voz baixa, um tanto constrangida.

— Então para onde vai? — pergunto. Robin já pensou no assunto.

— Bem, a conselheira que nos atendeu falou sobre um abrigo para mulheres maltratadas, uma espécie de lugar secreto não-registrado oficialmente no município ou no estado. É um tipo de asilo aqui na cidade, que é recomendado de uma pessoa para outra, oralmente. As mulheres estão seguras porque seus amados não podem encontrá-las. O problema é que custa cem dólares por dia, e ela só pode ficar por uma semana. Eu não ganho cem dólares por dia.

— É para lá que você quer ir? — pergunto a Kelly. Ela balança a cabeça afirmativamente.

— Ótimo. Eu a levo amanhã.

Robin respira fundo, aliviada. Vai até a cozinha e volta com um cartão onde está o endereço do abrigo.

— Deixe-me ver seus dentes — peço a Kelly.

Ela abre a boca tanto quanto possível, o bastante para mostrar os dentes da frente.

— Nenhum quebrado? — pergunto.

Ela balança a cabeça. Toco o curativo acima do olho.

— Quantos pontos?

— Seis.

Chego mais perto e aperto a mão dela.

— Isto não vai acontecer nunca mais, está compreendendo?

Ela inclina a cabeça e murmura:

— Promete?

— Prometo.

Robin volta a sentar ao lado de Kelly e me dá o cartão. E com ele mais um conselho:

— Escute, Mr. Baylor, não conhece Cliff, mas eu conheço. Ele é louco e mau e fica descontrolado quando bebe. Por favor, tenha cuidado.

— Não se preocupe.

— Ele pode estar lá fora, vigiando este lugar.

— Não estou preocupado. — Levanto-me da cadeira e beijo a testa de Kelly. — vou dar entrada no pedido de divórcio de manhã, depois venho apanhar você, certo? Estou no meio de um grande julgamento, mas vou conseguir.

Robin me acompanha até a porta e agradecemos um ao outro. A porta se fecha e ouço o ruído de correntes e chaves.

É quase uma hora da manhã. O ar está claro, e faz muito frio. Ninguém está escondido nas sombras.

Pensar em dormir agora é uma grande piada; por isso vou para o escritório. Estaciono na rua, bem debaixo da minha janela, e corro para a porta do prédio. Este não é um lugar seguro na cidade durante a noite.

Tranco a porta do prédio e vou para o meu escritório. Por mais terrível que possa ser o divórcio, é fácil dar entrada no pedido na justiça. Começo a datilografar, uma coisa que não faço muito bem, mas o esforço parece menor, dado seu objetivo. Neste caso, acredito piamente que estou ajudando a salvar uma vida.



Deck chega às sete e me acorda. Mais ou menos depois das quatro adormeci na minha cadeira. Ele diz que estou horrível e pareço muito cansado, e pergunta o que aconteceu com a minha boa noite de sono.

Conto a história, e ele reage muito mal.

— Você passou a noite trabalhando num divórcio nojento? Sua argumentação final vai ser daqui a duas horas.

— Calma, Deck, vai dar tudo certo.

— Por que está tão alegre?

— Vamos derrotar aquela gente, Deck. A Great Benefit vai cair.

— Não, não é isso. Você finalmente conseguiu a menina e por isso está sorrindo.

— Bobagem. Onde está o meu café?

Deck está um feixe de nervos, com todos os seus tiques e contorções.

— Vou apanhar — diz ele, saindo da minha sala.

O pedido de divórcio está na minha mesa, pronto para entrar na justiça. Vou pedir a um oficial de justiça que o entregue a meu amigo Cliff no trabalho dele; do contrário, pode ser difícil encontrá-lo. O documento pede também um mandado judicial imediato proibindo Cliff de se aproximar de Kelly.

Uma das grandes vantagens de ser um novato é que todos esperam que eu esteja nervoso e assustado. O júri sabe que sou apenas um garoto sem experiência. Assim, não esperam grande coisa de mim. Não tenho ainda habilidade nem talento para fazer uma grande argumentação.

Seria um erro tentar ser uma coisa que não sou. Talvez mais tarde, quando meu cabelo estiver grisalho e minha voz suave, depois de centenas de lutas nos tribunais, eu possa ficar de pé na frente de um júri e brindar os jurados com um esplêndido espetáculo. Mas não hoje. Hoje sou apenas Rudy Baylor, um garoto nervoso pedindo ajuda aos seus amigos jurados.

Fico de pé na frente deles, tenso e amedrontado, e procuro me acalmar. Sei o que vou dizer porque já disse uma centena de vezes. Mas é importante que não pareça ensaiado ou decorado. Começo explicando que este é um dia muito importante para meus clientes porque é sua única chance de receber a justiça a quem têm direito, da Great Benefit. Não há amanhã, não há uma segunda chance no tribunal, nenhum outro júri esperando para ajudá-los. Peço aos jurados que pensem em Dot e em tudo por que ela passou. Falo um pouco sobre Donny Ray sem ser muito dramático. Peço aos jurados que imaginem o que deve ser morrer aos poucos, lentamente, quando se sabe que se devia estar recebendo o tratamento a que se tem direito. Minhas palavras são lentas e medidas, muito sinceras, e acertam o alvo. Estou falando num tom calmo e olhando diretamente para os doze rostos prontos para seguir comigo.

Falo sobre os fatos básicos da apólice, sem entrar em detalhes, e depois brevemente sobre transplantes de medula. Chamo a atenção para o fato de a defesa não ter apresentado nenhuma prova contrária à declaração do Dr. Kord. Esse procedimento médico nada tem de experimental e provavelmente teria salvo a vida de Donny Ray.

Elevo um pouco a voz quando chego à parte mais divertida. Falo sobre os documentos escondidos e as mentiras contadas pela Great Benefit. O efeito teatral foi tão bom durante o julgamento, que seria um erro elaborar demais o assunto. A beleza de um julgamento de quatro dias é que os testemunhos importantes estão ainda frescos. Uso o testemunho de Jackie Lemanczyk e os dados estatísticos da Great Benefit e escrevo alguns números no quadro-negro: o número de apólices em 1991, o número de pedidos de pagamento e, o mais importante, o número de pedidos negados. Não me estendo no

assunto e dou uma explicação que até um aluno de primeiro grau pode entender e não esquecer. A mensagem é clara e irrefutável. Os poderes desconhecidos que controlam a Great Benefit resolveram complementar o esquema para negar pedidos legítimos durante doze meses. Nas palavras de Jackie, foi uma experiência para ver quanto dinheiro eles podiam gerar em um ano. Foi uma decisão a sangue-frio, motivada somente pela cobiça, sem nem um pensamento para pessoas como Donny Ray Black.

Falando em dinheiro, apanho os relatórios financeiros e explico ao júri que os estou estudando há quatro meses e ainda não compreendo. O ramo de seguros tem uma contabilidade própria muito estranha. Porém, usando os números da companhia, vemos que há muito dinheiro em caixa. No quadro-negro, faço a soma do dinheiro disponível, as reservas e os excedentes não-distribuídos, e chego ao total de quatrocentos e setenta e cinco milhões. O valor líquido admitido é de quatrocentos e cinquenta milhões.

Como se pode punir uma companhia tão rica? Faço a pergunta e vejo o brilho nos doze pares de olhos fixos em mim. Eles mal podem esperar!

Uso um exemplo muito antigo. É o favorito dos advogados de tribunal e já li uma dúzia de versões diferentes. Funciona porque é simples. Digo ao júri que sou um jovem advogado, lutando em começo de carreira, economizando para pagar minhas contas, saído há pouco da faculdade. Suponhamos que eu trabalhe duro, seja muito frugal, economize meu dinheiro, e dentro de dois anos tenha dez mil dólares no banco? Trabalhei duro por esse dinheiro e quero protegê-lo. E o que acontece se eu fizer alguma coisa errada, digamos, perder a calma e quebrar o nariz de alguém com um murro? É claro que terei de pagar o dano causado à minha vítima, mas também preciso ser punido para não fazer isso outra vez. Eu só tenho dez mil dólares. Quanto vai ser preciso para me fazer sentir remorso? Um por cento equivaleria a cem dólares, e isso pode ou não me prejudicar. Eu não ia querer pagar cem dólares, mas não me preocupa muito. O que me dizem de cinco por cento? Uma multa de quinhentos dólares seria punição suficiente por quebrar o nariz de alguém? Eu sofreria muito quando fizesse o cheque? Talvez sim, talvez não. Que tal dez por cento? Aposto que, se eu fosse obrigado a pagar mil dólares, duas coisas iam acontecer. A primeira, eu ficaria realmente aborrecido. A segunda, ia mudar meu gênio.

Como podem punir a Great Benefit? Tal como castigariam a mim ou ao seu vizinho. Examinariam sua conta bancária, verificando quanto dinheiro ele teria disponível e determinariam uma multa que realmente castigasse, sem levá-lo à falência. O mesmo para as grandes companhias. Elas não são melhores do que nós.

Digo aos jurados que o melhor é deixar a decisão por conta deles. Nós processamos a Great Benefit em dez milhões, mas eles não são obrigados a concordar com essa quantia. Podem dar o veredicto que quiserem, e não compete a mim sugerir número algum.

Termino com um sorriso de agradecimento e depois digo que, se eles não fizerem parar a Great Benefit, poderão ser as próximas vítimas. Alguns gestos afirmativos, alguns sorrisos. Outros olham para os números no quadro.

Volto para a minha mesa. Deck está no canto com um sorriso de orelha a orelha. Na última fila, Cooper Jackson ergue o polegar para mim. Sento ao lado de Dot e espero ansiosamente para ver se o grande Leo F. Drummond pode trocar a derrota pela vitória.

Ele começa com um pedido de desculpas por sua atitude durante a seleção dos jurados, diz que teme ter dado um passo em falso e que agora quer a confiança deles. Os pedidos de desculpas continuam quando ele fala sobre sua cliente, uma das mais antigas e respeitadas companhias de seguros da América. Mas a companhia cometeu enganos com os pedidos de pagamento. Erros graves. Aquelas cartas de negação foram tremendamente insensíveis e ofensivas. Seus clientes estavam completamente errados. Mas a companhia tem mais de seis mil empregados, e é difícil controlar os movimentos de todos, difícil verificar toda a correspondência. Mas nada de desculpas, nada de negações. Erros foram cometidos.

Ele continua o tema por alguns minutos e faz um belo trabalho mostrando as ações dos seus clientes como acidentais, certamente não-deliberadas. Anda nas pontas do pés em volta dos pedidos de pagamento, dos manuais, dos documentos escondidos, das mentiras expostas. Os fatos são um campo minado para Drummond, e ele quer seguir em outras direções. Drummond admite francamente que o pedido devia ser atendido, que deviam ter sido pagos os duzentos mil dólares. É uma séria admissão, e os jurados a absorvem. Ele está tentando amaciá-los e está conseguindo. Agora, quanto ao controle de indenização punitiva: ele ficou estarelecido com a minha sugestão de que o júri deve conceder a Dot Black uma porcentagem do valor líquido da Great Benefit. É chocante! De que vai adiantar isso? Ele admitiu que seus clientes erraram. Os responsáveis pela injustiça foram despedidos. A Great Benefit limpou seu território.

Então de que adiantaria o veredicto de uma grande indenização? De nada, absolutamente nada.

Drummond passa cautelosamente para algumas observações sobre enriquecimento ilícito. Ele precisa ter cuidado para não ofender Dot, porque ofenderia também o júri. Apresenta alguns fatos sobre os Black. Onde moram, há quanto tempo, a casa, o

bairro etc. Fazendo isso, mostra-os como uma família de classe média bastante comum que leva uma vida simples, mas feliz. Drummond é bastante generoso. Norman Rockwell não pintaria um quadro melhor. Quase posso ver as ruas arborizadas e o entregador de jornais. O cenário é perfeito, e os jurados estão ouvindo. Ele está descrevendo seu modo de vida ou o modo de vida que eles queriam ter.

Por que vocês, os jurados, iam querer tirar dinheiro da Great Benefit e dar para os Black? Seria arruinar esse belo quadro. Seria levar o caos à vida deles. Seria torná-los muito diferentes dos amigos e vizinhos. Resumindo, seria destruir sua vida. E será que alguém tem direito a todo esse dinheiro que eu, Rudy Baylor, estou sugerindo? É claro que não. Não é justo nem direito tirar dinheiro de uma companhia simplesmente porque o dinheiro está disponível.

Ele vai ao quadro-negro, escreve o número 746 e diz ao júri que essa é a renda mensal dos Black. Ao lado, escreve 200.000 e calcula seis por cento dessa quantia, com o resultado de 12.000. Diz então ao júri o que ele quer realmente. Quer duplicar a renda mensal dos Black. Nós todos não gostaríamos disso? É fácil. Concedam aos Black os 200.000 dólares que teria custado o transplante, e, se eles investirem esse dinheiro em ações isentas de impostos a seis por cento, terão uma renda mensal de 1.000 dólares por mês, livre de impostos. A Great Benefit concordará até em investir o dinheiro para Dot e Buddy. Que grande negócio!

Drummond já fez isso muitas vezes, e funcionou. O argumento é muito atraente, e, olhando para os jurados, vejo que estão pensando no assunto. Estudam os números no quadro. Parece um acordo tão bom...

E é neste ponto que rezo e espero que lembrem a promessa de Dot de doar tudo à Sociedade Americana de Leucemia. Drummond termina com um apelo ao bom senso e à justiça. Sua voz fica mais profunda, e as palavras, mais lentas. Ele é a própria imagem da sinceridade. Por favor, façam o que é justo, pede, e volta para a sua mesa.

Uma vez que represento o queixoso, tenho a última palavra. Reservei dez minutos do tempo a que tenho direito para refutar a argumentação de Drummond e caminho para o júri com um sorriso. Digo que espero algum dia poder fazer o que Mr. Drummond acaba de fazer. Eu o elogio como um hábil defensor de tribunal, um dos melhores do país. Sou um garoto tão bonzinho...

Só quero fazer alguns comentários. Primeiro, a Great Benefit agora admite seu erro e acena com duzentos mil dólares como uma oferta de paz. Por quê? Porque neste exato momento ela está roendo as unhas e rezando ardentemente para não ter de pagar

mais de duzentos mil dólares. Segundo, Mr. Drummond admitiu os erros e ofereceu o dinheiro quando se dirigiu ao júri na manhã de segunda-feira? Não, ele não fez isso. Ele sabia tudo o que sabe agora; então, por que não disse logo no começo que seus clientes estavam errados? Por quê? Porque esperava que os senhores não viessem a saber da verdade. E, agora que conhecem a verdade, vem ele falar com toda essa humildade.

Termino provocando o júri. Digo:

— Se o melhor que podem fazer é conceder duzentos mil dólares, podem ficar com o dinheiro. Nós não queremos. É para uma operação que jamais será feita. Se não acreditam que a Great Benefit merece ser punida, então fiquem com os duzentos mil dólares, e nós vamos para casa. — Dou alguns passos na frente deles, olhando nos olhos de cada um. Não vão me desapontar.

— Muito obrigado — digo, e sento ao lado da minha cliente.

Quando o juiz Kipler dá as instruções finais ao júri, uma sensação embriagadora de alívio toma conta de mim. Sinto-me livre de toda tensão, como nunca antes. Não há mais testemunhas, documentos, moções ou resumos, não há mais audiências nem datas marcadas, não preciso mais me preocupar com este ou aquele jurado. Respiro profundamente e afundo na minha cadeira. Eu seria capaz de dormir vários dias.

Essa calma dura mais ou menos cinco minutos, até os jurados saírem da sala para começar a deliberar. São quase dez e meia.

Agora começa a espera.



Deck e eu vamos ao segundo andar para dar entrada no pedido de divórcio dos Riker, e depois vamos direto para a sala de Kipler. O juiz congratula-me por meu desempenho, e eu agradeço a ele pela centésima vez. Mas tenho outra preocupação agora e mostro a ele uma cópia do pedido de divórcio. Falo rapidamente sobre Kelly Riker, os espancamentos e o marido louco, e pergunto se ele concorda em conceder um mandado judicial de urgência proibindo o senhor Riker de se aproximar da senhora Riker. Kipler detesta divórcios, mas desperto seu interesse. Esse mandado é comum em casos de abuso doméstico. Ele confia em mim e assina a ordem. Nenhuma notícia sobre nosso júri. Está deliberando há quinze minutos.

Butch está conosco no corredor, e eu entrego a ele a cópia do pedido de divórcio, a ordem assinada por Kipler e a intimação. Ele concordou em entregar a intimação a Cliff no seu local de trabalho. Peço outra vez a ele que seja discreto e não embarace o rapaz.

Esperamos uma hora no tribunal, Drummond e seu bando amontoados num lado, eu, Cooper Jackson, Hurley e Grunfeld no outro. Divirto-me vendo os ternos da Great Benefit procurando manter distância dos seus advogados, ou talvez seja o contrário. Underhall, Aldy e Lufkin estão na última fila, com as caras mais tristes do mundo. Esperam o pelotão de fuzilamento.

Ao meio-dia levam o almoço à sala dos jurados, e Kipler nos manda embora à uma e meia. Nenhuma comida vai parar no meu estômago inquieto. Telefono para Kelly do carro e atravesso a cidade a caminho do apartamento de Robin. Kelly está sozinha. Veste *jogging* folgado e tênis emprestado. Não trouxe nada com ela, nem roupas nem objetos de toalete. Ela anda com dificuldade, sentindo muita dor. Eu a ajudo a chegar até meu carro, abro a porta. Faço-a sentar. Levanto suas pernas e as ponho para dentro do carro. Ela cerra os dentes, mas não se queixa. As equimoses no rosto e no pescoço parecem mais escuras à luz do sol.

Quando deixamos o conjunto de apartamentos, percebo que ela olha para os lados como se esperasse ver Cliff saltar dos arbustos.

— Nós demos entrada nisto — digo, entregando uma cópia do pedido de divórcio. Ela aproxima o papel do rosto e lê, enquanto seguimos no meio do tráfego.

— Quando ele vai receber isto? — pergunta.

— Deve estar recebendo agora.

— Ele vai ficar louco.

— Ele já está louco.

— Vai sair atrás de você.

— Eu queria que viesse. Mas não vai fazer isso porque é um covarde. Homens que batem em mulher são a mais baixa espécie de covardes. Não me preocupo. Tenho uma arma.



É uma casa velha sem nenhuma identificação e não se destaca das outras da rua. O jardim é longo, largo e cheio de árvores. Só com dificuldade os vizinhos podem notar qualquer movimento. Paro no fim da entrada e estaciono atrás de dois carros. Deixo Kelly

no carro e bato à porta lateral. Uma voz no interfone pede que me identifique. A segurança é prioridade aqui. As janelas estão cobertas por cortinas. O quintal é limitado por uma cerca de madeira de quase três metros de altura. A porta é aberta pela metade, e uma mulher robusta olha para mim. Não estou disposto a enfrentar ninguém. Estive fazendo isso durante os últimos três dias, e minha paciência se foi.

— Procuvo Betty Norvelle — digo.

— Sou eu. Onde está Kelly?

Indico o carro com um movimento de cabeça.

— Traga-a para dentro.

Eu podia carregá-la, mas a parte de trás de suas pernas está tão dolorida, que para ela é mais fácil andar. Sentamos a uma mesa, nós dois de frente para Betty. Falei com ela esta manhã por telefone, e ela quer cópias dos papéis de divórcio. Betty as examina rapidamente. Kelly e eu estamos de mãos dadas.

— Então, você é o advogado dela — diz Betty, notando nossas mãos.

— Sou. E amigo também.

— Quando você vai ao médico outra vez? — pergunta.

— Daqui a uma semana — responde Kelly.

— Então não precisa de cuidados médicos?

— Não.

— Medicamentos?

— Só alguns comprimidos para dor.

Os papéis parecem em ordem. Faço um cheque de duzentos dólares — um depósito, mais a diária de hoje.

— Não somos uma instituição licenciada — explica Betty. — Isto é um abrigo para mulheres espancadas cujas vidas correm perigo. É propriedade privada. Pertence a uma mulher também maltratada e é uma das várias que existem nesta área. Ninguém sabe que estamos aqui. Queremos continuar assim. Você concorda em manter tudo isto em segredo?

— É claro. — Nós dois concordamos, e Betty nos dá um formulário para assinar.

— Isto não é ilegal, é? — pergunta Kelly. Uma pergunta lógica, dado o ambiente estranho.

— Na verdade, não. O máximo que podem fazer é fechar a casa. Simplesmente iremos para outro lugar. Estamos aqui há quatro anos, e ninguém disse nada. Sabem que o tempo máximo de estada é de sete dias?

Sabemos.

— Você precisa começar a fazer planos para sua próxima parada.

Eu adoraria que fosse o meu apartamento, mas ainda não falamos sobre isso.

— Quantas mulheres você têm aqui? — pergunto.

— Hoje, cinco. Kelly, você terá seu quarto com banheiro. A comida é boa, três refeições por dia. Pode comer no quarto ou com as outras. Não oferecemos serviços médicos nem legais. Não damos conselhos nem fazemos reuniões. Tudo o que oferecemos é amor e proteção. Está muito segura aqui. Ninguém vai encontrá-la. E tenho um guarda armado por perto.

— Visitas são permitidas? — pergunta Kelly, indicando-me com uma inclinação da cabeça.

— Permitimos um visitante de cada vez, e cada visita tem de ser aprovada. Telefone com antecedência para ter permissão e certifique-se de não ter sido seguido. Desculpe, mas não podemos permitir que passe a noite.

— Tudo bem — digo.

— Mais perguntas? Se não têm, preciso mostrar a casa a Kelly. Você pode nos visitar esta noite.

Sei quando estou sendo mandado embora. Digo adeus a Kelly e prometo vê-la esta noite. Ela me pede que traga uma pizza. Afinal, é noite de sexta-feira.

Quando me afasto da casa, tenho a impressão de ter confiado Kelly a um grupo clandestino.



O repórter de um jornal de Cleveland me faz parar no corredor, diante da sala do tribunal, e quer falar sobre a Great Benefit. Eu sabia que o procurador-geral de Ohio, segundo dizem, está investigando a companhia? Não digo nada. Ele entra comigo no tribunal. Deck está sozinho à nossa mesa. Os advogados de defesa contam piadas em voz alta. Nem sinal de Kipler. Todos estão esperando.

Butch entregou os papéis a Cliff Riker quando ele saiu para um almoço rápido. Riker disse algumas palavras ofensivas. Butch não recuou, disse que estava pronto para brigar, e Riker foi embora apressadamente. Meu nome está na intimação; portanto, a partir deste momento preciso proteger minhas costas.

Outras pessoas entram na sala. São quase duas horas. Booker aparece e senta conosco. Cooper Jackson, Hurley e Grunfeld voltam

de um almoço demorado. Tomaram vários drinques. O repórter senta na última fila. Ninguém quer falar com ele.

Existem várias teorias sobre a deliberação do júri. Um veredicto rápido geralmente é a favor do queixoso em casos como este. Se demora muito tempo é porque os jurados estão num impasse. Ouço essas especulações infundadas e não consigo ficar sentado. Saio para tomar água, depois vou ao banheiro, depois à lanchonete. Andar é melhor do que ficar sentado na sala do tribunal. Meu estômago gira violentamente, e meu coração parece um pistom.

Booker me conhece melhor do que ninguém e me acompanha nesses passeios. Ele também está nervoso. Andamos sem destino pelos corredores de mármore, fazendo hora. Esperando. Em momentos de nervosismo, é importante estar com uma pessoa amiga. Agradeço a ele por ter vindo. Ele diz que não perderia isso por nada do mundo.

Às três e meia, estou convencido de que perdi. Devia ser uma decisão de momento, uma simples questão de escolher uma porcentagem e calcular o resultado. Talvez eu estivesse confiante demais. Penso em uma história horrível atrás da outra sobre veredictos pateticamente perdidos neste país. Estou prestes a me tornar uma estatística, outro exemplo que explica por que um advogado em Memphis deve aceitar qualquer oferta decente de acordo. O tempo passa com uma lentidão dolorosa.

De algum lugar distante, ouço chamar meu nome. É Deck, na porta do tribunal, acenando desesperadamente para mim.

— Oh, meu Deus — digo.

— Fica frio — diz Booker, e nós dois praticamente disparamos para o tribunal.

Respiro fundo, faço uma breve oração e entro. Drummond e os outros quatro estão nos seus lugares. Dot está sozinha à nossa mesa. Todos estão onde devem estar. O júri está chegando quando passo pelo portão baixo e sento ao lado da minha cliente. Os rostos dos jurados não me dizem nada. Quando estão todos sentados, o meritíssimo pergunta:

— O júri chegou a um veredicto?

Ben Chames, o jovem estudante negro, segundo grau completo, porta-voz do júri, responde:

— Chegamos, meritíssimo.

— Está escrito num papel de acordo com as instruções?

— Sim, senhor.

— Por favor, levante-se e leia.

Chames levanta-se lentamente. Segura um papel na mão, que treme visivelmente. Mas não tanto quanto as minhas. Minha respiração está ofegante. Estou tão atordoado, que parece que vou

desmaiar. Dot está totalmente calma. Ela já venceu sua batalha contra a Great Benefit. Eles admitiram em tribunal aberto que estavam errados. Nada mais importa para ela.

Estou resolvido a ficar impassível sem demonstrar nenhuma emoção, seja qual for o veredicto. Faço-o como aprendi. Começo a escrever num bloco de notas. Olho rapidamente para a esquerda e vejo que os cinco advogados estão fazendo o mesmo.

Chames pigarreia e lê:

— Nós, o júri, favorecemos o queixoso e concedemos a ele a indenização de duzentos mil dólares por danos infligidos.

— Uma pausa. Todos os olhos estão no papel que ele tem na mão. Até aqui, nenhuma surpresa. Ele pigarreia outra vez e diz:

— E nós, o júri, favorecemos o queixoso e concedemos a ele a indenização punitiva de cinquenta milhões de dólares.

Ouçõ uma exclamação abafada atrás de mim e vejo uma rigidez geral na mesa da defesa. Esforço-me para não sorrir, mas para isso tenho de morder meu lábio inferior. Há uma porção de coisas que quero fazer. Gostaria de subir na mesa e girar como um jogador de futebol idiota no limite do campo. Queria correr para o banco do júri e começar a beijar os pés de cada um. Gostaria de ir até a mesa da defesa com uma expressão de desdém e vitória. Gostaria de subir no estrado e abraçar Tyrone Kipler.

Mas mantenho a compostura e simplesmente murmuro “Meus parabéns” para minha cliente. Ela não diz nada. Olha para o juiz, e o meritíssimo está examinando o veredicto escrito, que o meirinho acaba de lhe entregar. Olho para o júri, e quase todos estão olhando para mim. E impossível não sorrir. Inclino a cabeça e agradeço em silêncio.

Faço uma cruz no meu bloco de notas e abaixo escrevo um nome: Donny Ray Black. Fecho os olhos e vejo a imagem de que mais gosto. Donny Ray sentado na cadeira de lona num jogo de softball, comendo pipoca e sorrindo só por estar ali. Minha garganta se aperta e meus olhos se enchem de lágrimas. Ele não precisava morrer.

— O veredicto parece em ordem — diz Kipler. Eu diria: muito em ordem. Ele se dirige ao júri, agradece a todos por terem cumprido com o dever cívico, diz que seus insignificantes cheques serão enviados pelo correio na próxima semana, pede que não comentem o caso com ninguém e os dispensa. Orientados pelo meirinho, saem em fila pela última vez. Nunca os verei de novo. Neste momento, eu gostaria de dar um milhão de dólares a cada um.

Kipler também se esforça para ficar impassível.

— Vamos discutir as moções pós-julgamento dentro de uma

semana, mais ou menos. Minha secretária os avisará.

Mais alguma coisa?

Balanço a cabeça. O que mais posso pedir? Sem se levantar, Leo diz em voz baixa:

— Nada mais, meritíssimo.

Sua equipe de repente começa a guardar os papéis nas pastas e os arquivos nas caixas. Mal podem esperar para sair daqui. É de longe o maior veredicto da história do Tennessee, e eles serão rotulados para sempre como os caras que o levaram na cabeça. Se eu não estivesse tão cansado e tão atordoado, iria até lá e estenderia a mão para eles. Seria o gesto mais fino que eu poderia fazer, mas não estou com vontade. É muito mais fácil ficar sentado aqui perto de Dot e olhar para o nome de Donny Ray no meu bloco de notas.

Não estou exatamente rico. O recurso vai levar um ano, talvez dois. E o veredicto é tão enorme que vai ser selvagemmente atacado. Assim, já tenho um trabalho à espera.

Mas neste momento estou farto do meu trabalho. Quero entrar num avião e descer numa praia.

Kipler bate o martelo, e o julgamento está oficialmente encerrado. Olho para Dot e vejo as lágrimas. Pergunto como ela está. Deck nos dá os parabéns. Ele está pálido, mas com um largo sorriso, os quatro dentes perfeitos brilhando. Minha atenção é toda para Dot. Ela é uma mulher durona, que raramente chora, mas aos poucos está amaciando. Bato carinhosamente no seu braço e dou a ela um lenço de papel.

Booker aperta a minha nuca e diz que telefona na próxima semana. Cooper Jackson, Hurley e Grunfeld param ao lado da mesa com sorrisos e elogios. Precisam pegar um avião. Conversaremos na segunda-feira. O repórter se aproxima, mas faço um sinal para que fique longe. Quase ignoro todas essas pessoas por causa da minha cliente. Ela está entrando em colapso, soluçando cada vez mais alto.

Também ignoro Drummond e seus rapazes quando se juntam como um grupo de burros de carga e saem rapidamente. Não trocamos uma palavra. Eu queria ser uma mosca e estar na parede da Trent Brent neste momento.

A estenógrafa, o meirinho e o secretário arrumam suas coisas e saem. A sala do tribunal estaria vazia não fôssemos eu, Dot e Deck. Preciso falar com Kipler, agradecer a ele por ter segurado a minha mão, tornando tudo isso possível. Farei isso mais tarde. Neste momento estou segurando a mão de Dot enquanto ela descarrega sua torrente de lágrimas. Deck senta ao nosso lado sem dizer nada. Eu não digo nada. Meus olhos estão úmidos, minha cabeça dói. Ela não se importa com o dinheiro. Só quer o filho de volta.

Alguém, provavelmente o meirinho, aperta um botão no

corredor estreito e as luzes se apagam. A sala está na penumbra. Ninguém se move. O choro diminui. Ela enxuga o rosto com o lenço de papel e às vezes com as mãos. — Desculpe — diz ela com voz rouca. Agora ela quer ir. Seguro o braço dela enquanto Deck arruma nossos papéis em três pastas.

Saímos da sala do tribunal para o corredor de mármore. São quase cinco da tarde de sexta-feira, e o movimento é pequeno. Não há câmeras, nem repórteres, nenhuma multidão esperando para conseguir algumas palavras e algumas imagens do advogado do momento.

Na verdade, ninguém nos dá atenção.

O escritório é o último lugar que quero ver agora. Estou cansado demais para comemorar num bar, e minha única companhia no momento é Deck, que não bebe. Além disso, bastariam dois drinques para me deixar em estado de coma; portando, a ideia não me tenta. Devia haver uma festa de comemoração em algum lugar, mas essas coisas são difíceis de organizar quando tratamos com jurados.

Talvez amanhã. Certamente amanhã este estado de quase-choque terá passado e terei uma reação retardada ao veredicto. Estarei então dentro da realidade. Vou comemorar amanhã.

Despeço-me de Deck na frente do tribunal, digo que estou morto de cansaço, prometo me encontrar com ele mais tarde. Nós dois estamos ainda atordoados e precisamos ficar sozinhos para pensar. Faço minha ronda diária na casa de Miss Birdie. É só um outro dia. Nada de especial. Sento no pátio, olho para meu pequeno apartamento e pela primeira vez começo a gastar dinheiro. Dentro de quanto tempo poderei construir uma bela casa? Qual o carro que devo comprar? Tento em vão me livrar desses pensamentos. O que a gente faz com dezesseis milhões e meio? Não posso nem começar a compreender. Sei de uma dezena de coisas que podem sair erradas. A decisão pode ser anulada, e o caso ir a novo julgamento. O caso pode ser anulado e devolvido, e eu não receber nada. A indenização punitiva pode ser dramaticamente cortada por uma corte de apelos, ou pode ser eliminada por completo. Sei que essas coisas horríveis podem acontecer, mas neste momento o dinheiro é meu.

Sonho enquanto o sol se põe. O ar está claro, mas muito frio. Talvez amanhã eu comece a compreender a magnitude do que fiz. Por enquanto, aqueço-me com a ideia de que uma grande quantidade de veneno foi expurgada da minha alma. Durante quase um ano vivi com um ódio fervente à entidade mística que é a Great Benefit. Descarreguei um veneno amargo nas pessoas que trabalham na companhia, as pessoas que puseram em andamento uma cadeia de eventos que tiraram a vida de uma vítima inocente. Espero que Donny Ray esteja descansando em paz. Certamente um anjo contará a ele o que aconteceu hoje.

A companhia foi exposta, e provamos que estava errada. Não os odeio mais.



Kelly corta uma fina fatia de pizza com o garfo e come delicadamente. Seus lábios ainda estão inchados, e o rosto e o queixo, muito doloridos. Estamos sentados numa cama de solteiro, encostados na parede, com as pernas estendidas para a frente, a caixa com a pizza entre nós dois. Estamos assistindo a um filme de John Wayne na Sony de dezoito polegadas que está em cima da cômoda, não muito distante, no quarto pequeno.

Ela está com o mesmo conjunto cinza de *training*, sem meias nem sapatos, e posso ver a pequena cicatriz no tornozelo quebrado por Cliff no verão passado. Ela lavou a cabeça e prendeu o cabelo num rabo-de-cavalo. Pintou as unhas das mãos de vermelho-claro. Kelly tenta conversar e parecer satisfeita, mas, sentindo tanta dor, é impossível. Não falamos muito. Nunca fui espancado e não posso nem imaginar os efeitos de choque retardado. As dores físicas eu compreendo. O horror mental não. Imagino em que ponto ele resolveu dar por terminada a tarefa e parar para admirar o resultado.

Tento não pensar nisso. Não falamos no assunto, e não pretendo começar a falar agora. Nenhuma notícia de Cliff desde que recebeu os papéis de divórcio e a intimação.

Ela conheceu aqui neste abrigo, como elas chamam, uma mulher de meia-idade, mãe de três adolescentes, tão assustada e traumatizada, que mal pode completar uma frase. Está no quarto ao lado. O silêncio é completo. Kelly saiu do quarto só uma vez, para sentar na varanda dos fundos e tomar um pouco de ar. Tentou ler, mas não conseguiu. O olho esquerdo está praticamente fechado, e o direito às vezes fica embaçado. O médico disse que não há nenhuma lesão permanente.

Ela chorou algumas vezes, e eu prometo repetidamente que nunca mais será espancada. Se acontecer outra vez, terei de matar o miserável. Estou falando sério. Se Cliff chegar perto dela, sei que sou capaz de estourar os miolos dele.

Podem me prender. Podem me indiciar. Podem me levar a julgamento. Podem me dar doze pessoas no banco dos jurados. Estou para tudo.

Não falo nada sobre o veredicto. Sentado aqui com ela no quarto pequeno e escuro, vendo John Wayne, no seu cavalo, tenho a

impressão de estar a muitos dias e a muitos quilômetros do tribunal de Kipler.’

E é exatamente onde quero estar.

Terminamos a pizza e ficamos muito juntos, de mãos dadas, como duas crianças. Preciso ter muito cuidado porque Kelly está machucada da cabeça aos joelhos.

O filme acaba, e começa o noticiário das dez. De repente, fico ansioso para ouvir falar sobre o caso Black. Depois dos estupros e assassinatos obrigatórios, e depois dos primeiros comerciais, o apresentador anuncia, em tom quase solene: “Fez-se história hoje num tribunal de Memphis. O júri de um caso de direito civil determinou o pagamento de uma indenização punitiva recorde de cinquenta milhões de dólares contra a companhia de seguros Great Benefit, de Cleveland, Ohio. Rodney Frate tem os detalhes.” Não posso deixar de sorrir. Aparece então Rodney Frate, ao vivo, tremendo de frio no lado de fora do tribunal de Shelby County, que, é claro, já está vazio há várias horas. “Arnie, há uma hora falei com Pauline MacGregor, a secretária da circunscrição judicial, e ela confirmou que mais ou menos às quatro horas da tarde de hoje um júri na divisão oito, o tribunal do juiz Tyrone Kipler, deu um veredicto de duzentos mil dólares de indenização real e cinquenta milhões de dólares de indenização punitiva. Falei também com o juiz Kipler, que não quis ser entrevistado na frente das câmeras e disse que era um caso de má-fé contra a Great Benefit. Não quis dizer nada mais, a não ser que é provavelmente o maior veredicto de indenização punitiva dado até hoje no Tennessee. Falei com vários advogados de tribunal na cidade e nenhum deles jamais ouviu falar num veredicto dessa magnitude. Leo F. Drummond, advogado da companhia acusada, não quis fazer comentários. Rudy Baylor, advogado do queixoso, não foi encontrado. É tudo, Arnie.”

Arnie passa rapidamente para um acidente com um caminhão, na Interestadual 55.

— Você ganhou? — pergunta ela, sem espanto, apenas incerta.

— Ganhei.

— Cinquenta milhões de dólares?

— Isso mesmo. Mas o dinheiro ainda não está no banco.

— Rudy!

Dou de ombros, como se fizesse isso todos os dias.

— Tive sorte.

— Mas você acaba de sair da faculdade. O que posso dizer?

— Não é tão difícil. Tivemos um grande júri, e os fatos se encaixaram.

— Sei, tudo bem, como se acontecesse todos os dias.

— Bem que eu gostaria.

Ela apanha o controle remoto e tira o som da televisão. Quer continuar com o assunto.

— Sua modéstia não me convence. É falsa.

— Tem razão. Neste momento sou o maior advogado do mundo.

— Assim é melhor — diz ela, tentando sorrir.

Estou quase me acostumando com o rosto machucado e deformado de Kelly. Não olho para os ferimentos como fiz esta tarde, no carro. Mal posso esperar uma semana para ver toda a sua beleza outra vez.

Juro que eu seria capaz de matar Cliff.

— Quanto você vai receber? — pergunta ela.

— Vá direto ao assunto, está bem?

— Só estou curiosa — diz ela, em tom quase infantil. Em espírito, somos amantes agora, e é divertido dar risadinhas por coisa nenhuma.

— Um terço, mas vai demorar muito.

Ela vira o corpo para mim e geme de dor. Eu a ajudo a deitar-se de bruços. Ela procura conter as lágrimas, e seu corpo está tenso. Não pode dormir de costas por causa dos ferimentos.

Acaricio seus cabelos e murmuro ao seu ouvido, até que o interfone interrompe. É Betty Norvelle, lá embaixo. Minha hora de visita acabou. Kelly aperta minha mão com força, e beijo o rosto machucado, prometendo voltar amanhã. Ela me pede que não vá embora.



As vantagens de conseguir um veredicto como esse no meu primeiro julgamento são óbvias. A única desvantagem, que descobri nestas últimas horas, é que de agora em diante só posso ir para baixo. Agora meus clientes vão esperar a mesma mágica. Mas vou me preocupar com isso mais tarde.

Estou sozinho no escritório nesta manhã de sábado, esperando um repórter e seu fotógrafo, quando o telefone toca.

— Aqui é Cliff Riker — diz uma voz rouca, e eu ligo imediatamente o gravador.

— O que você quer?

— Onde está minha mulher?

— Você tem sorte de ela não estar no escritório.

— Eu vou te dar uma surra, seu grande homem.

— Continue falando, meu velho. O gravador está ligado.

Ele desliga rapidamente, e fico olhando para o telefone.

É um aparelho novo, um modelo barato que a firma comprou no Kmart. Durante o julgamento, nós o usamos ocasionalmente, quando não queríamos que Drummond ouvisse nossas conversas.

Telefone para a casa de Butch e conto a ele minha breve conversa com o senhor Riker. Butch quer pegar o garoto por causa do confronto de ontem, quando ele entregou os papéis de divórcio. A presença de dois colegas de trabalho de Cliff no estacionamento evitou o derramamento de sangue. Ontem à noite, Butch me disse que, se Cliff fizesse alguma ameaça, ele queria saber. Ele tem um amigo chamado Rocky, que trabalha meio período como leão de chácara, e Butch me garantiu que os dois juntos formam uma dupla que impõe respeito. Faço Butch prometer que vai só assustar o garoto, não machucá-lo. Butch diz que pretende encontrar Cliff sozinho em algum lugar, mencionar o telefonema, dizer que eles são meus guarda-costas e que, se ele fizer mais uma ameaça, vai receber o que merece. Eu gostaria de ver isso. Não pretendo viver com medo. Essa é a ideia de Butch de um bom divertimento. O repórter do Memphis Press chega às onze horas. Conversamos, enquanto o fotógrafo usa um rolo de filme. Ele quer saber tudo sobre o caso e o julgamento, e eu não me faço de rogado. Agora é informação pública. Digo coisas agradáveis sobre Drummond, coisas maravilhosas sobre Kipler, coisas gloriosas sobre o júri.

Vai ser uma grande reportagem no jornal de domingo, promete ele.



Faço hora no escritório, lendo a correspondência e examinando as poucas mensagens telefônicas da última semana. Trabalhar é impossível, e me lembro então dos poucos clientes que tenho. A metade do tempo passo relembando o julgamento e sonhando com meu futuro com Kelly. Como eu poderia ter mais sorte?

Telefone para Max Leuberg e conto a ele os detalhes. Uma tempestade de neve fechou o aeroporto O'Hare, e ele não conseguiu vir a Memphis para o julgamento. Conversamos durante uma hora.



Nosso encontro na noite de sábado é muito parecido com o de sexta-feira, com exceção da comida e do filme, que são diferentes. Levo uma grande quantidade de comida chinesa, de que ela gosta. Assistimos a uma comédia com poucas risadas, sentados na mesma posição, na cama.

Mas não ficamos entediados nem por um minuto. Ela começa a sair do seu pesadelo particular. Os ferimentos físicos estão cicatrizando. Seu riso é um pouco mais fácil, os movimentos, um pouco mais rápidos. Podemos nos tocar mais, embora muito pouco ainda.

Ela está desesperada para tirar o conjunto de *training*. No abrigo, lavam-no todos os dias, mas ela está farta dele. Quer ficar bonita outra vez e quer suas roupas. Falamos em entrar às escondidas no apartamento e pegar as coisas dela.

Ainda não falamos sobre o futuro.

Segunda-feira de manhã. Agora, que sou um homem rico e desocupado, durmo até as nove, visto roupas simples, calça caqui, mocassins, nada de gravata, e chego ao escritório às dez. Meu sócio está ocupado, encaixotando os documentos do caso Black e retirando as mesas de armar, que durante meses tomaram um grande espaço no nosso escritório. A pressão acabou. Estamos descansados, e chegou a hora de desfrutar a vitória. Ele sai para comprar café, e eu sento à minha mesa para reviver os melhores momentos.

Deck recortou a reportagem do Memphis Press de ontem, para o caso de precisar de uma cópia extra. Agradeço, sim, posso precisar, embora tenha uma dúzia de cópias no meu apartamento. Apareci na primeira página da seção do Metro, numa história longa e bem escrita sobre meu triunfo e numa fotografia grande, sentado à minha mesa. Durante todo o domingo, mal consegui tirar os olhos da minha foto. O jornal alcançou a casa dos trezentos mil exemplares. Nenhum dinheiro pode comprar isso.

Recebo uns poucos faxes. Congratulações de alguns colegas da faculdade, seguidas de pedidos de empréstimo, de brincadeira. Um fax muito amável de Madeline Skinner, da faculdade de direito. E dois de Max Leuberg. O primeiro é a cópia de um artigo curto num jornal de Chicago sobre o veredicto. O segundo, uma cópia de um artigo datado de ontem, num jornal de Cleveland. Descreve por extenso o julgamento do caso Black e depois relaciona os problemas crescentes da Great Benefit. Pelo menos sete estados estão agora investigando a companhia, inclusive Ohio. Processos movidos por segurados estão aparecendo em todo o país, e espera-se que muitos outros apareçam. O veredicto de Memphis deverá dar a partida para uma enxurrada de processos.

Ha-ha-ha! Saboreamos com prazer a miséria que investigamos. Rimos imaginando o senhor Wilfred Keeley olhando para os relatórios financeiros outra vez e tentando encontrar mais dinheiro. Certamente tem que haver mais em algum lugar!

O entregador da floricultura chega com um lindo arranjo de flores e os parabéns de Booker Kane e da firma Marvin Shankle.

Eu esperava que o telefone tocasse sem parar, com uma multidão de clientes à procura de uma representação sólida. Mas ainda não começou. Deck disse que houve uma ou duas ligações antes da dez, uma delas engano. Não estou preocupado.

Kipler telefona às onze, e passo para o telefone limpo, para o

caso de Drummond estar ouvindo ainda. O juiz tem uma história interessante, pela qual eu talvez esteja interessado. Antes do começo do julgamento, na segunda-feira passada, quando estávamos reunidos no seu escritório, eu disse a Drummond que faria um acordo com 1,2 milhão de dólares. Drummond zombou da minha pretensão e fomos a julgamento. Evidentemente, ele não levou essa oferta aos seus clientes, que agora afirmam que teriam considerado seriamente a possibilidade de pagar essa quantia para fazer um acordo. Se a companhia teria ou não concordado, não sabemos, mas em retrospecto 1,2 milhão é muito mais digerível do que 50,2. De qualquer modo, a companhia está dizendo agora que teria concordado e afirma que seu advogado, o grande Leo F. Drummond, cometeu um erro muito grave não informando a ela a minha oferta.

Underhall, o advogado da companhia, passou a manhã falando ao telefone com Drummond e Kipler. A companhia está furiosa, humilhada, ofendida, e obviamente procurando um bode expiatório. Drummond a princípio negou que eu tivesse feito a oferta, mas Kipler cortou a mentira pela raiz. É aqui que eu entro. Eles podem precisar de uma declaração minha, por escrito, descrevendo os fatos. Com todo o prazer, digo. Vou preparar agora mesmo.

A Great Benefit já despediu Drummond e a Trent Brent e as coisas podem piorar muito. Underhall mencionou uma queixa de imperícia profissional contra a firma. As implicações são enormes. Como todas as firmas, a Trent Brent tem seguro contra acusação de imperícia, mas tem um limite. Nunca se ouviu falar numa apólice de cinquenta milhões de dólares. Um erro de cinquenta milhões de dólares de Leo F. Drummond representa um golpe sério nas finanças da firma.

Não posso deixar de sorrir. Desligo o telefone e conto a Deck. A ideia de a Trent Brent ser processada por uma companhia de seguros é hilariante.

O telefonema seguinte é de Cooper Jackson. Ele e seus amigos deram entrada nos processos, esta manhã, no tribunal federal de Charlotte. Representam cerca de vinte segurados enganados pela Great Benefit. Quando for conveniente para mim, ele gostaria de fazer uma visita ao meu escritório e examinar meus arquivos. Quando quiser, digo, quando quiser.

Deck e eu almoçamos no Moe's, um antigo restaurante no centro da cidade, perto dos tribunais, onde advogados e juízes gostam de comer. Recebo alguns olhares e apertos de mão, uma palmada nas costas de um colega da faculdade. Eu devia almoçar aqui mais vezes.



A missão está marcada para esta noite, segunda-feira, porque o solo está seco e a temperatura perto de 4º. Os últimos três jogos foram cancelados por causa do tempo. Que tipo de doido joga softball no inverno? Kelly não responde. É evidente com que tipo de doido estamos tratando. Ela tem certeza de que vão jogar esta noite porque é importante para o time. Seus jogadores sofrerão duas semanas sem jogo, sem festas com cerveja e sem lances heroicos para comemorar. Cliff não vai ousar perder esse jogo.

O jogo começa às sete, e por segurança passamos de carro pelo campo de softball. O PFX está em campo. Afasto-me rapidamente. Nunca fiz nada parecido antes e estou bastante nervoso. Na verdade, nós dois estamos apavorados. Não falamos muito. Quanto mais perto do apartamento, mais acelero. Tenho um .38 debaixo do banco e pretendo mantê-lo à mão.

Se ele não trocou o segredo da fechadura, poderemos entrar e sair em menos de dez minutos. Ela quer apanhar a maior parte das suas roupas e mais alguns objetos. Dez minutos é o máximo, digo, porque algum vizinho pode estar olhando. E esses vizinhos podem chamar Cliff, e, bem, quem sabe?

Os ferimentos foram infligidos há duas noites, e ela quase já não sente dor. Já pode andar naturalmente e diz que tem forças para apanhar a roupa e se movimentar com rapidez. É trabalho para nós dois.

O conjunto residencial fica a quinze minutos do campo de softball. Consiste em meia dúzia de prédios de três andares em volta de uma piscina e de duas quadras de tênis. Sessenta e oito unidades, diz o cartaz. Felizmente o apartamento dos Riker fica no térreo. Não posso estacionar o carro perto da porta; por isso acho melhor entrarmos primeiro no apartamento, pegarmos tudo o que quisermos, depois levar o carro para o gramado, jogarmos tudo no banco traseiro, e irmos embora.

Estaciono o carro e respiro fundo.

— Está com medo? — pergunta ela.

— Estou. — Pego a arma debaixo do banco.

— Fique calmo, ele está no campo de softball. Ele não perderia esse jogo por nada do mundo.

— Se você diz... Vamos então.

Corremos sorrateiramente no escuro até o apartamento, sem ver ninguém. A chave gira na fechadura, a porta é aberta, estamos dentro. Uma luz na cozinha e outra no corredor estão acesas, e não precisamos de mais do que isso. As duas cadeiras da sala estão cheias de roupas. Latas vazias de cerveja e sacos de flocos de milho espalham-se sobre a mesa e pelo chão. Cliff, o solteiro, não tem se preocupado com ordem ou limpeza. Ela para por um segundo, olha em volta com nojo e diz:

— Desculpe.

— Depressa, Kelly — digo.

Deixo a arma num pequeno balcão que separa a sala da cozinha. Vamos para o quarto e acendo uma pequena lâmpada. A cama não é arrumada há dias. Mais latas de cerveja e uma caixa de pizza. Uma Playboy. Ela aponta para as gavetas de uma cômoda pequena e barata.

— Minhas coisas estão ali. Estamos falando em voz muito baixa.

Retiro as fronhas dos travesseiros as encho de roupas de baixo, meias e pijamas. Kelly está tirando as roupas do *closet*. Levo uma porção de vestidos e blusas para a sala, ponho em cima de uma cadeira e volto para o quarto.

— Você não pode levar tudo — digo, olhando para o *closet* cheio de roupa.

Sem responder, ela me dá outra pilha de roupa, que levo para a sala. Trabalhamos rapidamente, em silêncio.

Sinto-me um ladrão. Todos os nossos movimentos parecem barulhentos demais. Meu coração está disparado, e corro do quarto para a sala e vice-versa com os braços cheios de roupa.

— Agora chega — digo.

Ela carrega uma fronha cheia, e eu, levando vários vestidos nos cabides, acompanho-a até a sala.

— Vamos dar o fora daqui — digo, nervoso demais. Ouvimos um leve ruído na porta. Alguém está tentando entrar. Ficamos paralisados e trocamos um olhar. Quando ela dá um passo para a frente, a porta é aberta com violência, atingindo-a e atirando-a contra a parede. Cliff Riker explode na sala.

— Kelly! Estou em casa! — grita ele quando a vê caindo numa cadeira. Estou bem atrás dele, a menos de três metros, e Cliff está se movendo com rapidez, apenas um vulto, e tudo o que posso ver é a camisa amarela dos PFX Freight, os olhos vermelhos e sua arma preferida. Fico petrificado de terror quando ele gira o taco de alumínio na direção da minha cabeça.

— Seu filho da mãe! — grita ele abaixando o taco em cima de mim.

Paralisado como estou, consigo me abaixar e evitar o golpe por

uma fração de segundo. O taco passa assobiando, e sinto sua força. O golpe de jogador exímio atinge uma pequena coluna de madeira na ponta do balcão que separa a sala da cozinha, fazendo-o em pedaços e derrubando uma porção de pratos sujos. Kelly grita. O golpe devia amassar minha cabeça, e, quando ele falha, o corpo de Cliff continua girando com o impulso e fica de costas para mim. Ataco-o como um louco e o derrubo sobre uma cadeira cheia de cabides e roupas. Kelly grita outra vez em algum lugar atrás de nós.

— Pegue a arma! — grito.

Cliff se levanta rapidamente, antes que eu possa recobrar o equilíbrio.

— Vou te matar! — grita ele, descendo o taco outra vez, errando outra vez, quando consigo por pouco me desviar. O segundo golpe encontra apenas ar. — Seu filho da mãe! — ruge, girando o taco outra vez.

Ele não vai ter uma terceira chance, resolvo rapidamente. Antes que Cliff possa levantar o taco, acerto o rosto dele com um direto no queixo. Ele cambaleia por um segundo, o suficiente para eu acertar sua virilha com um pontapé. Ouço e sinto o estalo dos testículos, e ele explode num grito de agonia. Cliff abaixa o taco, e eu o tiro da sua mão.

Giro o taco com violência e o acerto na orelha esquerda. O ruído é quase nauseante. Ossos se racham e quebram. Ele cai de quatro, com a cabeça abaixada por um segundo; depois olha para mim. Levanta a cabeça e começa a ficar de pé. Meu segundo golpe começa no teto e cai com toda a força que ainda tenho. Desfecho o golpe com todo o ódio e todo o medo que se possam imaginar e acerto em cheio o alto da cabeça dele.

Começo a girar o taco outra vez. Mas Kelly me segura.

— Pare, Rudy!

Paro e olho para ela e depois para Cliff. Ele está deitado de bruços, tremendo e gemendo. Com horror o vemos ficar imóvel. Um tremor ocasional, e ele tenta dizer alguma coisa. Um som gutural sai dos seus lábios. Ele tenta mover a cabeça, que está sangrando profundamente.

— Eu vou matar o filho da mãe, Kelly — digo, com a respiração pesada, ainda assustado, ainda furioso.

— Não.

— Sim. Ele teria nos matado.

— Dê-me o taco — diz ela.

— O quê?

— Dê-me o taco e vá embora.

Espanto-me com a calma de Kelly. Ela sabe exatamente o que deve ser feito.

— O quê...? — começo a perguntar, olhando para ela, depois para ele.

Kelly tira o taco das minhas mãos.

— Eu já passei por isso antes. Saia. Esconda-se. Você não esteve aqui esta noite. Telefone depois.

Não posso fazer nada a não ser olhar para o homem agonizante no chão.

— Por favor, Rudy, vá — diz ela, empurrando-me para a porta. — Telefone depois.

— Tudo bem, tudo bem.

Entro na cozinha, apanho o .38 e volto para a sala. Trocamos um olhar, depois olhamos para o chão. Saio do apartamento. Fecho a porta silenciosamente e olho em volta, à procura de algum vizinho curioso. Não vejo ninguém. Hesito por um momento e não ouço nada lá dentro.

Estou nauseado. Caminho sorrateiramente no escuro, suando profusamente.



O primeiro carro da polícia chega depois de dez minutos. Logo depois chega o segundo. Depois a ambulância. Sentado no Volvo, num estacionamento cheio de carros, observo a cena. Os paramédicos correm para o apartamento. Outro carro da polícia. As luzes vermelhas e azuis iluminam a noite e atraem uma multidão de curiosos. Os minutos se passam e nem sinal de Cliff. Um paramédico aparece na porta e retira alguma coisa da ambulância. Sem pressa nenhuma.

Kelly está lá dentro sozinha, assustada, respondendo a centenas de perguntas sobre como aconteceu, e aqui estou eu, de repente o senhor Titica de Galinha, abaixado atrás da direção do meu carro, esperando não ser visto. Por que a deixei lá dentro? Devo voltar para salvá-la? Minha cabeça gira, minha visão está embaçada, e as luzes vermelhas e azuis girando freneticamente me cegam por completo.

Ele não pode estar morto. Muito ferido, talvez. Mas não morto. Acho que vou voltar lá.

O choque passa, e o medo chega com toda a força. Quero que eles saiam com Cliff na maça e corram para o hospital com ele, que tratem seus ferimentos. De repente quero que viva. Posso lidar com

ele como uma pessoa viva, mesmo sendo como é. Vamos, Cliff, vamos, garotão. Levante-se e saia daí.

Certamente não matei um homem.

A multidão aumenta, e um policial a mantém afastada.

Perco a noção do tempo. Chega o furgão do instituto médico-legal, e uma onda de murmúrios percorre o grupo de curiosos. Cliff não vai ser levado na ambulância. Cliff vai ser levado para o necrotério.

Abro um pouco a porta do carro e vomito o mais silenciosamente possível perto do carro ao lado do meu. Ninguém me ouve. Limpo a boca e vou para o meio da multidão. “Ela finalmente o matou”, alguém diz. Os policiais entram e saem. Estou a uns quinze metros, perdido num mar de rostos. A polícia estende o cordão amarelo na frente do prédio. O flash de uma câmera dentro do apartamento brilha nas janelas a intervalos de segundos.

Esperamos. Preciso ver Kelly, mas não posso fazer nada. Outro rumor percorre a multidão, e esse está certo. Ele está morto. E pensam que ela o matou. Ouço atentamente porque preciso saber se alguém viu um estranho saindo do apartamento logo depois dos gritos. Ando no meio do povo devagar, ouvindo com atenção. Não ouço nada. Volto para o carro e vomito atrás de uns arbustos.

Vejo um movimento na porta, e um paramédico sai de costas, puxando a maça. O corpo está num saco de plástico prateado. Levam-no com cuidado para o furgão do legista e vão embora. Minutos depois, Kelly aparece entre dois policiais. Ela parece muito pequena e muito assustada. Felizmente não está algemada. Mudou de roupa e está de calça jeans e uma jaqueta de couro.

Fazem-na sentar no banco de trás do carro de polícia e a levam embora. Caminho rapidamente para meu carro e vou para a central de polícia.



Informo ao sargento no balcão da frente que sou advogado, que minha cliente acaba de ser presa e que insisto em estar com ela quando a interrogarem. Digo isso com muita convicção, e ele telefona para algum lugar. Outro sargento me leva para o segundo andar, onde Kelly está sentada sozinha na sala de interrogatório. Um detetive de homicídios, chamado Smotheron, observa-a do outro lado da janela espelhada. Dou a ele meu cartão. Ele não

estende a mão.

— Vocês andam depressa, não é mesmo? — diz ele, com absoluto desprezo.

— Ela me telefonou logo depois de ligar para a polícia. O que vocês encontraram?

Estamos olhando para ela. Kelly está na cabeceira da longa mesa, enxugando os olhos com um lenço de papel. Smotheron rosna enquanto resolve o que vai me dizer.

— Encontramos o marido morto no chão, fratura de crânio, parece que com um taco de beisebol. Ela não falou muito, disse que estavam se divorciando, que ela entrou no apartamento às escondidas para apanhar suas roupas, ele a encontrou, eles lutaram. Ele estava muito bêbado, ela conseguiu apanhar o taco, e agora ele está no necrotério. Você está tratando do divórcio?

— Estou. Vou lhe mandar uma cópia dos papéis. Na semana passada, o juiz ordenou que ele ficasse longe dela. Ele a espancou durante anos.

— Vimos as equimoses. Só quero fazer algumas perguntas a ela, está bem?

— Claro.

Entramos na sala, e Kelly fica surpresa por me ver, mas consegue disfarçar muito bem. Trocamos um discreto abraço advogado/cliente. Outro detetive à paisana entra, o oficial Hamlet, com um gravador. Não faço objeção. Quando ele liga o gravador, tomo a iniciativa.

— Para os autos, sou Rudy Baylor, advogado de Kelly Riker. Hoje é segunda-feira, 15 de fevereiro, 1993. Estamos na central de polícia, no centro da cidade de Memphis. Estou presente porque recebi um telefonema da minha cliente aproximadamente às sete e quarenta e oito desta noite. Ela já havia telefonado para a polícia e disse que seu marido estava morto.

Faço um sinal para Smotheron continuar, e ele olha para mim como se quisesse me estrangular. Os tiras odeiam advogados de defesa, e neste momento pouco me importo com isso.

Smotheron começa com uma porção de perguntas sobre Kelly e Cliff — informação básica como: datas de nascimento, casamento, emprego, filhos e assim por diante. Ela responde com paciência e com um olhar ausente. O rosto não está mais inchado, mas o olho esquerdo ainda está roxo, e o curativo, ainda na sobrancelha. Ela está morrendo de medo.

Ela descreve as cenas de violência com detalhes suficientes para nos fazer encolher nas cadeiras. Smotheron manda Hamlet apanhar os registros das três prisões de Cliff. Ela fala sobre espancamentos que nunca foram registrados. Fala sobre o taco de softball e da vez

em que ele quebrou seu tornozelo com ele. Cliff também muitas vezes a atacou com socos, quando não queria quebrar nenhum osso.

Ela fala sobre o último espancamento e depois da decisão de se esconder e pedir o divórcio. Kelly é infinitamente digna de crédito porque está dizendo a verdade. O que me preocupa são as mentiras que virão depois.

— Por que foi ao apartamento esta noite? — pergunta Smotheron.

— Fui apanhar minhas roupas. Eu estava certa de que ele não estaria lá.

— Onde esteve nos últimos dias?

— Num abrigo para mulheres maltratadas.

— Como se chama?

— Prefiro não dizer.

— É aqui em Memphis?

— Sim.

— Como chegou ao seu apartamento esta noite?

Meu coração perde uma batida, mas ela já pensou em tudo.

— No meu carro.

— Que tipo de carro?

— Volkswagen Rabbit.

— Onde está agora?

— No estacionamento, na frente do apartamento.

— Podemos examiná-lo?

— Não antes de mim — digo, lembrando de repente que sou o advogado, não um cúmplice.

Smotheron balança a cabeça. Se olhar matasse, eu estaria morto.

— Como entrou no apartamento?

— Com a minha chave.

— O que fez depois que entrou?

— Fui até o quarto e comecei a apanhar minhas roupas. Enchi três fronhas e levei uma porção de roupas para a sala.

— Há quanto tempo estava lá dentro quando o senhor Riker chegou?

— Uns dez minutos talvez.

— O que aconteceu então? Eu interrompo.

— Ela só vai responder a essa pergunta depois que eu falar com ela e investigar o assunto. O interrogatório acabou. — Desligo o gravador.

Smotheron examina suas notas por um minuto, fervendo de raiva. Hamlet volta com o impresso de computador, e eles o examinam juntos. Kelly e eu ignoramos um ao outro. Mas nossos pés se encontram sob a mesa.

Smotheron escreve alguma coisa num papel e me entrega.

— Isto vai ser tratado como homicídio, mas será encaminhado para Abuso Doméstico no escritório do promotor. O nome da encarregada é Morgan Wilson. Ela trata do caso.

— Mas vocês vão fichá-la?

— Não tenho escolha. Não posso deixá-la ir.

— Sob que acusação?

— Homicídio simples involuntário.

— Pode soltá-la sob minha custódia.

— Não, não posso — responde ele, zangado. — Que espécie de advogado é você?

— Então pode soltá-la condicionalmente.

— Não vai funcionar — diz ele, com um sorriso de frustração para Hamlet.

— Temos um homem morto. A fiança tem de ser determinada pelo juiz. Convença o juiz a conceder soltura provisória sem fiança, e ela sai. Sou apenas um humilde detetive.

— Vou para a cadeia? — pergunta Kelly.

— Não temos escolha, senhora — diz Smotheron, de repente muito delicado. — Se seu advogado vale alguma coisa, vai tirá-la daqui amanhã. Isto é, se puderem pagar a fiança. Mas não posso soltá-la só por minha vontade.

Seguro a mão dela.

— Está tudo bem, Kelly. Tiro você daqui amanhã, o mais cedo possível.

Ela faz um gesto afirmativo, cerra os dentes, tenta ser forte.

— Podem levá-la para uma cela privada? — pergunto a Smotheron.

— Escute, babaca, eu não mando na cadeia, está bem? Se você tem um modo melhor de fazer as coisas, fale com os carcereiros. Eles adoram ouvir conversa de advogado.

Não me provoque, cara. Já parti a cabeça de um esta noite. Trocamos olhares ferozes.

— Muito obrigado — digo.

— Não há de quê.

Ele e Hamlet empurram as cadeiras e caminham para a porta.

— Você tem cinco minutos — diz Smotheron, olhando para trás. Eles saem e batem a porta.

— Não se mova, está bem? — digo em voz baixa. — Estão olhando do outro lado daquele espelho. E esta sala provavelmente tem escutas; portanto, tenha cuidado com o que diz.

Ela não diz nada.

Continuo no meu papel de advogado.

— Eu sinto muito que isso tenha acontecido — digo, formalmente.

— O que significa homicídio simples involuntário?
— Pode significar uma porção de coisas, mas basicamente é assassinato sem intenção.

- Quanto tempo posso pegar?
- Precisa ser condenada primeiro, e isso não vai acontecer.
- Promete?
- Prometo. Está com medo?

Ela enxuga os olhos cuidadosamente e pensa por um longo tempo.

— Ele tem uma família grande, e são todos iguais a ele. Todos bebem, todos são violentos. Morro de medo deles.

Não sei o que dizer. Também tenho medo deles.

— Não podem me obrigar a ir ao enterro, podem?

— Não.

— Ótimo.

Um minuto depois vêm buscá-la, agora com algemas. Eu a vejo ser levada pelo corredor. Param no elevador, e Kelly dobra o corpo na frente de um policial para olhar para mim. Aceno lentamente, e ela desaparece.

Quando você comete um crime, comete vinte e cinco erros. Se puder pensar em dez deles, é um gênio. Pelo menos foi isso que ouvi num filme, certa vez. Na verdade, não foi um assassinato, mas um ato de autodefesa. Mesmo assim, os erros começam a se multiplicar.

Ando em volta da minha mesa coberta de fileiras de folhas de blocos de notas. Fiz o diagrama do apartamento, da posição do corpo, das roupas, da arma, do bar no balcão que separa a sala da cozinha, das latas de cerveja, de tudo o que posso lembrar. Desenhei a posição do meu carro, do carro dela e do carro de Cliff no estacionamento. Escrevi páginas e páginas descrevendo cada passo, cada evento daquela noite. Calculo que deva ter ficado menos de quinze minutos no apartamento, mas no papel parece um pequeno romance. Quantos gritos ou berros de raiva podem ter sido ouvidos de fora? Não mais de quatro, suponho. Quantos vizinhos viram um estranho sair logo depois dos gritos? Quem sabe?

Esse, acho, foi o erro número um. Eu não devia ter saído tão depressa. Devia ter esperado dez minutos mais ou menos para ver se os vizinhos ouviram alguma coisa. Depois, devia ter fugido nas sombras.

Ou talvez fosse melhor ter chamado os tiras e contado a verdade. Kelly e eu tínhamos todo o direito de estar no apartamento. Obviamente ele estava de tocaia por perto, quando devia estar em outro lugar. Eu estava dentro dos meus direitos quando lutei com ele, quando o desarme e quando o atingi com sua própria arma. Dada a natureza violenta de Cliff e sua história, nenhum júri do mundo me condenaria. Além disso, a única testemunha estaria do meu lado.

Então, por que não fiquei? Primeiro, porque ela me empurrou para a porta e, segundo, porque me pareceu a melhor coisa a ser feita. Quem pensa racionalmente quando, no pequeno espaço de quinze segundos, passa de vítima brutalmente atacada a assassino?

O erro número dois foi a mentira sobre o carro dela. Quando saí da polícia fui ao estacionamento e encontrei o Volkswagen Rabbit e a picate de Cliff com tração nas quatro rodas. Esta mentira pode funcionar se ninguém disser à polícia que o carro dela está parado há dias no estacionamento.

Mas e se Cliff e um amigo tiverem feito alguma coisa para que ela não pudesse tirar o carro do estacionamento, enquanto estava no abrigo, e esse amigo procurar a polícia? Minha imaginação corre

para todos os lados.

O pior erro que descobri nas últimas quatro horas é a mentira sobre o telefonema de Kelly para mim, depois que ela ligou para a polícia. Essa foi a minha desculpa para chegar tão depressa à central de polícia. É uma mentira incrivelmente idiota porque não há nenhum registro do telefonema. Se a polícia verificar os registros estou numa encrenca.

Outros erros vão aparecendo à medida que a noite se adianta. Felizmente, a maior parte é resultado de uma mente cheia de medo, e quase todos desaparecem após uma análise cuidadosa e muitas anotações no meu bloco.

Espero até as cinco horas para acordar Deck. Uma hora depois ele está no escritório com o café. Conto a ele uma versão da história, e sua reação inicial é maravilhosa.

— Nenhum júri do mundo a condenaria — diz ele, sem a menor hesitação.

— O julgamento é uma coisa — observo. — Tirá-la da cadeia é outra.

Formulamos um plano. Eu preciso dos registros das prisões, dos tribunais, dos relatórios médicos e de uma cópia do pedido de divórcio. Às sete horas Deck sai para pegar mais café e o jornal.

A história está na página três da seção Metro, três curtos parágrafos sem fotografia do morto. Aconteceu muito tarde da noite para que o jornal possa ter os detalhes. MULHER DETIDA PELA MORTE DO MARIDO é o título, mas Memphis tem três casos iguais este mês. Se eu não estivesse procurando, não encontraria.

Telefone para Butch e o tiro da cama. Ele dorme tarde, está solteiro depois de três divórcios e gosta de fechar bares. Digo a ele que seu amigo Cliff Riker acaba de morrer antes do tempo, e isso o acorda. Ele chega ao escritório um pouco depois das oito, e digo que quero que ele verifique se alguém viu alguma coisa por perto do apartamento. Veja se os tiras estão fazendo alguma coisa. Butch me interrompe. É ele o investigador. Sabe o que fazer.

Telefone para Booker e explico que uma cliente minha num caso de divórcio matou o marido na noite passada, mas que ela é uma boa moça e quero que ela saia da cadeia. Preciso de sua ajuda. O irmão de Marvin Shankle é juiz de uma corte criminal. Quero que ele a liberte em confiança ou que determine uma fiança pequena.

— Você passou de um veredicto de cinquenta milhões para um mísero caso de divórcio? — pergunta Booker, brincando.

Eu rio com ele. Se ele soubesse!

Marvin Shankle não está na cidade, mas Booker promete começar a dar os telefonemas. Saio do escritório às oito e meia e vou para a cidade. Durante a noite, tentei afastar a ideia de Kelly na

cadeia.



Entro no complexo da justiça de Shelby County e vou direto ao escritório de Lonnie Shankle. Sou recebido com a notícia de que o juiz Shankle, como o irmão, está fora da cidade e só vai voltar à tarde. Dou alguns telefonemas tentando localizar os papéis de Kelly. Ela é uma entre as dezenas de presos de ontem à noite, e tenho certeza de que sua ficha ainda está na central de polícia.

Encontro Deck às nove e meia no saguão. Ele está com o registro da prisão. Eu o mando à central de polícia localizar a ficha.

O escritório do procurador-geral de Shelby County fica no terceiro andar do complexo. Tem mais de setenta promotores em cinco divisões. Abuso Doméstico tem só duas promotoras, Morgan Wilson e outra mulher. Felizmente Morgan Wilson está no escritório, a questão é entrar lá. Paquero a recepcionista durante trinta minutos, e para minha surpresa a tática funciona.

Morgan Wilson é uma impressionante mulher de mais ou menos quarenta anos. Tem um firme aperto de mão e um sorriso que diz: “Estou até aqui de trabalho. Vamos logo com isso.” O escritório tem uma coleção inacreditável de arquivos, mas é bem organizado e limpo. Fico cansado só de olhar para todo aquele trabalho. Sentamos, e então ela me reconhece.

— O cara dos cinquenta milhões? — diz ela, com um sorriso muito diferente.

— Em pessoa. — Dou de ombros. Apenas o trabalho de todos os dias.

— Meus parabéns. — Ela está impressionada.

Ah, o preço da fama. Aposto que ela está fazendo o mesmo que todos os advogados — calculando um terço de cinquenta milhões de dólares. Ela ganha no máximo quarenta mil por ano; por isso quer falar sobre a minha boa fortuna. Faço um breve resumo do julgamento e digo como me senti quando ouvi o veredicto. Termino e explico por que estou aqui.

Ela é boa ouvinte e toma muitas notas. Entrego a ela as cópias do pedido atual de divórcio, do anterior e os registros das três prisões de Cliff por bater na mulher. Descrevo as lesões sofridas por alguns dos espancamentos.

Praticamente todas essas pastas de arquivos à minha volta são

de homens que espancaram as mulheres, os filhos ou as namoradas; por isso é mais fácil saber de que lado Morgan está.

— A pobre criança — diz ela, e não está falando de Cliff. — Qual o tamanho dela?

— Um metro e sessenta e sete, mais ou menos. Cinquenta quilos quando muito molhada.

— Como ela o matou? — Seu tom é quase de respeito, nem um pouco acusatório.

— Ela estava com medo. Ele estava bêbado. De algum modo ela conseguiu pegar o taco.

— Belo trabalho — diz ela, e fico todo arrepiado. Essa é a promotora!

— Eu gostaria de tirá-la da cadeia.

— Preciso ter o dossiê e estudar o caso. Vou telefonar para o secretário encarregado das fianças e dizer que não fazemos objeção a uma fiança pequena. Onde ela está morando?

— Está num abrigo, um daqueles não-registrados e sem nome.

— Conheço bem. São bem úteis.

— Ela estava segura lá, e agora a pobre menina está na cadeia e ainda cheia de manchas roxas do último espancamento.

Morgan mostra os arquivos que enchem a sala.

— Esta é a minha vida.

Combinamos de nos encontrar às nove de amanhã.



Deck, Butch e eu nos encontramos no escritório para um sanduíche e para planejar os movimentos seguintes. Butch bateu em todas as portas de todos os apartamentos próximos ao dos Riker e só encontrou uma pessoa, no apartamento que fica diretamente em cima, que tinha a impressão de ter ouvido o ruído de alguma coisa se quebrando. Provavelmente o ruído da coluna de madeira quando Cliff errou seu primeiro golpe destinado à minha cabeça. A polícia não falou com ela. Butch passou três horas no local e não viu nenhuma atividade da polícia. Em certo momento, dois homens jovens e fortes, que pareciam parentes de Cliff, juntaram-se a um grupo de colegas de trabalho e ficaram ao lado do cordão de isolamento da polícia, olhando para a porta do apartamento, praguejando e prometendo vingança. Butch diz que era um grupo muito ameaçador.

Ele entrou em contato com um amigo, fiador de fiança, que como um favor prometeu emprestar o dinheiro da fiança a juros de cinco por cento, em vez dos habituais dez. Isso representa uma boa economia para mim.

Deck passou a maior parte da manhã na central de polícia providenciando os registros de prisão e localizando os papéis referentes a Kelly. Ele e Smotheron estão se dando muito bem, especialmente porque Deck demonstra um grande desprezo por advogados. Agora ele é apenas um investigador, nada de paradvogado. Smotheron disse a ele que esta manhã receberam diversas ameaças de morte contra Kelly.

Resolvo ir vê-la na cadeia. Deck se encarregará de encontrar um juiz para determinar a fiança. Butch ficará preparado com seu fiador. Quando estamos saindo do escritório, o telefone toca. Deck o atende e passa para mim.

É Peter Corsa, o advogado de Jackie Lemanczyk, em Cleveland. A última vez que falei com ele foi para agradecer profundamente seu testemunho no tribunal. Nessa ocasião ele me disse que em poucos dias ia dar entrada a um processo contra a Great Benefit.

Corsa me dá os parabéns pelo veredicto e diz que foi uma grande notícia nos jornais de Cleveland. Minha fama está se espalhando. Então me diz que está acontecendo alguma coisa muito estranha na Great Benefit. O FBI, trabalhando em conjunto com o procurador-geral e com o departamento de seguros do Estado, deu uma batida nos escritórios da companhia esta manhã e começou a remover arquivos. Com exceção dos analistas de contabilidade, que trabalham nos computadores, todos os empregados foram mandados para casa com ordem de só voltar ao trabalho dentro de dois dias. Segundo uma reportagem recente, a PinnConn, a companhia associada, está insolvente e despedindo centenas de empregados.

Não há muito que eu possa dizer a respeito. Matei um homem há poucas horas e é difícil me concentrar em alguma coisa. Conversamos mais um pouco. Agradeço. Ele promete me manter informado.



Espero uma hora e meia até encontrarem Kelly em algum lugar daquele labirinto e trazê-la para a sala de visitas. Sentamos um de

cada lado de um vidro e falamos através de telefones. Ela diz que eu pareço cansado. Eu digo que ela está ótima. Kelly está sozinha numa cela, e segura, mas não consegue dormir por causa do barulho. Tudo o que quer é sair daqui. Digo que estou fazendo todo o possível. Conto a minha visita a Morgan Wilson. Explico como funciona a fiança. Não menciono as ameaças de morte.

Temos muito para conversar, mas não aqui.

Nós nos despedimos, e, quando estou saindo da sala, sou chamado por uma guarda uniformizada. Ela pergunta se sou o advogado de Kelly Riker e me entrega um impresso.

— São nossos registros de telefonemas. Tivemos quatro telefonemas sobre essa moça nas últimas duas horas.

Não consigo ler os malditos impressos de computador.

— Que tipo de telefonemas?

— Ameaças de morte. De gente maluca.



O juiz Lonnie Shankle chega ao escritório às três e meia, e Deck e eu estamos à sua espera. O juiz tem centenas de coisas para fazer, mas Booker falou por telefone com a secretária dele, de modo que preparou o caminho para nós. Entrego ao juiz um resumo do caso, com um pedido de fiança moderada porque terá que ser paga pelo advogado. Shankle determina a fiança em dez mil dólares. Agradecemos e saímos.

Trinta minutos depois chegamos à cadeia. Eu sei que Butch tem uma arma num coldre a tiracolo e suspeito que o fiador, um cara chamado Rick, também esteja armado. Estamos prontos para qualquer coisa.

Faço um cheque de quinhentos dólares em nome de Rick e assino todos os papéis necessários. Se as acusações contra ela não forem retiradas e se ela não comparecer ao tribunal nas datas marcadas, Rick poderá pagar os nove mil e quinhentos dólares restantes ou encontrá-la e levá-la de volta para a prisão. Tenho certeza de que as acusações serão retiradas.



A burocracia toda demora uma eternidade, mas finalmente Kelly aparece, sem algemas e com um sorriso. Nós a levamos rapidamente para meu carro. Pedi a Butch e Deck que nos seguissem por algumas quadras, só por segurança.

Conto a Kelly as ameaças de morte. Achamos que é obra da família de Cliff e dos companheiros de trabalho. Conversamos pouco e saímos da cidade, a caminho do abrigo. Não quero falar sobre a noite passada, e ela também não.



Às cinco da tarde de terça-feira, os advogados da Great Benefit dão entrada no tribunal federal, em Cleveland, a um pedido de proteção, sob a lei de falência. Peter Corsa telefona para o escritório enquanto estou levando Kelly para o abrigo, e Deck anota o recado. Quando volta, alguns minutos depois, Deck parece que está para morrer.

Sentamos com os pés na mesa por um longo tempo, em silêncio. Silêncio total. Nenhuma voz. Nenhum toque de telefone. Nenhum som de tráfego lá embaixo. Temos adiado a conversa sobre quanto Deck receberia; portanto, ele não sabe quanto perdeu. Mas nós dois sabemos que passamos de milionários no papel a quase insolventes. Nossos sonhos de ontem parecem idiotas agora.

Há uma centelha de esperança. Na semana passada, o balancete da Great Benefit parecia bastante sólido para convencer um júri de que a companhia tinha meios para pagar cinquenta milhões de dólares. Segundo estimativa do senhor Wilfred Keeley, a Great Benefit tinha cem milhões em caixa. Deve haver alguma verdade nisso. Lembro-me das advertências de Max Leuberg. Nunca confie nos números apresentados por uma companhia de seguros porque elas têm suas próprias regras de contabilidade.

Mas certamente, em algum ponto do caminho, vai sobrar pelo menos um milhão para nós.

Na verdade, não acredito nisso. Deck também não.

Corsa deixou o telefone da sua casa, e finalmente encontro forças e ligo para ele. Corsa pede desculpas pela má notícia, diz que as comunidades legal e financeira estão em alvoroço. É muito cedo para saber a verdade, mas parece que a PinnConn sofreu alguns golpes com a especulação de câmbio e fazia algum tempo estava fazendo uso das reservas de caixa das suas subsidiárias, inclusive a Great Benefit. As coisas ficaram piores, e o dinheiro foi simplesmente retirado pela PinnConn e mandado para a Europa. O grosso da PinnConn é controlado por um grupo de piratas americanos que operam em Cingapura. Parece que o mundo inteiro conspira contra mim.

O caso caminha rapidamente para uma grande confusão, pode levar meses para ser resolvido, mas o procurador-geral dos Estados Unidos prometeu esta tarde na televisão imediatos indiciamentos. Para nós isso não resolve nada.

Corsa ficou de telefonar amanhã de manhã.

Conto tudo a Deck, e nós dois sabemos que não há esperança. O dinheiro foi retirado por ladrões habilidosos demais para serem apanhados. Milhares de apólices com direito a pagamento foram vítimas de extorsão antes e serão outra vez. Deck e eu seremos vitimados, bem como Dot e Buddy. Donny Ray sofreu a extorsão final. Drummond será outra vítima quando apresentar a conta de seus serviços legais. Digo isso a Deck, mas é difícil rir agora.

Os empregados e agentes da Great Benefit serão prejudicados. Pessoas como Jackie Lemancyzk sofrerão um golpe.

A miséria gosta de companhia, mas por algum motivo sinto como se tivesse perdido mais do que todos. O fato de que outros também irão sofrer não me serve de consolo.

Penso outra vez em Donny Ray. Vejo-o sentado na sombra da árvore, tentando ser forte durante seu depoimento. Ele pagou o preço final pelo roubo da Great Benefit.



Passei grande parte dos últimos seis meses trabalhando neste caso, e agora vejo que tudo foi em vão. A firma teve uma renda líquida mensal média de mil dólares, desde que começamos, mas estávamos movidos pelo sonho de encontrar a mina de ouro no caso Black. Não há honorários suficientes nos nossos arquivos para

sobreviver outro mês, e não pretendo caçar clientes na rua. Deck tem um acidente de carro que só vai ser resolvido quando o cliente tiver alta do hospital, provavelmente daqui a seis meses. Na melhor das hipóteses, vai ser um acordo de vinte mil dólares.

O telefone toca. Deck atende, ouve e desliga rapidamente.

— Um cara dizendo que vai matar você — repete, calmamente.

— Não é o pior telefonema do dia.

— Eu não me importaria de levar um tiro agora — diz.



Ver Kelly me dá novo ânimo. É comida chinesa outra vez, no quarto dela, com a porta trancada e minha arma no paletó, que está na cadeira.

São tantas as emoções a exigir atenção, que é difícil conversar. Conto a ela sobre a Great Benefit, e ela fica desapontada só porque estou arrasado. O dinheiro não significa nada para ela.

As vezes rimos, às vezes quase choramos. Ela está preocupada com o dia de amanhã e com o dia seguinte e com o que a polícia pode fazer ou descobrir. Está morrendo de medo do clã dos Riker. Essa gente começou a caçar quando tinha cinco anos. Armas são um meio de vida para eles. Ela está com medo de voltar para a cadeia, mas prometo que isso não vai acontecer. Se a polícia e os promotores resolverem levar o caso adiante, eu conto com a verdade.

Menciono os fatos da noite passada, mas ela não consegue dizer nada. Começa a chorar, e ficamos calados um longo tempo.

Abro a porta, passo pelo corredor escuro, atravesso a casa velha até encontrar Betty Norvelle sozinha, vendo televisão na sala. Ela sabe apenas alguns detalhes do que aconteceu ontem à noite. Explico que Kelly está muito fragilizada neste momento para ficar sozinha. Preciso ficar com ela, e estou disposto a dormir no chão, se necessário. O abrigo não permite que homens passem a noite, mas neste caso ela abre uma exceção.

Deitamos na cama estreita, sobre os lençóis e cobertores, e nos abraçamos. Não dormi na noite passada, dormi um pouco esta tarde e sinto como se não tivesse dormido nem dez horas na última semana. Não abraço Kelly com força, com medo de machucá-la. Finalmente adormeço.

O fim da Great Benefit pode ser notícia em Cleveland, mas em Memphis ninguém se preocupa. O jornal de quarta-feira não traz uma palavra. Há uma breve reportagem sobre Cliff Riker. A autópsia revelou que ele morreu em consequência de golpes múltiplos na cabeça com um instrumento não cortante. Sua viúva foi detida e libertada. A família dele quer justiça. O enterro é amanhã na pequena cidade de onde ele e Kelly fugiram.

Enquanto Deck e eu lemos o jornal, chega um fax do escritório de Peter Corsa. É a cópia de uma reportagem da primeira página de um jornal de Cleveland sobre os últimos fatos do escândalo da PinnConn. Pelo menos dois grandes júris foram postos em ação. Toneladas de processos contra a companhia e suas subsidiárias, especialmente a Great Benefit, cujo pedido de falência merece uma reportagem à parte, estão dando entrada nos tribunais. Advogados correm de todos os lados.

Wilfred Keeley foi detido ontem à tarde no JFK quando esperava para embarcar para Heathrow, Inglaterra. Estava acompanhado da mulher, e eles alegaram que iam tirar alguns dias de férias. Mas não puderam fornecer o nome de nenhum hotel na Europa com uma reserva em seu nome.

Ao que parece, as companhias foram saqueadas nos últimos dois meses. O dinheiro foi usado inicialmente para cobrir investimentos desonestos; depois foi reservado e enviado por ordem telegráfica a vários pontos do mundo. Seja como for, o dinheiro desapareceu.



O primeiro telefonema do dia é de Leo Drummond. Ele me conta tudo sobre a Great Benefit, como se eu não soubesse de coisa alguma. Conversamos brevemente, e não posso dizer quem está mais deprimido. Nenhum de nós vai receber por nossos serviços na guerra que travamos. Ele não menciona sua disputa com o cliente quanto a minha oferta para um acordo, que agora é de valor muito discutível. O antigo cliente não está em condições de prosseguir com uma ação de imperícia contra o advogado. A Great Benefit evitou eficazmente o cumprimento do veredicto do caso Black;

portanto, não pode alegar ter sido prejudicada pela imperícia de Drummond. Trent Brent conseguiu se desviar de um projétil poderoso.

O segundo telefonema é de Roger Rice, o novo advogado de Miss Birdie. Ele me dá os parabéns pelo veredicto. Se ele soubesse! Diz que está pensando em mim desde que viu minha foto no jornal de domingo. Miss Birdie quer alterar o testamento outra vez, e o pessoal da Flórida está farto dela. Delbert e Randolph conseguiram finalmente a assinatura dela num documento feito em casa e que levaram aos advogados em Atlanta, pedindo uma declaração do valor total dos bens da mãe. Os advogados negaram. Os irmãos passaram dois dias em Atlanta, procurando conseguir o que queriam. Um dos advogados telefonou para Roger Rice, e a verdade foi revelada. Delbert e Randolph perguntaram diretamente a esse advogado se sua mãe tinha vinte milhões de dólares. O advogado não pôde conter uma risada, e isso aborreceu os irmãos. Por fim, chegaram à conclusão de que Miss Birdie estava brincando com eles e voltaram para a Flórida.

Na segunda-feira, tarde da noite, Miss Birdie telefonou para Roger Rice e informou que estava indo para Memphis. Disse que tentou falar comigo, mas aparentemente eu estava sempre muito ocupado. Rice contou a ela tudo sobre o julgamento e o veredicto de cinquenta milhões, e ela ficou entusiasmada. “Que ótimo”, disse ela. “Nada mau para um ajudante de jardineiro.” Ela parecia extremamente entusiasmada com a minha riqueza.

Rice quis então me avisar de que Miss Birdie pode chegar a qualquer momento. Agradei.



Morgan Wilson estudou a fundo o caso Riker e não está inclinada a entrar com a acusação. Mas seu chefe, Al Vance, está indeciso. Eu a acompanho ao escritório dele.

Vance foi eleito procurador há muitos anos e tem sido reeleito sem problemas. Está com uns cinquenta anos, e houve um tempo em que teve altas aspirações políticas. A oportunidade nunca chegou e ele se contentou em continuar no cargo de procurador-geral. Al Vance tem uma qualidade rara entre os promotores — não gosta de câmeras.

Ele me parabeniza pelo veredicto. Modestamente, recuso-me a

falar no assunto, por motivos que prefiro guardar só para mim no momento. Acredito que em menos de vinte quatro horas as notícias sobre a Great Benefit chegarão aos jornais de Memphis e a admiração e o respeito com que me brindam agora desapareçam.

— Essa gente é louca — diz ele, jogando a pasta na mesa. — Então telefonando para cá como doidos, duas vezes esta manhã. Minha secretária falou com o pai de Riker e com um dos irmãos.

— O que querem? — pergunto.

— Morte para sua cliente. Esqueçam o julgamento e a amarrem na cadeira elétrica agora, hoje. Ela está fora da cadeia?

— Está.

— Escondida?

— Sim.

— Ótimo. Eles são tão estúpidos, que fazem ameaças à vida dela. Não sabem que é contra lei. É uma gente doente de verdade.

Nós três somos de opinião que os Riker são ignorantes e muito perigosos.

Morgan não quer prosseguir com a acusação — continua Vance. Morgan confirma inclinando a cabeça.

— É muito simples, Mr. Vance — digo. — Pode levar o caso ao grande júri e pode ter a sorte de conseguir a acusação formal. Mas, se o caso for a julgamento, perde. Vou brandir aquele maldito taco de alumínio na frente do júri e trazer uma dúzia de entendidos em abuso doméstico. Faço dela um símbolo, e vocês vão parecer pessoas horríveis. Não vão conseguir um voto do júri.

Continuo.

— Não me importa o que a família dele possa fazer. Mas, se eles o forcarem a prosseguir com o caso, vai se arrepender. Vão odiá-lo mais ainda quando o júri der o veredicto a nosso favor.

— Ele tem razão, Al — diz Morgan. — Nunca conseguiríamos uma condenação.

Al estava pronto para jogar a toalha antes da nossa chegada, mas precisava ouvir isso de nós dois. Ele concorda em retirar as acusações. Morgan promete me enviar por fax, amanhã de manhã, uma carta confirmando essa decisão.

Agradeço aos dois e saio. As opiniões estão mudando rapidamente. Estou sozinho no elevador e não posso deixar de sorrir para a placa de bronze polido acima dos botões com os números. *Todas as acusações vão ser retiradas! Para sempre!*

Atravesso o estacionamento praticamente correndo e entro no carro.



O tiro foi dado da rua, acertou o vidro da janela da sala da frente do escritório, fazendo um buraco com mais de um centímetro de largura, outro na cortina, e terminou sua jornada penetrando profundamente na parede. Deck estava na sala da frente quando ouviu o tiro. A bala passou a menos de trinta centímetros dele, perto demais. Ele não correu para a janela imediatamente. Foi para baixo da mesa e esperou alguns minutos.

Então trancou a porta e esperou que alguém aparecesse.



Ninguém apareceu. Isso foi mais ou menos às dez e meia, quando eu estava falando com Al Vance. Aparentemente ninguém viu o atirador. Se o tiro foi ouvido por outra pessoa, jamais saberemos. O som de balas perdidas não é raro neste bairro.

O primeiro telefonema de Deck foi para Butch, que estava dormindo. Vinte minutos depois, Butch estava no escritório, pesadamente armado e procurando acalmar Deck.

Quando entro, eles estão examinando o orifício de bala na janela, e Deck me conta o que aconteceu. Eu tenho certeza de que Deck estremece e se contorce até dormindo, e agora está tremendo de verdade. Ele diz que está bem, mas sua voz desafina. Butch diz que vai ficar debaixo da janela e pegar os atiradores, se voltarem. No carro ele tem duas espingardas e um rifle de assalto AK-47. Deus ajude os Riker se estiverem planejando outro ataque.

Não consigo falar com Booker por telefone. Está fora da cidade com Marvin Shankle, tomando depoimentos, por isso escrevo um bilhete prometendo telefonar mais tarde.

Deck e eu resolvemos almoçar num lugar discreto, longe da admiração do povo, fora do alcance das balas perdidas. Compramos sanduíches na delicatessen e comemos na cozinha de Miss Birdie. Butch está em seu carro, atrás do meu Volvo. Se ele não der um tiro hoje com o AK-47, vai ficar arrasado.

A equipe do serviço de limpeza, que vem uma vez por semana, esteve aqui ontem, e por isso a casa está em ordem e limpa e não cheira a mofo. Está pronta para Miss Birdie.

O acordo que fazemos é bem simples. Deck fica com os arquivos que ele quiser e eu fico com dois mil dólares, para serem pagos em noventa dias. Se for preciso, ele faz sociedade com outro advogado. Fica também encarregado de se desfazer de meus arquivos que não o interessarem. As caixas com a coleção Ruffin serão devolvidas a Booker. Ele não vai gostar, mas vai compreender.

É fácil selecionar as pastas do arquivo. É triste ver o pequeno número de casos e de clientes que conseguimos em seis meses.

A firma tem três mil e quatrocentos dólares no banco e umas poucas contas para pagar.

Acertamos os detalhes enquanto comemos, e o aspecto comercial do fim da sociedade é simples. A separação pessoal não é. Deck não tem futuro. Não pode passar no exame final e não tem para onde ir. Vai passar algumas semanas arrumando meus arquivos, mas não pode operar sem um Bruiser ou um Rudy na fachada. Nós dois sabemos disso, mas não dizemos.

Ele me confessa que está quebrado.

— Jogo? — pergunto.

— É. São os cassinos. Não consigo ficar longe deles.

Deck está calmo agora. Leva à boca um bom pedaço de picles e mastiga ruidosamente.

Quando abrimos nossa firma, no último verão, acabáramos de receber partes iguais do acordo de Van Landel. Tínhamos cinco mil e quinhentos dólares cada um, e ambos chegamos a ter dois mil. Fui obrigado a sacar minhas economias algumas vezes, mas tenho dois mil e oitocentos no banco, dinheiro que economizei vivendo frugalmente e investindo sempre que podia. Deck também não gasta muito. Ele perde tudo nas mesas de vinte-e-um.

— Falei com Bruiser ontem à noite — diz ele, e não me surpreendo.

— Onde ele está?

— Bahamas.

— Prince está com ele?

— Está.

É uma boa notícia, e fico aliviado. Tenho certeza de que Deck sabe disso há algum tempo.

— Então eles conseguiram — digo, olhando pela janela, tentando imaginar os dois de chapéus de palha e óculos escuros. Ambos viviam sempre no escuro aqui em Memphis.

— É. Não sei como. Certas coisas não se perguntam. — Deck está pensativo. — O dinheiro ainda está aqui, você sabe.

— Quanto?

— Quatro milhões, em dinheiro. Tudo o que ganharam de caixa dois dos clubes.

— Quatro milhões?

— Isso mesmo. Num único lugar. Trancado no porão de um armazém. Bem aqui em Memphis.

— E quanto estão oferecendo a você?

— Dez por cento. Se eu conseguir mandar o dinheiro para Miami, Bruiser diz que faz o resto.

— Não faça, Deck.

— É seguro.

— Vai ser apanhado e mandado para a prisão.

— Duvido. Os federais não estão mais vigiando. Eles não têm nenhuma pista do dinheiro. Todo mundo pensa que Bruiser levou o suficiente com ele e não precisa de mais nada.

— Ele precisa?

— Não sei. Mas sei que quer muito.

— Não faça, Deck.

— É uma canja. O dinheiro vai ser levado numa picape alugada. Bruiser diz que em duas horas, no máximo, posso fazer o carregamento. Levo a picape até Miami e espero as instruções. Em dois dias estarei rico.

Ele diz isso com ar pensativo e voz distante. Tenho certeza de que Deck vai tentar. Ele e Bruiser estão planejando isso há algum tempo. Já falei demais. Ele não está mais ouvindo.

Saímos da casa de Miss Birdie e vamos para meu apartamento. Deck me ajuda a levar algumas roupas para meu carro. Encho a mala e metade do banco traseiro. Não vou voltar ao escritório, por isso nos despedimos na garagem.

— Eu não o culpo por ir embora — diz ele.

— Tenha cuidado, Deck.

Nos abraçamos desajeitadamente por um ou dois segundos, e sinto um nó na garganta.

— Você fez história, Rudy, sabia disso?

— Nós fizemos juntos.

— É, e o que temos para provar?

— Podemos sempre contar vantagem.

Trocamos um aperto de mãos, e os olhos de Deck estão úmidos. Fico olhando, e ele caminha com seu andar espasmódico pela entrada da casa até o carro de Butch. Vão embora.



Escrevo uma longa carta para Miss Birdie e prometo telefonar mais tarde. Deixo a carta na mesa da cozinha porque tenho certeza de que ela logo estará de volta. Verifico a casa mais uma vez e digo adeus ao meu apartamento.

Passo pelo banco e fecho minha conta de poupança. É uma boa sensação segurar um maço de vinte e oito notas de cem dólares. Escondo o dinheiro debaixo do tapete do carro.

É quase noite quando bato na porta da frente dos Black. Dot abre e quase sorri quando me vê.

A casa está escura e quieta, ainda de luto. Duvido que mude algum dia. Buddy está de cama com gripe.

Tomamos café instantâneo, dou suavemente a notícia da falência da Great Benefit, a notícia de que ela foi lesada mais uma vez. A não ser por um milagre, num dia muito distante, não vamos receber um centavo. A reação dela não me surpreende.

Aparentemente há vários motivos complexos para a morte da Great Benefit, mas neste momento é importante que Dot acredite que ela apertou o gatilho. Seus olhos brilham e seu rosto irradia felicidade. Ela os tirou de circulação. Uma mulher pequena e determinada de Memphis, Tennessee, levou à falência os filhos da mãe.

Amanhã ela vai ao túmulo de Donny Ray contar a ele.



Kelly está me esperando ansiosamente na sala, com Betty Norvelle. Tem na mão a pequena mala de couro que comprei ontem. Dentro dela estão alguns artigos de toalete e algumas peças de roupa dadas pelo abrigo. É tudo o que ela possui.

Assinamos os papéis e agradecemos a Betty. De mãos dadas, caminhamos depressa para o carro. Entramos e respiramos fundo. Então partimos.

A arma está embaixo do banco, mas não me preocupo mais.

— Querida, para onde? — pergunto, quando chegamos ao trevo da interestadual, que circunda a cidade.

Rimos os dois porque isso é absolutamente maravilhoso. Não importa para onde vamos!

— Eu gostaria de ver as montanhas — diz ela.

— Eu também. Leste ou Oeste?

— As grandes montanhas.

— Pois então para o Oeste.

— Quero ver neve.

— Acho que podemos encontrar alguma.

Ela se encosta em mim e deita a cabeça no meu ombro. Acaricio suas pernas.

Atravessamos o rio e entramos em Arkansas. A silhueta de Memphis desaparece atrás de nós. É incrível o pouco que planejamos até agora. Até esta manhã, não sabíamos se Kelly ia poder deixar a cidade. Mas as acusações foram retiradas, e tenho uma carta do próprio procurador-geral da justiça. Sua fiança foi cancelada às três da tarde de hoje.

Vamos para onde ninguém possa nos encontrar. Não tenho medo de ser seguido, mas quero viver em paz. Não quero ouvir falar em Deck e Bruiser. Não quero ouvir falar do desastre da Great Benefit. Não quero que Miss Birdie me telefone pedindo conselho legal. Não quero me preocupar com a morte de Cliff e com tudo o que se liga a ela. Kelly e eu vamos falar disso algum dia, mas num dia muito distante.

Escolheremos uma pequena cidade universitária porque ela quer estudar. Kelly tem só vinte anos. Também ainda sou um garoto. Estamos deixando uma bagagem muito pesada aqui em Memphis e está na hora de nos divertirmos um pouco. Eu gostaria de lecionar história no ginásio. Não seria difícil. Afinal, tenho sete anos de estudo e diploma superior.

Em nenhuma circunstância terei nada a ver com direito. Vou deixar expirar minha licença. Não vou tirar título de eleitor para não ser escolhido para jurado. Jamais pretendo pôr os pés voluntariamente numa sala de tribunal.

Sorrimos e rimos, e a paisagem fica mais plana, e o tráfego, mais leve. Memphis está trinta quilômetros atrás de nós. Prometo a mim mesmo nunca mais voltar.

FIM